FREI CRISTÓVÃO DE LISBOA

HISTÓRIA DOS ANIMAIS E ÁRVORES DO MARANHÃO

ESTUDO E NOTAS DO
DR. JAIME WALTER

PREFÁCIO DE
ALBERTO IRIA
DIRECTOR DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO

PUBLICAÇÃO DO
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO
E
CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS ULTRAMARINOS
LISBOA — 1967

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

S.A. 6059

B N L
DEPOSITO LEGALE
303976 *10.IV.

O P.E CHRISTOVÃO DE
LISBOA, PLANTOU
A FÉ CATHOLICA
NO MARANHÃO,
FOI ELEITO BIS=
PO D'ANGOLA
E FALLECEU
EM 1652.

PREFÁCIO

Em 17 de Fevereiro de 1934 — embora já em Novembro do ano anterior houvesse conhecimento do facto — o falecido Dr. Manuel Múrias, ao tempo Director deste Arquivo Histórico, informava a instância superior de que João da Silva Coelho, proprietário da Livraria Coelho, *em Lisboa, se propunha vender ao Estado, pela quantia de 3.500$00, a seguinte obra manuscrita:*

— «História dos Animaes e árvores do Maranhão Pelo muito Reverendo Padre Frei Christovão de Lisboa, Calificador do Santo Officio, e Fundador da Custódia do Maranhão da Recolecção de Santo António de Lisboa.»

Ao examinar então o manuscrito, o Dr. Manuel Múrias fez dele esta pormenorizada descrição:

— «O mss. — Trata-se de um fólio de 194 ff.:

a) 3 ff a 2 col. de Indice;

b) 163 ff. de desenhos, alguns a lapis; outros parte a lapis, parte a tinta; outros, já completos, a tinta.

c) 31 ff. (de ff. 163 a 194) com a descrição minuciosa dos exemplares desenhados.

Parece ser autógrafo: — não têm, as descrições, o acabamento das cópias; traz emendas pela mesma letra de palavras e frases, que parecem ser de quem, como autor, desejasse melhorar o texto; alguns desenhos não chegaram a ser completados ou recobertos a tinta.

O exame extenso da letra revela um tipo caligráfico da primeira metade do século XVII, próximo ainda do anterior século. Esta impressão é confirmada pelo estudo da vida do Autor.

Provàvelmente, o ms. é o mesmo de que fala Machado, em seu lugar, na Biblioteca Lusitana e a que chama «História natural e moral do Maranhão M. S.»

O Autor. — Frei Cristóvão de Lisboa (ou D. Frei Cristóvão de Lisboa) era irmão do chantre da Sé de Évora, Manuel Severim de Faria, tendo trocado em Religião os apelidos paterno e materno pelo da terra em que nasceu, pois foi natural de Lisboa.

Pelo estudo breve que foi possível fazer, averigua-se que Frei Cristóvão de Lisboa chegou ao Maranhão em Maio de 1624, sabendo-se, de certeza, que ainda ali residia em fins de 1627. Parece, todavia, que poucos anos viveria no Brasil Frei Cristóvão, pois em 1632 havia pràticamente desaparecido, com a retirada de todos os frades de Santo António para o Reino, a Custódia do Maranhão. E Frei Cristóvão já saíra antes desta data.

Durante os dois primeiros anos da sua estância no Maranhão é que Frei Cristóvão percorreu as regiões do interior. Nestas viagens provàvelmente colheu os elementos de que se utilizou para a elaboração da sua obra, acaso de maiores proporções, e que não publicaria por não a ter levado a cabo no lugar.

Importância da obra — Trata-se efectivamente de uma obra de excepcional importância para o esclarecimento da parte portuguesa no estudo da história natural do Brasil. Sob este aspecto é um documento incomparável e a que se não poderia fixar preço. De tal forma que, a ser adquirido, deveria promover-se a sua imediata publicação — o que

decerto ficará bem mais caro do que a aquisição do ms., que interessa, aliás, igualmente a portugueses e brasileiros por motivos bem compreensíveis, e a holandeses por lhes tirar a prioridade nos estudos, com mera curiosidade intelectual, da história natural do Brasil.

Parece, em vista disto, que ao Estado — conclui o Dr. Manuel Múrias — cumpre adquirir para as suas colecções o extraordinário documento, livrando-o assim de ir cair a mãos estrangeiras — que poderão até ser mãos interesseiramente dispostas a não o deixar publicar.»

E o senhor Prof. Doutor Armindo Monteiro, que sobrassava então a pasta do Ultramar, por seu despacho de 21 de Abril de 1934, autorizou o Dr. Manuel Múrias a fazer a aquisição do notável códice, que veio, assim, enriquecer ainda mais a já valiosa parcela do Património Documental da Nação que se guarda neste Arquivo Histórico, cuja directoria assumi em Setembro de 1946.

E logo em 1950, ao iniciar a publicação do Boletim *deste Organismo, escrevia eu, a propósito de tão importante códice:*

«*Entre as espécies Manuscritas que figuram também na secção de reservados desta Biblioteca, sobressaem, pelo seu valor, importância e significado, as seguintes:*

a) Historia dos animaes, e arvores do /Maranhão. / Pelo muito Reverendo Padre Fr. Chris/tovão de Lisboa Calificador do Santo/Officio, e fundador da Custodia do/Maranhão da Recolecção de /Santo Antonio de /Lisboa/. Anno/, *escrita, presumìvelmente, entre os anos de 1625 a 1631.*»

E, em nota, esclareci:

«*Em nenhuma biobibliografia de D. Frei Cristóvão de Lisboa, natural da cidade de seu apelido, onde faleceu a 14 de Abril de 1652, vi referência à obra manuscrita acima mencionada. Apenas Barbosa Machado cita, entre outros manuscritos atribuídos a D. Frei Cristóvão de Lisboa, o seguinte:* Historia natural, e moral do Maranhão, e Grão Pará. (Biblioteca Lusitana, *2.ª ed., tomo I, Lisboa, 1930, pág. 570.) Para documentar a biografia de D. Fr. Cristóvão de Lisboa, V. (Veja-se) o seu parecer, como Bispo eleito* [*de Angola e Congo*], *sobre duas cartas remetidas a D. João IV, uma da Câmara do Maranhão, e outra do Padre Luís, comissário daquelas partes, respeitantes aos resgates dos índios na referida conquista, datado de Lisboa, 1647 Outubro 29. (A. H. C.* — Maranhão, *papéis avulsos, 1647).*

A supracitada «Historia» *de D. Fr. Cristóvão de Lisboa, com encadernação inteira de pergaminho, 194 fls. de texto e 3 de índice, mede 0,m300×0,m220. Na lombada lê-se:* Animaes do Maranhão. *Este importante códice foi uma das boas aquisições que o Senhor Dr. Manuel Múrias fez, em 1934, quando então dirigia este Arquivo, pela quantia de 3 500$00. Marca este códice a prioridade dos estudos portugueses sobre a fauna e a flora do Brasil, segundo estou em crer, e vai ser publicado, por este estabelecimento do Estado, em edição fac-similada. A este códice se refere Carlos RIZZINI, no seu estudo:* O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822. Rio de Janeiro — *São Paulo.*» (1)

Porém, circunstâncias várias, alheias à minha melhor boa vontade, impediram-me, durante alguns anos, de cumprir a promessa de publicar este códice, com o estudo que ele merecia. Mas não a esqueci. Entretanto, em 1952, a falecida Dr.ª Luísa da Fonseca, antigo 2.º oficial deste Arquivo Histórico, trouxe a lume novas e importantes achegas para a biografia de D. Fr. Cristóvão de Lisboa. (2) *E, para mim, surgia finalmente a possibilidade de concretizar a publicação integral de uma das maiores preciosidades do Arquivo Histórico Ultramarino.*

---

(1) «*Boletim*» do Arquivo Histórico Ultramarino, vol. I (Lisboa, 1950), p. 72 e nota 199.

(2) FONSECA (Luísa da), *Frei Cristóvão de Lisboa O. F. M., Missionary and Natural Historian of Brazil.* Separata da Revista *The Americas*, vol. VIII, n.º 3, Janeiro de 1952, p. 289-303, e da secção *Documents* desta publicação, p. 353-359.

Do seu singular mérito e da sua extraordinária importância dirá, melhor do que eu, o já falecido e saudoso Amigo Dr. Jaime Walter, porquanto o valorizou e enriqueceu bastante com o estudo sério e honesto, mas incompleto, que lhe foi possível fazer, até quase à beira do túmulo, graças à sua infinita paciência e devotada tenacidade, que só a morte prematura veio irremediàvelmente quebrar.

Não carece o Dr. Jaime Walter da minha apresentação ou do meu louvor. O que a seu respeito já escrevi, em outro estudo, dispensa-me agora de o repetir.

Mas tenho de pôr, também aqui, em merecido relevo, mais este alto serviço que, embora pòstumamente, o Dr. Jaime Walter presta à História Natural do Brasil Português e, portanto, ao prestígio da Ciência de duas Pátrias comuns e irmãs, que muito tinham ainda a esperar do seu brilhante talento e do seu infatigável labor.

Seja-me, porém, permitido que recorde igualmente aqui algumas palavras por mim escritas a seu respeito, em 1965, pouco depois do seu falecimento:

— «Embora bastante doente já, e após várias crises graves, de uma enfermidade pertinaz e implacável, ([3]) o Dr. Jaime Walter levou, nestes três últimos anos da sua existência, uma vida intelectual muitíssimo intensa, quase absorvente e sempre apaixonante.

De modo que, quando nessa tarde outonal, fria, triste e chuvosa, de 27 de Novembro do ano em curso (1965) a sua existência para sempre se apagou, o Dr. Jaime Walter quase que morreu febrilmente agarrado aos livros, a estudar e a escrever, a rever e a corrigir provas tipográficas, com singular estoicismo e impressionante devoção beneditina.

Sem alardes nem vaidades, antes com simplicidade e excessiva modéstia — duas grandes virtudes que são apanágio dos verdadeiros homens de Ciência — o Dr. Jaime Walter deixou publicada, incontestàvelmente, não em quantidade, mas em qualidade, obra de real mérito e valor.

De facto, todos os seus trabalhos vieram trazer à investigação histórica da assistência médico-sanitária das nossas províncias ultramarinas, uma nova luz a alguns problemas insuficientemente estudados, mal interpretados ou ainda não tratados.

Só afirmava o que sabia ser exacto e rigoroso, com base na documentação, que procurava àvidamente pelas bibliotecas e arquivos e utilizava com a maior probidade científica. Mas, como qualquer homem de Ciência, não desprezava nunca o valor inegável da hipótese, sempre cautelosamente formulada, com brilhante poder de raciocínio, claro e objectivo, e com rigorosa argumentação que, por muito tempo ainda, será difícil contradizer ou destruir, até prova documental em contrário...» ([4])

E, a terminar, escrevi também então:

— «Já bastante combalido de saúde, o Dr. Jaime Walter aceitou, no entanto, o convite que, tempos antes, insistentemente lhe fizeramos, para estudar um dos mais valiosos códices do Arquivo Histórico Ultramarino, que temos a honra de dirigir, e a publicar por este Organismo, com a prestimosa colaboração do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, o que muito justamente nos aprás salientar e desde já agradecer aqui, na pessoa do seu eminente Presidente, Senhor Prof. Doutor António da Silva Rego, pelo pronto e decisivo apoio dado à iniciativa oportuna do signatário.

E dizemos oportuna porque, precisamente neste ano (1965) se comemora o IV Centenário da Fundação da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro pelos Portugueses. E o códice em referência: Historia dos animaes, e arvores do/Maranhão. / Pelo muito Reverendo Padre Fr. Chris/tovão de Lisboa (...), *marca, como já o dissemos em 1950, a priori-*

([3]) Já em 24 de Agosto de 1965, o Dr. Jaime Walter me escrevia nestes desalentados termos: «Infelizmente, chegado ao Porto, vim para a cama, onde me conservo, gravemente combalido depois de tantos meses de excessivo trabalho. Suponho mesmo que terei de renunciar a toda e qualquer actividade, porquanto o estado em que me encontro faz-me supor terem-se-me acabado as possibilidades.»

([4]) IRIA (Alberto), *Dr. Jaime Walter (Subsídios Biobibliográficos)*. Separata de *Studia*, do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, N.º 16, Novembro 1965. Lisboa, 1965, p. 1 e 2.

dade dos estudos portugueses sobre a fauna e a flora do Brasil nos princípios do século XVII.

Seria esta, decerto, como se nos afigurou, a mais valiosa contribuição que, tanto o Arquivo como o Centro, poderiam dar, como jubilosamente vão fazê-lo, muito em breve, às comemorações do IV Centenário do Rio de Janeiro.

Mas seria também esse, infelizmente, o estudo póstumo do Dr. Jaime Walter, como vogal deste Centro de Estudos, que foi desde a sua fundação.

No prefácio desse estudo, o Director do Arquivo Histórico Ultramarino apresentará e oferecerá, à admiração da Grande Comunidade Luso-Brasileira, a edição fac-similada de tão importante códice seiscentista.

Este códice é, sem dúvida alguma, mais um legítimo padrão do nosso justificado orgulho de sermos Portugueses. A sua publicação é feita em hora duplamente oportuna, isto é, no momento em que o Brasil comemora o jubileu lusíada da sua segunda capital, e quando o Mundo, já cansado da apregoada mistificação dos chamados Ventos da Historia, *começa a ter fortes razões, e de sobejo, para render Justiça ao Portugal do Ultramar.*

E se é assim, o Dr. Jaime Walter, que no fim da sua vida, e nas precárias condições de saúde logo de início aqui apontadas, entusiàsticamente muito ajudou a erguer esse grande padrão bibliogáfico, com o prestígio do seu saber, com o maior dos desvelos e cuidados, constantes preocupações, devoção total e apaixonante, merece bem, ao menos, não ser jamais esquecido. Tem direito ao perene agradecimento de Portugueses e Brasileiros. Mais. A sua saudosa memória é digna e merecedora da gratidão da Posteridade.» (5)

E, em nota, informei ainda:

— «Oficialmente convidado pelo Brasil em termos altamente honrosos para ele e para o País, a ir tomar parte, no Rio de Janeiro, no Congresso de História da Medicina, integrado nas Comemorações do IV Centenário daquela cidade, o Dr. Jaime Walter deixou inacabadas as comunicações que, em mão, tencionava apresentar ali. Além disso, deixou ainda incompletos outros estudos relativos à História da Medicina Portuguesa no Ultramar. Esta perdeu nele um dos seus mais profundos conhecedores. E, nós, um dos nossos melhores Amigos. As duas referidas comunicações — como à última hora fomos informados — estão, porém, já em vias de publicação, pela Junta de Investigações do Ultramar e intitulam-se: Um Português carioca professor da Primeira Escola Médica de Angola. 1791. (As suas Lições de Anatomia) e Simão Pinheiro Morão. Queixas repetidas dos ecos dos Arrecifes de Pernambuco contra os abusos médicos que nas suas capitanias se observam tanto em dano das vidas de seus habitadores. Leitura, explicação e nótulas do Dr. Jaime Walter.» (6)

No dia 28 de Julho de 1966, foi convocado o plenário do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, em sessão extraordinária, sob a presidência do senhor Prof. Doutor António da Silva Rego, ilustre presidente da sua Comissão Executiva. Ao abrir a sessão, e em breves palavras, o Senhor Prof. António da Silva Rego lembrou o motivo da convocação, efectuada sob o signo da Saudade e da Justiça: o de assistir à honrosa entrega do diploma e respectivo colar de membro da Sociedade Paulista de História da Medicina à viúva do vogal Senhor Dr. Jaime Walter da Fonseca Vasconcelos, senhora Dr.ª Dona Maria Isabel de Lima Aguillar Monteiro de Vasconcelos, que se fez acompanhar de algumas pessoas de sua família, entrega feita pelo prestigioso membro daquela instituição cultural e científica do Brasil, senhor Dr. Divaldo de Freitas, meu querido Amigo, nascido em Piracicaba (Estado de São Paulo), filho de pai português (de Cantanhede) e de mãe brasileira, também grande e devotado Amigo de Portugal e historiador da medicina no Brasil. E devo ainda notar, para concluir estas palavras acerca do Dr. Jaime Walter, que tal distinção, por ele recebida do Brasil, só muito raramente é conferida a estrangeiros.

---

(5) Idem, *idem, ibidem*, p. 21.

(6) Idem, *idem, ibidem*, p. 22, nota 4.

* * *

Ao referir-se a dois cientistas que, em 1637, Maurício de Nassau alojou em sua própria casa, no Recife, o holandês Guilherme Piso e o alemão George Marcgrave, escreveu há anos um erudito médico brasileiro e meu muito prezado Amigo:

— «Foram estes dois sábios que fizeram as primeiras observações meteorológicas do Brasil, realizando, também, profundos estudos de Geografia, Zoologia, Botânica, Climatologia e Higiene.» (7)

Sílvio Romero, como já é sabido, e alguém pôs em evidência, ao aludir a Arruda Câmara, Conceição Vellozo, Alexandre Ferreira, José Bonifácio, António de Nola e Coelho de Seabra, afirmou:

— «São estes os célebres naturalistas, os afamados sábios que a tradição aponta ao longe como o supremo esforço de génio do Brasil nas ciências.» (8)

E Varnhagen, como também se não ignora, e igualmente se evidenciou já, ao reportar-se aos fins do século XVIII e princípios do século XIX, disse:

— «Nas ciências, alguns brasileiros ganharam celebridade nesta época: Alexandre Rodrigues Ferreira, o Humboldt brasileiro, em suas extensas viagens pelos sertões do Pará; José Bonifácio de Andrada, viajando como mineralogista pela Europa de igual modo que o naturalista Manuel Ferreia da Câmara e António de Nola, ao depois lente em Coimbra; Coelho de Seabra escrevendo tratados de química; Conceição Vellozo, trabalhando em sua Flora Fluminensis *e deixando impressos muitos tratados compostos e traduzidos; José Vieira Couto, naturalista em Minas; Manoel Jacinto Nogueira da Gama, distinguindo-se em Coimbra nas matemáticas, do mesmo que Francisco Vilela Barbosa, vindo ambos a reger cadeiras dessas ciências; Silva Feijó, naturalista empregado nas explorações nas ilhas de Cabo Verde...»* (9)

Todavia, e até na época quinhentista do Brasil Português, como já o disse e provou Carlos França, «nós podemos documentar que os portugueses se anteciparam aos estrangeiros na construção da História Natural do Brasil.

Muito antes do alemão Jorge Markgraf ou do holandês Guilherme Pison haverem trabalhado sobre a fauna e a flora brasílica já compatriotas nossos haviam dedicado a estes assunptos a sua intelligente actividade. A obra de muitos delles não é inferior à dos notáveis naturalistas estrangeiros, antes a sobrepuja em muitos pontos.»

E logo a seguir Carlos França conclui — como o salienta também o Dr. Jaime Walter neste estudo — :«A nossa incúria e a má fé e injustiça de certos escritores é que têm deixado na sombra o nome desses portugueses e auxiliado a manter-se a falsa noção de que só a estranhos se deve o que nos séculos XVI e XVII se veio a saber sobre o Brasil.» (10)

Sim. A incúria, *a* má fé *e a* injustiça *terão contribuído muito para atribuirmos a estranhos aquilo que só aos Portugueses e aos Brasileiros que ainda nasceram portugueses no Brasil Português, de direito e de justiça lhes pertence. Mas não é menos certo que, para isso, igualmente tem concorrido o desconhecimento de muitas fontes históricas que, ainda inéditas, e felizmente conservadas em muitas das nossas Bibliotecas e Arquivos, quer públicos, quer particulares, aguardam a hora da sua publicação. Já em 1953 alguém, com reconhecida autoridade, apontava o verdadeiro caminho a seguir:*

— «Nesta época, em que têm tomado tão grande desenvolvimento os estudos da história luso-brasileira, não é dos menores serviços que se podem prestar aos investigadores interessados por esses trabalhos fazer a publicação de inventários dos documentos que se

---

(7) ROCHA (Leduar de Assis), *Efemérides Médicas Pernambucanas. Séculos XVI, XVII e XVIII.* Recife, sem data, p. 29. Edição do Departamento de Documentação e Cultura, da Prefeitura Municipal do Recife.

(8) STELLFELD (Carlos), *Frei Vellozo (José Mariano da Conceição Vellozo) Doutor Vellozo (Joaquim Vellozo de Miranda) António Luís Patrício da Silva Manso. Novas contribuições bio-bibliográficas. Origem e evolução do Brasil Fitogeográfico.* Curitiba, 1948, p. 7.

(9) Idem, *idem*, p. 8.

(10) FRANÇA (Carlos), *Os portugueses do século XVI e a História Natural do Brasil*, in *Revista de História*, dirigida pelo Dr. Fidelino de Figueiredo, vol. 15.º (Lisboa, 1926), n.º 57 a 60, Ano de 1926, p. 45.

guardam — tantos deles ignorados — nos Arquivos, ou até, sendo exequível, a publicação dos próprios documentos quando inéditos ou pouco conhecidos.» (11)

Pela minha modesta parte, e nesta hora alta das relações luso-brasileiras, não tenho deixado de trilhar este salutar e recomendável caminho, de uma forma ou de outra e na medida do possível. (12)

Há poucos anos ainda, em 1959, editou-se uma prestimosa obra intitulada: Breves Noções de História Natural do Brasil, *com estes louváveis propósitos: «por forma que, tornando conhecido dos estudantes do Brasil o que diz respeito a Portugal, recíprocamente torne conhecidas dos estudantes portugueses algumas coisas das muitas que são desconhecidas acerca dos brasileiros, dos portugueses da América, descendentes, como nós, dos mesmos antepassados, e igualmente herdeiros das mesmas virtudes e dos mesmos defeitos.»* (13)

E nesta obra, diz Mário Casasanta, ilustre catedrático da Faculdade de Direito e de Filosofia de Belo Horizonte(Minas Gerais), quando se refere ao Brasil:

— «Aqui, na verdade, se encontra a exacta medida de Portugal. Guerras, navegações, mares não navegados, terras viciosas de África e de Ásia, tudo desaparece diante da formação de um alto núcleo humano, como o nosso, em plena região tropical...» (14)

E, a isto, poder-se-ia acrescentar o que Carlos França escrevera antes: «De admirar seria pois que os portugueses, collocados no Brasil perante uma fauna e uma flora tão ricas e differentes d'aquellas que conheciam das suas anteriores conquistas, não consagrassem ao seu exame cuidadosa attenção.» (15)

E foi o que também fez, já nos princípios do século XVII, D. Fr. Cristóvão de Lisboa, na lógica e natural sequência dos portugueses que o antecederam.

«Só na perspectiva do tempo — afirmou um dia o Doutor Serafim Leite — se pode julgar com justeza a actividade dos nossos antepassados.»

Parafraseando em parte o eminente historiador da Companhia de Jesus no Brasil, podemos igualmente dizer, em relação à obra de Fr. Cristóvão de Lisboa, que também ele soube escrever «uma página científica», *merecedora* «de especial menção na história geral da Cultura Portuguesa através do mundo.» (16)

Razão, pois, assiste àqueles que, no Brasil, *têm da História este bom conceito, que bem pode aplicar-se aos dois fortes elos que ligam, indestrutìvelmente, a grande comunidade de Luso-Brasileiros e são, em boa verdade, duas das suas principais ideias-forças:*

— «História quer dizer, no seu conjunto, continuidade e solidariedade. Adentro dessas duas palavras deslisam, no tempo e no espaço, a evolução da humanidade e o encadeamento causal entre os acontecimentos e as mudanças históricas. E a historiografia encontra, dentro desse binómio, — continuidade e solidariedade — o elemento necessário aos estudos de fenómenos históricos, económicos e sociais, isto é, a vida cultural, religiosa e política do homem através dos séculos e das vicissitudes humanas.» (17)

---

(11) BASTO (A. de Magalhães), *Alguns Documentos de interesse para a História do Brasil. Apostila ao Catálogo dos Manuscritos Ultramarinos da Biblioteca Municipal do Porto.* Separata de *Brasília*, vol. VII. Coimbra, 1953, p. 5.

(12) IRIA (Alberto), *Catálogo de Documentos sobre a História de São Paulo, existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa. Elaborado por ordem do Governo Português e publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em comemoração ao IV Centenário da Fundação de S. Paulo. Rio de Janeiro, 1956-1960, 15 volumes; Inventário da Iconografia Brasileira existente no Arquivo Histórico Ultramarino (Subsídios para o Dicionário de Iconografia do Brasil). Separata de Studia, n.º 16, Novembro de 1965. Lisboa 1965; Inventário geral da Cartografia Brasileira existente no Arquivo Histórico Ultramarino (Elementos para a publicação da Brasiliae Monumenta Cartographica). Separata de Studia, N.º 17, Abril 1966. Lisboa, 1966; Inventário geral dos Códices do Arquivo Histórico Ultramarino apenas referentes ao Brasil (Fontes para a História Luso-Brasileira). Separata de Studia, N.º 18, Agosto, 1966. Lisboa, 1966.* Outros trabalhos meus, anteriores, também desta índole, relativos ao Brasil, podem ver-se no *Boletim* deste Arquivo Histórico *vol. I (1950), p. 7, nota I, e em O Congresso de Biblioteconomia do Recife. Separata da terceira série dos Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal.* Lisboa,, 1958, p. 14, nota 13 e p. 15, nota 14.

(13) ALENCAR (Otoniel) e FIRMINO (Nicolau), *Repetidor de Ciências Naturais (...) e Breves Noções de História Natural do Brasil*, 8.ª edição. Rio de Janeiro-Lisboa, 1959, p. 5.

(14) Idem, *idem*, p. 8.

(15) FRANÇA (Carlos), *ob e loc. cit.*, p. 44.

(16) LEITE (Serafim), *Os Jesuítas no Brasil e a Medicina*. Separata do vol. I da Revista *«Petrus Nonius»*. Lisboa, 1936, p. 16.

Por isso, alguém afirmou já, a respeito de Brasileiros e Portugueses:

«Separa-nos a vastidão dos mares, já hoje sem expressão em face da tenuidade dos ares; mas congrega-nos, além do sangue, a tradição e os sentimentos.» ([18])

E se é certo que, como também já alguém salientou esta afirmativa de Pierre David: a «História vive de comparações e de paralelos», ([19]) *aqui fica portanto mais um desses elementos de comparação, aliás bem notável, como o que nos legou Fr. Cristóvão de Lisboa, cujo retrato a óleo documenta este prefácio, quando já pensávamos não ser possível. Foi-o, porém, devo justamente salientá-lo, graças à extrema gentileza do Instituto de Investigação Científica de Angola. E ao seu Director, Senhor Eng.º Prof. Doutor Virgílio Canas Martins, cabe também aqui testemunhar o meu mais vivo agradecimento, naturalmente extensivo, com não menor reconhecimento, a dois dos seus distintos colaboradores, Senhores Doutor José de Sousa Bettencourt, pela diligente e pertinaz solicitude com que removeu todas as dificuldades técnicas da excelente reprodução fotográfica feita em Luanda, por mão de Mestre, e Arquitecto Fernando Batalha, por não se ter esquecido de formular superiormente o meu desejo.*

Mas o retrato a óleo de Fr. Cristóvão de Lisboa tem também uma pequena história, que vale a pena registar. Em 1939, em Angola, a tela, emoldurada, foi entregue, a seu pedido, ao meu ilustre antecessor, Senhor Dr. Manuel Múrias, a fim de ser restaurada na metrópole. ([20])

Por determinação superior coube-me, porém, concretizar esse louvável propósito. E, assim, a tela a óleo de Fr. Cristóvão de Lisboa foi logo confiada, em 1946, às mãos hábeis do já falecido Mestre Fernando Mardel, da Oficina Nacional de Beneficiação da Pintura Artística, do Museu Nacional de Arte Antiga, para depois ser devolvida, como de facto foi, à província de Angola, que pagou o seu restauro, na importância de 1 500$00. Mas aconteceu o imprevisto.

Numa das minhas visitas àquela Oficina, para saber do andamento do trabalho, Fernando Mardel chamou desde logo a minha atenção para o facto de se terem posto a descoberto, nessa tela, até então representativa de D. Fr. Cristóvão de Lisboa, os seguintes dizeres:

a) *No ângulo superior esquerdo:*

D. FREI IOÃO D./[...] LISBª DOS PRAZERES/PROV.ª QVE FOI DA PROV/DOS ALG.ªs E BISPO DE AN/GRA ONDE FALLECEO/NO 1.º DE FEVR.º DE/1685

b) *No ângulo superior direito:*

F. IOÃO/[DOS PRA]ZERES/[...] DA VIRGE[M...]

Apurei então, em face do que Mestre Mardel me mostrara na sua Oficina, que D. Fr. João dos Prazeres, natural da cidade da Guarda, estudara na Universidade de Évora, ali ingressou na Companhia de Jesus, e foi depois Bispo de Angra do Heroísmo, onde faleceu no Colégio dos Jesuítas, em 1 de Fevereiro de 1685. ([21])

Apurei ainda que, em 1854, José Barbosa Canaes de Figueiredo faz referência, como existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, ao «retrato de meio corpo», de D. Fr. João dos Prazeres. ([22])

De posse deste informe fui, em 1949, autorizado pelo falecido Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, Senhor Tenente-coronel Costa Veiga, a percorrer todas as dependências da mesma, com o intuito de poder encontrar, ainda ali, esse retrato de D. Fr. João dos Praze-

---

([17]) FERREIRA (Tito Lívio), *Historiografia e Senso Histórico (Separata da «Revista de História»*, N.º 6. São Paulo, 1951, p. 3.

([18]) SILVA (Valentim Benício da), *O Lusíada na formação do Brasileiro. Palestra lida pelo general... no Gabinete Português de Leitura*, Rio de Janeiro, 1945, p. 13.

([19]) SOARES (Torquato de Sousa), *Linha de Rumo da História de Portugal*. São Paulo (Brasil), 1958, p. 9.

([20]) *Portugal em África*, 2.ª Série, N.º 16, Julho-Agosto de 1946, p. 243, nota 2.

([21]) *Archivo dos Açores*, II, 265.

res. Mas foram vãos todos os esforços feitos, nesse sentido, pelos funcionários daquele estabelecimento do Estado, que tão solìcitamente me acompanharam nessa pesquisa. De modo que o retrato a óleo de D. Fr. Cristóvão de Lisboa, que ora se publica, é conforme a fotografia que nos foi gentilmente enviada pelo Instituto de Investigação Científica de Angola. «A demora — esclareceu-me depois o Doutor José de Sousa Bettencourt, em sua amável carta, de 3 de Fevereiro de 1967 — foi devida à dificuldade da reprodução, por o original ser brilhante, dizem os técnicos. Insisti tanto, tanto, até que consegui.» A todos, inclusivé a esses técnicos, os meus bem merecidos agradecimentos por todas as maçadas que lhes dei.

São devidos, também aqui, sinceros e gratos agradecimentos a Fr. Francisco Leite de Faria, infatigável historiógrafo e prestimoso vogal do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos que, logo em Março de 1955, generosamente me deu conhecimento de precioso documento inédito por ele encontrado no Arquivo Nacional da Torre de Tombo, relacionado com este notável códice de Fr. Cristóvão de Lisboa, indicação posteriormente por mim transmitida ao senhor Dr. Jaime Walter para a citar e aproveitar no seu estudo.

Mas não terminarei, sem pôr ainda em merecido relevo — e ficaria de mal com a minha consciência se não aproveitasse este ensejo para com absoluta justiça o fazer — a prestimosa e sempre pronta colaboração que recebi, em primeiro lugar, da Senhora Dona Raquel Pousão Lopes, diligente e zelosa funcionária do Arquivo Histórico Ultramarino, e, em segundo lugar, dos senhores Fernando Augusto Simões, que foi competentíssimo revisor da Imprensa Nacional de Lisboa, infelizmente falecido em Março do ano em curso (1967), e João Alves, digníssimo gerente da Neogravura, Lda., os quais, como todos os que trabalharam na execução técnica desta obra, tantos e tantos cuidados pacientemente lhe dispensaram, que bem firmam os seus reconhecidos créditos profissionais e honram as artes gráficas portuguesas.

A todos nós, creio bem, à margem das naturais imperfeições, deficiências e lacunas, inevitàvelmente peculiares a todo o trabalho humano — devêmos ser os primeiros a reconhecer — parece ter movido, ao menos, o mesmo louvável idealismo de um contemporâneo de Fr. Cristóvão de Lisboa, no Brasil, isto é, o de um bom português do século XVII, assim por ele próprio expresso, e que lá viveu trinta anos de «custosa experiência»:

— «Este amor de Patria, este zello Purtuguez pello poderoso impulso com que me moue, me anima...» ([23])

Feliz legenda, havemos de reconhecer, para os Portugueses e Brasileiros de hoje.

Lisboa e Arquivo Histórico Ultramarino, Dezembro de 1967.

O DIRECTOR,
ALBERTO IRIA

([22]) FIGUEIREDO (José Barbosa Canaes de), *Estudos Biographicos ou Noticias das Pessoas retratadas nos quadros pertencentes à Bibliotheca Nacional de Lisboa.* (Lisboa, 1854), p. 160, nota 1.

([23]) BASTO (A. de Magalhães), *ob cit.*, p. 28 e 33.

I

EXPLICAÇÃO

O desejo de consultarmos o códice que nos habituáramos a ouvir designar por *Animais do Maranhão*, de Frei Cristóvão de Lisboa, residia na esperança que tínhamos de encontrar nele quaisquer referências a práticas de medicina indígena, ou ao uso de mezinhas caseiras, tão do gosto do povo português.

Quando pela primeira vez o folheámos, ficámos preso à riqueza de traço e à pujança de forma dos desenhos que o constituem, à beleza de muitos exemplares nele debuxados, alguns dos quais já havíamos visto ou víramos pintados, e que, portanto, nos traziam à lembrança outros trabalhos, de outros autores, cujo merecimento e fama andam espalhados pelo mundo. Logo nos ocorreu a importante necessidade de mostrar, *urbi et orbi*, tanta riqueza acumulada naquelas duas centenas de folhas desconhecidas dos cientistas nacionais e estrangeiros, que ali encontrariam com certeza matéria farta para extensas divagações científicas.

Ao mesmo tempo, a presença do códice veio lembrar-nos que a valorização portuguesa no progresso das Ciências ainda não fora feita e que a própria participação de Portugal tem sido criminosamente esquecida. No entanto, poucos exemplos bastariam para comprovar que os Portugueses, como em admirável síntese disse Carlos França — e que nunca é demais frisar e repetir —, *não só contribuiram por forma indirecta para o progresso scientifico, trazendo de regiões ignotas o que lá encontraram de interessante, mas cooperaram activamente na Sciência da Renascença, dando descripções geographicas exactissimas dos paizes que descobriram, fornecendo dados ethnograficos dos povos com que estavam em contacto, mencionando doenças exoticas desconhecidas e, finalmente, descrevendo plantas e animaes estranhos por forma inexcedivelmente rigorosa* (1).

E, até, ali estava na nossa frente aquele códice de Frei Cristóvão de Lisboa, que podia concorrer para modificar muitos dos juízos que, erradamente, têm sido feitos a respeito da acção dos Portugueses no Brasil, esclarecendo um pouco mais a posição portuguesa e confirmando a lição, de profundos ensinamentos, que nos deu o mesmo Carlos França, quando disse:

É pois bem difficil a tarefa de quem queira fazer a historia do papel scientifico dos portugueses no seculo XVI.

Foi porem tão brilhante a sua acção que, apesar dos diminutos documentos que chegaram aos nossos dias, nós podemos documentar que os portugueses se anteciparam aos estrangeiros na construção da Historia Natural do Brasil.

Muito antes do allemão Jorge Markgraf ou do hollandês Guilherme Pison haverem trabalhado sobre a fauna e a flora brasilica já compatriotas nossos haviam dedicado a estes assumptos a sua inteligente actividade. A obra de muitos delles não é inferior á dos notaveis naturalistas estrangeiros, antes a sobrepuja em muitos pontos.

---

(1) Carlos França — «Os Portugueses do Seculo XVI e a Historia Natural do Brasil», in *Revista de Historia*, ano XV, 15.º volume, Lisboa, 1926, p. 40.

A nossa incuria e a má fé e injustiça de certos escriptores é que têm deixado na sombra o nome desses portugueses e auxiliado a manter-se a falsa noção de que só a estranhos se deve o que nos seculos XVI e XVII se veio a saber sobre o Brasil (2).

Não pensávamos que um dia havia de vir, em que seria solicitado o nosso contributo para a publicação do códice, facto que, quando se deu, nos levou a opor, apesar das muito honrosas e desvanecedoras solicitações, uma tenaz negativa, baseada na falta de competência, que sentíamos, para levar a bom termo empresa que julgámos superior às forças de um só indivíduo, dada a complexidade que apresenta qualquer estudo perfeito daquela espécie bibliográfica.

No entanto, a insistência do ilustre director do Arquivo Histórico Ultramarino e a sua argumentação fizeram-nos pensar, um pouco demoradamente, nos vários aspectos que o problema apresentava e que nos parece ser forçoso expor.

*

Luís de Pina, no seu estudo *Para a História da História Natural Brasileira* (3), dá-nos conta de que Manuel Múrias, em 1933 (4), *recuperara* o livro de Frei Cristóvão de Lisboa, o qual figurava em 1934 na Exposição Colonial Portuguesa (Porto). Diz-nos ainda: *e, se Deus lhe der vida e saúde, e a mim também, talvez possamos, os dois, passar a curiosa obra à letra redonda.* Nesse mesmo trabalho, entretanto, dá-nos uma sumária análise do códice, publica-lhe o índice (5) e alguns desenhos em reproduções por gravura, terminando por lembrar o interesse que representaria o estudo comparativo com as obras de d'Abbeville, Pisão e Margrave. Parece que circunstâncias variadas não permitiram que a publicação então se realizasse, mas manteve-se o propósito, segundo nos informa mais tarde (6).

Em 1950, Alberto Iria, ao falar sobre as espécies bibliográficas raras existentes na biblioteca do Arquivo Histórico Ultramarino (7), também nos prometeu a publicação do livro de Frei Cristóvão de Lisboa, sem que, no entanto, até agora tivesse podido concretizar tal promessa. E era exactamente para o fazer que nos abordava com a imperiosidade da sua vontade e o peso da mais cerrada argumentação.

O Brasil, entretanto, ao mesmo tempo que manifestava, por várias formas, desejo e interesse no conhecimento e publicação do códice, ia levando a efeito obra de importância, que se ligava um pouco ao assunto.

Em 1940, o Museu Paulista dava a público uma edição monumental da *História Natural do Brasil*, de Jorge Margrave, o médico alemão que esteve ao serviço de Nassau (8).

Em 1945, a Biblioteca Histórica Brasileira publicava uma tradução portuguesa da *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, de Frei Claude d'Abbeville, publicada em 1614 (9).

Em 1957, o Ministério da Educação e Cultura fazia publicar pelo Instituto Nacional do Livro a *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, de Guilherme Pisão, o médico de Maurício de Nassau (10).

---

(2) Carlos França — *Ob. cit.*, p. 45.

(3) Separata de *Brasílica*, vol. I, Coimbra, 1942.

(4) Alberto Iria indica 1934 (*Boletim do Arquivo Histórico Colonial*, vol. I, Lisboa, 1950, p. 72).

(5) O índice publicado por Luís de Pina (pp. 9-13) apresenta algumas inexactidões, por erros do copista e da tipografia, para os quais devemos chamar a atenção. Omite, nas aves, os nomes de *Amu* e *Jacami* e escreve, no mesmo capítulo: *arsoare*, em vez de *arasoare*; *guarauma*, em vez de *guarauna*; e *avolurou* (?) *papagayo*, em vez de *avurou papagayo*.

(6) Luís de Pina — *As Ciências na História do Império Colonial Português (séculos XV a XIX)*, Porto, 1945, p. 159.

(7) *Boletim do Arquivo Histórico Colonial*, cit., p. 72.

(8) Jorge Marcgrave — *História Natural do Brasil*. Trad. de Mons. Dr. José Procópio de Magalhães. Edição do Museu Paulista comemorativa do Cinquentenário da Fundação da Imprensa Oficial do Estado de S. Paulo, 1942.

(9) Claude d'Abbeville — *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*. Tradução de Sérgio Milliet, «Biblioteca Histórica Brasileira», XV volume, Introdução e notas de Rudolpho Garcia. Livraria Martins Editora, S. Paulo, 1945.

(10) Guilherme Piso — *História Natural e Médica da India Ocidental*. Traduzida e anotada por Mário Lôbo Leal, «Colecção de Obras Raras», V volume, Rio de Janeiro, 1957.

Em 1964, com a contribuição do Conselho Nacional de Pesquisas, e sob a notável direcção de Cerqueira Falcão, a «Brasiliensia Documenta» publicava a obra, até então inédita, *Thierbuch* (Livro dos Animais) existente no Kupferstich-Kabinett da cidade de Dresden, da autoria do soldado alemão Zacarias Wagener, mais tarde escrivão doméstico de Maurício de Nassau, livro que continha aguarelas e fora composto entre 1634 e 1641 (11).

Todas estas realizações provavam a necessidade que o Brasil sentia de ter em dia o conhecimento do seu passado, para poder alicerçar convenientemente o seu futuro.

Ora se assim era, tendo sido o Brasil uma das mais queridas províncias de Portugal Ultramarino, lá porque cedo abandonou o lar e tem vida própria e independente, não é caso para que se lhe negue uma lembrança dos avós, que estava esquecida na velha casa paterna. Era devido a esquecimentos e descuidos que os filhos não reconheciam suficientemente, ou não podiam compreender, ou não tinham modos de avaliar, os esforços e sacrifícios feitos pelos antepassados e que foram, são e hão-de ser, afinal, a garantia da vivência e do sólido futuro dos descendentes.

Nós, dedicado ao estudo da actividade médica portuguesa ultramarina, também tínhamos o Brasil no coração, pelo que não podíamos ficar indiferente ao prazer de colaborar em tão preciosa oferenda. Foi por isso que, embora reconhecendo a nossa incompetência, e continuando a afirmá-la, acedendo ao desejo do ilustre director do Arquivo Histórico Ultramarino, com a vontade de servir Portugal, o Brasil e os Brasileiros, neste ano do quarto centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro, nos abalançámos a dirigir a publicação deste códice e a escrever algumas palavras. A nossa única pretensão, ao assumir tal encargo, é de sermos assim a modos de um modesto *bandeirante*, que trace a estreita vereda que outros — esses já capazes — transformem de modo a fazer realçar o alto significado de que uma tal obra encerra.

*

Disto, que acabamos de escrever, é fácil de concluir que a nossa colaboração consistirá em dirigir a publicação do códice e focar alguns aspectos, por nós julgados essenciais, à imediata valorização da obra de Frei Cristóvão de Lisboa, dos quais um dos mais importantes é, sem dúvida, o da sua situação cronológica, seguido do da sua leitura paleográfica. Os aspectos de possível valorização científica, esses só podem ser focados depois da vulgarização do códice e de tornar fácil a sua leitura, parecendo-nos que devem competir, principalmente, aos cientistas brasileiros.

Para avaliar a data da feitura ou composição, somos obrigados a tomar conhecimento mais demorado com a figura de Frei Cristóvão e a uma audição dos seus mais abalizados biógrafos, sem esquecer o próprio irmão, o chantre da Sé de Évora, Manuel Severim de Faria, figura que supomos ter exercido certa influência na actividade, pelo menos cultural, do irmão. A época em que Frei Cristóvão abandonou o Maranhão e a data da sua chegada à mesma província têm para nós importância primacial para a valorização da obra em causa, por estarem ligadas a factos anteriores à ocupação holandesa.

O códice em si, no descritivo que contém, escrito com letras diferentes, das quais uma é de difícil leitura, em mau português, com numerosas emendas, dá lugar a que elaboremos a necessária cópia paleográfica e a actualizada, seguidas dos esclarecimentos que saibamos dar e de acordo com os elementos que possamos obter. Esses esclarecimentos serão, tanto quanto possível, uma tentativa nossa para apontar quaisquer factos que resultem de breve atitude de relação com obras já publicadas, anteriores ou posteriores à provável data da sua feitura, e que respeitem ao mesmo assunto.

---

(11) Zacarias Wagener — *Zoobiblion. Livro dos Animais do Brasil.* «Brasiliensia Documenta», Edgard de Cerqueira Falcão, vol. IV, 1964.

Resta-nos dizer que este modesto estudo só é possível pelo auxílio que nos foi prestado pelo director e pelo pessoal do Arquivo Histórico Ultramarino (entre o qual sobressaem os funcionários D. Maria Antonieta Tavares Boné, Veríssimo de Jesus Pires, Alfredo Mendes Gouveia e Herculano Veríssimo Lavrador) e por distinguidos Amigos como o Professor Doutor Carlos das Neves Tavares, Dr. Fernando Frade, Comandante A. Teixeira da Mota, Frei Francisco Leite de Faria, Dr. Divaldo de Freitas, Dr. Raul Votta e Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, estes três últimos brasileiros de fina têmpera, sempre prontos ao estudo da história do Brasil, que tanto amam, e de Portugal, a que muito querem. O manifestar aqui, e pùblicamente, a gratidão que sentimos pelo auxílio valioso que nos deram, é dever a que não sabemos nem queremos fugir ([12]).

([12]) Já depois de este trabalho estar no prelo, tivemos a triste notícia do falecimento de Veríssimo de Jesus Pires. Era um profundo conhecedor dos fundos do Arquivo Histórico Ultramarino, que ajudara a fundar, e prestou à Nação valiosos serviços, indicando numerosos documentos inéditos que encontrara nas buscas incessantes, a que dedicou toda a sua vida. Muito lhe ficamos devendo, e ao prestarmos a nossa homenagem à sua memória cumprimos um dever de amizade e de gratidão.

II

ESTUDO

Na secção de «Reservados» da biblioteca do Arquivo Histórico Ultramarino existe um códice que mede 0,30 cm ×0,22 cm, com encadernação inteira de pergaminho grosso, já amarelo-carregado, tendo na lombada, em caracteres do século XVII, escritos com tinta castanho-escura, a indicação *Animaes do Maranhão.*

Contém esse livro cento e noventa e oito folhas de papel, todas em bom estado, com uma marca de água que não conseguimos identificar. A folha do frontispício dá-nos a indicação de se tratar da *Historia dos animaes, e arvores do/Maranhão/Pelo muito Reverendo Padre Fr. Chris-/tovão de Lisboa Calificador do Santo/Officio, e fundador da Custodia do/Maranhão da Recolecção de/Santo Antonio de/Lisboa. Anno...* não indicando, como se verifica, além da palavra *ano*, a data em que foi escrita ou se fizera a sua compilação. As três primeiras folhas, a seguir, sem numeração, são ocupadas por um índice alfabético dos nomes das espécies contidas no códice. As cento e sessenta e quatro folhas seguintes, todas numeradas, contêm desenhos variados, feitos a lápis e cobertos a tinta, com um ou outro esboço ainda a lápis, apresentando-se em branco as fols. 29, 30, 31, 61 e 70 e havendo vestígios de ter sido arrancada a fol. 35. As trinta folhas restantes são as que contêm um texto escrito, relacionado com as espécies desenhadas, estando igualmente em branco a fol. 171.

A letra do códice é do século XVII. A do índice, igual à do frontispício, perfeitamente legível, repete-se em algumas das folhas, quer em emendas das palavras que constituem os títulos dos desenhos, quer em anotações ou rasuras do texto. A letra deste, bastante má, mostra-nos uma escrita em mau português, ou melhor, em português que chama a atenção para a pouca cultura que o seu autor devia possuir. Estabelece assim um flagrante constraste com os desenhos, que são notàvelmente preciosos, perfeitos de concepção e marcando exactamente o carácter da época.

Acontece, entretanto, que quem abre o códice, o folheia vagarosamente e lê com cuidado, não só uma ou outra observação que surge junto dos desenhos, mas também todo o texto, fica com a impressão de que o livro não representa, de facto, uma *Historia dos animaes, e arvores do Maranhão,* como explìcitamente se diz no frontispício. Antes parece não passar de um *borrão*, ou livro de apontamentos, onde duas ou mais pessoas tivessem deixado fixados os desenhos e os conhecimentos que tinham adquirido pela longa observação e pelo tempo, ou por atento estudo dos assuntos em que foram chamadas a intervir e do qual então se partiria para uma outra obra de mais largo fôlego.

Foi esta a sensação que se radicou no nosso espírito, quando concluímos a rigorosa e cuidada leitura do livro. Durante ela anotámos algumas referências que nos parecem esclarecedoras e mostraremos a seu tempo, pois supomos ser mais essencial fazer, em primeiro lugar, um estudo biográfico de Frei Cristóvão de Lisboa. Esse estudo permitir-nos-á, simultâneamente, julgar a personalidade do insigne frade e averiguar a data em que o códice possìvelmente foi organizado, dando-nos portanto a esperança de conseguirmos obter elementos que nos permitam chegar às mais perfeitas conclusões.

*

Todas as pequenas resenhas biográficas de Frei Cristóvão, subscritas pelos seus mais antigos e competentes biógrafos, como Nicolau António, João Soares de Brito e outros, fazem entre si pequena diferença e podem-se sintetizar perfeitamente no escorço biográfico que nos dá Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana* (13), e que Luís de Pina transcreveu no seu referido trabalho (14). No entanto, esta biografia é de pequena monta para nós, pois pouco serve para o fim que temos em vista.

Mais alguns elementos fornecem os trabalhos de D. Luísa da Fonseca, extraídos de documentos existentes no Arquivo Histórico Ultramarino e que a referida senhora publicou em vários números de uma revista, os quais porém, em nosso parecer, são igualmente de insuficiente valia (15).

Do conjunto de dados que acabámos de referir, extraiu o P.e Mathias C. Kiemen um pequeno resumo biográfico, que publicou na sua dissertação de doutoramento (16). Este estudo oferece-nos algumas notas que permitem seguir os movimentos de Frei Cristóvão nos onze anos que passou a evangelizar os índios do Maranhão. Não devemos omitir este pormenor, pois o frade refere ter estado doze anos nessa província (17), engano que tem fácil explicação.

No entanto, de tudo quanto foi escrito até hoje sobre o custódio do Maranhão, nada se assemelha ao que encontrámos de fols. 183 a 191 v.º de um códice existente na biblioteca da Casa de Cadaval e que por ser inédito vamos transcrever na íntegra (18).

Esse códice, com a cota M VII 19a, tem na lombada os dizeres *Notícias, dos Severins e Farias* (19) e parece ter sido escrito pelo sobrinho de Frei Cristóvão, Gaspar de Faria Severim, segundo a autorizada opinião do P.e Frei Leite de Faria.

Christouão Seuerim filho 3º. de Gaspar Gil Seuerim 2º. no officio de Executor mor E o 2º. de sua 2ª. molher Irmão de françisco de faria Seuerim E de Manoel Seuerim de faria, do qual prometemos fazer particular memoria. Nasçeo em lixboa 5.ª feira 25 de Iulho do Anno de 1583. dia de São Christouão com cuya deuassão lhe puzerão seus pays Este nome por lhe não tirar o que o Sancto lhe tinha dado. Criou se em Caza de Seu pay athé Idade de noue Annos com boa doutrina, E aprendendo o prinçipio da latinidade, nesta o mandou seu pay em Companhia de Seu Irmão Manoel Seuerim para Estudar E aprender em Euora, Com as Letras o Exemplo, E doutrina de Seu tio Baltezar de faria Seuerim Chantre daquela Seé de cuyas partes temos por ueses feito menção. Aqui Continuou Cristouão Seuerim com as Letras humanas na Vniversidade que há naquella Cidade E chegou com perfeição a Phelosophia, a tempo que entendendo milhor outra mais Superior que ensina a desprezar as maiores Esperanças da uida pellas Çertezas da Eterna. E tendo christouão Seuerim muitas de Suçeder a Seu tio naquella Rendosa dignidade porque o criaua Elle para deposito de Seus trabalhos E meressimentos todauia largando tudo E sem se aconselhar mais que Com o Spirito que o emcaminhaua persuadio por Companheiro a hum criado de Caza. em cuyo animo achou desposissão para Esta Iornada E só Com elle sem dar outra Conta a parentes pello que Custuma de, ordinario impidir o amor dos Homens as Inspirassois deuinas Vsando o Inimigo dellas athé da Capa da affeição E

---

(13) Diogo Barbosa Machado — *Biblioteca Lusitana*, 2.ª edição, tomo I, Lisboa, 1930, pp. 569-570.
(14) Luís de Pina — *Ob. cit.*, p. 8.
(15) *The Americas*, vol. VII, 1950, e vol. VIII, 1952.
(16) Mathias C. Kiemen — *The Indian Policy of Portugal in the Amazon Region, 1614-1693*. Washington, 1954. Devemos o conhecimento da existência desta obra à gentileza do nosso Amigo e distinto historiador Frei Francisco Leite de Faria, que além disso nos forneceu todas as referências que possuía sobre Frei Cristóvão de Lisboa, quer em relação com a documentação existente na Casa de Cadaval, quer na Torre do Tombo e Biblioteca Nacional, permitindo-nos assim apresentar alguns dados inéditos sobre o frade e a sua *Historia dos animaes*.
(17) Luísa da Fonseca — *The Americas*, vol. VII, Outubro, 1950, n.º 2, Washington, pp. 216-220.
(18) Este códice não foi referido no óptimo catálogo *Os Manuscritos do Arquivo da Casa de Cadaval Respeitantes ao Brasil*, de Virgínia Rau e Maria Fernanda Gomes da Silva, Coimbra, 1956.
(19) À extraordinária gentileza da Senhora Marquesa de Cadaval, a quem apresentamos por esta forma os nossos respeitosos agradecimentos, devemos a possibilidade desta transcrição.

amor natural para desemcaminhar o que uem Com prinçipios açertados, E nũa madrugada em 23. de feuereiro do Anno de 1602 se foi meter Capucho no Conuento de Santo Antonio de Portalegre da Prouinçia da piedade. Era christouão Seuerim neste tempo muito mançebo, E de Condição pouco branda, E assim Espantou aos que o souberão Esta Rezolução tam secreta, mas Como hia emcaminhada por forsa superior, não Reparou em nada E com o mesmo spirito continuou naquelle Santo Estado, E nelle professou na mesma Prouincia da Piedade; porem teue depois nella tanta falta de Saude, que lhe mandarão seus Superiores que se paçasse a Prouincia de Santo Antonio do mesmo habbito do mesmo Instituto E defferentes só nas terras em que tem mosteiros que a da Piedade se entende por Alenteyo E Alguarue, E a de Santo Antonio por Ribateyo athé entre Douro E minho em cuya melhoria deSitio tornou a sua antiga despoçissão a frei christouão de Lisboa que asim se chamou Cristouão Seuerim na Relligião a Vso da Piedade onde Conceruão os sobrenomes das Patrias, assy Como noutras dos Santos E deuassois a que mais se inclinão.

Nesta Prouincia Estudou frei christouão o que lhe faltaua das artes e Theologia, E foi preguador nella Com muita asseitação dos ouuintes, Sahio de seus sermois a Lux hum que pregou na festa do gloriozo São Iozé na sua Caza de Sancto Antonio de Lisboa, o qual satisfez de maneira aos que lho ouuirão que lho fez emprimir seu sobrinho Gaspar de faria Seuerim Executor mor deste Reyno no Anno de 1625.

Emcômendou neste tempo a Magestade de El Rey Dom Phellippe o 2º. a noua Comquista do maranhão contigua ao grande Estado do Brazil aos Relegiosos desta Prouincia de Santo Antonio para Irem derramar nella a Semente do Sagrado EVangelho dando a conheçer o nome de Deus aquelles barbaros em que apenas se deixa uer que ha Vso de Rezão. Pareceo Esta empreza de grande Conçideração aos Prellados daquella Rellegião por ser a Comquista de hum immenso numero de Almas para o Çeo as quais se hauião de Redusir mais com Exemplo de uida E custumes imculpaueis que de sy persuadem melhor que os argumentos E questois Theologicos, E tratando de mandar pessoa em que se achasse o que era neçessario para a grandeza da ocupação Se offereçeo frei christouão uoluntariamente a Ella, desterrando se a pedimento proprio, dos amigos dos parentes, E da Patria, por anelar a Seguranca da Eterna, E animosamente Leuando frades, E todas as mais Couzas necessarias para o a que hia, E para Selebração do Culto deuino naquellas partes tão Remotas delle, E Iuntamente com os poderes da Inquicissão para Lá acudir as Couzas tocantes a nossa Sancta fee, como Imquizidor appostolico. Partio de Lisboa com nome de Costodio do maranhão dia de nossa Senhora da Anunçiassão. 25. de marso do Anno 1624. em Companhia de Françisco Coelho de Carualho que hia por Gouernador daquella noua Comquista Com dous nauios Em que ele leuaua E outro de que hera Capitão Manoel de Souza de Eça com quem o Costodio se embarcou, E nauegando em 2. Graos depois da Linha emcontrarão tres nauios de jnimigos, indo só o de manoel de Souza que se tinha desgarrado o do Gouernador o que uendo o Padre frei christouão Esforsou de maneira aos soldados pondo se no meio do nauio com hum Crucifixo nas maos que elles se puserão animosamente com as Armas E prepararão de mo (sic) *o nauio, que os Inimigos conhessendo o conçerto E cuidado Com que Estauão Se forão noutra volta deixando o Liure, E os soldados e mais gente delle, Conhessendo que deuião esta boa fortuna a dellegencia E animo do Padre frei christouão.*

Cheguarão ao Brazil em 2. de maio daquelle Anno Com prospera Viagem, E dezembarcarão em Pernambuco onde breuemente chegou a noua de Ser tomado pellos olandezes, a Cidade da Bahia de todos os Sanctos, Com que o Gouernador Françisco Coelho de Carualho, Com a gente de Guerra que hia para o maranhão se houue de ficar naquella forsa preuenindo o poder chegar a ella algũa parte da Armada olandeza que Estaua na Bahia, Com que tambem se resolueo o Padre frei christouão a seguir sua Iornada pois não era a Comquista a que hia de menos Importancia que a dos olandezes por ser de Almas que buscaua para o Çeo, E assy em hum barco da terra partio para o maranhão em principio do mes de Iulho, E passando pello Çeará Comessou a Espalhar a Semente

do Euangelho por aquellas partes deixando aly dous Relligiosos, que prinçipiarão Com muito feruor aquella deuina Çementeira

No Çeará Esteue o Padre Custodio quinze dias E no fim delles se partio para o maranhão onde chegou dia da tranfiguração (sic) *do senhor a 16. de Agosto, E agazalhando se Com os Seus frades nas cazas de hum deuoto Chamado Pedro Godinho, fez logo de madeira hũa Jgreja Iunto a Ellas com tanta pressa dia de São Lourenso que uem a dês daquelle mes que se selebrou a primeira missa nella Com tanto gosto dos que a dezião e dos moradores daquela noua planta deste Reyno que uião ir se enriquisendo com estes moradores da gloria que lha uinhão aludar a ganhar.*

Foi a primeira ocupação do Custodio a Saluação das Almas E assy tratou Logo deste negossio. Como só ao que hia E de uolta Escolheo Luguar para mosteiro por não Ser rezão que aquelles relligiosos Estiuessem sem o recolhimento, E clauzura que professão E achando hum sitio muy acomodado Edificou nelle hum Conuento a que chamou Samta margarida por Ser muito deuoto desta Sancta E para Elle se mandou no primeiro de feuereiro do Anno seguinte de 1625. Com proçissão publica, E grande contentamento dos que hião, E dos que acompanhauão, E pello discurso do tempo se acabou Esta Caza de modo que Está hoye Com tanta perfeição E conçerto que admira pudesse hauer em terra tão apartada E Remota do culto politico

Leuaua o Padre Custodio do Brazil com os poderes de Imquizidor os do Ecclesiastico daquellas partes para que Iuntamente acudisse ao remedio das Almas aos Gentios, E aos moradores do maranhão E Gram pará, E paressendo lhe, depois de prouer as Couzas do Maranhão, que as do Gram pará neçissitauão muito de Sua asistençia, porque tambem Leuaua a Sua Conta fazer aly hũa Caza de Relligiosos, Se detriminou a Ir pessoalmente a Esta Iornada, E Escolhendo os Relligiosos neçessarios se partio para aquellas partez. Hé a distançia das terras muita os Caminhos nenhuns, E por Elles nenhum prouimento mais que o que lhe ministrasse a boa Reputação em que os Indios tem aquelle habbito, E assy por alguas partes em que os não hauia lhes faltou de modo que padesserão grandes neçessidades. Depois passando por luguares mais pauoados os forão festegando (sic) *os Indios de maneira que alem de lhe fazerem grandes prezentes, hião em sua Companhia mais de 80: Canoas delles atauiados ao Seu modo. Com as maiores Gallas que Custumão, que uem a ser muitas penas, E pinturas pello rosto E corpo Com que se fazem Gallantes na sua Reputação, E medonhos E Espantosos a uista E com Este aCompanhamento hia o Custodio entrando em todas as Aldeas por que paçaua. E detendo se nellas como pareçia que pedia a neçessidade dos que aly achaua E desposissão que uia nos animos dos naturaes para receberem o bautismo, a muito dos quais o hia dando, E a outros dispondo para que da uolta. E nas missois que detriminaua fazer, o podessem reçeber. Com estas ocupassois E com esta multidão de Indios que seguião o nome da uertude Sem outras Esperanças nem gazalhado, que o que Ella tras Comsigo, Chegou o Custodio em 29, de Abril de 625. a Cidade de Belem do Gram pará, onde pellos Indios, E pellos da terra foi Leuado a Jgreja em que Ia se agazalharão outros frades do mesmo abito, que dista hũa Legoa da praya entre arcos de aruores que os Indios lhe hião fazendo, chegou a Jgreja, E acompanhado de mais de 20V* [mil] *delles que hião diante Com grandes musicas E festas ao seu modo, foi a Ella dar Graças a Deus das merçês que fazia aos que seguião, inda que com tanta differença, Suas paçadas, pois bastaua o nome de Apostolo de aquellas partes para fazer tão festegado E bem recebido de tão Exçessiua multidão de Gente que seguião o que pareçia bem, Sem mais proua de o Ser, que as poucas obras boas que pode faser hum Relligioso Capucho, E inda em terras tão remotas E faltas de todo o socorro humano E piedade christã.*

Aqui comessou o Custodio a tratar as Cousas da Jgreja ordenando as dos Seus frades, E uisitando aos Seculares Com os poderes que para Jsso Leuaua de modo que breuemente redusio aquella uinha do senhor a muy differente cultura, do que nella achara, E paressendo lhe que comuinha passar auante, porque cheguasse aquelles aredores a Semente EVangelica que hia a Samear nelles, Se embarcou pello Rio aSima, aLem do

Parâ, notauel, por muitas, E admiraueis couzas que nelle ha, hũa das quais hé emcherem nelle as mares em 3. ondas Somente tão grandes cada hũa, que bastão para fazerem 3. o mesmo Cressimento nas agoas, que nas outras partes Custuma Cauzar a continuação das seis oras em que Sobem as mares, pellas margens de todo Este Rio foi o Custodio fazendo Seu offiçio que era Catiquizar E preguar, E mostrar Com Exemplo E obras, o que que persuadia Com as palauras, E por elle asima chegou athe os Tocantins, que hé hũa Gente barbarissima, muy aGigantada, E que trazem tamanhas Cabeleiras, que lhe chegão aos Calcanhares. Catiquizou, o Custodio a muitos, E desterrou aos mais a ambição de seus ritos E Sirimonias, de modo que pode fabricar hũa Igreja na melhor Aldea das deste Rio, E por Elle asima chegou ao mais Longe que podia Ser, E a partes onde the então não aportara Portugues algum, descobrindo aquellas nouas regioes a Esta Coroa e a do Çéo as Almas de muitos daquelles barbaros, que deixou com o Lume da uerdadeira Patria Selestial.

Andando o Costodio nesta missão ueio ter com Elle o Capitão Françisco Teixeira que uinha de Lançar os Olandezes Rebeldes de hum porto que tinhão feito naquela Costa, E trazia Com hũa muito honrada Vitoria alguns prisioneiros hereges, pregou lhes o Custodio, ouui os, argumentou lhes, E como a uerdade Se a querem uer Se amostra Sempre, e ouue de lha Reprezentar de maneira que deixando sua apostasia Se conuerterão E Reduzirão a Igreja Catolica, E alguns ficarão moradores naquellas partes feitos mansas ouelhas do Rebanho do Senhor os que de antes erão Lobos maiores inquietadores delle. De Volta desta Iornada se deteue o Custodio no Pará os dias que bastarão para uisitar, E Reformar as Couzas da Igreja naquella Capitania E deixando tudo mui redusido, E posto em muy boa ordem, Se tornou com os mesmos ricos (sic) *E trabalhos da Iornada para o Maranhão.*

Não quietaua o Custodio tanto que acabaua o que tinha que fazer da ocupação a que fora aquellas partes, E assy se deteue pouco no Maranhão que como teria mais politica em parte que as outras daquelle Gouerno neçessitaua menos de sua doutrina, E presença, pello que se detriminou em Ir reformar ao Seará E ayustar os dous frades que aly deixara a Continuar a pregação daquellas partes. Dista o Seará 200. Legoas do Maranhão, as quais intentou nauegar por mar, mas Como a Costa hé asperissima, E as embarcassois em que hião Canoas de mui pouco porte, aribarão a terra depois de paçarem grandes tromentas no mar. E asy se ueeo a resoluer em fazer a Iornada pello Sertão por hultimo Remedio. Hé a gente que nelle habita barbarissima E nús (sic) *uerdadeiros Imitadores dos animáes mais agrestes, porque fazem a mesma uida que elles, não tem nenhũa Casa nem pouoação, andã uagantes pellos matos E aonde os toma a noite ahy fazem a Sua Cidade Sem terem outro mantimento, mais que o que Cada dia lhe aprezenta o mato E a Casa, E sobretudo são Inimigos dos demais Indios, Como menos partisipantes da Rezão, E emtendimento E assy mais apartados de toda a conuerçassão E amizade. Leuaua o Custodio por Companheiro o Vigario do Maranhão, hum frade Leigo, Seis Portuguezes, E 30. Indios, E com Este Exerçito Guiado do animo de Saluação daquellas Almas Se atreueo a Ir paçando ualerosamente as terras daquelles barbaros Inimigos. Elles os Cometerão por ueses, E lhes dauão batalhas ao Seu modo, ao que o Custodio acudio Com grande uallor, andando Sempre na dianteira dos Seus apanhando lhe as Setas, E nestas Reuoltas forão muitos dos nossos feridos, em outras Roubados, passando o Custodio tudo Com grande animo E esperanças em Deus E padessendo sobre Estas preçiguissois grandes fomes, E necessidade chegou ao Seará. Aqui uisitou o Custodio os Seus frades E dando nouo Callor a pregação E Reformação das Couzas deuinas Se uoltou ao Maranhão em Companhia do Gouernador Francisco Coelho de Carualho que naquelle tempo chegara aquelle porto uindo de Pernambuco embarcando se Com o Prouedor mor Iacome Reymundo de Noronha E tendo muitas E muy arrisCadas tormentas no Caminho em que o Custodio foi de grande proueito aos Companheiros chegarão a Saluamento ao Maranhão.*

O Descanso que o Custodio tomou destes trabalhos tanto que tornou ao Maranhão, foi Ler hum Curso de artes E Teologia aos Seus frades para fazer mais ministros

naquella Vinha do Senhor preguando Iuntamente Comfessando, e acudindo a tudo Com particular Cuidado E uigilançia. Acabou perfeitamente a Sua Caza, e açerca della, de modo que Se pareçe em muito com as mais polidas, E ornadas do nosso Portugal. Fez Cazas de nouo para os frades, na Aldea em que Custumauão Estar outra no Comuta, outra no Caite que são paragem em que os Rellegiosos fazem suas deuinas Sementeiras para o Ceo. Fez tambem outra no Para aonde tornou duas ueses a uisitar, a Vltima foi no Anno de 630. em que a deixou perfeita, E uindo se para o Maranhão Continuou Com Suas Custumadas ocupassois todas do Seruisso de Deus. E de mistura muitas tambem do Seruisso de Sua magestade fazendo que Seus ministros acudissem Como deuião a Seus offiçios, E com Estas ocupassois, depois das quais se tornou para a Sua Prouinçia no Anno de 1635. E nella uiue Com grande Exemplo, E em cheguando a Ella foi Elleito Guardião do Conuento de Sancta Catarina da Carnota Çelebre E conhessido em todo o mundo pello notauel aruoredo E asperissimo Rochedos em que Está Edificado, E no primeiro Capitolo o fizerão definidor da Sua Prouinçia. emprimio no Anno de 1638. hum Liuro de Sermões de uarios Sanctos, que foimuy bem Reçebido de todos. Tem Composto alguns Liuros sobre a Escritura obras de grande trabalho E Erudição que Sairão com o fauor de Deus a publico, E mostrarão o muito que o Padre frey christouão alcançou desta Sancta faculdade.

O documento que parcialmente acabamos de transcrever esclarece-nos com suficientes pormenores a vida do custódio do Maranhão, desde a infância até à data do seu regresso a Portugal, realizado em 1635, e dá-nos a certeza de que estes dados biográficos foram escritos posteriormente a 1638, isto é, poucos anos depois desse regresso. O biógrafo, no entanto, parece que com receio de que os pormenores que fornece possam ser levados à conta, quer de partidarismo, quer de fantasia, resolve dar-nos ainda mais pormenorizada notícia da acção de Frei Cristóvão, escrevendo o que segue, em continuação:

Desta Iornada do Padre Custodio frey christouão de Lixboa ao Maranhão, Escreue miudamente o Padre frey Vicente do Saluador nũa Historia Geral que compos do Brazil, E por nos alustarmos mais Com a uerdade poremos as mesmas palauras que tocão ao Padre frey christouão.

Capitolo 29. de como Mathias de Albuquerque, depois que reçebeo a prouizão do Gouerno, tratou do Socorro da Bahia, E fortificação de Pernambuco onde deteue a Francisco Coelho de Carualho Gouernador do Maranhão que hauia ahy chegado do Reyno E com Elle os nossos frades que seguirão sua uiagem Com o Seu Custodio.

Reçebida por Mathias de Albuquerque em Pernambuco a prouizão do Gouerno do Brazil na uaguante de Diogo de Mendonça furtado, fez Logo hũa Iunta dos officiaes da Camara, capitães, Prellados das Rellegiões, E outras pessoas Calificadas, sobre se uiria em pessoa a socorrer a Bahia, o que por todos lhe foi contradito, assy porque não bastaria o socorro que della podia trazer para Recupera la, Como pello perigo em que deixaua Estoutra Capitania de cuya fortificação, E deffençõo se deuia tambem tratar, pois uião arder as barbas de Seus uisinhos, Com a qual Resolução mandou Logo Antonio de Moraes que de cá hauia hido, E achado no Caminho hum grande pedasso dE Ambar, tornasse por terra com algum socorro de Soldados com Suas Armas E monissois fazendo tambem tornar outros que emcontrasse pello Caminho, E assy chegou ao Arayal Com hũa boa Companhia; o Gouernador Se ficou fortificando a Villa de Olinda com muita delligencia çercando toda a praia E pondo nella Soldados Com Seus Capitães em as Instançias necessarias, como tambem fez no Rio tapado hum terso de Legoa da Villa E ao pao amarello que dista della duas legoas, E hé porto onde podem entrar Lanchas e Pataixos, E porque o do Reçife hé o prinçipal onde Estão os nossos Nauios, E duas fortalezas que São as chaues de todo Pernambuco pedio a Francisco Coelho de Carualho Gouernador do Mara-

nhão que pouco hauia aly cheguado do Reyno não quisese em aquella occazião seguir sua viagem para o Maranhão emcarreguando lhe o dito porto, E pouo do Reçife E gouerno delle sobre o qual ambos Escreuerão a Sua mag.de que Se houue disso bem Seruido E por Esta cauza Se ficou aly françisco Coelho de Carualho Com 3. Companhias de Soldados que do Reyno Leuaua, E Iuntamente com Elle Seu filho Felliçiano Coelho de Carualho, Manoel Soares Seu Sargento mor, Iacome de Reymondo Prouedor mor do Maranhão. E Manoel de Souza de Eça Capitão mor do Pará, E mandou Sô hum barco ao Maranhão Com alguns Velhos e molheres no qual se embarcou o nosso (20) *Irmão frey Cristouão Seuerim que hia por Costodio Com quinze frades, des que trazia da Prouinçia E Sinco que se lhe ayuntarão desta Custodia do Brazil, a quem tambem o Administrador de Pernambuco, que emtão era o D.tor Bertolameu Ferreira Laguarto deu poderes de Vigairo Geral, E prouizor, Como os trazia do Sancto offiçio para reuer E qualificar os Liuros, o que tudo era muy neçesario em aquellas partes. Partirão do Reçife a 12. de Iunho de 1624. E aportarão aos 18. do mesmo mes na emceada de Moraripe 3 Legoas de Ceará donde os ueio buscar o Capitão Martim Soares moreno para o forte em que se detiuerão quinze dias saCrementando os brancos E doutrinando os Indios de Suas Aldeias que aLy estauão, com os quais deixou o Custodio Dous Relligiosos por Requerimentos que o capitão lhe fez para quietação dos Indios que Com Esperanças de alcança los os hauião athe ly sustentado. os mais cheguarão ao Maranhão a 6. de Agosto onde comessarão a Edeficar hũa Caza E Igreja de taipa, em que Se dixe a primeira missa no Anno seguinte dia de nossa senhora das Candeias aIudando Deus a obra Como Sua Com alguns milagres notaueis, hum foi que dizendo os pedreiros que para Se Rebocarem as paredes erão neçessarias 60. pipas de Cal, E não hauendo mais que 25. com Ellas se Rebocarão E sobeyarão ainda 17. pipas. não sem grande admiração dos officiaes, que Com Iuramento affirmarão ser millagre. outro foi, que trasendo se para a obra em hum Carro hũa muy grande E pezada traue, Cahio o carreiro* (21) *que hia diante, E paSando a Roda do Carro por Sima delle, Com todo aquelle pezo não lhe fez dano algum, mas Logo se leuantou são E proçeguio sua carreira, ficando lhe só o sinal da Roda no peito impresso por onde lhe passou para proua do milagre.*

Nem trabalhou menos o Padre Costodio em o Edefiçio Espiritual das Almas que em a uisita achou Estraguadas, E na conuerção dos Indios o mesmo fez no Pará onde Redusio a Paz, dos Portugues (sic) *os Gentios tocantins que Escandalisados de aggrauos que lhes hauião feito, Estauão quaze Rebellados, E Leuou Comsigo os filhos dos prinçipais para os Doutrinar E domesticar. Prohibio com Excomunhão uenderen çe os Indios forros, Como fasia dizendo que so lhes uendião o seruisso. Queimou muitos Liuros que achou dos Françeses Hereyes, E muitas Cartas de tocar, E orassois suprestisiosas de que muitos Vsauão, Apartou os amanssebados das Comcobinas. E fez outras muitas Couzas do Seruisso de Nosso Senhor E bem Das Almas não sem muito trabalho E persiguissois que por isto padesseo, Sabendo que São bem auinturados os que as padessem pella Justissa* (22).

Nesta mesma Historia torna o Autor a fallar no Costodio frey christouão, E Diz delle.

Estaua em Ceará a Esta çezão o Padre frey christouão Seuerim Costodio do Maranhão cheguado de poucos dias depois de hauer paçados muitos no Caminho, porque ueio por terra padessendo grandes fomes, Çedes, E guerras dos Gentios Tapuias, Areches, E Vruatis que duas ueses o Saltearão E lhe matarão hum Indio dos que trazia em sua Companhia E lhe ferirão treze, com mais 3. brancos Portuguezes, mas Com Serem os Jnimigos em numero muitos mais Sem comparação os poucos nossos E seis brancos Arcabuzeiros ajudados E animados pello Padre Custodio lhes tiuerão os emcontros tão ualerozamente que emfim

---

(20) Segue riscada a palavra *Custodio*.

(21) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.

(22) Este capítulo, com ligeiras diferenças de leitura, está publicado na obra de Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*, 3.ª ed., revista por Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia, Comp. Melhoramentos de S. Paulo, s. d., p. 535.

se Liurarão delles, deixando lhes tambem dos Seus mortos alguns E feridos, E cheguarão ao Ceará onde o Costodio E seu Companheiro aGazalharão com muito Respeito E caridade a dous Padres da Companhia de Jezus que hião com o gouernador françisco Coelho de Carualho, E daly se embarcarão, E partirão todos para o maranhão, na qual uiagem depois de hauerem passado o baraço das Tartarugas, por não leuarem pillotos praticos na Costa forão dar sobre huns baixos Com hũa grande tromenta em que se uirão perdidos, mas quis nosso senhor que hião as agoas de lançamento, com o que, E com aligarem algũa Cargua dos barcos puderão nadar, E seguir sua Viagem athé o maranhão, onde o Gouernador, E os que com Elle hião forão bem Reçebidos, E onde os deixaremos a outros Historiadores que Escreuão suas obras assy porque Sua mag.de tem Ia apartado aquelle Gouerno deste do Brazil de que Escreuo, como porque Eu tambem uou dando fim a Esta historia ([23]).

Desta vez é que o biógrafo vai terminar a longa citação, não sem que acrescente alguns elementos mais, e estes de muito interesse para o nosso estudo. Escreveu ele:

Athe qui são palauras do Autor que Referimos em proua do que temos dito do Padre Costodio frey christouão o qual compos das Couzas do Maranhão hum Liuro que ainda não Sahio a lux, Com grande noticia de toda a Geographia E diserpsão (sic) *do Gouerno do Maranhão, com a das plantas, Animaes, E homens, Seus Custumes E ritos, Suas inclinassois, Suas Guerras E tudo o mais que se pode Saber delles athe o prezente E com a Rellassão dos Suçessos, descubrimentos Guerras, E Gouerno dos nossos Portuguezes desde a primeira entrada que fizerão naquellas partes, athe o tempo prezente, obra de grande trabalho E Coriosidade, Com que o Autor mostra bem que Vio, E que Sentio o que Soube Escreuer.*

Este extenso documento, que acabámos de transcrever, agora totalmente, conjugado com outros e com elementos subsidiários que encontrámos, vai levar-nos a tentar reconstituir alguns passos da vida de Frei Cristóvão de Lisboa, sem que essa reconstituição pretenda ser, por qualquer forma, uma biografia completa. Será, antes, uma tentativa para reunir todos os elementos dispersos que nos permitam formular um parecer, o qual, embora não seja definitivo, nos aproxime o mais possível da verdade total, a respeito do códice.

Verifica-se que, depois de uma infância e juventude normais para a época e de lhe ter sido marcada uma orientação de vida, Cristóvão Severim entendeu por bem modificar essa orientação. E de forma tão notável, que terminou por se oferecer para ir ao Maranhão, tendo essa oferta sido apresentada na corte de Madrid sob a forma de escolha feita pelos seus confrades, como se deduz da carta que, em 9 de Junho de 1622, D. Duarte enviou a Frei Cristóvão:

Muito estimei a boa Eleição que os padres dessa prouincia fizerão em Vossa Paternidade para a fundacão da custodia que no maranhão se ha de fazer, assi porque o exercicio tão Sancto em que Vossa Paternidade uay ocupado he muito para enuejar, como porque espero em Deos que por meo de Vossa Paternidade E dessa Sagrada religião ha de ser seruido de obrar grandes augmentos em sua Igreija nessas partes, E grandes marauilhas na fundação da fe em Ellas, E assi dou a Vossa Paternidade o parabem de tudo com muito grande gosto, E espero que Vossa Paternidade me auise assi de sua partida Como de tudo o mais que na Jornada, E na terra lhe suceder com o mais que Vossa Paternidade Julgar que eu posso dezejar saber della, mandando me juntamente muitas occasiõis em que eu possa mostrar o desejo que tenho de seruir a Vossa Paternidade Com

---

([23]) É transcrição que igualmente está publicada na obra de Frei Vicente do Salvador, constituindo a parte final do capítulo 48.º; há também pequenas diferenças de leitura. (Frei Vicente do Salvador — *Ob. cit.*, p. 612).

mui boas nouas de sua Saude que eu festejarei tanto quão grande he em mim a obrigação de dezeja las tais. Nosso Senhor etts. De Madrid E Junho. 9 de 1622 — Dom Duarte (24).

Também o duque de Caminha quis felicitar o frade por lhe ser entregue a fundação da Custódia do Maranhão, tendo escrito nesse sentido uma carta, a qual porém está datada de modo a poder causar erros. No entanto publicamo-la, por nos ajudar a mostrar a conta em que eram tidas as coisas do Brasil e a competência de Frei Cristóvão:

Soube como Vossa Reverencia, por ordem de S. Mg.e, hia áo Maranhão fundar noua costodia da sua Prouinçia, & dou a Vossa Reverencia os parabens desta jornada; por o muito seruiço que espero que aly faça à nosso senhor, E por o meo que ha de ser de S. Mag.e fazer em Vossa Reverencia mayores Eleições, & porque sou affeicoado às couzas daquella terra, estimarey muito escreuer me Vossa Reverencia muitas uezes, dando me nouas do discobrimento della, & de suas coriozidades, que Vossa Reverencia muy bem saberá notar, / & descobrir / com as que folgarey de ouuir sempre da saude de Vossa Reverencia, & assi estimarey auizar me do que ouuer de seu contentamento. Deoz guarde a Vossa Reverencia de Villa uiçosa a 7. de Mayo de 626./. — O Duque: — (25).

Difícil se apresentava a missão de Frei Cristóvão na nova província, onde tanto havia a fazer e a corrigir. Extenso era o território daquela unidade administrativa, que então englobava o Ceará, Piauí, Pará, Amazonas e Maranhão, território que havia sofrido a perniciosa influência dos Franceses, com largo descrédito dos Portugueses. Por essa razão é que o custódio, antes de partir, fez ao rei as duas petições, que já são conhecidas (26), como acto preparatório da actividade proteccional dos índios, que iria procurar realizar. A última das petições, devidamente informada por Gaspar de Sousa, mereceu um despacho do rei, de 7 de Março de 1624, que nos mostra encontrar-se o custódio ainda em Lisboa nesse primeiro trimestre do ano de 1624 (27). E só chamamos a atenção para este facto por Frei Cristóvão ter assinalado que partira para a sua província em 1623 (28).

Sobre a actividade religiosa do custódio do Maranhão, não nos fazemos eco da extensa conta que dela nos dão vários autores. Supomos dever apenas referir que um dos aspectos dessa actividade foi o de pretender exterminar todos os vestígios da presença anterior dos Franceses, levado até ao extremo de queimar *muitos livros, que achou dos franceses herejes, e muitas cartas de tocar e orações supersticiosas...*, como é referido na biografia que atrás transcrevemos (29).

Assim, o facto de ter encontrado na província tantos livros franceses deixa-nos na dúvida sobre se Frei Cristóvão de Lisboa teve conhecimento, ainda em Portugal, antes da partida e enquanto se preparava para a sua árdua missão, da existência do opúsculo intitulado *A Chegada dos Padres Capuchinhos à Nova Índia, Chamada Maranhão*, publicado em França em 1612 e que até 1614 teve várias edições, e ainda da obra *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas* que o frade capuchinho francês Claude d'Abbeville publicou em Paris em 1614 (30); ou se só obteve esse conhecimento na própria província do Maranhão, para onde os frades capuchinhos portugueses teriam sido enviados, exactamente pelos êxitos obtidos pelos Franceses e relatados na história em referência.

---

(24) Arquivo Nacional da Torre do Tombo — *Cartório de Santo António dos Capuchos*, maço 6.

(25) Idem — *Idem*, ibidem.

(26) Luísa da Fonseca — «Two Petitions of frei Cristóvão de Lisboa, O. F. M. custos of Maranhão, to the King (October, 1623)». *The America*, vol. VIII, Janeiro (1952), pp. 357-359; Kiemen — *Ob. cit.*, pp. 29-30.

(27) Arquivo Histórico Ultramarino — *Maranhão*, papéis avulsos, cx. n.º 1, de 1610-1643. Citado igualmente por Kiemen (*ob. cit.*, p. 31, nota 40).

(28) *Jardim da Sagrada Escritura*, p. 11 da primeira paginação.

(29) Citado no *Santuário Mariano*, IX, 363-365, segundo também nos indica Kiemen (*ob. cit.*, p. 37, nota 59).

(30) Claude d'Abbeville — *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et Terres Circonvoisins*, Paris, François Huby, 1614. Edição fac-similada de Akademische Druck-u. Verlagsanstalt. Graz/Áustria, 1963.

É nosso convencimento que, fosse como fosse, a leitura desta última obra, ou a informação segura do que ela continha, foi a causa do desejo, desde então acalentado por Frei Cirstóvão, de publicar igualmente uma história da província, que poderia resultar muito mais perfeita, pois Claude d'Abbeville estivera sòmente quatro meses no Maranhão, tempo insuficiente para obter elementos que dessem margem a obra de verdadeira valia.

Para tanto resolveu socorrer-se dos conhecimentos do irmão, o historiador e chantre da Sé de Évora, Manuel Severim de Faria, ao qual pediu indicações sobre o modo como havia de redigir a história. É esta nossa suposição baseada não só num manuscrito de Severim de Faria intitulado *Partes e Preceitos da História* (31), mas também numa velada referência ao facto, existente numa das cartas que Frei Cristóvão escreveu do Maranhão ao irmão.

Vamos transcrever os manuscritos a que nos referimos, assinalando devidamente todas as passagens que mais particularmente nos chamaram a atenção (32). E esclarecemos que, no primeiro, Severim de Faria refere-se com precisão à história do Maranhão, dirigindo o discurso a um religioso, e cita o socorro naquela data enviado; só lhe faltou, para a insinuação ser clara, incluir o nome do irmão na cópia que juntou à colecção dos seus manuscritos e que chegou até nós. No entanto, se o documento não for lido com cuidado e se não se estabelecer o elo de ligação entre os dois irmãos, parece escrito para marcar as directrizes que Severim de Faria adoptaria para escrever, ele próprio, a referida história.

Assim pensou Barbosa Machado, que no artigo dedicado ao célebre historiador, e quando refere o manuscrito *Partes e Preceitos da História*, claramente diz: *Nele refere a ordem com que distribui a do Maranhã, que estava compondo* (33), o que, como se verá, é erro; e assim pensaram muitos dos autores que depois se referiram a Severim de Faria (34).

A Historia he huma narracão de sucessos uerdadeiros pera ensinar a bem uiuer.
As partes da Historia são Exordio, Discripsão, Digressão, Oração, Elogio, Discurso, Iuizo Pronostrico, Sentensa.

EXORDIO.

O Exordio he o principio no qual depois de hũ breue preambulo propoem o Historiador a materia que ha de tratar a causa por que escreue a rezão que tem de saber a uerdade do succedido. e engrandece a necessidade da tal historia, e o fruito que della se pode tirar.

DISCRIPSÃO.

He Oracão em que o que se trata se representa aos olhos de maneira que parece que se ue na Descripsão das Prouincias dir se hão as demarcacões climas, Religião gouerno, Politico, Riquezas naturais, e aqueridas, § na Descripsão dos cercos os sitios, das fortalezas, a repartição dos capitais, o lugar do exercito contrario. § na Descripsão das batalhas a Diuisão dos esquadrõnis nomes dos capitanis sitios dos campos a causa da uentagem, ou desuentagem, e donde nasceo a uitoria ou a perda Tambem se faz Discripsão de hum homem, fonte, Rio, ettc.

---

(31) Não é do nosso conhecimento a existência de qualquer publicação que contenha este documento. Se existir, embora lamentemos a repetição, não podemos sentir qualquer arrependimento por o republicar, dada a necessidade que há do seu mais vulgarizado conhecimento.

(32) Nas transcrições assinalaremos com tipo diferente as passagens em referência.

(33) Diogo Barbosa Machado — *Biblioteca Lusitana*, 2.ª edição, tomo III, Lisboa, 1933, pp. 362-368.

(34) A referência feita na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVIII, Lisboa, s d., pp. 613-615, não conta, porquanto é a transcrição quase exacta do artigo de Barbosa Machado.

DIGRESSÃO.

He sair da ordem da narratiua pera dar claridade e ornamento a historia. Fas se descreuendo as Prouincias, de que se ha de tratar pera dar noticia ([35]) *ao que se disser ou* ([36]) *de algũa historia antecedente de que nasceo o successo presente.*

ORAÇÃO.

He pratica que se faz em nome de algũm capitão ou pessoa da historia. Ha de ter as seis partes que a Rhetorica manda que são, exordio, narracão Diuisão, Confirmacão, Confutacão Conclusão, não sera nunqua comprida mas breue chã e o melhor he não ser recta senão obliqua que he não falar por primeira pessoa senão pella terceira disendo, Disia o Capitão tais Rezois etc. E guarde sempre o decoro da pessoa que falar.

ELOGIO.

He hũa breue narracão em louuor de alguem. Vsa se della quando se ha de tratar de algũa, principal pessoa da historia ou quando algum capitão morre e se disem as partes de sua pessoa qualidades e uirtudes.

IUIZO.

Se faz quando se discorre sobre qualquer feito prouando ou reprouando breuemente o acertado ou errado sem parecer que se calumnia a ninguem e assim se ha de fazer com destreza e gualhardia em commum.

DISCURSO.

He hũa Deliberação Vniversal que não pertenca a cousa determinada como se conueria que hum Rei deixasse a Recuperacão de hũa Prouincia propria por remediar outra alhea E este Discurso se fas com as mesmas seis partes da Oracão atras ditas e serue pera se eleger o mais util nelle se uza de comparacois ou cousas desiguais e Exemplos. Não ha de ser o Discurso sentencioso, nem com palauras desabridas senão pertendendo sempre mostrar a uerdade com animo igual.

PRONOSTICO.

Do Discursa se passa ao Pronostico inferindo do presente e passado o que podera depois uir a ser. O que se faz considerando a qualidade e quantidade das cousas tempos, disposicão de lugares, Authoridade das pessoas. donde se arguem os bõos, ou maos effeitos que podem resultar.

SENTENSA.

Para a narracão não ser uulgar deue de ter sentencas porque fazem grauidade authorisão e mouem. He a Sentenca Oracão que em breues palauras mostra o que ha ou ha de hauer na uida. Pera isto seruem tambem apotemas de pessoas illustres. mas não os Adagios. porque tem muito de uulgar e humilde.

([35]) Esta palavra está entrelinhada. Tem riscada a palavra *claridade*.
([36]) Seguem riscadas as palavras *pera noticia*.

LEIS DA HISTORIA VNIUERSAL.

1.ª Não dizer falsidade.
2.ª Dizer toda a uerdade sem sospeita de amor, ou odio no que escreue.
3.ª Guardar a ordem dos tempos dizendo as cousas quando socederão apontando não so os annos, mas, os mezes e dias nos principios e fins das cousas sucessos notaueis.
4.ª Referir os conselhos e nos casos graues não só dizer o que succedeo, mas so como; nos efectos diga as causas por que procederão se de prudencia, temeridade, ou acaso, e dos homeens não somente dirá as obras, mas os costumes e engenho, porem de modo que se não faca odioso.
5.ª A narratiua sera cham clara, e igual, as palauras graues, e não humildes.
6.ª Será breue mas dira sempre tudo o que for digno de se saber e de que possa resultar utilidade.

ORDEM COMO SE TRATARA A HISTORIA DA MARANHÃO DOS PRECEITOS ACIMA DITOS.

Deue se repartir esta Historia em tres liuros.
O Primeiro liuro da Descripsão e cousas naturais da terra.
O segundo do socedido, nella, ate a entrada deste socorro.
O terceiro do mais que soceder até a conçlusão da Empreza.

ORDEM DO PRIMEIRO LIURO.

Comecará o Exordio com hum breue preambulo, logo proporá a materia que ha de tratar. a rezão por que a sabe sua grandeza e utilidade.

Introduzirá logo hũa Digressão. pera dar noticia da Região em que dirâ suas demarcacois, altura, clima, montes, Rios, cousas notaueis naturais. como fortes, fruitos, plantas, minarais, animais terrestres, aues, peixes, feicões dos homeens seus costumes Religião politica, milicia, discursando sobre o que a terra pode dar de si aos conquistadores e ao Reino as despesas com que se pode sustentar as conueniencias que disso há pera uer o que fica sendo mais util. Porem nas materias da guerra fortificacois e de Estado naõ dirá a sentenca em seu nome senão referindo a ao que dizem ou disserão os praticos naquella Arte. Mas o que toca ao fruito esperitual e *conuersão e esperancas que pode hauer dos engenhos dos gentios* dirá em nome proprio.

2.º LIURO

No 2.º Liuro se dara noticia do primeiro descobrimento que fizeraõ da Prouincia os Castelhanos antigamente da nauegacão de Orelhana e das mais que uão escritas, do Liuro de Francisquo Lopes de Gomara. e como a deixarão por ser da demarcacão de Portugal. a pouoacão dos filhos de Ioão de Barros. como uierão depois os Francezes aquellas partes as fortalezas que fizerão as conquistas e comercios, que intentarão a entrada dos Portugueses naquelas partes recontros que tiuerão com os Francezes como os botarão do Maranhão e o mais socedido ate o Estado presente em que estauão, quando chegou este socorro.

3.º LIURO.

Comecara com a narratiua deste socorro escreuendo particularmente os nomes dos capitãis numero de nauios, gente, armas, Bastimentos, ordens principais, que leua o capitão socorro esperitual. de menistros. eclesiasticos com o successo da uiagem desta armada Desembarcacão Reformacão da terra nouas conquistas e tudo o mais ate a Conclusão da Empreza.

ADUERTENCIAS GERAIS.

Escreuer se hão sempre em qualquer empreza não somente os nomes do Capitão, mor, e particulares mas ainda dos fidalgos, e pessoas nobres Eclesiasticas, graues, ainda que não leuem cargos, Tambem se escreuerão todos os nomes dos que morrerem pois o fazem pella fee e Republica e neste mundo não tem outra satisfacão maior que a immortalidade da Historia sendo este hum dos principais fins por que foi instituida.

No dizer os uicios dos particulares seia mui aduertido e nunqua se deuem descreuer senaõ quando forem totalmente necessareos referirem se. lembrando se sempre daquella licão de Apelles que retratando a Phelippe o pintou de meio rosto de maneira que lhe não ficauão uendo o olho cego. e assi todo o defeito que se puder dissimular sem faltar na uerdade da Historia se faca.

Não se han de referir Historias particulares que não toquem ao publico nem os odios e rancores dos cidadaõis (sic) *hũs com outros. senão quando forem causa de algum publico mal. O Autor falara de si as menos uezes que puder e quando o fizer sera em ocaziõis grandes, que lhe passassem pella maõ ou quando nomea os que entraõ na empreza e sempre com modestia naõ escreuerá de si por primeira pessoa mas por terceira nomeando se como qualquer outro homeem da Historia.*

Deue imitar a Salustio e a Frei Luis de Sousa Do 1.º tomará o modo das Digressõis Discripsõis Oracõis e breuidade. Do segundo a Phrase Portuguesa e a materia dos iuizos e sentenças porque inda que estas partes da Historia se uem em Salustio como em sua fonte por ser o Principe dos Historiadores contudo como o Author da do Maranhão he Religioso *importa que estes iuizos e sentensas imprimão uirtudes e esperito nos Leitores.*

Entrara a largueza das oracois de Salustio por se accommodar ao estyllo presente Porque ainda que em tempo dos Gregos e Latinos se uzauão muito hoie como cousa extraordinaria molesta se não he breue. A melhor Oracão de todas he a de Mario ao Pouo. quando pedio o consulado a esta se deue imitar.

Nas Descripsõis seia mais Larga que Salustio Porque como as Prouincias do Maranhão saõ pera nos cousa tão noua deseca se dellas mais particular noticia do que em tempo dos Romanos se requeria de Africa.

Guarde se muito d'escreuer por encarecimentos, e pera isto euite os superlativos e uze dos nomes posetiuos e nunca compare disendo Vg. He a melhor terra do Mundo a mais esforcada de toda Hespanha ettc. Mas dirá que a terra he sadia ou muito sadia, e que tal soldado he muito ualente ettc.ª Nunqua acrescente epitetos aos substantiuos senaõ quando for necessareo expremir mais algũa cousa de que elle significa ([37]).

Severim de Faria não assinalou a data em que escreveu este documento e é difícil para nós, só pela posição no códice, localizarmo-lo no tempo. O documento situado antes dele e o imediatamente posterior têm a data de 1622. Ora se os documentos tivessem sido coleccionados cronològicamente, poderíamos afirmar que Frei Cristóvão de Lisboa fora para o Maranhão já preparado para fazer a sua história, o que é muito possível, dada a repercussão que haviam tido o livro de d'Abbeville e os seis índios tupinambás que os franceses Rasilly e d'Abbeville haviam apresentado, quase simultâneamente, nas ruas de Paris.

Mas se não foi escrito nessa data, foi-o com certeza antes de 1627, pois na carta que Frei Cristóvão enviou ao irmão, e que vamos transcrever, escrita no Maranhão em 20 de Janeiro de 1627, fez o frade uma velada referência ao cumprimento dos preceitos da história, quando disse «o certo é que *como nos dizeis* a verdade é alma da história».

([37]) Biblioteca Nacional de Lisboa — Severim de Faria, *Obras Várias*, códice 917, Fundo Geral, fols. 35-38.

De Seara uos escreui largamente depois de chegar aqui por Indias de Castela mas porque estas Cartas tem muito que correr primeiro que cheguem as uossas mãos, e por que o aliuio que tenho he escreuer uos faco esta pelo Brasil, e por tres uias. e Como as Cartas são tantas e as mais por minha maõ escriptas E eu estou mal desposto, Serei nesta mais breue do que quizera. naõ uos faço mencão do que passei, porque estas uaõ em companhia das de El rej em que em Summa digo, o necessario para Collegirdes o que cá passo, e faço mas crede me que por milagre sou uiuo, naõ só porque ui a morte diante dos olhos muitas uezes, nos perigos em que animosamente me pus pelo Seruiço de Deos, e de Sua Magestade mas principalmente pelas afflicões, molestias e Cudados, que me daõ as exorbitancias, e excessos destas gentes, porque são maiores estes perseguidores que a Igreia ca tem, que os herejes no leuante, nem os Turcos em toda Asia E naõ basta soffrer, nem dissimular grandes offensas. de Deos senaõ que querem que os ajudeis nellas, que mintais, que iureis falso, e se naõ são logo nossos imigos [capi]ttaes. *as Cartas del rej pelo que ca uejo são necessarias irem na forma em que uaõ. naõ se lhes pode diminuir nenhũa palaura, se uos parecer passe hũa destas uias das tres que uaõ á Dom Diogo de Castro que esta em Castela e ua aberta para que elle a ueja, E por Sua ordem se dem, Se algúa couza destas não encontra os termos que no mundo correm. Eu depois que uos escreui do Seara me embarquei, tiue hũ cruel naufragio dando em hũns baixos de noite com grão tromenta uinhamos cento, E tantas pessoas, todos me cercarão para Confissão, os mares que me daução, e a gritta que a gente fazia me não daua lugar, a entender pessoa algũa, mas deo me Deos animo para acudir alijar, e fazer alijar o que nos empachaua, inda que isto me ouuera de Cauzar a morte porque cahi por uezes no Conues, e ouuera de ir ao mar com as ondas que me daução cortou se o masto, cresceo a mare, fiquamos em nado, e a outro dia nos uimos cercados de baixos, sem* (38) *agoa para beber porque se arrombou tudo, quis Deos dar me conhecimento da terra, leuei a embarcacão hũ tiro de falcão por hũ Rio assima onde fizemos agoada de sima da embarcacão; tomamos a agoa que ella fazia porque abrio na tormenta. e dahi a dous dias porque as mares hião de lançante pas*[*sar*] *por entre os baixos a saluamento, uiemos ao Perea onde nos aiuntamos a frota e em toda ouue que contar, e que chorar successos da tormenta passada fiquo agora no Maranhão bem auelhentado com os trabalhos corporaes, e principalmente com os dalma porque ate o pasto do Sacramento nos falta, porque o uinho que el rej manda dar para as missas o não dão Seus ministros nem a terra tem algũ tão miserauel esta. &.*

Ja uos escreui que não ouue Couza que tanto me Contentasse como o uosso liuro assi pela erudicão como pela excellencia do estillo, comtudo quero uos fazer hũa aduertencia que he que uos não fieis de relacões que uão de barra afora porque quasi todas uão alheas de toda a uerdade porque da linha para Cá rara he a pessoa que a trate metto nesta conta tambem os padres da Companhia que tem por grangearia informar bem, ou mal das pessoas, e assi o liuro do Guerreiro, no que toca á Bahia da treicão, se oppoem ex diametro a ella aqueles capitães não esperarão mais que a primeira carrega, com morte de tres Soldados fugirão tão desordenamente que forão largando as armas pela mata, e só. 13 Soldados iuntos achou o nosso gouernador que então com a sua gente foi aquelas partes, e he isto couza mui clara, e euidente, e de quem ninguem duuida, nem os mesmos Capitães dizem outra couza, dizeis me que o nosso gouernador rompeo o imigo elle confessa que não foi tal, nem ouio; sinco legoas esteue dele com hũ Rio no meo, mandou Antonio de albuquerque (39) *em demanda de hũns olandezes que lhe dizião entrauão pela terra dentro a furtar gado, e os nossos se embaraçarão tanto, com hũ homem morto que acharão, que tomarão outro caminho mui difirente, sem especularem o rasto do Caminho que o imigo leuaua, mandarão pedir socorro por hum padre da Companhia que aqui está E o gouernador lho não mandou antes disse que estaua arrependido deles irem, e que*

(38) Segue, cortada, a letra *b*.
(39) Segue uma letra riscada.

os mandaua buscar, com isto se deo lugar ao imigo ir ao Engenho de Antonio de albuquerque queima lo rouba lo, e matar algũa gente que achou, e isto he só o que passou, e o que confessa o mesmo gouernador, e todos com elle, as duas Cartas que me destes dos padres da Companhia não tem palaura, que contenha uerdade sendo algũas tão alheas do certo que basta chegar hũ homem a estas partes para o alcansar. li as aqui para hũ certo proposito, que me era necessario diante de huns Seculares, e se escandalizarão tanto, com as poucas uerdades da Carta que me foi necessario por escrupulo de Consciencia não as ler mais a ninguem dizeis no uosso liuro que o gouernador mandou Manuel de Souza comigo no barco e elle fiquou la, e dahi foi a Bahia, e agora ueio em hũa embarcacão com elle, o certo he que como nos dizeis a uerdade he alma da historia, e *desacredita muito qualquer Couza destas porque daqui inferem o mais; fiai uos só das informacões que de Cá uos mandar porque sou mui cioso do Credito, com esta uos mando, os recontros que tiuerão os nossos, com* [*os*] [*es*]*trangeiros que estauão no Curupa;* e tirei o Caderno dos que uou fazendo da historia destas partes não me fiqua original mais que as relações escriptas e ouuidas o estilo limareis uos la, que Eu não tiue tempo para isso, e guardai mo. este original uai mui aiustado com a uerdade, *não digo mais que as necessarias para a historia calando o mais e dizendo, o menos, uai tambem a relacão de tudo o que fis com outra desta Conquista, e da do Pará, e dos indios della nesta podeis acrescentar algũa couza do grande fruto que se fas neles, que nisso uou diminuto, de tudo escolhei o que uos parecer para mandardes ao Duque, e a Dom Duarte,* porem estes papeis uão so por hũa uia porque sou pessoa occupadissima não tenho quem me treslade, meu Companheiro assas fas em escreuer o que escreue *mando tambem as amostras de todos os paos, as das cabaças que he a baixela dos Indios no Pará hũa Cortiça, de hũ pao que cheira se uos parecer mandar* (40) *algũa Couza destas a estes dous senhores na forma em que uão* (41) *o fazei porque com isto me paresse cumpro com a obrigação de lhe mostrar as Couzas da terra,* o tratado das Aues plantas, peixes, e animaes. ando apurando e Concertando e uai isto debuxado tambem, e não se pode arriscar porque iá o não hei de poder tornar a reformar, *as cartas que escreuo a estes Dous senhores uão de modo que tudo o que lhe mandardes acerca das relacões paresse que* (42) *as acompanha* (43) *& uão duas cartas asinadas em branco para escreuerdes a estes senhores ou a algũ outro em meu nome Frei Vicente frade da nossa Custodia do Brasil me mandou dizer que escreuia a historia do Brasil, foi tão honrrado que me mandou pedir algũa couza das que ca fizemos para as enxerir nella, mandei lhe a relacão de todas, e agora 4 milagres authenticos pelo que deuo a ordem. e pelo que ambos deuemos a nossa familia estimarei que se faça mencão de nos, e que assi lho escreuais e eu lhe escreuo que uos o estimareis muito* (44) *para a ordem basta escreuer se que sou frade porem no que toca a familia não fiqua de proueito algũ a Comemoracão que de mim se fizer, se não tocarem na familia de que sou para que com isto os que nos succederem nela, se animem a seruir a Deos e a seus principes, em nenhũa destas pratencões tenho uaidade algũa, e só zelo me moue que não me lembra mais que a morte que trago mui diante dos olhos, e que sey que não ha de tardar muito mas meus intentos são bons, e não encontrão estes pensamentos pelo que uos os deueis com effeito fauorecer; &.*

Se aCazo me não tem uindo Successor. mandai me a encommenda de ferramenta (45) *que uos mandei pedir e iuntamente hũa pouca de massa* (46) *de pirolas de gera de galeno, com a receita. E materiaes de que se fazem para que eu ca as componha porque são muito boas para os olhos, e não abalão a natureza e esta terra he pessima para a uista, e eu ando maltratado dos olhos.*

---

(40) Segue riscada a palavra *the.*
(41) Estão entrelinhadas as palavras *a estes dous senhores na forma em que uão.*
(42) Seguem riscadas as palavras *da que as acompanhão,* e, entrelinhadas, as letras *fab.*
(43) Estão entrelinhadas as palavras *as acompanha.*
(44) Estão entrelinhadas as palavras *e eu lhe escreuo que uos estimareis muito.*
(45) Estão entrelinhadas as palavras *de ferramenta.*
(46) Seguem riscadas as palavras *de pilolas.*

Nesta terra tenho ia feito hũ mosteiro com dous dormitorios e todas as officinas necessarias telhado, e sobradado paredes porem de taipa feitas entre esteios de pao, porem rebocadas, E caiadas, a cerca por hũa parte acerca o mar pela outra tenho hũa horta muito boa com duas fontes mui curiosas muita aruore de Espinho, e das que a terra da, comtudo estamos em summa miser [aueis] das Couzas de portugal não tendo habitos nem cubertas nem huns pannos menores para uestir, nem azeite para huas mezinhas nem guardanapos para nos alimpar E o peor de tudo naõ termos uinho para dizermos missas. Eu sinto mais que todos estas pobrezas porque como prelado sinto a falta de todos em me uindo successor. ditermino partir me logo inda que seja por indias he iornada de quinze dias e dahi passar na frota a Seuilha por me segurar de ladrões que são infinitos á minha Jrmam escreuo E o fis de Seará Deos uos goarde desta Caza de santo Antonio do Maranhão em 20 de Ianeiro de 1627. annos. encomendo uos muito nosso sobrinho gaspar de faria que representa a nossa familia e em que se hade perpetuar alem de que por suas partes e procedimentos merece todo o fauor e aiuda.

Vosso catiuo E irmão fr. Christouão de lixboa

na nossa ordem se fas a quinta parte das chonicas (sic) *seria acertado por honra de Deos E da nossa prouincia e arte ser de rasão o escriptor de que sabereis por uia dos obseruantes E fazerdes com que na chonica uenha o que Ca fis para o que uos uão os milagres authenticos* (47) *que o mais basta mandardes a narração que eu uos mandei tirando de tudo que uos parecer e acas authorisada uai pois a mando a el rey Ca ha este so mosteiro no Para hua aldeia com hũ recolhimento Curão os religiosos esta E uisitão muitas outras E de ordinario hua que esta dahi a 4 legoas aqui curão todas aldeias tirando hua que a uisetamos não asistimos nella por falta de frades os quais nesta Custodia são 20 o mor persegidor que Ca temos he Luis figeira padre da Companhia E ia o foi dos nossos frades no Brasil aqui me tem feitos contra os que tenho tantos conluios que nem soldado usa de tais desaforos perdoei lhe tudo e passado 47 dias atras ia ho ui ter feitas Cousas indigna de repetirense uão huas contas E sinete para uos E hua pele de tigre pequeno e as capelas que os indios usão nas festas* (48).

Como acabamos de ver, é nesta carta que encontramos as mais preciosas indicações sobre o códice de que vimos tratando e sobre a história do Maranhão; vamos até focar especialmente algumas passagens dignas de cuidadosa atenção.

Cremos ter Frei Cristóvão enviado ao irmão, nessa data, algum original da historia: *tirei o caderno dos que vou fazendo da historia destas partes não me fica original mais que as relações escritas e ouvidas o estilo limareis vós lá que eu não tive tempo para isso e guardai-mo...* E mais adiante esclarece que não tem quem lhe faça cópias das cartas que escreve, porque *meu companheiro assás faz em escrever o que escreve*, o que significa que o companheiro empregava a sua actividade em escrever qualquer outro assunto de importância. Quanto ao *tratado das aves plantas peixes e animais ando apurando e concertando e vai isto debuxado também, e não se pode arriscar porque já o não hei-de poder tornar a reformar.*

Também nesta carta dá a notícia de que *Frei Vicente frade da nossa Custódia do Brasil foi tão honrado que me mandou pedir alguma coisa das que cá fizemos para as inserir nela*, o que nos mostra que em 1627 ainda Frei Vicente do Salvador não havia concluído a sua *História do Brasil* e só depois dessa data a enviara para Portugal, a fim de Manuel Severim de Faria a apreciar, o que deu margem a que seu sobrinho dela incluísse dois capítulos na biografia de Frei Cristóvão (49).

---

(47) Esta palavra está entrelinhada.

(48) Esta carta tem à margem: *para Meu irmão.* Biblioteca Nacional de Lisboa, Fundo Geral, cx. 29, doc. n.º 29. Foi também publicada por Barão de Studart — *Documentos para a História do Brasil e especialmente a do Ceará*, vol. II, Ceará - Fortaleza, 1909, pp. 211-216.

(49) Ver p. 14 deste trabalho.

Como acabámos de ler, o custódio guardou os seus apontamentos, cuidadosamente coleccionados, até ao regresso a Portugal. Demorou este ainda, pois só alguns anos depois do triénio que inicialmente lhe havia sido imposto obteve autorização do colector apostólico para regressar a Lisboa. Mesmo assim ia sendo castigado, por se ter levantado a dúvida de legalidade da viagem de volta, como se lê em uma inquirição de Dezembro de 1635, feita após a sua chegada a Portugal ([50]).

Uma vez em Lisboa, Frei Cristóvão, embora mantendo toda a sua actividade religiosa, depois de ter sido guardião da Carnota, definidor da província e guardião do Convento de Santo António de Lisboa, chegando até a ser bispo eleito de Angola, não deixou de continuar a dedicar-se, em nosso parecer, ao seu estudo sobre o Maranhão, embora dele se afastando um pouco por algum tempo, devido às necessidades impostas pelas lutas da independência, em que teve um pequeno papel ([51]). Assim, continuou a escrever a obra histórica a que deu o nome de *História, natural e moral do Maranhão*, que reuniu em quatro volumes. Para o capítulo relativo à fauna e flora, chegou até a mandar reproduzir em gravura dois dos desenhos que possuía, a fim de verificar se a reprodução ficaria de molde a merecer a sua aprovação.

Faltavam-lhe porém os meios materiais para a realização do projecto e, embora fossem muitas as promessas, chegou Frei Cristóvão a uma fase em que, sentindo aproximar-se o fim, resolve deixar escrito qual era o seu desejo, transparecendo ou adivinhando-se na carta em que o faz a ânsia de o querer ver satisfeito e a dúvida de que tal chegue a realizar-se.

É deste modo que temos de interpretar a carta que deixou ao reverendo padre Frei Diogo de Penalva, ministro provincial da Província de Santo António, que com a indicação *Carta em que frei Christouão de Lixboa escreueo ao Prouinsial estando para morrer sobre os seus liuros*, e data de 1650, aparece na documentação do Cartório de Santo António dos Capuchos:

Muito Reuerendo Padre Eu Como homem pouquo ponderado Gastei o Principal de minha uida, Em letras e Compor liuros. Dous Volumes fis da sagrada Escriptura, que estam imprimindo se Em mão do Empresor. Paulo Crasbec. estam 150 cruzados Em mão do Senhor Chantre nouo fica dinheiro para a mesma obra que elle por sua uerdade dira, E as nara D. Joana de faria minha Irmã para a mesma obra lhe forão Entregues 35 cruzados poquo mais ou menos o que ella diser por sua uerdade, o Senhor SeCretario meu sobrinho tem hũ pouquo de dinheiro o quoanto elle dicer por sua uerdade. &. o Secretario da mesa do Passo, o Senhor pero sanches. Deue a esta Impressão 1010 cruzados porque seu pai os recebeu Em Madrid, da mão dú mercador de Indias que mos deu para esta impresão; e Como se meteu frade Arrabido eu ó não quis descompor, sperando que se pagace o Senhor SeCretario meu sobrinho dira o que nisto á por cuia uerdade se estara; supposta esta sóma é bastante dinheiro para se accabarem de imprimir os dous liuros. Tambem Hum filho de Andre Velho da fonceca, lhe entreGaram Em Madrid duas pedras de Bezar, Hũa caixa de pastilhas. com hũ cofre, de Tartaruga Guarnecido de prata que me derão hus portuGueses, quoando me dispedi da Abanna mas nunqua este DesembarGador que esta no porto pos em ordem dar satisfasão a cousa algũa destas para o dar a algũa casa da prouinsia ou Maranhão que foi o intento do dante.

As pedras de Basar me derão para mim de todas estas Cousas pode Vossa Paternidade Dispor como administrador dellas. Em que eu nuqua presumi ter Dominio algum, porem pesso e Rogo muito encarrecidamente (sic) *a Vossa Parternidade por ó amor com que sempre ó amei, por o zello que mostra em suas acssois do seruisso de Deos, Honra e aumento desta santa prouinsia, que ira continuar com esta Impressão, pois nella se trata da Conuersão das Almas, do dezemgano do mundo, louuores dos Santos, e a prouinsia*

([50]) Arquivo Nacional da Torre do Tombo — *Cartório de Santo António dos Capuchos*, maço 7.
([51]) Idem — *Idem*, livro 7.

não teue ate Gora quem escreuesse liuros subtiais, (sic) *porque se occuparão em aiuda espiritual e não em estudos como Eu fis*

Compus tambem a Historia, natural e moral do Maranhão em Quatro volumes, trabalhei no que se compadecia com a Historia aproueitar no espiritual, e temporal aos que a lecem prometeu me Antonio de Albuquerque 100 cruzados para ella por ueses; Estymarei que Vossa paternidade queira faser hũa supplica ao Principe a quem o dediquei, que mandando me Sua Mag.de dar 100 cruzados cada anno do Bispado donde me Ellegeu postos na mão do Sindico, se podem Gastar nesta impressão em faser se que sera Gloria de Deos & honra da prouinsia para este liuro mandei faser trinta e tantas estampas, das que troixe tiradas pello natural, que troixe nú liuro, o quoal dei a Ioam Bauptista oriues do ouro, o quoal fes duas estampas que me parece lhe estam paGas, pode continuar com as mais se Vossa paternidade for seruido. Bem veyo as muittas occupassois de Vossa paternidade e a pouqua saude, mas tambem emxerGo Claramente, que accodem com sua prudentia e zello, a todos os neGoceos da prouinsia, e assim accodirá á estes meus. EnComendandos ao padre frei Gabriel Deffinidor, que com o fauor que Vossa parternidade lhe der. e Com o que a de achar Em todos meus Parentes que estam entrados na Graça do princjpe, e por seu zello e amisade fara tudo o que Vossa paternidade e Eu speramos delle.

o Capitam Baltesar Rodriguez de fontes me deu o sitio de Graça em que fundei o Conuento do Pará, e me prometeu me auia de aiudar, a sair com este liuro do Maranhão a lux: Eu lhe prometi De fazer mensão delle, depois de me uir, foi este capitam promouido em a Capitania do Comutá e depois dos Tonquantis, Esta memoria se Eu a não deixar feita no liuro o Irmão deffinidor frei Gabriel esta a sua Conta fase la. E pesso a Vossa paternidade me perdoe meus deffeitos e me lance sua Santa bensão, — Subdito de Vossa paternidade frei Christoução de Lixboa — Bispo eleito ([52]).

Concluído este pequeno contacto com a biografia de Frei Cristóvão e alguma documentação existente, que a ele e à sua obra diz respeito, supomos atingida a altura de expor as conclusões a que chegámos.

Frei Cristóvão de Lisboa foi mandado fundar uma Custódia na nova conquista do Maranhão. Não importa averiguar se a razão dessa ordem foi a necessidade da Espanha em não permitir que o estabelecimento de Franceses em qualquer ponto da costa ameaçasse as rotas marítimas e o Brasil. Mas para Frei Cristóvão o problema era político e religioso, pois havia toda a conveniência em mostrar que as expressões insultuosas para os Portugueses, existentes no livro de d'Abbeville, não tinham qualquer fundamento, até porque o cirurgião francês de Lastre, que acompanhara Raverdière, os classificara de *gente tão honrada* ([53]).

Interessa-nos portanto imaginar que o ilustre frade teria reagido, muito naturalmente, e pensado em apresentar uma história da conquista, na verdadeira acepção, feita nos moldes do Renascimento, embora com um ligeiro sabor de historiografia medieval.

Uma vez estabelecido tal projecto e como dele fazia parte um capítulo sobre a fauna e a flora da região, é evidente que Frei Cristóvão procuraria realizar, completamente, esse capítulo, e tal como o idealizara, durante o tempo em que desempenhasse as funções para que fora proposto, o que equivalia a ter de aproveitar bem o período de três anos, estabelecido com a sua nomeação.

Baseado neste facto e nas conclusões que se tiram da carta escrita pelo frade ao irmão, em 20 de Janeiro de 1627, podemos afirmar que a colecção dos desenhos e do texto que os acompanha foi realizada de *1624* a *1627*.

É esta, portanto, sem qualquer margem de dúvida, a data do códice que estudamos.

A cultura universitária de Frei Cristóvão era sólida, mas sob o ponto de vista teoló-

---

([52]) Arquivo Nacional da Torre do Tombo — *Cartório de Santo António dos Capuchos*, maço 6.

([53]) De Lastre — *Histoire véritable de ce qui s'est passé de nouveau entre les Français et les Portugais en l'isle de Maragnan au pays des Toupinambous*. Citado em Claude d'Abbeville, *ob. cit.*, ed. de 1963, p. XI.

gico. Não era uma cultura que lhe permitisse escrever sobre flora e fauna, utilizando os mais modernos preceitos científicos da época; também, segundo parece, não possuía dotes artísticos suficientes para elaborar os desenhos que nos legou. Assim, teve de se socorrer de ajuda alheia, e não sabemos se para tal teria concorrido algum dos seus companheiros. Não no-lo indicou Frei Cristóvão de Lisboa.

Evidentemente que o facto de não ser autor dos desenhos não tira merecimento ao ilustre frade, que foi sem sombra de dúvida o primeiro a iniciar uma época brilhante para o estudo da história natural do Brasil. Também Guilherme Pisão claramente esclareceu *anexei gravuras tiradas ao natural pelo desenhista que viajava comigo pelos sertões* (54), desenhista que era o seu *auxiliar D.* (55) — lembramos no entanto que o célebre pintor holandês Albert Eckhout fazia parte da Missão Nassau (56) —, e nem por isso se pensa em que esse facto possa fazer desmerecer o seu labor.

O texto não foi, igualmente, escrito por Frei Cristóvão. É possível que tenha sido recolhido pelo confrade a que se referiu em carta, o qual escreveria o relato feito por algum português, discorrendo sobre as espécies desenhadas e outras, que lhe surgiriam na memória. Parece-nos que devia ser europeu (57), profundamente conhecedor da região por nela viver há muitos anos, sabendo muito bem a língua nativa e que havia contactado com os franceses (58). Supomos ainda que fosse pessoa de modesta condição, segundo se depreende da simplicidade do descritivo, da forma de expressão e de algumas observações espontâneas indicativas dessa condição (59).

Um facto nos parece necessário referir. Apesar das numerosas afirmações de nacionalidade portuguesa, que se lêem no texto, encontrámos no conteúdo deste, de longe em longe, além das referências a França, uma ou outra palavra escrita à moda francesa, de que para nós parece ser exemplo concludente a palavra *serizes* em vez de *cerejas* (60). Isto faz-nos pensar que o colaborador de Frei Cristóvão tenha sido um português que contactou bastante com os franceses, tendo-lhes fornecido muitos dos elementos que, mais tarde, veio dispor em prol do célebre custódio.

Frei Cristóvão, porém, não se limitou a entregar o códice à clarividência de quem com ele colaborou. Escreveu o índice, corrigiu os nomes das espécies que estavam deturpados em alguns desenhos, substituiu até um deles por outro (61), juntou aos desenhos uma ou outra observação que entendeu (62), ouviu possìvelmente o parecer de algum botânico sobre a planta coral (63), corrigiu no texto o que lhe pareceu e tudo guardou para ser publicado.

Fez mais ainda: inseriu, ou mandou inserir, no códice, espécies da flora e fauna do Pará, concedendo-lhes lugar separado. Este aspecto, que só nos é revelado pela leitura cuidada, confere à obra uma característica especial e sobressalente. Teve também o mérito, quanto a nós, de sempre pretender chamar as espécies pelos nomes nativos e não pelos nomes portugueses, embora muitas vezes a eles faça referência. E isto dá ao seu trabalho um sabor local mais precioso.

Tudo guardou para publicar, dissemos atrás, mas não foi bem assim.

Quando pela primeira vez lemos o códice com atenção, classificámo-lo de uma espécie de *borrão* ou de livro de apontamentos. E não nos tínhamos enganado, como vamos ver.

Frei Cristóvão, em dada altura, resolveu mandar fazer duas gravuras dos desenhos

---

(54) Guilhermo Piso — *Ob. cit.*, p. 8.
(55) Idem — *Idem*, p. 145.
(56) Zacarias Wagener — *Ob. cit.*, p. 25.
(57) Várias são as expressões que confirmam esta e as notas seguintes. Vamos referenciar algumas das que colhemos a esmo, como a que refere neste passo, a fol. 166: *de nossa europa.*
(58) Por exemplo, a fol. 179 v.° diz: *os franceses levavam desta terra.*
(59) A fol. 180 v.° pode ler-se: *para fazer latadas para os fidalgos.*
(60) Ver fol. 179.
(61) A metade inferior de fol. 56 foi colocada para substituição do desenho por outro: *coelho que tem feição de rato.*
(62) Por exemplo, no fol. 149, a observação: *menos saidas as pontas*; no fol. 159, outra: *desta palma saem os melhores palmitos.*
(63) No desenho da planta coral. V. Códice, fol. 117.

que desejava publicar, entregando-as à competência de João Baptista ([64]). Resultaram boas, diz-nos o padre, pelo que se podiam entregar ao mesmo gravador as *trinta e tantas* restantes ([65]). Isto significa que Frei Cristóvão escolhera, entre os duzentos e cinquenta e nove desenhos que conseguira reunir no códice, trinta e tantos para publicar, o que prova o acerto da nossa previsão. Mais ainda, os trinta e tantos que referiu seriam, de facto, quarenta e quatro, que tantos são aqueles em que figura, escrita por sua mão, a palavra *estampa*, aparecendo ainda em mais sete a mesma palavra riscada. A circunstância de termos observado a existência desta palavra, coordenada com as indicações que o custódio deu na sua última carta, levam-nos a tirar a conclusão confirmativa do nosso parecer.

Quis a fatalidade que não chegasse a ser publicada a *História, natural e moral do Maranhão* de Frei Cristóvão de Lisboa, a qual mostraria, no capítulo das árvores, peixes, aves e animais, belas imagens e curiosos descritivos. Desapareceu o original, supõe-se que em incêndio surgido durante o terramoto de 1755. Mas porque fora entregue a mestre João Baptista e por ele possìvelmente fora guardado, o códice dos animais e árvores do Maranhão foi desviado de um destino inglório, surgindo felizmente agora aos nossos olhos, para seu deleite.

Pode assim mostrar-se que foi um português o primeiro europeu a recolher, com carinho e devoção, alguns desenhos da fauna e flora do Maranhão e Pará do século XVII, com descrições sem grande valor científico, algumas das quais, porém, não desmerecem de outras subscritas por consagrados cientistas, quando em simples confronto.

Quis ainda a nossa boa estrela que Frei Cristóvão soubesse e pudesse coleccionar tão grande número de desenhos e tão expressivas descrições, e que essa colecção não tivesse desaparecido na voragem da ganância, pior do que a voragem do tempo, para poder ser trazida a público com todos os pequenos defeitos da sua extraordinária grandeza.

*

Averiguada a data em que o códice foi organizado e antes de o dar a conhecer na sua reprodução exacta, uma vez que desejámos relacioná-lo com outras obras, parece indicado referirmo-nos, com mais alguns pormenores, aos trabalhos mencionados no início deste pequeno estudo e a alguns outros que com ele têm igualmente vários pontos de contacto.

Dissemos do interesse que o Brasil tem demonstrado pelas fontes inciais do conhecimento da sua história natural, promovendo a tradução das obras de d'Abbeville, Pisão, Margrave e Wagener, em que figuram capítulos sobre a flora e fauna brasílicas, ou a elas quase especialmente dedicadas, como seja o caso da *História Natural do Brasil*, de Jorge Margrave. São obras que, embora conhecidas há muito, ùltimamente chamaram mais a atenção dos estudiosos.

Mas outros trabalhos há em que os capítulos dedicados à flora e fauna do Brasil assumem aspectos de valia, uns dos fins do século XVI, outro do início do século XVII. Queremos referir-nos às *Cartas* do P.e Anchieta ([66]), à *Notícia do Brasil* de Gabriel

---

([64]) A referência que Frei Cristóvão de Lisboa faz ao gravador João Baptista tem certa importância como achega inédita complementar à biografia, ainda incompleta, desse notável artífice do século XVII. É achega — facto curioso — que também interessa ao Brasil, como se verifica pela leitura dos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, onde o Dr. Ramiz Galvão faz um estudo da colecção preciosa, especialmente iconográfica, que foi de Diogo Barbosa Machado e existente nessa Biblioteca Nacional. Em nota refere-se a João Baptista como o gravador que assinou os retratos de D. João IV, do marquês de Marialva, etc. Tudo isto vem referido pelo general Rodrigues da Costa, no seu extraordinário e perfeito estudo sobre o referido artífice e para cuja biografia completa procurou exaustivamente a maior soma de elementos. Surgem, assim, nesta carta de Frei Cristóvão, as duas preciosas indicações de que, antes de entrar para a Casa da Moeda, como abridor de cunhos, era João Baptista *ourives de ouro* e fez duas gravuras tiradas do códice exactamente, segundo supomos, entre 1642 e 1650, datas em que se desconhecia qualquer actividade do notável gravador e para que Rodrigues da Costa chama a atenção. (J. C. Rodrigues da Costa — *João Baptista, Gravador Português do Século XVII (1628-1680)*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925).

([65]) Carta de Frei Cristóvão ao padre provincial, p. 25 deste estudo.

([66]) P.e José Anchieta — *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. Civilização Brasileira, S. A., Rio de Janeiro, 1933.

Soares de Sousa ([67]), ao *Tratado da Terra do Brasil e História da Província Santa Cruz* de Pêro de Magalhães Gandavo ([68]) e à *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador ([69]). São trabalhos que, embora sem substrato científico e até, dois deles, pobres em notícias sobre história natural, mantêm excelente merecimento, pois contêm um certo número de preciosas informações, que lhes deram a marca de uma prioridade incontestável sobre outros autores.

Surge agora o trabalho de Frei Cristóvão de Lisboa, que se supunha perdido ([70]) e cuja publicação vai dar novas achegas à notícia histórica da flora e fauna do Maranhão e Pará, mostrando reproduzidas em desenhos de uma certa beleza e, quiçá, de perfeita fidelidade, algumas das espécies de peixes, aves, animais e plantas que povoavam uma parte daquelas regiões brasílicas no primeiro quartel do século XVII. Quase até podíamos aventurar a afirmação de que, com a presença deste códice, se completa o primeiro ciclo das informações sobre a história natural do Brasil, e nesse ciclo se mantém a gente lusa como excelente pioneira.

Estamos assim em presença de um conjunto de obras tão precioso, que parece muito natural, à primeira vista, dever resultar bastante interessante e proveitoso um estudo comparativo entre elas. Mas uma análise mais profunda do assunto mostra-nos não ser possível semelhante desejo, pois não se podem comparar obras que, tratando embora da mesma matéria, diferem umas das outras na época em que foram escritas, nas regiões especìficamente nelas referidas, na base científica a que obedeceram e no desenvolvimento dado pela ilustração e espírito de observação dos respectivos autores aos temas da história natural que abordaram.

De facto, analisando o assunto, verificamos que os trabalhos de Gabriel Soares e Gandavo e as *Cartas* do P.e Anchieta são do século XVI e dizem respeito, mais especialmente, os do primeiro à Baía, os do segundo às regiões costeiras onde assentavam as oito capitanias portuguesas então existentes e as últimas a S. Vicente. A obra de d'Abbeville, que trata exclusivamente do Maranhão, oferece-nos algumas possibilidades de comparação, tanto mais que há descrições de curiosa semelhança; mas essas possibilidades são diminuídas pela falta de desenhos, que dificulta uma mais perfeita caracterização, visto se encontrarem profundas diferenças nos registos dos nomes nativos, possìvelmente em resultado da influência da nacionalidade, a que o autor não soube ou não pôde fugir. É que o mesmo não sucedeu, como se verifica, a Pisão, Margrave e Wagener, que recolheram cuidadosamente os nomes índios e, sempre que puderam e o conseguiram, souberam acrescentar-lhes os nomes portugueses por que eram conhecidas as espécies. Evidentemente que qualquer desejo de comparação com as obras de Pisão e Margrave nem admissível é sequer, pois o aspecto científico lhes confere, especialmente à do último, um lugar à parte; no entanto, na generalidade e no desenho, é-nos permitido o estabelecimento de possíveis relações.

A obra de Wagener pouco interesse tem para nós, embora lhe atribuamos a possibilidade de referir algumas espécies do Maranhão. Supomos, de facto, que ele e Pisão tenham permanecido no Maranhão, em 1640, durante a invasão deste território pelas tropas holandesas, dado que a tal podiam ter sido obrigados pela qualidade de cirurgião-mor dos exércitos, que eram as funções do segundo, e de escrivão doméstico, cargo que o primeiro exercia junto de Maurício de Nassau. Margrave, na sua situação excepcional de naturalista, limitava ao mínimo as suas deslocações e dedicava-se ao estudo das espécies que lhe apresentavam e à recolha dos elementos que pedia ou lhe forneciam; sabe-se, porém, pelos diários que redigiu ([71])), *que explorou a parte norte-oriental do Brasil, par-*

([67]) Gabriel Soares de Sousa — *Noticia do Brasil.* Introdução, comentários e notas pelo Prof. Pirajá da Silva. Biblioteca Histórica Brasileira, XVI volume, Livraria Martins Editora, 2 tomos, S. Paulo, s. d.

([68]) Pêro de Magalhães Gandavo — I. *Tratado da Terra do Brasil;* II — *Historia da Provincia Santa Cruz.* Annuario do Brasil, Rio de Janeiro, 1924.

([69]) Frei Vicente do Salvador — *Ob. cit.*

([70]) Artur César Ferreira Reis — *A Politica de Portugal Amazónico,* Belém, 1940, p. 83; também citado por Luís de Pina — *Para a História da História Natural Brasileira,* id., p. 7.

([71]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.:* «Esboço biográfico», por Affonso de E. Taunay, p. XII.

ticularmente as regiões compreendidas pelos actuais estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande, e supõe-se que em 1642 saiu do Recife para o Maranhão (ilha Maranhão e rio Itapicuru) ([72]).

A obra de Frei Vicente do Salvador, coevo de Frei Cristóvão, pode ser considerada de pequena monta para o nosso caso, uma vez que os elementos que fornece são poucos e esses mesmos se referem principalmente à Baía.

Em face do que acabamos de dizer, supomos ser correcta a conclusão exposta, de não haver possibilidades para um estudo comparativo do códice com qualquer das obras citadas. Fica-nos sòmente disponível a posição de referenciarmos tudo aquilo que pudermos e nos pareça comum, ou semelhante, entre elas.

Para executarmos um trabalho assim concebido, é evidente que teremos de servir-nos de um denominador comum à espécie a estudar, pois não podemos fiar-nos nas descrições, algumas das quais são incompletas ou variam consoante o autor que as fez, nem nos desenhos, que interessam na medida em que existem. E esse denominador comum só pode ser o nome nativo, dado pelos autores como referência principal.

A utilização do nome nativo, porém, exige um esclarecimento. Por um lado é imprescindível como meio de caracterização da espécie, por outro pode ser causa de possibilidade de erro, dado que o método adoptado para a sua recolha foi o auditivo; ora este método está sujeito a interpretações variadas, resultantes de factores entre os quais figuram a extensão das áreas geográficas onde as espécies estão distribuídas e as interpretações pessoais dos povos que as habitam. Lembramo-nos de que se assinalam, por exemplo, perto de dez espécies de tatus em todo o território brasileiro; parece-nos permissível aventar a hipótese de que, dada a extensão do território, os nomes nativos variem em alguns dos seus pontos. Pisão, em relação aos peixes, explica-nos: *Descrevo aqui os que me são trazidos diàriamente pelos pescadores e apreciados; e dou-lhes, nos idiomas brasílico e lusitano, os nomes por que são vulgarmente conhecidos.* Mais adiante, porém, procura esclarecer-nos melhor, parecendo-lhe não ter sido suficientemente verdadeiro: *Como cada agricultor ou habitante do mar dá nomes às cousas, segundo o seu arbítrio,... para os vegetais e os animais hei de me servir de vozes tradicionais e consagradas, até que, acordando-se os pareceres dos eruditos e dos bárbaros, seja definido o que é mais certo* ([73]). A este propósito, até, Alberto J. de Sampaio, nos comentários à parte botânica de Margrave, tem o cuidado de esclarecer: *O que causa mesmo maior embaraço é o facto de espécies de um mesmo género de plantas terem nomes comuns diferentes, e às vezes muito diferentes,...* ([74]).

Há ainda a ter em conta que, no próprio códice, os nomes variam ou encontram-se diferentemente escritos no texto, no índice e nos desenhos, tendo nós portanto de utilizar o sistema da escolha do que melhor pareça, já que o processo de comparação das descrições não é possível, de tal modo algumas diferem, como teremos a oportunidade de ver. Há ainda a agravante de os desenhos aparecerem repetidos, mas sem que lhes corresponda sempre uma repetição dos nomes, pois alguns divergem bastante.

Tudo o que acabamos de expor parece-nos explicar que a tarefa, por nós próprio imposta, de relacionar as espécies citadas no códice de Frei Cristóvão com as que figuram em todas as outras obras indicadas, apresenta grandes dificuldades e pode resultar infrutífera e, até, errada.

Isto no que diz respeito às espécies relacionáveis, porquanto para as restantes temos de fazer a precisa declaração de que só excepcionalmente lhes faremos qualquer referência explanativa, dada a nossa incompetência na matéria — de resto assinalada já por nós —, e tomando como base princípios gerais, perfeitamente estabelecidos. Alberto Sampaio assim o explanou, quando disse: *muitos casos há de nomes, descrições e estampas que os especialistas não puderam identificar, por deficiência das indicações originais;...* E mais ao diante

---

([72]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.:* «Comentários», pelo Prof. Alberto J. de Sampaio, p. XXXVIII.
([73]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 127-128.
([74]) Jorge Marcgrave — *Ob cit.:* «Comentários», p. XXXVIII.

acrescentou: *Muitos nomes coligidos por Margrave, sempre com empenho de fidelidade, não são mais usados hoje; vários deles foram modificados pelo linguajar de portugueses, índios, pretos, saxões, flamengos e autóctones, sendo bem difícil agora, e só possível aos especialistas em idiomas, reconhecer os significados de cada termo vulgar...* ([75]).

Através da reprodução exacta do códice de Frei Cristóvão de Lisboa, pode-se apreciar um conjunto de duzentos e cinquenta e nove desenhos, assim distribuídos: cento e dezasseis, no dizer do autor, referentes a peixes, desenhos que em algumas espécies estão repetidos; vinte e um representam animais que não são referidos no texto, pelo que não figurarão nos nossos comentários; sessenta e sete mostram-nos outras tantas aves, a que infelizmente falta o colorido que a descrição refere; e os cinquenta e cinco restantes apresentam algumas das mais curiosas e valiosas plantas do Maranhão e do Pará. Aos desenhos, como referimos no início, seguem-se trinta folhas ocupadas pelas descrições das espécies desenhadas, estando as fols. 175, 175 v.°, 185 e 194 v.° escritas com letra diferente e com a indicação de se tratar de espécies do Pará.

Inicialmente havíamos estabelecido para este trabalho uma sequência de apresentação, que nos parecia ser a mais lógica: fazer seguir a reprodução completa do códice pelas leituras paleográfica e actualizada de cada espécie, aditando, onde fosse possível, comentários destinados a mostrar as relações existentes entre essa espécie e aquela semelhante, referida pelos restantes autores a que aludimos. Uma tal orientação, porém, teve de ser modificada, por motivo da necessidade de organizar um índice que, para facilidade de consulta, englobasse todas as referências existentes nesta obra. Deste modo, as leituras e os comentários é que serão seguidos da reprodução do códice, a fim de ser evitado um problema de ordem técnica. Os fólios correspondentes ao original reproduzido serão apresentados no índice em itálico, perfeitamente individualizados, o que permitirá um mais fácil encontro.

Antecedendo as leituras e as notas, a que acabamos de referir-nos, pareceu-nos necessário apor a cada espécie um título, logo seguido dos números dos fólios em que figuram o desenho e a descrição, caso haja um e outra. Era tarefa que se impunha para facilitar qualquer estudo e que levámos a efeito colocando como título o nome com que se inicia cada descrição, pois qualquer outro não representaria a verdade da leitura que se fez.

([75]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.* Lamentamos profundamente ter de fazer este comentário, mas em consciência não o podemos evitar: foge à nossa compreensão a causa do desconhecimento que o Prof. Alberto J. de Sampaio parece mostrar sobre as personalidades de Garcia de Orta e Cristóvão da Costa, como se infere das indicações que dá a p. XXXVII dos seus «Comentários», onde, além de escrever, no texto em português, *Garcia ab Horto*, diz em nota: *Carlos Clusius, autor de várias versões para o latim, de obras botânicas espanholas.*

III

LEITURAS E COMENTÁRIOS

PEIXES DO MARANHÃO

GUARAGUA

(Fol. 1 e fol. 164)

Guaragua he a uaqua do mar he da compridam de des ou doze palmos he groso como hũa uaqua he pardo cor de cimza tem as tripas e a forcura como hũa uaqua ([76]) *e cria ceus filhos de leite e tem as mamas debaixo dos brasos o macho tem a sua natura tamanha como de caualo e da propia forma o rabo tudo he gordura de que ce fas manteigua que he bom a pera ferguir e pera camdeia e ha algum tamanho que da des ou omze arobas e ceis ou sete canadas de manteigua não se bota nada fora tudo se come ate as tripas e a pelea serue pera fazer sola fazem o seu acoitamemto no mar perto da costa e no mes de marco uam aos laguos e rios de auguoa doce comer eruas e folhas ouue anno que se matariam trezemtos peixes ou mais ele tem duas pedras no ouuido do tamanho de hũ* ([77]) *botao engorsado e tem duas pequenas apeguadas as duas as duas gramdes e as pequenas ceruem pera o ar e as gramdes seruem pera dor de pedra couza esprementadada* (sic) *em framsa e uos quero comtar o que ui fazer a este peixe ui matar hũa femmea e esfolarem na e botarem a pelia em tera a borda daguoa e coamdo foi ao outro dia imdo busquar auguoa axarem o filho em riba da pelia deitado e tomaram no*

Guaragua é a vaca do mar, é da compridão de dez ou doze palmos, é grosso como uma vaca; é pardo cor de cinza, tem as tripas e a fressura como uma vaca e cria seus filhos de leite e tem as mamas debaixo dos braços; o macho tem a sua natura tamanha como de cavalo e da própria forma; o rabo tudo é gordura de que se faz manteiga que é boa para frigir e para candeia e há algum tamanho que dá dez ou onze arrobas e seis ou sete canadas de manteiga; não se bota nada fora, tudo se come até as tripas e a pele serve para fazer sola; fazem o seu acoitamento no mar perto da costa e no mês de Março vão aos lagos e rios de água doce comer ervas e folhas; houve ano que se matariam trezentos peixes ou mais; ele tem duas pedras no ouvido do tamanho de um botão engrossado e tem duas pequenas pegadas as duas às duas grandes e as pequenas servem para o ar e as grandes servem para a dor de pedra, coisa experimentada em França; e vos quero contar o que vi fazer a este peixe: vi matar uma fêmea e esfolarem-na e botarem a pele em terra à borda de água; e quando foi ao outro dia, indo buscar água, acharam o filho em riba da pele deitado e tomaram-no.

A espécie com que Frei Cristóvão de Lisboa abre o seu repositório gráfico ictiológico é o *peixe-boi*.

É interessante verificar que se trata de um sirénio, muito curiosamente ligado à navegação lusíada, pois foram mamíferos desta ordem que na

([76]) Tem riscadas entre as palavras *uaqua* e *cria* (vaca e cria) as seguintes: *algumas fazem dous ou tres filhos de cada paridam* (algumas fazem dois ou três filhos de cada paridão); e tem à margem: *pare hu filho* (pare um filho).

([77]) Tem riscada a palavra *ouo* (ovo) e entrelinhadas as seguintes: *botao engorsado* (botão engrossado).

Índia deram lugar à lenda das sereias, tão bem contada por Camões. E não esquecendo nós ter sido dado por Aldrovandi (1612) o primeiro desenho do *Manati Indorum*, de que Rondelet (*Libri de Piscibus*) se limitou a assinalar *as duas grandes tetas com que a fêmea alimentava os filhos* (78), temos de lembrar que foi um médico ao serviço do rei de Portugal na Índia, Dimas Bosque, que desse mamífero fez primeiro uma descrição completa (79) e é Frei Cristóvão de Lisboa quem nos dá a primeira imagem da época do *Manatus* das costas do Maranhão, a que se não referiram Pisão, Margrave ou Wagener.

Mamífero conhecido entre os portugueses do Brasil por *peixe-boi* ou *peixe-mulher*, designação esta vulgar entre os portugueses de Angola, também chamado *peixe baoz* (80) pelos portugueses da Guiné, a ele se referiu o P.e Anchieta, em carta escrita de S. Vicente ao padre-geral, em 31 de Maio de 1560, nos seguintes termos:

Há um certo peixe, a que chamamos boi marinho, *os Índios o denominam* iguaraguâ, *frequente na Capitania do Espírito Santo e em outras localidades para o norte, onde o frio ou não é tão rigoroso, ou é algum tanto diminuto e menos que entre nós; é este peixe de um tamanho imenso; alimenta-se de ervas como o indicam as gramas mastigadas presas nas rochas banhadas por mangues. Excede ao boi na corpulência; é coberto de uma pele dura, assemelhando-se na cor à do elefante; tem junto aos peitos uns como dois braços, com que nada, e embaixo deles tetas com que aleita os próprios filhos; tem a boca inteiramente semelhante à do boi. É excelente para comer-se, não saberias porém discernir se deve ser considerado como carne ou antes como peixe: da sua gordura, que está inerente à pele e mormente em torno da cauda, levada ao fogo faz-se um molho, que pode bem comparar-se à manteiga, e não sei se a excederá; o seu óleo serve para temperar todas as comidas: todo o seu corpo é cheio de ossos sólidos e duríssimos, tais que podem fazer as vezes de marfim.*

Gabriel de Sousa dedicou-lhe todo um capítulo, em que mais pormenorizadamente o descreve, dizendo: *Goaràgoá é o peixe a que os Portugueses chamam boi, que anda na água salgada e nos rios junto da água doce, de que eles bebem; e comem de uma erva miúda como milhã que se dá ao longo da água; o qual peixe tem o corpo tamanho como um novilho de dois anos, e tem dois cotos como braços, e neles umas mãos sem dedos; não tem pés, mas tem o rabo à feição de peixe e a cabeça e focinho como boi; tem o corpo muito maciço, e duas goelas, e uma só tripa; o qual tem os fígados e bofes e a mais fressura como boi, e tudo muito bom; não tem escama, mas pele parda e grossa. A estes peixes se mata com arpões muito grandes, atados a grandes arpoeiras mui fortes, e no cabo delas atado um barril ou outra bóia, porque lhe largam com o arpão a arpoeira, e o arpador vai em uma jangada seguindo o rasto do barril ou bóia, que o peixe leva atrás de si com muita fúria, até que o peixe se vaza todo de*

---

(78) Paul Delaunay — *La zoologie au seizième siècle*. «Histoire de la Pensée». Sorbonne. VII. Hermann, Paris, 1962, p. 256.

(79) Jaime Walter — *Dimas Bosque, Físico-Mor da Índia, e as Sereias*. «Studia», n.º 12, Lisboa, Julho de 1963, p. 267 e seg.

(80) Teixeira da Mota cedeu-nos gentilmente uma informação inédita, extraída de um notável trabalho sobre a costa da Guiné, que tem em preparação. Em notícia acerca dos peixes da Serra Leoa, dada em 1616 pelo P.e Manuel Álvares, lêem-se referências como esta: «*...Os boozes, cuja carne parece de cor de porco, são mui grandes...*». E mais adiante, a propósito da guerra dos Manes, diz: «*...medo do capitão, que nestas conquistas vai na rectaguarda, com ũa correia de peixe booze;...*». Ora o significado desta palavra *booz* é-nos claramente dado na carta (ainda inédita) que o P.e Baltasar Barreira escreveu da Serra Leoa, em 1 de Agosto de 1606 ao P.e João Álvares e em que, ao enumerar os peixes da Guiné, diz: *Há nos rios muito peixe, corcodilos, cavalos-marinhos, baozes* (que são os que no Brasil chamam peixe-boi) *e outro melhor que este chamado coara, cujas escamas são quasi tamanhas como a palma da mão.* Esta referência ao tamanho das escamas faz lembrar o peixe de que trataremos a seguir.

sangue, e se vem acima da água morto; o qual levam atado à terra ou ao barco, onde o esfolam como novilho, cuja carne é muito gorda e saborosa: e tem o rabo como toucinho sem ter nele nenhuma carne magra, o qual derretem como banha de porco, e se desfaz todo em manteiga, que serve para tudo o para que presta a de porco, e tem muito melhor sabor: a carne deste peixe em fresco cozida com couves sabe à carne de vaca, e salpresa melhor, e adubada parece e tem o sabor da carne de porco; e feita em tassalhos posta de fumo faz-se muito vermelha, parece e tem o sabor, cozida, de carne de porco muito boa; a qual se faz muito vermelha e é feita toda em fevras com sua gordura misturada; e em fresca e salpresa, e de vinha de alhos, assada parece lombo de porco, e faz-lhe vantagem no sabor; as mãos cozidas deste peixe são como as de porco, mas tem mais que comer; o qual tem os dentes como boi, e na cabeça entre os miolos tem uma pedra tamanha como um ovo de pata, feita em três peças, a qual é muito alva e dura como marfim, e tem grandes virtudes contra a dor de pedra: as fêmeas parem uma só criança, e têm o seu sexo como outra alimária; e os machos têm os testículos e vergalho como boi; na pele não têm cabelo nem escama ([81]).

Também Gandavo não fica atrás dos anteriores em referência ao peixe-boi, pois não deixa de nos explicar que *deixando à parte a muita variedade daquelles peixes que comummente nam differem na semélhança dos de cá, tratarei logo em especial de hum certo genero delles que ha nestas partes, a qué chamam peixes bois, os quaes sam tam grandes que os maiores pesam quarenta, cinqoenta arrobas. Têm o focinho como o de boi e dous cotos com que nadam à maneira de braços. As femeas têm duas tetas, com o leite das quaes se criam os filhos. O rabo he largo, rombo, e nam muito comprido: nam têm feição alguma de nenhuma peixe, somente na pelle quer se parecer com a toninha. Estes peixés pela maior parte se acham em alguns rios, ou bahias desta costa, principalmente onde ha algum ribeiro, ou regato se mete na agua salgada sam mais certos: porque botam o focinho fora e pascem as hervas que se criam em semelhantes partes, é também comem as folhas de humas arvores a que chamam Mangues, de que ha grande quantidade ao longo dos mesmos rios. Os moradores da terra os matam com arpões, e também em pesqueiros costumam tomar alguns porque vem com a enchente da maré aos taes logares, e com a vazante se tornam a ir para o mar donde vieram. Este peixe he muito gostoso em grande maneira, e totalmente parece carne, assi na semelhança, como no sabor, e assado na tem nenhuma differença de lombo de porco. Tambem se coze com couves e guiza-se como carne, e assi nam ha pessoa que o coma que o julgue por peixe, salvo se o conhecer primeiro* ([82]).

Todas as descrições que acabamos de transcrever são curiosas, mas não ultrapassam, em elementos dignos de registo, aquela que nos dá Frei Cristóvão; a informação de d'Abbevile, essa, é bastante pobre. Chama-lhe *Ouäraouä* e descreve-nos o *peixe-boi* do seguinte modo, em tradução nossa: *Entre os do mar, encontra-se o Ouäraouä que é maior e mais grosso que o maior boi. Tem a cabeça muito semelhante à do boi, excepto que não tem corno, como também não tem pés, mas em lugar deles tem barbatanas com as quais nada, tem grandes ossos como o boi, tem gordura como o boi, e tem a carne muito semelhante à do melhor boi que se possa encontrar, só que é um pouco mais branca e mais gorda, entremeada e extremamente saborosa, cuja sopa é tão boa como a de boi, o que faz com que os Fran-*

([81]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 197.
([82]) Pêro de Magalhães Gandavo — *História da Provincia Santa Cruz*, p. 116.

*ceses chamem a este peixe a vaca do mar; alimenta-se de ervas e de folhas d'*Appariturіers (?), *que estão à beira-mar. Creio que é o que faz em parte que sejam tão bons para comer* ([83]).

Frei Vicente do Salvador só diz, a propósito do governador Luís de Brito de Almeida e da sua ida ao rio Real: *é o rio muito fundo e faz uma bahia de mais de uma legua, onde ha grandes pescarias de peixes-bois e de toda a mais sorte de peixe* ([84]).

Gara, varagua, guauragua (com o segundo *u* desta palavra entrelinhado) e *peixe boy*, são as designações que Frei Cristóvão de Lisboa atribuiu à espécie, no fol. 1, onde está desenhada nas suas duas faces, ventral e dorsal. Na descrição, do fol. 164, figura o nome de *guaragua*, que é muito próximo de *goaragoá* ou *guaraguá*, o nome exacto, no dizer de Pirajá da Silva ([85]).

Consoante referimos no início desta nota, não se encontra qualquer descrição deste mamífero em Pisão e Margrave, o que estranhamos, porquanto estes dois médicos, e principalmente o último, conheciam as referências inéditas à história natural do Novo Mundo, visto citarem com frequência a Aldrovandi, mostrando que lhes deviam ser familiares os seus trabalhos. E não ignoravam também, com certeza, porque dos autores fazem citação, as páginas de Gesner, Belon e Rondelet, que a tanta controvérsia deram lugar na Europa do século XVI.

Mas felizmente que tal aconteceu, pois Frei Cristóvão de Lisboa, assim, pôde ser o primeiro a dar-nos a imagem de uma espécie, segundo supomos, actualmente muito rara do litoral brasileiro.

A espécie aqui em causa, segundo o parecer de Fernando Frade, é o *Trichechus manatus manatus* Linné ([86]).

PIRAPEMA

(Fol. 2 e fol. 164)

pirapema he hũ peixe ([87]) *de ceis ou sete palmos de comprido cuberto de hũa escama como a palma da mão que parece ser armado de hũa armadura de prata he hũa pouquo uerde e pardo nas costas hele he bom de comer primcipalmente a cabesa e a barigua e tem muita espinha*

Pirapema é um peixe de seis ou sete palmos de comprido, coberto de uma escama como a palma da mão, que parece ser armado de uma armadura de prata; é um pouco verde e pardo nas costas; ele é bom de comer, principalmente a cabeça e a barriga, e tem muita espinha.

No fol. 2 do códice de Frei Cristóvão de Lisboa aparece o mal esfumado esboço de uma espécie com o título de *pirapema*, nome que surge igualmente na descrição atrás transcrita, do fol. 164. D'Abbeville, no seu livro, refere-se a um peixe chamado *pira-pem*, do qual diz: *Há o* pira-pem *aliás* Camouroupouy, *que é o do mesmo comprimento que o precedente e*

([83]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 243 v.º

([84]) Frei Vicente do Salvador — *Ob. cit.*, p. 215.

([85]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 198.

([86]) Em 1960 Fernando Frade, director do Centro de Zoologia da Junta de Investigações do Ultramar, elaborou uma memória, que pretendia marcar o início dos seus comentários zoológicos ao códice de Frei Cristóvão de Lisboa. Dessa monografia, que se conserva por enquanto inédita, respigámos, mercê da autorização do seu autor, alguns dos elementos que apresentaremos no decurso dos nossos modestos comentários.

([87]) A palavra *peixe* está entrelinhada.

grosso em proporção tendo as escamas mais largas do que um «teston» ([88]). D'Abbeville com a palavra «precedente» quer lembrar a espécie a que se refere antes, de nome *pyra-on* e sobre que falaremos ao diante.

Daqui, segundo supomos, fazer-se corresponder o *pirapema* ao *camuropi* assinalado por Gabriel de Sousa, que dele nos diz: *é outro peixe muito prezado e saboroso, tamanho como uma pescada muito grande e da mesma feição, mas cheios de escamas grossas do tamanho da palma da mão, e outras mais pequenas: e cortado em postas, está arrumado um eito de espinhas grandes, e outro de carne, e no cabo tem muitas juntas como o sável; as fêmeas tem ovas tamanhas que enchem um grande prato cada uma delas; e quando êste peixe é gordo é mui saboroso; o qual morre à linha no verão; e são muitos dêles tamanhos que dois índios não podem com um às costas atado em um pau* ([89]).

Em nota a esta descrição, Pirajá da Silva elucida-nos de que o *camuropi* deve ser o *pirapema* do Norte do Brasil, na opinião de Rodolfo Garcia, sendo a seu ver o *Tarpon atlantic* Mir. Rib. Não é do mesmo parecer o comentador de d'Abbeville, que confessa não compreender bem as duas designações dadas pelo frade francês ao mesmo peixe, que indica ser o *Magalop Thrissoides* Bl. e Sch. ([90]). Entretanto, e isto é o que de momento nos interessa, Pirajá da Silva diz que o *camuropi* é o *camboropim* de Gandavo, com o que não estamos de acordo ([91]).

Gandavo refere-se aos *camboropins* de uma maneira curiosa, especialmente na descrição que faz do modo de os arpoar. Escreve assim: *Outros peixes ha a que chamam* Camboropins *que sam quasi tamanhos como atuns. Estes têm humas escamas mui duras e maiores que os outros peixes; tambem se matam com arpões, e quando querem pesca-los poem-se em alguma ponta ou pedra ou em outro qualquer posto accomodado a esta pescaria. E o que he bom pescador, pera que nam faça tiro em vão, quando os vêem vir deixa-os primeiro passar e espera até que fiquem a geito que possa arpoa-los por detraz, de maneira que o arpam entre no peixe sem as escamas o impedirem, porque sam, como digo, tam duras que se acerta a dar nellas de maravilha as pode penetrar. Este he hum dos melhores peixes que ha nestas partes, porque alem de ser muito gostoso, he tambem muito sadio, e mais enxuto de sua propriedade que outro algum que na terra se coma* ([92]).

Uma leitura atenta deste trecho de Gandavo e das descrições do *pirapema* mostra a dessemelhança existente. Mas se considerarmos a espécie que Frei Cristóvão nos descreve a seguir, a que chama *pirauna* e no desenho, a fol. 2, *mero* e *pira-on* (riscando esta segunda palavra e substituindo-a por *una*), verificamos ser maior a relação e podermos encontrar em outros textos relações igualmente curiosas. Vejamos.

PIRAUNA

(Fol. 2 e fol. 164 v.º)

pirauna he mero he peixe de cimquo ou seis palmos e groso como hũ baril de uimte canadas e tem a cabesa muito grosa e a boqua muito gramde cuberto de hũa escama muito

([88]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.* ed. de 1963, fol. 244. A palavra «teston» refere-se à antiga moeda francesa, de prata, do tempo de Luís XII, que valia 10 a 12 soldos.
([89]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 199.
([90]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1945, p. 193. O tradutor de d'Abbeville traduziu «teston» por «moeda de cobre», o que não está certo (V. *Petit Larousse Illustré*, Paris, 1906).
([91]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 200, nota 3.
([92]) Pêro de Magalhães Gandavo — *Ob. cit.*, pp. 116-117.

dura e sarada que fas muito trabalho de ha escamar he parda e pela barigua tira de amarelo he pimtada de preto e tem pouqua espinha e he bom de comer

Pirauna é mero; é peixe de cinco ou seis palmos e grosso como um barril de vinte canadas e tem a cabeça muito grossa e a boca muito grande, coberto de uma escama muito dura e cerrada, que faz muito trabalho de a escamar; é parda e pela barriga tira de amarelo; é pintada de preto, e tem pouca espinha e é bom de comer.

Frei Cristóvão dá-nos aqui indicações preciosas. Diz-nos que *pirauna* é mero, permitindo-nos assim que procuremos as relações em melhor concordância com a informação. Verificámos, ao mesmo tempo, ser o *pirauna* a espécie mais próxima, pelo descritivo, do *camboropim*, de Gandavo, e Gabriel de Sousa nos dar, no *cunapu*, uma descrição do mero, que Rocha Pombo diz ser *muito raro* (93). E temos também de assinalar o facto de irmos contra a opinião de Varnhagen, que nos diz ser o *camoropi* o *camboropim* de Gandavo (94).

Não transcrevemos, por acharmos desnecessária, a descrição do *cunapu* feita por Gabriel Soares de Sousa e que começa assim: *são uns peixes, a que chamam em Portugal meros, os quais são mui grandes...* A descrição é ligeira e está de acordo, de facto, com o serranídeo vulgar das costas marítimas brasileiras.

D'Abbeville refere-se-lhe nos seguintes termos: *Há o* Pyra-on *que é do comprimento de mais de seis pés e mais grosso que um barril: tem as escamas todas negras, grandes como a mão e é muito bom de comer* (95).

Mas o mais curioso é que Margrave dá ao mero o nome nativo de *cugupu-guacu* (96) e representa-o por um desenho algum tanto parecido com o que Frei Cristóvão tem no fol. 2. O desenho do livro de Margrave está reproduzido, ou é a reprodução, do desenho apresentado por Pisão, verificando-se porém uma diferença no nome nativo indicado por este último autor e que se aproxima do de Gabriel de Sousa. A descrição do peixe varia também, havendo no entanto alguns pontos de contacto entre a descrição de Pisão e as de Gandavo e Frei Cristóvão. Diz Pisão: *O* Cunapú-guaçu *é chamado* Meros *pelos lusitanos; pelos nossos compatriotas* Graeuwe Munnick, *porque parece trazer um capuz na cabeça e é côr de cinza. Duvido que haja outro mais afamado que ele já pela excelência da carne, já pelo tamanho do corpo. Além de ser grosso e gordo, chega a seis pés de comprimento; um dêstes peixes, fisgado com um anzol ou arpão, era de tais proporções que conseguiu fugir, e ao próprio pescador, que cobiçava a prêsa, arrastou consigo para o mar, pondo-o em grande perigo de vida. Tem a cabeça grande, a bôca desdentada e circular, guelras arredondadas. A cauda é grande, quase quadrada. As escamas são medianas, de côr cinzenta, entremeadas de pontinhos negros, exceto o ventre, que é branco como tôda a carne de peixe. Tem a carne sólida, sem ser dura, muito saborosa e nutritiva. É preparado de muitos modos, à maneira dos aborigines; serve de suficiente alimento a muitos homens* (97).

---

(93) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 201; José Francisco da Rocha Pombo — *História do Brasil.* Benjamin de Aquila — Editor, Rio de Janeiro, s. d., vol. I, p. 549.

(94) Francisco Adolfo de Varnhagen — *Reflexões Críticas sobre o Escripto do Seculo XVI Impresso com Titulo de Noticia do Brasil.* «Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas». Academia Real das Sciências, tomo V, n.° II, Lisboa, 1839, p. 65.

(95) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 243 v.°

(96) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 169.

(97) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 130.

AMORETA

(Fol. 2 e fol. 164 v.º)

Amoreta peixe do mar da comprimdam (sic) *dum palmo as maoires* (sic) *cuberta descama da cor de pardo he bom a comer*

Amoreta, peixe do mar da compridão de um palmo as maiores, coberta de escama de cor parda; é bom a comer.

Talvez esta espécie esteja relacionada com o *Amore Tinga* que nos é levemente referenciado por Pisão e Margrave, podendo tratar-se de uma forma jovem. Como, porém, nada se sabe dessa espécie e também da chamada *Amoré* ou *aimoré*, como diz Gabriel Soares, é possível que com elas haja alguma ligação ([98]). D'Abbeville não se refere a esta espécie.

CAMORIM

(Fol. 3 e fol. 164 v.º)

Camorim he peixe de tres ou coatro palmos cuberto descama parda pelas costas e pela barigua bramquas e tem o focinho muito forte que os pescadoros da rede não folguão de o uer na rede porque toda a rede fura pode se ter por hũ dos milhores peixes do mar ele tem ouas que he bom comer não tem mais que hũa espinha em todo corpo e não tem mais que hũa tripa

Camorim é peixe de três ou quatro palmos, coberto de escama parda pelas costas e pela barriga brancas, e tem o focinho muito forte que os pescadores da rede não folgam de o ver na rede, porque toda a rede fura; pode-se ter por um dos milhores peixes do mar; ele tem ovas que é bom comer; não tem mais que uma espinha em todo o corpo e não tem mais do que uma tripa.

O *Camorim* é espécie muito citada, pelo que não permite dúvidas o seu reconhecimento. Bastava Frei Cristóvão ter escrito, na estampa, a fol. 3, a palavra *robalo*, para poder ser ràpidamente caracterizada.

No entanto, queremos transcrever o pensar de Gabriel Soares, que diz: *Camuris são os peixes, assim chamados pelos índios, que se parecem com os robalos de Portugal, os quais são poucas vezes gordos e nenhumas estimados; morrem à linha das bôcas dos rios para dentro até onde chega a maré* ([99]).

Pisão, porém, escreve que *há diversas espécies de* Camuris, *pelos lusitanos chamado* Robálo, *pelos nossos* Snoeck. E mais adiante acrescenta: *tão semelhantes aos europeus pela forma externa, pelo sabor e qualidades alimentícias, que nenhuma diferença entre eles pude notar. Por isso julguei desnecessário apresentar sua descrição e gravura* ([100]). No entanto apresenta o seu desenho.

Margrave descreve-o pormenorizadamente ([101]).

O *Camorim* é um acantopterígio perciforme, do qual se conhecem duas espécies nas costas brasileiras: a que no Norte do país é conhecida pelo nome tupi, que conservou, de *camuri*; e aquela que, do Rio de Janeiro para baixo, conserva o nome tão usado pelos Portugueses e que nunca quis perder, de *robalo*.

([98]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 176; Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 166; e Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib, p. 213.
([99]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 205.
([100]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 180.
([101]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 160.

GUARAPECU

(Fol. 3 e fol. 164 v.°)

guarapecu parece porem betar de dous palmos ou dous palmos e meio tem demtes mui agudos não tem escama he pardo pelas costas bramquo pela parigua (sic) *e pimtado e he bom comer não tem mais que hũa espinha*

Guarapecu parece porém botar de dois palmos ou dois palmos e meio, tem dentes muito agudos, não tem escama; é pardo pelas costas e branco pela barriga, e pintado, e é bom comer; não tem mais que uma espinha.

Frei Cristóvão, no texto do códice, no fol. 164 v.°, dá-nos uma curta caracterização de uma espécie ictiológica chamada *guarapecu*, nome que no entanto, no desenho, no fol. 3, aparece escrito sob a forma *goara pocu* (este *u* está entrelinhado e, sob ele, estão escritas e riscadas as letras *ou*); por outra letra e na parte inferior do desenho da cabeça do peixe, lê-se a designação *peixe-serra*.

Assim, fica-se na dúvida sobre a espécie em causa, tanto mais que o desenho é um pouco imperfeito. E consultando os outros autores, verifica-se que Gabriel Soares se refere a um peixe chamado *guarapicu*, do qual diz: *são uns peixes a que os Portuguêses chamam cavalas, das quais há muitas que começam a entrar na Bahia no verão com os nordestes, e recolhem-se com eles, com a criação que desovaram na Bahia* ([102]).

Pisão também nos descreve: *O* Guarapucú, *em português* cavalo; *em flamengo* Konings-vis. E continua descrevendo: *a sua pele lisa, de cor prateada e cerúlea, com uma linha sinuosa, desde a cabeça até a cauda, traçada por escamas muito finas.* E um pouco mais adiante diz: *Comparado com espécies europeias, calha menos com a forma e natureza da sarda do que com as do atum novo e do atum de Aristóteles*; e termina por louvar a excelência da carne, dando-nos uma imagem da espécie, com a qual o desenho de Frei Cristóvão tem alguma parecença ([103])

Com a mesma figura, Margrave descreve o: *Guarapucu* (*termo indígena*). Cavala (*em português*). *Toninghvisch* (*têrmo usado entre nós*). A sua descrição tem alguns pontos de contacto com a da espécie que estamos a tratar e existem certas semelhanças nas figuras ([104]). No entanto, achámos que se se tratasse, de facto, da *cavala*, Frei Cristóvão seria o primeiro a assinalá-lo, não escrevendo em seu lugar *peixe-serra*, como fez.

A explicação é-nos dada na sequência da leitura de Margrave. Logo deparamos com a seguinte descrição: *Cororoca* (*termo indígena*). Peixe Serra (*em português*). *Mais correctamente se deve chamar* Peixe Sarda. *Peixe semelhante ao precedente, na figura do corpo, nadadeiras e côr, com a exceção de que é marchetado pelos lados de muitas manchas fuscas. É um peixe de bom sabor, mas é inferior à* Cavala *porque a carne é sêca demais. Tem muita habilidade e audácia em evitar a isca lançada pelos pescadores.*

Assim, podemos agora dizer que a espécie a que se refere Frei Cristóvão é um peixe escombriforme, parecido com a espécie existente na costa de Portugal e vulgarmente conhecida por *bonito* e *serra*, muito semelhante à cavala, como se sabe, da qual é difícil de distinguir.

([102]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 201.
([103]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 150-151.
([104]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 179.

Gabriel Soares também se refere aos *bonitos* ([105]) e até aos *sororocas* ([106]), estes podendo dar lugar a confusões com a espécie de que tratamos, embora, quanto a nós, igualmente neste último caso, Frei Cristóvão não deixaria de dizer tratar-se de *chicharros*.

GUARATIBIRO

(Fol. 4 e fol. 164 v.º)

guaratibiro ([107]) *de hũ palmo e meo de comprido ou dois palmos pardo pelas costas e tira de uerde e pelo meio do corpo tidra* (sic) *de bramquo e pela barigua tira damarelo e tem pouquas espinhas e he muito cequo e* ([108]).

Guaratibiro, de um palmo e meio de comprido ou dois palmos, pardo pelas costas e tira de verde e pelo meio do corpo tira de branco e pela barriga tira de amarelo; e tem poucas espinhas e é muito seco.

No fol. 4 está desenhado um peixe a que o autor deu o nome de *gora tiuiro*, entrelinhado depois um *u* entre o *g* e o *o*, fazendo a este um acrescento de que lhe resultou a transformação em *a* e emendando o *u* e o *o* de *tiuiro*, de modo a resultar *tibira*. Deu-nos assim o nome de *guara tibira*, que aparece na descrição do fol. 164 v.º como *Guaratibiro*.

A única relação que encontrámos foi com a espécie descrita por Pisão e Margrave, com o nome de *Guara-terebá* dado pelo primeiro e o de *Guara tereba* (*termo indígena*) que lhe é atribuído pelo segundo.

Pequena é a descrição de Pisão ([109]), mais extensa a de Margrave, tendo sido chamada a nossa atenção para a referência que este último autor faz às duas espinhas, unidas por uma membrana, que existem no ventre do peixe.

ACARAPITAMGUA

(Fol. 4 e fol. 164 v.º)

Acarapitamgua he peixe uermelho da compridão de palmo e meio e he hum peixe dos milhores destas partes do brazil taõto fas cozido como asado e he bom peixe pera doemte

Acarapitanga é peixe vermelho, da compridão de palmo e meio, e é um peixe dos melhores destas partes do Brasil, tanto faz cozido como assado, e é bom peixe para doente.

A única espécie com que pode relacionar-se esta que Frei Cristóvão chama de *Acarapitamga* no desenho do fol. 4, com o primeiro *a* ligeiramente riscado, é o peixe chamado *carapitanga* por Gabriel Soares e que ele descreve do seguinte modo: *Carapitanga são uns peixes que pela língua do gentio querem dizer vermelhos, porque o são na côr: os grandes são como pargos; e os pequenos como gorazes, mas mais vermelhos uns e outros, e mais saborosos; os quais morrem em todo o ano; e quando estão gordos não têm preço, e são mui sadios. Êstes peixes morrem à linha em honesto fundo, e ordinàriamente em todo o ano morre muita soma dêles, os quais a seu tempo tem ovas grandes, e muito gostosas, e salprêso é estimado* ([110]).

([105]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 205.
([106]) Idem — *Idem*, ib., p. 206.
([107]) Esta palavra está entrelinhada. Tem riscada a palavra *guaratebirio*.
([108]) Seguem riscadas as palavras *he muito bom comer*.
([109]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 147.
([110]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 199

Melhor ficaria chamar-lhe *acarapitanga*, uma vez que esta palavra é composta de *acará*, que é nome de vários peixes, e *pitanga*, que quer dizer *vermelho*. Parece tratar-se, a espécie referida por Gabriel Soares, na opinião de Pirajá da Silva, do *Rhomboplites aurorubens* Cuv. e Val., *Neomaenis synagris* L. ou *N. aya Bloch* (111). Há quem advogue a ideia (112) de ser mais correcta a palavra *pirapitanga*, derivada de *pirá*, que em linguagem tupi significa *peixe* (113), e *pitanga*, que traduz a designação *vermelho*, o que daria o peixe vermelho em causa.

No entanto, fica para nós em suspenso o saber se haverá alguma relação com o *acarapitamba*, citado por Margrave e Pisão, peixe que apresenta um colorido róseo-avermelhado...

POCOSI

(Fol. 5 e fol. 165)

o pocosi (114) *he a tonhina tem cinquo ou ceis palmos de comprido tem cor de cinza e os saluaguemis* (sic) *desta tera não na comem e so os Dentes lhe aproueitam pera fazer comtas aos filhos que trazem ao pesquoco*

O pocosi é a toninha; tem cinco ou seis palmos de comprido, tem cor de cinza e os selvagens desta terra não a comem e só os dentes lhe aproveitam para fazer contas aos filhos, que trazem ao pescoço.

A indicação de toninha dada pela descrição do fol. 165 e o desenho do fol. 5 não nos permitem dúvidas sobre a espécie a que dizem respeito.

Pisão e Margrave não se lhe referem. Gabriel Soares esclarece-nos que: *Por tempo de calma aparecem no mar da Bahia toninhas, a que os índios chamam pojuji, das quais também foge o peixe miúdo para os recôncavos; mas não se faz conta delas para as matarem em nenhum tempo* (115).

Verificamos deste modo a divergência existente entre os nomes nativos assinalados pelos dois autores.

GUOARAEMUIRA

(Fol. 5 e fol. 165)

guoaraemuira he de tres ou coatro palmos de comprido parece estamdo todo cuberto de prata e he bom a comer

Guoaraenvira é de três ou quatro palmos de comprido, parece estando todo coberto de prata e é bom a comer.

Frei Cristóvão, no fol. 5, ao nome da espécie que havia sido escrito *guora ynvira*, riscou a última palavra, fazendo-a seguir do termo *uira*. *Guoaraemuira*, como está no texto, ou *guora uira*, como se apresenta no desenho, é espécie para que não encontramos qualquer relação, excepto aquela que se pode depreender da comparação com o desenho apresentado por Wagener e que ele rotulou de *peixe espada*. Pode, de facto, tratar-se de uma espécie pertencente a qualquer dos muitos géneros incluídos nessa designação, como por exemplo do *Trichiurus* Lin (116).

---

(111) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 200.
(112) José Francisco da Rocha Pombo — *Ob. cit.*, p. 549.
(113) *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXI, Lisboa, s. d., p. 917.
(114) Estas palavras estão entrelinhadas. Tem riscada a palavra *pococim*.
(115) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 195.
(116) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*: «Comentários Zoológicos», de Olivério Pinto, p. 338 e fig. 3.

YTIMMOQUAJU

(Fol. 5 e fol. 165)

o ytimmoquaju he peixe agulha da compridão de tres ou coatro palmos as mahoires he parda e uerde pelas costas e pela barigua tira de bramquo e não tem escama e he muito bom comer

O itimocuaju é peixe-agulha, da compridão de três ou quatro palmos, as maiores; é parda e verde pelas costas e pela barriga tira de branco e não tem escama; e é muito bom comer.

Gabriel Soares de Sousa diz, em determinada altura da sua descrição dos peixes: *Chamam os índios ao peixe agulha timuçu, que morrem à linha no verão; e há alguns de cinco, seis palmos de comprido: são muito gordos e de muitas espinhas, as quais são muito verdes; e há desta casta muitos peixes pequenos, de que fazem a isca para as cavalas* ([117]).

D'Abbeville diz-nos que: *O* Tinmocou Ouässou *que é também semelhante às Enguias, excepto que é todo branco e do comprimento de duas braças, grosso em proporção: tendo o focinho semelhante ao solho, e do comprimento de um pé grande* ([118]).

Mais modesto é Frei Cristóvão, que tendo na descrição, a fol. 165, o nome de *itimacuaju*, no fol. 5 ao nome escrito *Ytimocou* riscou o último *o* e acrescentou um *peixe agulha* elucidativo, tanto quanto o desenho, que, para nós, sobrepuja os de Pisão e Margrave sobre o *timucú*.

Verifica-se, porém, existir uma pequena questão de cores do peixe, entre Frei Cristóvão e d'Abbeville, sanável talvez pelas opiniões seguintes, de que nos permitimos transcrever os dois pequenos trechos: de Pisão, que diz: *É coberto não de escamas, mas de pele, de cor parte olivácea, parte argêntea* ([119]); *O alto da cabeça, do focinho e dorso com a metade dos lados é de cor olivácea, a metade inferior com o ventre é de cor argêntea,* escreveu Margrave ([120]).

Também Wagener deixou uma curiosa imagem do peixe-agulha, chamando-lhe, na descrição que anexou, *peixe-espinho* e dizendo que os Neerlandeses lhe chamam *gelpen* ([121]).

Trata-se do peixe malacopterígio, vulgarmente chamado no Brasil *timucu* e *peixe-agulha*, pois conserva o nome lusitano.

ARAGUAGUA

(Fol. 6 e fol. 163)

Araguagua ([122]) *he peixe espada e ha algũ que cão de des ou doze palmos de comprido e a espada ha alguma de hũa braça ou mais aimda he a cor he parda e he peixe muito periguozo no mar que os negros desta tera tem muito medo dele e não cerue pera comer cenão os figuidos* (sic) *que ceruem pera fazem mamteigua*

([117]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 206.
([118]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 246.
([119]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 156.
([120]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 168.
([121]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, fig. 4 e p. 294.
([122]) Tem entrelinhada a palavra *aguaragua*.

Araguagua é peixe-espada, e há algum que são de dez ou doze palmos de comprido, e a espada há alguma de uma braça ou mais ainda e a cor é parda; e é peixe muito perigoso no mar que os negros desta terra têm muito medo dele; e não serve para comer senão os fígados, que servem para fazer manteiga.

Frei Cristóvão de Lisboa, no fol. 6, nos desenhos que representam as duas faces, dorsal e ventral, do peixe apelidado *aragaga* (a que entrelinhou, porém, entre cada *g* e *a* a letra *u*), enganou-se quando escreveu *peixe-espada*, porque a figura é da espécie conhecida pelo nome de *peixe-serra*.

Chama-lhe Gabriel Soares *aragoagoai* ([123]); é curiosa a descrição que nos dá e que vamos transcrever: *Aragoagoai é chamado pelos Índios o peixe a que os Portugueses chamam peixe-serra; os quais têm o couro e feição dos tubarões, mas tem no focinho uma espinha de osso muito dura, com dentes de ambas as bandas mui grandes, uns de meio palmo, e outros de mais, e de menos; segundo o peixe, é a espinha de seis, sete palmos de comprido, os quais se defendem com elas dos tubarões e de outros peixes. Estes se tomam com anzóis de cadeia com arpoeiras compridas, que lhe largam para quebrar a fúria e se vazar do sangue. Este peixe naturalmente é seco, e fazem-no em tassalhos para se secar, que serve para a gente do serviço; e tem tamanhos fígados, que se tomam muitos de cujos fígados, se tiram trinta a quarenta canadas de azeite, que serve para a candeia e para consertar o breu para os barcos.*

D'Abbeville a respeito desta espécie escreveu: *Há uma outra espécie de peixe chamado* Araouäouä *que tem mais de oito pés de comprimento e a pele muito dura, semelhante ao* Tubarão *de que falaremos adiante. Tem no extremo do focinho uma espada em forma de serra do comprimento de dois ou três pés, com o qual mata os peixes* ([124]).

Nada de novo nos dizem Pisão ([125]) e Margrave ([126]), pelo que sòmente nos permitimos assinalar dois pormenores indispensáveis a uma apreciação justa: os desenhos de Frei Cristóvão são bastante mais expressivos do que os dos dois autores referidos, pois mostram o peixe, o que a eles não acontece, nas suas faces dorsal e ventral; uns elementos assinalados por Margrave na descrição que faz do peixe estão perfeitamente representados nos desenhos do códice de Frei Cristóvão, o que mostra a excelência da figuração. Diz Margrave: *Entre as duas nadadeiras maiores ventrais e em direcção ao lado, havia cinco incisões, como o Panapana* ([127]); e lá estão as cinco nos desenhos!

Wagener também nos dá uma boa estampa do peixe-serra ([128]).

CARAMORU

(Fol. 6 e fol. 165)

Caramoru que ce parece com a moreia e ha alguma de coatro ou cimquo palmos tira da cor de pardo e uerde e tem demtes muitos aguodos e mordem muito e estam debaixo das pedras daomde os negros as tirão com hũ amzol metido num pau aomde os negros ficam as uezes bem mordidos e comece com a pelia e he muito bom peixe asado

---

([123]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 195.
([124]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fols. 245 v.° e 246.
([125]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 139-140.
([126]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 159-160.
([127]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 160.
([128]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 345, fig. n.° 16.

Caramoru, que se parece com a moreia e há alguma de quatro ou cinco palmos; tira a cor de pardo e verde e tem dentes muito agudos e mordem muito; e estão debaixo das pedras donde os negros as tiram com um anzol metido num pau, onde os negros ficam às vezes bem mordidos; e come-se com a pele e é muito bom peixe assado.

Gabriel Soares escreveu: *Chamam os Índios às moreias caramuru, das quais há muitas, mui grandes e mui pintadas como as de Espanha, as quais mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e saborosas; não as há senão junto das pedras, onde as tomam às mãos* ([129]).

D'Abbeville, sempre pobre nas suas descrições, diz: *Há o* Caramourou *muito semelhante à Enguia, do comprimento de braça e meia e grosso em proporção, encontra-se também ordinàriamente sob os rochedos, é muito bom, mas a sua mordedura é bem perigosa* ([130]).

Foram estas as referências que encontrámos sobre o peixe anguiliforme, a que Frei Cristóvão acrescentou, no fol. 6, ao *Caramoru* escrito no desenho, a palavra *morea.*

PANAPANA

(Fol. 7 e fol. 165 v.º)

panapana da cor do peixe espada e tem a cabeca muito laria (sic) *e desforme e tem demtes muito Agudos e morde como hũ caxoro eu creio que deos o criou nesta forma porque não pode morder cem uirar a cabeca pera riba e por ico muito peixe lhe escapa e não cerue mais dele que os figuidos* (sic) *pera fazer azeite*

Panapana da cor do peixe-espada e tem a cabeça muito larga e disforme e tem dentes muito agudos e morde como um cachorro; eu creio que Deus o criou nesta forma porque não pode morder sem virar a cabeça para riba e por isso muito peixe lhe escapa; e não serve mais dele que os fígados para fazer azeite.

Acerca desta espécie diz Gabriel Soares: *Panapaná é uma casta de cações, que em tudo o parecem, se não quando tem na ponta no focinho uma roda de meio compasso, de palmo e meio e de dois palmos, o qual peixe tem grandes fígados como tubarões; e os grandes tomam-se com anzóis de cadeia, os pequenos à linha e em redes de mistura com o outro peixe; comem-se os grandes secos em tassalhos, e os pequenos frescos, e são muito gostosos e leves, frescos e secos* ([131]).

D'Abbeville ([132]) mostra claramente não ter visto o peixe, pois diz: *O* panapanan *é de cerca de seis pés de comprimento, tendo a pele muito dura e bastante semelhante ao precedente* (este precedente a que se refere é o *araguagua*). *Tem também uma espada no extremo do focinho, do comprimento de perto de dois pés.*

Frei Cristóvão apresenta-nos, no fol. 7, o desenho de um peixe de nome *panapana,* por baixo do qual escreveu *casta de cação* e que apresenta nas duas faces, dorsal e ventral, à semelhança do que fez para o *peixe-boi.* Não são desenhos de valor artístico e até pecam por não nos darem uma representação realista e sacrificarem a perspectiva; mas, como vamos tentar mostrar, são ricos em pormenores de valor para um estudo do género

---

([129]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 203.
([130]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 246.
([131]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 203.
([132]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 246.

a que pertence, pois substitui por traços exactos o que falta em sabor descritivo.

Pisão, depois de falar em *Cucuri*, que diz ser *cação* em português, refere-se aos tubarões e, entre eles, a: *outra espécie de lâmia menor é o* Papaná, *pelos nossos compatriotas chamado* Kruys-haye, *diferente dos outros tubarões, sobretudo na cabeça, quase cordiforme* ([133]). O resto da descrição não tem interesse e a imagem que nos dá é igual à de Margrave; o mesmo acontece quando este autor descreve o tubarão e onde diz: *Espécie menor. Gruyshaye (em flamengo). Assemelha-se por causa da figura ao maior com a diferença de ter a cabeça triangular, ou como geralmente se pinta o coração* ([134]).

Mas Margrave, ao tratar de outra espécie, de que não mostra o desenho, dizendo ter o nome indígena de *iperu* (lembremos que Gabriel Soares lhe chama *uperu*), ou seja, em português, *tiberão* ou *tubarão*, faz-nos uma descrição que é curiosa por nos permitir segui-la, em parte dos pormenores, no desenho do *panapana de* Frei Cristóvão. *O comprimento do corpo até à cauda é de seis pés e esta é de dois pés (é constituída por uma nadadeira, dividida ou bifurcada, sendo a parte superior mais longa que a inferior). Na boca, encontram-se três ordens de grandes dentes triangulaires, como os dentes de uma fera maior, e cada dente por sua vez é guarnecido de outros menores; contei uma vez, num deles 122 dentes. Os olhos são elevados e atrás de uns orifícios ou respiradouros, encontram-se, de cada lado, sulcos de um palmo, como incisuras. O corpo é coberto de uma pele áspera, com a qual se pode polir madeira seca e sua grossura é de dois pés. Além da cauda, possui este peixe seis nadadeiras, a saber: duas máximas, do comprimento de pé e meio e de largura de sete dedos, estendendo-se uma de cada lado, em linha recta; uma erguida, no meio do dorso; duas menores, no baixo ventre; uma, enfim, mínima, junto da cauda, na parte inferior do corpo* ([135]).

Temos de concordar, ao ler os *Comentários* de Olivério Pinto à informação de Wagener, que também o *panapana* de Frei Cristóvão deve ser o *peixe-martelo* ou *Sphyrna zygena*, referido por Lichtenstein e de que Wagener nos dá igualmente um feio desenho ([136]), chamando-lhe *panapanão* ou *cornudo, cornuda* diz Miranda Ribeiro ([137]).

PIRAPETIMBABO

(Fol. 7 e fol. 165 v.º)

pirapetimbabo he de hũ pal[mo] e pardo e uermelho e he peixe armado e não ha que comer nele

Pirapetimbabo é de um palmo e pardo e vermelho; e é peixe armado e não há que comer dele.

Frei Cristóvão de Lisboa, no fol. 7, riscou a palavra *gauraqui* e escreveu *pira pitibabo*, embora mantendo no texto o termo *pirapetimbabo*.

Atentando na descrição que Margrave faz do peixe cujo nome indígena diz ser *petimbuaba, vulgarmente chamado* Tabac-pijpe (*cachimbo*)

([133]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 131-132.
([134]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 181.
([135]) Idem — *Idem*, p. 172.
([136]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 338 e fig. 2 e p. 294.
([137]) Alípio de Miranda Ribeiro — *Peixes* — II (Desmobranchios). Rio de Janeiro, 1907, p. 157.

por causa do seu aspecto e na figura que apresenta ([138]), aliando a imagem que Wagener nos dá de uma espécie de nome *pira pelomboeba* ([139]), parece lícito supormos que se trate de um membro da família dos fistularídeos, conhecido pelo nome de *cachimbo* ou *trombeta*. A referência de Pisão ([140]) é para nós pouco animadora.

CAÇAM

(Fol. 8 e fol. 165 v.º)

Caçam he da cor do peixe espada e he hũ periguozo peixe do mar e tem a pelia tam dura que despois de cequa se pode cerar com ela e tem os demtes muito Aguodus (sic) *e ce ele tiuera a boqua como os outros peixes mas não pode morder cem ce uirar com a boca pera riba pode ce comparar com a omca de tera* (sic) *e não cerue mais que de fazer mal e pouco ce aproueita dede* (sic) *cenão os figuidos* (sic) *pera azeite e he de coatro ou cimquo pal[mos]*

Cação é da cor do peixe-espada, e é um perigoso peixe do mar, tem a pele tão dura que depois de seca se pode serrar com ela e tem os dentes muito agudos, e se ele tivera a boca como os outros peixes, mas não pode morder sem se virar com a boca para riba; pode-se comparar com a onça de terra e não serve mais que de fazer mal, e pouco se aproveita dele senão os fígados para azeite; e é de quatro ou cinco palmos.

Gabriel Soares diz assim: *Aos cações chamam os índios socori, do que há muitos na Bahia, que se tomam à linha e com redes; e os pequenos são mui leves e saborosos, e uns e outros não têm na feição nenhuma diferença dos que andam e se tomam em Espanha* ([141]).

Em longa descrição, Pisão chama-lhe *cucurí* (termo indígena), em português *Cassaon* ([142]) e dá-nos uma imagem, semelhante à que é apresentada por Margrave, o qual lhe dedica no entanto uma descrição mais reduzida e lhe chama igualmente *cucuri* ([143]).

Parece que o nome tupi mais correcto seria o de *çucuri*, o que faz aproximar o termo empregado por Gabriel Soares. É má a figura que nos mostra Frei Cristóvão no fol. 8, pelo que nos fica a dúvida de se tratar do *Prionodon cucuri* Casteln.

PACAMO

(Fol. 8 e fol. 165 v.º)

o pacamo he da cor dabrotia e he de dous palmos e não tem escama e ce toman debaixo das pedras e he muito bom comer.

O pacamo é da cor da abrótia e é de dois palmos, e não tem escama; e se tomam debaixo das pedras e é muito bom comer.

([138]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 148.
([139]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 339, fig. 4.
([140]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 157.
([141]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 203.
([142]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 131-132.
([143]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 164.

Tanto Pisão como Margrave, ao referirem-se ao *pacamo*, dizem ser chamado pelos Portugueses *enxaroco*, o que não verificamos na única descrição encontrada sobre esta espécie e que é esta apresentada por Frei Cristóvão.

Não se refere Gabriel Soares a este peixe e fala no *enxarroco* como uma espécie de *bagre*, ao tratar dos peixes a que *os índios chamam curis* ([144]) ou no *bacupuá* ([145]). Lembremos que, erradamente, Varnhagen emite a opinião de que Soares, em vez de *bacupuá*, devia ter escrito *Bacamó*; ora isto é impossível, porquanto o célebre roceiro ao descrever o *bacupuá* pretende dar-nos, ùnicamente, uma imagem do *peixe-morcego* ([146]).

D'Abbeville, a propósito, diz que o *pacamo não tem escamas, é acinzentado e do comprimento de dois pés, tendo a cabeça muito grossa para a proporção do corpo muito mais fino; encontra-se ordinàriamente sob os rochedos* ([147]).

O desenho que nos dá Frei Cristóvão é muito diferente do que nos é apresentado por Pisão ([148]) e Margrave ([149]), nos quais diferem igualmente as descrições. Wagener não o refere.

Não é suficientemente expressivo este desenho do códice, de modo a permitir-nos uma pequena segurança de afirmação. Supomos, porém, tratar-se de um peixe acantopterígio bleniforme, da família dos batraquídeos, portanto semelhante ao *charroco*, este especialmente abundante em Setúbal e frequente em Angola. Advirá desta última circunstância a possibilidade de vulgarização do nome?

AMORETAPOCU

(Fol. 8 e fol. 165 v.º)

Amoretapocu cuberta descama de hũ palmo de comprido de cor parda e bramqua e os olhos pratiados he bom de comer

Amoretapocu coberta de escama, de um palmo de comprido, de cor parda e branca e os olhos prateados, é bom de comer.

Não encontrámos referências a este peixe.

ACARA

(Fol. 56 e fols. 165 v.º e 175 v.º)

acara cuberta descama da cor de prata e amarelo pela barigua he bom peixe de comer

Acara coberta de escama da cor de prata e amarelo pela barriga, é bom peixe de comer.

A pequenina descrição aqui presente é enganosa, pois não diz respeito ao desenho do fol. 9, mas sim ao do fol. 56, sobre o qual a seu tempo falaremos.

([144]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 203.
([145]) Idem — *Idem*, ib., p. 214.
([146]) Francisco Adolfo de Varnhagen — *Ob. cit.*, p. 67.
([147]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 246.
([148]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 140.
([149]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 148.

Designa esta palavra *acará* várias espécies de peixes da família dos ciclídeos, pelo que esta em causa é para nós de difícil caracterização, uma vez que Frei Cristóvão apresenta uma descrição e, ao desenho, acrescenta do seu punho a palavra *putanga*.

Assim, qualquer relação que quiséssemos fazer com a espécie designada *acara* por Margrave ([150]) tem de ser reservada para a espécie mais ao diante referida, como dissemos. O mesmo se passa com a indicada por Pisão ([151]).

Não conseguimos discernir qualquer relação com as várias espécies de *acara* que d'Abbeville refere, pois as suas descrições são pouco características ([152]).

No entanto, não nos podemos esquecer de que existe o *acará açu* (*Astyanax* sp.), nome indígena de um peixe brasileiro ([153]).

ACARACOROIS

(Fol. 9 e fol. 166)

Acaracorois quer dizer peixe pedra cuberta descama de cor de prata e he muito bom peixe de comer e tem pouqua espinha e ce toman muito a linha he mui sadio

Acaracorois quer dizer peixe-pedra; coberto de escama de cor de prata, e é muito bom peixe de comer, e tem pouca espinha, e se tomam muito à linha; é mui sadio.

Acaracorois, espécie que mantém no desenho, a fol. 9, o nome de *acaracoro*, é o *peixe-pedra*, diz o autor na descrição. Ora o termo *peixe-pedra* corresponde a um peixe do Amazonas, de cabeça venenosa ([154]), também conhecido na África oriental e na Índia, parecido com a *choupa* de Portugal, mas que não figura nos estudos realizados pelos autores que apreciamos.

No entanto, é possível que, dada a semelhança desta espécie com a *choupa*, também conhecida em Portugal pelo nome de *salema*, diga respeito a esta descrição que Margrave nos dá do peixe chamado *Sallema ou salema* (*em português*) ([155]). No nosso exemplar, muito pouco parecido com o do desenho deste último autor, faltam as nove estrias que ele assinala, mas do mesmo se queixa João de Laet na nota que acrescentou à descrição de Margrave ([156]).

AUACATOHAYA

(Fol. 10 e fol. 166)

Auacatohaya he peixe de hũ palmo os mais grandes he muito larjo não tem escama e nimguem dira cenão que esta cuberto de prata e ha pouquo comer nele

Avacatoaia é peixe de um palmo os mais grandes; é muito largo, não tem escama e ninguém dirá senão que está coberto de prata; e há pouco comer nele.

([150]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 168.
([151]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 166.
([152]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fols. 245, 245 v.° e 247.
([153]) Lauro Travassos e J. F. Teixeira de Freitas — *Publicações avulsas* n.° 2. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1964.
([154]) *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, de 12 de Novembro de 1901.
([155]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 153-154.
([156]) Idem — *Idem*, p. 154.

À espécie que no fol. 10 foi intitulada *avacatou hyi* (com o *u* riscado) foi aposta mais tarde a designação de *peixe galo*, designação por que era geralmente conhecido esse peixe do género *Zeus* Lin., frequente nas águas tropicais do Atlântico e do Pacífico.

É curiosa a descrição que dele faz Gabriel Soares, que lhe aponta o nome índio de *zabucai* e dele diz: *Há outro peixe que morre nas redes, a que os Índios chamam zabucai, e os Portugueses galo, o qual é alvacento, muito delgado e largo, com uma boca pequenina, e faz na cabeça uma feição como crista, e nada de peralto; este peixe é muito leve e saboroso* ([157]).

Foi mencionado com o nome de *abacatuajá* por Pisão ([158]), que sobre ele faz um certo número de considerações. Cita-o Margrave com o nome de *abacatuaia* ([159]). Estes dois autores dão-nos, do peixe, uma imagem muito semelhante à que fora anteriormente obtida por Frei Cristóvão, como se pode verificar por um simples confronto.

Mas há motivo para hesitações e confusões quando se contempla, também, o desenho da espécie a que Margrave chama *guaperna* ([160]); no entanto, qualquer relação que se quisesse fazer com esta espécie encontraria sempre um obstáculo na cor do peixe, que o autor indica.

GUARAHI

(Fol. 10 e fol. 166)

guarahi he de dous palmos não tem escama he pardo he peixe ralo que se ue pouquo he bom de comer

Guarahi é de dois palmos, não tem escama, é pardo, é peixe raro que se vê pouco; é bom de comer.

A referência a esta espécie, que, a par do nome de *guara hy*, no fol. 10, tem escrita com outra letra a indicação de *charéu das ilhas*, vai ser feita com a da espécie seguinte, pois parece pertencerem ambas à mesma família.

GUARA

(Fol. 11 e fol. 166)

guara he peixe de palmo e meio de comprido. ce escama pelas costas pardo ([161]) *tira de uerde he bramquo pelo meio do corpo e pela barigua amarelo e he bom peixe acado e cozido não he bom porque ce bota a pelia fora e tem pouqua espinha*

Guara é peixe de palmo e meio de comprido, se escama pelas costas; pardo, tira de verde e branco pelo meio do corpo e pela barriga amarelo, e é bom peixe assado e cozido não é bom porque se bota a pele fora e tem pouca espinha.

([157]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 208.
([158]) Guilherme Pisão — *Ob. cit.*, p. 142.
([159]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 161.
([160]) Idem — *Idem*, p. 145.
([161]) Segue, riscada, a sílaba *pi*.

Também adiante do vocábulo *guara* atribuído ao peixe desenhado no fol. 11, e sobreposta ao desenho, aparece a elucidativa indicação de *charéu das ilhas.*

Parece, portanto, tratar-se de duas espécies de peixes escombriformes, da família dos carangídeos, a uma das quais se refere Gabriel Soares do seguinte modo: *Chamam os Índios guiará, a que os Portugueses chamam xaréu, que é peixe largo, branco, prateado e teso, o qual quando é gordo é em extremo saboroso, e tem nas pontas das espinhas, nas costas, uns ossos alvos, atonelados, tão grossos no meio como avelãs, mas compridos; o qual peixe morre à linha e em redes em todo o ano, e além de ser gostoso é muito sadio* ([162]).

Não encontrámos em Pisão e Margrave quaisquer espécies com que pudéssemos relacionar as que estão aqui em causa.

ARAMACA

(Fols. 11 e 12 e fols. 166 e 175 v.º)

Aramaca ([163]) *he peixe que ce parece com solha* ([164]) *de noco europa* ([165]) *mas não he tão bom e sam de gramdor e forma e não ce come cem primeiro cer acoutado porque ce lhe não fazem acim todo ce fas em migualhas*

Aramaca é peixe que se parece com a solha da nossa Europa, mas não é tão bom; e são de grandor e forma, e não se come sem primeiro ser açoutado, porque se lhe não fazem assim todo se faz em migalhas.

Nos fols. 11 e 12, a par da indicação de *aramaca* dada nos desenhos, aparece escrita a palavra *lingoado,* que esclarece quais as espécies em causa, ao mesmo tempo que a contemplação dos elucidativos desenhos não dá margem a dúvidas. Figura igualmente uma espécie de *aramassa* (um borrão não permite ver-se em evidência o duplo *s*) no fol. 59, que se aproxima mais do étimo *aramaçá* que traduz para tupi o nome português de *solha.*

Várias são as espécies destes pleuronectídeos existentes no Brasil, com vocábulos na língua nativa pouco diferenciados e todos tendentes a traduzirem a expressão de *olho torto,* para castigar o peixe pelo desrespeito a Nossa Senhora, de que nos fala o folclore brasileiro.

Uramaçá lhe chama Gabriel Soares, o qual diz que *é uma casta de peixe da feição de linguados de Portugal, o qual se toma debaixo da vasa ou com redes, cujo sabor não é muito bom; e se o cozem ou assam, sem o açoitarem, faz-se em pedaços* ([166]).

D'Abbeville diz que *há o* Aramassa *que é também um peixe chato, muito semelhante ao linguado deste país, do comprimento de mais de dois pés e largo em proporção e da espessura de mais de três dedos, tendo o ventre branco, e o dorso negro, sendo muito bom para comer* ([167]).

([162]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, pp. 201-202.
([163]) Tem entrelinhada a palavra *lingoado.*
([164]) Esta palavra está entrelinhada. Tem riscada a palavra *colho.*
([165]) Esta palavra foi emendada. Estava *oropo.* Tem, antes dela, a letra *o.*
([166]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 213.
([167]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 245 v.º

Não tem interesse a descrição de Pisão, que nos dá uma figura do peixe muito incaracterística; chama-lhe *aramacá, em português Lingoáda, vulgarmente também cubricunha* ([168]). O mesmo podemos referir a propósito do que sobre este peixe escreve Margrave, cuja imagem também nos não agrada. Segundo Margrave, o *aramacá* é igualmente chamado *cubricunha, termo português*, que nós confessamos desconhecer completamente ([169]).

ACARA ACU

(Fol. 12 e fol. 166)

Acara acu he peixe que ce parece com o mero e cera de tres palmos e meio de comprido e cam ralos e ce uem pouquos e he peixe muito desguostozo

Acara acu é peixe que se parece com o mero e será de três palmos e meio de comprido; e são raros e se vêem poucos e é peixe muito desgostoso.

Embora no texto este peixe tenha o nome de *acara acu*, é fácil de verificar-se ser aquele que Frei Cristóvão designou no fol. 12 por *acara asu* e diz parecer-se com o *sargo* e com o *mero*.

Gabriel Soares não se refere a esta espécie. D'Abbeville diz a seu respeito: *Há o* Acara Ouässou *que é um peixe chato, tendo cerca de três pés e largo em proporção. É pardo e todo escamoso* ([170]).

Como se observa, é tão pobre o descritivo que qualquer tentativa de referência esbarra nessa pobreza. Não se refere Pisão a qualquer peixe com este nome. Quanto a Margrave, fala-nos no *sargo*, quer a propósito da espécie *Salema* ([171]), a que já anteriormente nos referimos, quer do peixe conhecido pelo nome indígena de *Guaibiaya*, que, segundo a sua expressão, concorda com a descrição do sargo feita por Gesner, o que pouco nos adianta ([172]).

Limitamo-nos, portanto, a supor tratar-se de um peixe da família dos espáridas, de que há tantas espécies e de que conhecemos no Brasil algumas, como o *sargo-de-beiço* e o *sargo-de-dente* ou *marimbá*.

ARAMACA

(Fol. 59 e fols. 166 e 175 v.º)

Aramaca he hũ peixe redomdo que Ce parece Com peixe imxada e a de cer pera ce comer acoutado como outro

Aramaca é um peixe redondo que se parece com peixe-enxada e há-de ser para se comer açoutado como o outro.

O peixe que o autor aqui refere e cuja imagem apresenta no fol. 59, que a seu tempo se verá, parece-nos corresponder mais ao linguado de Portugal do que ao *peixe-enxada*, como o autor lhe chama.

([168]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 163.
([169]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 181; Jerónimo Osório de Castro — *Glossário de Nomes de Peixes*, Lisboa, 1954.
([170]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 245.
([171]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 153.
([172]) Idem — *Idem*, p. 147.

E a propósito de *peixe-enxada*, temos de pedir atenção para a seguinte referência que Gabriel Soares faz: *Tareira quer dizer enxada, que é o nome que tem outro peixe que morre nas redes, que é quase quadrado, muito delgado pela banda da barriga e grosso pelo lombo, o qual também nada de peralto, e é muito saboroso e leve* ([173]).

Parece-nos assim ser de aventar a hipótese de o desenho estar errado e dever ser a figura do *peixe-espada*, ou *tareira*, como diz Gabriel Soares, a representada.

GUARAANHA

(Fol. 13 e fol. 166)

([174]) *guaraanha tera dous palmos de comprido* ([175]) *coberto descama de cor de prata e he bom comer*

Guaraanha terá dois palmos de comprido, coberto de escama de cor de prata e é bom comer.

Frei Cristóvão escreveu no fol. 13 o nome *guaraanha*, a que acrescentou: *são como enxovas.*

Não se encontram peixes com a designação de *guaraanha* entre as espécies descritas pelos autores que consideramos neste estudo. No entanto, podemos pensar em qualquer relação com a espécie apelidada *arabori* por Gabriel Soares, uma vez que ela se refere a uma espécie da família dos clupeídeos ([176]). Ou então, mudando um pouco, pensar que, embora o desenho e o descritivo se não ajustem perfeitamente, a espécie é semelhante à que Margrave descreve com o nome indígena de *acaraaya*, esclarecendo que vulgarmente é designada por *garanha* ([177]). Ao mesmo peixe se refere Pisão ([178]).

A nossa suposição é que o peixe aqui em referência é uma das muitas espécies de engraulídeos que frequentam os mares da América do Sul.

PIRACAVA

(Fol. 13 e fol. 166 v.º)

piracaua de palmo e meio de comprido com escama cor de prata e he bom de comer

Piracava de palmo e meio de comprido, com escama cor de prata e é bom de comer.

Piracava, representada no fol. 13, é uma espécie cuja figura se encontra reproduzida, um pouco mais imperfeitamente, em Margrave, verificando-se a semelhança quando se acompanham na imagem os incidentes da descrição ([179]). Diz o célebre médico alemão ser *piracoaba* o termo indígena por que é conhecido, segundo supomos, este membro da família *Percidae*. Também Pisão se refere ao mesmo peixe, em curto descritivo, comparando-o ao cálcide de Rondelécio ([180]).

([173]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 208.
([174]) Tem, antes, riscadas as palavras *Coromiahi cuberto descama.*
([175]) Esta palavra tem riscada a letra *m*, entre o *i* e o *d*.
([176]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 210.
([177]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 167-168.
([178]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 165.
([179]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 176.
([180]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 151.

VARU VARU

(Fol. 13 e fol. 166 v.°)

Varu Varu cor de pardo de hũ palmo de comprido com escama cor de pardo e he bom de comer

Varu Varu, cor de pardo, de um palmo de comprido, com escama cor de pardo e é bom de comer.

Não encontrámos qualquer referência a esta espécie.

TOROHUPIRA

(Fol. 14 e fol. 166 v.°)

torohupira peixe de coatro olhos de hũ palmo bom de comprido os maoires eles cam (181) *de cor de cimza e bramquos pela barigua e uam caltãodo por riba da auguoa com a cabeca de fora olhãodam* (sic) *com olho por baixo e daguoa e o outro olhãodo pera riba pera o ceu o maixo* (182) *tem natura como animal* (183) *e a femia pare os filhos da barigua uiuos como animal* (184) *e parem muito gramde camtidade e he bom a comer e fas muito bom caldo*

Torohupira peixe de quatro olhos, de um palmo bom de comprido os maiores, eles são de cor de cinza e brancos pela barriga e vão saltando por riba da água com a cabeça de fora, olhando com olho por baixo de água e o outro olhando para riba o céu; o macho tem natura como animal e a fêmea pare os filhos da barriga vivos como animal; e parem muito grande quantidade, e é bom a comer e faz muito bom caldo.

Três são os nomes que Frei Cristóvão atribui a este peixe, pois desde o *torohupira* com que o apresenta no descritivo de fol. 166 v.°, vai ao de *taraquipira* que lhe dá nas duas imagens desenhadas no fol. 14, passando pelo de *toroypira*, que aparece riscado no mesmo fólio.

Não encontramos nas obras de Pisão e Margrave qualquer imagem que corresponda ao desenho apresentado no códice. Só na descrição que Margrave faz do *miivipira* e *pirabebe* surgem alguns elementos que, talvez, nos permitam relacionar a nossa espécie com o *peixe-voador*, sem ser o pirabebe que adiante vem desenhado. No entanto, as imagens deste peixe, apresentadas em Pisão (185) ou Margrave (186) não se assemelham à do códice, devemos dizê-lo mais uma vez. Wagener, embora as suas descrições estejam distantes da nossa, mostra uma figura de que muito se aproxima a apresentada no códice (187). Lembramos igualmente que, no índice, a indicação do fólio do texto desta espécie vem referida igualmente no *piraleve voador*.

---

(181) Seguem riscadas as palavras *de cam*.
(182) Tem entrelinhadas as palavras *e ho*.
(183) Esta palavra está entrelinhada. Foi riscada a palavra *bixo*.
(184) Esta palavra está entrelinhada. Foi riscada a palavra *bixo*.
(185) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 154-155.
(186) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 162.
(187) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, pp. 294 e 296, figs. 5 e 14.

ARAUERI ACU

(Fol. 14 e fol. 166 v.º)

Araueri acu he como a cardinha de meio palmo de comprido pelo meio do corpo tira de uerde e tem muita espinha e não he bom de comer que acada

Araveri açu é como a sardinha, de meio palmo de comprido, pelo meio do corpo tira de verde e tem muita espinha; e não é bom de comer que assada.

Ao *araueri acu* escrito no texto, no fol. 166 v.º, corresponde um *arauery asu* sobreposto ao desenho, no fol. 14, que foi riscado, tendo Frei Cristóvão escrito por cima: *araberi asu sardinha.*

Parecido com a sardinha, diz-nos Gabriel Soares no seu relato sobre o *arabori*: *é um peixe de arribação, da feição das savelhas de Lisboa, e assim cheias de espinhas, as quais salpresas arremedam as sardinhas de Portugal no sabor; e tomam-se em redes* (188).

Ao *araberi* como *termo indígena, sardinha,* como *termo português,* se refere Margrave, dando do peixe uma pequena descrição, que em nada colide com as poucas palavras do nosso texto (189). E como o autor não apresenta qualquer figura, não nos é possível estabelecer mais relações.

TATAPUI ACU

(Fol. 15 e fol. 166 v.º)

tatapui acu outra cardinha de cor de prata com escama pequena he da mes (sic) *mesma gramdor que a outra e não tem tamta espinha como a outra*

Tatapui açu outra sardinha de cor de prata, com escama pequena; é da mesma grandor que a outra e não tem tanta espinha como a outra.

(Fol. 15 e fol. 166 v.º)

outra cardinha do mesmo nome da outra e da mesma cor e feitio mas he mais estreita e mais comprida e ce tomão muito gramde camtidade e cam bom de comer

Outra sardinha do mesmo nome da outra e da mesma cor e feitio, mas é mais estreita e mais comprida; e se tomam muito grande quantidade e são bom de comer.

No fol. 15, sobreposto ao primeiro desenho, lê-se o nome de *tatapoy asu,* seguido da indicação de *outra casta de sardinha.* Como título da segunda figura pode ler-se a indicação de *porta ho mesmo nome* riscada, seguida de *outra casta de sardinha.*

Não temos elementos para uma identificação. Mas supomos, entrando em linha de conta com a indicação de Gabriel Soares na espécie anterior, que deve tratar-se, em um e outro casos, de membros da família dos clupeídeos, de que faz parte a *savelha* das costas de Portugal (190).

---

(188) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 208.
(189) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.* p. 178.
(190) Jerónimo Osório de Castro — *Ob. cit.*, p. 164.

ARAGUORI

(Fol. 15 e fol. 167)

Araguori peixe com escama de meio palmo cor de prata e he bom comer

Araguori peixe com escama, de meio palmo, cor de prata e é bom comer.

Não encontrámos qualquer elemento que nos permita referenciar esta espécie.

PIRAIUCURI

(Fol. 16 e fol. 167)

Piraiucuri ([191]) *da cor do mero cuberto descama tem os olhos uerdes tem mais dum palmo de comprido e cam ralos e ce axão pouquos, e cam bomus de comer*

Piraiucuri da cor do mero, coberto de escama, tem os olhos verdes; tem mais de um palmo de comprido e são raros e se acham poucos e são bons de comer.

O termo *piraiucuri* está escrito no texto de modo que o *c* da penúltima sílaba está a cortar um *p*, e na estampa do fol. 16 aparece o termo escrito *piraiucheri* com o *h* entrelinhado.

Não encontrámos elementos de referência a esta espécie.

PARATI

(Fol. 16 e fol. 167)

parati he a taimha e ha de palmo e meio de gramdor algumas e ha muita gramde camtidade dela nesta tera do manránhão e ce tomão muitas emfimdas e ce uio ia algum dia matarem des ou doze mil e diamte que os bramquos uiecem aqui as matauão com os frexas e canoas que tãotas herão que lhe metião as canoas no fundo do mar e as tomauão tambem com hũs redes pequeninhas e he bom peixe de comer

Parati é a tainha e há de palmo em meio de grandor algumas, e há muita grande quantidade dela nesta terra do maranhão e se tomam muitas infindas, e se viu já algum dia matarem dez ou doze mil; e diante que os brancos viessem aqui as matavam com as frechas e canoas que tantas eram que lhes metiam as canoas no fundo do mar, e as tomavam também com umas redes pequeninas; e é bom peixe de comer.

Diz Gabriel Soares que *são as tainhas, a que os Índios chamam paratis, do que há infinidade delas na Baía* ([192]).

D'Abbeville diz de outro modo: *Encontra-se uma infinidade de outros salmonetes de mar que chamam Paraty. São mais pequenos que os precedentes, e muito semelhantes àqueles que vemos aqui, mas muito mais gordos e mais excelentes* ([193]).

([191]) Esta palavra está entrelinhada. Tem riscada a palavra *piragupiri*.
([192]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 208.
([193]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, fol. 244 v.°

Pisão fala no *parati*, em curta exposição ([194]). Margrave também se refere a esta espécie, dizendo ser *tainha em português* e dela nos dá uma pequena descrição ([195]).

Parece, portanto, não haver erro em supor que se trata de um peixe do género a que se referem alguns ictiólogos brasileiros.

GUORI

(Fol. 17 e fol. 167)

guori he o baguere e ha de quoatro ou cimquo castas e ha algum de coatro ou cimquo palmos e ha de amarele que parecem cor de ouro naguoa e outro que tirão de preto e cam mais pequenos e he o mais comun peixe que se toma nesta tera e heu ui matar ao pauo (sic) *caregua de coatro ou cimquo pecoas e he bom de comer e tem duas pedras na cabeca pequenas redomdas*

Guori é o bagre; e há de quatro ou cinco castas, e há algum de quatro ou cinco palmos, e há de amarelo que parecem cor de ouro na água e outro que tiram de preto e são mais pequenos; e é o mais comum peixe que se toma nesta terra e eu vi matar ao pau carga de quatro ou cinco pessoas; e é bom de comer e tem duas pedras na cabeça pequenas redondas.

GUORIATIUAI

(Fol. 17 e fol. 167 v.º)

guoriatiuai he o baguere brabado de hũ palmo e meio os mahores da cor azul escuro e pela barigua tira de bramquo e he muito bom peixe sal prezo e ce tomão muitos a linha

Guoriativai é o bagre barbado, de um palmo e meio os maiores, da cor azul-escuro e pela barriga tira de branco; e é muito bom peixe salpreso e se tomam muitos à linha.

Os dois nomes atrás indicados dizem respeito aos bagres, peixes conhecidos e que supomos não necessitarem de mais referências.

Lembramos, no entanto, que Gabriel Soares fala sobre duas espécies de bagres, do modo que a seguir vamos transcrever ([196]).

Há outro peixe, a que os Índios chamam curis e os Portugueses bagres: tem o couro prateado sem escama, tomam-se à linha, tem a cabeça como enxarroco, mas muito dura; e tem o miolo dela duas pedrinhas brancas muito lindas; este peixe se toma em todo o ano, e é muito leve e gostoso.

Há outra casta de bagres, que tem a mesma feição, mas tem o couro amarelo, a que os Índios chamam urutus, que também morrem em todo o ano à linha, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, cujas peles se pegam muito nos dedos; e não são tão saborosos como os bagres brancos.

Ora o nome *curi*, com que Gabriel Soares denomina a primeira espécie ([197]), parece ser corruptela de *güiri*, que em linguagem tupi quer dizer

---

([194]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 174.
([195]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 181.
([196]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 203.
([197]) Idem — *Idem*, ib., p. 204.

bagre, conforme nos ensina Pirajá da Silva. E este seria o bagre branco, pois *urutu* seria o nome do bagre amarelo.

Assim, o nosso Frei Cristóvão, ao dar o nome de *guori* ao bagre, não andou muito longe do nome nativo.

Margrave descreve várias espécies de bagres, sem lhes indicar o nome ([198]). Pisão cita os nomes indígenas de *Curuí*, *Nhandiá*, *Guiritinga* e *Guiráguaçu* ([199]). E se nos não enganámos, d'Abbeville refere duas espécies de bagres, dando-lhes os nomes de *Ouyry* e *Oury Iowve* ([200]).

PIRACIVA

(Fol. 18 e fol. 167 v.º)

piraciua quer dizer o piolho do peixe e he da compridam de dous palmos de comprido e he da cor de pardo escuro e ce apegua em riba dos outros peixes diguo ce apegua em riba dos casamis por ter medo dos outros peixes e tambem se apegua aos nauios e he peixe muito gordo e he bom de comer

Piraciva quer dizer o piolho do peixe e é da compridão de dois palmos de comprido e é da cor de pardo-escuro; e se apega em riba dos outros peixes, digo, se apega em riba dos cações ([201]) por ter medo dos outros peixes e também se apega aos navios, e é peixe muito gordo e é bom de comer.

Embora no fol. 167 v.º esteja escrito o nome de *piraciva*, o facto é que no fol. 18 Frei Cristóvão corrigiu para *piraquiba*, nome do peixe que aparece desenhado em duas faces.

Gabriel Soares, ao referir-se ao tubarão, ou *uperu*, diz: *em os quais acham pegados os peixes romeiros, como nos do mar largo* ([202]). Este termo *romeiro* faz logo lembrar o *Echeneis remorsa* L., a *rémora* das histórias de Plínio. Parece, porém, que a rémora aqui em causa será aquela a que chamam *rémora-maior*, ou piolho-do-brasil.

Margrave descreve o peixe indicando os termos indígenas de *Iperuquiba* (tupi) e *piraquiba*, que em português quer dizer *peixe-jogador* e *peixe-piolho* ([203]).

PIRABEBE

(Fol. 18 e fol. 167 v.º)

pirabebe he o aboador e tamanha como hũa gramde cardinha este pobre peixe ([204]) *tem guera naguoa e fora daguoa e cuda de escapar do mar dos cacamis e bonitos e aluoquoras e dourados ce mete a boar fora daguoa cudamdo de escapar uem as fraguatas e outros*

([198]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 173-175.
([199]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 158-159.
([200]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 244.
([201]) É frequente encontrarmos neste texto palavras como *casamis* e *cacamis*, a que damos o significado de *cações*, por não termos outro mais adequado e só desse modo podermos compreender essas palavras.
([202]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 195.
([203]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 180 .
([204]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.

pacoros que o tomão pelo ar e o aboar deste peixe he de dois cem pacos e ([205]) *nem no queri senão despois que o ui e que o tiue na mão he bom peixe de comer eu creio que não fas sua abitacão cenão cobre a tropiqua* ([206]).

Pirabebe é o avoador e tamanha como uma grande sardinha; este pobre peixe tem guerra na água e fora de água e cuida escapar do mar com cações e bonitos e albacoras e dourados, se mete a voar fora de água cuidando de escapar, vêm as fragatas e outros pássaros que o tomam pelo ar e o voar deste peixe é de dois cem passos e nem no cri senão depois que o vi e que o tive na mão; é bom peixe de comer; eu creio que não faz a sua habitação senão sobre a trópica.

Já nos referimos a esta espécie, a propósito do *torohupira*, e indicámos os autores que citam o *pirabebe* ou também *pira beue*, como está escrito no fol. 18, sobreposto ao vocábulo *voadores*, que Frei Cristóvão escreveu, englobando assim as duas espécies, *pirabebe* e *torohupira*, na mesma indicação, como já referimos a propósito da análise do índice.

YABEBURA

(Fol. 19 e fol. 168)

yabebura he a raia e tem de tres castas e tem hũa casta de de (sic) *mui gramde he muito forte coberta de picamis nas costas e a pelia despois de cequa cerue* ([207]) *aos negros de rapar as cuas tes que são muito fortes que nem frexa nem espada a pode pacar ela tem hũ piquão no rabo que cam muito periguozas que de algũa piquaduras delas tem ia morido algũa iente ela he muito bom comer com uinaigre e azeite.*

Jabebura é a raia e tem de três castas e tem uma casta mui grande é muito forte coberta de picos nas costas e a pele depois de seca serve aos negros de rapar as suas tez que são muito fortes que nem flecha nem espada a pode passar ela tem um picão no rabo que são muito perigosas que de algumas picaduras delas tem já morrido alguma gente ela é muito bom comer com vinagre e azeite.

No fol. 19, escrita a lápis, está a indicação de *garauourre*, que Frei Cristóvão emendou escrevendo *Arraya*, e logo no primeiro desenho *gebebura*. *Jabebura* diz o texto, acrescentando ser a raia e haver várias espécies.

Todos os autores aqui em causa se referem a esta espécie, mais ou menos prolixamente, mas só Frei Cristóvão nos apresenta desenhos das faces dorsal e ventral do peixe. Diz Gabriel Soares: *Arraias há na Bahia muitas, as quais chamam os Índios jabubirá e são de muitas castas como as de Lisboa; e morrem à linha e em redes; há umas muito grandes e outras pequenas, que são muito saborosas e sadias* ([208]).

Fala na raia d'Abbeville, citando duas espécies: a *Yaüébouyre* e a *Narinnary*. Da primeira diz: *a yaüébouyre é um peixe chato, muito semelhante à raia, mas muito maior; tem mais de duas grandes braças de comprimento e outro tanto de largo e mais de um pé de espessura; a cauda é*

([205]) Seguem riscadas as palavras que se não puderam decifrar.

([206]) Tem à margem: *E Raia jabebura são muito grandes e tem rabo e no fim dele tem hũ ferão ou piquo que he muito peconẽheto* (sic) *se acazo pica algũa pecoa dura a dor 24 oras.* (E raia jabebura são muito grandes e têm grande rabo e no fim dele tem um ferrão ou pico que é muito peçonhento se acaso pica alguma pessoa dura a dor 24 horas).

([207]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.

([208]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 203.

do comprimento de uma braça e meia, no meio da qual está uma ponta em forma de dardo, muito mais comprida do que um dedo, a ferida da qual é tão perigosa, que muitas vezes se é constrangido a cortar a parte daquele que foi picado. Diferença a segunda da anterior, pelo tamanho do aguilhão e pela cor, negra e branca ([209]).

Pisão refere-se a várias espécies, descrevendo a *nari-nari*, que é a *chamada raia pelos Portugueses* (como ele diz) e a *iabebára* ([210]).

Margrave refere-se às espécies *aiereba*, *jabebirete* e *narinari* ([211]). De todas parece que a citada por Frei Cristóvão com o nome de *jabebura* é a *raia-lixa*, descrita por Margrave com o nome de *jabebiretê*, ou seja, a *Dasyatis Gimnura* Müll., de que Miranda Ribeiro tratou ([212]).

AGUOTAQUUPA

(Fol. 20 e fol. 168)

Aguotaquupa he pescuada e tem de tres castas hũa ce xoma guotacupa e outra ce xhoma (sic) *coruina e a outra peixima e cam todas cubertas descama todas de cor de prata e a coruina he hũ poucuo amarela pela barigua e a algumas que cam de dous palmos e meio e he muito bom comer e ce tomão graõde camtidade delas e tem duas pedras na cabeca e me parecem cerem as pedras de noca tera que ceruem pera mal de barigua*

Aguotacupa é pescada e tem de três castas, uma se chama guotacupa, e outra se chama corvina e a outra peixima e são todas cobertas de escama todas de cor de prata; e a corvina é um pouco amarela pela barriga, e há algumas que são de dois palmos e meio, e é muito bom comer e se tomam grande quantidade delas; e tem duas pedras na cabeça e me parecem serem as pedras de nossa terra, que servem para mal de barriga.

O vocábulo *agotacupa* existente no fol. 20 não é igual ao do texto; foi riscado, tendo Frei Cristóvão escrito por baixo: *pescada guatupupa.*

Com este nome refere-se o autor a três espécies, das quais a uma chama *guotacupa* e a outra *corvina*. Supomos ser erro, pois deve tratar-se dos nomes nativo e português da mesma espécie.

Tacupapirema é um peixe que arremeda as corvinas de Espanha, o qual morre no Verão, da boca dos rios para dentro até onde chega a maré, e tem uma cor amarelaça em fresco, e tem a carne mole, e salpreso faz-se em folhas como pescada, e é muito gostoso. Este peixe tem na cabeça metidas nos miolos duas pedras muito alvas do tamanho de um vintém, e morre à linha; do que há muito por estes rios, é só o que acerca da corvina diz Gabriel Soares, ao tratar de alguns destes peixes da Baía ([213]).

D'Abbeville diz-nos: *Há a Ouätoucoupa, que é um peixe com escama, de dois grandes pés de comprimento, amarelado na cabeça e muito bom de comer* ([214]).

Pisão cita o *quatucupá*, que é *chamado Corvina pelos pescadores lusitanos* ([215]). E verificamos, assim, que a diferença entre os nomes dados por Frei Cristóvão e Pisão reside só numa questão ortográfica.

([209]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fols. 244 v.° e 245.
([210]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 148-149.
([211]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 175-176.
([212]) Alípio de Miranda Ribeiro — *Ob. cit.*, p. 188.
([213]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 205.
([214]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 244.
([215]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 155.

Guatucupa é o *termo indígena* que Margrave indica; referindo ainda os de *Balabolla* e *Corvina* correspondentes a termos dados em territórios portugueses, respectivamente, do Congo e metrópole ([216]).

A corvina é peixe demasiadamente conhecido para merecer mais referências.

Só nos chama a atenção o vocábulo *pexima*, que não sabemos caracterizar. Lembramo-nos sòmente de um termo que lhe pode ser raiz e que vamos referir pela curiosidade que encerra: na região de Alcobaça chamam ao indivíduo natural da Nazará *pexim*, derivação de peixe, segundo parece. Terá algo a ver com o termo *pexima* que o códice cita?

ACARACORO

(Fol. 20 e fol. 168)

acaracoro quer dizer o peixe que fala de hũ palmo pequeno cuberto descama cor de pra[ta] e he muito bom comer e tem pouqua espinha

Acaracoro quer dizer o peixe que fala; de um palmo pequeno, coberto de escama cor de prata e é muito bom comer e tem pouca espinha.

Supomos que o *acaracoro* de que nos fala Frei Cristóvão está em relação com o *corocoro* referido por Margrave ([217]). E isto porque Pisão, ao descrever o *corocoroca*, cita o ruído que o peixe emite quando é agarrado, o que no nosso texto seria pitorescamente traduzido pela expressão *que fala* ([218]).

Parece-nos tratar-se de um peixe da família *Percidae*.

PARU

(Fol. 21 e fol. 169)

Oparu de palmo e meio cuberto descama pequena de pardo cor de cimza pela barigua bramquo e tem os osos diguo tem dous ocos debaixo das azas da barigua redomdos como dous ouos de hũa pomba e tem as espinhas muito grocas e he muito bom comer.

O paru de palmo e meio coberto de escama pequena, de pardo cor de cinza, pela barriga branco, e tem os ossos, digo, tem dois ossos debaixo das asas da barriga redondos, como dois ovos de uma pomba; e tem as espinhas muito grossas e é muito bom comer.

O *paru*, a que Frei Cristóvão no fol. 21 acrescentou a designação de *peixe-enxada*, corresponde ao peixe acantopterígio sobre que já falámos.

A figura do peixe existente no códice difere bastante da que é apresentada por Margrave ([219]).

([216]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 177.
([217]) Idem — *Idem*, mesma página.
([218]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 150.
([219]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 144.

YTIMMIXIRA

(Fol. 21 e fol. 168 v.º)

ytimmixira quer dizer o romquador he de meio palmo de comprido cuberto descama cor de prata raiado o corpo de amarelo e he peixe que cempre amda ao longuo das pedras he bom comer

Itimmixira quer dizer o roncador; é de meio palmo de comprido, coberto de escama cor de prata, raiado o corpo de amarelo e é peixe que sempre anda ao longo das pedras; é bom comer.

Não sabemos referenciar este peixe, que Frei Cristóvão no fol. 21 chama *itimixira* e *roncador*.

Refere-se Margrave ao *aipimixira* e *tetimixira* ([220]), conhecidos pelos Portugueses, respectivamente, por *pudiano vermelho* e *pudiano verde*. Às mesmas duas espécies se refere Pisão ([221]). E tanto em um como em outro caso, as descrições das duas espécies não condizem com a que temos em causa.

Há quem considere o *roncador* como um peixe do género *Corvina* Cuv. ou *Dentex* Cuv. Há ainda quem se refira à *corvina do rio* — *Micropogon Opercularis* Quoy. & Gaim —, ou com Goeldig ([222]) diga que é um *Curimatus*.

Não consideramos esta última hipótese por se tratar de um peixe de rio.

PEIXE CAVALO

(Fol. 22 e fol. 168 v.º)

peixe Caualo he deste gramdor e grocor que esta pimtado e da cor pardo e não tem nada que comer nele

Peixe-cavalo é deste grandor e grossor que está pintado, e da cor pardo e não tem nada que comer nele.

O *peixe-cavalo* não permite qualquer dúvida sobre a sua identificação.

Dos autores da época que trouxemos à liça, são Frei Cristóvão e Wagener ([223]) os que deste peixe nos dão tão curioso desenho.

VAQUOCOHA

(Fol. 23 e fol. 168 v.º)

Vaquocoha he o morceguo do mar de hũ palmo os maores tem a cabeca muito desforme e espamtoza tem a pelia emcarquilhada de cor de pardo e por baixo pela bariga de cor de carne e parece que tem dous bracos e manus e he peixe muito ralo e não cei ([224]) *se he* ([225]) *bom ou mau porque não no tenho comido* ([226]).

([220]) Jorge Marcgrave — *Op. cit.*, pp. 145-146.

([221]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 137-138.

([222]) E. A. Goeldi — «Primeira contribuição para o conhecimento dos peixes do Valle do Amazonas e das Guyanas. Estudos ichthyologicos dos annos 1894-1898», in *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, tomo II, fasc. 1-4, 1897-1898, Pará, 1898, p. 466.

([223]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 298, fig. 22.

([224]) Segue riscada a palavra *esta*.

([225]) Estas duas palavras estão entrelinhadas.

([226]) Em vez desta palavra, que foi emendada, estava *comesto*.

Vaquocoha é o morcego do mar, de um palmo os maiores; tem a cabeça muito disforme e espantosa, tem a pele encarquilhada de cor de pardo e por baixo pela barriga de cor de carne, e parece que tem dois braços e mãos, e é peixe muito raro e não sei se é bom ou mau porque não no tenho comido.

É difícil de saber como escrever, de certeza, o nome deste peixe, pelo que adoptamos o que está no texto.

No fol. 23 encontram-se escritos os nomes de *vacoquoa*, riscado, *baiacu* e *bayacu*, sobrepostos ao desenho superior, que representa a face dorsal do peixe, e *vacocoha*, sobreposto ao desenho da face ventral do mesmo peixe.

Esta representação das espécies nas suas duas faces valoriza muito os desenhos, mesmo que estes não sejam perfeitos, pois permite a visão de pormenores, que nas figuras apresentadas por outros autores não podem ser apreciados por omissão. Daqui o podermos dizer que Frei Cristóvão tem a prioridade destas representações tão curiosas.

E deste modo, também, neste desenho podem ser observados os dois braços, citados por Margrave ao descrever esta espécie, a que chama *quacucuia* ([227]). Não se refere a ela Pisão, e Gabriel Soares conta-nos curiosamente o seguinte: *Bacupuá é um peixe da feição do enxarroco nos ombros e na cabeça, mas tem a boca muito pequena e redonda; e é dos ombros para baixo muito estreito, delgado e duro como nervo, e as perpetanas do rabo são duras e grossas, e na despedida do rabo tem duas pernas como rãs, e no fim delas duas perpetanas duras como as do rabo; e debaixo na barriga tem dois bracinhos curtos, e neles maneira de dedos; e tem as costas cheias de sarna como ostrinha, e da cabeça lhe sai um corno de comprimento de um dedo, mas delgado e duro como osso e muito preto, e o mais é cor vermelhaça; e tem na barriga, debaixo das mãos, dois buracos. Este peixe não nada, mas anda sempre pela areia sobre as mãos, onde há pouco água; ao qual os Índios comem esfolado, quando não têm outra cousa* ([228]).

Trata-se, como parece, do *peixe-morcego*, pertencente ao género *Ogcocephalus*, não sabendo nós, só pelo desenho, distinguir se se trata do *Ogcocephalus longirostris* C. & V. ou do *Ogcocephalus vespertilio* Humbdt.

BAIACU

(Fol. 24 e fol. 168 v.º)

baiaqu ([229]) *he hum peixe de hũ palmo d*[e] *comprido e muito periguozo de comer pera quem no não cabe com certa* (sic) *e pera quem no não conhece quem o quizer comer a de de lhe meter a pelia fora e tripas e fel e laua lo muito bem eu ui hũ frances em hũa aldeia comer de hum com a pelia e ueio doudo e ceguo dous ou tres dias e foi necesario amaralo e quem comer o fel mosturaddo com algũa couza a de morer loguo e como esta em tera imxa a barigua como capo ele he de cor pardo e uerde e a pelia he muito aspera e he pimtado*

Baiacu é um peixe de um palmo de comprido e muito perigoso de comer para quem o não sabe com certeza e para quem o não conhece; quem o quiser comer há-de meter a pele fora, e tripas, e fel, e lavá-lo muito bem; eu vi um francês em uma aldeia comer de um

---

([227]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 143.
([228]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 214.
([229]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.

com a pele e veio doido e cego dois ou três dias, e foi necessário amarrá-lo; e quem comer o fel misturado com alguma coisa há-de morrer logo, e como está em terra incha a barriga como sapo; ele é de cor pardo e verde e a pele é muito áspera e é pintado.

No fol. 24, Frei Cristóvão riscou as palavras *baiqu* e *baiaqu* e escreveu *baiacu*. Este é o nome indígena do peixe a que também chamam *maiacu* ou, mais correctamente, no dizer de Pirajá da Silva, *mbaecu*, que quer dizer *coisa venenosa*.

Sobre ele fala-nos curiosamente Gandavo: *Há também hum certo genero de peixes pequeninos da feição de xarrocos, a que chamam Mayacús: os quaes sam mui peçonhentos por extremo, especialmente a pelle o he tanto, que se huma pessoa gostar hum só bocado della, logo naquela mesma hora dará fim a sua vida, porque nam ha nem se sabe nenhum remedio na terra que possa apagar nem deter por algum espaço o impeto deste mortífero veneno. Alguns Indios da terra se aventuraram a come-los depois que lhe tiram a pelle e lhe lançam fora por baixo toda aquella parte onde dizem que tem a força da peçonha. Mas sem embargo disso, nam deixam de morrer algumas vezes. Estes peixes tanto que saem fora da agua incham de maneira, que parecem uma bexiga cheia de vento; e alem de terem esta qualidade sam tam mansos, que os podem tomar às mãos sem nenhum trabalho; e muitas vezes andam á borda da agua tam quietos, que nam os verá pessoa que se não convide a tomá-los, e ainda a come-los se nam tiver conhecimento delles* ([230]).

Gabriel Soares também o cita: *Baiacu é um peixe que quer dizer sapo, da mesma cor e feição, e mui peçonhento, mormente a pele, os fígados e o fel, ao qual os Índios com fome esfolam, e tiram-lhe o peçonhento fora, e comem-nos; mas se lhes derrama o fel, ou lhes fica alguma pele, incha quem o come até rebentar; com os quais peixes assados os Índios matam os ratos, os quais andam sempre no fundo da água* ([231]).

Frei Vicente do Salvador refere-se ao baiacu dizendo: *Há uns peixes pequenos em toda esta costa, menores de palmo, chamados majacús, que, sentindo-se presos do anzol, o cortam com os dentes e fogem; mas, si lhe atam a isca em qualquer linha e pegam nella, os vão trazendo brandamente á superficie da agua, onde com um redefolle os tomam sem alguma resistencia. E, tanto que os tiram fóra da agua, incham tanto que de compridos que eram ficam redondos como uma bexiga cheia de vento, e assim, si lhe dão um couce, rebentam e sôam como um mosquete. Têm a pelle muito pintada, mas mui venenosa, e da mesma maneira o fel; porém, si o esfolam bem, se comem assados ou cozidos, como qualquer outro peixe* ([232]).

Margrave fala no *guamajacu guara* ([233]); e há quem atribua a este peixe o nome de *baiacú* e *mamaiacu de espinho*, o que o afasta imediatamente da espécie que temos em causa, para o aproximar da que citaremos a seguir. Nada diz Pisão sobre o *baiacu*.

Acerca do que escreveu Gabriel Soares diz Varnhagen: *Ao que chama* Baiaque, *e a que talvez se referissem as duas syllabas do título, dá ideas de ser uma especie de* Tamboril (Lophius), Enxarroco maior *de Brotero, e que se vê na Ichtyologia de Bloch (Berlim, 1796 Est. III)* ([234]).

([230]) Pêro de Magalhães Gandavo — *Ob. cit.*, pp. 117-118.
([231]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 213.
([232]) Frei Vicente do Salvador — *Ob. cit.*, p. 47.
([233]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 158.
([234]) Francisco Adolfo de Varnhagen — *Ob. cit.*, p. 67.

Goeldi dá-nos como *baiacu* o *Tetrodon psittacus* e *bayacu* o *Doras brunnescens* ([235]).

Apesar destas opiniões, preferimos seguir a de Pirajá da Silva e considerar o *baiacu* como um membro da família dos tetraodontídeos, talvez o *Spheroides bajacu* Casteln, peixe com o qual se têm verificado muitos casos de intoxicação com paralisia.

BAIAQUUTIM

(Fol. 24 e fol. 169)

Baiaquutim he peixe redomdo tem o pesquoco uerde he todo xeio de piquais laramiados por baixo e a barigua parda e anil e tem como dous espelhos pintados laramiado e azul he tem a mesma peconha do outro ou pior aimda

Baiacutim é peixe redondo; tem o pescoço verde, é todo cheio de picos alaranjados por baixo e a barriga parda e anil, e tem como dois espelhos pintados alaranjado e azul, e tem a mesma peçonha do outro ou pior ainda.

No fol. 24 estava escrito *bayaqu tiny* e, logo a seguir, por letra de Frei Cristóvão, *coim*; mas as sílabas *qu tiny* e *coim* foram riscadas e entrelinharam na palavra *baiaqu* as sílabas *coim*, ficando assim a palavra *baiacoim*. No texto está escrito, como se vê, *baiaquutim*.

Gabriel Soares diz que o *Piraquiroá é um peixe da feição de um ouriço-cacheiro, todos cheios de espinhos tamanhos como alfinetes grandes, os quais têm pegados na pele por duas pontas com que estão arreigados; tomam-se em redes; os quais andam sempre ao longo da areia no fundo; a quem os Índios esfolam, e comem-lhe a carne* ([236]).

Frei Vicente do Salvador também se refere a este peixe do seguinte modo: *Outros ha do mesmo nome, mas maiores e todos cobertos de espinhos mui agudos, como ouriços cacheiros, e estes não vêm sinão de arribação de tempos em tempos, e um anno houve tantos nesta bahia que as casas e engenhos se alumiaram muito tempo com o azeite de seus figados* ([237]).

Margrave cita uma espécie, a que dá o nome de *guamajacu guara* ([238]), que difere da que nos é apresentada no códice, pela figura e pelo descritivo. Como não podemos identificar a espécie de que estamos a tratar, diremos só supormos que ela pertence aos *Blectognatha*, género *diodon*.

Temos o prazer de acrescentar que o desenhista pretende mostrar a forma de implantação dos *picos*, referidos na descrição, pormenor já assinalado por Gabriel Soares e para que Pirajá da Silva tão primorosamente chamou a atenção ([239]).

PETITIMGUA

(Fol. 24 e fol. 169)

petitimgua desta propia forma que esta aqui pimtada e ce tomam muito como de (sic) *e cam muito bom de comer*

([235]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, ib., p. 456.
([236]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 213.
([237]) Frei Vicente do Salvador — *Ob. cit.*, p. 47.
([238]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 159.
([239]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 215.

Petitingua desta própria forma, que está aqui pintada e se tomam muito como de e são muito bom de comer.

O peixe a que no texto é dado o nome de *petitingua* surge no fol. 24 com o título de *pitim pitinga*.

É curta e incompleta a descrição, pelo que nos abstemos de qualquer referência; lembramos simplesmente, por associação de imagens, que se pode tratar da espécie que Margrave descreve com o nome de *piquitinga* ([240]). E neste caso tratar-se-ia de uma clupeídea e, talvez, do género *Anchovia*.

OROANA

(Fol. 25 e fol. 169 v.º)

Aroana he a tortugua do mar e ha de duas castas elas fazem os ouos a borda ([241]) *do mar nareia e fazem muito gramde camtidade e os ouos cam cubertos de hũa belia* (sic) *muito dura que não ce podem crebrar* (sic) *e he muito bom comer e os ouos se criam cem xoquar e coamdo eles cam berto* (sic) *de tirar a mai os xoma pera o mar e a carne he como carne de bezero e cam muito guordos e ui ia alguma dar tres arobas de carne e duas botiias de manteigua e a cor dela ho casquo he todo pardo e pelas bordas amarelo e ela he parda e uerde e amarelo e a compridam e de coatro palmos a daredomdor cera de doze palmos*

Oroana é a tartaruga do mar e há de duas castas; elas fazem os ovos à borda do mar na areia e fazem muito grande quantidade, e os ovos são cobertos de uma pele muito dura, que não se podem quebrar e é muito bom comer; e os ovos se criam sem chocar e quando eles são aberto de tirar, a mãe os chama para o mar, e a carne é como carne de bezerro e são muito gordos, e vi já alguma dar três arrobas de carne e duas botijas de manteiga; e a cor dela o casco é todo pardo e pelas bordas amarelo; e ele é pardo e verde e amarelo, e a compridão é de quatro palmos e de ao redor será de doze palmos.

Goroana diz Frei Cristóvão no fol. 25, como título do desenho da *tartaruga do mar*, que no texto aparece escrita, em língua indígena, *oroana*.

Gabriel Soares fala na tartaruga e diz chamarem-lhe os Índios *girucóa* ([242]).

Jurucua lhe chama Margrave ([243]), mas dela não dá figura tão preciosa como a que ilustra este trecho do códice. Mesmo a figura que Pisão apresenta, ao descrever a *Iurucuá*, é inferior à nossa ([244]).

Refere-se Frei Cristóvão a duas espécies, tal-qualmente Pisão. Ora, como a *Chelone mydas* L., a *Caouana caretta* L., e a *Chelone imbricata* L. são referidas como espécies existentes no litoral brasileiro, ficamos sem saber com qual devemos identificar o nosso exemplar desenhado.

POTI

(Fol. 25 e fols. 169 v.º e 174 v.º)

Opoti quer dizer o camaram e ha muito grãode camtidade nesta tera e he desta cor bramquo cor de carne e he muito bom comer e tem as barbas uermelhas

---

([240]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 159.
([241]) Seguem, riscadas, duas palavras ilegíveis.
([242]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 206.
([243]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 141.
([244]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 247.

O poti quer dizer o camarão e há muito grande quantidade nesta terra; e é desta cor branco, cor de carne e é muito bom comer; e tem as barbas vermelhas.

Poti é o nome nativo dado ao camarão e que outros autores igualmente referem.

Gabriel Soares diz: *Potipemas chamam os Índios aos camarões, que são como os de Vila Franca, os quais têm as unhas curtas, as barbas compridas, e são aborrachados na feição; têm a casca branda e são mui saborosos; criam-se estes nos esteiros de água salgada, e tomam-se em redinhas de mão, e nas redes grandes de pescar vêm de mistura com o outro peixe* ([245]).

Poti, no dizer de Pisão, é o nome nativo genérico do camarão ([246]).

Margrave descreve algumas espécies de camarões, supondo nós ser a descrição do *poti atinga* ([247]) aquela que mais condiz com a imagem apresentada no fol. 25.

CERI

(Fol. 26 e fol. 169 v.º)

Oceri he como caramgueiio e cam muito laryos e cam desta cor de pardo e ([248]) *bramquo e pela borda do casquo tem piquamis azuis e os peis azuis e banqus* (sic) *e coamdo os cozem ou acam tornamcão* (sic) *uermelhos e he muito bom comer e cam muito gordos principalmente coamdo he luma* (sic) *xeia ou quamdo he cabeca dauguoa e a guordura e amarela.*

O ceri é como caranguejo; e são muito largos e são desta cor de pardo e branco, e pela borda do casco tem picos azuis e os pés azuis e brancos, e quando os cozem ou assam tornam-se vermelhos; e é muito bom comer e são muito gordos, principalmente quando é lua cheia ou quando é cabeça de água; e a gordura é amarela.

Ceri é como caranguejo, diz Frei Cristóvão. Gabriel Soares, embora não diga a palavra *ceri*, refere-se a várias espécies de caranguejos, parecendo-nos porém que a mais próxima da indicada neste fol. 26 é a seguinte: *Há outros caranguejos, a que os Índios chamam* serizes, *que têm outra feição mais natural com os caranguejos de Portugal, mas são muito maiores, e têm as duas bocas muito compridas e grandes, os braços delas quadradas, em o que têm muito que comer* ([249]).

Serizes, como indica em nota Pirajá da Silva, é *siri* ou *ciri*, palavras que correspondem ao nome de diversos caranguejos.

D'Abbeville também refere o *siry*: *Os* siry *encontram-se também no mar; há-os azuis e outros brancos* ([250]).

A figura apresentada por Frei Cristóvão é mais correcta e mais consentânea com a descrição, dada por Margrave, da espécie indicada pelo nome indígena de *ciri apoa* ([251]); no entanto, não encontramos nas descrições de todas as espécies elementos de contacto em relação à cor, o que nos faz hesitar na afirmação de que a nossa espécie é a *Callinectes danai* Smith.

([245]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, p. 216.
([246]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 188.
([247]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 188.
([248]) Seguem riscadas as letras *gr.*
([249]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 220.
([250]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 248.
([251]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 183.

GUAROMARU

(Fol. 27 e fol. 170)

guaromaru he peixe tamanho diguo de noue ou des palmos e he da propia forma e cor do cacam não tem mais que cer hũ pouquo mais uermelho ele tem ouos tamanhos como o punho que cam cubertos de hũa pelia e tem muito gramde camtidade e fazem os filhos da barigua e não ce comem senão os figuodos que ceruem pera fazer azeite

Guaromaru é peixe tamanho, digo de nove ou dez palmos, e é da própria forma e cor do cação, não tem mais que ser um pouco mais vermelho; ele tem ovos tamanhos como o punho, que são cobertos de uma pele e tem muito grande quantidade; e fazem os filhos da barriga, e não se comem senão os fígados, que servem para fazer azeite.

Não encontrámos possibilidades de referências a este peixe.

PICURUATA

(Fol. 27 e fol. 170)

Picuruata ([252]) *piquraamta he desta propia forma que aqui esta cuberta descama pequena de prata e he bom comer*

Picuruata, piquraamta, é desta própria forma que aqui está, coberta de escama pequena, cor de prata e é bom comer.

Não conseguimos elementos para identificar esta espécie.

RAIA JARABUIBURA ([253])

(Fol. 19 e fol. 170)

são de tres palmos de compridos tem no rabo hu farpão cuia ferida he peconhenta são boas pera comer ([254]).

São de três palmos de comprido, tem no rabo um farpão cuja ferida é peçonhenta; são boas para comer.

Já nos referimos às várias espécies de raias.

([252]) Esta palavra está entrelinhada.
([253]) Esta palavra tem riscada a sílaba *bu*, entre as sílabas *jara* e *buibura*.
([254]) Estas palavras são totalmente de punho diferente do das anteriores.

AGUORA FALAREMOS DE PEIXES QE CE TOMÃO DE AUGUOA DOCE EM LAGUOS E RIOS E ALAGUOAS E PERIZES DAUGUOA DOCE AOMDE HA MUITA GRÃODE CAMTIDADE DE PEIXE QUE NÃO CÃO BOMIS DE COMER E NOS COMECAREMOS PRIMEIRO DE FALAR NAQUELES QUE CAM MILHORES DE COMER.

PRIMEIRAMENTE

AGORA FALAREMOS DE PEIXES QUE SE TOMAM DE ÁGUA DOCE, EM LAGOS E RIOS E ALAGOAS E PERIZES DE ÁGUA DOCE, ONDE HÁ MUITO GRANDE QUANTIDADE DE PEIXE QUE NÃO SÃO BONS DE COMER; E NÓS COMEÇAREMOS PRIMEIRO A FALAR NAQUELES QUE SÃO MELHORES DE COMER.

PRIMEIRAMENTE

PIRAPE

(Fol. 32 e fol. 172)

tem 9 palmos de comprido he de escama e cada hũa como a palma da mão he de agua doce ha delle grande copia he bom pera comer e principalmente a cabeca tem muita espinhe (sic) ([255]).

Tem nove palmos de comprido, é de escama e cada uma como a palma da mão; é de água doce; há dele grande cópia, é bom para comer e principalmente a cabeca: tem muita espinha.

Escrito a lápis, está no fol. 32 o nome de *pirapeu*. É um lindo e sugestivo desenho, que nos permite comparação com aquele que nos apresentam Pisão, a propósito do *camaripuguaçú* ([256]), e Margrave, quando trata do *camaripuguacu* ([257]). Quanto às descrições feitas pelos dois autores, existem as relações, verificadas nas figuras, do apêndice voltado para a cauda, em seguimento à nadadeira dorsal, e as largas escamas imbricadas, tão curiosamente desenhadas no nosso códice.

Supomos tratar-se de um membro da família *Clupeidae*, talvez um *Megalops*. A estes já nos referimos quando tratámos do *pirapema*.

SOROBIM

(Fol. 33 e fol. 172)

sorobim ([258]) *O sorobim he peixe de coatro ou cimquo palmos e tem a cabesa muito gramde* ([259]) *e tem hũs piquamis muito piriguozos que quamdo feren alguem não podem botar a espinha fora cem gramdes dores he de cor azul e pardo em riba das costas e pola barigua bramquo todo o corpo raiado e pimtado de preto e he peixe muito guordo e bom fresquo e salguado eu tenho uisto uir canoa uir careguada dele* ([260]) *e trazer coremta e cimqoenta arobas dele e ce tomão a linha e he guosto de os tomar.*

O sorobim é peixe de quatro ou cinco palmos, e tem a cabeça muito grande e tem uns picos muito perigosos, que quando ferem alguém não podem botar a espinha fora sem grandes dores; é de cor azul e pardo em riba das costas e pela barriga branco, todo o corpo

---

([255]) Esta descrição figura na margem do fol. 172.
([256]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 161.
([257]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 179.
([258]) Esta palavra está entrelinhada.
([259]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.
([260]) Tem riscada a letra *d* entre o *e* e o *l*.

raiado e pintado de preto, e é peixe muito gordo e bom fresco e salgado; eu tenho visto vir canoa vir carregada dele e trazer quarenta e cinquenta arrobas dele e se tomam à linha e é gosto de os tomar.

Sorobim é um peixe sobre o qual só encontramos a indicação, dada por Goeldi, de se tratar de um *Platystoma*, ou seja, um teleósteo, da subordem dos silurídeos. Como o mesmo autor refere o *Platystoma planiceps* e o *Platystoma tigrinum*, sem mais pormenores, não podemos levar mais longe a sua identificação ([261]).

Só queremos lembrar que Goeldi escreve a palavra de dois modos: *sorubim* e *surubim*.

CURIMATA

(Fol. 33 e fol. 172)

curimata ([262]) *he peixe de hũ palmo e meio cuberto descama de cor de prata parece se com o a* (sic) *de nosa oropa* (sic) *não tem mais que que* (sic) *este daqui cer mais bramquo he peixe guordo* ([263]) *he xeio de ouos muito bomos e ha muita camtidade em rios e laguos e não ce tomão cenão A frexa e arpam e he muito bom peixe fresquo* ([264]).

Curimata é peixe de um palmo e meio coberto de escama de cor de prata; parece-se com o de nossa Europa, não tem mais que este daqui ser mais branco; é peixe gordo; é cheio de ovos muito bons e há muita quantidade em rios e lagos e não se tomam senão à flecha e arpão e é muito bom peixe fresco.

No fol. 33 estava escrito o nome *coromata*, que Frei Cristóvão riscou, escrevendo adiante o de *curimata*, como está no texto.

É este peixe, com o nome de *curimatá*, referido por Pisão ([265]), dizendo-o semelhante à carpa, opinião de que se faz eco Margrave na descrição que nos dá desta espécie. Dessa descrição vamos transcrever uma parte, pedindo atenção para alguns pormenores dela, que são reproduzidos com certo realce no desenho do códice de Frei Cristóvão: *o corpo alongado com escamas um pouco grandes e sete verdadeiras, além da cauda. Duas destas se acham depois das guelras; duas, na parte inferior do ventre; uma, depois do ânus* (ver fol. 33); *uma muito pequena no dorso, opostas a esta última com figura de paralelogramo; uma, enfim, no meio do dorso, mais longa que larga* (conf.) ([266]).

Conhecem-se deste *Prochilodus*, teleósteo da família dos caracídeos, alguns nomes pelos quais é designado em Minas (*papaterra, curimbatá* e *corimatá*), no Rio Grande do Sul (*corimba*), em S. Paulo (*corimbatá*) e nos estados do Norte do Brasil (*corimatan*). Para juntar a estes nomes, Goeldi ainda nos refere mais os de *carimattu* e *corimbata* ([267]).

([261]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, ib., pp. 466-467.
([262]) Tem riscada a palavra: *Acoromata.*
([263]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.
([264]) Esta palavra está entrelinhada. Seguem riscadas as palavras: *eu uos prometo que ce nos tiuermos mãoteigua de uaqua e especiria como em portugual que nos as axariomos milhor* (eu vos prometo que se nós tivermos manteiga de vaca e especiarias como em Portugal que nós as acharíamos melhor).
([265]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 171.
([266]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 156.
([267]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, ib., p. 457.

TARAIRA

(Fol. 34 e fol. 172 v.º)

tarayra he peixe de dous palmos ou mais cuberto ([268]) *descama xeia de demtes muito agudos he pardo por riba das costas e tira de amarelo pela barigua e ha muito gramde camtidade dele e he muito bom peixe*

Taraira é peixe de dois palmos ou mais coberto de escama, cheia de dentes muito agudos; é pardo por riba das costas e tira de amarelo pela barriga; e há muito grande quantidade dele e é muito bom peixe.

Pirajá da Silva, nos seus comentários a Gabriel Soares, diz que a *tareira do rio* a que este autor se refere é a *traíra* ou *taraíra* ([269]).

Margrave não cita a *taraíra*, mas dá-nos pormenores sobre a *tareira do rio* ([270]), divergindo bastante a imagem que nos dá daquela que se apresenta no fol. 34. O mesmo sucede com as informações dadas por Pisão ([271]).

Deste vulgar peixe fluvial brasileiro são citadas por Goeldi espécies diferentes nos nomes nativos, de que refere os seguintes: *trahira, tari-ira, tariira* e *trahira-pixuná* ([272]).

Gostaríamos de concertar todas as opiniões, mas a verdade é que ficamos sem saber a qual dos três géneros *Macrodon, Hoplias* e *Erythrinus* deve ser consignada a espécie que temos em causa.

TOBI

(Fol. 34 e fol. 172 v.º)

tobi he peixe de tres palmos cuberto de pequena escuama de cor de carne e he peixe muitho gordo e tem pouquas espinhas e he bom comer

Tobi é peixe de três palmos, coberto de pequena escama de cor de carne; e é peixe muito gordo, e tem poucas espinhas, e é bom comer.

Não temos elementos para referenciar esta espécie.

PORAQUE

(Fol. 35 e fol. 172 v.º)

poraque ([273]) *he peixe de cimquo e ceis palmos de comprido e he da cor de moreia e por dezer a uerdade he peixe muito desguostozo e xeio de pequenas espinhas e he muito fiaremto mas ele tem esta uertude quem o quizer matar de algũo pau ou espada fas cair hõu omem e lhe fas cair o pau da mon e o fas estremecer todo o corpo e o camgue e fiqua hũ bom padaco de tempo com isto e ha algumis que o comem e ha muitos nesta tera*

Poraque é peixe de cinco e seis palmos de comprido e é da cor de moreia; e por dizer a verdade é peixe muito desgostoso e cheio de pequenas espinhas e é muito fiarento; mas ele tem esta virtude, quem o quiser matar de algum pau ou espada faz cair um homem

---

([268]) A primeira sílaba desta palavra está entrelinhada. Tem riscadas as letras *qux*.
([269]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 232.
([270]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 157.
([271]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 168.
([272]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, ib., p. 481.
([273]) Tem à margem: *como lamprea*.

e lhe faz cair o pau da mão, e o faz estremecer todo o corpo e o sangue e fica um bom pedaço de tempo com isto; e há alguns que o comem e há muitos nesta terra.

Das referências feitas ao *poraquê* pelos autores que seguimos neste trabalho, a que achamos mais curiosa é a que apresentamos, em leitura do códice.

Espécie muito conhecida pelo nome de *peixe-eléctrico* do Amazonas, chamada *puraquê* por Margrave e *pouraké* por d'Abbeville, não nos é apresentada em desenho, não por culpa de Frei Cristóvão, que o refere, mas pelo desaparecimento do respectivo fólio. E é pena, pois seria interessante a sua presença, para comparação com a imagem apresentada por Margrave ([274]). Diz este autor que é conhecido também por *peixe-viola* (*em português*), *por causa da figura semelhante à cítara vulgar de que usam os Portugueses.*

Parece, de facto, que a espécie a que Margrave se refere corresponde a um representante da família dos rinobatídeos, de que se encontram espécimes na costa continental, conhecidos pelo nome de *viola* ([275]). Mas talvez a espécie aqui referida, como está incluída nos peixes do rio, possa ser por exemplo um *muçu-de-orelhas*, da ordem dos esquamodermos, também conhecido por *poraqué* ou *peixe-eléctrico.*

Mas seja uma ou outra, em nossa opinião, dos três autores em causa é Frei Cristóvão aquele que com mais precisão nos descreve a sensação de descarga eléctrica que ocorre quando se toca o peixe.

D'Abbeville diz: *Quando o tocam para o fazer mover, atordoa-vos de tal modo o braço e causa-vos uma tal dor, que vos faz recuar quatro ou cinco passos, caindo vós para um lado e a espada para outro; assim um gentil-homem da nossa companhia fez a experiência à sua custa* ([276]).

O contacto de uma pessoa provoca uma crepitação das juntas das mãos e do braço a qual logo cessa, e se este tacto for feito no meio prodiz-se o temor das articulações, diz Margrave ([277]).

Muito mais perfeitamente, em nosso entender, elucida o autor do texto do códice: *faz cair um homem e lhe faz cair o pau da mão, e o faz estremecer todo o corpo e o sangue e fica um bom pedaço de tempo com isto...*

MOCU

(Fol. 35 e fol. 173)

mocu ([278]) *he de tres palmos o tres palmos e meio he como moriam de auguoa doce de portugual e tem muito grãode camtidade deles e estam debaixa* (sic) *da lama e he muito bom comer*

Mocu é de três palmos ou três palmos e meio, é como moreão de água doce de Portugal; e tem muito grande quantidade deles, e estão debaixo da lama, e é muito bom comer.

Desaparecido igualmente o desenho desta espécie, resta-nos relacioná-la com o *mucu*, a que se refere Margrave ([279]), ou *muçu*, como parece

([274]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 151.
([275]) Jerónimo Osório de Castro — *Ob. cit.*, p. 139.
([276]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 264 v.°.
([277]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 151-152.
([278]) Tem à margem: *he como inguia.*
([279]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 161.

dever dizer-se, e como o faz d'Abbeville, que escreveu assim: *O Moussou é bastante parecido com a Enguia, e é do comprimento de quatro pés* ([280]).

Frei Cristóvão, no texto, ao vocábulo *mocu* acrescentou à margem: *é como enguia.* Isto permite-nos aventar a hipótese de se tratar de um representante dos sibrânquios, talvez o *Symbranchus marmoratus*, uma vez que esta parte do códice se refere a peixe de água doce. Tratar-se-ia assim do peixe brasileiro conhecido pelo nome de *muçu-do-rio.*

PIRANHA

(Fol. 36 e fol. 173)

A piranha quer dizer tezoura e he peixe de hũ palmo bom as mahoires ele por riba das costas he pardo e pelo meio do corpo pratiado e uermelho pela barigua e he o mais piguozo (sic) *e guolozo que ha nesta tera em toda a Cristãodade esta armado de demtes em feicão de cerra* ([281]) *que ninguem ce ouza a meter na aguoa e eu ui hũo peixe boi* ([282]) *arpoado diamtes que ele foce metido na canoa o comerem todo cem deixarem nada ele corta hũ amzol e ce paca algum bixo que paca o rio em cimtimdo bolir a auguoa se uão atras dele e o comem todo e he prazer pesquar a elas que hũ omem pesquara hũ cemto delas em hũ ora e he muito bom comer que parese o solho.*

A piranha quer dizer tesoura e é peixe de um palmo bom as maiores; ele por riba das costas é pardo e pelo meio do corpo prateado, e vermelho pela barriga; e é o mais perigoso e guloso que há nesta terra em toda a Cristandade, está armado de dentes em feição de serra que ninguém se ousa a meter na água, e eu vi um peixe-boi arpoado antes que ele fosse metido na canoa o comerem todo sem deixarem nada; ele corta um anzol e se passa algum bicho que passa o rio em sentindo bulir a água, se vão atrás dele e o comem todo; e é prazer pescar a elas que um homem pescará um cento delas em uma hora, e é muito bom comer que parece o solho.

Frei Cristóvão, no fol. 36, riscou a palavra *piranha*, que existia sobre o desenho superior, e escreveu, entre as duas figuras, *piranha asu.* Este temível peixe do rio é demasiadamente conhecido para que se não saiba ser um *Serrasalmo*, da família dos caracinídeos.

Fala dele, curiosamente, Gabriel Soares, dizendo: *Piranha quer dizer tesoura: é peixe de rios grandes, e onde o há, é muito; e é da feição dos sargos, e maior, de cor mui prateada; este peixe é muito gordo e gostoso, e toma-se à linha; mas tem tais dentes que corta o anzol cérceo; pelo que os Índios se não atrevem a meter na água onde há este peixe; porque remete a eles muito e morde-os cruelmente; se lhes alcançam os genitais, leva-lhes cérceos, e o mesmo faz à caça que atravessa os rios onde este peixe anda*([283]).

Descreve-o d'Abbeville assim: *o pyrain é do comprimento de um pé e da largura de meio pé, sem escamas e de cor amarela e vermelha, tem dentes que cortam mais do que tesouras, daí vem que os Índios lhe chamam pyrain, que significa tesouras* ([284]).

Diz Pisão ter visto três ou quatro espécies de *piranhas*, diferindo entre si no tamanho, e apresenta a figura da espécie mais voraz ([285]).

Margrave indica os nomes indígenas de *piraia* e *piranha*, e descreve três espécies diferentes no tamanho e na cor ([286]).

([280]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 247 v.°
([281]) O segundo *r* está entrelinhado.
([282]) Esta palavra está entrelinhada.
([283]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 231.
([284]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 247.
([285]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 170-171.
([286]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 164-165.

Frei Cristóvão refere-se neste caso a uma espécie, a que supomos poder chamar *piranha preta*, citando a seguir a *piranha branca*, como veremos.

Os desenhos das duas espécies que Frei Cristóvão nos apresenta em nada desmerecem da figura que nos dão Pisão e Margrave.

PIRANHATINGA

(Fol. 173 v.º)

piranhatinga ([287]) *quer dizer a tezoura bramqua he peixe da mesma grandor mas he mais bramqua hũo pouquo e tem a boqua mais pequena e serue de hũa mezinha aos negros pera a opelicão* (sic) *e dor de barigua e tem pouqua espinha e tem o guosto da outra*

Piranhatinga quer dizer a tesoura branca; é peixe da mesma grandura mas é mais branca um pouco e tem a boca mais pequena; e serve de uma mezinha aos negros para a opilação e dor de barriga; e tem pouca espinha e tem o gosto da outra.

Frei Cristóvão não nos diz se esta espécie está representada em um dos dois desenhos que apresentou no fol. 36, porquanto em um riscou a palavra *piranha*, que lhe dizia respeito, e no outro escreveu a designação de *piranha asu*.

No texto diz-nos que a *piranhatinga* é a *piranha branca*.

MANDUBE

(Fol. 37 e fol. 173 v.º)

mandube ([288]) *peixe de palmo e meio ou mais cem esquama e pardo por o lombo e bramquo por a barigua e he muito bom comer fresquo e salguado e ce matão a linha*

Mandube peixe de palmo e meio ou mais com escama, e pardo por o lombo e branco pela barriga; e é muito bom comer fresco e salgado e se matam à linha.

É excessivamente resumida a descrição que desta espécie dá o códice, e não encontramos, nos restantes autores, elementos para relacionarmos este peixe com que qualquer dos que eles referem.

No entanto, atendendo ao nome nativo e à referência a este mesmo nome, que lemos, parece tratar-se de alguma espécie da numerosa família dos silurídeos ([289]), à semelhança do que acontece com a espécie seguinte.

MANOHI

(Fol. 37 e fol. 173 v.º)

manohi he peixe de hũo grãode palmo de comprido e parece se com o bagre ([290]) *do mar he pardo por riba do lombo e brãoquo pela barigua e tem duas barbas compridas como o corpo e tem mais quoatro biguodes na bogua e he mauto* (sic) *bom comer e ce tomão a linha*

([287]) As letras *nga*, desta palavra, estão entrelinhadas.
([288]) Esta palavra está entrelinhada. Tem riscada a palavra *manoell*.
([289]) Lauro Travassos e J. F. Teixeira de Freitas — *Ob. cit.*
([290]) Entre as sílabas *ba* e *gre*, tem riscadas as letras *re*.

Manohi é peixe de um grande palmo de comprido e parece-se com o bagre do mar; é pardo por riba do lombo e branco pela barriga e tem duas barbas compridas como o corpo, e tem mais quatro bigodes na boca, e é muito bom comer e se tomam à linha.

O *manohi* é um peixe, como diz o autor, parecido com o bagre, talvez com aquele que Margrave descreve com o nome indígena de *nhamdia*, também *chamado bagre-do-rio pelos Portugueses* ([291]). A descrição dos *fios* assinalados é concorde nas duas espécies, diferindo no entanto em relação à cor. Ficamos limitados a referir a presença de mais um elemento da família dos silurídeos.

YABEBURAPENI

(Fol. 38 e fol. 173 v.º)

yabeburapeni araia dauguoa dose de hũ palmo e meio de comprido que pode uir a fazer de roda quoatro palmos e meio elas cão muito redomdas e o rabo quanto elas cão pardas e pimtadas de cor de laramgua e o pesquoso quuberto de piquuos ([292]) *pequenos e tem dous compridos peguados ao rabo e cam muito periguozos e peconhetos ela são muito pereguozas e cam bom de comer*

Jabeburapeni a raia de água doce, de um palmo e meio de comprido, que pode vir a fazer de roda quatro palmos e meio; elas são muito redondas e o rabo quanto elas são padas e pintadas de cor de laranja, e o pescoço coberto de picos pequenos e tem dois compridos, pegados ao rabo e são muito perigosos e peçonhentos; elas são muito perigosas e são bom de comer.

Frei Cristóvão dá-nos um curioso desenho das faces dorsal e ventral desta raia de água doce, a que chamou no fol. 38 *jabebupirim*.

Não encontramos elementos que nos permitam identificar correctamente esta espécie.

MOSUINHA

(Fol. 39 e fol. 174)

mosuinha ([293]) *peixe de hũa poleguada cuberto desquama pratiada e ha muito gramde camtidade dele e he muito bom comer pera doemte*

Mosuinha peixe de uma polegada, coberto de escama prateada e há muito grande quantidade dele; e é muito bom comer para doente.

Não obtivemos elementos para qualquer referência.

ACAROAPETI

(Fol. 39 e fol. 174)

Acaroapeti peixe de hũa poleguada de gramdor parda pelo lombo e bramqua pela ([294]) *barigua cuberta desqua[ma] e he bom de comer*

([291]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 149.
([292]) As últimas letras desta palavra estão entrelinhadas. Foram riscadas as letras *mais*.
([293]) Esta palavra está à margem. Tem riscadas as palavras *mosoniha* e *mosunhunga*, esta última entrelinhada.
([294]) Seguem riscadas as letras *pa*.

Acaroapeti peixe de uma polegada de grandor, parda pelo lombo e branca pela barriga, coberta de escama, e é bom de comer.

No fol. 39 Frei Cristóvão manteve o nome de *acara petyy*, embora no texto figure o de *acaroapeti*, como acabamos de ver.

Acarás, diz Gabriel Soares, *são outros peixes do rio, tamanho como besugos, mas tem o focinho mais comprido, que é peixe muito saboroso; o qual se toma à cana* ([295]).

Entre o grande número de espécies designadas por *acará*, é-nos difícil escolher aquela que corresponde à limitada descrição do nosso texto.

Em igual dificuldade nos veremos ao tratar de peixes semelhantes, com o mesmo nome nativo, mais ao diante.

YEIGUO

(Fol. 40 e fol. 174)

yeiguo peixe de hũ palmo de comprido cuberto desquama todo pardo e são muito xeios ouos e he muito bom comer e he peixe de suri (sic) *que more todos os anos e uem outro cem meterem nenhum e ha muito grãode camtidade e he muito bom comer*

Ieiguo peixe de um palmo de comprido, coberta de escama, todo pardo e são muito cheio de ovos; e é muito bom comer; e é peixe de suri que morre todos os anos e vem outro sem meterem nenhum; e há muito grande quantidade; e é muito bom comer.

No fol. 40 está escrita a palavra *Jeigu* e não encontramos, nos autores que temos presentes, elementos que permitam qualquer classificação.

Não sabemos se o autor se quer referir ao *jeju*, de que há duas espécies; mas como ele se refere, adiante, a este peixe, voltaremos nessa altura a considerar uma tal hipótese.

AMORET

(Fol. 40 e fol. 174)

Amoret ([296]) *peixe de hũa poleguada e a cor he pardo e preto cuber*[*to*] *descama e he muito bom comer*

Amoret peixe de uma polegada e a cor é parda e preto, coberto de escama; e é muito bom comer.

Amoret, simplesmente e com tão pequena descrição do texto, é matéria que não basta para referenciar a espécie.

No entanto, somos obrigados a recordar que este nome pode ser significativo, se atentarmos e entrarmos em linha de conta com o que nos diz Pisão a propósito do *nome vernáculo geral Amoré* e das várias espécies que lhe correspondem, e aos quais ainda por vezes aparece acrescentado um apelido ([297]).

([295]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 232.
([296]) Tem riscada, no final desta palavra, a letra *a*.
([297]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 175.

TAUGUAPE

(Fol. 41 e fol. 174)

tauguape peixe armado de cor de pardo e parece azul nauguoa e he armado de tres piquamis muito periguozos a que eles ferem e he peixe de hũ palmo gramde os mahores e he muito guordo e he muito bom comer.

Tauguape peixe armado, de cor de pardo parece azul na água; e é armado de três picos muito perigosos a que eles ferem; e é peixe de um palmo grande os maiores; e é muito gordo e é muito bom comer.

Não encontramos citada esta espécie em qualquer dos autores que consideramos.

Examinando com atenção o desenho do fol. 41, ficamos com a impressão de se tratar de um membro da família da *tamoatá*, porquanto o corpo é igualmente coberto por placas ósseas dispostas em duas filas, e não em uma só como acontece na família das doradídeas.

TAMOATA

(Fol. 41 e fol. 174 v.º)

tamoata he peixe de hũa poleguada as maoires cor de pardo e he muito bom peixe ce ele tiuera muito que quomer

Tamoata é peixe de uma polegada, as maiores, cor de pardo; e é muito bom peixe se ele tivera muito que comer.

Demasiadamente conhecido este *Calictis*, é citado por todos os autores aqui em causa.

Diz dele Gabriel Soares: *Tamoatás são outro peixe destes rios que se não escama, por terem a casca mui grossa e dura, e que se lhe tira fora inteira depois de assados ou cozidos, os quais se tomam à linha; e é peixe miúdo, muito gostoso e sadio* ([298]).

D'Abbeville escreveu: *O tamoata é um pequeno peixe do comprimento de meio pé e todo armado de escamas, como braçais ou guantes de ferro. Tem a carne muito amarela e de bom gosto* ([299]).

Wagener fala do peixe e dele dá uma imagem ([300]). Margrave diz que é chamado *soldado pelos Portugueses* ([301]) e Pisão corrobora a afirmativa, explicando que reside na couraça e nos anéis que possui a razão do nome ([302]).

Goeldi cita três espécies de *tamoatá*, dando a uma o nome de *tomoatta* ([303]).

([298]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 231.
([299]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 247 v.º
([300]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 295.
([301]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 151.
([302]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 175.
([303]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, p. 468.

POTI

(Fol. 42 e fol. 174 v.º)

Poti dauguoa dose tem dous peis de diamte muito gramdes e he da cor dos outros mas tem as pontas dos peis azuis e he muito bom comer mas parece me que não são tão guostozos como os do mar

Poti de água doce tem dois pés de diante muito grandes e é da cor dos outros, mas tem as pontas dos pés azuis, e é muito bom comer, mas parece-me que não são tão gostosos como os do mar.

Poti, como atrás já referimos, quer dizer *camarão*. Supomos bastar.

GERARA

(Fol. 43 e fol. 174 v.º)

gerara ([304]) *yurarapeua cuberto de hũo quasquo pardo pelas bordas de meio palmo de comprido e ha a cabeca e os peis o pesquoso pimtado de pardo e amarelo e uerde e uermelho e tem muito gramde camtidade deles nas cãopinas e perizes e cão muito trabalhozos de tomar porque ce metem nas quouas com as quobras que mordem muitas uezes os negros e cão muito guordos e he muito bom comer que se parece no guosto co carneiro*

Gerara jurarapeva coberto de um casco pardo pelas bordas, de meio palmo de comprido, e há a cabeça e os pés o pescoço pintado de pardo e amarelo e verde e vermelho; e tem muito grande quantidade deles nas campinas e perizes e são muito trabalhosos de tomar, porque se metem nas covas com as cobras; que mordem muitas vezes os negros; e são muito gordos e é muito bom comer, que se parece no gosto com carneiro.

O nome *gerara* é seguido no texto do vocábulo *jurarapeva*, o que nos permite dizer tratar-se da tartaruga de água doce.

Refere-se a ela Pisão dizendo: *A segunda, menor que as outras tartarugas, é chamada Iururá, pelos lusitanos Cágado; e para se diferençar, denomina-se Cágado d'Água* ([305]). Margrave, por seu turno, chama-lhe *jurura* (*termo indígena*) *Cagado d'agoa* (*termo português*) ([306]).

O desenho deste quelónio que nos é apresentado no códice é bastante mais perfeito do que o apresentado por Pisão.

Devemos acrescentar que a identificação desta tartaruga nos parece um pouco difícil, dada a existência de *catorze espécies, cinco tendo o nome de jurará*, como ensina Rodrigues Ferreira ([307]).

MATAMATA

(Fol. 44 e fol. 174 v.º)

matamata he armado não se come

Matamata é armado; não se come.

Não encontramos referências a esta espécie, que no fol. 44 e no índice aparece escrita *motamota*.

([304]) Esta palavra está entrelinhada.
([305]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 247.
([306]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 241.
([307]) *Idem*, p. LXXXV.

PEIXES DO PARÁ

PIRAIUI

(Fol. 44 e fol. 175)

Piraiui quer dizer bagre grande.
he de 7 ou oito palmos de comprido E proporcionadamente grosso he de pelle he bom pera comer toma se a linha

Piraiui quer dizer bagre grande.
É de 7 ou oito palmos de comprido e proporcionadamente grosso; é de pele; é bom para comer; toma-se à linha.

Ao *piraiui* do texto corresponde no fol. 44 o nome de *piramotaba* escrito por Frei Cristóvão e que, segundo Goeldi, corresponde ao *Bagrus piramuta* ([308]).

VACU

(Fol. 175)

he paixe (sic) *armado que se nao paresse hua frecha he de 3 ou 4 palmos de comprido he de cor parda pela barriga tira a amarelo* (sic) *he bom pera comer toma se a linha tem o olho uerde.*

É peixe armado, que se não parece uma flecha, é de três ou quatro palmos de comprido; é de cor parda, pela barriga tira a amarelo, é bom para comer, toma-se à linha, tem o olho verde.

Diz o texto ser peixe armado e não há imagem que confirme a hipótese de se tratar de um *Doras lithogaster* Heckel, que é o parecer de Goeldi ([309]).

ARUANA

(Fol. 48 e fol. 175)

he tres palmos de comprido as escamas grandes a cor de prata comese a barbatunha (sic) *tem uermelhas*

([308]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, p. 464.
([309]) Idem — *Idem*, p. 469.

É três palmos de comprido, as escamas grandes, a cor de prata; come-se; as barbatanas tem vermelhas.

No texto vem escrito *aruana* e no fol. 48 estão escritas a lápis as sílabas *aro* e a tinta *guana.*

Ora nós só encontramos em Goeldi o nome nativo de *aruaná* para designar um *Osteoglossum bicirrhosum* ([310]).

UPIAUA

(Fol. 49 e fol. 175)

he de meio palmo de ([311]) *comprido tem os olhos que tirão a uermelho he bom pera comer a escama* ([312]) *per sima do pescoro* (sic) *he parda*

É de meio palmo de comprido, tem os olhos que tiram a vermelho; é bom para comer; a escama por cima do pescoço é parda.

VAREM

(Fol. 49 e fol. 175)

he peixe de hũ palmo de comprindo (sic) *parece se com a tainha* ([313])

É peixe de um palmo de comprido; parece-se com a tainha.

CUCUNARE

(Fol. 50 e fol. 175)

he peixe de 3 ou 4 palmos de comprido as escamas são pequenas tira a preto E ouro tem hua espelho no rabo no meio preto e a derredor tira a ouro he o melhor peixe desta terra

É peixe de três ou quatro palmos de comprido, as escamas são pequenas; tira a preto e ouro; tem um espelho no rabo no meio preto e ao redor tira a ouro; é o melhor peixe desta terra.

Cucunare está escrito no texto, mas no fol. 50 Frei Cristóvão escreveu *tucunare,* para mostrar tratar-se do *tucunaré,* assim dito pelos nativos, ou seja, o *Cichla ocellaris* B. & S. do Pará ([314]).

TARERIRE

(Fol. 50 e 175)

he peixe de dous palmos de comprido ([315]) *de escama pequena tem dentes agudos a cor he parda E tira a uerde a barbatanas* (sic) *E rabo com tiras de preto cubetas* (sic)

([310]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.* p. 455.
([311]) Estão entrelinhadas as palavras *de meio palmo de.*
([312]) Seguem riscadas as palavras *he uerde.*
([313]) A letra *n* desta palavra está entrelinhada.
([314]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, p. 469.
([315]) Tem riscada a palavra *tareuro.*

É peixe de dois palmos de comprido, de escama pequena, tem dentes agudos; a cor é parda e tira a verde, a barbatana e rabo com tiras de preto cubetas (?).

SIAUM

(Fol. 50 e fol. 175)

he peixe de hũ palmo de pele da cor de bagre he bom pera comer

É peixe de um palmo, de pele da cor de bagre; é bom para comer.

MANII

(Fol. 51 e fol. 175)

he 2 palmos he de pele E como bagre he bom pera comer

É dois palmos; é de pele e como bagre; é bom para comer.

No fol. 51 o nome *manii* está escrito *manyy*, tendo sido riscado o primeiro *y* e emendado para *d*. Deste modo o vocábulo surge-nos assim escrito: *mandy*. *Mandy* é um *Pimelodus*, segundo refere Goeldi ([316]).

SUI

(Fol. 52 e fol. 175)

he 3 pal[mos] cor pardo E preto he d[e] co[mer]

É três palmos, cor parda e preto; é de comer

CAYEIYU

(Fol. 52 e fol. 175)

he peixe desta forma e maneira que esta pintado tem aqueles esporois com que pica qualquer cousa que sente iunto a si

É peixe desta forma e maneira que está pintado; tem aqueles esporões com que pica qualquer coisa que sente junto a si.

IACUNDA

(Fol. 53 e fol. 175)

he peixe de pardo e uerde os olhos são uermelhos ha tres castas delle são de 2 palmos e meio de comprido a outra casta diferenca se que têm no rabo hũ espelho a outra casta he raiada de ([317]) preto azulado são bõs pera comer

---

([316]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, p. 461.
([317]) Esta palavra está entrelinhada.

É peixe de pardo e verde, os olhos são vermelhos; há três castas dele; são de dois palcos e meio de comprido; a outra casta diferença-se que tem no rabo um espelho; a outra casta é raiada de preto-azulado; são bons para comer.

PYRAIAGUARA [318]

(Fol. 54 e fol. 175)

he especie de porco marinho no sabor he como porco principalmente o figado [319] *tem as partes genitais como o porco tem noue palmos de comprido e grosso nesta proporcão face do rabo manteiga as femeias parem como os animais tem hũ buraco asima do naris por onde respira e lanca algua* (sic)

É espécie de porco-marinho; no sabor é como porco, principalmente no fígado; tem as partes genitais como o porco e tem nove palmos de comprido, e grosso nesta proporção; faz-se do rabo manteiga; as fêmeas parem como os animais; tem um buraco acima do nariz por onde respira e lança água.

Pira iaguara, como consta do fol. 54, representa, no dizer de Fernando Frade, «um cetáceo com características inconfundíveis», tratando-se do *Inia geofroyensis* Blainville, da família *Platanistidae*, cujo nome vulgar é *boto*.

VACARI

(Fol. 55 e fol. 175 v.º)

he peixe armado de laminas he de cor pardo salpicado de preto a pedra parece hũ penhasco tofa he de 3 pal[*mos*] *he de co*[*mer*]

É peixe armado de lâminas; é de cor pardo, salpicado de preto; a pedra parece um penhasco tofo; é de três palmos; é de comer.

Vacari aparece escrito em Goeldi *vakary*, com a indicação de ser um *Hypostoma plecostomus* Kner [320].

MOANI

(Fol. 55 e fol. 175 v.º)

he peixe de hũ palmo he de c[*omer*]

É peixe de um palmo; é de comer.

---

(318) Estão riscadas as letras *vangara*, a seguir às duas sílabas iniciais.
(319) Tem riscadas as palavras seguintes: *gera como animal.*
(320) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, p. 469.

ACARA

(Fol. 56 e fol. 175 v.º)

tẽ hũ palmo he sadio tẽ hũ espelho no raboo he dourado per fora ([321]) *o espelho*

Tem um palmo; é sadio; tem um espelho no rabo, é dourado por fora o espelho.

ACARA

(Fol. 56 e fol. 175 v.º)

he de cor rozada menos de hu palmo os olhos uermelhos he sadio

É de cor rosada, menos de um palmo, os olhos vermelhos; é sadio.

PIRAURUCA ([322])

(Fol. 57 e fol. 175 v.º)

he de 8 palmos de gramdes escamas he muito carregado não se come senão com muita necessidade he muito gordo a cor pardo pera o rabo he tirante a uermelho.

É de oito palmos, de grandes escamas; é muito carregado, não se come senão com muita necessidade; é muito gordo; a cor pardo, para o rabo é tirante a vermelho.

AMURE

(Fol. 58 e fol. 175 v.º)

he de hũ palmo de comprido descama pequena tira a pardo no pescoco hu pouco preto

É de um palmo de comprido, de escama pequena; tira a pardo, no pescoço um pouco preto.

IEIU

(Fol. 58 e fol. 175 v.º)

ieiu he de hũ grande palmo de escama de cor pardo he peixe mui cheio de ouas E mui bom pera comer

Ieiu é de um grande palmo, de escama de cor pardo; é peixe mui cheio de ovas. E mui bom para comer.

Jejú é um peixe do Pará referido por Goeldi, que diz ainda tratar-se do *Erythrinus unitaeniatus* ([323]).

([321]) Tem riscadas as palavras seguintes: *do rabo do.*
([322]) Estão riscadas, a seguir às duas primeiras sílabas, as letras *rucu uiçina* e, entrelinhadas, as letras *uruca.*
([323]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, p. 481.

IUNDIA

(Fol. 59 e fol. 175 v.°)

iundia ([324]) *he de hũ grao palmo de pele he de mui bom gosto*

Iundia é de um grande palmo, de pele; é de mui bom gosto.

ARAMAÇA

(Fol. 59 e fol. 175 v.°)

Aramaça he a modo desolhas he de palmo e meio de comprido

Aramaça é a modo de solhas; é de palmo e meio de comprido.

No fol. 59 não se compreende bem se está escrito *aramaça* ou *aramassa*. Seja como for, temos de dizer que Goeldi nos fala no *Citharichthys spilopterus* do Pará, conhecido pelo nome nativo de *arumassá* ([325]).

COROBLAN

(Fol. 59 e fol. 175 v.°)

PIAN

(Fol. 60 e fol. 175 v.°)

JURARA DO PARRA (*sic*)

(Fol. 60 e fol. 175 v.°)

he hũ modo de peixe conforme a tartarugua do mar salgado as cores são desformes que são parda e amarellas e dellas ai algũas muito grandes e sendo uiuas tem mas olor a carne ou peixe dela se come e dellas se fas muita mãoteiga muito boa que pera comer serue e pera candea

É um modo de peixe conforme a tartaruga do mar salgado, as cores são disformes, que são pardas e amarelas e delas há algumas muito grandes; e sendo vivas têm mais valor; a carne ou peixe dela se come e delas se faz muita manteiga muito boa, que para comer serve e para candeia.

PIRA MOTA

(Fol. 175 v.°)

he hũ peixe como hũ bagre e he de dous athe tres palmos de comprido tem os olhos prettos e a cor e paresenca he como de bagre

É um peixe como um bagre, e é de dois até três palmos de comprido; tem os olhos pretos e a cor e parecença é como de bagre.

([324]) Esta palavra está entrelinhada. Tem riscada a palavra *inguia* e, nesta, riscada a letra *j* a seguir ao segundo *i*.

([325]) E. A. Goeldi — *Ob. cit.*, p. 455.

PLANTAS E ÁRVORES

NOS QUOMESAREMOS AGUORA PELOS MAMTINTOS (SIC) *E RAIZES ERUAS E A FRUTAS E ARUERIS E OUTRAS QUE PELA* [S] *VIRTUDES E OUTRAS QUE TEM GUOMOS E AZEITE E LIQUORES E OUTRAS QUE NÃO SABEMOS O NOME.*

PRIMEIRAMENTE

NÓS COMEÇAREMOS AGORA PELOS MANTIMENTOS E RAÍZES, ERVAS, E AS FRUTAS E ÁRVORES E OUTRAS QUE PELAS VIRTUDES E OUTRAS QUE TÊM GOMOS E AZEITE E LICORES E OUTRAS QUE NÃO SABEMOS O NOME.

PRIMEIRAMENTE.

MANDIOQUA

(Fol. 110 e fol. 176)

A mandioqua ha de quoatro castas a saber mandioqua ata e mandioqua ati e maquaxeira e iuruquo ha destas que tres que ha qui diguo tres cam bomas bomas (sic) *pera fazer farinha e carima e a maquaxeira serue pera comer asada e cozida e he tam boma como peras da nosa tera e das outras ce fas tapioquo que parese farinha de triguo e tem alguma rais tamanha como a coxa de hum homem e he couza pera uer da bomdade desta tera que fiquamdo hũ pau na tera uem tres e quoatro raizes e ce berem* (sic) *da auguoa que sai e dela cem a cozerem moreram*

A mandioca há de quatro castas a saber: mandioca ata, e mandioca ati, e macaxeira, e juruco (?); há destas que três que há aqui, digo, três são boas para fazer farinha e carima e a macaxeira serve para comer assada e cozida e é tão boa como peras da nossa terra; e das outras se faz tapioca que parece farinha de trigo e tem alguma raiz tamanha como a coxa de um homem; e é coisa para ver da bondade desta terra, que ficando um pau na terra vem três e quatro raízes, e se beberem da água que sai dela, sem a cozerem, morrerão.

MANDIOQUA

(Fol. 176)

e tem outra casta de mandioqua que xomam (sic) *mamdioqu aguoa que não tem* ([326]) *deferemca no pau nem nas* ([327]) *folhas da outra e não cerue pera fazer farinha mais que manepoeira que he a auguo* (sic) *cozida de que os negros fazem muita estima e he hũa das gramdes pesonhas desta tera*

e tem outra casta de mandioca, que chamam mandioca água, que não tem diferença no pau nem nas folhas da outra e não serve para fazer farinha mais que manipueira, que é a água cozida de que os negros fazem muita estima e é uma das grandes peçonhas desta terra.

As pequenas referências à mandioca, acima escritas, não se parecem com as descrições feitas por Magalhães Gandavo, Gabriel Soares, P.e Anchieta, d'Abbeville, Pisão, Margrave e Wagener, descrições que são em parte longas e não vamos repetir, escusadas porque a mandioca é suficientemente conhecida para necessitar de quaisquer referências.

([326]) Esta palavra está entrelinhada.
([327]) Seguem riscadas as palavras: *rais da ou.*

Simplesmente, é de assinalar que Frei Cristóvão refere nomes nativos de *castas* de mandioca, de que algumas não foram assinaladas pelos restantes autores, ou que estes citaram por vocábulos bastante diferenciados. Por isso é que indicamos as designações de *mandioca ata*, *mandioca ati* e *juruco*, para que não encontramos qualquer relação.

Gandavo fala na mandioca vulgar e *aipim* (328). Gabriel Soares, nos sete capítulos que dedica à mandioca (329), refere-se às seguintes *castas: manipocamirin*, *manaibuçu*, *taiaçu*, *manaibaru*, *manaitinga* e *parati* (330).

D'Abbeville cita a mandioca, o *macachet*, a mandioca *été* e a mandioca *cave*, da qual se faz uma bebida chamada *caracou* (331).

O P.e Anchieta já, antes, nos contara que a mandioca era *o pão comum desta terra* e até nos dissera que se *fazem dela certos calditos como de amido ou tisana de cevada até para os doentes e sãos, mas é cousa muito mais delicada e proveitosa para o peito e febres* (332).

Da mandioca fala extensamente Pisão (333), citando mais de nove espécies. Margrave, em contrapartida, faz uma relação de vinte e quatro aproximadamente (334).

Wagener dá-nos igualmente uma pequena figura e uma descrição do desenvolvimento e utilização da mandioca e refere-nos que *tem recebido, últimamente, dos habitantes, muitos e variados nomes* (335).

Os nomes indicados no códice, porém, não figuram entre os citados pelos restantes autores, pelo que chamamos a atenção para o facto, sem mais quaisquer comentários que não merece a *Manihot utilissima* Phol. A ela também se refere Carlos França, na parte que dedica a esta planta e a uma das suas variedades (336).

CARA

(Fol. 111 e fol. 176)

Cara he desta forma que esta pimtado e tem de tres castas hũa he roxa as outras cam bramquas algumas cam tamanhas como a cabeca de hũa crianca e os pequenos he hũ bon comer asados e cozidos e cam milhores que pera de portugual e os saluaguemis as cabem bem apremtar que as uam quebramdo por pedasinhos e quada padaco da cimquo e ceis raizes.

Cara é desta forma que está pintado; e tem três castas, uma é roxa, as outras são brancas, algumas são tamanhas como a cabeça de uma criança e os pequenos é um bom comer assados e cozidos e são melhores que pêra de Portugal; e os selvagens as sabem bem aprontar, que as vão quebrando por pedacinhos e cada pedaço dá cinco ou seis raízes.

Carás é um termo tupi, que serve para designar as três espécies de *Dioscorea* conhecidas pelos nomes de *batata do ar*, *inhame de S. Tomé* e *inhame da Costa*.

---

(328) Pêro de Magalhães Gandavo — *Ob. cit.*, pp. 94-96.
(329) Conde de Ficalho — *Plantas Úteis da África Portuguesa*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1884, pp. 226-231. Não podemos deixar de referir quanto a notável observação de Gabriel Soares serviu para os estudos, feitos pelo conde de Ficalho, da expansão agrícola que os Portugueses levaram a cabo em África.
(330) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, 1.º tomo, pp. 316-328.
(331) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fols. 229 v.º e 230.
(332) P.e Anchieta — *Ob. cit.*, p. 427.
(333) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 261 e seg.
(334) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 65 e seg.
(335) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, pp. 308-309.
(336) Carlos França — *Ob. cit.*, ib., pp. 85-86.

Gabriel Soares diz: *Dão-se na Bahia outras raízes maiores que batatas, a que os Índios chamam carazes, que se plantam da mesma maneira que as batatas, e como nascem, põem-lhe ao pé uns paus, por onde atrepam os ramos que lançam, como erva. Estes carazes se plantam em Março e colhem-se em Agosto, os quais se comem cozidos e assados, como os inhames, mas têm melhor sabor; outros são todos negros como pós; e uns e outros se curam no fumo, e duram de um ano para outro. Da massa destes carazes fazem as Portuguesas muitos manjares com açúcar, e cozidos com carne têm muita graça* ([337]).

D'Abbeville escreveu que o *cará assemelha-se à precedente* (*a que eles chamam* Yeteuch *e os Franceses* Patates), *e é da mesma grossura, umas são purpúreas, outras violetas, e são mais sólidas estando cozidas, e menos delicadas que as batatas* ([338]).

Margrave trata do cará em uma extensa descrição e chama-lhe *inhame de S. Tomé* ou *quiquoaquicongo* em linguagem do Congo. Não se refere a qualquer variedade ([339]).

Pisão chama-lhe *inhame de S. Tomé* e diz ser só procurado pela plebe, por ser inferior à batata em qualidade ([340]).

Lembramos que o conde de Ficalho, em um dos seus notáveis estudos, largamente se refere ao *cará* e à sua presença, principalmente, no território de Angola, assinalando o vocábulo conguês que Margrave cita. E é interessante também lembrar um trabalho de Carlos França sobre o assunto ([341]).

TAMOTARANA

(Fol. 112 e fol. 176 v.º)

tamotarana he desta he desta (sic) *forma que aqui esta pimtado e tem as folhas de palmo e meio e a frol bramqua e a rais he tamanha como hũ ouo de gualinha he bom comer cozida e acada e he muito quemte*

Tamotarana é desta forma que aqui está pintado; e tem as folhas de palmo e meio e a flor branca e a raiz é tamanha como um ovo de galinha; é bom comer cozida e assada, e é muito quente.

A esta planta refere-se Pisão, no capítulo que dedica aos *frutos subterrâneos alimentícios*, dizendo: *da mesma natureza e uso* (refere-se ao inhame de S. Tomé ou cará) *é a raiz, transplantada outrora para cá*, tamoatarana, *planta que de um bolbo branco, lustroso, ...* ([342])

Semelhantemente a descreve Margrave, que também lhe dá o nome de *tamoatarana* ([343]).

Nada mais sabemos dizer desta planta.

MENDOIM

(Fol. 113 e fol. 176 v.º)

mindoin cam tamanhas como azeitonas mas esta fruta he milhor e he muito cemte e uem na tera e de hũa uem de proueito mais de hũo semto ele tem as folhas de tama-

(337) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., pp. 329-330.
(338) Claude d'Abeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 229 v.º
(339) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 29.
(340) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 534.
(341) Carlos França — *Subsídios para a História de Algumas Plantas Cultivadas.* Porto, 1928, p. 11.
(342) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 534.
(343) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 53-54.

nho que aqui estam pimtados e os froles cam amarelas cor de ouro e a casqua he parda e algumis tem dous miolos em cada baguem ele tem esta uertude eles tem esta uertude (sic) *que ceruem pera quem tiuer perna ou braco crebado pizamdo os uerdes e polos em riba da quebradura solda muito bem.*

Mindoim são tamanhas como azeitonas mas esta fruta é melhor; e é muito quente e vem na terra e de uma vem de proveito mais de um cento; ele tem as folhas de tamanho que aqui estão pintados, e as flores são amarelas cor de ouro, e a casca é parda, e alguns têm dois miolos em cada vagem; eles têm esta virtude que servem para quem tiver perna ou braço quebrado, pisando os verdes e pondo-os em riba da quebradura solda muito bem.

Mindoim, diz o texto, mas *mendoym* está escrito no fol. 113.

Não é preciso dizer que todos os autores que consideramos se referem ao amendoim. *Amendoí* chama Gabriel Soares à *Arachis hypogea* L. (344).

D'Abbeville chama-lhe *Mandouy* e diz que *é uma pequena raiz que se encontra na terra, grossa e comprida como o polegar. Tem uma pequena casca como as avelãs, na qual se encontram duas ou três pequenas nozes muito boas para comer* (345).

Pisão refere-se a duas variedades, o *mundubi* e o *mandobi*, dizendo que *o primeiro é pelos Lusitanos deturpadamente chamado* amenduínas, *e por Héry, Manobi* (346). *O segundo fruto, subterrâneo, outrora importado das plagas da África, tornado como natural na América, é chamado* mandobi, escreveu ele; e diz mais adiante: *demais são congéneres dos primeiros* mundubi; *cedeu-lhes, porém, em propriedades nutritivas* (347).

Mundubi é o nome sob o qual o descreveu Margrave (348).

Wagener também desenhou a planta e a ela se refere chamando-lhe *manduby* (349).

É muito curioso o artigo de Carlos França sobre *os amendoins* (350).

GITICA

(Fol. 114 e fol. 176 v.º)

gitica (351) *quer dizer betata e ha de tres* (352) *castas amarelas e bramquas e sam muito bomas cozidas ou asadas primsipalmente as amarelas elas tem a folha e a frol como aqui esta pimtada e a frol he cor rozada e bramqua e apremtão cam* (sic) *da betata mesmo partem na em padasinhos e quada padaso da muitas emfimdas*

Gitica quer dizer batata e há de três castas, amarelas e brancas, e são muito boas cozidas ou assadas principalmente as amarelas; elas têm a folha e a flor como aqui está pintada e a flor é cor rosada e branca e apresentação da batata mesmo; partem-na em pedacinhos e cada pedaço dá muitas infindas.

No fol. 114 vem escrita a palavra *gytyqua* e, logo a seguir, a indicação de *batata*. *Gitica* está escrito no texto.

(344) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, p. 335.
(345) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 229 v.º
(346) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 535.
(347) *Idem*, p. 537.
(348) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 37.
(349) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 304.
(350) Carlos França — *Ob. cit.*, p. 30 e seg.
(351) Esta palavra está entrelinhada; foi riscada a palavra *Chitiqua*.
(352) Esta palavra está entrelinhada; foi riscada a palavra *Ouas*.

Gabriel Soares, no capítulo onde diz: *Em que se apontam alguns mantimentos de raízes que se criam debaixo da terra na Bahia,* refere-se à *Ipomea batatas* Lan, começando assim: *E peguemos logo nas batatas, que são naturais da terra.* E depois de explicar a época da sementeira e o modo de as semear, refere-se a algumas *castas* existentes, nas quais estão incluídas as três assinaladas no texto, dizendo a propósito das amarelas: *e outras todas amarelas, de cor muito tostada, as quais são todas húmidas e ventosas, de que se não faz muita conta entre gente de primor, senão entre lavradores* ([353]).

D'Abbeville refere-se à raiz a que chamam *Yeteuch e os Franceses batatas,* e cita algumas variedades ([354]).

Pisão diz que *Entre os frutos subterrâneos alimentícios, merecem o primeiro lugar os denominados vulgarmente* Batatas. *São denominados pelos Peruanos* Apichu; *pelos Brasilianos,* Ietica ([355]).

Margrave descreve-nos também a Ietica *(termo indígena).* Guiquoaquianputu *(na língua do Congo).* Batata *(em português)* ([356]).

Wagener também fala na batata e dela nos dá uma imagem, a seu modo ([357]).

YEREMU

(Fol. 113 e fol. 176 v.º)

Yeremu quer dizer abobra e tem de duas ou tres castas compridas e redomdas e outras pequenas que sam pimtadas damarelo e uerde e a folha e a frol he como a da nosa tera e cam bomus de comer.

Yeremu quer dizer abóbora, e tem de duas ou três castas, compridas e redondas e outras pequenas, que são pintadas de amarelo e verde e a folha e a flor é como a da nossa terra; e são bons de comer.

Yeremu, tal como vem no texto, ou *geromu* como aparece a encabeçar o desenho do fol. 115, corresponde ao *gerumu* de Gabriel Soares, que sobre ele diz: *Chamam os Índios gerumus às abóboras da quaresma, que são naturais desta terra, das quais há dez ou doze castas, cada uma de sua feição: e plantam-nas duas vezes no ano, em terra húmida e solta, as quais se estendem muito pelo chão, e dá cada abobreira muita soma: mas não são tamanho como as da casta de Portugal...* ([358]).

D'Abbeville chama-lhe *Gyromon; é uma planta que tem as folhas e as flores semelhantes às da abóbora,* diz ele ([359]).

Iurumu *(termo indígena).* Bobora *(em português).* É assim que Margrave se refere à planta; mas descreve, sob esta rubrica, duas variedades, das quais a segunda nos parece corresponder melhor ao desenho de Frei Cristóvão, ou seja, aquela em que se refere a *uma cucúrbita em forma de garrafa* ([360]).

([353]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.,* ib., p. 329.
([354]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.,* ed. de 1963, fol. 229.
([355]) Guilherme Piso — *Ob. cit.,* p. 531.
([356]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.,* p. 16.
([357]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.,* p. 304.
([358]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.,* ib., pp. 333-334.
([359]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.,* ed. de 1963, fol 228 v.º.
([360]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.,* p. 44.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Pisão é curioso no dizer: *Seguem-se algumas plantas que serpeiam na terra, que devem ser classificadas em parte entre os melões, em parte entre as abóboras, ou* calabaças *dos Espanhóis. Divergem deles antes pela figura externa do que pelas propriedades internas. A primeira e melhor é o* urumá, *para os Lusitanos,* Bobora ([361]).

Wagener chama-lhe *pepino,* mas a estampa que apresenta mostra tratar-se de uma cucurbitácea, família a que de facto pertence a planta que acabamos de referir ([362]).

HUBAHEM

(Fol. 116. e fol. 177)

hubahem quer dizer balamsia e tem de duas castas de bramquas e uermelhas e a uermelha he a milhor e mais dose e por fora sam todas uerdes e a frol he amarela e cam muito bomas pera doemte e algumas cam tamanhas como botiguas

Hubahem quer dizer melancia e tem de duas castas: de brancas e vermelhas, e a vermelha é a melhor e mais doce; e por fora são todas verdes e a flor é amarela; e são muito boas para doentes, e algumas são tamanhas como botijas.

No fol. 116 ao vocábulo *Uvahem,* como está emendado, acrescentou Frei Cristóvão a palavra *balancia,* traduzindo assim para português a designação nativa.

Uva-éen é o nome que lhe atribui d'Abbeville ([363]), dizendo ser uma espécie de *melão maior que a cabaça, verde por fora e maciço por dentro.*

Iacé, *para outros* Iba-guaçu *ou anguria,* diz-nos curiosamente Pisão, *é planta cultivada, e, no decurso do tempo, tornada como que nativa. Em nenhum lugar das Índias nasce melhor do que no Brasil. Não impròpriamente é chamada pelos Lusitanos* Balancia, *e pelos Flamengos,* Water-meloen *ou melão aquático* ([364]).

Jaee diz Margrave ([365]) referindo-se ao nome nativo que é atribuído à cucurbitácea tão nossa conhecida.

COMENDA

(Fol. 117 e fol. 177)

Comemda quer dizer feiiam e tem de quoatro ou cimquo castas bramquos e pretos e uermelhos e pardos e as folhas e frol cam como os de noso oropo e cam muito bomis de comer as froles cão aszuis e bramquas e amarelas tem grãode uertude que as feiteiseiras na nosa tera fazem muitas feiteisirias deles e por iso el rei tem defemdido de leuar nenhumis so pena de serem emforquados e aomde os axam cão queimados

Comenda quer dizer feijão e tem de quatro ou cinco castas, brancos e pretos e vermelhos e pardos e as folhas e flor são como as da nossa Europa; e são muito bons de

---

([361]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 549.
([362]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 305, fig. 47.
([363]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 228 v.°
([364]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 548.
([365]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 22.

comer; as flores são azuis e brancas e amarelas e tem grande virtude, que as feiticeiras na nossa terra fazem muitas feitiçarias deles; e por isso el-rei tem defendido de levar nenhuns sob pena de serem enforcados, e onde os acham são queimados.

Ao termo *comenda*, do texto, corresponde a palavra *comanda* no fol. 117, adiante da qual ainda está escrita a indicação *feijão*.

Na parte inferior deste fólio, depois do desenho, escreveu alguém o que vamos transcrever a seguir. *Esta Arvore até agora não tem outro nome senão de Coral, por rasão da Cor da Flor, aqual parece ser de Coral. Só o clarissimo e doutissimo Carlo Clusio faz mensão della, sem flor, nem fruito, e diz que lha mandarão de Sevilha com nome de Arvore de Coral. Esta arvore pode-se chamar em Latim: Arbor siliquifera, trifolia, Americana et Brasiliana, onde nasce per os campos. Hé chamada Arvore Espinha, porque tem humas espinhas junto dos ramos. Ita Guilielmus insignis Herbarius.*

Ficamos assim sem saber o que pensar. A árvore actualmente chamada árvore-do-coral, supomos ser a *Erythina corallodendron* Lin., que é ornamental; destas leguminosas encontramos algumas espécies na Guiné, Angola e Moçambique. Não conseguimos identificar o Guilherme, insigne herbolário, a que se refere a nota, embora de início pudéssemos supor tratar-se de Guilherme Pisão; mas verificámos, depois, que este se refere ao termo *comanda* mas não fala na árvore-do-coral.

Ora Gabriel Soares, a propósito dos legumes que se dão na Baía, diz: *E comecemos pelas favas, que os Índios chamam comendá, as quais são muito alvas, e do tamanho e maiores que as de Évora em Portugal; mas são delgadas e amassadas, como os figos passados.* E fala a seguir em favas meias brancas e meias pretas, depois do que refere no parágrafo seguinte: *Dão-se nesta terra infinidade de feijões naturais dela, uns são brancos, outros pretos, outros vermelhos, e outros pintados de branco e preto...* ([366]).

Embora saibamos que no Brasil é vulgar designar por favas os feijoeiros e outras plantas, supomos que Gabriel Soares não atribuiria assim indevidamente um nome, ele que tão meticuloso se mostra.

Ora d'Abbeville refere-se ao *commanda ouässon que são favas tão largas e grossas como o polegar, mas muito chatas, as quais são lá comuns e de todas as espécies de cores.* Rerefe ainda: *eles têm abundância de ervilhas que chamam Commanda Miry* ([367]).

Pisão diz assim: *As simplesmente nomeadas Cumandá são muito semelhantes às favas turcas tanto em sabor como em tamanho, diferem às vezes sòmente pela cor, não pela forma* ([368]). Refere ainda o *Cumandá-guaçu* ou favas grandes, o *Cumandá-guirá* (que ao diante citaremos) e o *Cumandá-miri*, que diz serem *ervilhas iguais em tamanho às europeias, mas oblongas e não redondas, também de cor branca e cinzento-escura.*

A descrição de Margrave diz só respeito ao *comanda guira*, pelo que não tem aqui interesse.

Não sabemos afirmar, depois de tudo, se a espécie aqui referida será o *Phaseolus vulgaris* Lin., ou qualquer das variedades, ou a *Vicia Faba* Lin. ([369]).

Não estranhamos as referências que no texto se fazem às feiticeiras e feitiçarias, pois sabemos por exemplo que a vagem do feijão-fava-bravo (nome brasileiro da *Canavalia versicolor* Barb. Rodri.) é venenosa.

([366]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 333.
([367]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 229.
([368]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 527.
([369]) A propósito desta planta lembramos o trabalho de Carlos França — *Ob. cit.*, p. 63.

YUAMBU

(Fol. 118 e fol. 177)

Yuambu he ([370]) *erua* ([371]) *he desta forma e maneira que aqui esta pimtada e tamanha e tamanha* (sic) *como aqui esta pimdada* (sic) *e a frol he amarela e he hũa erua a milhor desta tera e a mais quemte e tem esta uertude que mata as lombriguas que estão no quorpo e esta tera he muito sogueita a criarem no quorpo dos omenis e por iso eu creio que noso Senhor se alembrou a criar esta erua pera as matar*

Yuambu é erva, é desta forma e maneira que aqui está pintada e tamanha como aqui está pintada, e a flor é amarela; e é uma erva a melhor desta terra e a mais quente, e tem esta virtude, que mata as lombrigas que estão no corpo, e esta terra é muito sujeita a criarem no corpo dos homens e por isso eu creio que nosso Senhor se lembrou a criar esta erva para as matar.

No fol. 118 encontramos dois desenhos. Um, designado pelos nomes de *inanbou* e *inhanbu*, corresponde à planta que no texto é designada pelo nome de *Yuambu*, que não sabemos caracterizar.

O segundo desenho tem o título de *Taroba* e não existe no texto qualquer descrição. Terá relação com a *taiaoba* (terceira espécie pelo aspecto da folha) de que fala Margrave ([372]), ou a que se refere Gabriel Soares ([373]) quando descreve os mangazares?

COMEMDAGURA

(Fol. 119 e fol. 177 v.º)

Comemdagura cão feiiamis de pau que são de altura ([374]) *de des ou doze a folho* (sic) *he desta maneira que aqui esta pimtada he amarela dourada e he bom de comer*

Comendagura são feijões de pau que são de altura de dez ou doze; a folha é desta maneira que aqui está pintada, é amarela dourada e é bom de comer.

A propósito da espécie chamada *comenda*, tivemos a oportunidade de referir o nome de *comandá-guirá* e *comanda guira*, respectivamente citados por Pisão ([375]) e por Margrave, que supomos corresponder ao *comendagora* escrito no fol. 119, e onde o segundo *o* da palavra foi riscado e entrelinhado um *u*, pelo que o vocábulo na realidade vem a ser *comendagura*. Frei Cristóvão acrescentou-lhe ainda a indicação, desconhecida para nós, de *feijão de pau*.

Margrave diz ser *Arbusto ou àrvorezinha que produz feijões*. Mais adiante um pouco escreve que *vem siliquas achatadas e um pouco contorcidas, contendo cada uma quatro grãos de feijão, brancos, um pouco menores do que nossas ervilhas* ([376]).

([370]) Esta palavra está entrelinhada.
([371]) Idem.
([372]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 35.
([373]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 330.
([374]) Esta palavra está entrelinhada; está riscada a palavra *altor*.
([375]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 527.
([376]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 62.

Inclinamo-nos para considerar igualmente esta planta como uma das variedades do *Phaseolus vulgaris* Lin., incapaz de caracterizar as referidas pelos autores, entre os vários legumes citados, pertencentes às faseólias. O próprio Gabriel Soares confunde e mistura variedades de favas e feijões ([377]).

ANANAS

(Fol. 120 e fol. 177 v.° e 183 v.°)

O ananas he a milhor fruta desta tera quoamdo esta maduro e xeira de muito lomgue e he amarelo como cera e tem hũ olho em riba dele que em no botamdo no xão loguo apegua e ce quome todo papelia (sic) *e parese comer acuquere e se pode tirar do sumo dele hũ iaro xeio esta auguoa he muito soberana pera dor de pedra e corta muito e alimpa o quorpo e tãobem cerue a matar lombiguas* (sic) *e tem tãota forsa que se hũa molher prenha o comer uerde loguo a de mouer e tem grãode camtidade pelos matos e o lomguo do rios e se ele fora pasado pelo lambiqui* (sic) *fora muito bom e soberano a frol he azul e uem apeguada ao anas* (sic) *quoamdo ele he pequeno*

O ananás é a melhor fruta desta terra, quando está maduro, e cheira de muito longe; e é amarelo como cera e tem um olho em riba dele, que em o botando no chão logo pega e se come todo papelia (?) e parece comer açúcar, e se pode tirar do sumo dele um jarro cheio; esta água é muito soberana para a dor de pedra e corta muito e limpa o corpo, e também serve para matar lombrigas; e tem tanta força que se uma mulher prenhe o comer verde logo há-de morrer; e tem grande quantidade pelos matos e ao longo dos rios e se ele fora passado pelo alambique fora muito bom e soberano; a flor é azul e vem pegada ao ananás quando ele é pequeno.

Ananás, termo português — *nana* em linguagem tupi —, é o vocábulo que figura no fol. 120 e que diz respeito a um fruto tão conhecido, que dispensa quaisquer referências, pois todos os autores são unânimes em dar provas da sua excelência.

YHA

(Fol. 121 e fol. 177 v.°)

Yha quer dizer cabaso e tem a folha desta propia maneira que aqui esta pimtada a frol he bramqua a folha xeira a catimgua e ha algum que leua seis ou sete canadas da medida daqui e ha muita cãotidade deles e he a seruemtia desta tera quoamdo são pequenos e uerdes são bomis a comer

Yha quer dizer cabaço e tem a folha desta própria maneira que aqui está pintada; a flor é branca, a folha cheira a catinga e há algum que leva seis ou sete canadas da medida daqui; e há muita quantidade deles e é a serventia desta terra; quando são pequenos e verdes são bons de comer.

([377]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 333.

No fol. 121, a seguir ao nome nativo de *Yha* está o vocábulo *cabaço* e supomos que o termo assim escrito por Frei Cristóvão não fica muito em desacordo com o nome tupi *ia*, que significa, se nos não enganamos, *cabaça*.

Não sabemos caracterizar convenientemente esta cucurbitácea brasileira, tanto mais que a existência de um certo número de variedades não no-lo permite.

SAPUQUAIHA

(Fol. 122 e fol. 178)

A sapuquaiha he hũ pau tamanho como pau brãoquo da noso portugual e a fruta e a frol he desta propia maneira ([378]) *que aqui esta pimtado e ha tamanhas como a cabesa dum omem e tem algumas quimze ou uimte castanhas demtro que parecem castanhas de portugual a frol xeira como roza e he brãoqua tira de uermelho e o botão que tem no meio da frol he amarelo e a folha parece como folha de masieira e do quasquo se pode fazer como pera beber*

A sapuquaiha é um pau tamanho como pau branco do nosso Portugal; e a fruta e a flor é desta própria maneira, que aqui está pintado, e há tamanhos como a cabeça dum homem; e tem algumas quinze ou vinte castanhas dentro, que parecem castanhas de Portugal; a flor cheira como rosa e é branca, tira de vermelho, e o botão que tem no meio da flor é amarelo e a folha parece como folha de macieira; e do casco se pode fazer como para beber.

Estão largamente distribuídas pelo Brasil muitas espécies desta planta da família das lecitidáceas, pelo que não nos é possível caracterizar devidamente a que deu lugar ao desenho apresentado no fol. 122.

Lembramos que ao *sabucai* se refere Gabriel Soares, ou seja, a uma espécie de *sapucaia*, da qual difere a de Frei Cristóvão, segundo se depreende do descritivo, que não transcrevemos por supormos desnecessário ([379]).

Gandavo também nos refere a existência de *humas arvores ha tambem nestas partes mui altas a que chamão Zabucáes: nas quaes se criam huns vasos tamanhos como grandes cocos, quasi da feição de jarras da India* ([380]).

À *sapucaia* se refere também Anchieta, em curiosa descrição: *Na povoação que se chama Espírito Santo é muito comum uma certa árvore muito alta, cujo fruto é admirável. Este é semelhante a uma panela, cuja tampa, como que trabalhada a torno, com que está pendente da árvore, se abre por si mesmo quando está maduro: aparecem então dentro muitos frutos semelhantes a castanhas, separadas por delgadas tiras como interpostos septos, muitíssimo agradáveis ao paladar. O vaso ou urna, em que estão encerrados, não é menos duro que a pedra, e pode-se fàcilmente julgar do seu tamanho pelas castanhas que contém, que passam de cinquenta* ([381]).

Margrave chama-lhe *jacapucaya* e pouco mais expõe de interesse, excepto a indicação que dá dos locais onde a árvore existe em maior abundância ([382]).

([378]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.
([379]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, tomo II, p. 15.
([380]) Pêro de Magalhães Gandavo — *Ob. cit.*, p. 97.
([381]) P.e José Anchieta — *Ob. cit.*, p. 126.
([382]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 128.

ARACARAINHA

(Fol. 123 e fol. 178)

Aracarainha ([383]) *he hũa fruta que se paresem como amemdoas de portugual e a folha he tamanha como a folha de figueira a frol he amarela tira de bramquo e no meio tira de uermelho e a fruta he redomda e he muito bom comer e ha muito grãode de camtidade e o pau he muito groso e he pau mole*

Aracarainha é uma fruta que se parecem como amêndoas de Portugal; e a folha é tamanha como a folha de figueira, a flor é amarela, tira de branco e no meio tira de vermelho; e a fruta é redonda e é muito bom comer e há muito grande quantidade; e o pau é muito grosso e é pau mole.

No fol. 123 lê-se a palavra *araçarahinzinha*, estando riscadas as letras *hin*, de que resulta o vocábulo *araçarazinha*, que não é o mesmo do texto.

Pelo desenho somos levado a supor tratar-se de uma mirtácea, do género *Psidium* ou *Britoa*, o que não podemos caracterizar com precisão.

Encontramos em Gabriel Soares uma referência ao araçàzeiro, que difere no descritivo do nosso texto. Simplesmente, Gabriel Soares termina por nos dar uma indicação que possìvelmente é curiosa: *Perto do salgado há outra casta de araçàzeiros, cujas árvores são grandes, e o fruto como laranjas, mas mui saboroso, ao qual aparam a casca por ser muito grossa* ([384]). Tratar-se-á da espécie a que se refere Frei Cristóvão?

Não nos podemos esquecer de que as referências à goiabeira em alguns autores e que Pisão nos fala de dois araçás e da afinidade que une o *araçá-guaçú* à *guaiába* ([385]).

GENIPAPO

(Fol. 124 e fol. 178)

genipapo ([386]) *he aruere da grosidão de hũ homen e he pau muito direito que serue pera fazer quaixas de arquabus e quolheres e remos e jscoruenas* (sic) *de canoa e as folhas são de a compridão de hũ palmo de comprido a frol he brãoqua a fruta he tamanha como hũ gramde laramia e he boma pera comer quoamdo he madura e os negros o tem em muita estima pera se temguirem que o seu uerdadeiro uestido pera morr* (sic) ([387]) *do sol e serue tambem pera mezinha pera as boubas que se algum bramquo se timgue com ele pode se ter por serto de o trazer noue dias que parece* ([388]) *pimdado* (sic) *hũ feio diabo*

Genipapo é árvore da grossura de um homem, e é pau muito direito que serve para fazer caixas de arcabuzes e colheres e remos e iscorvenas (?) de canoa, e as folhas são da compridão de um palmo de comprido, a flor é branca, a fruta é tamanha como uma grande laranja e é boa para comer quando é madura; e os negros o têm em muita estima para se tingirem, que o seu verdadeiro vestido por amor do sol e serve também para mezinhas para as boubas, que se algum branco se tinge com ele pode-se ter por certo de o trazer nove dias que parece pintado um feio diabo.

([383]) Esta palavra está entrelinhada, estando riscada a palavra *Araxaxaimis*.
([384]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 17.
([385]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 336.
([386]) Esta palavra está entrelinhada e por baixo tem riscada a palavra *Yenipapo*.
([387]) O último *r* está entrelinhado.
([388]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.

No fol. 124 está escrita a palavra *ginipapo*, mas no texto figura *genipapo*, planta a que, mais ou menos extensamente, se referem vários autores.

Fá-lo Gabriel Soares por duas vezes: na primeira mostrando o valor do fruto, quer sob o ponto de vista alimentar, quer por meio do sumo em aplicações medicamentosas e ornamentais ([389]); na segunda, louva o valor da madeira, a sua brancura e cita as várias aplicações que tem ([390]).

Iunipap lhe chama d'Abbeville, comparando a folha deste membro da família das rubiáceas às do carvalho, e curiosamente relata sobre o suco do fruto: *se esfregardes a face, as mãos ou alguma outra parte do corpo com ele, em menos de quatro ou cinco horas ela se tornará tão negra como se a tivésseis enegrecido com tinta: e se vos lavardes ou limpardes, não tirareis essa cor senão ao fim de oito ou nove dias que ela cai por si mesma, ficando a parte tão limpa como antes.*

Os Índios servem-se deste suco para se pintarem e figurarem o corpo como será dito no seu lugar; pode servir também de boa tinta para escrever, como muitas vezes eu experimentei ([391]).

Larga descrição do *genipapo* nos dá Pisão, que lhe chama *Janipába* e o assemelha à faia ([392]). Igual semelhança e nome lhe dá Margrave, que no entanto acrescenta ser chamado *jenipapo* pelos Portugueses ([393]).

IBOMGUIUA

(Fol. 125 e fol. 178 v.º)

ibomguiua he hũa aruere tamanha como macieira e a fruta he da propia formo (sic) *de hũ malam e o casquo he pau todo xeio de castanhas que salguado com sal e auguoa he mui bom comer a frol he desta maneira que esta pimtada e a cor he rozada amarela e bramqua e temuito* (sic) *gramde camtidade camtidade* (sic) *o lomguo do rios e fomtes*

Ibomguiva é uma árvore tamanha como macieira e a fruta é da própria forma de um melão; e o casco é pau todo cheio de castanhas que salgado com sal e água é mui bom comer; a flor é desta maneira que está pintada e a cor rosada, amarela e branca, e tem muito grande quantidade ao longo dos rios e fontes.

Ibonguiaba, seguido da indicação *não se come fazem purgar*, é o que se lê no fol. 125. Não sabemos referenciar esta planta.

AMINGUA

(Fol. 126 e fol. 178 v.º)

Amingua ([394]) *he aruere muito alta tem a folha como a mais gramde que esta aqui pimtada e a fruta he desta propia forma que esta aqui e he tamanha como a cabesa de hão* (sic) *criamsa e coamdo sam maduros são uermelhos e amarelos por fora e por demtro cor da laramia, e tem muita simente e tem pouquo que comer mas iso que tem he muito guostozo a frol he bramqua tira damarelo e no meio he uermelha a folha xeira o guosto da fruta*

([389]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., pp. 15-16.
([390]) Idem — *Idem*, p. 77.
([391]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 219 e 219 v.º
([392]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 310-312.
([393]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 92.
([394]) Segue riscada a palavra *ha*.

Amingua é árvore muito alta; tem a folha como a mais grande, que está aqui pintada e a fruta é desta própria forma, que está aqui e é tamanha como a cabeça de uma criança, e quando são maduros são vermelhos e amarelos por fora e por dentro cor de laranja, e tem muita semente e tem pouco que comer, mas isso que tem é muito gostoso; a flor é branca tira de amarelo e no meio é vermelha, a folha cheira ao gosto da fruta.

No fol. 126 está escrito o nome de *amigua*, planta que não sabemos referenciar.

IARAQUATIA

(Fol. 127 e fol. 178 v.º)

iaraquatia ([395]) *he aruere que crese muito, muito* (sic) e *uem muito comprido e groso todo cheio* ([396]) *de piquamis e a fruta he como figo lomgar quoamdo eles cam maduros cam amarelos e tem a simente como* ([397]) *figuo e ade se asar ou coser pera ce quomer e se a comem crua faz arebemtar a boqua e he hũa das bomas frutas desta tera e são trabalhozas a uer senão os maquaquos e guariuas que os fazem quahir e a frol he bramqua tira damarelo o pau serue a fazer quanoas quamdo querem pasar os rios e fazem nas muito depresa que leuam trimta e coremta pesoas*

Iaraquatia é árvore que cresce muito, muito e vem muito comprido e grosso todo cheio de picos; e a fruta é como figo longal, quando eles são maduros são amarelos e tem a semente como figo e há-de se assar ou cozer para se comer, e se a comem crua faz rebentar a boca; e é uma das boas frutas desta terra e são trabalhosas a ver se não os macacos e guaribas que os fazem cair; e a flor é branca, tira de amarelo, o pau serve a fazer canoas quando querem passar os rios e fazem-nas muito depressa, que levam trinta e quarenta pessoas.

Jaratiha é palavra que está cortada no fol. 127, tendo por baixo escrito o nome de *Jaraquatia.*

Gabriel Soares refere-se a uma fruta natural da Baía e a que os Índios chamam *jaracateá*, dizendo a seguir: *Esta arvore dá a flor branca, o fruto é amarelo por fora, da feição e tamanho dos figos bêberas ou longais brancos, que tem a casca dura e grossa, a que chamam em Portugal longais; desta maneira tem esta fruta a casca, que se lhe apara quando se come, tem bom cheiro, e o sabor toca de azedo, e tem umas sementes pretas que se lançam fora* ([398]).

D'Abbeville diz que *há a* iaracatia *que é uma árvore muito grande* e mais ao diante esclarece que o fruto é *muito delicioso e nutritivo* ([399]).

Pisão diz que o fruto da árvore chamada *Iaracatiá* pelos Brasileiros parece-se um tanto com o *mamão* ([400]). É essa igualmente a opinião de Margrave, que também nos fala na *jaracatia* (*termo indígena*) ([401]).

Gabriel Soares já nos havia chamado a atenção para a semelhança entre o *mamão* e a *jaracateá*, também conhecida pelo nome de *mamão-do-mato.*

([395]) Esta palavra está entrelinhada, e tem por baixo riscada a palavra *jarajyaraquatia.*
([396]) Esta palavra está entrelinhada e tem por baixo riscada a palavra *xeio.*
([397]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.
([398]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 9.
([399]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 218 v.º
([400]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 350-351.
([401]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 128.

VUAXAINHA

(Fol. 128 e fol. 179)

Vuaxainha ([402]) *he hũa haruerea* (sic) *que tem a fruta e a folha como os sereias* ([403]) *da nosa tera não tem pe* ([404]) *tan* ([405]) *comprido he uermelho como camgue de uaqua e tem o carouso mais groso e he bom comer e a frol he bramqua*

Uvaxainha é uma árvore que tem a fruta e a folha como as cerejas da nossa terra; não tem pé tão comprido, é vermelho como sangue de vaca e tem o caroço mais grosso, e é bom comer, e a flor é branca.

No fol. 128 encontra-se o nome *Uva yxhan* riscado, surgindo escrito por baixo o vocábulo *uvaxainha*, como aparece no texto. Não temos elementos para refenciar esta planta.

ARASA

(Fols. 128 e 150 e fol. 179)

Arasa he aruere de outo ou noue palmos de altor (sic) *e a fruta he tamanha como ouo de pata quoamdo eles cam maduros cam hũ pouquo amarelos e cão xeios de simente e tudo se quome fora a quasqua e he muito bom comer ele pode fazer muito boma mermelada dele a frol he bramqua*

Arasa é árvore de oito ou nove palmos de altura e a fruta é tamanha como ovo de pata; quando eles são maduros são um pouco amarelos e são cheios de semente, e é de se comer, fora a casca, e é muito bom comer; ele pode fazer muito boa marmelada dele; a flor é branca.

É nossa suposição, baseado tão sòmente nos desenhos que ilustram algumas folhas deste códice e no conhecimento directo que temos da planta, que Frei Cristóvão permitiu, e até usou, o vocábulo *arasa* como básico para a designação de várias espécies de *goiabeiras*. Evidentemente, o vocábulo não está correctamente escrito, pois supomos que a sua forma exacta será a que figura no vocabulário tupi: *araçá*.

Em conformidade com este nosso parecer, supomos tratar-se, neste caso, de um representante da família das mirtáceas, talvez o que é conhecido por *goiabeira branca*. Mais ao diante, no fol. 150, mostra o autor outro desenho e no fol. 151 apresenta o da *arasa mirim*, que supomos da mesma família.

À *arasa* também se refere d'Abbeville ([406])). Wagener, na pequena descrição que lhe dedica, chama-lhe *araçá* ([407]).

Já atrás nos referimos ao *araçàzeiro* de Gabriel Soares.

([402]) Esta palavra está entrelinhada e tem por baix riscada a palavra *Vaixam*.
([403]) Esta palavra está entrelinhada e tem por baixo riscada a palavra *serizes*.
([404]) Esta palavra está entrelinhada e tem por baixo riscadas as palavras *o rabo*.
([405]) Esta palavra está entrelinhada.
([406]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 225.
([407]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 307.

QUAIU

(Fol. 130. e fol. 179)

quaiu he hũa fruta a mais desta tera cam tamanhas como as masieiras e ha de tres castas a saber o caiu do lomguo do mar e o caiu asu e o caiu manso e os caius mansos cam os milhores e maoris e gostozos e ha uermelhos e amarelos e tem a castanha no olho como ele esta pimtado e a castanha he parda e deita hũ azeite em a metemdo no foguo que seria boma fazer foguo dartefício os caius do lomguo do mar cerue ([408]) *a fazer uinho que he muito bom os caius asu cerue tambem a fazer uinho mas a castanha não se come*

Quaiu é uma fruta a mais desta terra, são tamanhas como as macieiras e há de três castas, a saber: o caju do longo do mar e o caju asu e o caju manso e os cajus mansos são os melhores e maiores e gostosos; e há vermelhos e amarelos e tem a castanha no olho, como ele está pintado, e a castanha é parda e deita um azeite em a metendo no fogo que seria boa a fazer fogo de artifício; os cajus do longo do mar serve a fazer vinho, que é muito bom; os cajus asu serve tambem a fazer vinho mas a castanha não se come.

No fol. 130 aparece escrito o nome *aquaiu*, posteriormente riscado por Frei Cristóvão, que logo a seguir escreveu *caiu*. *Quaiu* é como está no texto.

Gabriel Soares, no seu capítulo, que intitula «Daqui por diante se dirá das árvores de fruto», esclarece logo no início: *Convém tratar daqui por diante das árvores de fruto naturais da Bahia, águas vertentes ao mar e à vista dele; e demos o primeiro lugar e capítulo por si aos cajueiros, pois é uma árvore de muita estima, e há tantos ao longo do mar e na vista dele.* Refere a seguir algumas variedades desta anacardácea, terminando por descrever a castanha, que tanta importância tem ([409]).

Gandavo referiu-se ao caju de uma forma curiosa: *Ha outra fruita que nasce pelo mato em humas arvores tamanhas como pereiras, ou macieiras: a qual he de feição de peros repinaldos, e muito amarella. A esta fruita chamão cajús: tem muito sumo, e come-se pela calma pera refrescar, porque he ella de sua natureza muito fria, e de maravilha faz mal, ainda que se desmandem nella. Na ponta de cada pomo destes se cria hum caroço tamanho como castanha, da feição de fava: o qual nasce primeiro, e vem diante da mesma fruita como flôr; a casca delle he muito amargosa em extremo, e o meolo assado he muito quente de sua propriedade e mais gostoso que a amendoa* ([410]).

Depois de descrever a cajueiro, d'Abbeville termina por dizer: *O seu fruto chama-se* acajou, *e encontra-se de quatro espécies.* Refere-se a elas chamando-lhes *acajou été, acajou piran, acajouy* e *acajou ouässon*, terminando por uma extensa referência ao vinho feito pelos Índios, por expressão do *acajou piran*. Da leitura infere-se que o primeiro é o caju amarelo, o segundo o vermelho, o terceiro o *cajuí* ou *cajú-rasteiro* (segundo descrição de Gabriel Soares) e o último o *cajú-açu* ([411]).

O P.e Anchieta, com simplicidade, diz-nos que *acajús, são como peros repinaldos e dão uma castanha no olho, melhor que as de Portugal* ([412]).

([408]) Segue riscada a palavra *me*.
([409]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, tomo I, p. 342.
([410]) Pêro de Magalhães Gandavo — *Ob. cit.*, pp. 97-98.
([411]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fols. 217-218.
([412]) P.e José Anchieta — *Ob. cit.*, p. 430.

Como verdiaes, mas de mais sumo, é o modo como ao caju se refere Frei Vicente do Salvador, dizendo a seguir: *os quaes se colhem no mez de Dezembro em muita quantidade, e os estimam tanto que aquelle mez não querem outro mantimento, bebida ou regalo, porque elles lhes servem de fruta, o sumo de vinho, e de pão lhes servem umas castanhas que vêm pegadas a esta fruta...* ([413]).

Acaiaiba e *Acaiuiba* (*termo indígena*), diz Margrave, e da árvore faz a seguir uma longa descrição ([414]).

Quanto a Pisão, que chama à árvore *acaiaiba* e ao fruto *acajú*, disserta quase do mesmo modo ([415]).

Também Wagener nos fala do fruto, do vinho que dele se faz e da bela castanha que dá ([416]).

Carlos França igualmente se referiu ao cajueiro ([417]).

PAQUORI

(Fol. 131 e fol. 177 v.º)

paquori he aruere muito grãode e mui alta e tem a fruta tamanha como os dous punhos e quoamdo ele esta maduro he amarela e tem duas ou tres castanhas cuberto de hũ liguor mui bom e mui guostozo e as castanhas não ce comem a casqua he grosa como o dedo que he boma fazer comfeitura a frol e bramqua tiramdo de uermelho e no meio amarelo e xeira muito bem a folha he do tamanho que esta aqui pimtada e he muito grosa e he uerde co (sic) *a folha da pereira*

Paquori é árvore muito grande e mui alta e tem a fruta tamanha como os dois punhos; e quando ele está maduro é amarela e tem duas ou três castanhas, coberto de um liquor mui bom e mui gostoso; e as castanhas não se comem, a casca é grossa como o dedo, que é boa fazer confeitura; a flor é branca tirando de vermelho e no meio amarelo e cheira muito bem; a folha é do tamanho que está aqui pintada e é muito grossa e é verde como a folha da pereira.

Paquory como está escrito no fol. 131. Não sabemos referenciar esta planta.

MORECIM

(Fol. 132 e fol. 179 v.º)

morecim he aruere de des ou doze palmos do altor e tem a fruta como cerizes toda amarela e a has o lomguo do mar as folhas cam dum verde pardo e as froles cam amarelas e ha muito gramde camtidade e os negros uam a eles como nos farimos os serizes

Morecim é árvore de dez ou doze palmos de altura, e tem a fruta como cerejas toda amarela; e há-as ao longo do mar, as folhas são de um verde pardo e as flores são amarelas, e há muito grande quantidade, e os negros vão a eles como nós faríamos às cerejas.

([413]) Frei Vicente do Salvador — *Ob. cit.*, p. 32.
([414]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 94.
([415]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 275-278.
([416]) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 307.
([417]) Carlos França — *Ob. cit.*, p. 29 e seg.

Moriciqa é como a palavra estava escrita no fol. 132, a que foram depois riscadas as letras *qa*, pelo que resulta o vocábulo *morici*. No texto o autor escreveu *morecim*.

Gabriel Soares refere-se ao *murici* dizendo: *é uma árvore pequena, muito sêca da casa e da fôlha, cuja madeira não serve para nada; dá umas frutas amarelas, mais pequenas que cerejas, que nascem em pinhas como elas, com os pés compridos; a qual fruta é mole e come-se tôda; cheira e sabe a queijo do Alentejo que requeima. Estas árvores se dão nas campinas perto do mar em terras fracas* ([418]).

Morecy, diz d'Abbeville, *cresce ainda nas areias; tem a folha muito semelhante à do marmelo; a flor é amarela; o fruto é muito pequeno, um pouco azedo e de muito bom gosto* ([419]).

Também Margrave nos fala sobre o *mureci* ([420]), pouco mais ou menos nos mesmos termos em que Pisão se refere à árvore ([421]).

Trata-se de uma malpiguiácea, cujo nome tupi-guarani parece ser, de facto, *morici*. Resta-nos escolher, entre as espécies de *Byrsonima* existentes no Brasil, ou melhor, no Maranhão, aquela a que se quis referir Frei Cristóvão de Lisboa.

CAIA

(Fol. 133 e fol. 179 v.º)

Caia ([422]) *he aruere tamanha e tão grosa como hũa pereira e tem as folhas como os serizes e a frol muito pequena e he bramqua e a fruta he co* (sic) *como amexas e he amarela e he bom comer e tem hũ carouso gramde que não se come e he pau mole quortãodo hũ pau e metemdo na tera loguo apegua e as folhas xeiram muito bem e se fas hũ auguoa delas que he boma pera o mal dos olhos*

Caia é árvore tamanha e tão grossa como uma pereira; e tem as folhas como as cerejas e a flor muito pequena; e é branca; e a fruta é como ameixas, e é amarela e é bom comer, e tem um caroço grande que não se come; e é pau mole, cortando um pau e metendo na terra logo pega; e as folhas cheiram muito bem e se faz uma água delas que é boa para o mal dos olhos.

Quaia é o nome que figura na fol. 133, embora nós consideremos de preferência o vocábulo *caia*, que o texto regista.

Gabriel Soares refere-se a uma *anacardiácea*, a que dá o nome vernáculo de *cajá* e que supomos ser esta do códice, pois a planta a que chamam *cajá* também é designada por *acaiá* e *acajá*, ou simplesmente *caia* ou *caja*, como igualmente pode ser lido o termo do texto.

Diz Gabriel Soares: *Cajá é uma árvore comprida, com copa como pinheiro; tem a casca grossa e áspera, e se a picam deita um óleo branco como leite em fio, que é muito pegajoso. A madeira é muito mole e serve para fazer decoada para os engenhos; dá a flor branca como de macieira, e o fruto é amarelo do tamanho das ameixas, tem grande caroço e pouco que comer, a casca é como a das ameixas. Esta fruta arregoa, se lhe chove,*

([418]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, tomo II, p. 18.
([419]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 224 e 224 v.º
([420]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 118.
([421]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 367.
([422]) Tem antes riscada a letra *a*.

como é madura, a qual cai com o vento no chão, e cheiram muito bem o fruto e as flores, que são brancas e formosas; o sabor é precioso, com ponta de azedo, cuja natureza é fria e sadia; dão esta fruta aos doentes de febres, por ser fria e apetitosa, e chama-se como a árvore, que se dá ao longo do mar ([423]).

D'Abbeville também é de opinião que o *acaia* dá um fruto cujo núcleo que *está dentro é muito grande e não é bom para comer* ([424]).

Deve tratar-se de variedade diferente daquela que refere Margrave ([425]) e que diz ter o nome de *Acaia tambem denominada Ibametara* (*termo indígena*). *Acaiá* é o nome que lhe aponta Pisão ([426]).

Será o *munguengue* de Angola referido pelo conde de Ficalho? ([427]).

OROQUU

(Fol. 134 e fol. 180)

oroquu he aruere tamanha de des ou doze palmos daltor e a fruta he como castanha e quoamdo ele he maduro abre se e he de cor pardo e não tem mais que gramis de demtro uermelhos que serue a fazer o uermilham aos Saluaguemis eles a estimam tãoto como as molheres de portugal estimão o uermilhão e os negros tamto fas os maxos como as femias umtão os olhos e a boqua quoamdo uam beber uinho deixeimos de falar de que ele serue aos negros falaremos aguora do que ele serue aos bramquos que he a milhor merquadaria que os framsezes leuauam desta tera que uale em frandes duas pataquas o aratele e aguora se leua em troquia e em costamtinobre o pau quoamdo he sequo serue aos negros de pederneira e fozileis qua pera tirar foguo a folho he tamanha como ama (sic) *a frol he* ([428]) *branqua e xei* (sic) *mui bem*

Oroquo é árvore tamanha de dez ou doze palmos de altura; e a fruta é como castanha e quando ele é maduro abre-se, e é de cor pardo e não tem mais que grãos de dentro vermelhos, que serve a fazer o vermelhão aos selvagens; eles a estimam t anto como as mulheres de Portugal estimam o vermelhão e os negros, tanto faz os machos como as fêmeas, untam os olhos e a boca quando vão beber vinho; deixemos de falar de que ele serve aos negros, falaremos agora do que ele serve aos brancos, que é a melhor mercadoria que os franceses levavam desta terra, que vale em Flandres duas patacas o arrátel e agora se leva em Turquia e em Constantinopla; o pau quando é seco serve aos negros de pederneira e fuzis cá para tirar fogo; a folha é tamanha como ama, a flor é branca e cheira mui bem.

No fol. 134 estava escrito o vocábulo *rocou* a que depois, no início, foi acrescentado um *u*, de que resultou *urocou*, que representa o *oroquu* que está no texto ou o nome *urucú* por que os nativos designam esta planta da família das bixáceas. É o *quisafu* ou *diteque* da nossa província de Angola ([429]).

D'Abbeville refere-se ao *ouroucou* e aos pequenos grãos vermelhos que os Índios aproveitam para tingir ([430]).

([423]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 11.
([424]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 223.
([425]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 129.
([426]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 313-315 .
([427]) Conde de Ficalho — *Ob. cit.*, p. 126.
([428]) Segue riscada parte da palavra *bran.*
([429]) Conde de Ficalho — *Ob. cit.*, p. 92.
([430]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fols. 226 e 226 v.º

Gabriel Soares não cita esta planta, no entanto largamente descrita por Pisão, que diz ser cultivada pelos Índios em parte para venderem aos Lusitanos e auferirem lucro da tintura vulgarmente chamada *orelhana* (431).

Também Margrave se refere extensamente ao *urucu*, descrevendo cuidadosamente a planta, fazendo sobre ela considerações históricas, citando Clúsio e Oviedo e discutindo o valor da tinta, a que igualmente chama *orellana*. Em determinada altura refere que *os que habitam a região do norte lhe dão o nome de roucu (nome que convém com Urucu)*; esta informação tem para nós o interesse da comparação com o nome de *rocou* que assinalámos no início deste comentário (432).

MANOIU

(Fol. 135 e fol. 180)

manoiu he o alguodam ue (sic) *tamanho de des ou doze* (433) *palmos de altor e nase em abumdamsia* (434) *nesta tera e da alguodam no quabo de seis mezes que he aplamtado a frol he amarela e ele he o remedio desta tera que se ele não fora bem poderam amdar todos nus por quazo das embarquacamis que uem aqui muito pouquas*

Manoiu é o algodão, de tamanho de dez ou doze palmos de altura, e nasce em abundância nesta terra; e dá algodão no cabo de seis meses que é plantado, a flor é amarela e ele é o remédio desta terra, que se ele não fora bem poderiam andar todos nus por causa das embarcações que vêm aqui muito poucas.

No fol. 135, no nome *manoiu* foi emendado o *o* de forma a transformá-lo em *e*, pelo que passou a ler-se *maneiu* e adiante da qual foi escrita a palavra *algodão*.

Algodoaes diz Gandavo que dão em *Pernambuco e na Bahia do Salvador infinito algodam* (435).

Maniim chamam os índios ao algodão, cujas árvores parecem marmeleiros arruados em pomares, diz Gabriel Soares (436).

Amonyion chama d'Abbeville à árvore onde cresce o algodão (437).

Aminiiu é o nome que lhe dá Pisão (438) e Margrave diz ser o *aminiiu, algodon* ou *algodaon* em português (439).

QUIINHA

(Fol. 136 e fol. 180 v.º)

quiinha (440) *he pimenta e ha de quoatro ou cinquo* (441) *castas e ha de hũ* (sic) *pequena que com a mam comarim* (sic) *e he de cor de laramia e outra pequena comprida que he muito forte e cemte e outra gramde e comprida que não he tão forte e outra gramde como serizes e redomda e se fas mermelada dela e tem todas as folhas e as froles humas como as outras e a frol he bramqua*

---

(431) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 302-305.
(432) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 61-62.
(433) *Ou doze* são palavras entrelinhadas.
(434) O *i* desta palavra está entrelinhado.
(435) Pêro de Magalhães Gandavo — *Ob. cit.*, p. 98.
(436) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 47.
(437) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 226 v.º
(438) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 395.
(439) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 59.
(440) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *quehim*.
(441) As palavras *ou cinquo* estão entrelinhadas.

Quiinha é pimenta e há de quatro ou cinco castas; e há de uma pequena que chamam comarim e é de cor de laranja, e outra pequena, comprida, que é muito forte e quente, e outra grande e comprida, que não é tão forte, e outra grande como cerejas e redonda e se faz marmelada dela; e tem todas as folhas e as flores umas como as outras e a flor é branca.

Quiinha é vocábulo que substitui o que estava escrito, *quihim*, e que foi riscado, escrevendo Frei Cristóvão logo a guir a palavra *pimenta*.

Diz Gabriel Soares que na Baía há seis castas de pimenta, *segundo nossa notícia*. E dá-lhes os nomes indígenas de: *cuiéem, que são tamanhas como cerejas; cuiemoçu*, grande e comprida, que depois de madura se faz vermelha; *cuiepiá*, com a forma de grão-de-bico; *sabãa*, comprida e delgada; *cuiejurimu*, por ser da feição da abóbora; e *cumari que é bravia* (442).

Pisão diz: *Encontram-se cerca de doze espécies de pimenta doméstica ou cápsico brasiliense; de ordinário diferentes pela forma dos frutos, assemelham-se, em geral, no demais* (443). Uma das espécies que refere é a *malagueta*.

Margrave diz que *quiya* é o termo indígena, *pimenta* em português. *Existem muitas espécies desta planta, diferindo-se sòmente na figura do fruto e assemelhando-se no demais. A primeira chama-se* pimenta malagueta (*a qual dizem que primeiramente veio de Angola*); *os indígenas a denominam quiyaqui* (444). Entre as várias espécies que cita, refere-se à *quya uça*, em português *pimenta grande* ou *pimentões*.

Também Wagener se refere à pimenta, *chamada* achi *pelos brasiliensis*, dando-nos um curioso densenho da planta (445).

MARAQUIAIA ASU

(Fols. 137 e 142 e fol. 180 v.º)

maraquiaia asu he erua (446) *que esta pelo xam alistrada e se pode fazer latada dela e a fruta he tamanha como hũ liman e he uerde e tem a casqua muito grosa e he xeia de hũ ligor* (sic) *e pimenta muito azeda e serue a fazer uinaigre pera comer o peixe e he muito bom e a frol he muito fermoza em feicam de hũa campainha e a frol he parda cor como a frol do linho raiada de cor de popro e cor rozada e xeira muito bem*

Maraquiaia asu é erva que está pelo chão alistrada e se pode fazer latada dela; e a fruta é tamanha como um limão, e é verde, e tem a casca muito grossa, e é cheia de um licor e pimenta muito azeda, e serve a fazer vinagre para comer o peixe, e é muito bom; e a flor é muito formosa, em feição de uma campainha, e a flor é parda cor com a flor do linho, raiada de cor de púrpura e cor rosada, cheira muito bem.

No fol. 137 aparece escrita a palavra *maraquoano*, estando riscadas as letras *oano* e entrelinhadas *ia*, tendo por baixo escrito o nome *asu*; mais abaixo, porém, surge o vocábulo *maracuya*, com as letras *uya* riscadas e entrelinhadas as letras *uia*.

Supomos poder considerar a espécie aqui referida, as duas que se lhe seguem e outras duas mais ao diante indicadas, como membros da

(442) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, 1.º tomo, mo, p. 338.
(443) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 470.
(444) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 39.
(445) Zacharias Wagener — *Ob. cit.*, p. 310, fig. 62.
(446) Esta palavra tem uma letra inicial cortada.

mesma família das passifloráceas, a que pertence o *maracujá*, muitas espécies dos quais, segundo se pensa, possuem propriedades medicinais.

Refere-se-lhe Gabriel Soares do seguinte modo: *Como na Bahia se criam algumas frutas que se comem, em ervas que não fazem árvores, pareceu decente arrumá-las neste capítulo apartadas das outras árvores. E comecemos logo a dizer dos maracujás, que é uma rama como hera e tem a folha da mesma feição, a qual atrepa pelas árvores e as cobre todas, do que se fazem nos quintais ramadas muito frescas, porque duram, sem se secar, muitos anos. A folha da erva é muito fria e boa para desafogar, pondo-se em cima de qualquer nascida ou chaga, e tem outras muitas virtudes; e dá uma flor branca muito formosa e grande que cheira muito bem, donde nascem umas frutas como laranjas pequenas, muito lisas por fora; a casca é da grossura da das laranjas de cor verde-clara, e tudo o que tem dentro se come, que além de ter bom cheiro tem suave sabor. Esta fruta é fria de sua natureza e boa para doentes de febres, tem ponta de azedo e é mui desenfastiada; e enquanto é nova, faz-se dela boa conserva; e enquanto não é bem madura, é muito azeda* (447).

Pisão chama-lhe *murucuiá*, dizendo: *depois de acurada pesquisa, encontrei dez espécies de murucuiá. A primeira e muito apreciada que se apresenta, recebe o simples nome vernáculo de murucuiá; entre os Espanóis, o de granadilha, e entre os Flamengos o de hanck-appels* (448). Entre as outras espécies, e que nos podem interessar, cita o *murucuiá-guaçu* e o *murucuiá-miri*.

Murucuya ou *flor da paixão* chama-lhe Margrave e desta *hera frutífera* descreve várias espécies (449).

De uma forma curiosa fala Wagener do maracujá (450).

MARACUIAHI

(Fol. 138 e fols. 180 v.° e 181 v.°)

outro (451) *maracuiahi* (452) *he como as* (453) *aracas do mato* (454) *tem as folhas como a mais gramde que aqui esta pimtada a fruta he como hum ouo de hũa framgua* (455) *cheio* (456) *de semente* (457) *e licor que hũ doemte folgua muito de o comer e a frol he toda caramezim* (458) *e seruiria muito bem pera fazer latadas pera os fidalguos*

Outro maracujahi é como as aracas do mato; tem as folhas como a mais grande que aqui está pintada, a fruta é como um ovo de uma franga cheio de semente e licor, que um doente folga muito de o comer; e a flor é toda carmesim e serviria muito bem para fazer latadas para os fidalgos.

No fol. 138 está escrito o nome da planta que o desenho representa, que é *maracuiá hi*. É uma das espécies da família já referida e cujas referências foram dadas a propósito da espécie anterior.

---

(447) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, 2.° tomo, p. 29.
(448)
(449)
(450)
(451) Está riscada a palavra *maraquoauo*.
(452) Esta palavra está entrelinhada.
(453) Segue riscada a palavra *serizas*.
(454) As palavras *do mato* estão entrelinhadas.
(455) Segue riscada a palavra *xeio*.
(456) Esta palavra está entrelinhada.
(457) O primeiro *e* desta palavra está entrelinhado.
(458) O *m* final está entrelinhado, seguindo-se-lhe riscadas as letras *uer*. Seguem riscadas as palavras *uermelha musturada*.

MAROGUOAUOMERIM

(Fol. 139 e fol. 181)

maroguoauomerim he erua alastrada pelo xam e uai tamben por riba das arueres e a fruta he redomda mais do que he comprida e quoamdo ela esta madura he dose e bom de comer e a frol he como a frol do linho ([459]) *azul e a outra folha do remetu* ([460]) (sic) *he rozada o botão tira amarelo a fruta do tamanho de hua amexa*

Maroguoauomerim é erva alastrada pelo chão, e vai também por riba das árvores; e a fruta é redonda mais do que é comprida, e quando ela está madura é doce e bom de comer; e a flor é como a flor do linho azul e a outra folha do remetu (?) é rosada; o botão tira amarelo, a fruta do tamanho de uma ameixa.

Embora no texto apareça o vocábulo *maroquoauomerim*, no fol. 139 está referida a designação de *maracuiá merim*, que compete à espécie em causa e que anteriormente foi considerada.

YNAMBUCARU

(Fol. 140 e fol. 181)

Ynambucaru ([461]) *he herua que atrepa em riba dos paus e tem a folha como a laramgeira e a fruita he como hũ ouo de gualinha e tem a mesma feicam e tem a casqua como hũa laramia e cor e he xeio de cimente e ligor* (sic) *muito guostozo na boqua e he muito bom comer e tem a frol em feicão de campainha ele tem as folhas gramdes bramquas e a campainha de cor de linho raiada de cor de poplo e os botomis que tem no quoracão cor de uerde amarelo e xeira como roza e he a mais bonita frol que eu tenho uisto*

Ynambucaru é erva que atrepa em riba dos paus, e tem a folha como a laranjeira, e a fruta é como um ovo de galinha e tem a mesma feição, e tem a casca como uma laranja e cor; e é cheio de semente e licor mui gostoso na boca e é muito bom comer; e tem a flor em feição de campainha, ele tem as folhas grandes brancas e a campainha de cor de linho raiada de cor de púrpura e os botões que tem no coração cor de verde amarelo e cheira como rosa, e é a mais bonita flor que eu tenho visto.

As únicas referências que podemos fornecer sobre esta planta são os nomes de *jnambucarou* e *ynambucaru* que constam, respectivamente, do fol. 140 e do texto.

UBAPEUA

(Fol. 141 e fol. 181)

ubapeua ([462]) *he sipo que atrepa por riba das arueres e tem as folhas deste tamanho que esta aqui pimtado e he a fruta he tamanha como hũa laramia* ([463]) *e da mesma cor*

([459]) Seguem riscadas as palavras *e raiada de Cor rozada e o botão do meio tira damarelo.*
([460]) Desde *azul* a *remetu* as palavras estão entrelinhadas.
([461]) Parte desta palavra está entrelinhada, e segue riscada parte da palavra *buicaiu.*
([462]) Tem riscada a letra *h* inicial.
([463]) Seguem riscadas as palavras *de prouemsa.*

de laramia tem dentro tres ou quoatro ([464]) *carocos* ([465]) *como o paquori* ([466]) *cuberto* ([467]) *de humido de goma uermelha aducicada* ([468])

Ubapeva é cipó que atrepa por riba das árvores e tem as folhas deste tamanho que está aqui pintado; e é a fruta é tamanha como uma laranja e da mesma cor de laranja; tem dentro três ou quatro caroços como o paquori, coberto de húmido de goma vermelha adocicada.

Ubapeva, como está indicado no fol. 141, não nos fornece quaisquer indicações que tornem possível uma referência. Embora Gabriel Soares dedique um capítulo aos cipós ([469]), não encontramos citada a ubapeva. Margrave refere-se a *caapeba* (*termo indígena*) *Erva de Nossa Senhora* (*em português*) ou então *cipó de cobras* ([470]); mas no descritivo não achámos cabimento para o que figura no nosso texto.

MARACUIA

(Fol. 142 e fol. 181 v.º)

Maracuia frusu he hũa frutta do tamanho de hũa cidra piquena a aruore he a modo pareira ([471]) *a flor he uermelha a fruta he muito boa a casqua pera conserua o de dentro ce come cheira muito bem tem huas piuidias* ([472]) *a modo das de abobora a cor he amarela*

Maracujá frusu é uma fruta do tamanho de uma cidra pequena; a árvore é a modo de pereira, a flor é vermelha, a fruta é muito boa, a casca para conserva, o de dentro se come, cheira muito bem, tem umas pevides a modo das de abóbora, a cor é amarela.

MARACUIA

(Fol. 143 e fol. 181 v.º)

outra casta de maracuia mais piqueno que taoben cheira muito bem a cor tem amarela guoalde (sic) ([473]) *tem o sabor a modo de azedo mas guostozo cerue e se fas da casqua conserua a flor he branqua a folha grande*

Outra casta de maracujá mais pequeno, que também cheira muito bem, a cor tem amarela gualde; tem o sabor a modo de azedo mas gostoso; serve e se faz da casca conserva; a flor é branca, a folha grande.

No índice figuram as duas espécies de *maracujá*, *maracujá asu* e outra casta de *maracujá* com o nome de *margovia* ou *margouya*, como está escrito no fol. 143. Como vemos, no texto figuram as espécies *maracujá frusu* e outra casta de maracujá. Supomos não ser necessário voltar ao assunto.

([464]) Segue riscada a palavra *Castanhas*.
([465]) Esta palavra está entrelinhada.
([466]) Esta palavra tem o *m* final cortado.
([467]) Seguem riscadas as palavras *de hũ Ligor muito gostozo na boqua que ninguem dira se não que he Comfeitura*.
([468]) Estão entrelinhadas as palavras *de* até *aducicada*.
([469]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 81.
([470]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 25.
([471]) Seguem riscadas as palavras *a flor*.
([472]) Está entrelinhada a letra *a* desta palavra.
([473]) A letra *o* desta palavra está entrelinhada.

CARAGUOAATHA

(Fol. 144 e fol. 181 v.º)

Caraguoaatha he hũa modo de aruore que se da a longuo da praia o pao cequo he muito leve cerue pera isqua e ce fazer foguo nele breuemente a folhada he comprida o feitio de ferros (474) *de chusas antiguas cerue pera pizada* (475) *lavar a roupa e redes da hũas fruttas que pizadas com os olhos que bota se mata peixe com elas*

Caraguoaatha é a modo de uma árvore que se dá ao longo da praia; o pau seco é muito leve, serve para isca e se fazer fogo nele brevemente; a folhada é comprida, o feitio de ferros de chuços antigos, serve para pisada lavar a roupa e redes; dá umas frutas que pisadas, com os olhos que bota, se mata peixe com elas.

No fol. 144 figura o vocábulo *caraguatha*, estando entrelinhado o *h* que nele figura. O texto apresenta o nome da planta escrito de uma forma ligeiramente diferente, parecendo-nos no entanto a primeira, a do fólio, a mais comum.

Gabriel Soares diz: *Ao longo do mar se criam umas folhas largas, que dão um fruto a que chamam* carauatá, *que é da feição de maçaroca, e amarelo por fora; tem bom cheiro, a casca grossa e tesa, a qual se lança fora para se comer o miolo, que é mui doce; mas empola-se a boca a quem come muita fruta desta* (476).

D'Abbeville fala no *Karonata*, dizendo: *é bastante semelhante ao ananás*. Supomos não poder relacionar esta espécie com a nossa, pois os descritivos estão muito distantes um do outro (477).

Pisão refere-se a várias espécies de *caraguatá*, começando o capítulo em que delas trata da curiosa maneira que a seguir transcrevemos: *Seria labor insano notar todas e cada uma das diferenças destas belas plantas. Assim, empreendi descrever, de toda a família, a primeira e principal,* caraguatá-acanga, *recomendável pelo fruto esculento e pela propriedade médica*. Esta espécie, porém, não nos interessa, mas sim a segunda, a que Pisão dã o nome de *caraguatá-guaçú*, dizendo dela: *a raiz ou as folhas desta planta, ainda novas, trituradas e lançadas na água, deixam os peixes de tal maneira exânimes, que podem logo ser apanhados com as mãos.* E mais adiante refere também: *A madeira seca do* Caraguatá-guaçú *arde como uma mecha sulfurada; pode-se dela tirar fogo pela fricção de outra madeira mais dura* (478).

De igual modo se pronuncia Margrave, ao descrever o *caraguatá de várias espécies*, que constitui um dos capítulos da sua *história das plantas*. A diferença que se nota é só em dizer, como Frei Cristóvão, que as folhas da planta trituradas matam os peixes (479).

Supomos tratar-se de uma espécie da família das bromeliáceas, a que pertence o *ananás silvestre*.

---

(474) O segundo *r* desta palavra está entrelinhado.
(475) Esta palavra está entrelinhada.
(476) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 30.
(477) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 228.
(478) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 406-409.
(479) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 86-89.

CUIITE

(Fol. 145 e fol. 181 v.º)

Cuiite he hũa aruore não muito grande da hũas fruttas como (480) *balancias* (481) *redondas e outras* (482) *compridas dele fazen cuias de que uzão os negros pera sua ceruentia a folha he comprida de mais de hũ palmo as grandes a flor he a modo de flor de larangeira sarada branca*

Cuiite é uma árvore não muito grande; dá umas frutas como melancias, redondas e outras compridas, dele fazem cuias de que usam os negros para sua serventia; a folha é comprida de mais de um palmo as grandes, a flor é a modo de flor de laranjeira sarada branca.

No fol. 145 figura o vocábulo *cuite* escrito por Frei Cristóvão.

Gabriel Soares refere-se, no capítulo dedicado às *árvores que dão frutos silvestres que se não comem*, à *cuieíba*, de que diz o seguinte: *cuieíba é uma árvore tamanha como nogueira, e tem a folha como nogueira, a qual se não cria em ruim terra, e dá umas flores brancas grandes. Da madeira se não trata, porque as não cortam os Índios: por estimarem muito o seu fruto, que é como melões, maiores e menores de feição redonda e comprida, o qual fruto se não dá entre as folhas como as outras árvores, senão pelo tronco da árvore e pelos braços dela, cada um por si: estando esta fruta na árvore, é da cor dos cabaços verdes, e como os colhem, cortam-nos pelo meio ao comprido e lançam-lhe fora o miolo, que é como o dos cabaços; e vão curando estas peças até se fazerem duas, dando-lhe por dentro uma tinta preta e por fora amarela que se não tira nunca; ao que os Índios chamam cuias, que lhe servem de pratos, escudelas, púcaros, taças e de outras cousas* (483).

A respeito desta planta Pisão diz que *o cuieté, nos sítios povoados do litoral, quase o ano todo, se oferece como árvore encontradiça familiar e bonita...*, terminando por esclarecer que *o fruto não maduro contém uma polpa branca, suculenta, doce, do cheiro do mastruço; e preparada com açúcar, é apetecida por doentes e sãos como abóbora e a melancia, sendo quase do mesmo sabor e refrigério* (484).

Margrave fala quase do mesmo modo sobre o *cuieté* (485).

Supomos que esta planta, da família das bignoniáceas, conhecida entre outros pelos nomes de *cabaceira* e *cuitezeira*, cujo fruto é a *cuia*, se encontra também em Cabo Verde, onde é cultivada.

MAMÃO

(Fol. 146 e fol. 181 v.º)

o mamão he hũa casta de aruore que da hũa frutta a modo de marmelos grandes mas he coateado como melão a cor amarela dentro tem muita semente negra do tamanho de municão piquena redonda dela ce fas coserua e se come aj algũs que não dão frutto

(480) Segue riscada a palavra *Cabacos*.
(481) Esta palavra está entrelinhada.
(482) Idem.
(483) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 79.
(484) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 371-372.
(485) Jorge Marcgrave — *Ob., cit.*, p. 123.

ce não por tenpo larguo que dizen serem machos e que não auendo companheira não da frutto tem flor branca e amarela os machos dao flores compridas as fruttas são compridas e redondas

O mamão é uma casta de árvore, que dá uma fruta a modo de marmelos grandes, mas é coateado como melão, a cor amarela dentro, tem muita semente negra do tamanho de munição pequena redonda; dela se faz conserva e se come; há alguns que não dão fruto senão por tempo largo, que dizem serem machos e que não havendo companheira, não dá fruto; tem flor branca e amarela, os machos dão flores compridas, as frutas são compridas e redondas.

Enquanto no fol. 146 o autor escreveu o nome *mamoeiro*, no texto, como acabámos de ler, escreveu *mamão*. É planta excessivamente conhecida, para que sejam necessárias mais do que ligeiras referências.

No entanto é conveniente lembrar que Gabriel Soares faz dos mamões uma boa descrição, começando por dizer: *De Pernambuco veio à Bahia a semente de uma fruta, a que chamam mamões* (486).

Pisão dá-lhe nome diferente, pois escreve assim: *Ambos os* Pinoguaçú *são chamados pelos Lusitanos* Mamoeira, *vulgarmente* Papay *cujo fruto denominam* Mamaon, *pois fica pendente da árvore, à semelhança de uma teta.* E descreve a seguir o *pinoguaçú macho e fêmea* (487).

Também Margrave assinala: *Mamaoeira (termo indígena). Vulgarmente se denomina* Papay; *o fruto é chamado* Mamão *pelos Portugueses, porque se assemelha a mamas, pendentes do tronco. Existem duas espécies desta planta: o macho e a fêmea* (488).

Wagener igualmente lhe faz referência e desenha o fruto (489).

Nenhum dos autores citados consegue apresentar uma tão boa estampa como a do códice.

PACOUEIRA

(Fols. 147 e 148 e fol. 182)

pacoueira piquena he hũa aruore não muito grande tem grande folhada muito comprida e a aruore he muito mole que pera milhor dizer he como talo porque com hua faqua se cortta fasilmente por grosa que seia e deita de sy muita aguoa da frutta que chamão pacouas não muito compridas nem grozas e cachos que algũns tem a mais de sentto he boa frutta a flor branca e amarelada a frutta he fria de sy a cor da aruore he uerde negro as pacouas compridas que chamão da terra são milhores a aruore e da mesma feisão saluo a cor que tira a uermelho da graodes cachos e as pacouas são grandes e milhores e de milhor gosto e não tão frias como as outras

Pacoveira pequena é uma árvore, não muito grande, tem grande folhada muito comprida e a árvore é muito mole, que para melhor dizer é como talo, porque com uma faca se corta fàcilmente por grossa que seja e deita de si muita água da fruta que chamam pacovas, não muito compridas nem grossas e cachos que alguns tem a mais de cento; é boa fruta a flor branca, e amarelada a fruta é fria de si, a cor da árvore é verde-negro. As pacovas compridas, que chamam da terra, são melhores; a árvore é da mesma feição, salvo a cor que tira a vermelho, dá grandes cachos e as pacovas são grandes, e melhores e de melhor gosto, e não tão frias como as outras.

---

(486) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 9.
(487) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 348-350.
(488) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 102.
(489) Zacarias Wagener — *Ob. cit.*, p. 305, fig. 48.

Nos fols. 147 e 148 figuram as estampas correspondentes à *pacoveira e pacoveira comprida*, distinção que igualmente acabamos de ler no texto. Este texto, segundo supomos, tem alguma importância para a história das bananeiras, permitindo acrescentar mais alguns elementos aos que Carlos França deu a conhecer no seu pequeno estudo ([490]).

Um extenso capítulo, subordinado ao título *em que se declara a natureza das pacobas e bananas*, dedica Gabriel Soares à *pacoba, fruta natural desta terra*, e às *bananas de que os negros da Guiné são mais afeiçoados*, o que se explica, segundo o autor, por estas últimas terem ido de S. Tomé para o Brasil ([491]).

Pequena referência à *bananeira*, como lhe chama, faz d'Abbeville, dizendo no entanto que o fruto, chamado *banana, do comprimento de meio pé, é doce, delicado e muito excelente para comer, cozido ou cru* ([492]).

Pisão é prolixo mas, quanto a nós, imperfeito, no capítulo que dedica à *pacoeira* e *bananeira*, onde começa por dizer: *arbustos conhecidos de todo o mundo e tão familiares que já não se encontrará no Brasil nenhum horto, no qual não se vejam por toda a parte. Contudo não são plantas indígenas, mas transportadas de outras partes para aqui. Os Lusitanos chamam os frutos de Pacaba, os Brasileiros, de Pacobetá.* Mais adiante termina por se referir às duas espécies, *pacoba* e *banana*, dando-nos uma notícia curiosa, por se tratar de um facto que Frei Cristóvão não citou: *no Maranhão, onde principalmente abundam, delas se fabrica um vinho, não muito durável, mas dotado de grande faculdade de embriagar* ([493]).

Margrave, esse, começa por dizer que: *pacoeira (em português) não é originária do Brasil. É chamada, no Congo*, quibuaaquitiba, *é seu fruto* quitiba; *os indígenas denominam* pacobete. *Os Portugueses* pacoba. Refere-se, em curtas linhas, a seguir, à *banana*, a que atribui o nome congolês *quibuca quiancacala* ([494]).

Wagener dá uma pequena notícia e apresenta um desenho da *pacoba (banana)* ([495]).

BIRIBA

(Fol. 149 e fol. 182)

biriba hé hũa aruore que he comprida e tem grande folha a modo de castanheiro he muito mole de sy da hũa frutta redonda do tamanho de laranjas grãodes cendo madura he amarela a casca he do feittio de pinha a frutta he boa pera a cabru (sic) *porque he muito fria e de bom gosto tem peuidias como de abobora negras desfase na boqua como aguoa*

Biriba é uma árvore que é comprida e tem grande folha a modo de castanheiro; é muito mole de si, dá uma fruta redonda do tamanho de laranjas grandes, sendo madura é amarela, a casca é do feitio de pinha; a fruta é boa para a cabru (?) porque é muito fria e de bom gosto; tem pevides como de abóbora negras, desfaz-se na boca como água.

([490]) Carlos França — *Ob. cit.*, pp. 34-40.
([491]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 6.
([492]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 218-218 v.º
([493]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, pp. 340-342.
([494]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 137-138.
([495]) Zacarias Wagener — *Ob. cit.*, p. 306, fig. 53.

No fol. 149, por baixo do nome *biriba*, lê-se a indicação destinada, possìvelmente, ao gravador, que devia ter o cuidado de que fossem *menos saídas as pontas*, pois estas estão de facto muito salientes.

Não temos elementos para referenciar esta árvore da família das anonáceas.

ARASA ASU

(Fol. 150 e fol. 182)

Arasa ([496]) *asu he hũa aruore comprida não muito groza o pao rijo a casqua liza da frutta do tamanho de limõs grandes cor dourada a flor branca a frutta tem o sabor a modo de azedo cerue pera marmelada pera camaras*

Arasa asu é uma árvore comprida, não muito grossa, ou pau rijo, a casca lisa; dá fruta do tamanho de limões grandes, cor dourada, a flor branca, a fruta tem o sabor a modo de azedo; serve para marmelada para câmaras.

ARASA UNA

(Fol. 151 e fol. 182)

Arasa una he hũa aruore não muito grande da hũas fruttas do tamanho de sereiias grandes a Cor he a modo de azul preto a flor branqua a folha da grandeza da pintura e comemsen e ([497]) *serue pera fazer tintta negra*

Arasa una é uma árvore não muito grande, dá umas frutas do tamanho de cerejas grandes; a cor é a modo de azul preto, a flor branca, a folha da grandeza da pintura e comem-se e serve para fazer tinta negra.

PINDOBAITE

(Fol. 152 e fol. 182 v.º)

palmeiras Pindobaite ([498]) *são aruores muito conpridas e muito direittas cen nenhũ modo de galho de hũs cosquos piquenos que pera nesecidade da casqua se fas farinha e o meolo he quente e se pode fazer coquada com os olhos dellas se cobrem as cazas nestas parttes tira se tãobem hũ modo de uinho do ameguo e o ameguo se come e he frio mas pera nesesidade he bom mãotimento.*

Palmeiras pindobaite são árvores muito compridas e muito direitas sem nenhum modo de galho; dá uns cocos pequenos, que para necessidade da casca se faz farinha e o miolo é quente e se pode fazer cocada; com os olhos delas se cobrem as casas nestas partes; tira-se também um modo de vinho do âmago e o âmago se come e é frio, mas para necessidade é bom mantimento.

([496]) Seguem riscadas as letras *go*.
([497]) Tem riscada uma letra.
([498]) Esta palavra está entrelinhada.

Na continuação, são apresentados, em fólios sucessivos, vários desenhos de palmeiras, começando Frei Cristóvão pela *pindobaite*, como lhe chama no texto, embora no índice haja escrito *pindobia ite*, vocábulo que emprega no fol. 152, onde no entanto se lê com certa dificuldade.

Pindoba chama-lhe Gabriel Soares, no capítulo que dedica a *muitas castas de palmeira que dão fruto*. As duas descrições têm muitos pontos de contacto, embora a de Gabriel Soares seja mais extensa do que a do códice ([499]).

D'Abbeville, embora dedique às palmeiras em geral curiosas palavras, e se refira a cinco espécies, não cita a *pindoba* ([500]).

Pisão, entre as muitas espécies de palmeiras que indica, faz a seguinte referência: *entre as silvestres indígenas, a mais frequente é a chamada pelos Brasileiros* inaiá, *e vulgarmente pelos Lusitanos* pindóva *nucífera* ([501]).

Margrave também escreve sobre a *pindoba* em capítulo que trata de várias espécies de palmeiras. Pouco mais nos elucida do que dizer fazerem-se cachimbos, para fumar, da casca da noz ([502]).

NAIA

(Fol. 153 e fol. 182 v.º)

ha outra casta de palmeira que chamão naias que dão hũs chachos de cocos piquenos que maduros são amarellos comemsem crus e asados e cozidos mas pegão muito na boqua são quentes do meolo do coquo se fas azeitte e dos de acima tãobem o tamanho cão como limõs piqueno compridos.

Há outra casta de palmeira, que chamam naias, que dão uns cachos de cocos pequenos que maduros são amarelos, comem-se crus e assados e cozidos; pegam muito na boca; são quentes; do miolo do coco se faz azeite, dos de cima também; o tamanho são como limões pequenos compridos.

Outra espécie de palmeira nos apresenta Frei Cristóvão, de nome *inayajo*, a que depois riscou as duas letras finais *jo* e acrescentou: *desta palma saem os melhores palmitos.*

Gabriel Soares refere-se a esta espécie chamando-lhe *anajá-mirim: é outra casta de palmeiras bravas que dão muito formosos palmitos* ([503]).

É a terceira espécie de palmeira a que se refere também d'Abbeville chamando-lhe *ynaia* ([504]).

Pisão, como atrás se leu, também fala desta palmeira.

TUQUM

(Fol. 154 e fol. 182 v.º)

he outro modo de palmeiras mas tem muitos espinhos e muito grandes pela aruore e folha da hua frutta que se Come sendo madura he uermelha e amarelada o meolo do Coquo ce come tãobem e uerde he milhor e mais tenro

---

([499]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 25.
([500]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 221.
([501]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 287.
([502]) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, pp. 133-134.
([503]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 25.
([504]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 221 v.º

É outro modo de palmeiras, mas tem muitos espinhos e muito grandes pela árvore e folha; dá uma fruta que se come, sendo madura é vermelha e amarelada; o miolo do coco se come também e verde é melhor e mais tenro.

Tucum, como está escrito no fol. 154 e no índice, ou *tuqum*, como lhe chama o texto, é uma palmeira de que Gabriel Soares só quis referir as fibras que são fornecidas pelos folíolos e pecíolos ([505]).

D'Abbeville, por sua vez, chama-lhe *toucon-vue* ([506]) e Pisão refere-a entre as palmeiras silvestres, denominadas pelos indígenas *tucum, mais baixas e menos conhecidas que as outras* ([507]).

MORETY

(Fol. 155 e fol. 182 v.º)

Morety he outro modo de palma muito conprida e no altto tem hũa roda que fas com a folhada e da hũs cachos de coquos muito grandes a fruta he do tamanho de maracotins redondos a cor da frutta he auinhada a casqua labrada aruore he frutta he a uista muito fermoza a fruta se come

Morety é outro modo de palma muito comprida, e no alto tem uma roda que faz com a folhada e dá uns cachos de cocos muito grandes; a fruta é do tamanho de maracotins redondos, a cor da fruta é avinhada, a casca lavrada; árvore e fruta é à vista muito formosa; a fruta se come.

Morety diz o texto, mas *moriti* é como está escrito no fol. 155. É outra espécie de palmeira, que d'Abbeville refere com o nome de *meuruti-vue* ([508]) e de que Pisão diz: *a nona espécie é a miriti, comum nas capitanias de Ceará e Maranhão. Dá um único fruto comestível e doce; também de tamanho oval. Sua casca é rubicunda, com manchas negras; por dentro, vermelha. As suas folhas são estimadas pelos indígenas, que as utilizam como telhas* ([509]).

COMANACARU

(Fol. 156 e fol. 182 v.º)

comanacaru ([510]) *he hũ modo de aruore toda espinhada que se da juntto ao mar e não tem folha mais que hũs brasos acoadrados da hũa frutta de cor rozada come se tem dentro muita semente negra como mostarda groza aruore e fruta delis he tudo muito mole*

Comanacaru é um modo de árvore toda espinhada, que se dá junto ao mar e não tem folha mais que uns braços quadrados; dá uma fruta de cor rosada, come-se, tem dentro muita semente negra como mostarda grossa; árvore e fruta deles é tudo muito mole.

No fol. 156 está escrita o nome *comanda carou*, que foi riscado, escrevendo o autor por baixo *comana caru*.

Não encontramos referências a esta planta, nos autores que consideramos.

([505]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 83.
([506]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, ed. de 1963, fol. 222.
([507]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 291.
([508]) Claude d'Abbeville — *Ob. cit.*, fol. 221.
([509]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 294.
([510]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *ComaodaCaru*.

TIMBO

(Fol. 159 e fol. 183)

timbo he hũ modo de aruore como tremozos de portugal tem a folha do tamanho da pintura da cemente em bagos como feiiois muito pequena a flor uermelha com a folha pizada ce matta muito peixe

Timbo é um modo de árvore como tremoços de Portugal, tem a folha do tamanho da pintura, dá semente em bagos como feijões, muito pequena, a flor vermelha; com a folha pisada se mata muito peixe.

Timbo é como está escrito no texto que acabamos de ler. No entanto, na estampa que o autor nos apresenta no fol. 157, estão escritas as palavras *guayana timbo*, que, como veremos, dizem respeito a uma espécie de *timbó*, ou seja, um dos membros da família das sapindáceas, vulgar em terras brasileiras.

Ligeira é a referência que Gaspar Soares faz ao timbó, pois só diz: *onde lhe lançam muita soma de umas certas ervas pisadas, a que chamam timbó, com o que se embebeda o peixe de maneira que se vem acima d'água como morto; onde tomam às mãos muita soma dele* ([511]).

Pisão refere-se-lhe de forma que faz prevalecer a denominação dada por Frei Cristóvão à planta no fol. 157. Diz ele: *Segue-se, enfim, a* Guaiána-Timbó, *semelhante às precedentes pelo nome e nociva qualidade; no mais se mostra muito diferente. Só é usada para fins médicos. Não destituída de frondes, como a maioria das* Timbó, *mas aqui e acolá é dotada de flores, de folhas grandes, lisas, acuminadas, e na extremidade do caule é ornada de ténues síliquas, lisas, do comprimento de um côvado, aglomeradas. Estas são chamadas, com razão, pelos Lusitanos* Faisaons d'impige *ou favas de impigem, porque sua casca encerra um suco, nocivo aos peixes como nos precedentes* Timbó, *mas útil contra a impigem e a sarna dos meninos e contra as demais afecções cutâneas deste género* ([512]).

Temos de manifestar a nossa opinião a respeito das estampas apresentadas no códice e no livro de Pisão: a primeira é nìtidamente superior.

MANGAUEIRA

(Fol. 158 e fol. 183)

Mangaueira he hũa aruore não muito grande nem groza da hũa frutta muito gostoza do tamanho de aluaricoques ou frutta noua cendo maduras cheirão e cão tão molles que se esmagão todas tem bom sabor a cor he colorada a flor he branca como de mão

Mangaveira é uma árvore não muito grande nem grossa; dá uma fruta muito gostosa, do tamanho de albricoques ou fruta nova; sendo maduros cheiram e são tão moles, que se esmagam todas; têm bom sabor; a cor é corada, a flor é branca como de mão.

O fol. 158 apresenta uma estampa com o título de *mangaba*, vocábulo corrigido nas duas últimas letras e que corresponde à *mangaveira* do texto que acabamos de ler.

([511]) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., pp. 522-523.
([512]) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 522.

A seu respeito diz Gabriel Soares que *mangabeiras, são do tamanho de pessegueiros. Tem os troncos delgados, e a folha miúda e a flor como a do marmeleiro; e o fruto é amarelo corado de vermelho, como pêssegos calvos, ao qual chamam mangabas* (513).

A esta árvore, da família das apocináceas, se refere Pisão deste modo: *Julgo que se não deve passar em silêncio e desconhecer o notável fruto desta árvore chamada* mangaíba, *embora pareça dizer mais respeito às iguarias das mesas do que ao nosso objectivo médico* (514).

Mangabiba e mangaiba (*termo indígena*). *O fruto desta árvore se chama* mangaba. É assim que à *mangabeira* se refere Margrave (515).

TIMBO DO PARA

(Fol. 159 e fol. 183)

timbo do para que chamão necu he hũ modo de aruore como pes de pareiras grozas de grosura de hũ palmo e meo de roda estende se pela aruores como propiamente pareira a folha he de comprimento de hũ grande palmo este pao cerue pera matar peixe e he tão grande pesonha pera o peixe que des palmos deles batido basta a matar muito peixe e muita altura de agoa

Timbo do Pará, que chamam necu, é um modo de árvore como pés de parreiras grossas, de grossura de um palmo e meio de roda; estende-se pelas árvores como pròpriamente parreira; a folha é de comprimento de um grande palmo; este pau serve para matar peixe e é tão grande peçonha para o peixe, que dez palmos deles batido basta a matar muito peixe e muita altura de água.

O fol. 159 apresenta-nos uma estampa subordinada à epígrafe de *timbo nicu*, que nos explica no texto ser o *timbó do Pará*, a que chamam *necu*.

Já fizemos referência ao timbó e julgamo-la suficiente para se fazer ideia desta espécie, que não é citada por qualquer dos autores que consideramos.

EREITIUNA

(Fol. 160 e fol. 183)

ereitiuna he hua aruore grande e grosa e tem grande folha bota de sy hũ modo de rezina negra como breo com que os indios fazem suas frechas esta rezina a bota nas (516) *por uarias pe* (517) *que botta e por cer este breu pretto se chama ereiteuna* (518)

Ereitiuna é uma árvore grande e grossa e tem grande folha; bota de si um modo de resina negra como breu, com que os Índios fazem suas flechas; esta resina por vários pés que bota e por ser este breu preto se chama ereiteuna.

---

(513) Gabriel Soares de Sousa — *Ob. cit.*, ib., p. 11.
(514) Guilherme Piso — *Ob. cit.*, p. 343.
(515) Jorge Marcgrave — *Ob. cit.*, p. 122.
(516) Seguem riscadas as palavras *serquas dos ramos.*
(517) Estas palavras estão entrelinhadas.
(518) Seguem riscadas as palavras *e da tantto que tãobem se breão Canoas com ele.*

Os fols. 160 e 161 mostram estampas respeitantes às plantas designadas por *eratiuna* e *ereitiuna*, de modo que hesitamos em fazer quaisquer comentários, por ignorarmos até que ponto os nomes nativos correspondem às plantas que epigrafam. Simultâneamente, não encontramos, nos autores que temos seguido, a menor referência que nos permita qualquer atitude diferente da que assumimos.

Na estampa do fol. 160 figuram os nomes de *aritionne* e *eratiuna* e, como a seguir veremos, um dos nomes escritos no fol. 161 é que nos alimenta a confusão.

SEQUERIBA

(Fol. 162 e fol. 183)

Sequeriba ([519]) *he outra aruore grande a folha grande e cheira como o breo esta aruore da de sy hũ modo de almerega dura branca e amarela com se breão embarcasois e he muito bom e ha muito tem flor uermelha o pao e mole e da hũ coquo piqueno que se Come he a aruore da almasega*

Sequeriba é outra árvore grande, a folha grande e cheira como o breu; esta árvore dá de si um modo de almécega dura branca e amarela; com se breiam embarcações; e é muito bom e há muito, tem flor vermelha, o pau é mole e dá um coco pequeno que se come; é a árvore da almécega.

No fol. 161 lê-se a palavra *cuguruve* tendo por baixo escrito a tinta o vocábulo *ereitiuna*. Como referimos já, não sabemos pronunciar-nos sobre estas plantas.

ANHAUBA

(Fol. 183)

Anhauba he hũa aruore muito grãode em tudo e fas hũa copa muito fermoza que entre o matto se apartta das outras aruores da hũs coquos redondos muito rijos e dentro tem quinze e uinte castanhas que são de tres quinas e rijas o meolo he branco em uerde tem o sabor de castanhas sequas de nozes são muito quentes e dizem fazer cair o cabelo ce as comem de muitos modos fas dellas hũ modo de doce muito bom pera pelas menhans a folha e grande a aruore em sy e coquos são muito duros a castanha uaj pintada

Anhauba é uma árvore muito grande em tudo e faz uma copa muito formosa que entre o mato se aparta das outras árvores; dá uns cocos redondos muito rijos e dentro tem quinze e vinte castanhas, que são de três quinas e rijas; o miolo é branco; em verde tem o sabor de castanhas secas de nozes; são muito quentes e dizem fazer cair o cabelo se as comem; de muitos modos faz delas um modo de doce muito bom, para pelas manhãs; a folha é grande, a árvore em si e cocos são muito duros; a castanha vai pintada.

Não podemos referenciar esta palmeira.

([519]) O *i* desta palavra está entrelinhado.

ANANAS

(Fol. 163 e fols. 177 v.° e 183 v.°)

Ananas branco he muito doce bota a mesma flor que os demais são muito doces botão de sy muita agoa o ananas he serquado de muitos olhos e tem a mesma Calidade dos mais.

Ananas branco é muito doce, bota a mesma flor que os demais; são muito doces, botam de si muita água; o ananás é cercado de muitos olhos e tem a mesma qualidade dos mais.

Ananas de Pará diz o fol. 163, que nos dá do fruto uma curiosa imagem.

PÁSSAROS

COMESAREMOS AGUORA PELOS PASAROS QUE AMDÃO AO LOMGUO DO MAR E LAGUOS E RIOS DE AUGUOA DOSE ASIM OS QUE CÃO BOMIS DE QUOMER E OUTROS QUE CÃO HOMRADOS POLAS PENAS.

PRIMEIRAMENTE

COMEÇAREMOS AGORA PELOS PÁSSAROS QUE ANDAM AO LONGO DO MAR E LAGOS E RIOS DE ÁGUA DOCE, ASSIM OS QUE SÃO BONS DE COMER E OUTROS, QUE SÃO HONRADOS PELAS PENAS.

PRIMEIRAMENTE

TEIEIU

(Fol. 74 e fol. 184)

O teieieu he pasoro muito grãode tem o ([520]) *corpo grãode como hũa ouelha tem o biquo de hũo grãode palmo e o biquo he preto e a cabeca preta sem pena e o pesquoso uermelho sem pena e o sorpo* (sic) *todo bramquo e hele tem os peis de dous palmos grandes e cão pretos eles fazem os filhos em riba de pauos muito grosos e muito altos e fazem tres e quoatro filhos e uiuem de peixe* ([521]) *e tem no bucho grandes peixes de palmo e meio ou dous palmos he pasoro muito duro que parese carne de uaqua os filhos he muito bom comer*

O tejeju é pássaro muito grande; tem o corpo grande como uma ovelha, tem o bico de um grande palmo e o bico é preto e a cabeça preta sem pena e o pescoço vermelho sem pena e o corpo todo branco; e ele tem os pés de dois palmos grandes e são pretos; eles fazem os filhos em riba de paus muito grossos e muito altos; e fazem três e quatro filhos e vivem de peixe, e tem no buxo grandes peixes de palmo e meio ou dois palmos. É pássaro muito duro que parece carne de vaca; os fillhos é muito bom comer.

YABORU

(Fol. 75 e fol. 184)

Yaboru, he pasoro mais pequeno hũ pouquo que o teieiu he todo bramquo fora as pomtas das azas e os peis e o biquo que cão pardos que tirão ([522]) *de preto e uiue de peixe e fazem ceus filhos em riba de grãodes pauus e fazem tres ou quoatro filhos e ha muito grãode camtidade deles e dos teieius que todas as bordas dos rios estão* ([523]) *cheias e uemdo os estar não dirão senão que cão omenis uestidos de brãoquo com chapeus* ([524]) *na cabesa e são tambem duros e os filhos he muito bom comer*

Jaboru é pássaro mais pequeno um pouco que o tejeju; é todo branco fora as pontas das asas e os pés e o bico, que são pardos, que tiram de preto; e vive de peixe e fazem seus filhos em riba de grandes paus e fazem três ou quatro filhos; e há muito grande quantidade deles e dos tejejus, que todas as bordas do rios estão cheias; vendo-os estar não dirão senão que são homens vestidos de branco, com chapéus na cabeça; e são também duros e os filhos é muito bom comer.

([520]) Segue riscada a palavra *quorpo* e está entrelinhada a palavra *corpo*.
([521]) Seguem riscadas as palavras *e cou espamtado de peixe que lhe ui na barigua que cão* (e sou espantado do peixe que lhe vi na barriga que são).
([522]) Seguem riscadas as palavras *do sobo*.
([523]) Seguem riscadas as palavras *xeias que* e estão entrelinhadas as palavras *cheias e*.
([524]) Seguem riscadas as letras *xa* e entrelinhadas as letras *cha*.

MAGUARIM

(Fol. 76 e fol. 184 v.º)

o maguarim quer dizer ([525]) *e he pasoro da cor de simza tirãodo de brãquo e tem os peis e o biquo pardo e amarelo ele uiue de peixe e tem tres penas em riba da cabesa mas elas não são tam bomas como as da nossa tera e he pera comer* ([526]) *muito guordo e bom comer e ha muito grãode camtidade e fazem dous e tres filhos e os ouos são uerde mar*

O maguarim quer dizer e é pássaro da cor de cinza tirando de branco e tem os pés e o bico pardo e amarelo ele vive de peixe e tem três penas em riba da cabeça mas elas não são tão boas como as da nossa terra e é para comer muito gordo e bom comer e há muito grande quantidade e fazem dois e três filhos e os ovos são verde-mar.

GURATIMGUAOSU

(Fol. 77 e fol. 184 v.º)

guratimguaosu ([527]) *são passoros brancos que ca tem per garcas e he toda brãoqua como neue fora o biquo e os peis que tem pardos e amarelos e uerde ao lomguo dos olhos e he hũ pasoro muito estimado polas penas que ele tem e heram as milhores merquadarias que os estramieiros tinham nesta tera eu creio que noso senhor lhe pos os penachos* ([528]) *em riba das costas emtre as azas pera as guardar de não quebrarem e he pasoro que se mantem de peixe e he pasoro tamanho como maguarim e fas tres o quoatro filhos e os ouos cam uerde mar e fazem os filhos em riba de aruores pequenas a borda do mar e ha muita camtidade deles e he bom comer*

Guratimguaosu são pássaros brancos que cá têm por garças e é toda branca como neve fora o bico e os pés que tem pardos e amarelos e verde ao longo dos olhos e é um pássaro muito estimado pelas penas que ele tem e eram as melhores mercadorias que os estrangeiros tinham nesta terra; eu creio que nosso senhor lhes pôs os penachos em riba das costas entre as asas para as guardar de não quebrarem e é pássaro que se mantém de peixe e é pássaro tamanho como maguarim e faz três ou quatro filhos e os ovos são verde-mar e fazem os filhos em riba de árvores pequenas à borda do mar e há muita quantidade deles e é bom comer.

GURATIMGUAMERIM

(Fol. 78 e fol. 185)

guratimguamerim he guarsa pequena he toda bramqua como neue parese tamanha como hũa gualinha mas quoamdo tem as penas fora não tem mais quarne que hũa pomba ela tem panacho ([529]) *muito fino e muito prezado em framsa e tem muita gramde camtidade delas a lomguo do mar e rios de augua dose e fazem os filhos como as outras e tem os peis e o biquo como as outras e fazem criasão duas uezes no ano e são bomas de comer*

([525]) Há um espaço em branco, até ao fim da linha.
([526]) Estão cortadas as letras *ro* e entrelinhadas as letras *mer*.
([527]) Seguem riscadas as palavras *quer dizer garsa* e estão entrelinhadas as palavras *são passoros que ca tem per garcas*.
([528]) Estão cortadas as sílabas *naxos* e entrelinhadas as sílabas *nachos*.
([529]) Tem riscada a sílaba *xo* e entrelinhada a sílaba *cho*.

Guratimguamerim é garça pequena é toda branca como neve parece tamanha como uma galinha mas quando tem as penas fora não tem mais carne que uma pomba ela tem penacho muito fino e muito prezado em França e tem muita grande quantidade delas ao longo do mar e rios de água doce e fazem os filhos como as outras e tem os pés e o bico como as outras e fazem criação duas vezes no ano e são boas de comer.

ACARA OBU

(Fol. 78 e fol. 185)

acara obu he hũ pasoro tamanho como a garsa pequena mas he todo pardo cor de simza e tem panachos ([530]) *tambem mas não sam tam finos como as da guarsa e fazem os filhos como as guarsas e os ouos cão azuis e fazem dous filhos e he bom de comer*

Acara obu é um pássaro tamanho como a garça pequena mas é todo pardo cor de cinza e tem penachos também mas não são tão finos como os da garça e fazem os filhos como as garças e os ovos são azuis e fazem dois filhos e é bom de comer.

MIGUA

(Fol. 79 e fol. 185)

migua ([531]) *he hũ pasoro tamanho como hũ gramde capão pardo pela barigua e pelo pesquoso e pelas azas preta e bramquo por baixo* ([532]) *e as pomtas das azas e o rabo preto eles amdão sempre na auguoa nadamdo e com o corpo debaixo daguoa e o pesquoco* ([533]) *e a cabesa fora dauguoa eles fazem tres filhos e os ouos cam* ([534]) *e ha muito gramde camtidade e andam em bãdos em riba dos laguos de auguoa dose e comen peixe e he muito bom comer*

Migua é um pássaro tamanho como um grande capão pardo pela barriga e pelo pescoço e pelas asas preta e branco por baixo e as pontas das asas e o rabo preto eles andam sempre na água nadando e com o corpo debaixo de água e o pescoço e a cabeça fora de água eles fazem três filhos e os ovos são e há muito grande quantidade e andam em bandos em riba dos lagos de água doce e comem peixe e é muito bom comer.

AIAPA

(Fol. 79 e fol. 185 v.º)

aiapa he como hũa pata femia he pardo tiramdo de preto e he hũ pasoro mais guolozo que se pode uer que não desquamsa ate que não tem a barigua cheia ([535]) *e amtomses se uai por em riba de hũ pau com as azas abertas e o biquo ao uento pera esmoer mais depresa o peixe que ele tem comido ele fas ceus filhos como a mjnua poin hũs pazinhos em riba de hũao* (sic) *aruere e ali poin os ouos e fas tres filhos e os ouos são* ([536]) *e cão muitos guordos e he muito bom comer*

([530]) Tem riscada a sílaba *xos* e entrelinhada a sílaba *chos*.
([531]) Tem riscada a palavra *mimua* e entrelinhada a palavra *migua*.
([532]) Estas duas últimas palavras estão entrelinhadas e riscadas as palavras *he muito pimtado*.
([533]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.
([534]) Há um espaço em branco até ao fim da linha.
([535]) Tem riscadas as palavras *xeia ate boqua* e entrelinhada a palavra *cheia*.
([536]) Há um espaço em branco.

Aiapa é como uma pata fêmea é pardo tirando de preto e é um pássaro mais guloso que se pode ver que não descansa até que não tem a barriga cheia e então se vai pôr em riba de um pau com as asas abertas e o bico ao vento para esmoer mais depressa o peixe que ele tem comido ele faz seus filhos como a minua põe uns pauzinhos em riba de uma árvore e ali põe os ovos e faz três filhos e os ovos são e são muito gordos e é muito bom comer.

AGAGA

(Fol. 80 e fol. 185 v.°)

Agaga he a colhereira he mahor que hũ pato he bramqua cor de carne e nos emcomtros das azas rozada e o maxo tem a cabesa a feicão de pato de portugual são cor de laramia e rozado e preto e tem os peis uermelhos o biquo pardo e ha muito gramde camtidade deles a lomguo do mar e perizes e fazem os filhos em riba dos pauuos e fazem tres e coatro e os ouos cão bramquos ([537]) *pimtados de uermelho e cão bomis de comer*

Agaga é a colhereira é maior que um pato é branca cor de carne e nos encontros das asas rosada e o macho tem a cabeça a feição de pato de Portugal são cor de laranja e rosado e preto e tem os pés vermelhos o bico pardo e há muito grande quantidade deles a longo do mar e perizes e fazem os filhos em riba dos paus e fazem três e quatro e os ovos são brancos pintados de vermelho e são bons de comer.

ATIAUSU

(Fols. 80 e 94 e fols. 185 v.° e 191 v.°)

Atiausu he tamanho como hũa pomba quoamdo uão ([538]) *auoando por riba dauguoa leua o biquo aberto tomando peixe as costas des na* (sic) *a cabesa ate o rabo he preto e as pomtas das azas e pela barigoa bramquo e o biquo amarelo he pasoro muito guordo e he muito bom comer mas não sei quoamtos filhos fazem porque os não tenho uisto eu creio que fazem os filhos na costa do mar*

Atiausu é tamanho como uma pomba quando vão avoando por riba de água leva o bico aberto tomando peixe as costas desde a cabeça até o rabo é preto e as pontas das asas e pela barriga branco e o bico amarelo é pássaro muito gordo e é muito bom comer mas não sei quantos filhos fazem porque os não tenho visto eu creio que fazem os filhos na costa do mar.

VPEQUA

(Fol. 81 e fol. 186)

Vpequa quer dizer pato he preto pelas costas e pardo pela barigua e as azas pimtadas de bramquo e algumis cam todos pretos e he hũ dos pacaros milhores de comer desta tera e fazem os filhos em buraquos de paos e fazem noue e des filhos e tamto que os tirão toman nos com os bicos ([540]) *leuam a borda do rio pera comerem*

([537]) Seguem riscadas as letras *co e*.
([538]) Segue riscada a palavra *aboamdo* e tem entrelinhada a palavra *auoando*.
([540]) Tem riscadas as palavras *peis e os* e entrelinhada a palavra *bicos*.

Upequa quer dizer pato é preto pelas costas e pardo pela barriga e as asas pintadas de branco e alguns são todos pretos e é um dos pássaros melhores de comer desta terra e fazem os filhos em buracos de paus e fazem nove e dez filhos e tanto que os tiram tomam-nos com os bicos levam à borda do rio para comerem.

POTERI

(Fol. 81 e fol. 186)

O Poteri quer dizer marequa e ha de tres castas como em nosa (541) *europa e ha pouqua deferemsa na çor* (sic) *e feitio senão terem o rabo mais direito que as do nosa* (542) *europa e tem muito gramde camtidade que a tera aomde elas fazem mais aseitacão toda esta cuberta que a min me acomteseo dum tiro matar trimta e tres fora as que esquaparão que quomeram as piranhas e he hũ pasoro tam gordo que não se podem asar e he muito bom comer*

O poteri quer dizer marreca e há de três castas como em nossa Europa e há pouca diferença na cor e feitio senão terem o rabo mais direito que as da nossa Europa e tem muito grande quantidade que a terra onde elas fazem mais aceitação toda está coberta que a mim me aconteceu de um tiro matar trinta e três fora as que escaparam que comeram as piranhas e é um pássaro tão gordo que não se podem assar e é muito bom comer.

GUARAHŨ

(Fol. 82 e fol. 186 v.º)

guarahũ he pasoro tamanho como hũa gualinha pequena he todo uerde e preto e he bom comer e fas tres filhos e fas em riba das aruoreas (sic) *seus ouos são pimtados de preto.*

Guaraum é pássaro tamanho como uma galinha pequena é todo verde e preto e é bom comer e faz três filhos e faz em riba das árvores seus ovos são pintados de preto.

AUAPESSOCA

(Fol. 82 e fol. 186 v.º)

Auapessoca (543) *he pasorro tamanho como hũa pomba do mato tem os peis muito compridos a comparasam do corpo e tem a modo de crista de gualo uermelha e barbas e o biquo laramiado e as pomtas das azas amarelas e o papo tambem amarelo e o corpo he uermelho escuro ele tem dous esporamis como de gualo debaixo das azas com que mata o peixe e a sua abiatasão* (sic) *he nos laguos e fazem os filhos em riba de folhas que estão sobre a auguoa sem outra couza nenhua e os ouos cam bramquos pimtados de preto e fazem simquo ou seis filhos e ce come e tem os peis pardos*

---

(541) Tem riscada a palavra *oropo* e entrelinhada a palavra *europa*.
(542) Idem.
(543) Tem riscada a palavra *Auguoapeasoqua* e mais abaixo, entrelinhada, a palavra *auapessoca* e riscada a palavra *auguoapeasoqua*.

Avapessoca é pássaro tamanho como uma pomba do mato, tem os pés muito compridos em comparação do corpo e tem a modo de crista de galo vermelho, e barbas, e o bico alaranjado, e as pontas das asas amarelas, e o papo também amarelo, e o corpo é vermelho-escuro; ele tem dois esporões como de galo debaixo das asas com que mata o peixe; e a sua habitação é nos lagos e fazem os filhos em riba de folhas que estão sobre a água sem outra coisa nenhuma; e os ovos são brancos pintados de preto e fazem cinco ou seis filhos; e se come e tem os pés pardos.

CARÃO

(Fol. 83 e fol. 186 v.º)

Carão he hũo (sic) *pasoro tamanho com hũ capam he pardo mesturado de preto he pasoro que sempre anda nos perizes e alagooas e come de hũs buzios que ha no peri[ze] e he muito bom comer fazem dous filhos os ouos cão bramquos e fazem em riba das arueres*

Carão é um pássaro tamanho como um capão, é pardo misturado de preto; é pássaro que sempre anda nos perizes e alagoas e come de uns búzios que há no periz e é muito bom comer fazem dois filhos os ovos são brancos e fazem em riba das árvores.

TOITOY

(Fol. 83 e fol. 187)

toitoy he pasoro tamanho como hũ timtilhõ e he pardo tira de bramquo pela barigua e ha muito gramde camtidade a lomguo do mar e ilhas e quoamdo o tempo quer xouer aboam em bamdos que todo o ceo parese que esta cuberto e he pasoro muito gordo e bom comer eles fazem os filhos ao lomguo do mar na costa mas eu não nos ui numqua

Toitoy é pássaro tamanho como um tentilhão e é pardo tira de branco pela barriga e há muito grande quantidade ao longo do mar e ilhas e quando o tempo quer chover voam em bandos que todo o céu parece que está coberto e é pássaro muito gordo e bom comer eles fazem os filhos ao longo do mar na costa mas eu não os vi nunca.

GUARIAMA

(Fol. 84 e fol. 187)

guariama he pasoro tamanho como hua pomba he pardo cor de simza ao lomguo da cabesa e mais pera o corpo bramquo no papo amarelo diguo azul e na barigua amarelo pelas costas pardo raiado de bramquo e o rabo tambem pardo raiado de bramquo fazem os filhos em buraquos na tera o lomguo do rio os ouos cam bramquos e fazem dous filhos e fazem nos metidos hũa boma braca pela tera demtro

Guariama é pássaro tamanho como uma pomba é pardo cor de cinza ao longo da cabeça e mais para o corpo branco no papo amarelo digo azul e na barriga amarelo pelas costas pardo raiado de branco e o rabo também pardo raiado de branco fazem os filhos em buracos na terra ao longo do rio os ovos são brancos e fazem dois filhos e fazem-nos metidos uma boa braça pela terra dentro.

GUOARA

(Fol. 84 e fol. 187)

guoara he pasoro tamanho como hũa gualinha uermelho como gram por todo o corpo os peis (544) *uermelhos como sangue e o biquo cor de carne e as pomtas das penas e as azas pretas eles fazem seus filhos como as garsas e fazem quoatro e simquo filhos e os ouos sam bramquos pimtados de pardo e o seu natural he serem pretos de primeiro e depois pardos e uermelhos e bramquos e depois de sererem* (sic) *de quatorze ou quinze* (545) *mezes se tornão todos uermelhos cor de gram* (546) *e tem muito gramde camtidade nesta tera do maranham e he guosto ue los coamdo fazem os filhos que se atirão hũa arquabuzada que se aleuamtão parese que todo o seu* (sic) *esta uermelho e he muito bom comer* (547).

Guoara é pássaro tamanho como uma galinha vermelho como gram por todo o corpo os pés vermelhos como sangue e o bico cor de carne e as pontas das penas e as asas pretas eles fazem seus filhos como as garças e fazem quatro e cinco filhos e os ovos são brancos pintados de pardo e o seu natural é serem pretos de primeiro e depois pardos e vermelhos e brancos e depois de serem de catorze ou quinze meses se tornam todos vermelhos cor de gram e tem muito grande quantidade nesta terra do Maranhão e é gosto vê-los quando fazem os filhos que se atiram uma arcabuzada que se levantam parece que todo o céu está vermelho e é muito bom comer.

TAMATIAN

(Fol. 85 e fol. 187 v.º)

tamatian (548) *nome de* (549) *negro he hũ pasaro de tamanho de hũa galinha de cor sinzento e o biquo pretto a pluma da cabesa e bramqua e tem hũs sinais brancos a modo de orelhas tãobem branco os olhos são a modo de cor laranjado os pes amarellos e crião en cima dos mangues em muitas ilhas crião tres e coatro filhos os ouos são de cor uerde mar e serue pera comer tem plumas pequenas pardas*

Tamatian nome de negro é um pássaro do tamanho de uma galinha de cor cinzenta e o bico preto a pluma da cabeça é branca e tem uns sinais brancos a modos de orelhas também brancos os olhos são a modo de cor laranjado os pés amarelos e criam em cima dos mangues em muitas ilhas criam três e quatro filhos os ovos são de cor verde-mar e serve para comer tem plumas pequenas pardas.

ARASARIJ

(Fol. 86 e fol. 187 v.º)

Arasarij (550) *he hũa aue do feitio de tocano tem o biquo grande amarelo pela partte de cima e de baixo branco e pretto a cabesa athe juntto aos encontros das azas he de cor rozado e dahj o mais corpo he amarelo color e as azas e rabo e pernas tem cor pretta a modo de uerde e o fin do rabo he muito uermelho e o mesmo a redondeza dos olhos cria en buraquos que fas en paus os ouos são brancos*

---

(544) Tem riscadas as palavras *e o biquo.*
(545) Segue riscada a palavra *ou.*
(546) Tem um espaço em branco até ao final da linha.
(547) Tem à margem: *nascem pretos depois se fasem pardos e brancos por a barriga a depois se fazem uermelhos* (nascem pretos depois se fazem pardos e brancos pela barriga e depois se fazem vermelhos).
(548) Tem à margem: *toquano* (tocano).
(549) Esta palavra está entrelinhada.
(550) Tem à margem: *toquano* (tocano).

Arasary é uma ave do feitio de tocano tem o bico grande amarelo pela parte de cima e de baixo branco e preto a cabeça até junto aos encontros das asas é de cor rosada e daí e mais corpo é amarelo cor e as asas e rabo e pernas têm a cor preta a modo de verde e o fim do rabo é muito vermelho e o mesmo a redondeza dos olhos cria em buracos que faz em paus os ovos são brancos.

GUAHI

(Fol. 86 e fol. 187 v.º)

guahi ([551]) *he hũ pasaro de grandeza de hũa pomba de cor pretta saluo a bariga athe a cabesa cor branca com hũas raias* (?) *uermelhas as ponttas das azas são amarellas e a pena de baixo uermelha o rabo preto as pernas a modo de cor asul o biquo he grande de cor amarela saluo o premcipio que comesa da cabesa que he a uermelho e por baixo azul e por cima os olhos azuis*

Guahi é um pássaro da grandeza de uma pomba de cor preta salvo a barriga até à cabeça cor branca com umas tiras vermelhas as pontas das asas são amarelas e a pena de baixo vermelha o rabo preto as pernas a modo de cor azul o bico é grande de cor amarela salvo o princípio que começa da cabeça que é a vermelho e por baixo azul e por cima os olhos azuis.

APIHA

(Fol. 188)

apiha he hũa aue da grãodeza de hua melroa tem a cabesa e as azas e rabo pretto e o mais corpo cor branco o biquo de cor rozado e os olhos e a ponta do biquo e pardo e cria 4 e sinco filhos os ouos são branquos

Apiha é uma ave da grandeza de uma mélroa tem a cabeça e as asas e rabo preto e o mais corpo cor branco bico de cor rosado e os olhos e a ponta do bico é pardo e cria 4 e cinco filhos os ovos são brancos.

([551]) Tem riscada a palavra *guoasu* e à margem a palavra *tocano*.

COMESAREMOS AGUORA PELOS PASOROS QUE ESTÃO PELOS MATOS E QUAMPINAS.

PRIMEIRAMENTE

COMEÇAREMOS AGORA PELOS PÁSSAROS QUE ESTÃO PELOS MATOS E CAMPINAS.

PRIMEIRAMENTE

YAMDU

(Fol. 88 e fol. 188)

yamdu quer dizer uma pasoro o mais grãode desta tera mas não cão tamanhos que as de afrequa nem as penas não cão tam bomas (552) *nem riquas não seruem mais que pera os negros pera porem nas costas quoamdo bebem o uinho elas cão todas pardas e* (553) *crião os filhos em* (554) *as campinas no chao* (555) *e poem* (556) *muito grãode camtidade de ouos e algumas fazem coremta ou simquoemta ouos que sam muito bomis de comer que quamdo hũ omem come dous não pode mais comer e comem ce pouquas* (557) *a clara tira azul cabeca e pernas são mui moles*

Yamdu quer dizer um pássaro o mais grande desta terra mas não são tamanhos que as de África nem as penas são tão boas nem ricas não servem mais que para os negros para porem nas costas quando bebem o vinho elas são todas pardas e criam os filhos nas campinas no chão e põem muito grande quantidade de ovos e algumas fazem quarenta ou cinquenta ovos que são muito bons de comer que quando um homem come dois não pode mais comer e comem-se poucos a clara tira azul cabeça e pernas são mui moles.

YNAMBUASU

(Fol. 188)

ynambuasu quer dizer perdis ela he tamanha como hũ capam gramde e fazem seus filhos em riba da tera os peis dos paus e fazem des e doze ouos e os ouos cam azuis uerde mar e os ouos cam mahorres que ouos de gualinha e he hũ pasoro dos milhores desta ter[a] pe[ra] comer e he pardo

Ynambuasu quer dizer perdiz ela é tamanha como um capão grande e fazem seus filhos em riba da terra ao pé dos paus e fazem dez e doze ovos e os ovos são azuis verde-mar e os ovos são maiores que ovos de galinha e é um pássaro dos melhores desta terra para comer e é pardo.

---

(552) Segue riscada a palavra *co*.
(553) Seguem riscadas as palavras *fazem os filhos em os priz* e entrelinhada a palavra *poem*.
(554) Estas palavras estão entrelinhadas.
(555) Tem riscada a palavra *xam* e entrelinhada a palavra *chao*.
(556) Esta palavra está entrelinhada e riscada a palavra *fazem*.
(557) Há um espaço em branco até ao fim da linha.

GURAAUSU

(Fol. 89 e fol. 188)

ho guraausu he hũa guauiam e he tamanho como hũ pequeno peru he todo pardo e tem os peis de hũ gramde palmo e tem as unhas muito gramdes e mata uiados e outros bixos ([558]) *ele não fas mais que hum filho e o ouo he bramquo e os negros os estiman muito pera fazer suas frexarias e são ralos* (sic)

O guraausu é um gavião e é tamanho como um pequeno peru é todo pardo e tem os pés de um grande palmo e tem as unhas muito grandes e mata veados e outros bichos ele não faz mais que um filho e o ovo é branco e os negros os estimam muito para fazer suas frecharias e são raros.

MOTUM

(Fol. 90 e fol. 188 v.º)

O motum he pasoro tamanho como hũ peru ([559]) *tem hũ panaxo em riba da quabesa todo em guoruinho todo preto eles ceriam muitos estimado em noso* ([560]) *Europa pera fazer panaxos aos fidalguos ele he preto fora a barigua que he bramqua e a pomta do rabo e tem o biquo pardo* ([561]) *e os olhos amarelos e a femia tem o panaxo pimtado de bramquo e tem a barigua parda tiramdo damarelo eles cão cempre em companhia maxo e femia eles fazem os filhos* ([562]) *em riba dos paus e fazem dous filhos e os ouos cão* ([563]) *he boma carne de comer parece se com a carne de capam não tem mais que ser mais dura* ([564]) *a carne he carregadissa pessima pera feridas*

O motum é pássaro tamanho como um peru tem um penacho em riba de cabeça todo em guorvinho (?) todo preto eles seriam muito estimados em nossa Europa para fazer penachos aos fidalgos ele é preto fora a barriga que é branca e a ponta do rabo e tem o bico pardo e os olhos amarelos e a fêmea tem o penacho pintado de branco e tem a barriga parda tirando de amarelo eles são sempre em companhia macho e fêmea eles fazem os filhos em riba dos paus e fazem dois filhos e os ovos são é boa carne de comer parece-se com a carne de capão não tem mais que ser mais dura a carne é carregadiça péssima para feridas.

CARAQUOPITAM

(Fol. 188 v.º)

Caraquopitam da cor de hũa perdis e do tamanho e tem o biquo e os peis pardo tiramdo de uerde e he hũ pasoro muito bom quomer tam bom como a perdis e milhor fazem quoatro e simquo filhos e fazem no cham os filhos os ouos cam rozados e tem o biquo e ó lomguo uerde ([565]).

Caraquopitam da cor de uma perdiz e do tamanho e tem o bico e os pés pardo tirando de verde e é um pássaro muito bom comer tão bom como a perdiz e melhor fazem quatro e cinco filhos e fazem no chão os filhos os ovos são rosados e tem o bico e ao longo verde.

([558]) Tem sobrepostas à última sílaba desta palavra as letras *chos*.
([559]) Tem riscada a palavra *pato*.
([560]) Tem riscada a palavra *oropo* e entrelinhada a palavra *Europa*.
([561]) Tem riscadas as letras *de ob*.
([562]) Tem riscadas as letras *os l*.
([563]) Há um espaço em branco até ao fim da linha.
([564]) Idem.
([565]) Seguem riscadas as palavras *e os peis uerdes*.

IAQU

(Fol. 91 e fol. 188 v.º)

O iaqu ([566]) *he pasoro tamanho como hũa gualinha e he pardo e a graguamta uermelha ate o lomguo do biquo e o biquo pardo tiramdo damarelo e tem os peis pardos cor de cimza e tem a guoela saimdo do peito e uai pera riba do estamoguo e torna a uirar e uai ao biquo eles cão sempre maxo e femia em companhia ele o podem ter em hũ dos milhores pasoros desta tera e tem a carne muito bramqua e guostoza e fazem dous filhos em riba dos ramos das arueres e os ouos cão bramquos* ([567]) *crião em casa*

O jaqu é pássaro tamanho como uma galinha e é pardo e a garganta vermelha até o longo de bico e o bico pardo tirando de amarelo e tem os pés pardos cor de cinza e tem a goela saindo do peito e vai para riba do estômago e torna a virar e vai ao bico eles são sempre macho e fêmea em companhia ele o podem ter em um dos melhores pássaros desta terra e tem carne muito branca e gostosa e fazem dois filhos em riba dos ramos das árvores e os ovos são brancos criam em casa.

ARACOAN

(Fol. 91 e fol. 184 v.º)

Aracoan ([568]) *he hũ pasoro tamanho como hũa franguainha e da cor e feisão do iayreu e tem o mesmo guosto e cabor* (sic) *e fas dous filhos e os ouos sam branquos*

Aracoan é um pássaro tamanho como uma franguinha e da cor e feição do iaireu e tem o mesmo gosto e sabor e faz dois filhos e os ovos são brancos.

TINGUARA

(Fol. 91 e fol. 189)

tinguara ([569]) *he pasoro da grosor* (sic) *diguo tamanho como hũ canarinho todo preto fora a croa da cabesa que tem uermelho em riba do pesquoso azul cor de seda azul* ([570]) *e tem os peis e o biquo pardo e fazem dous filhos e os ouos sam bramquos ele camta hũa camtigua que he guosto ouui lo*

Tinguara é pássaro da grossura digo tamanho como um canarinho todo preto fora a coroa da cabeça que tem vermelho em riba do pescoço azul cor de seda e tem os pés e o bico pardo e fazem dois filhos e os ovos são brancos ele canta uma cantiga que é gosto ouvi-lo.

YAPEHI

(Fol. 92 e fol. 189)

Yapehi he pasoro tamanho como hũa melroa he todo preto fora metade das azas e sobre a rabadilha e a metade do rabo que he damarelo tozado (sic) *tem o biquo e os peis como bramquos ele fas seus filhos depomdurados nos pauos a modo dum saquo piqueno fas tres filhos e os ouos cam bramquos pimtados de pardos e fazem muitos os linhos* (sic) *iuntos num pau e he pasoro que quamdo ele he manso fala*

([566]) Sobreposta, tem a palavra *Jacu*.
([567]) Há um espaço branco até ao fim da linha.
([568]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *quaraquoam*.
([569]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *tamguara*.
([570]) Tem entrelinhada esta palavra.

Japehi é pássaro tamanho como uma mélroa é todo preto fora metade das asas e sobre a rabadilha e a metade do rabo que é de amarelo-torrado tem o bico e os pés como brancos ele faz seus filhos dependurados nos paus a modo num saco pequeno faz três filhos e os ovos são brancos pintados de pardos e fazem muitos os ninhos juntos num pau e é pássaro que quando ele é manso fala.

OPEQU

(Fol. 92 e fol. 189 v.º)

Opequ he hũ pasoro mahor que hũa melroa tem a cabesa uermelha pelo papo e as azas e o rabo preto e em riba das costas bramquo a barigua bramqua raiada de pardo tem os peis e o biquo pardo cor de simza e uai atrepamdo pelos pauos e uai piquamdo neles que não parese senão tarapina que cortam ([571]) *madeira e mais tiram mel dos pauos eles fazem seus filhos em buraquos dos pauus e fazem dous filhos e os ouos sam bramquos* ([572])

Opecu é um pássaro maior que uma mélroa tem a cabeça vermelha pelo papo e as asas e o rabo preto e em riba das costas branco a barriga branca raiada de pardo tem os pés e o bico pardo cor de cinza e vai trepando pelos paus e vai picando neles que não parece senão tarapina que cortam madeira e mais tiram mel dos paus eles fazem seus filhos em buracos dos paus e fazem dois filhos e os ovos são brancos.

TOCANO

(Fol. 93 e fol. 189 v.º)

tocano ([573]) *he hũ pasoro tamanho como hũa fragao* (sic) ([574]) *ou mahor e tem o biquo muito gramde em comparacão do sorpo* (sic) *do biquo ate ao rabo preto e do biquo ate o estamaguo amarelo e pela borda do amarelo uermelho e o mais corpo preto e o lomguo dos olhos sem pena e cor de carne e o biquo preto e peguado ao biquo hũ raio damarelo e hũ omrado pasoro desta tera e fas seus filhos em buraquos dos paus e fazem seus filhos diguo fazem dous filhos e os ouos cão bramquos*

Tocano é um pássaro tamanho como uma franga ou maior e tem o bico muito grande em comparação do corpo do bico até ao rabo preto e do bico até o estômago amarelo e pela borda do amarelo vermelho e o mais corpo preto e o longo dos olhos sem pena e cor de carne e o bico preto e pegado ao bico um raio de amarelo é um honrado pássaro desta terra e faz seus filhos em buracos dos paus e fazem seus filhos digo fazem dois filhos e os ovos são brancos.

VREPE

(Fol. 93 e fol. 190)

Vrepe he como o toquano mas he hũ pouquo mais pequeno e he uerde desna a cabesa ate o rabo e pela bamda de baixo do biquo ate o estamogo amarelo cor de ouro e o rabo he uerde tira de preto e o biquo raiado de bramquo como amarelo e pela bamda de demtro do biquo uermelho e tem a limguo (sic) *muito estreitinha que ce parese como hũa pena e se tira muito comprida eles são dous dos mais fremozos pasoros que ha nesta tera e eu creio que deos tomou prazer a os fazer*

([571]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *quortam*.
([572]) Seguem riscadas as palavras *eles comen sem pouquos*.
([573]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *toquam*.
([574]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *melroa*.

Urepe é como o tocano mas é um pouco mais pequeno e é verde desde a cabeça até ao rabo e pela banda de baixo do bico até o estômago amarelo cor de ouro e o rabo é verde tira de preto e o bico raiado de branco como amarelo e pela banda de dentro do bico vermelho e tem a língua muito estreitinha que se parece como uma pena e se tira muito comprida eles são dois dos mais formosos pássaros que há nesta terra e eu creio que Deus tomou prazer a os fazer.

HURAUASU

(Fol. 94 e fol. 190)

hurauasu he he (sic) *passaro de rapina como francelho* ([575]) *como hũa melroa he hũ bilhafre* (sic) *hele he todo preto so a cabesa e os peis que tem de cor de laramia as penas do rabo perto do cu bramquas ele tem o biquo pardo e he hũ dos fermozos guauiamis desta tera que se ele estiuera em iropo* (sic) *ualiria muito pera os fildalgos eles cão ralos e se axam pouquo*

Hurauasu é pássaro de rapina como francelho, como uma mélroa; é um milhafre; ele é todo preto, só a cabeça e os pés que tem de cor de laranja, as penas do rabo perto do cu brancas, ele tem o bico pardo; e é um dos formosos gaviões desta terra que se ele estivera na Europa valeria muito para os fidalgos; eles são raros e se acham pouco.

ATIAUSU

(Fols. 80 e 94 e fols. 185 v.° e 191 v.°)

atiausu he mais gramde algũaa couza que hũa melroa he pardo e amarelo tem o biquo e os peis pardo sor (sic) *de simza. E fas dous filhos seus ouos são brancos.*

Atiausu é mais grande alguma coisa que uma mélroa é pardo e amarelo tem o bico e os pés pardo cor de cinza e faz dois filhos seus ovos são brancos.

INAMBU MERIM

(Fol. 95 e fol. 190 v.°)

Inambu merim. he a perdiz desta terra ha de duas castas esta he do mesmo tamanho das de Portugal e da mesma cor o bico e os pes he pardo tirão de azul. não tem o gosto das nossas perdizes a carne he branca e hũ dos bons comeres desta terra. fazem os filhos em sima da terra como as de portugal. os ouos são de cor purpura e fas 9. e des filhos e gritão assi de dia como de noite.

Inambu merim é a perdiz desta terra é de duas castas esta é do mesmo tamanho das de Portugal e da mesma cor o bico e os pés é pardo tiram de azul não tem o gosto das nossas perdizes a carne é branca e um dos bons comeres desta terra. Fazem os filhos em cima da terra como as de Portugal. Os ovos são de cor púrpura e faz 9 e dez filhos e gritam assim de dia como de noite.

([575]) Estas palavras desde o segundo *he* estão entrelinhadas e riscadas as palavras *como tamanho.*

ARARUNA

(Fol. 95 e fol. 190 v.º)

Araruna. he passaro do tamanho de hũ capão tem o bico E e os pes de papagayo. tem o rabo de dous Palmos E de azul todo uestido. o Inuês da Pena he de cor preta. o redor do bico E olhos todo amarello. fazem os filhos num buraco de Pao. tem soo hũ filho E os ouos são brancos. o comer seu são cocos E palmittos. E me espanto podecem quebra los pera fortaleza que a natureza deu a este fruito que nos não podemos quebrar sem instrumentos sua carne he hui dura e negra. todas suas penas seruem aos indios pera seus aparastos (sic) *e frecharia*

Araruna é pássaro do tamanho de um capão tem o bico e os pés de papagaio, tem o rabo de dois palmos e de azul todo vestido o invés da pena é de cor preta, o redor do bico e olhos todo amarelo, fazem os filhos num buraco de pau, tem só um filho e os ovos são brancos, o comer seu são cocos e palmitos, e me espanto pudessem quebrá-los pela fortaleza que a natureza deu a este fruto que nós não podemos quebrar sem instrumentos sua carne é muito dura e negra, todas as suas penas servem aos Índios para seus aparatos e frecharia.

CABURE

(Fol. 96 e fol. 190 v.º)

Cabure he pasoro do tamanho de hũa melro (sic) *pardo como framselho he aparesem mais de noute que de dia fazem dous filhos e fazem seus filhos em buraquos de pauos e os ouos são bramquos e os saluarguemis* (sic) *lhe tiram os peis pera fazerem mezinhas aos filhos pera matarem quasa e as mezinhas que cão he sarafasarlhem* (sic) *os brasos com os peis deste pasoro* ([576])

Cabure é pássaro do tamanho de um melro, pardo como francelho e aparecem mais de noite que de dia fazem dois filhos e fazem seus filhos em buracos de paus e os ovos são brancos e os selvagens lhe tiram os pés para fazerem mezinhas aos filhos para matarem caça e as mezinhas que são é os braços com os pés deste pássaro.

GURAUNA

(Fol. 96 e fol. 191)

gurauna. tem a cor toda rouxo claro: as Pontas das azas E o rabo preto do tamanho de hũa piquena melroa do nosso Portugal fas 4. filhos seus ouos são brancos pintão de vermelho E bõ pera comer

Gurauna tem a cor toda roxo-claro: as pontas das asas e o rabo preto do tamanho de uma pequena mélroa do nosso Portugal faz 4 filhos seus ovos são brancos pintam de vermelho é bom para comer.

ORUCURÊA

(Fol. 97 e fol. 191)

Orucurêa. he passaro do tamanho de hũa Piquena cruya E da mesma feisão. a cor he parda natural ao françelho do nosso purtugal e aparese mais de noute que de dia e

([576]) Tem à margem o seguinte: *he tãobem de rapina de noite.*

os saluaguemis falam com ele e dizem que lhe respomde aquilo que eles lhe pergumtam e fazem seus filhos em buraquos de paus e fazem dous filhos e seus ouos são bramquos

Orucuria é pássaro do tamanho de uma pequena coruja e da mesma feição, a cor é pardo natural ao francelho do nosso Portugal e aparece mais de noite que de dia e os selvagens falam com ele e dizem que lhe responde aquilo que eles lhe perguntam e fazem seus filhos em buracos de paus e fazem dois filhos e seus ovos são brancos.

SAY

(Fol. 97 e fol. 191)

Say. he passaro Piqueno de tamanho de hũ Pintasirgo: tem a cabessa azul cor celeste E todo o corpo uerde. tem bico E pes pardo cor de cinza. este fas soo dous filhos seus ouos são brancos.

Say é pássaro pequeno do tamanho de um pintassilgo, tem a cabeça azul cor celeste e todo o corpo verde, tem bico e pés pardos cor de cinza, este faz só dois filhos seus ovos são brancos.

CANINDE

(Fol. 98 e fol. 191)

Caninde. he Passaro mui fermozo da grossura de hũ capão. tem no rabo dous Palmos de comprido. desde o bico pera baixo he tão amarello como fino ouro. E todo o mais resto de sima isto he costas E azas azul çeleste. de Maneira da cor uerde mar de maneira que paresse uestir hũ fatto de ouro fino E per sobre si hũ farregoulo de Damasco azul. o Inves das Penas assi nas azas como nas demais tudo he amarello. he passaro fermozissimo posto ao sol. tem o mesmo gosto da arara de que ja dissemos. fas so hũ filho nas tocas dos Paos. seu comer são coas etc.ª como as araras. os saluajes os estimão muito pelas cores de suas Penas de que elles fazê braçeoletes, capassetes etc.ª com que fazem seus folguedos.

Caninde é pássaro mui formoso de grossura de um capão, tem o rabo dois palmos de comprido, desde o bico para baixo é tão amarelo como fino oiro. E todo o mais resto de cima isto é costas e asas azul-celeste, de maneira da cor verde-mar, de maneira que parece vestir um fato de ouro fino e por sobre si um ferragoulo de damasco azul, o invés das penas assim nas asas como nas demais tudo é amarelo, é pássaro formosíssimo posto ao sol tem o mesmo gosto da arara de que já dissemos, faz só um filho nas tocas dos paus seu comer são côas, etc., como as araras, os selvagens os estimam muito pelas cores de suas penas de que eles fazem braceletes, capacetes, etc., com que fazem seus folguedos.

GUANIBU

(Fol. 98 e fol. 191 v.º)

guanibu he hũ pasoro deste tamanho que aqui esta pimtado e tem de duas castas e ha hum que tem o rabo como hũa forqua e este que tem o rabo como forqua he pardo (577) *pelo rabo e as azas o resto do sorpo* (sic) *pimtado de muitas cores poproro* (sic) *e uerde e*

(577) Seguem riscadas as palavras *desta cor.*

pardo e amarelo e ouro que estamdo ao sol parese oro mustarado (sic) *e outro he desta cor pardo tira de bramquo pela barigua e as azas e o rabo dum pardo tiramdo de preto e o resto do corpo uerde parecemdo ouro e he o mais pequeno pasoro desta tera ele quoamdo uai aboamdo parese hum borcatim* ([578]) *eles fazem muitos filhos e os ouos sam bramquos*

Guanibu é um pássaro deste tamanho que aqui está pintado e tem de duas castas e há um que tem o rabo como uma forca e este que tem o rabo como forca é pardo pelo rabo e as asas o resto do corpo pintado de muitas cores púrpura e verde e pardo e amarelo e ouro que estando ao sol parece ouro misturado e outro é desta cor pardo tira de branco pela barriga e as asas e o rabo dum pardo tirando de preto e o resto do corpo verde parecendo ouro e é o mais pequeno pássaro desta terra ele quando vai voando parece um bergantim eles fazem muitos filhos e os ovos são brancos.

ARARA

(Fol. 99 e fol. 191 v.º)

Arara hete (sic) *he tamanha como o canide e tem o biquo e os peis como papaguaio e tem o rabo de dous palmos de comprido ele* ([579]) *o lomguo do biquo e dos olhos não tem pena he cor de carne o pesquozo e a barigua uermelho as azas e o rabo uermelho* ([580]) *pimtadas damarelo e azul e uerde e uermelho e os olhos não se emfadam de os olhar e os saluagẽmis as estimão muito pelas cores de suas penas de que eles fazem brasaletes e capasetes ettt[a] que fazem seus folguedos e com que eles gornecem as espadas da guera e fazem os filhos em buraquos de paus e não fazem mais que hum e estes tres pasoros cam os mais mamsos desta tera e se eles istiueram emsinados falaram como papaguaio eu me espanto como os imsiamtes romanos foram tão coriozos de amortalharem hũ coruo e o emterarem e dizerem respocios* (sic) *por falar que fizeram eles se tiueram estes pasoros*

Arara é tamanha como o canide e tem o bico e os pés como papagaio e tem o rabo de dois palmos de comprido ele ao longo do bico e dos olhos não tem pena é cor de carne o pescoço e a barriga vermelho as asas e o rabo vermelho pintadas de amarelo e azul e verde e vermelho e os olhos não se enfadam de os olhar e os selvagens as estimam muito pelas cores de suas penas de que eles fazem braceletes e capacetes, etc., que fazem seus folguedos e com que eles guarnecem as espadas de guerra e fazem os filhos em buracos de paus e não fazem mais que um e estes três pássaros são os mais mansos desta terra e se eles estiveram ensinados falaram como papagaio eu me espanto como os imsiantes (?) romanos foram tão curiosos de amortalharem um corvo e o enterrarem e dizerem responsos por falar que fizeram eles se tiveram estes pássaros.

ARASOARE

(Fol. 99 e fol. 192)

Arasoare ([581]) *he pasoro pouquo mahor que hũ quanario e a quor he parda tira damarelo tem os peis e o biquo azul tiramdo de uerde e os ouos bramquos pimtados de pardo e fazem tres filhos e fazem nos em riba dos ramos*

([578]) Entre as letras *a* e *t* está riscada a letra *m*.
([579]) Segue riscada a palavra *tem*.
([580]) Esta palavra está entrelinhada.
([581]) Esta palavra está entrelinhada e riscada a palavra *Arapasoare*.

Arasoare é pássaro pouco maior que um canário e a cor é parda tira de amarelo tem os pés e o bico azul tirando de verde e os ovos brancos pintados de pardo e fazem três filhos e fazem-nos em riba dos ramos.

AYURU QUURIQUA

(Fol. 100 e fol. 192)

Ayuru quuriqua he papaguaio tamanho como hũa pomba e he todo uerde fora a cabesa que tem amarela e azul as pomtas das azas amarelas tiramdo dazul pardo as penas do rabo uerde e amarelo cor de laramia eles fazem os filhos em buraquos de pauos fazem tres e quoatro filhos os ouos são bramquos e quoamdo os emsinão falam muito bem

Ayuruquuriqua é papagaio tamanho como uma pomba e é todo verde fora a cabeça que tem amarela e azul as pontas das asas amarelas tirando de azul-pardo as penas do rabo verde e amarelo cor de laranja eles fazem os filhos em buracos de paus fazem três e quatro filhos os ovos são brancos e quando os ensinam falam muito bem.

MARAQUANA

(Fol. 100 e fol. 192)

maraquana he pasoro tamanho como papaguio (sic) *tem o rabo dum palmo de comprido tem o biquo e os peis como papaguaio e he uerde tiramdo damarelo e pardo e uerde mar e he hũ pacoro que fas muita perda aos lauradores pera apor* (sic) *o milho que o quome todo que sempre o amdam estar a olhar e sempre amdam maxo e femea em companhia e fazem os filhos como os outros e tambem quoamdo os emsinam falam*

Maraquana é pássaro tamanho como papagaio tem o rabo dum palmo de comprido tem o bico e os pés como papagaio e é verde tirando de amarelo e pardo e verde-mar e é um pássaro que faz muita perda aos lavradores para apor (?) o milho que o come todo que sempre o hão-de estar a olhar e sempre andam macho e fêmea em companhia e fazem os filhos como os outros e também quando os ensinam falam.

PAPAGAIO XIA

(Fol. 101 e fol. 192)

papagaio ([582]) *xia papaguaio tamanho como hũa melroa tem a cabesa e o pesquoso ate o estamoguo anil e o mais corpo uerde o rabo e as pomtas das azas uerde mar e azul em carnal e he hũ dos mum* (sic) *fermozos pasoros desta tera e quoamdo os emsinam a falar falam muito bem e fazem os filhos como os outros* ([583])

Papagaio xia papaguaio tamanho como uma mélroa tem a cabeça e o pescoço até o estômago anil e o mais corpo verde o rabo e as pontas das asas verde-mar e azul em carnal e é um dos mui formosos pássaros desta terra e quando os ensinam a falar falam muito bem e fazem os filhos como os outros.

([582]) Esta palavra está sobreposta à seguinte.
([583]) Tem à margem: *tuin.*

JIMDAIA

(Fol. 101 e fol. 192)

jimdaia he papaguaio tamanho como este que ariba anomeio e tem o rabo de hũa poleguada e tem o biquo e os peis como o papaguaio e des no biquo ate o estamoguo amarelo cor de laramia e o mais do corpo e o rabo uerde eles fazem os filhos como os outros ([584])

Jimdaia é papagaio tamanho como este que arriba nomeio e tem o rabo de uma polegada e tem o bico e os pés como o papagaio e desde o bico até ao estômago amarelo cor de laranja e o mais do corpo e o rabo verde eles fazem os filhos como os outros.

TOHIM HITE

(Fol. 102 e fol. 192 v.º)

tohim hite he hũ pequeno papaguaio he todo uerde tiramdo a metade das azas que tem amarelo e tem o biquo e os peis bramquos cor de carne e he hũ dos fermozos pasoros desta tera e fala muito bem e fazem os filhos em buraquos dos pauos e fazem simquo ou seis filhos ([585])

Tohimhite é um pequeno papagaio é todo verde tirando a metade das asas que tem amarelo e tem o bico e os pés brancos cor de carne e é um dos formosos pássaros desta terra e fala muito bem e fazem os filhos em buracos dos paus e fazem cinco ou seis filhos.

TOHI

(Fol. 102 e fol. 193)

tohi tamanho como este ([586]) *que ariba anomeio e he todo uerde fora a croa da cabesa que he cor de laramia e fazem seus filhos como os outros*

Tohi tamanho como este que arriba nomeio e é todo verde fora a coroa da cabeça que é cor de laranja e fazem seus filhos como os outros.

AIURUIU

(Fol. 102 e fol. 193)

Aiuruiu he papaguaio he mais pequeno que iuruquariqua e he tem o sorpo (sic) *todo amarelo e as pomtas das azas uerdes e he hũ pasoro que saben muito bem falar e fas seus filhos como os outros*

Aiuruiu é papagaio é mais pequeno que iuriquariqua e tem o corpo todo amarelo e as pontas das asas verdes e é um pássaro que sabe muito bem falar e faz seus filhos como os outros.

([584]) Tem à margem: *tuin.*
([585]) Idem.
([586]) A última sílaba desta palavra está entrelinhada.

HAIURU HITE

(Fol. 103 e fol. 193)

haiuru hite he papaguaio tamanha como hũa framgua e he todo uerde e a cabesa azul e amarelo e o meio das asas tem algumas pequenas penas uermelhas e he hum pasoro muito estimado nesta tera e em toda a parte e que pasa milhor o mar fazem os filhos em buraquos dos paus e não fazem mais que dous e os ouos cam bramquos e amda cempre maxo e femia em companhia

Haiuruhite é papagaio tamanho como uma franga e é todo verde e a cabeça azul e amarelo e o meio das asas tem algumas pequenas penas vermelhas e é um pássaro muito estimado nesta terra e em toda a parte e que passa melhor o mar fazem os filhos em buracos dos paus e não fazem mais que dois e os ovos são brancos e anda sempre macho e fêmea em companhia.

QUEREIUHI

(Fol. 103 e fol. 193)

quereiuhi (587) *he pasoro tamanho como hũ timtilhão de portugual e tem o biquo e os peis dum pardo preto e depois do biquo e despois do biquo ate o rabo por riba das costas azul claro as penas gramdes das azas e o rabo preto e o papo puploro* (sic) *e do papo ate o rabo azul e he hũ pasoro muito istimado emtre os negros e lhe seruem de por no estamoguo quoamdo fazem seus pareseis*

Quereiuhi é pássaro tamanho como um tentilhão de Portugal e tem o bico e os pés de um pardo preto e depois do bico até o rabo por riba das costas azul-claro e as penas grandes das asas e o rabo preto e o papo puploro (?) e do papo até o rabo azul e é um pássaro muito estimado entre os Negros e lhe servem de pôr no estômago quando fazem seus pareseis (?).

YOROTI

(Fol. 104 e fol. 193 v.º)

yoroti he pomba do mato he ta[ma]nha como a de noso europa (588) *e tem a mesma cor tem a mesma uirtude como as de nosa europa* (589) *que quamdo o macho* (590) *more não se torna a femia a cazar e tambem quãode a femia more não se tor[na] o maxo a cazar e despois que hũ fiqua ueuuo não se pom mais em riba das ramas uerdes e os negros as dam a comer as molheres pera não terem comuercasão com outro omem e fazem dous filhos*

Yoroti é pomba do mato é tamanha como a da nossa Europa e tem a mesma cor tem a mesma virtude como as de nossa Europa que quando o macho morre não se torna a fêmea a casar e também quando a fêmea morre não se torna o macho a casar e depois que um fica viúvo não se põe mais em riba dos ramos verdes e os Negros as dão a comer às mulheres para não terem conversação com outro homem e fazem dois filhos.

---

(587) Esta palavra está entrelinhada; está riscada a palavra *queieiiiupaua.*
(588) Esta palavra está entrelinhada e riscada a palavra *oropo.*
(589) O *u* desta palavra está entrelinhado.
(590) Tem riscada a sílaba *xo* e sobreposta a sílaba *cho.*

CHERIUIUBA

(Fol. 104 e fol. 193 v.°)

cheriuiuba ([591]) *he pasoro do tamanho do outro e he todo azul tiramdo uerde mar desne baixo do biquo ate o estamogo e cor de laramia e as penas gramdes* ([592]) *das azas e o rabo preto e os peis e o biquo pardo e os negros o tem em muita estima como o outro e sam muito ralos e ce uem pouquos*

Cheriuiuba é pássaro do tamanho do outro e é todo azul tirando verde-mar desde baixo do bico até ao estômago e cor de laranja e as penas grandes das asas e o rabo preto e os pés e o bico pardo e os Negros o têm em muita estima como o outro e são muito raros e se vêem poucos.

PUQUASU

(Fol. 105 e fol. 193 v.°)

puquasu he pomba braba do noso portugual da mesma forma e feito e he muito bom comer e sam ralas e se uem pouquas e fazem dous filhos

Puquasu é como pomba brava do nosso Portugal da mesma forma e feitio e é muito bom comer e são raras e se vêem poucas e fazem dois filhos

POQUOHI

(Fol. 105 e fol. 194)

poquohi he hũa pequena pomba e da mesma cor e ha muito gramde camtidade e he muito bom comer e fazem dous filhos e os ouos cam bramquos

Poquohi é uma pequena pomba e da mesma cor e há muito grande quantidade e é muito bom comer e fazem dois filhos e os ovos são brancos.

ANU

(Fol. 106 e fol. 194)

Anu he hũ pasoro tamanho como o punho e he todo preto e a sua abitacão he pelas capueiras e a bordas dos rios ele não se quo[me] e fazem quoatro filhos

Anu é um pássaro tamanho como o punho e é todo preto e a sua habitação é pelas capoeiras e à borda dos rios ele não se come e fazem quatro filhos.

TIHEMIRIM

(Fol. 106 e fol. 194)

tihemirim ([593]) *he hũ pasarinho tamanho como hũ canario e he todo preto fora a cabesa que tem uermelha como camgue e camtam muito bem camtiguas do mato*

([591]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *quereiuua.*
([592]) Segue riscada a palavra *des.*
([593]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *tihimirim.*

Tihemirim é um passarinho tamanho como um canário e é todo preto fora a cabeça que tem vermelha como sangue e cantam muito bem cantigas do mato.

AMDURA

(Fol. 107 e fol. 194)

Amdura e ho morseguo e ha muito gramde camtidade e sam muito grãodes e seruem de cerugianis ([594]) *nesta tera que se hũa pesoa dorme com os peis descubertos uem morder nos dedos dos peis e prinsipalmente no dedo gramde e fas botar muito samgue e eu creio que eles fazem a iemte dormir que não nos cemtem morder e loguo de hũa ues que mordem leuam hũ boquado da carne fora*

Amdura é o morcego e há muito grande quantidade e são muito grandes e servem de cirurgiões nesta terra que se uma pessoa dorme com os pés descobertos vem morder nos dedos dos pés e principalmente no dedo grande e faz botar muito sangue e eu creio que eles fazem a gente dormir que não nos sentem morder e logo de uma vez que mordem levam um bocado da carne fora.

MAYRIA

(Fol. 107 e fol. 194)

mayria ([595]) *he hũ pasarinho do tamanho de hũ canario he todo preto fora a cabesa que tem bramqua como neue e camta sua camtigua do mato e fas dous ou tres filhos*

Mayria é um passarinho do tamanho de um canário é todo preto fora a cabeça que tem branca como neve e canta a sua cantiga do mato e faz dois ou três filhos.

IACAMI

(Fol. 108 e fol. 194 v.º)

he este passoro tamanho como hũ capão da cabeca pera baixo tira a preto pela garganta ([596]) *que parece rozado testado as costas tem parda os pes tirão a uerde o ninho o fas no chão os ouos são brancos E tira 4 ou 5 filhos canta por ambas as partes*

É este pássaro tamanho como um capão da cabeça para baixo tira a preto pela garganta que parece rosado tostado as costas tem parda os pés tiram a verde o ninho o faz no chão os ovos são brancos e tira 4 ou 5 filhos canta por ambas as partes.

MUTUM DO PARÁ

(Fol. 109 e fol. 194 v.º)

mutum do Para são de tres castas [*he do tama*[n]*ho d*[e] *hũ Peru o Pico he curuo rombo E uermelho todo he preto dirando a bariga que he branca mosqueado de preto o rabo branco os pes tirão a uermelho*

Mutum do Pará são de três castas é do tamanho de um peru o bico é curvo rombo e vermelho todo é preto tirando a barriga que é branca mosqueada de preto o rabo branco os pés tiram a vermelho.

([594]) Esta palavra está entrelinhada e tem riscada a palavra *seriuamis*.
([595]) Depois da primeira sílaba tem entrelinhadas as letras *yria* e riscadas as letras *riahiria*.
([596]) Estas duas últimas palavras estão entrelinhadas.

O OUTRO MOTUM

(Fol. 90 e fol. 188 v.º)

o outro motum he do mesmo tamanho em tudo he semelhante tirado que tem hua crista muito grande E grossa o bico he amarelo do papo abaixo he emcamusado os pes são uermelhos o resto do corpo preto ambos são passaros bons pera comer a carne dura ha muitos passaros destes o ninhos fa los aruores (sic) *os ouos são brancos tira 4 ou simco filhos*

O outro motum é do mesmo tamanho em tudo é semelhante tirado que tem uma crista muito grande e grossa o bico é amarelo do papo abaixo é encamusado os pés são vermelhos o resto do corpo preto ambos são pássaros bons para comer a carne dura há muitos pássaros destes o ninho fá-lo nas árvores os ovos são brancos tira 4 ou cinco filhos.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

IV

REPRODUÇÃO FAC-SIMILADA DO CÓDICE

S.t Louis ... Maranhão
vil du Brésil.

+

Historia dos animaes, e arvores do Maranhaõ.

Pelo muito Reverendo Padre Fr. Christovaõ de Lisboa Calificador do Santo Officio, e fundador da Custodia do Maranhaõ da Recolecçaõ de Santo Antonio de Lisboa.

Anno

Indice dos peixes

Acara fol. 56. e 165. vv. e 175 vv.
Acara acori fol. 56 e 168.
Acara asu parecemse có sargos. fol. 12 e 169.
Acaracoro fol. 9. e 166.
Acarapeti fol. 39. e 174.
Acarapitanga. fol. 4 e 164 vers.
Acarapitanga. fol. 9. e 164 vers.
Amoret fol. 40. e 58. e 174 e 175. vv.
Amoreta fol. 2. e 164. vers.
Amoreta pocu fol. 8. e 165. vv.
Aramassa fol. 59. e 175. vv.
Aramatta lingoado fol. 11. e 12. e 166. e 175. vv
Araberi asu Sardinha. fol. 14. e 166. vv
Aragory. fol. 15. e 167.
Arreaya fol. 28. e 19. e 168.
Arugana. fol. 48. e 175.
Avacatohi peixe gallo fol. 10. e 166.
Ayarene fol. 53.

A

Bajaeu fol. 23. e 24. e 168. vv.
Bajaetim fol. 24. e 169.

Cacam fol. 8. e 165. vv.
Cayoyu fol. 52. e 175.
Camarao fol 42.
Camori Robalo fol. 3. e 164. vers.
Caracoro. fol. 20. e 168.
Caramoru morea fol. 6. e 165.
Carapotiti fol. 16.
Castd de castrão pana pana fol. 7.
Ceri. fol. 26. e 169. vv.
Chareu das ilhas guarabi fol. 10.
Corimata fol. 33. e 172.
Corvina fol. 20.
Courovari. fol. 59. e 175. vv.
Curuari. fol. 47.

Enxarrocos Racams. fol. 8. e 165. vv.
Enxovas guaraanha fol. 13. e 166.

Fabebu geneim fol. 38. e 168.
Feigu. fol. 40. e 174

Gara peixe boi fol. 1. e 164. sua Varaya
Gara. chareu das ilhas fol. 11. e 166.
Gebebura fol. 19. e 168. e 172 vv.
Guarahi chareu das ilhas fol. 10. e 166.
Guara tibira fol. 4. e 164. vers.
Guaraanha saõ como enxovas fol. 13. e 166
Guaramaru fol. 27. e 170.
Guatupupa pescada fol. 20.
Gualucupa fol. 45. e 168
Guavragua peixe boy fol. 1. e 164
Gebebura arraya. fol. 19. e 170.
Gerara fol. 43. e 174. vv.
Goara pocu peixe terra fol. 3. e 164. vers.
Gorcana fol. 25. e 169. vv.
Guora vira fol. 5. e 165.
Guraara. fol. 60. e 175. vv.
Guribagre fol. 17. e 167.
Guri atubaia bagre fol. 17. e 167. vv.

Jacondatinima fol. 45.
Jacunda asu fol. 53. e 175.
Jigon fol. 58. e 175. vv.
Jriave fol. 49. e 175.

Itimirjra roncador fol. 21. e 168. vs.
Itimoçu peixe agulha fol. 5. e 165.
Jundia fol. 59. e 173. vs.

Lingoado Aramassa fol. 11. e fol. 12.

Mandi fol. 51. e 175.
Mandubé fol. 37. e 173. vs.
Mannubi fol. 37. e 173. vs
~~Moro fol 2.~~
Monsu enguia fol. 35. e 173.
Morea Caramoru. fol. 6. e 165.
Mossoinha fol. 39. e 174.
Mota mota fol. 44. e 174. vs.
Movani fol. 55. e 175. vs.

Pira cana fol. 13. e 166. vs.
Pira jucheri. fol. 16. e 166. vs. 167.
Piramataba. fol. 44. vide Timiri fol. 175.
Piranha fol. 36. e 173.
Pira perna. fol. 2. e 164
Pirajper. fol. 32. e 172
Pira pitibabo fol. 7. e 165. vs.
Piraquiva. fol. 18. e 167. vs.
Pira una. fol. 2. e 164. vers
Pirauruçu. fol. 57. e 175. vs.
Pitim pitinga fol. 24. e 169.
Porcotin. fol. 5. e 165.
Poty. fol. 25. e 169. vs. e 174 vs.

Robalo camory. fol. 3. e 164. vs.
Roncador. Itimirjra. fol. 21. e 168. vs.

Pacamo parece se co o sejparroco. fol. 8. e 165. vs.
Pana pana casta de calçaõ. fol. 4. e 165. vs.
~~Paraguagua fol. 6.~~
Paraque fol. 35. e 172. vs.
Paraty. fol. 16. e 167.
Paru peixe enxada fol. 21. e 168
Peeruçata fol. 27. e 170.
Peixe gallo Avacatohi fol. 10. e 166.
Peixe boi gara fol. 1. e 167
Peixe serra guara pocu. fol. 3. e 164. vs.
Peixe agulha Itimoçu fol. 5. e 165.
Peixe enxada Paru. fol. 21. e 168.
Peixe cavallo Pira cabaru fol. 22. e 168. vs.
Pescada Guatupuga fol. 20.
Piau fol. 60. e 175. vs.
Pirabeve voadores fol. 18. e 166. vs. e 167. vs.
Pira cabaru peixe cavallo. fol. 22.
Piracicaon fol. 51. e 175.
Pira iaguara fol. 54. e 175.

Sarago. fol. 45.
Sardinha Araberi atu fol. 14. e 15.
Sargo Acara atu fol. 12. e 166
Sordbin fol. 33. e 172.
Sovi fol. 52. e 175.

Saraquipira fol. 14. e 166. vs.
Saraira fol. 34. e 172. vs.
Samoata fol. 41. e 174. vs.
Sarerire fol. 50. e 175.
Sata poy atu casta de Sardinhas fol. 15. e 166. vs
Sarguape fol. 41. e 174
Sovi fol. 34. e 172. vs.
Sucunare fol. 50. e 175.

Vacari. fol. 55. e 175. vs.
Vacoçoba fol. 23. e 168. vs.
Vacu fol. 175.
Varer fol. 49. e 175.
Varu varu. fol. 13. e 166. vs.
Voadores Pirabeve fol. 18.

Indice dos animaes

Bugio Machacha fol. 68.

Camalião Synimbu fol. 72.
Capivara fol. 62.
Coelho Savoya fol. 66.
Corso Suasu fol. 64.
Curiara fol. 73.

Machacha. fol. 67. Bogio.
Maracaya fol. 67.

Paca fol. 63. e 65.
Pagiou fol. 67.
Porco tarasu fol. 68.
Prigritta fol. 71.

Quasiui fol. 69.
Quati fol. 63.

Savoya coelho, q tem feição de rato. fol. 66.
Synimbu, camalião fol. 72.
Suasu veado, ou corço fol. 64.

Tamandoay fol. 62.
Tamanduá fol. 69.
Tambu fol. 66.
Tarasu porco fol. 68.
Tatu. fol. 65.
Tijuasu. fol. 72.

Veado Suasu. fol. 64.

Indice das aves.

Acara obu fol. 78. e 185.
Agapa fol. 79. e 185. vs.
Ara fol. 106 e 194
Ayara colherereira fol. 80. e 185. vs.
Aiuru casta de papagayo. fol. 102. e 193.
Araçoam fol. 91. e 124 vs.
Ajuruite papagayo fol. 103. e 192. e 193
Arara fol. 99. e 191. vs.
Aru fol. 106. e 194
Araruna fol. 95. e 190. vs.
Andura morcego fol. 107. e 194
Arasari tocano fol. 86. e 187. vs.
Atipiba fol. 128.
Araçoare fol. 99. e 192.
Aty atu. fol. 80. e 94. e 185. vs. e 191. vs
Arapeçoca. fol. 82. e 186. vs.
Aoçurou papagayo fol. 100.
Caburé. fol. 96. e 190. vs.
Caride. fol. 98. e 191. vs
Caracará gifam
Caran. fol. 83. e 186. vs.
Catoi. fol. 108.
Chereu juba fol. 104. e 193. vs
Curuja orucuia. fol. 97. e 191
Guahi tocano fol. 86. e 187. vs
Guara. fol. 84. e 187.
Guararuna fol. 82. e 186 vs.
Guara atu fol. 94. e 190.
Guarimbu fol. 98. e 191. vs.
Guarembu fol. 98.
guariuma fol. 84 e 187.
Guindaide jandaya casta de tuim fol. 101. e
Guraatu hegavias fol. 89. e 188. 192 vs
Guratinga obu fol. 77. e 184 vs.
Guratinguá mirim fol. 78. e 185.
Guraruna fol. 96. e 191.

Hemia. fol. 88. e 188.

Jaboru fol. 75 e 184.
Jacami fol. 108. e 194 vs.

Jaeu fol. 91. e 188 vt
Japehi fol. 92. e 189.
Jeroti he pomba fol. 104 e 193. vt.
Jnabou miri fol. 95. e 190 vt.

Laboru fol. 75.

Maguari fol. 76. e 184. vt.
Mayria fol. 107 e 194.
Maracana he casta de papagayo fol. 100. e 192
Marreca poteri fol. 81. e 186.
Migua. fol. 79. e 185.
Morcego Andura fol. 107. e 194.
Motum fol. 90. e 188. vt.
Motu do para fol. 109 e 194 vt.

Opecu fol. 92. e 189 vt.
Orucuiria Curuja fol. 97. e 191.
Ovariaman fol. 84. e 187.

Para ——— f 65
Papagayo avurou fol. 100. e 192.
Papagayo maracana fol. 100. 101. e 102. e 103. e 192.
Perdiz Jaracopitanga fol. 90. e 188.
Pocohi fol. 105. e 194
Pomba Jeroti. fol. 104 e 193. vt.
Potiry fol. 81. e 186.
Poteri marreca fol. 81. e 186.
Pucasu he como pomba fol. 105. e 193. vt.

Quereiuhi fol. 103. e 193.

Sahi fol. 97. e 191.
Jaracopitanga he como perdiz fol. 90. e 188. e vt.

Jamatian fol. 85. e 187. vt.
Joay osto turmite fol. 102.
Jocana fol. 93. e 189. vt.

Jogeju fol. 74 e 184
Jotui fol. 83. e 187.
Jihemirim fol. 106. e 194
Jinguara fol. 91. e 189.
Juim de outra casta fol. 102. e 192 vt.

Vacho tocano fol. 87.
Vpeca fol. 81. e 186.
Vrege tocano fol. 93. e 190.

Jndice das arvores.

Algodão Maneju fol. 135. e 180
Amigua fol. 126. e 178. vt.
Ananaj fol. 120. e 177. vt. e 183. vt
Anana de para fol. 163.
Anhauba fol. 183
Arasa fol. 129. e 150. e 179
Arasa aju. fol. 182.
Arasa merim fol. 151.
Arasa una fol. 182.
Araçaminha fol. 123. e 178.

Balancia vuahem fol. 116. e 177.
Batata Gytigua fol. 114. e 176. vt.
Biriva, y mirua. fol. 149. e 182.

Cabaco vpha fol. 121. e 177 vt.
Cais. fol. 179. vt.
Cara fol. 111. e 176.
Caraguatha fol. 144. e 181. vt.
Comana caru fol. 156. e 182. vt.
Comanda feijão. fol. 117. e 177.
Comenda goura feijão de pao. fol. 119. e
Curite fol. 145. e 181. vt. 177. vt

Cratiuna fol. 160.

Creitiuna. fol. 161. e 183.

Feijão comanda. fol. 117. e 177.

Guayana timbo fol. 157. e 183.
Geromu fol. 113. e 176. Vs.
Ginipapo. fol. 124. e 178.
Gytiqua Batata fol. 114. e 176. Vs.

Jaraquatia fol. 127. e 178. Vs.
Jiha fol. 177 Vs.
Inaya palma dequi saem os melhores palmitos fol. 153. e 177. Vs.
Inambucaru fol. 140. e 181.
+ Ibonquiaba, não se come faz purgar. fol. 125. e 178. Vs.
Imbambu fol. 118. e 177.

Mamoeiro fol. 146. e 181. Vs.
Mandioqua. fol. 110. e 176.
Maneju Algodão. fol. 135. e 180.
Mangaba fol. 158. e 183.
Maracuja hi fol. 138. e 180 Vs. e 181. Vs.
Maracuja merim fol. 139. e 181.
Maraquia assu. fol. 137. e 142. e 180 Vs.
Margovia. fol. 143.
Mendoim. fol. 113. e 176. Vs.
Morici. fol. 132. e 179. Vs.
Moriti fol. 155. e 182. Vs.

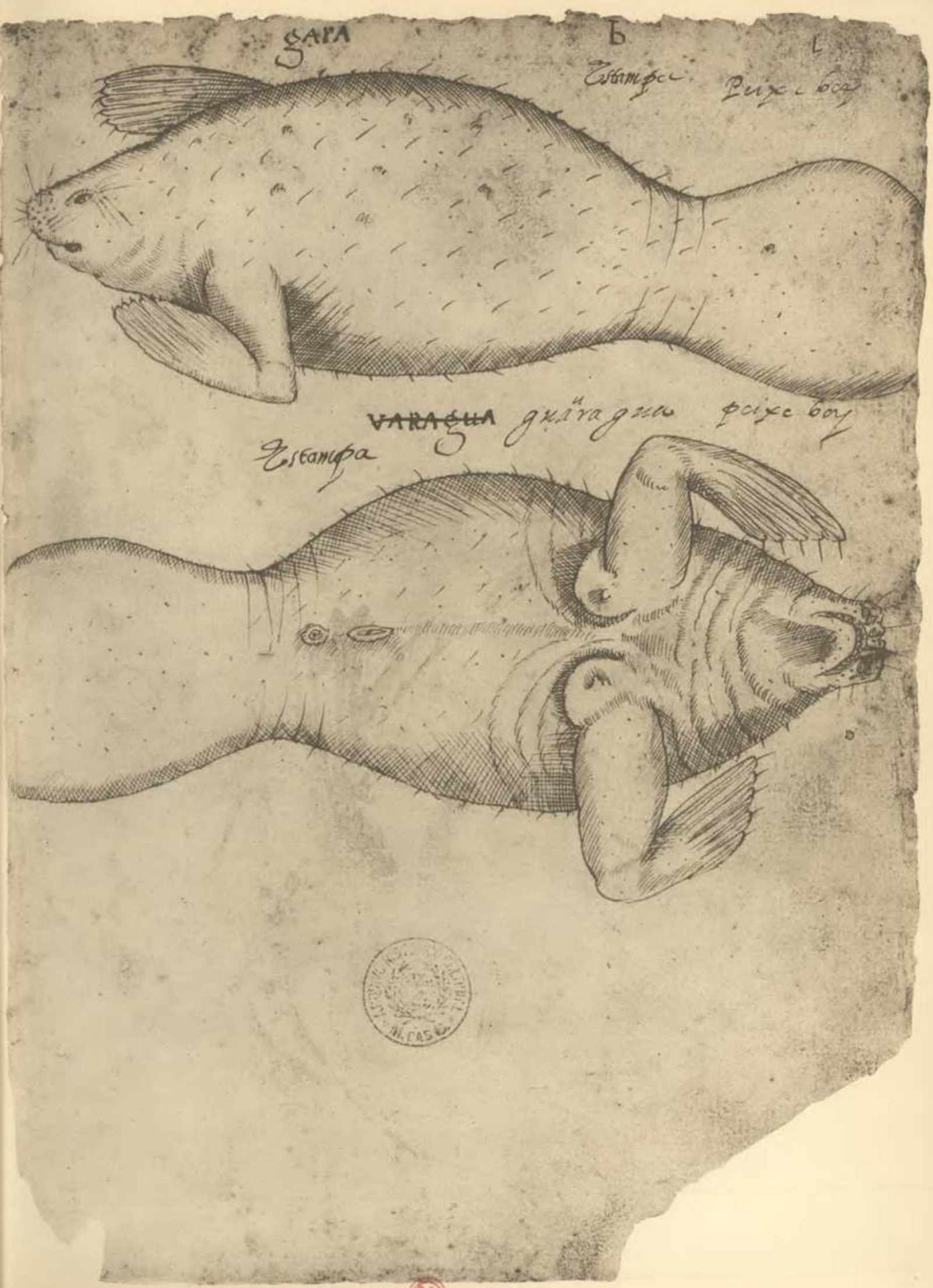
Pacoveira fol. 147. e 182
Pacoveira comprida fol. 148.
Palma Inaya fol. 153. 177. Vs.
Paquori fol. 131. e 179. Vs.
Pindobia ite fol. 152. e 182. Vs.
Pimenta quiinha fol. 136. e 180. Vs.

Guaja fol. 133.
Guaju fol. 130. e 179.
Quiinha pimenta fol. 136. e 180 Vs.

Sapucaia fol. 122. e 178.
Sequeriba fol. 162. e 183.

Tamotareana fol. 112. e 176. Vs.
Taroba fol. 118.
Timbó do Rio fol. 183.
Timbonieu fol. 159 e 183.
Tucum fol. 154.

Vbapeva fol. 141. e 181.
Vpha cabaco fol. 121. e 177. Vs.
Vrroceu fol. 134. e 180
Vvahem balancia fol. 116. e 177.
Vvayainha fol. 128. e 179.


gara
Ь
l
Estampe Rijxe boy
VARAGUA dyāvadzo fijxe boy
Estampa

mero

piraeu, uru

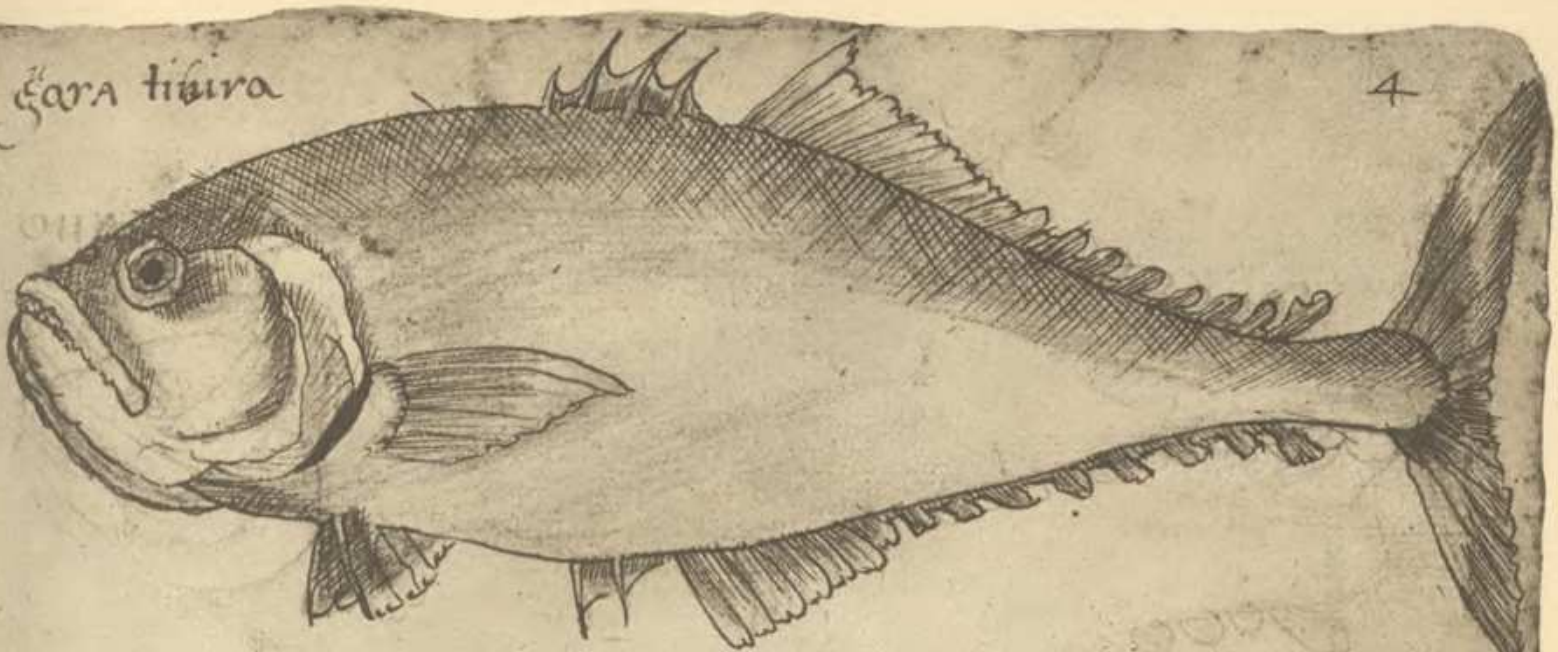
pirapema

AMoreia

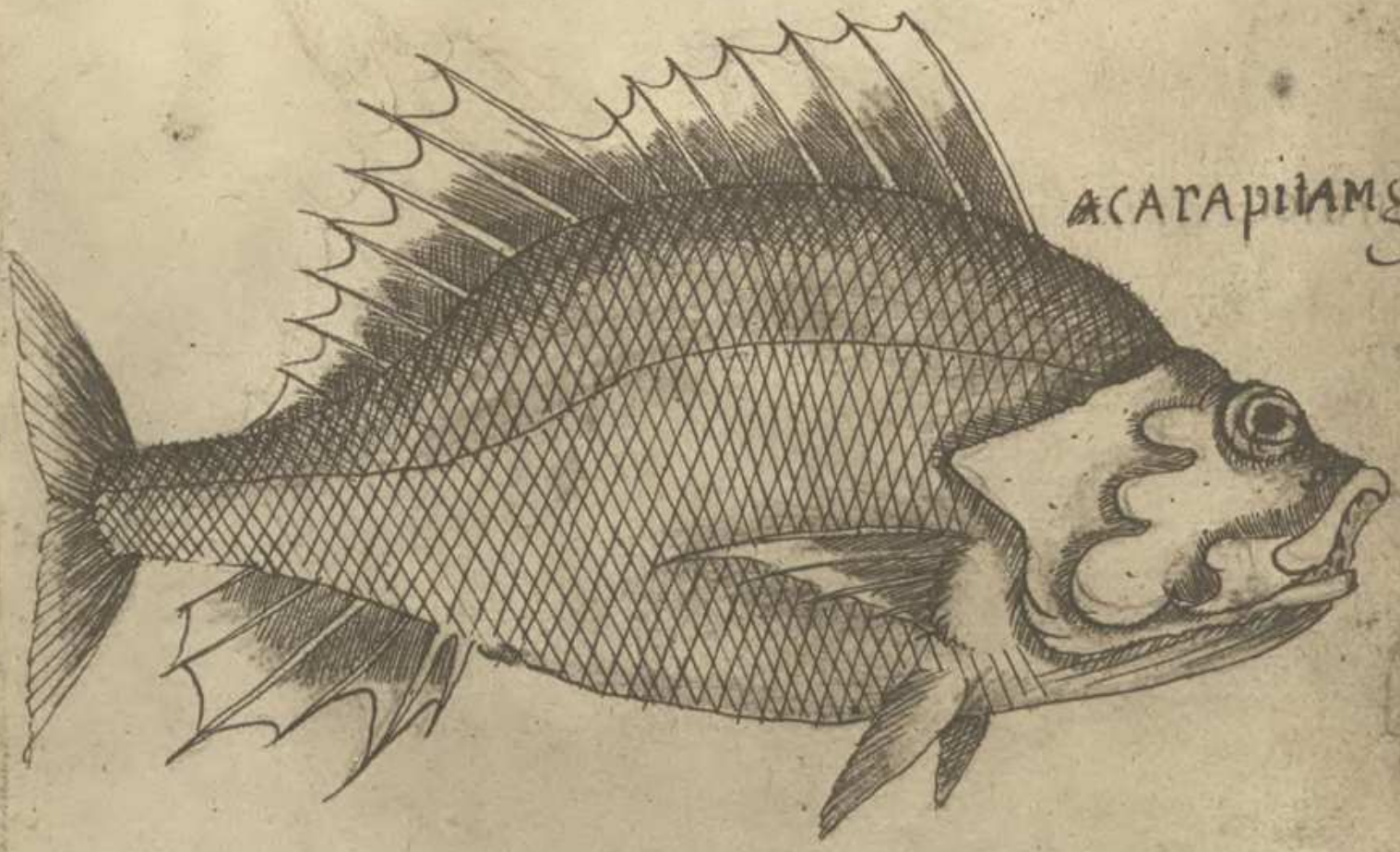
BIBLIOTECA NACIONAL

CAMORVM
3
goara poc
+ Estampa
peixe d'orro

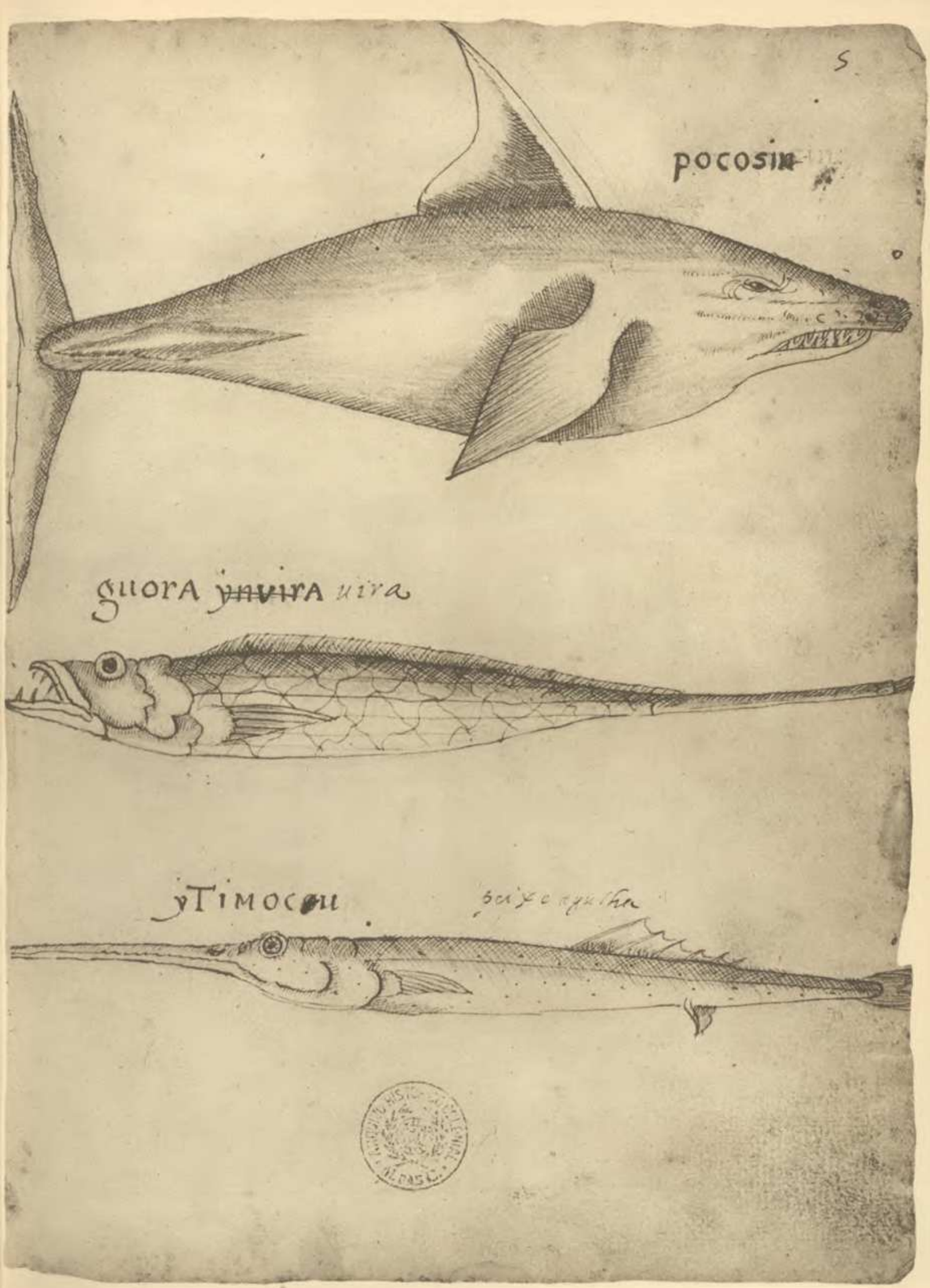
Gara tibira



ACARAPITAMGA



M. CAS C.

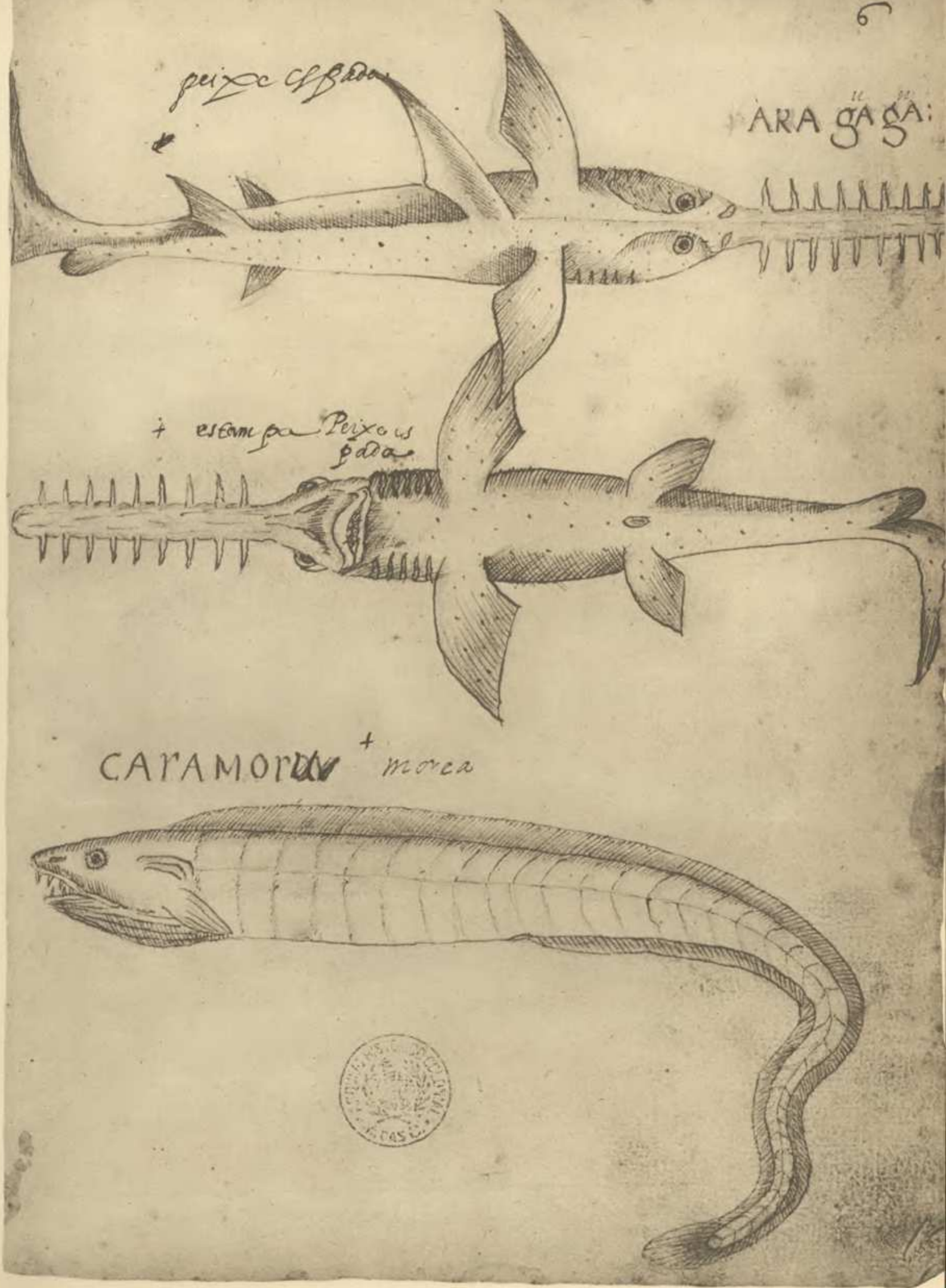

5
pocosin
guora ~~yiuira~~ uira
yTimocou

peixe cabeça

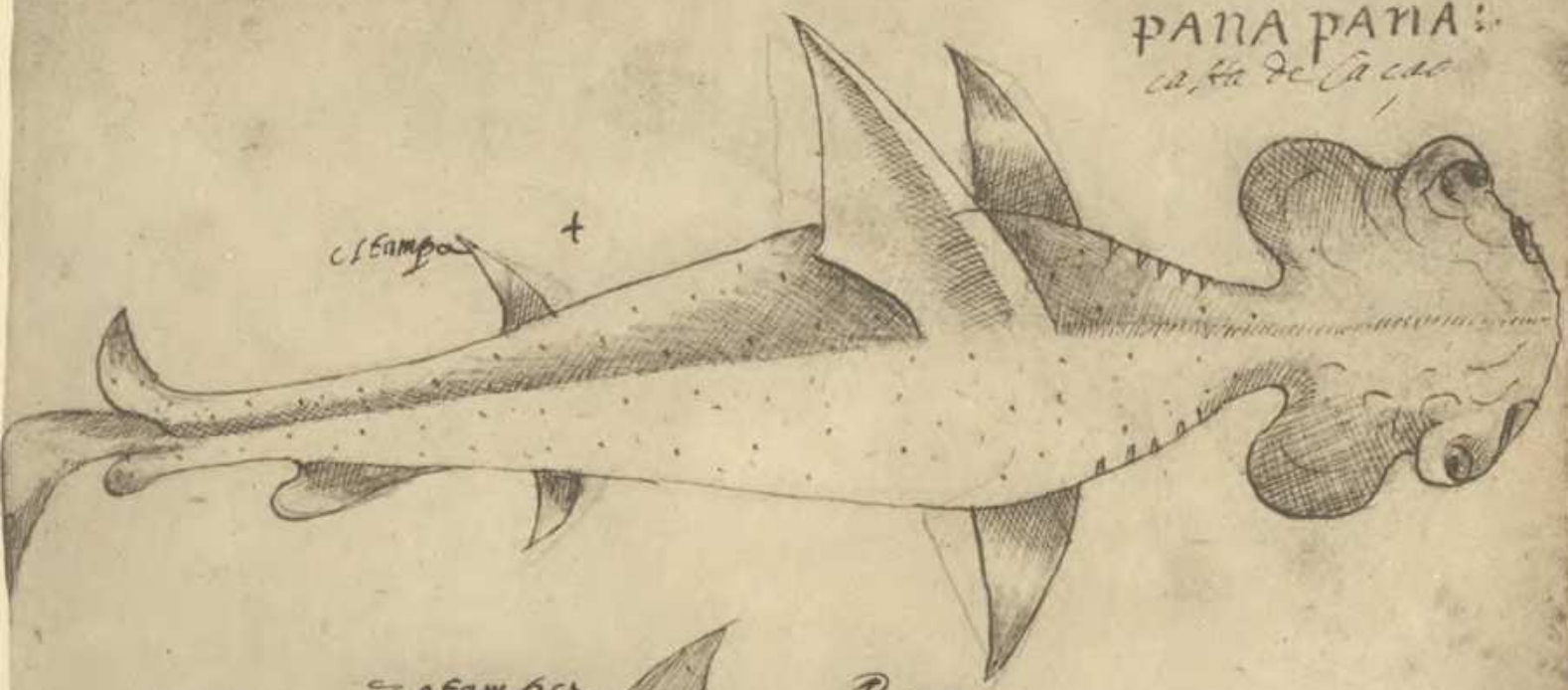
ARAGAGA:

+ estampa Peixes
pda

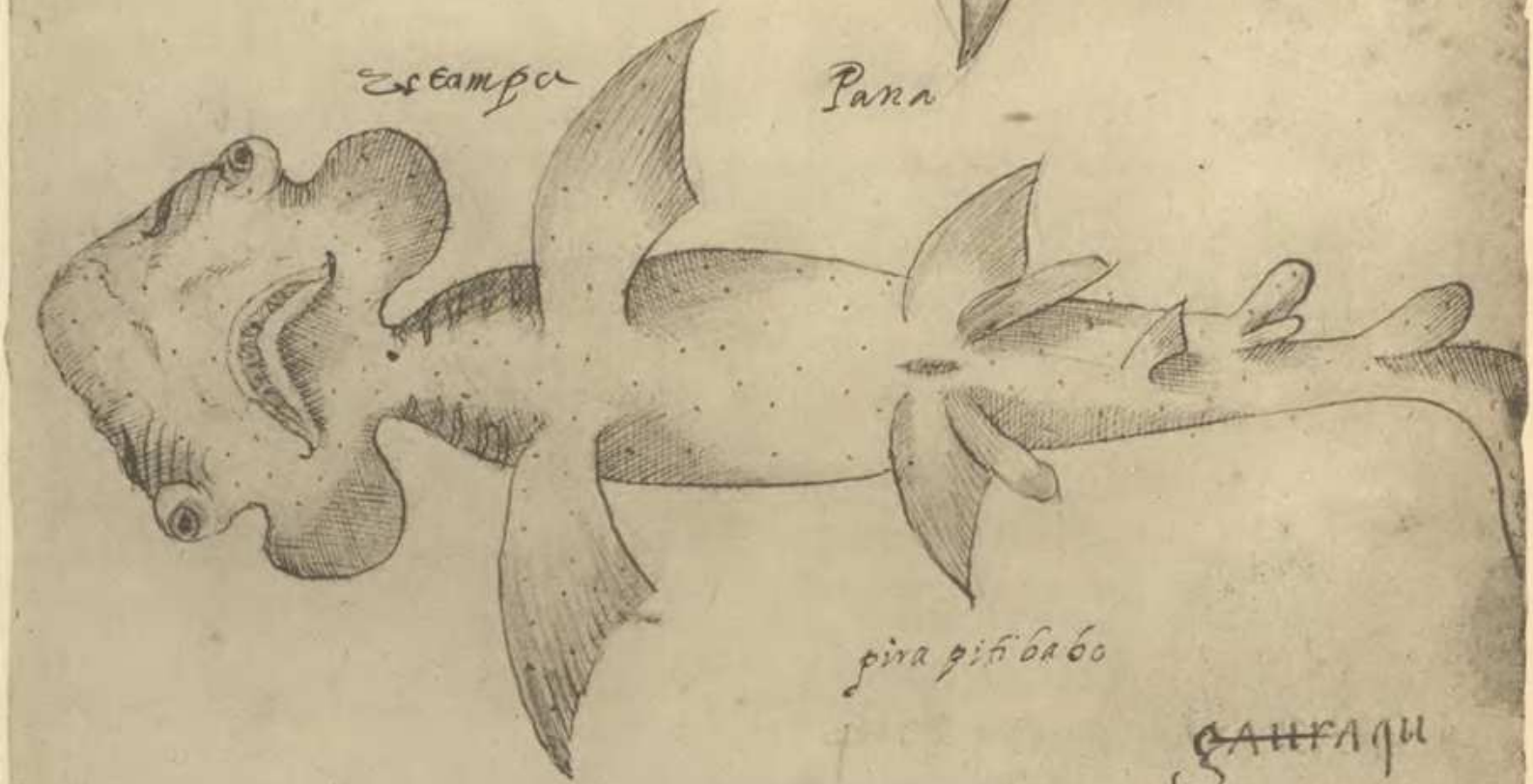
CARAMORÃ + morea



PANA PANA:
cabeça de cão



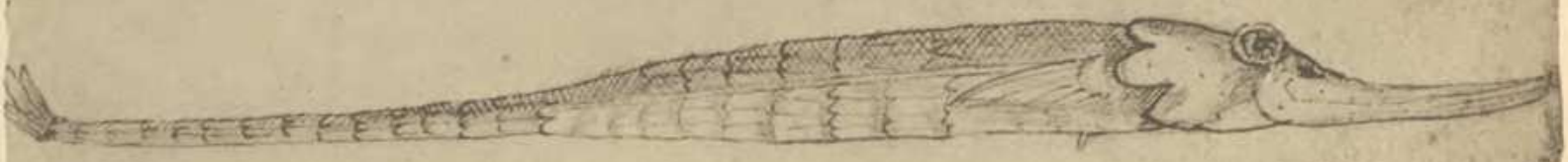
Estampa

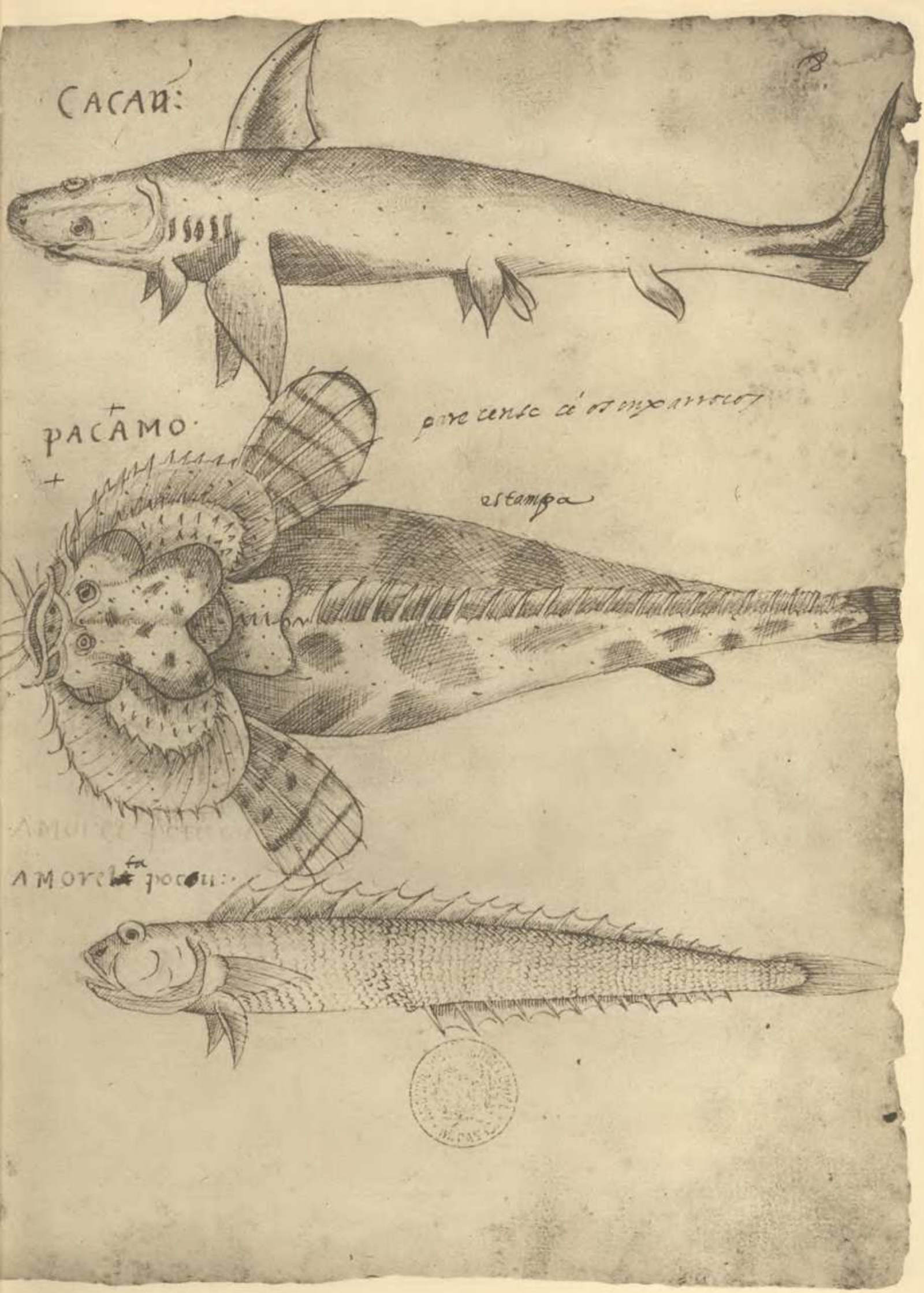


Pana

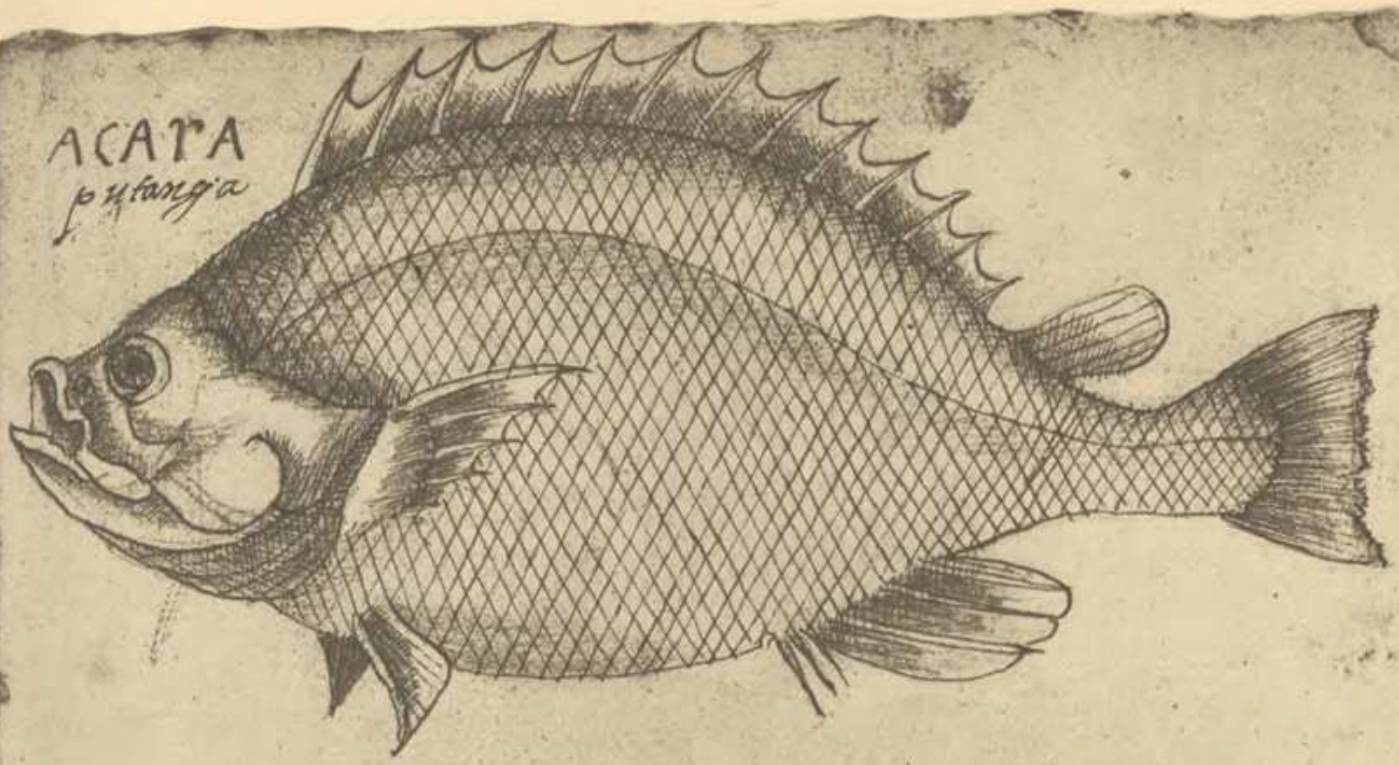
pira pirábaba

guaraqui

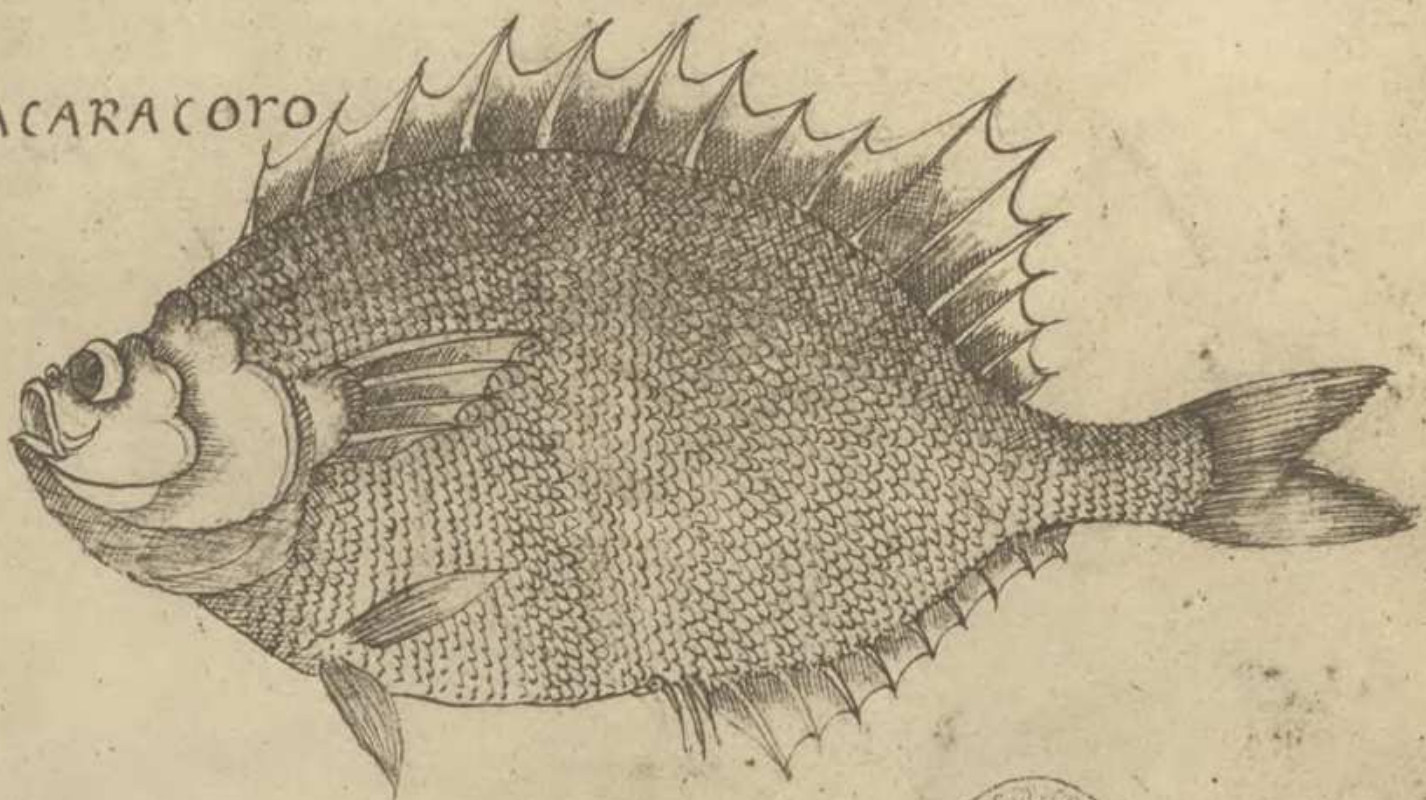



CACAU:
PACAMO.
AMORETA

ACARA
pytanga



ACARACORO

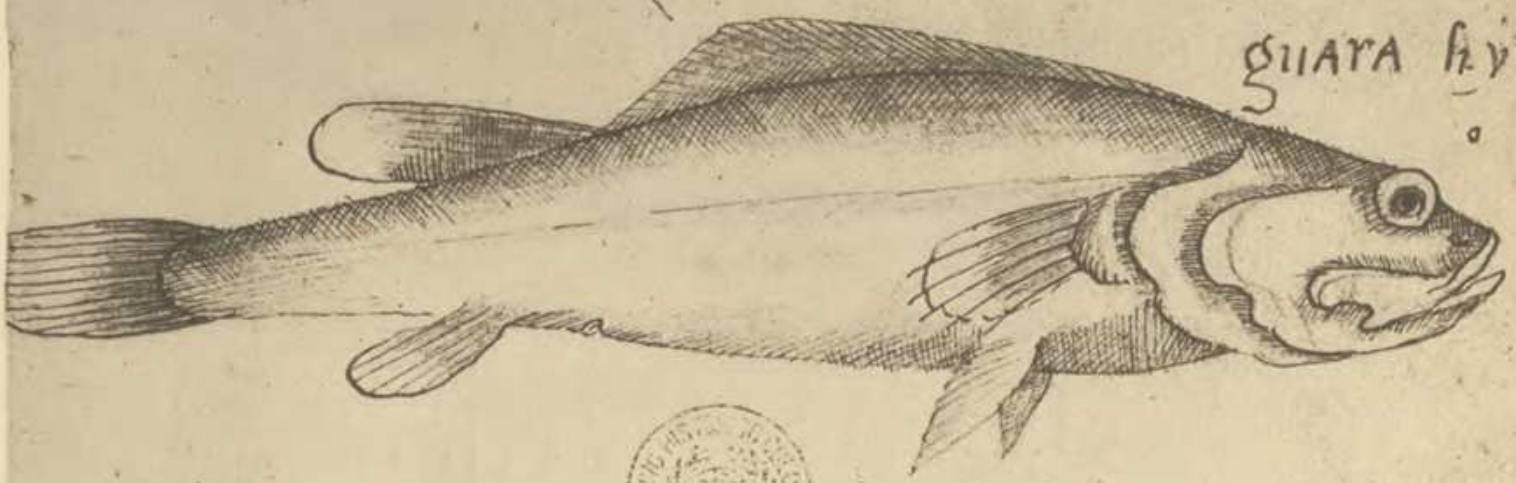


MUSEUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE PARIS

A VACA [illegible] hyé · guipe galo

charem das Vhas

GUARA hyé

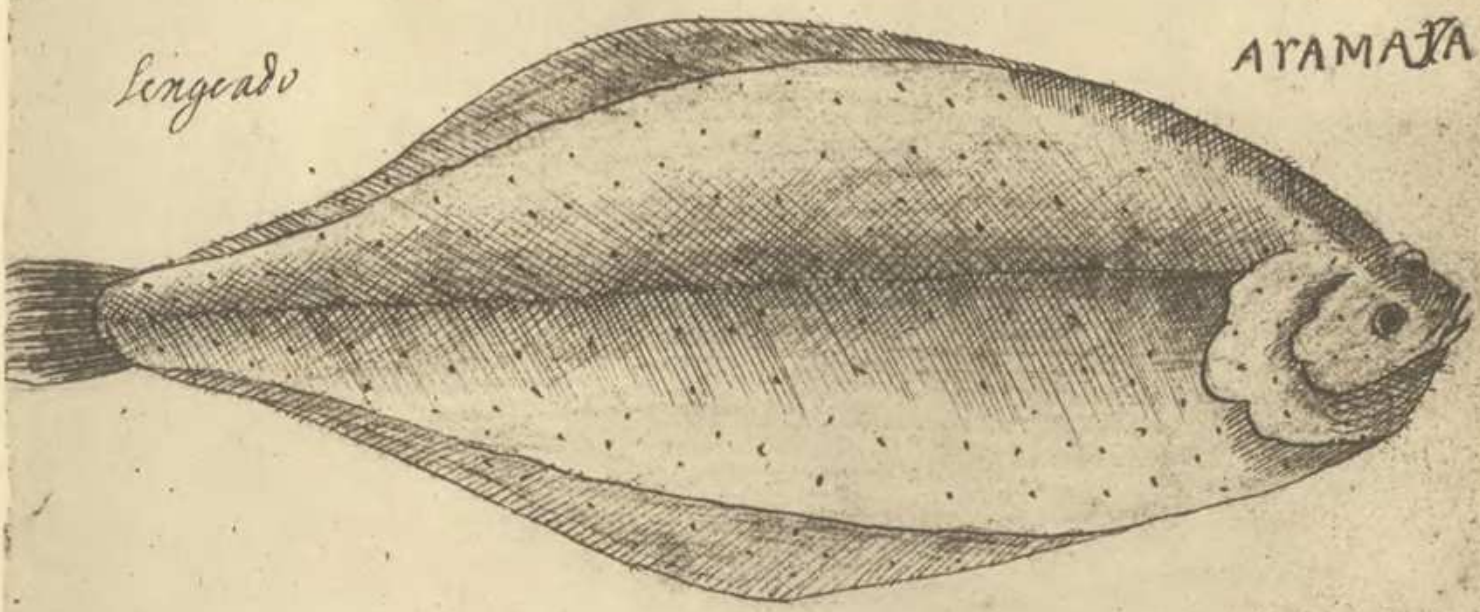


guara :.

charen das vieas

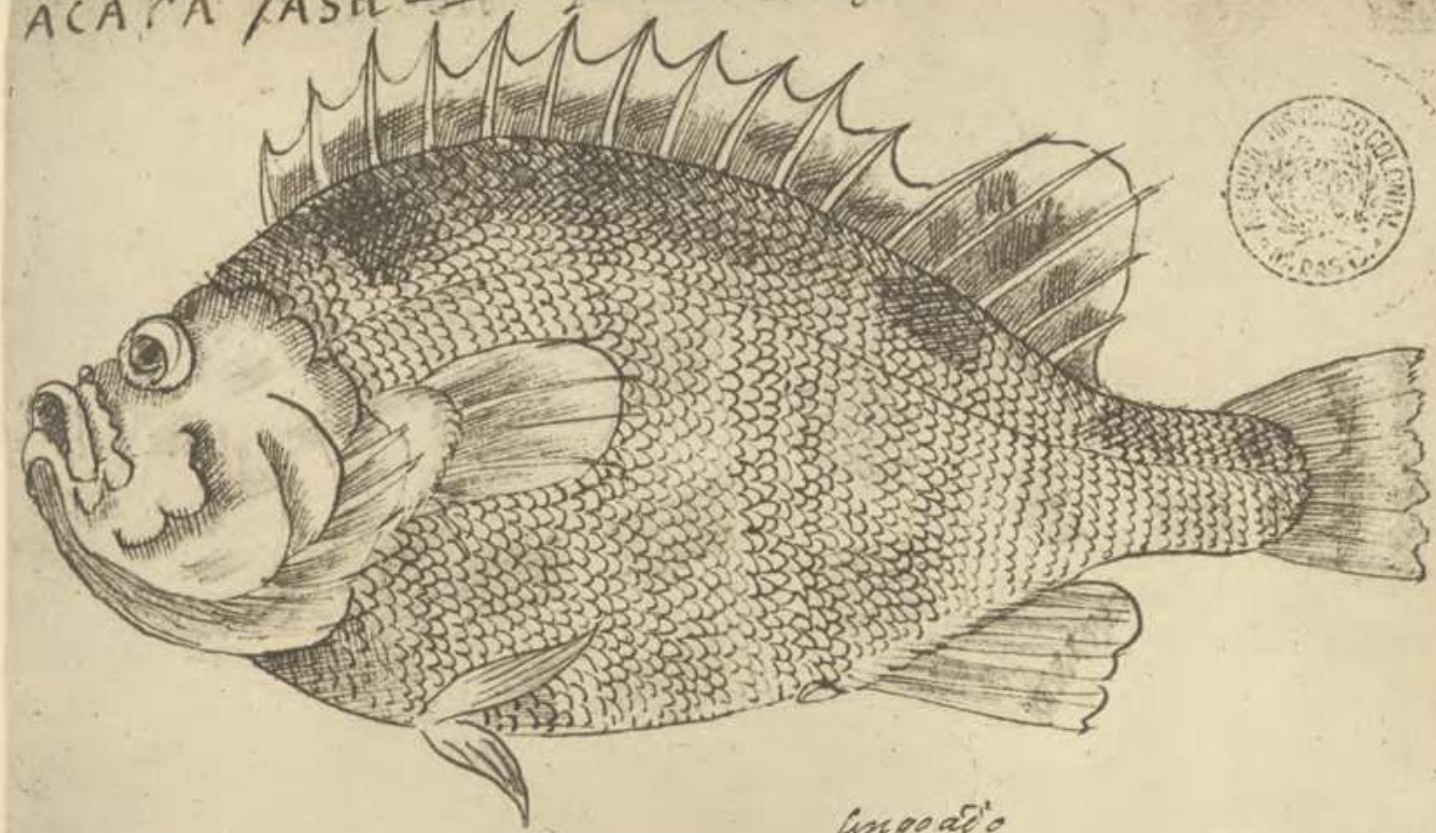
Lenguado

ARAMAYA :.



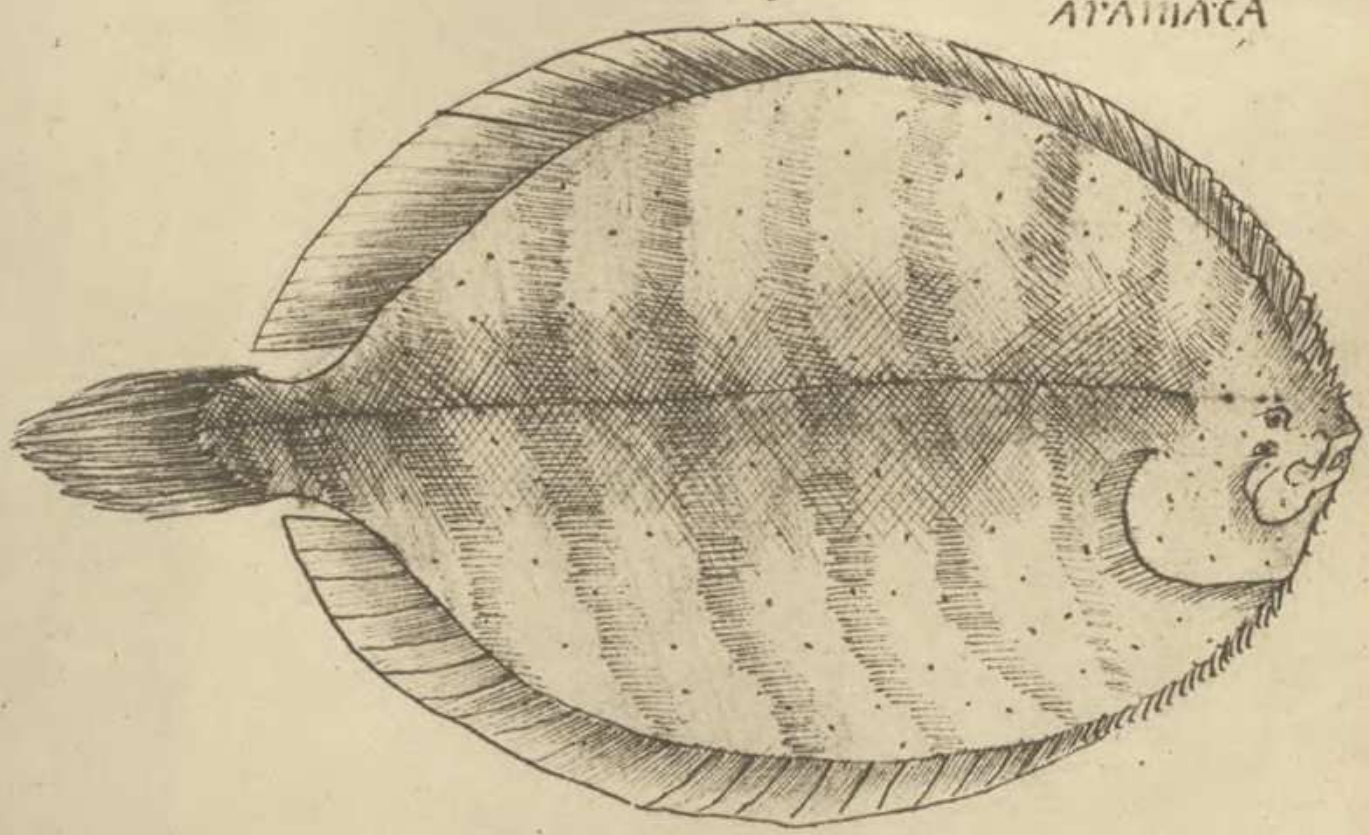
ACARA PASU

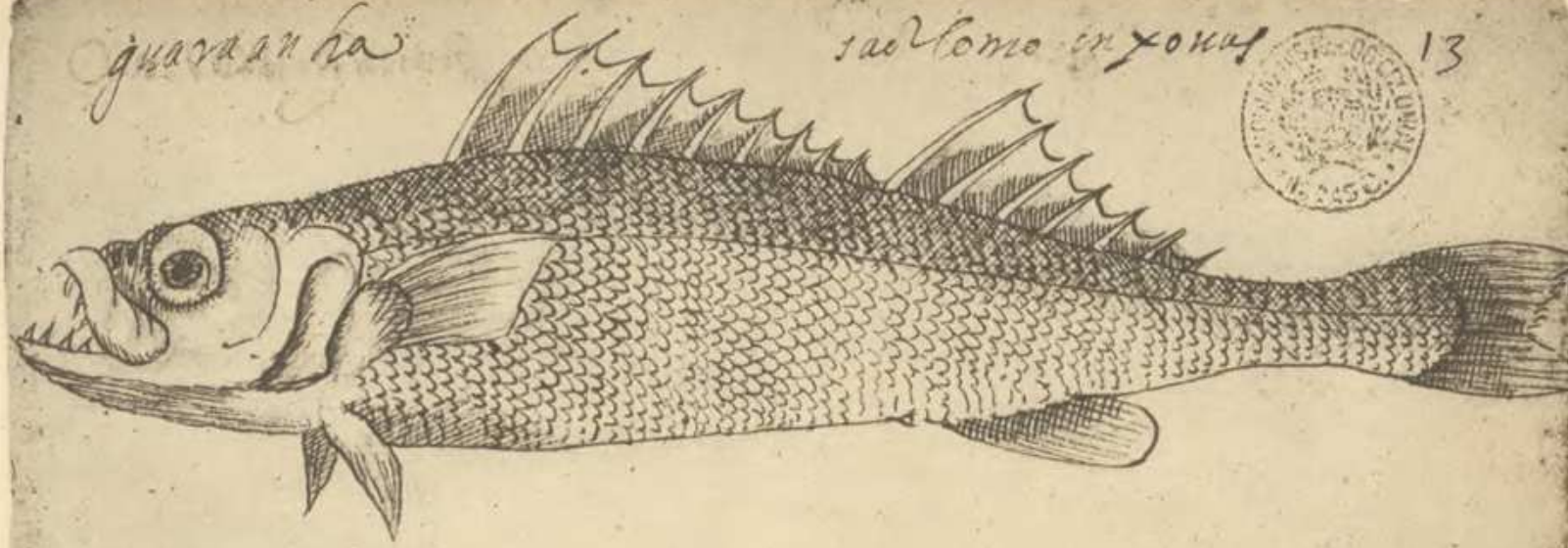
parece ser corvina

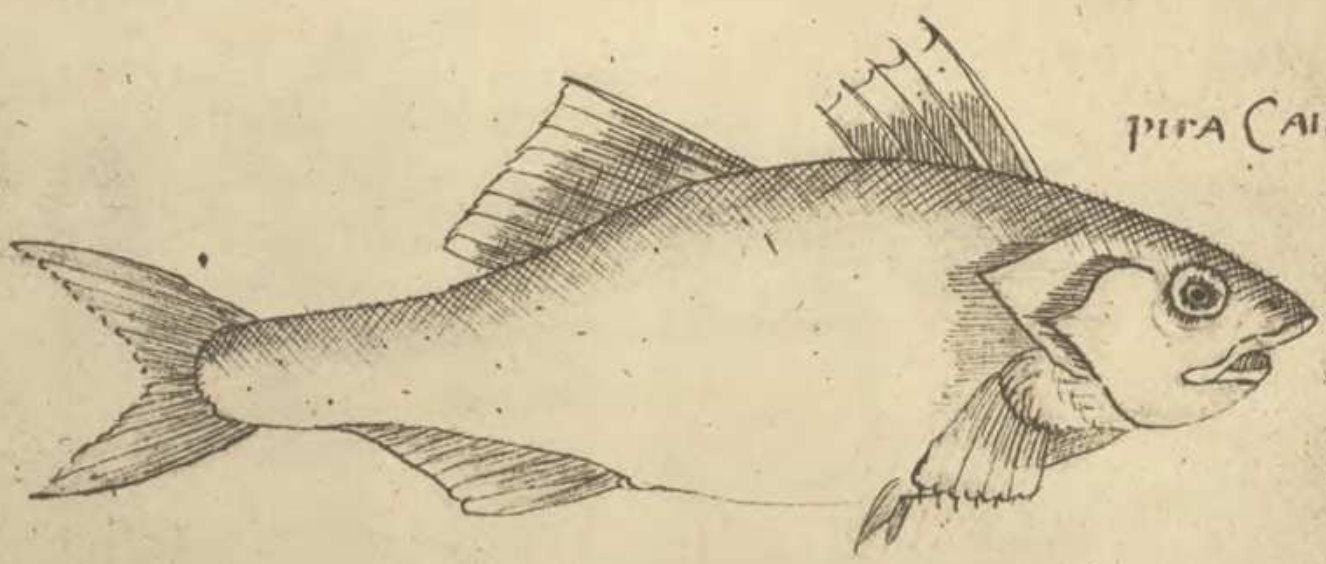


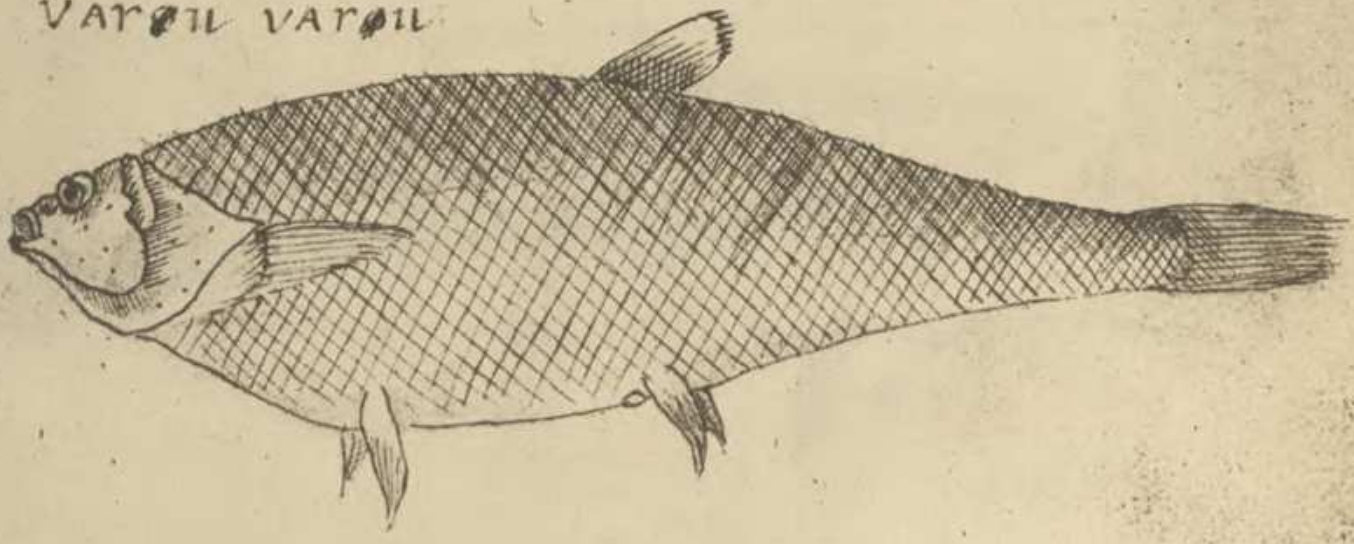
longado

ARAIARA

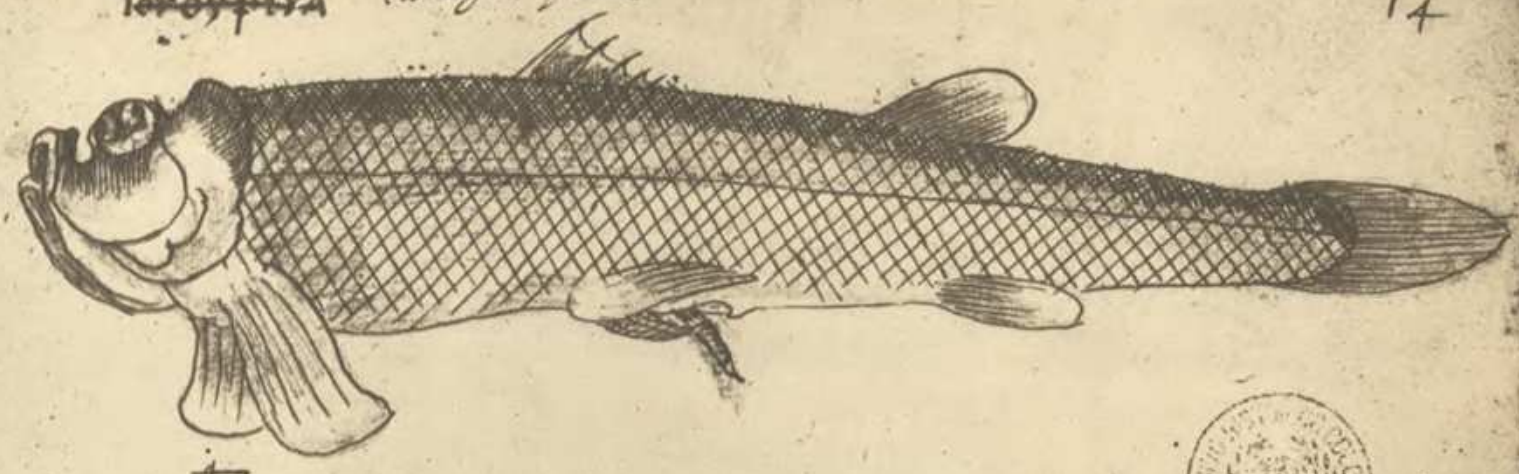




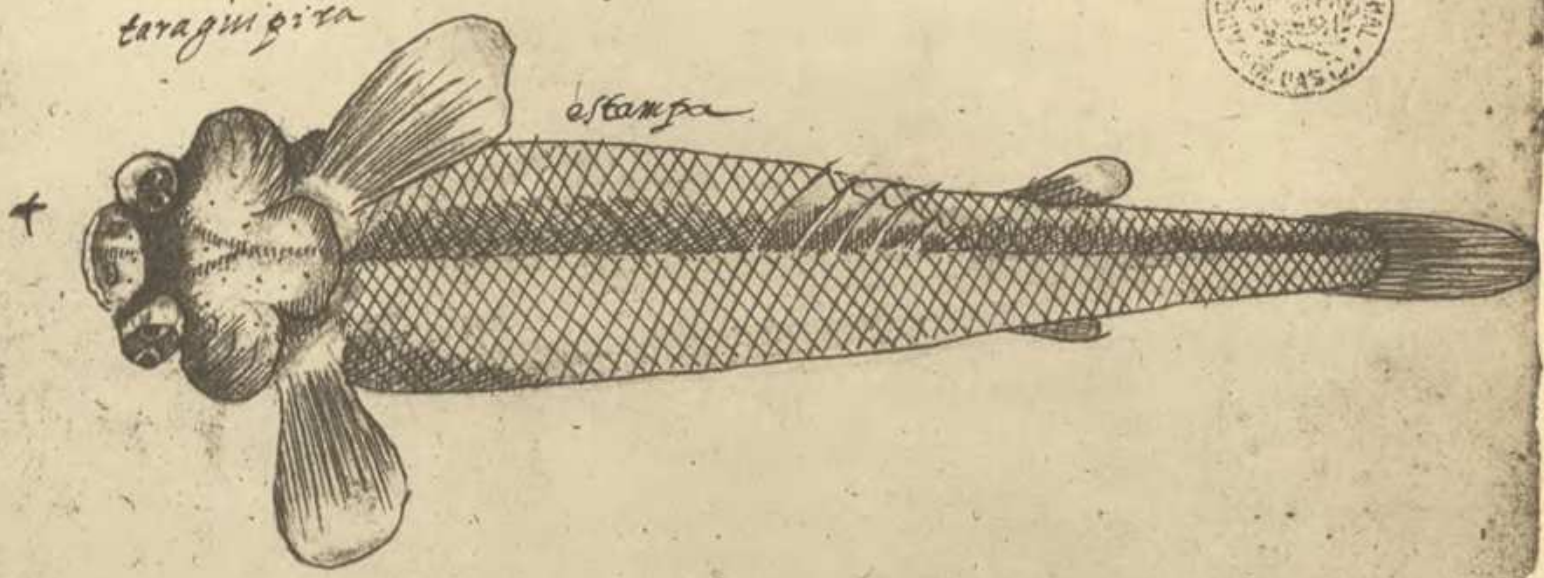

PIRA CAIA


VAROIL VAROIL

Toroyyira taragui gira



taragui gira

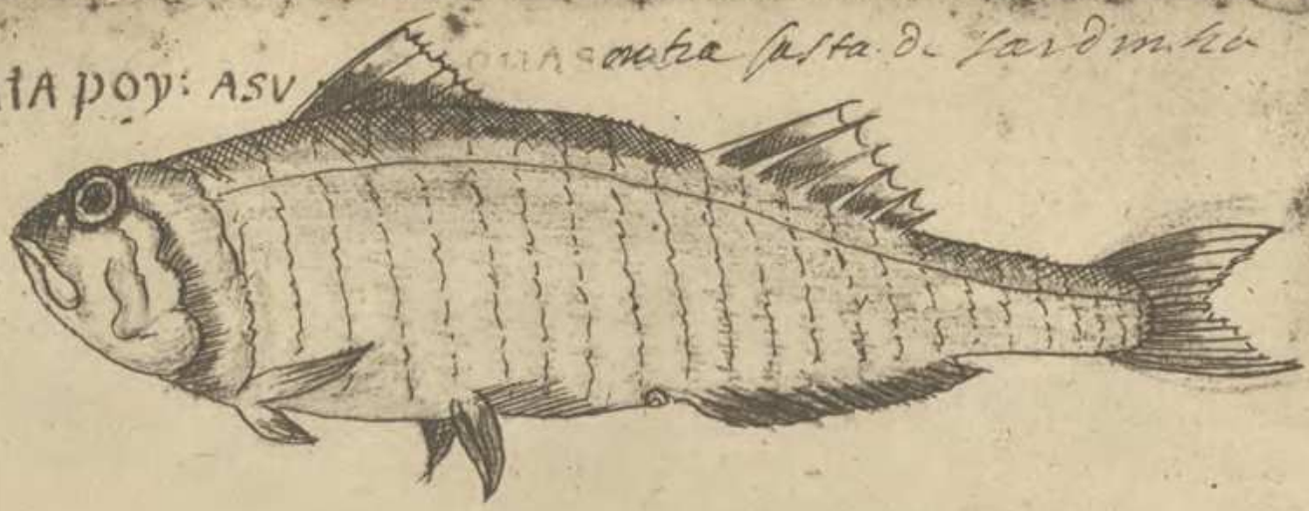


estampa

araberi asu
sardinha
ARAUERY·ASU·

TAIA POY: ASV

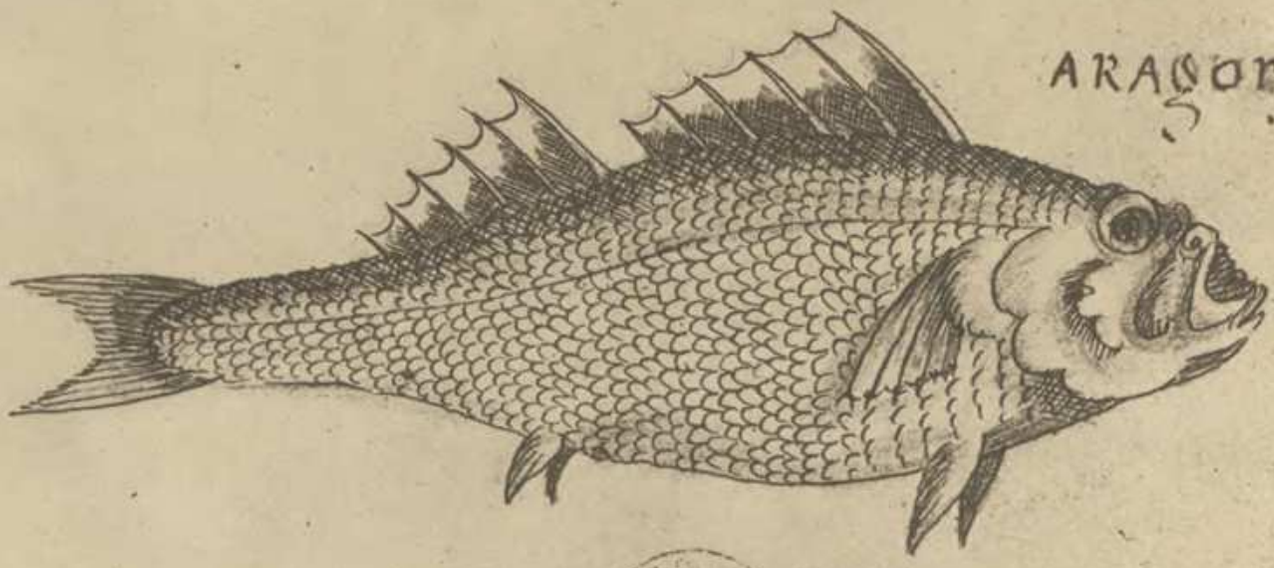
outra casta de sardinha



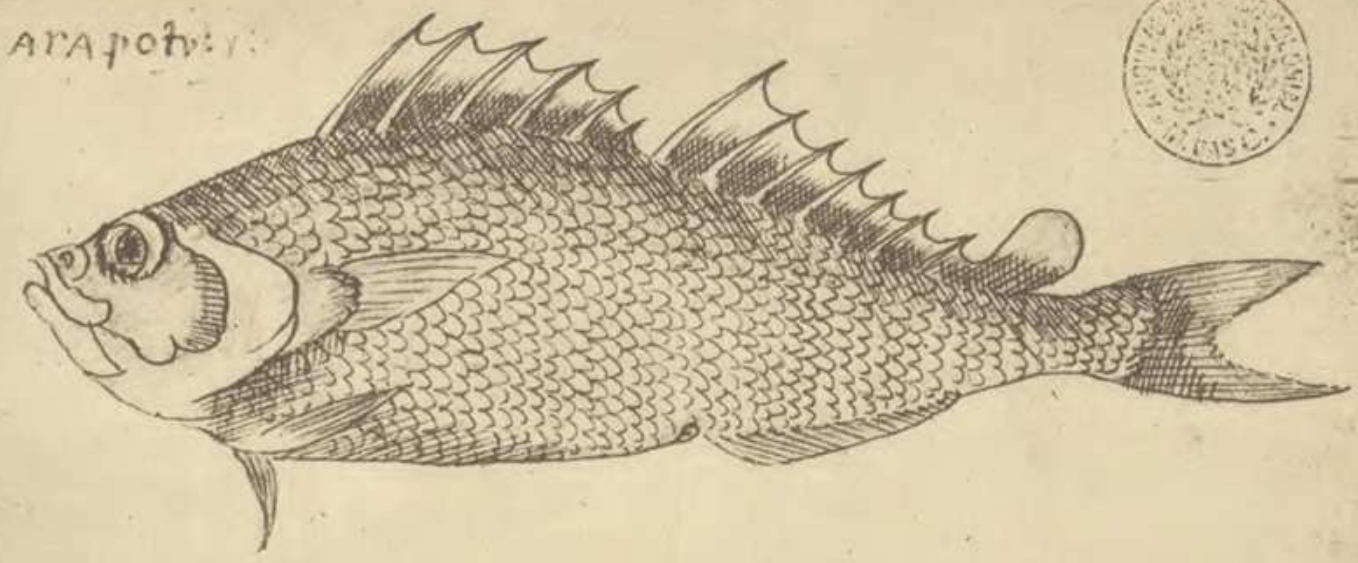
~~porta tomesmo nome~~

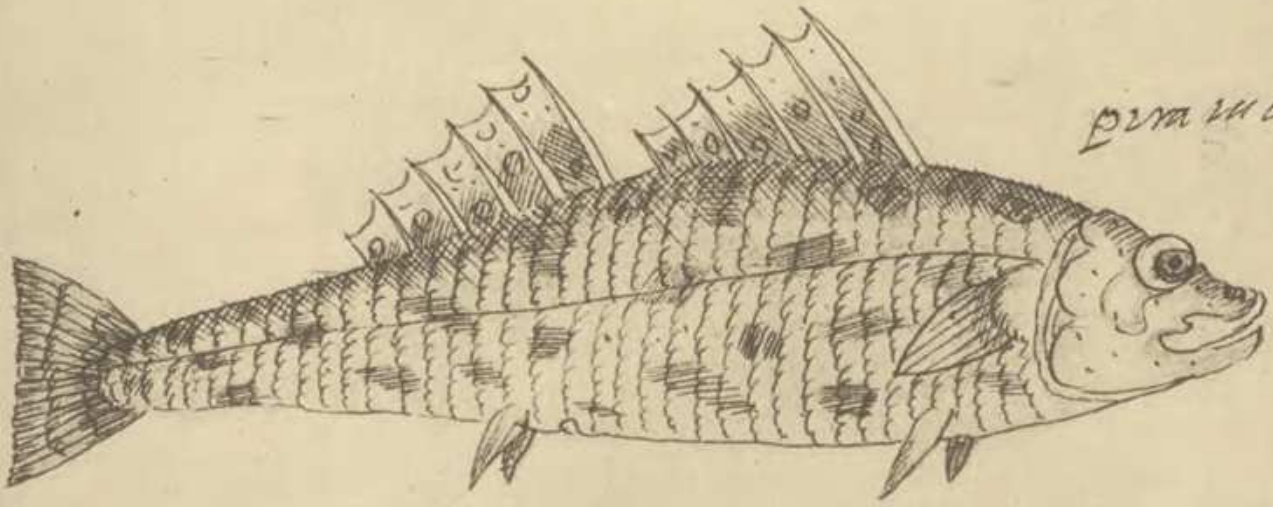
outra casta de sardinha

ARAGORY:

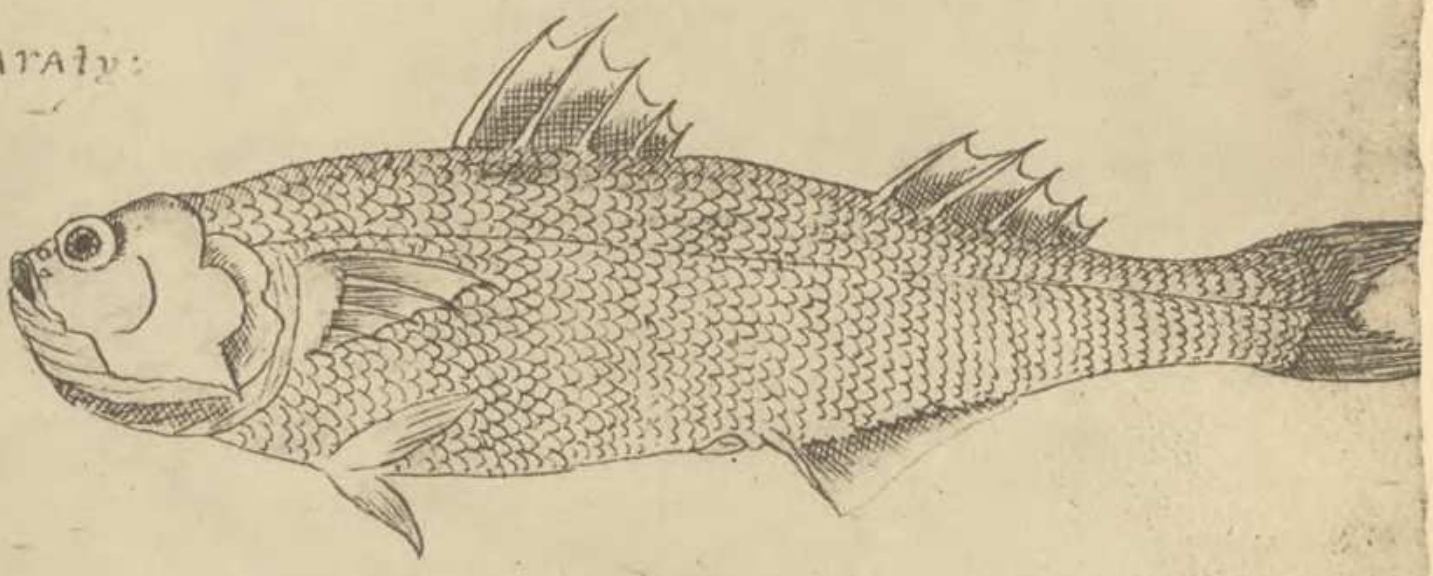


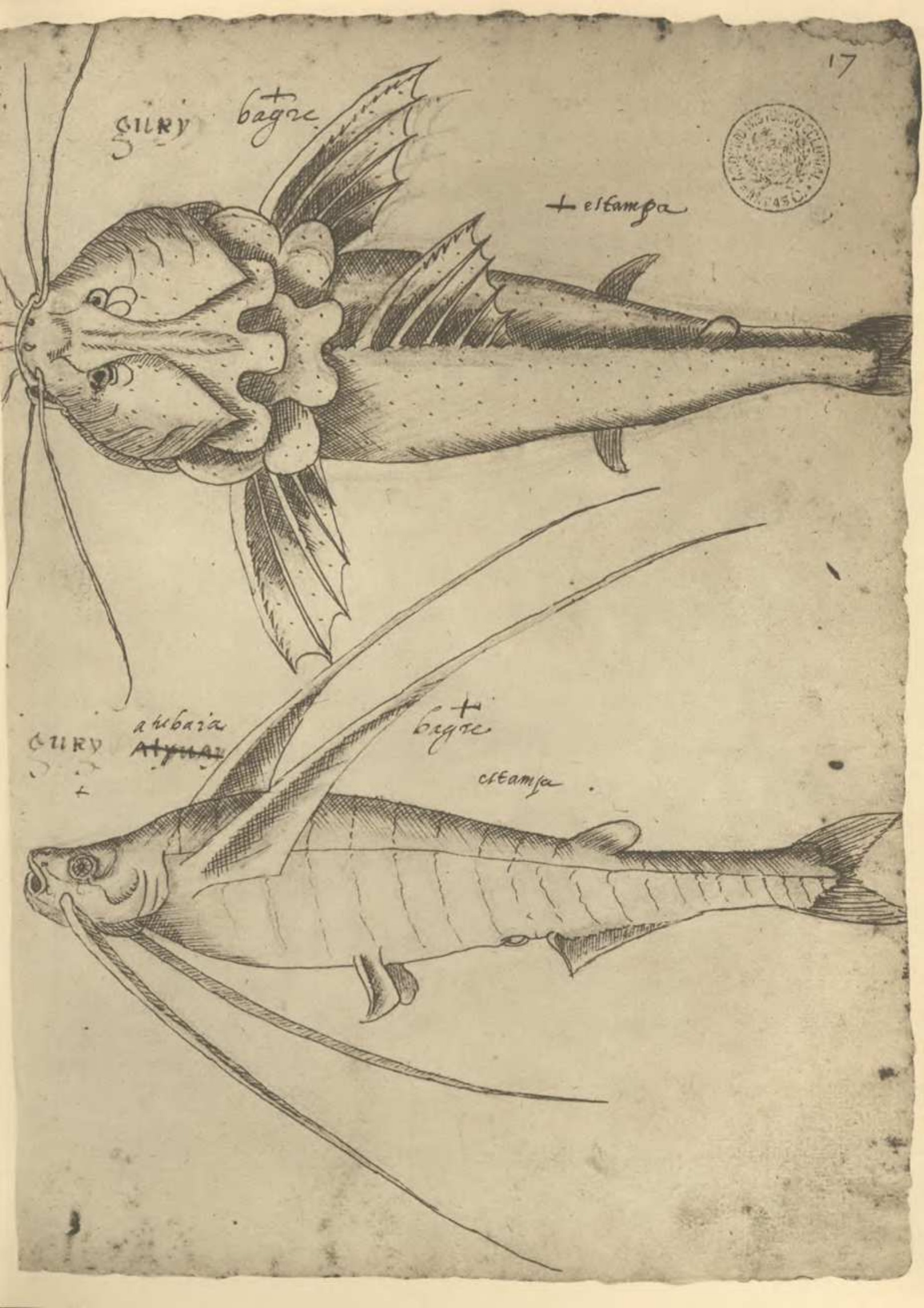
arapotv:

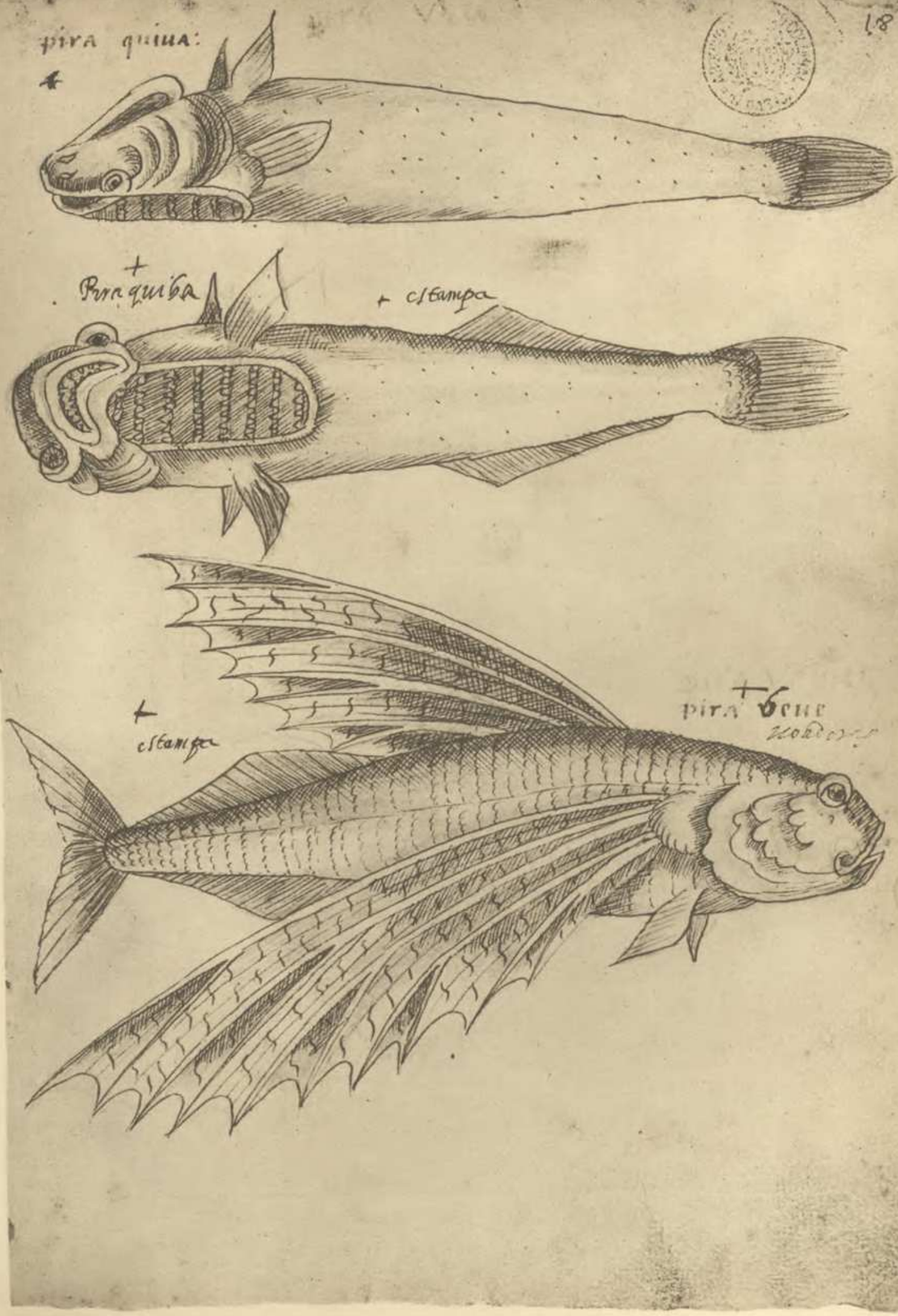




paraly:

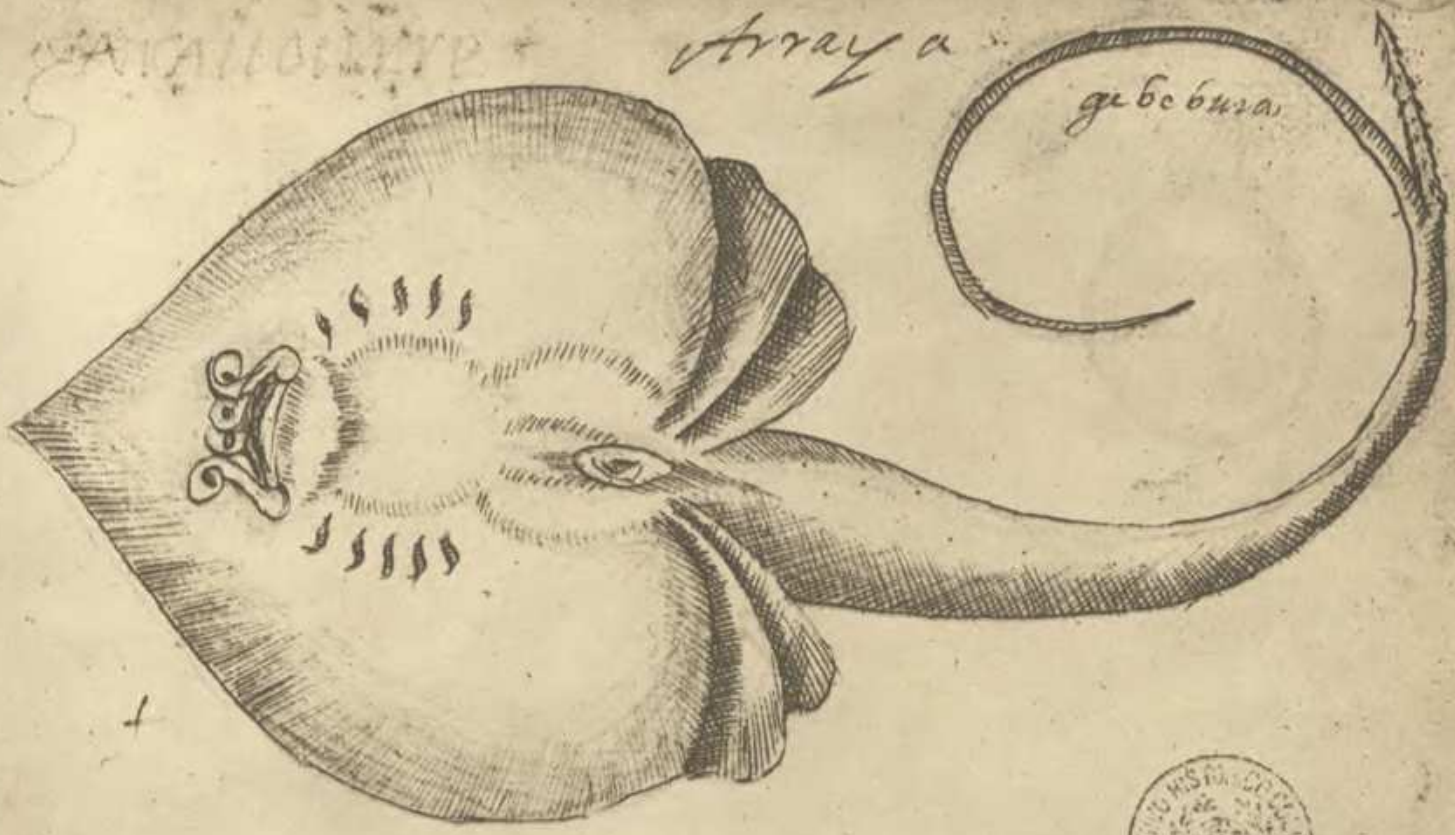



GURY
+ bagre
+ estampa
GURY
aburia
+ bagre
estampa


pira quiua:
Piraquiba
estampa
estampa
pira Veue

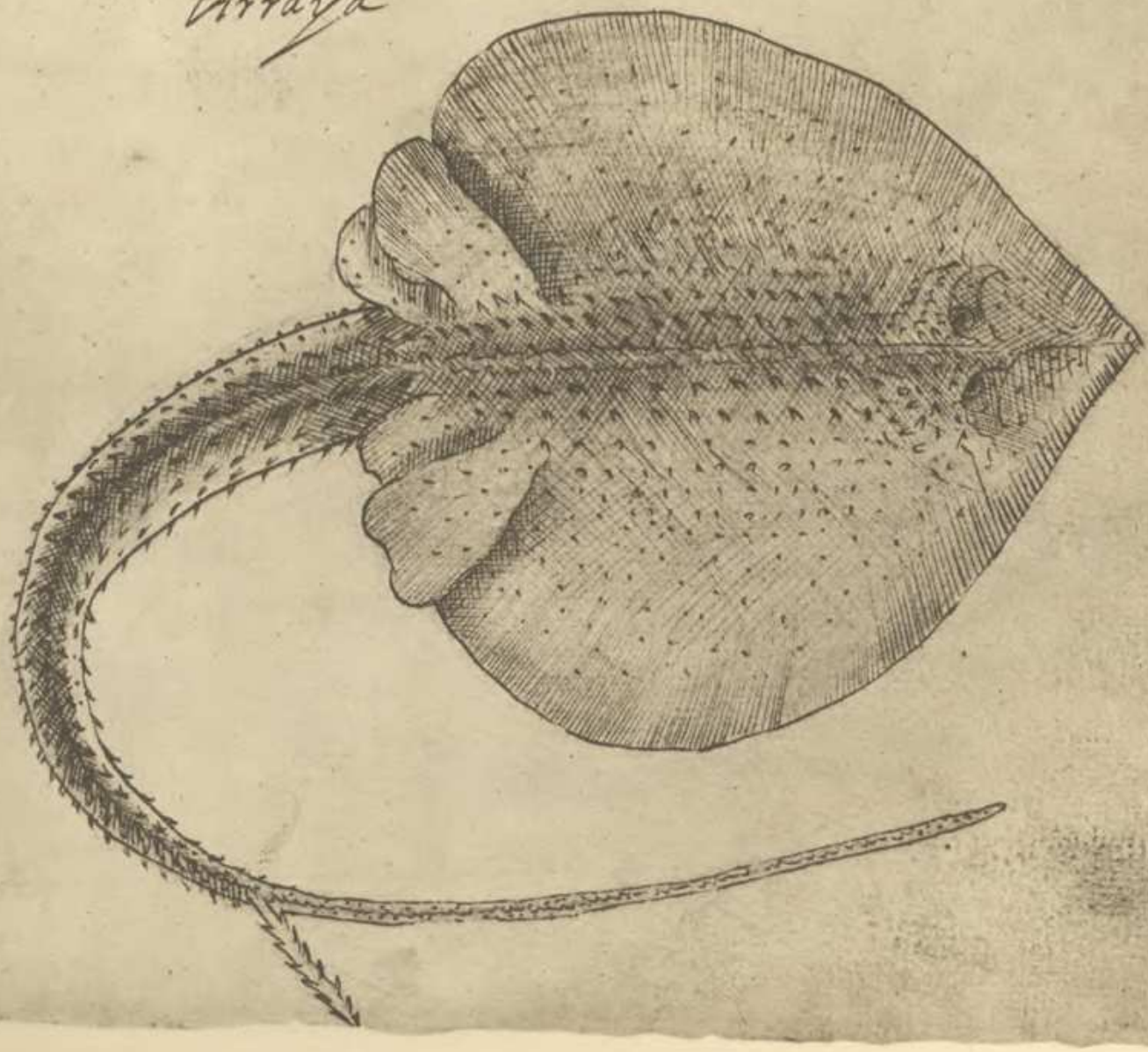
Arraya.

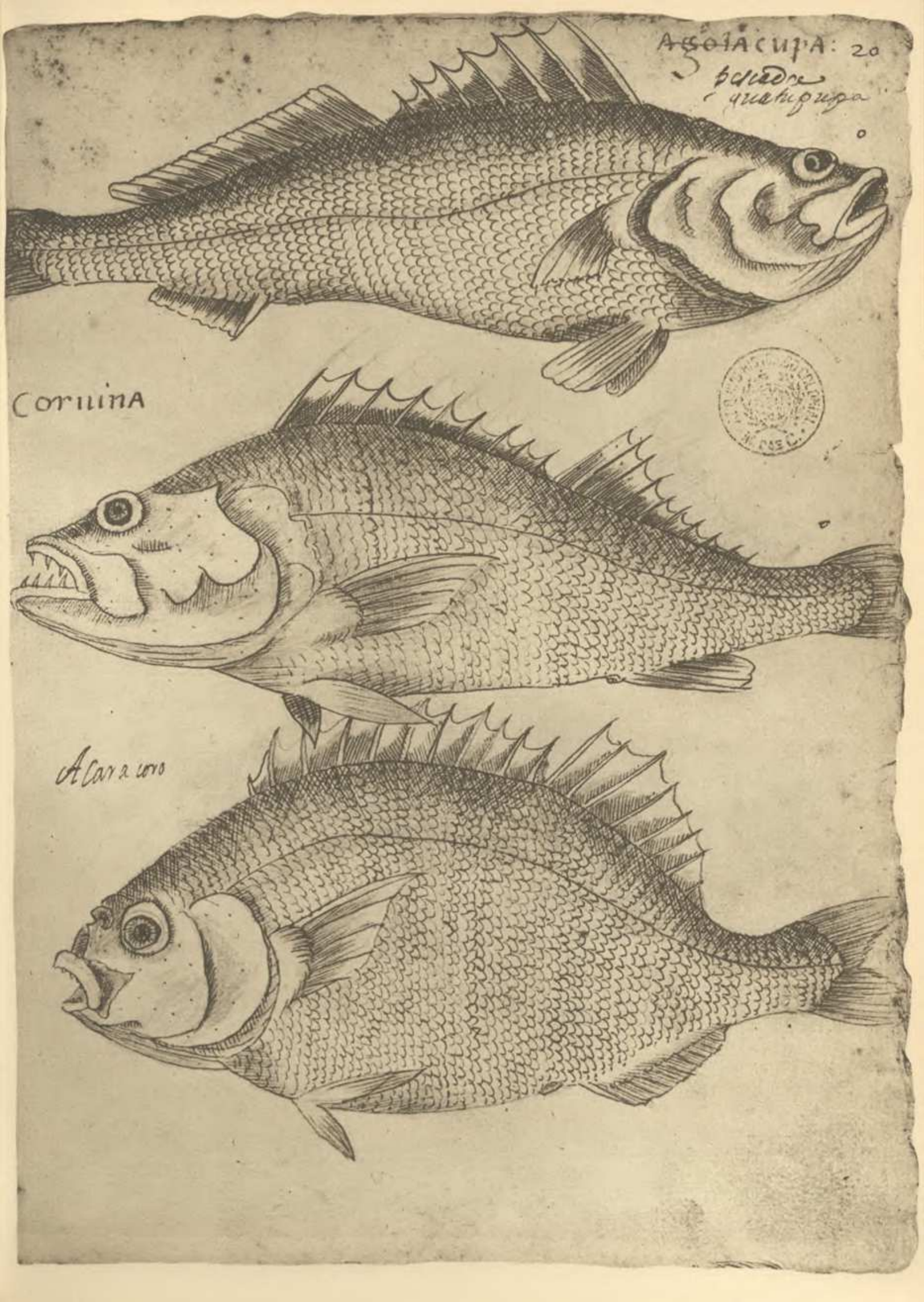
дебелица.

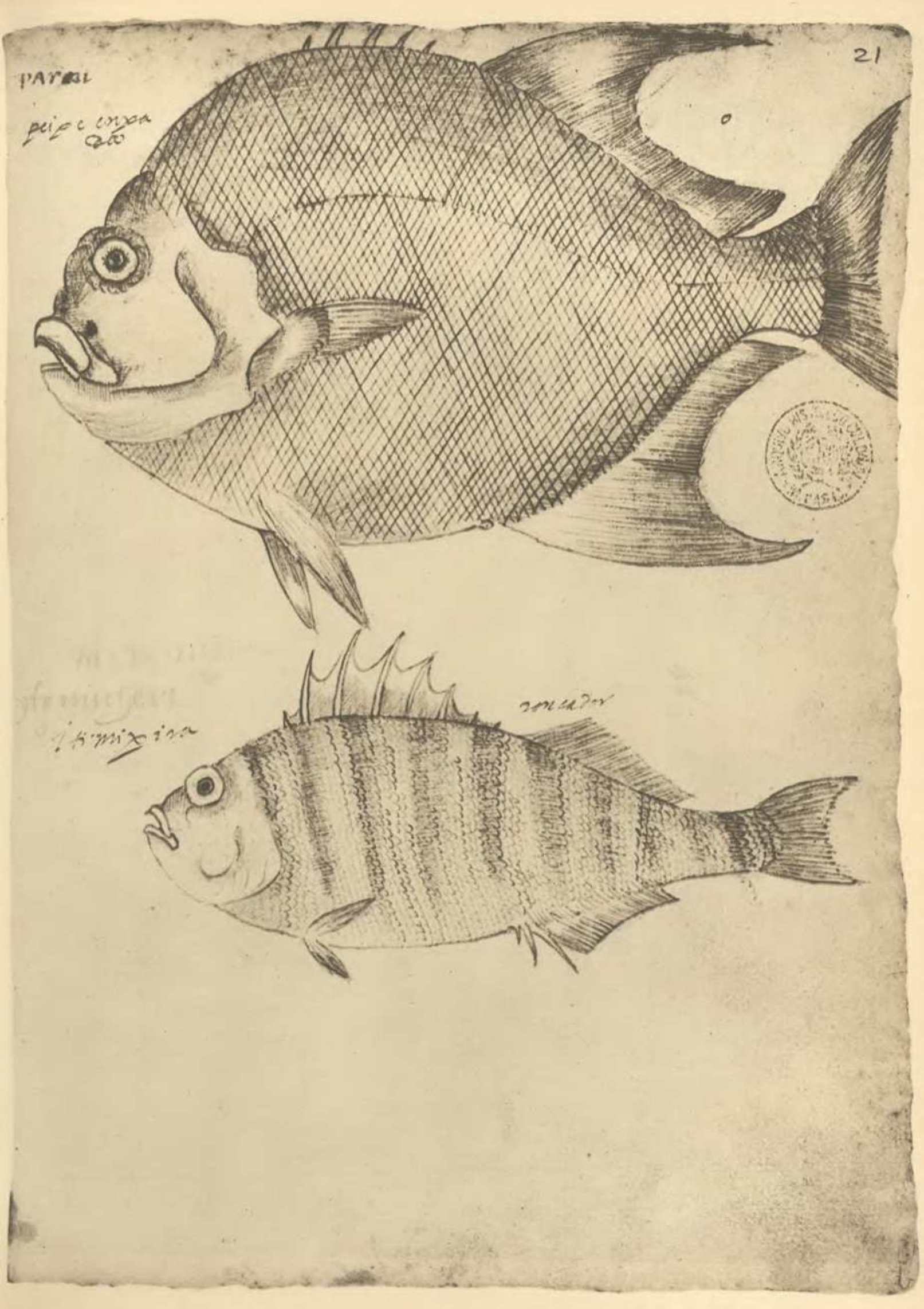


MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY HARVARD COLLEGE CAMBRIDGE MASS.

Arraya



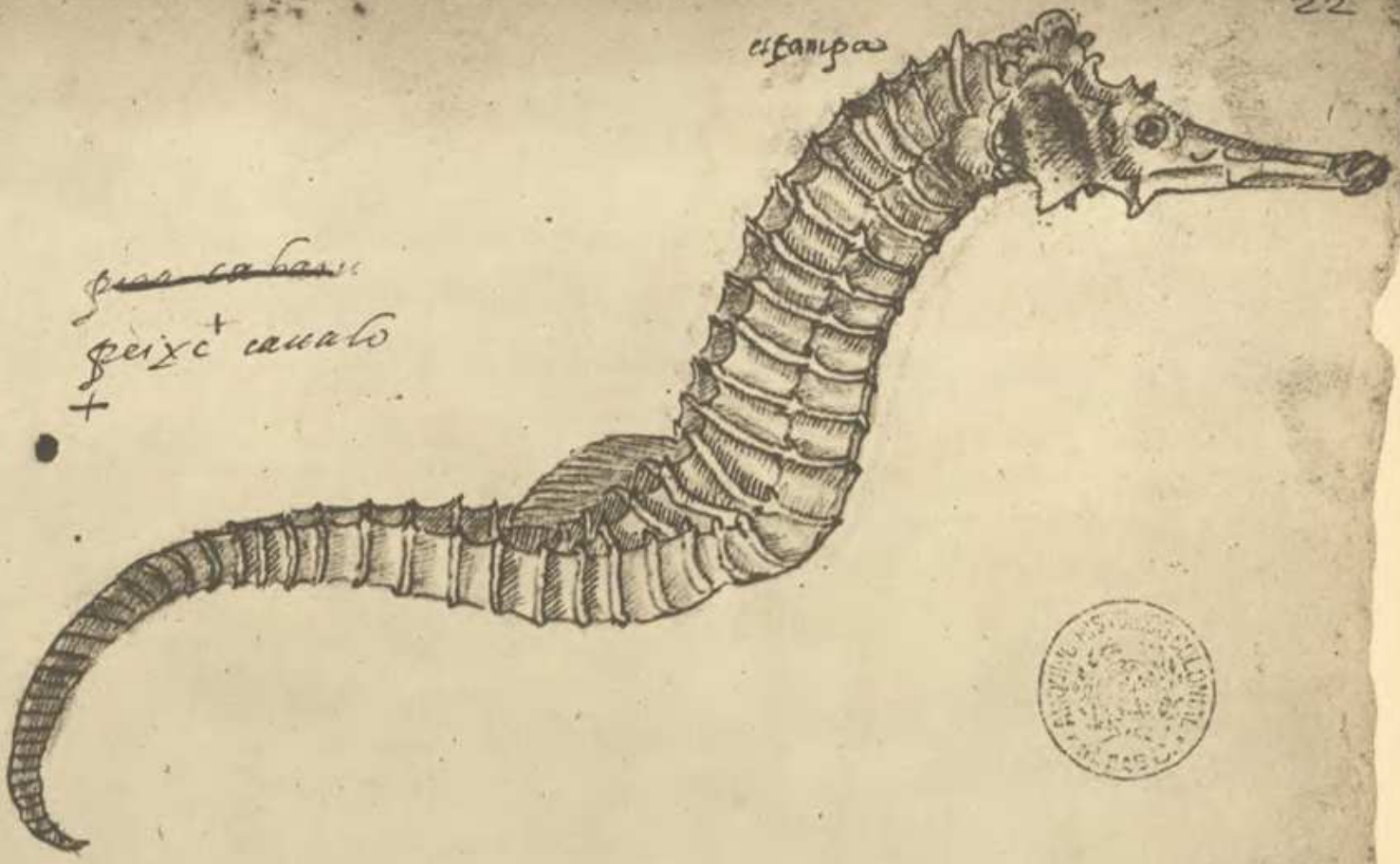

Agoiacupa: 20
Corvina
Acaracoro

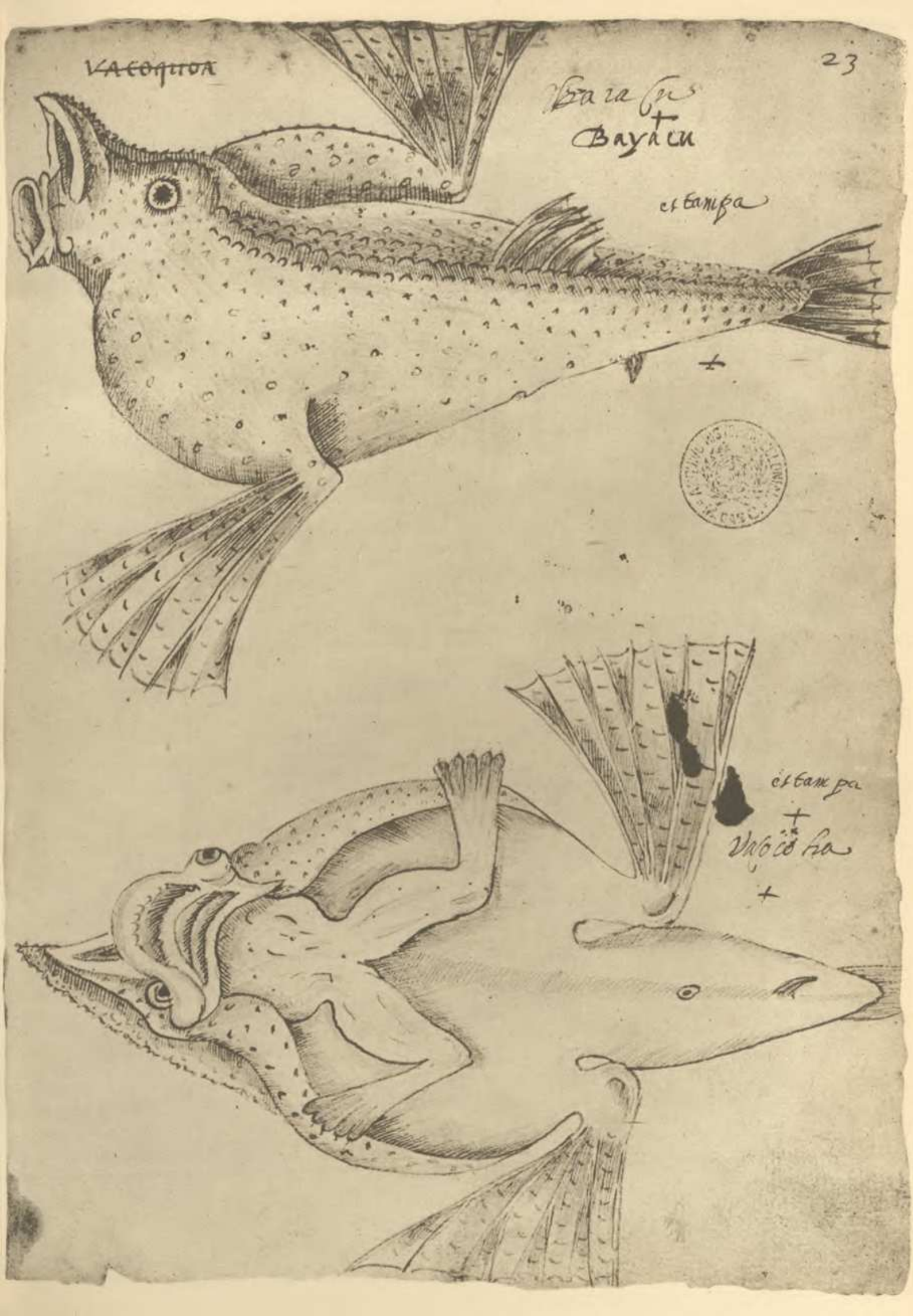


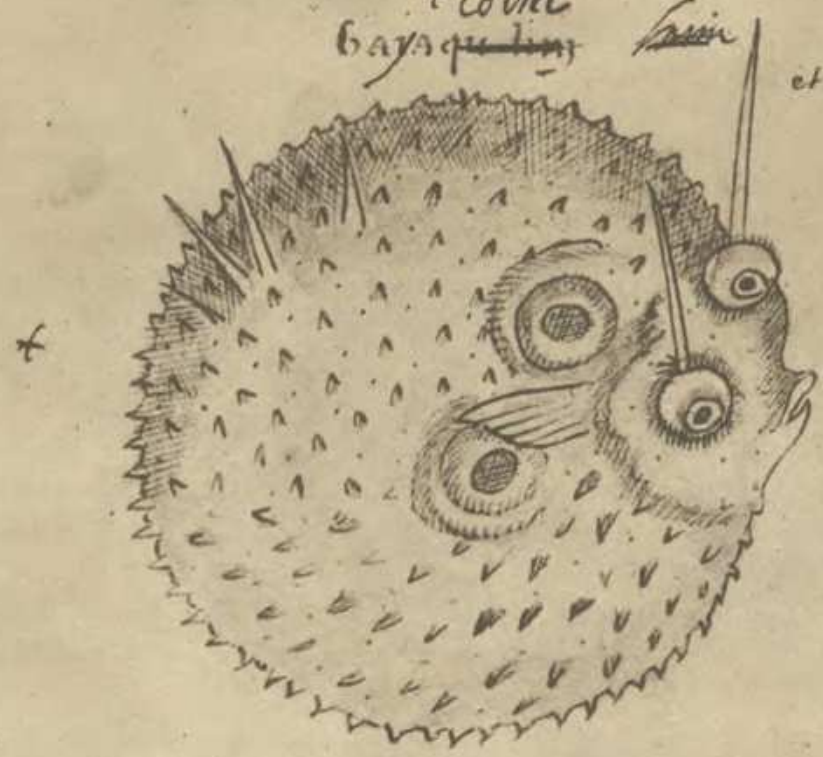
estampa

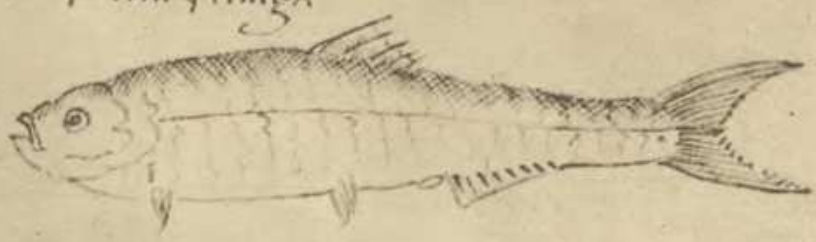
~~peixe cauallo~~

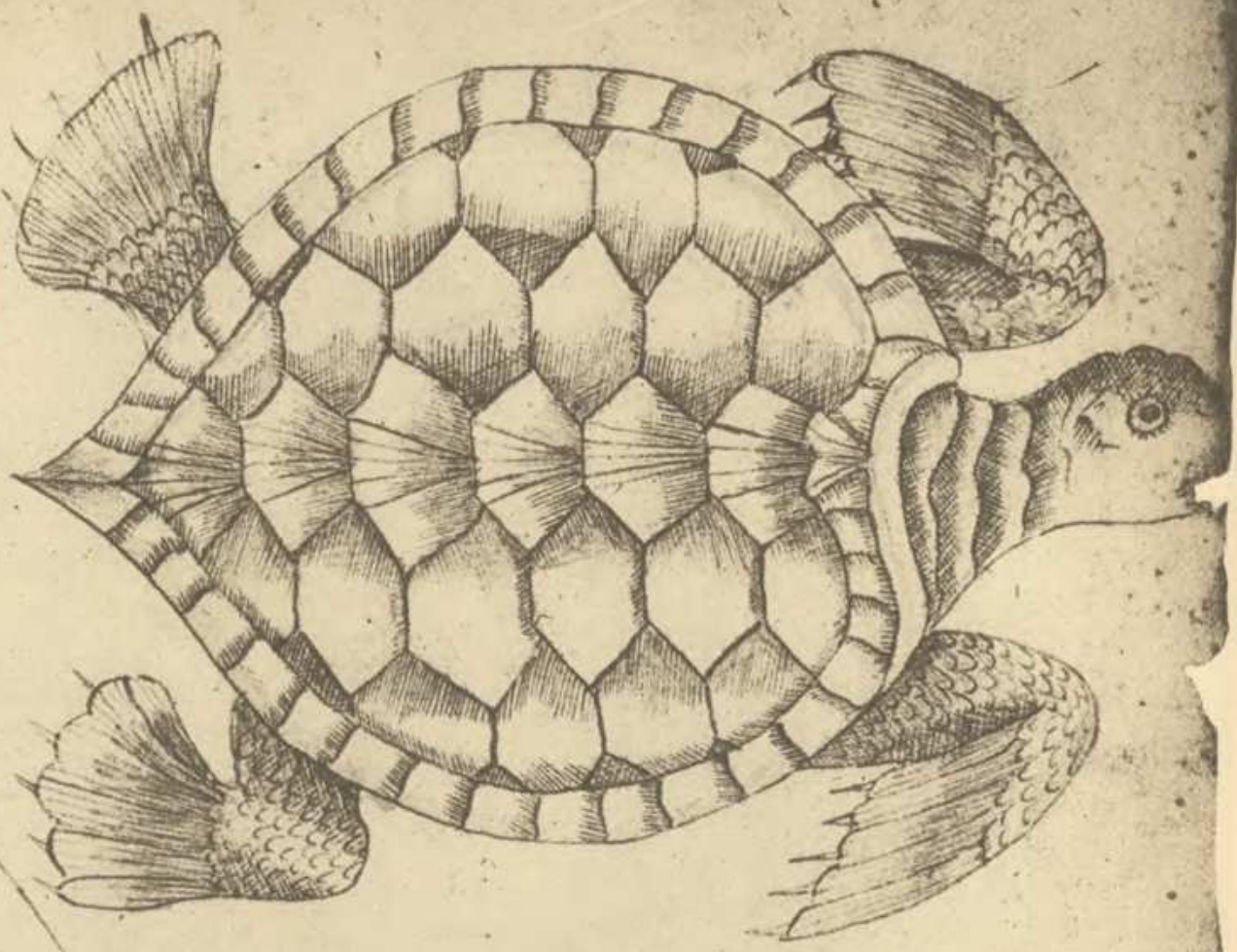
peixe cauallo



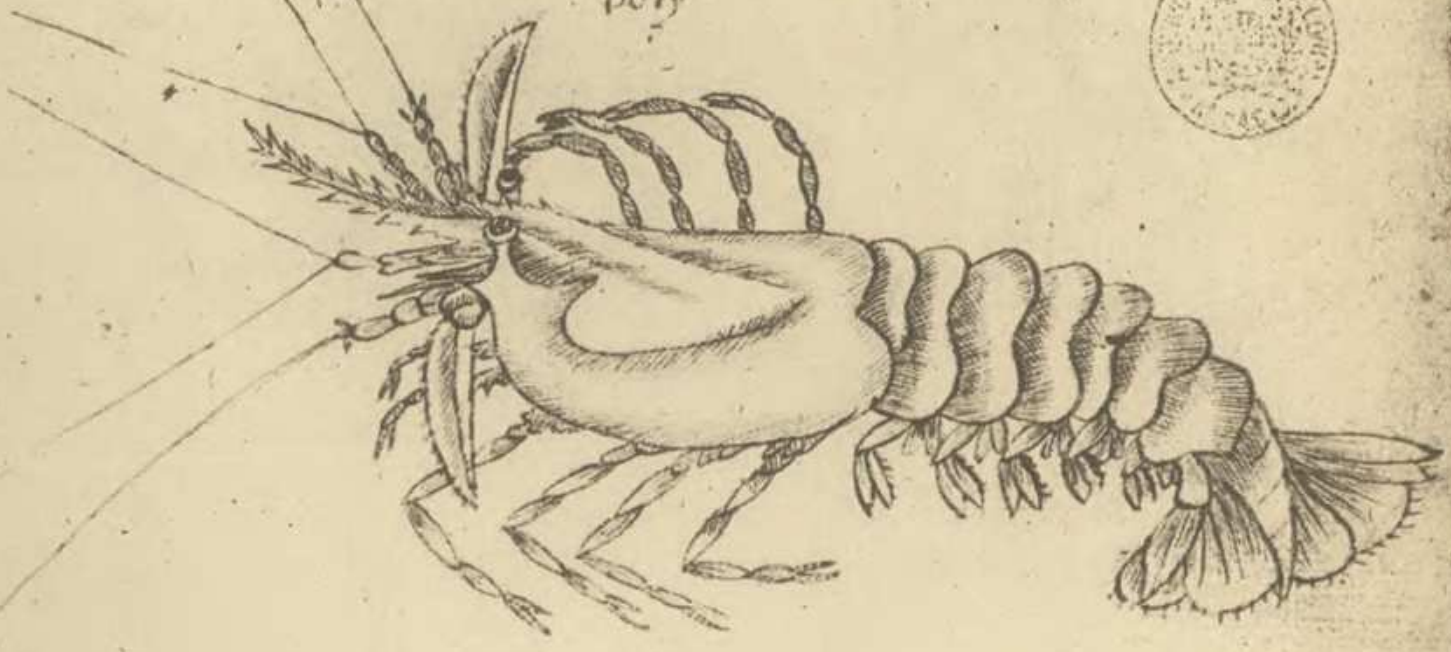

Baya cu
el tampa
el tampa
Vaco cō ha



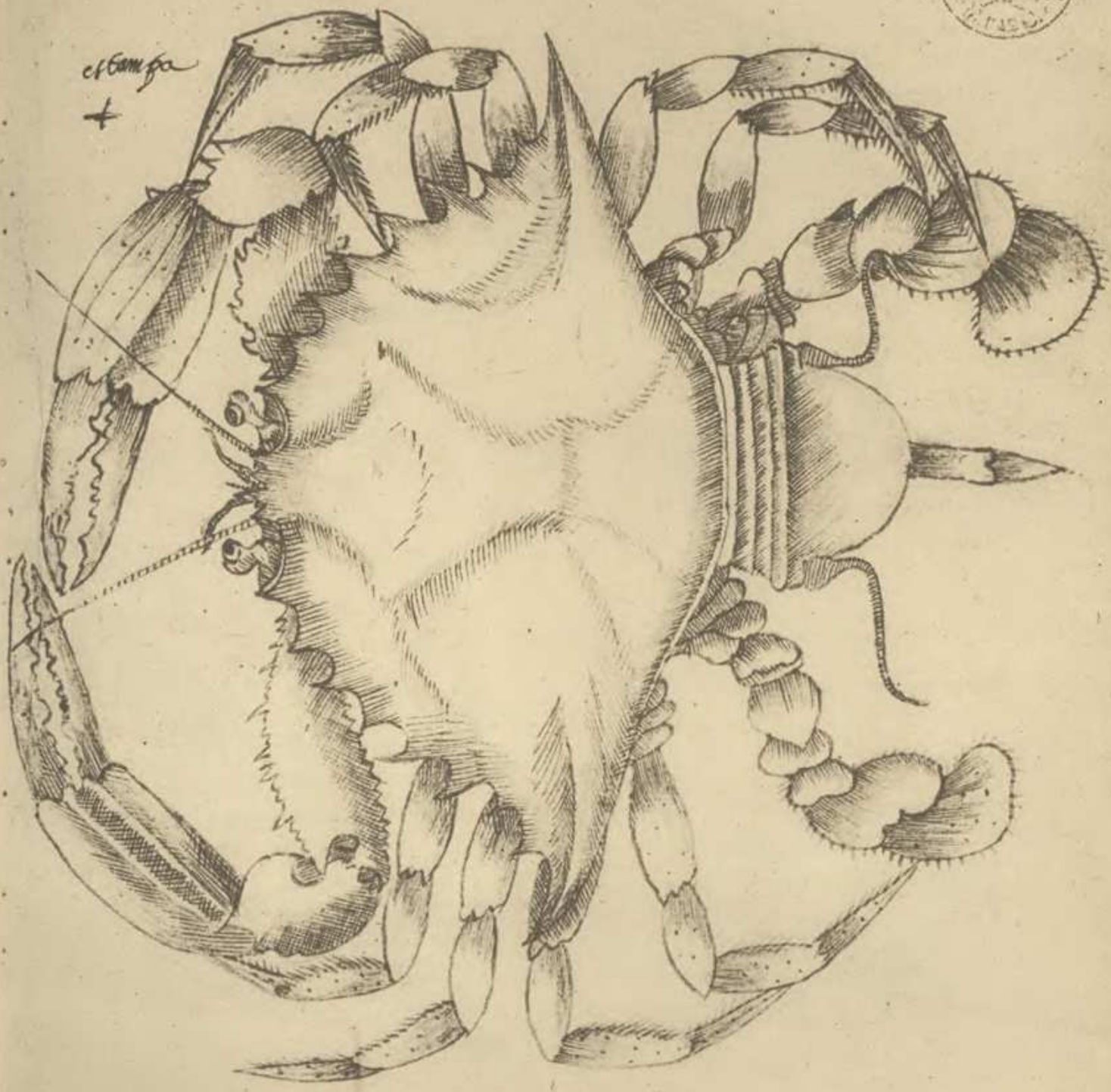




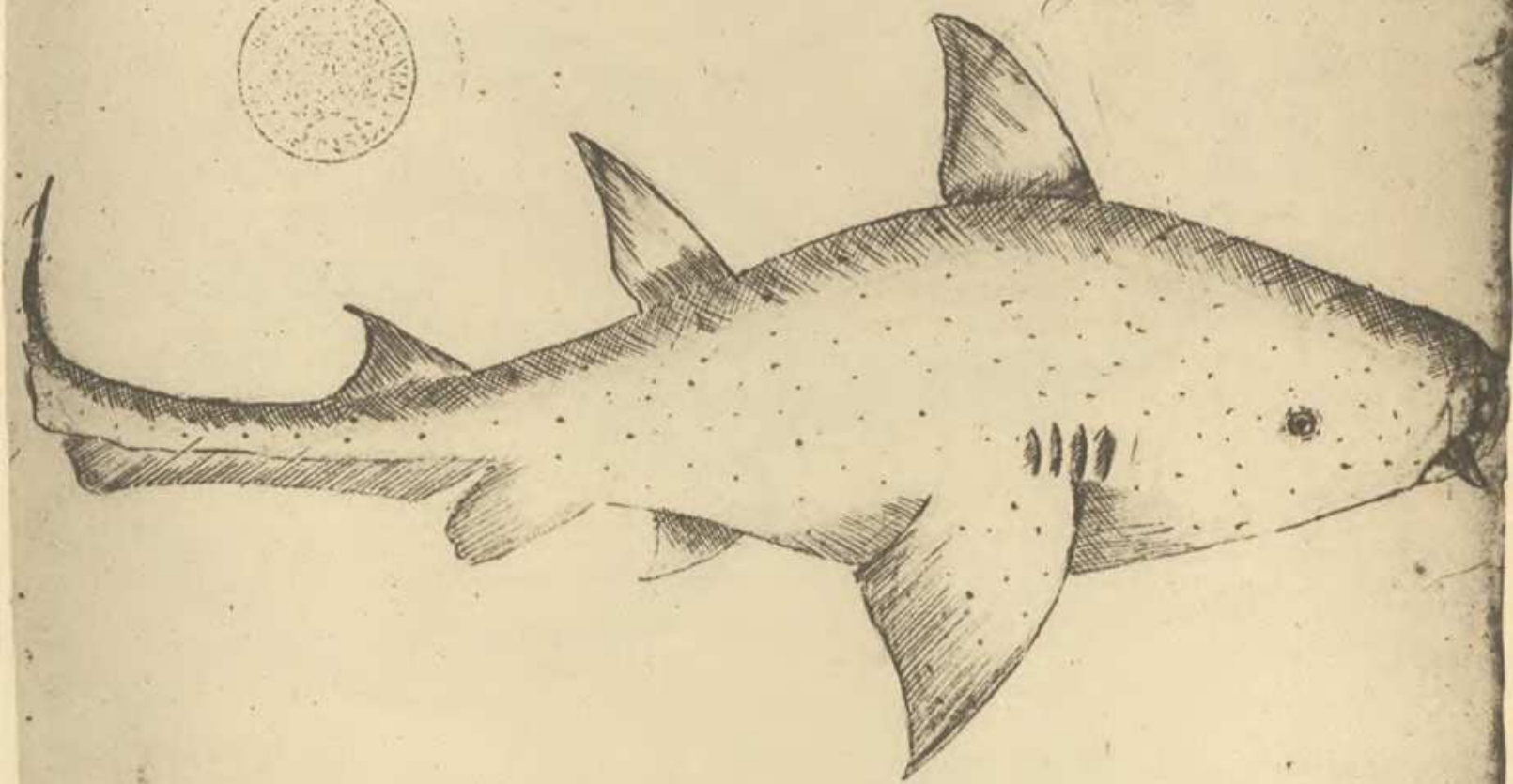
poly



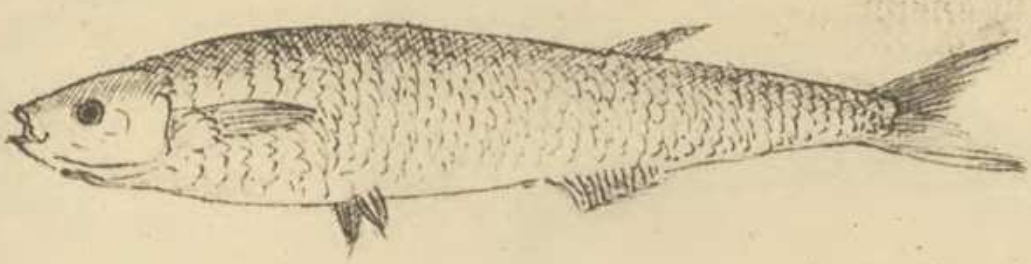
Cory:

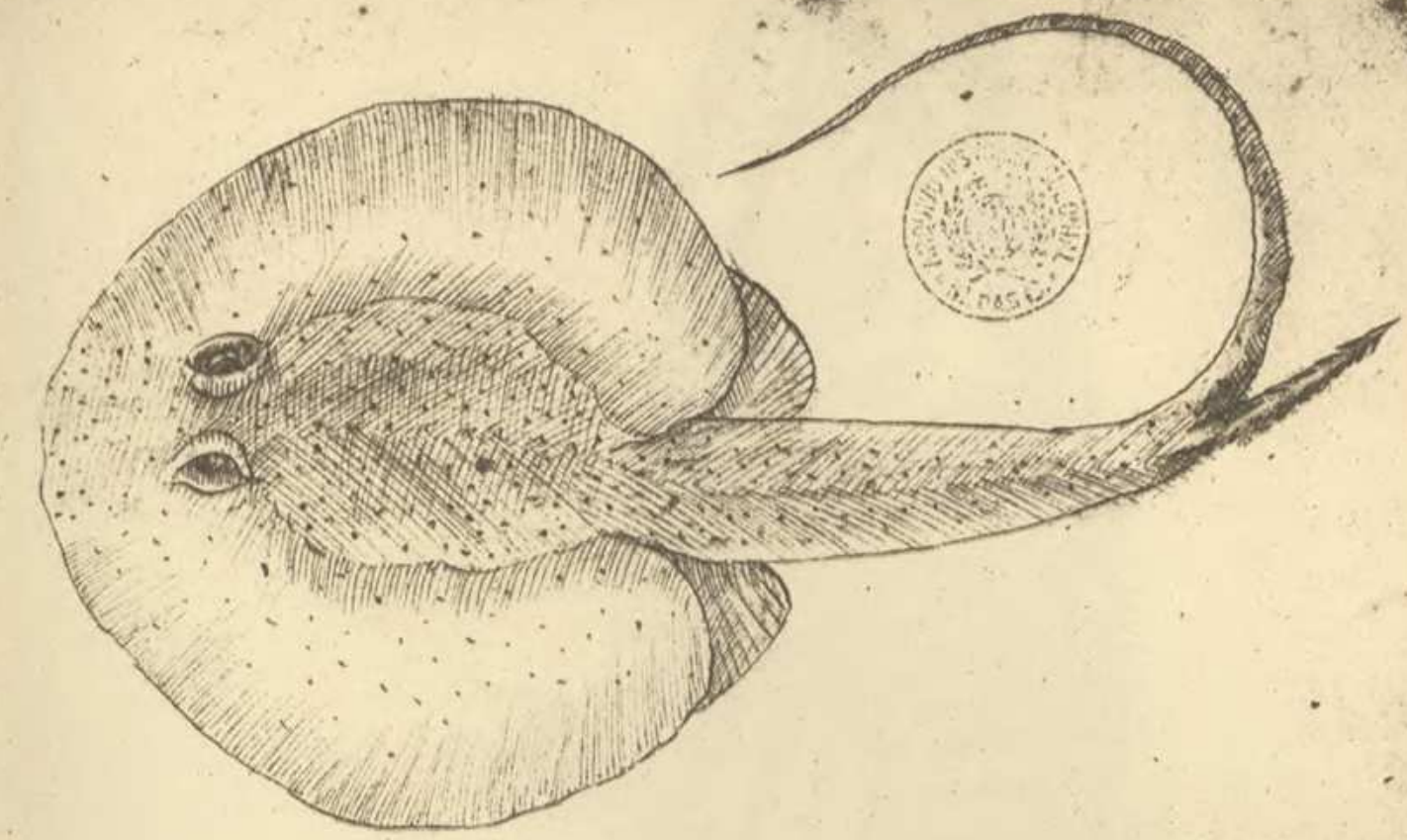


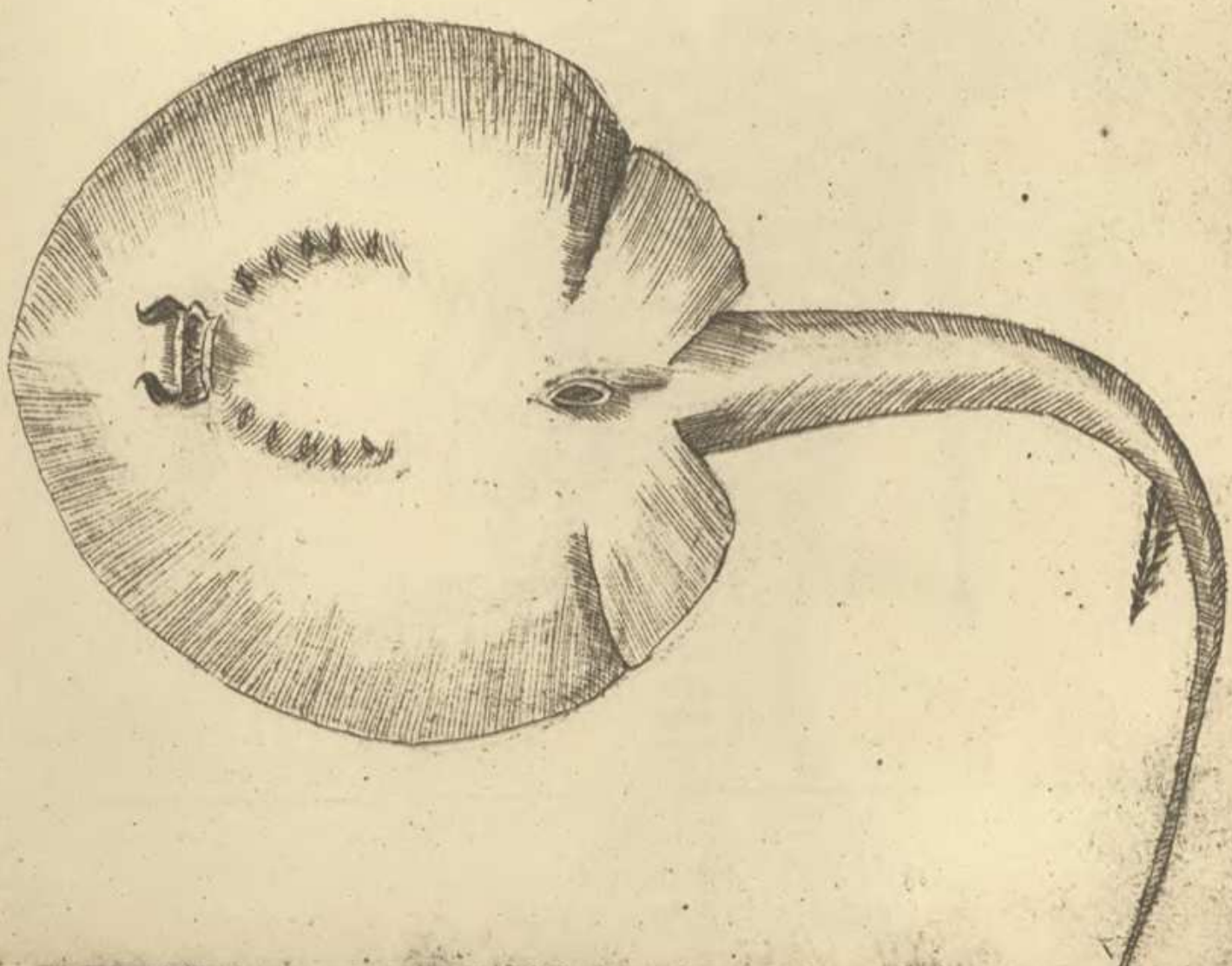
guaranara

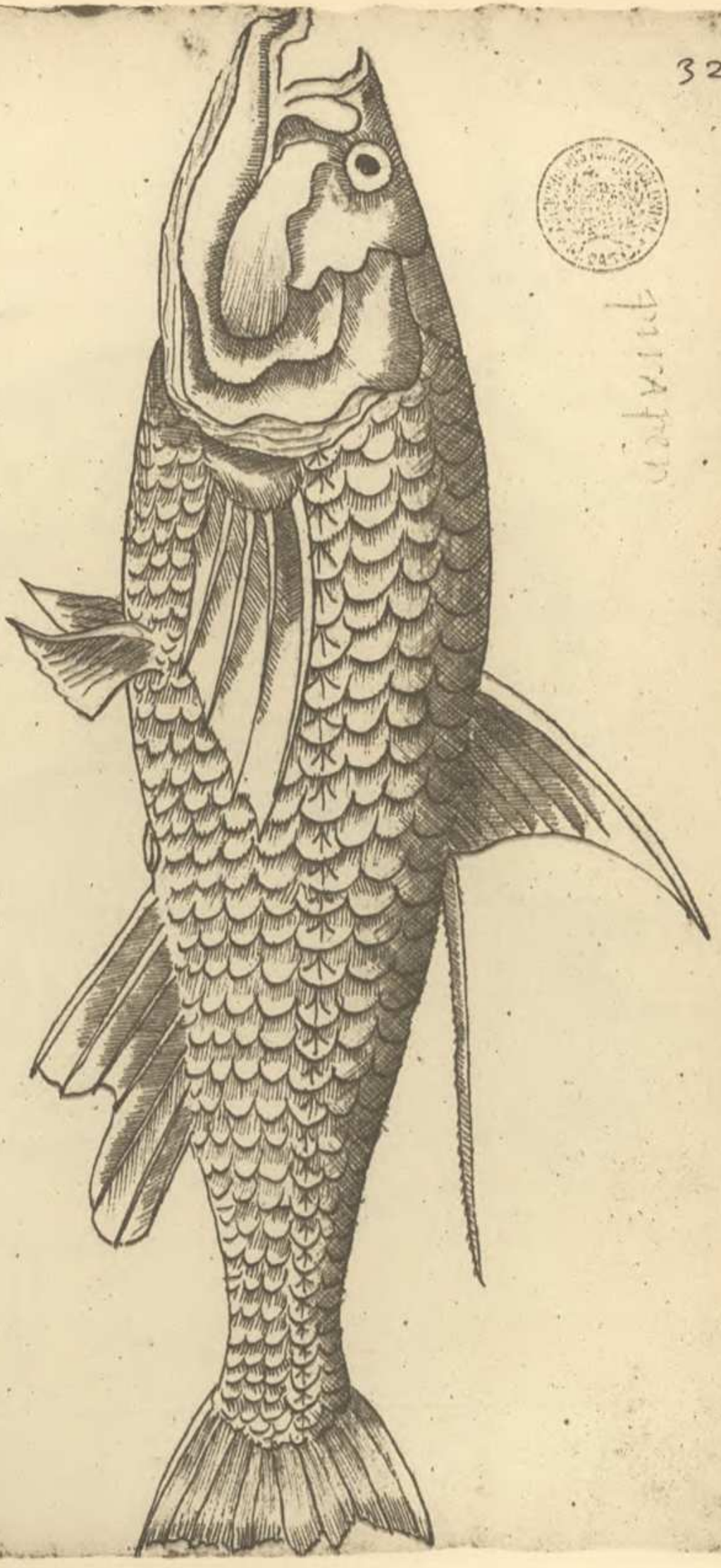


pacuma ta



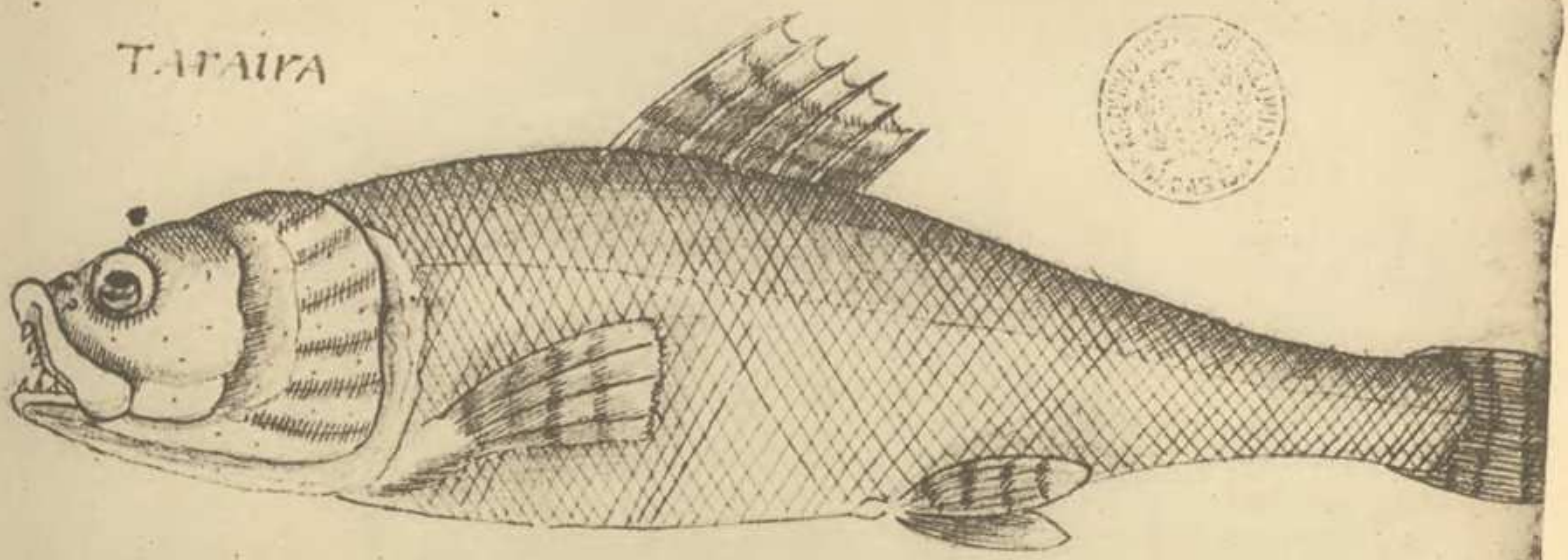




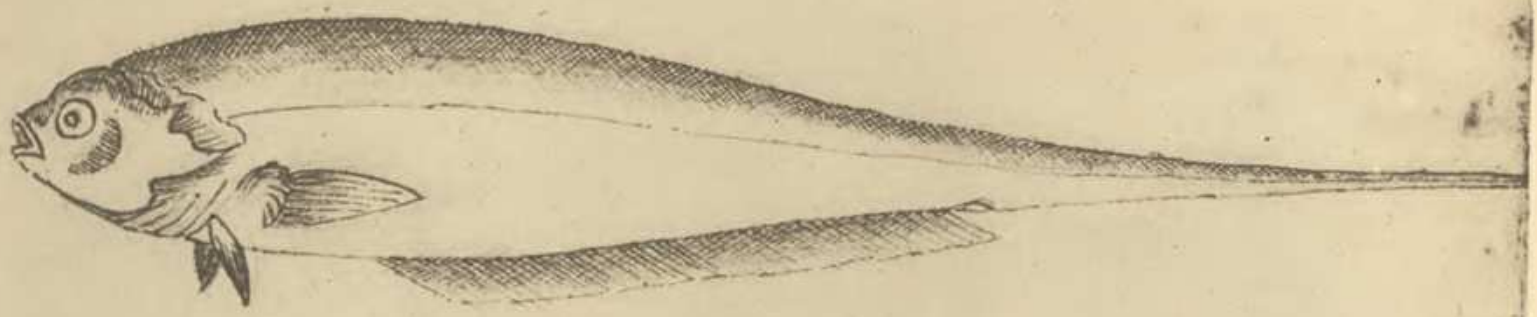


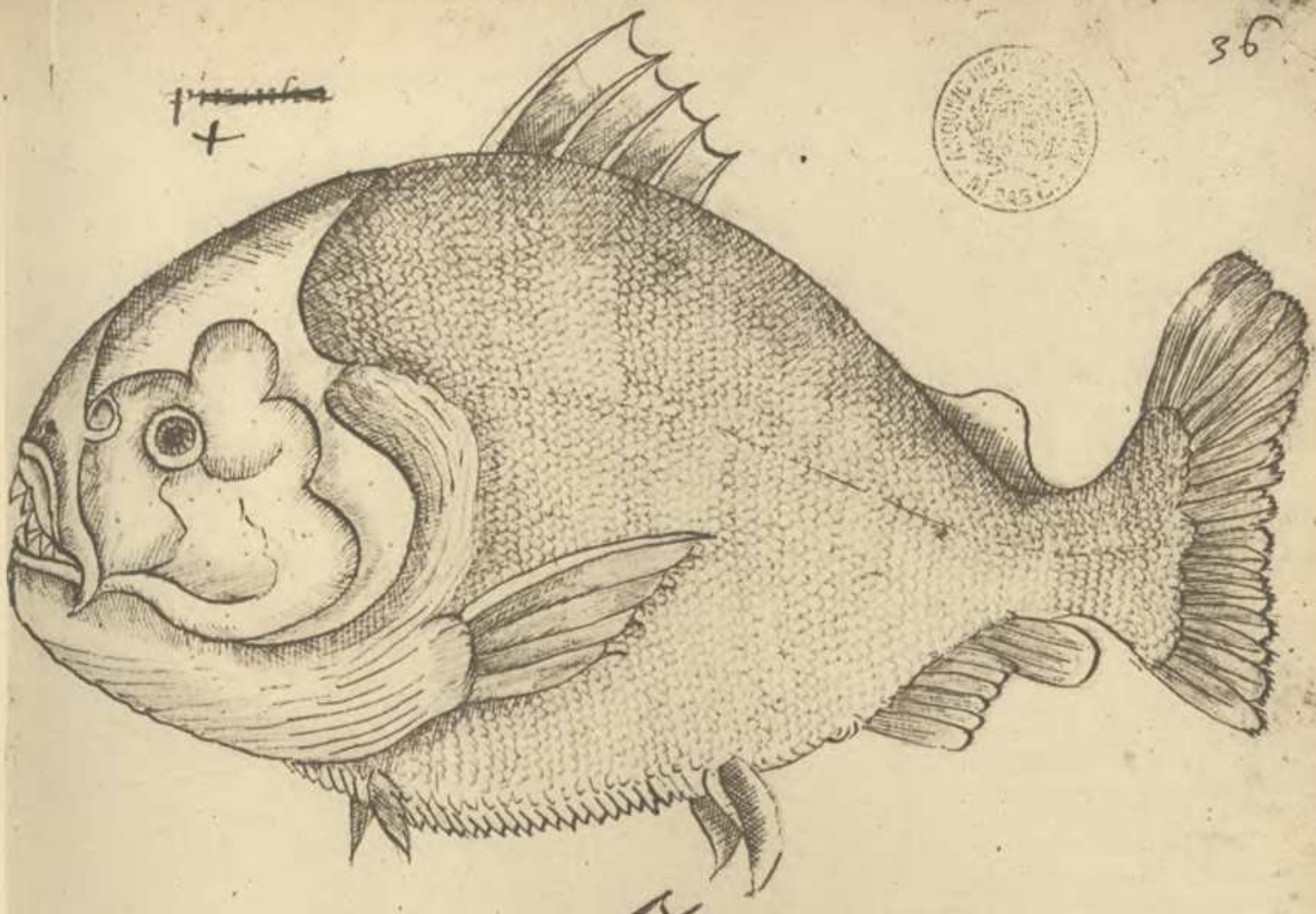
Sorobim

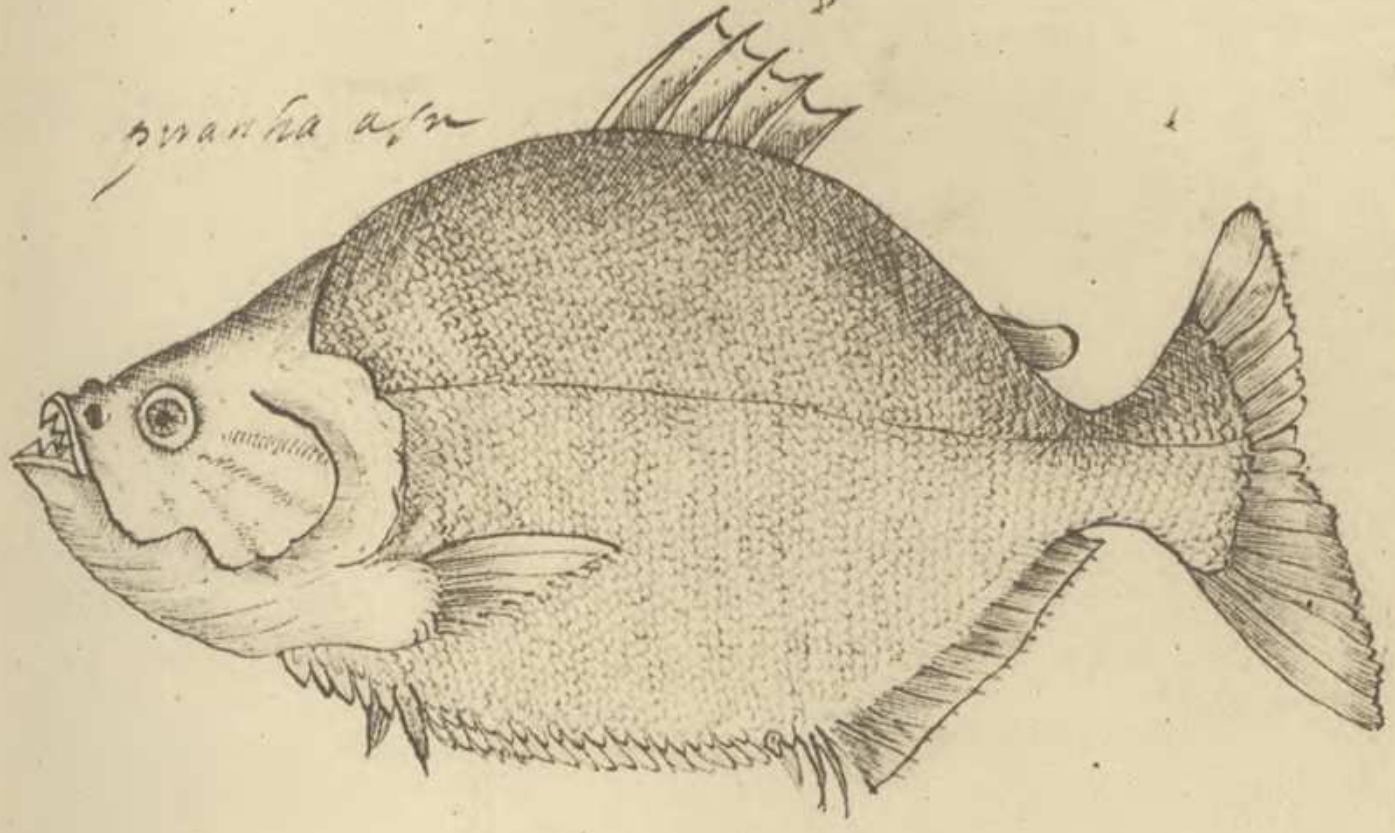
TAPAIPA

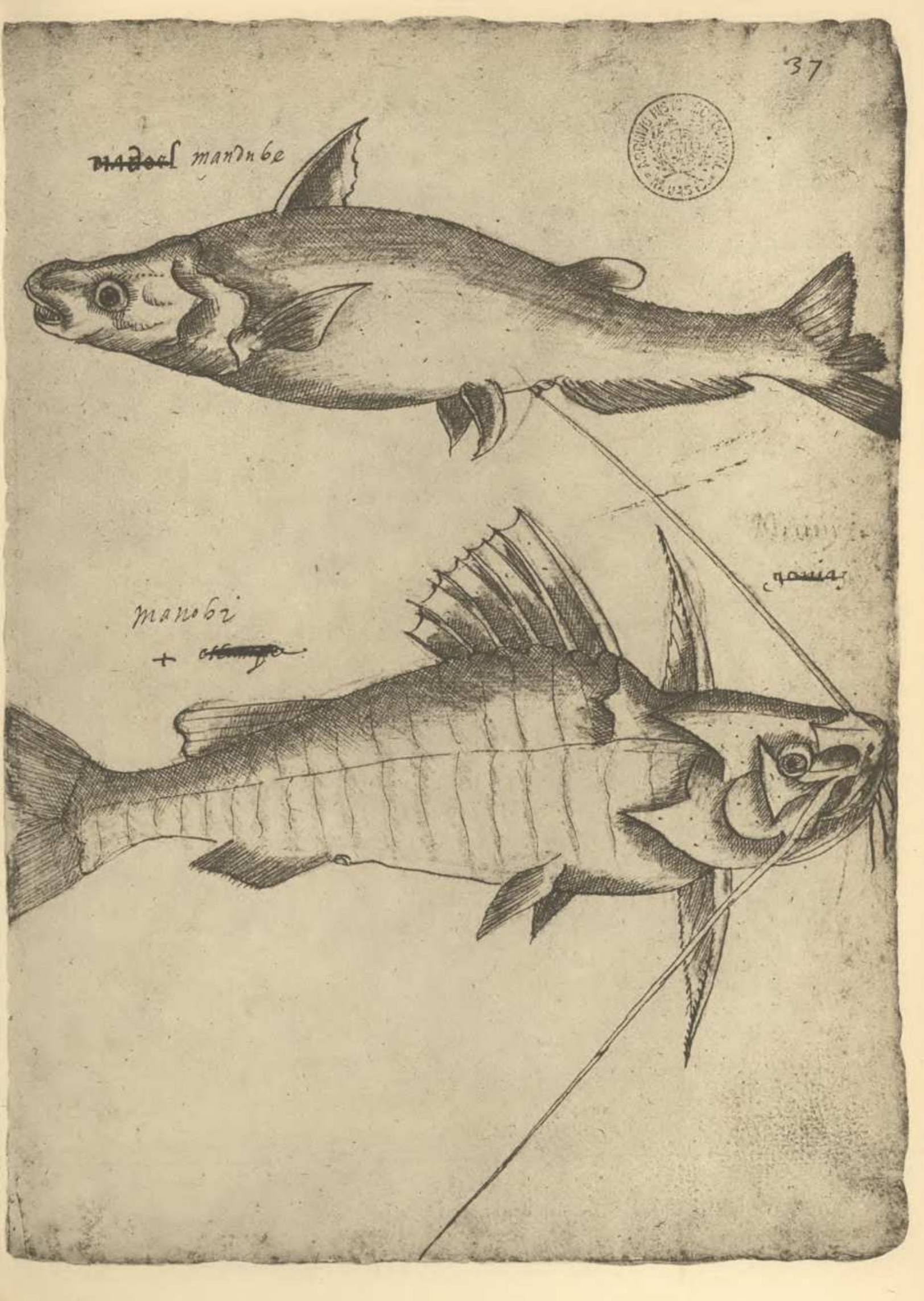


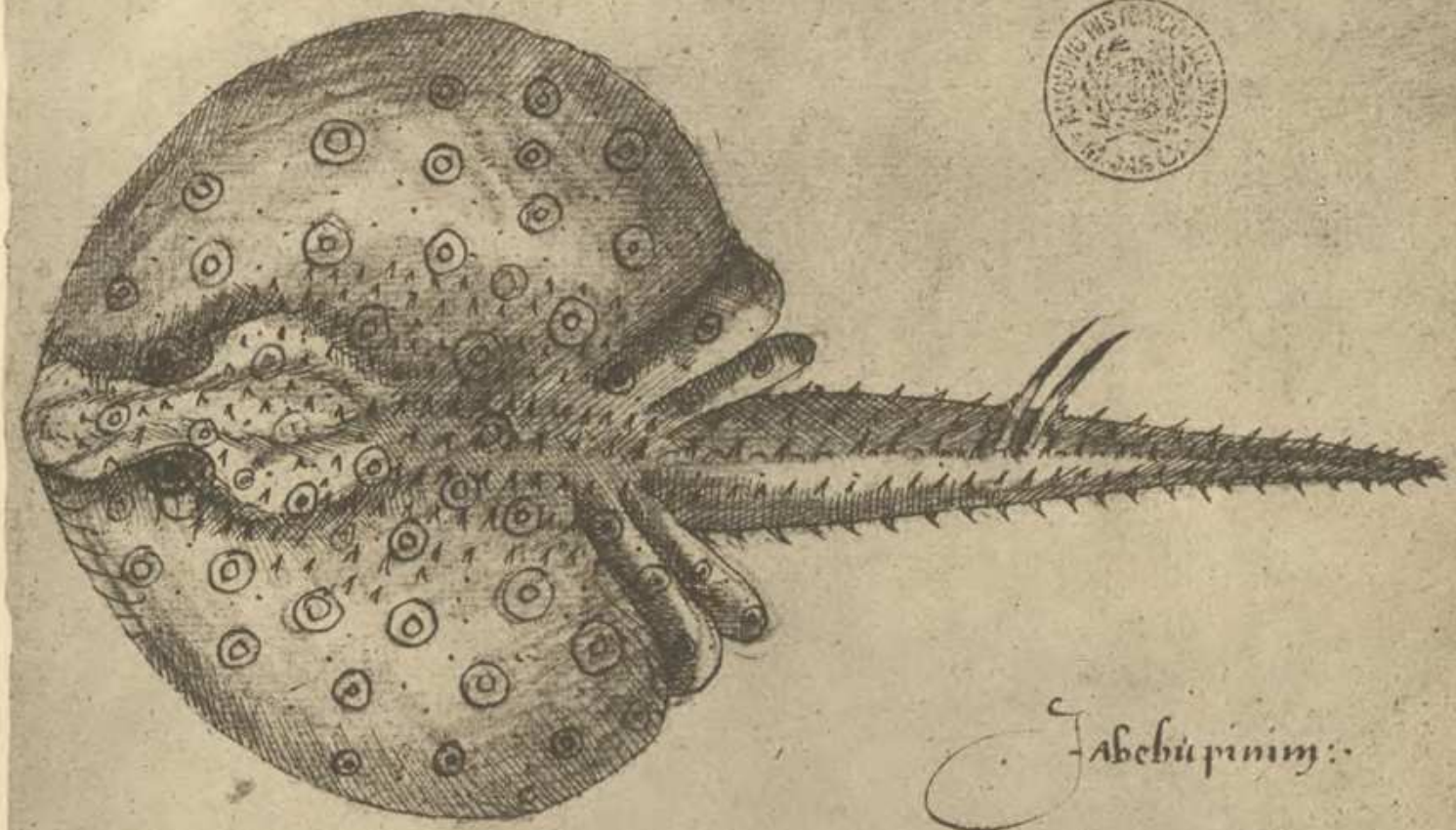
Touv:·



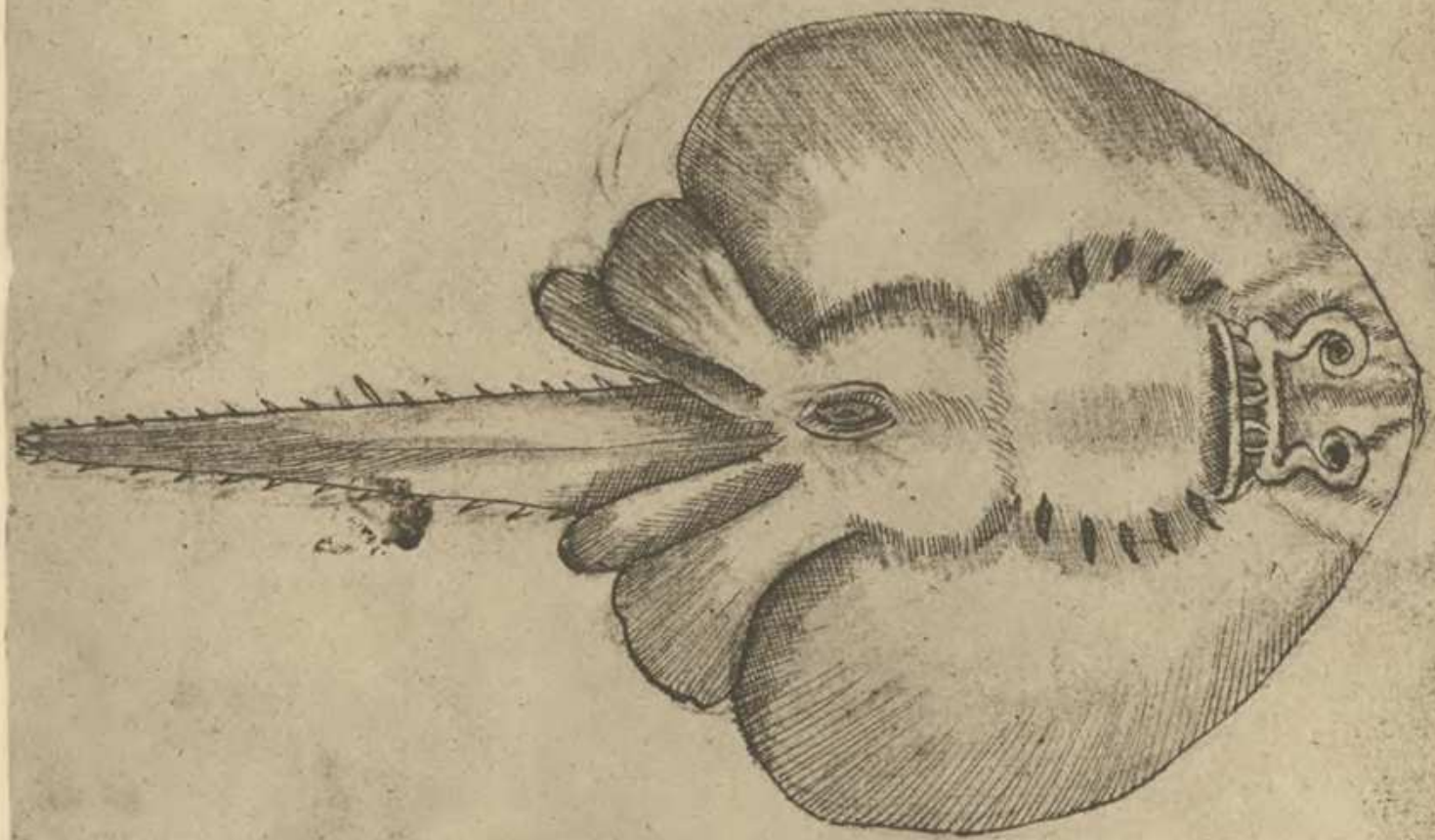


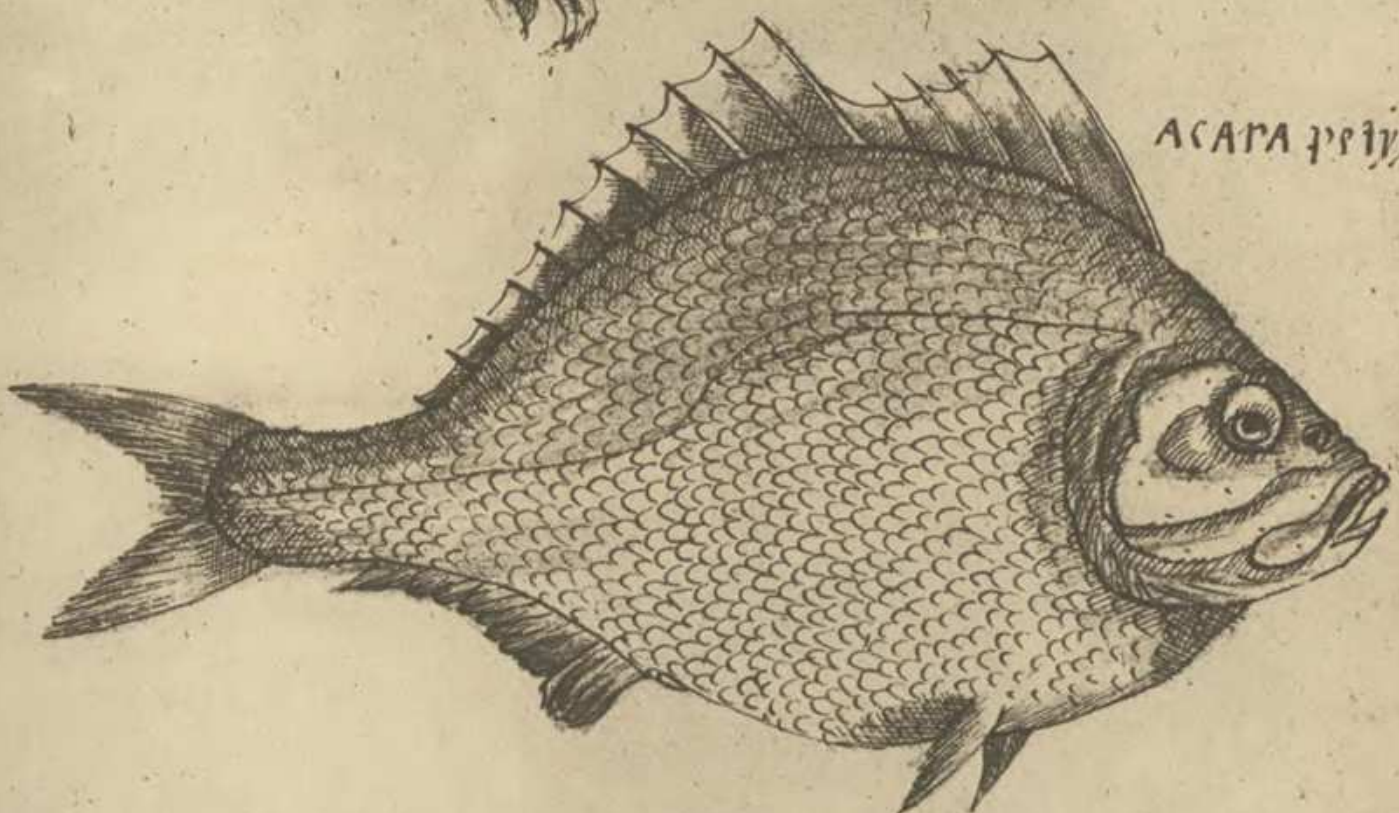



~~Madoal~~ mandn6e
manobi
+ ~~ollamyo~~



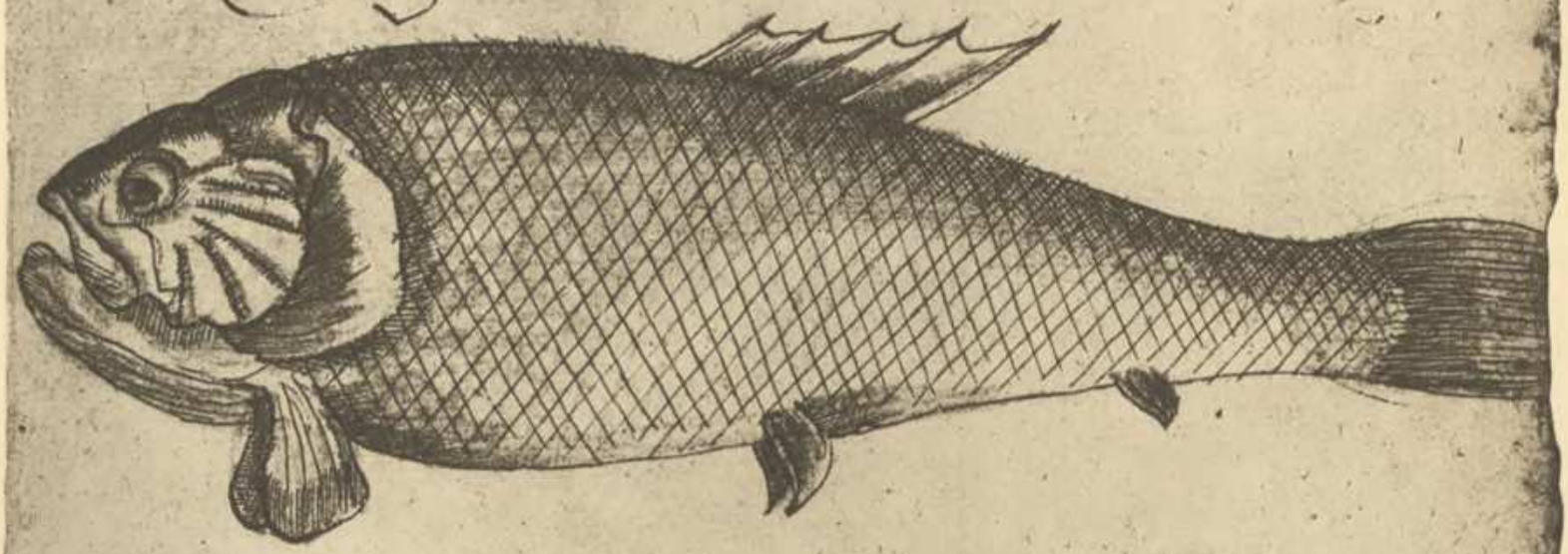
Jabebü primum:



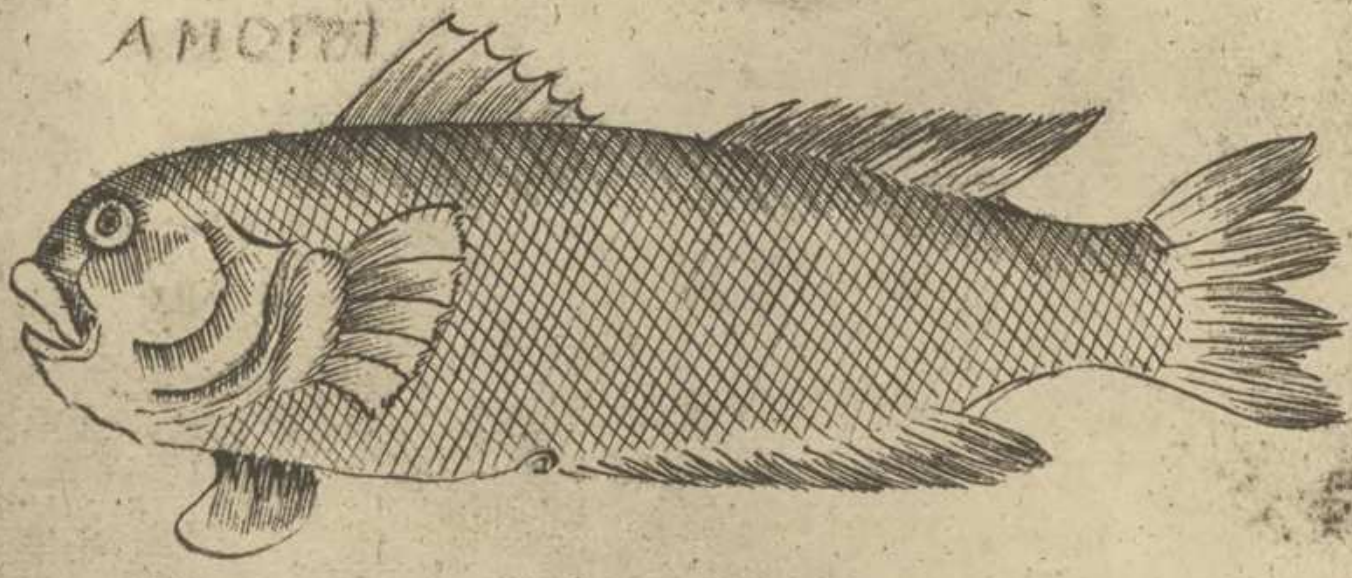

ACARA pelyy:

SMITHSONIAN INSTITUTION LIBRARIES

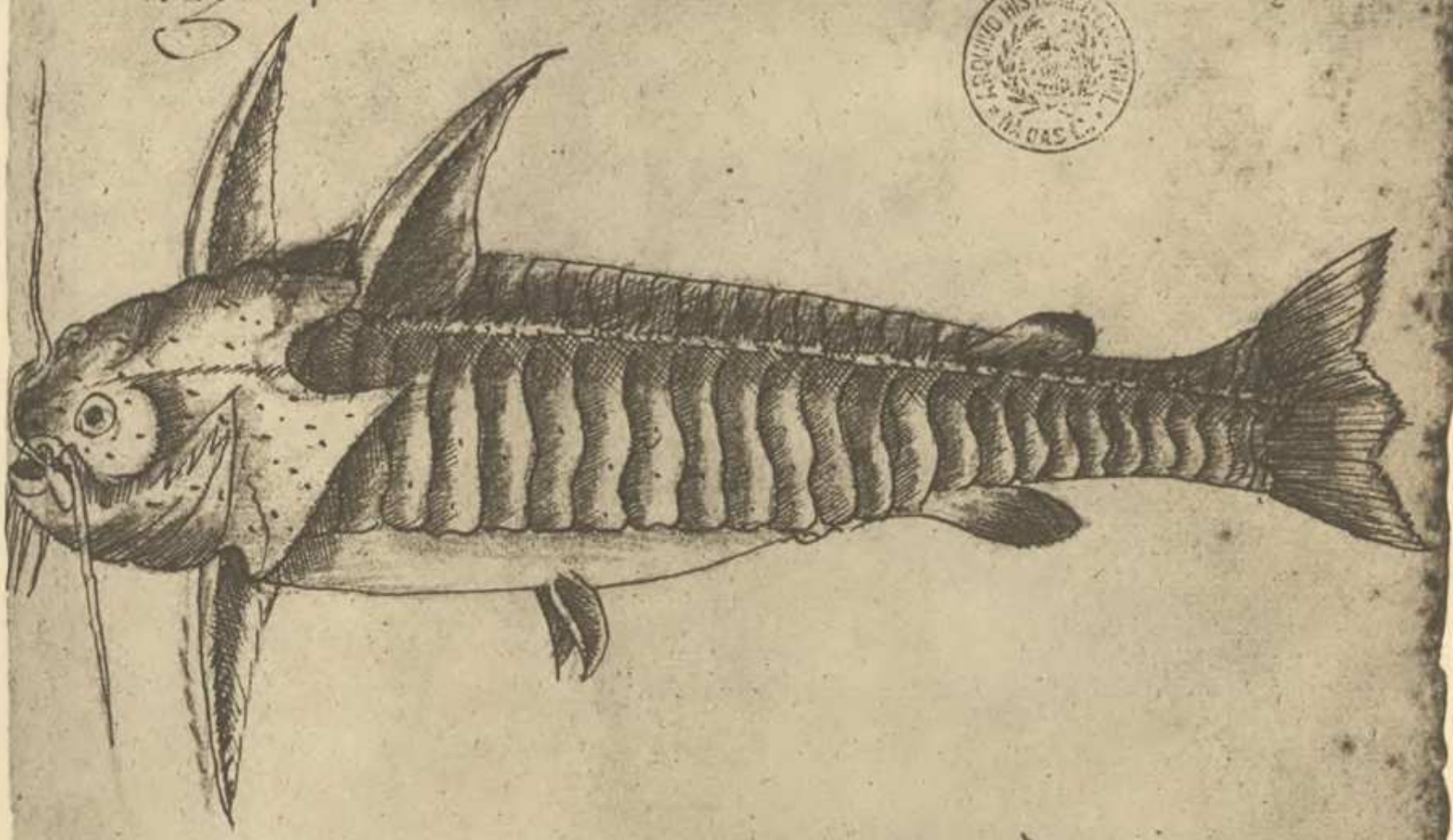
Feigu



AMOIRI

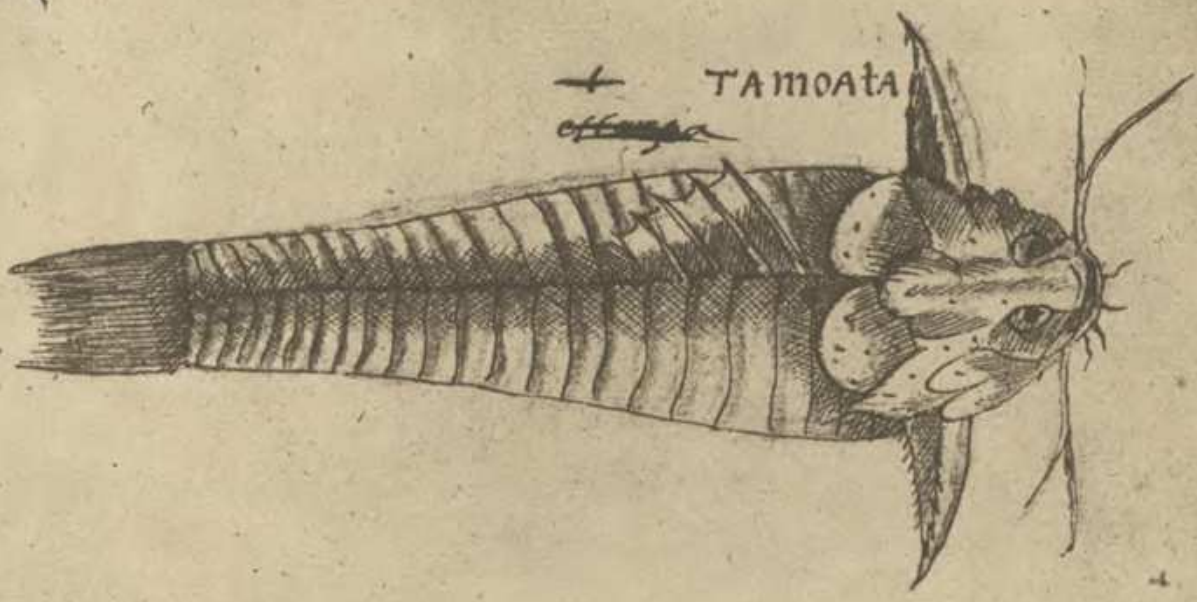


Tamoarape

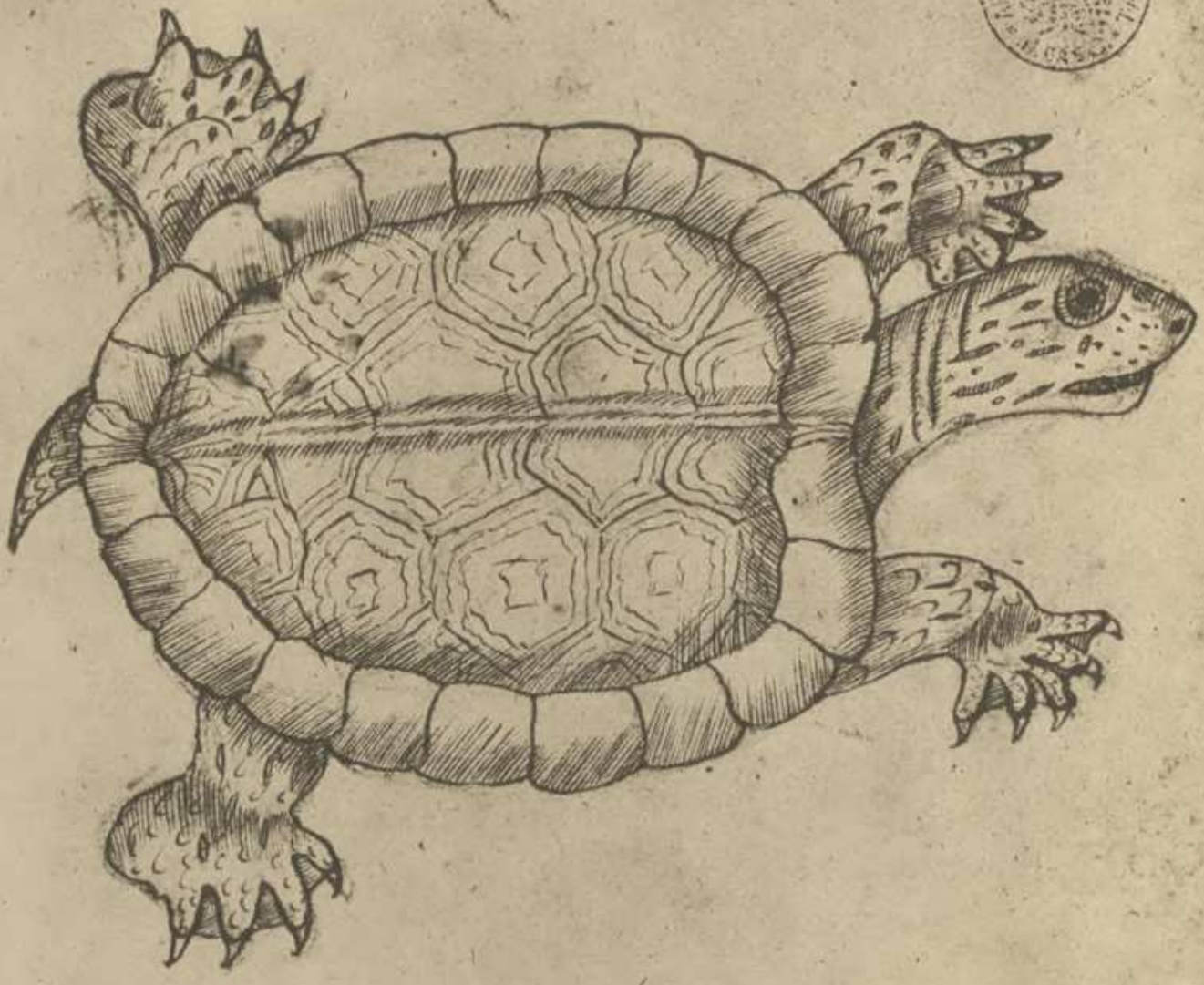


MUSEU NACIONAL

+ Tamoata

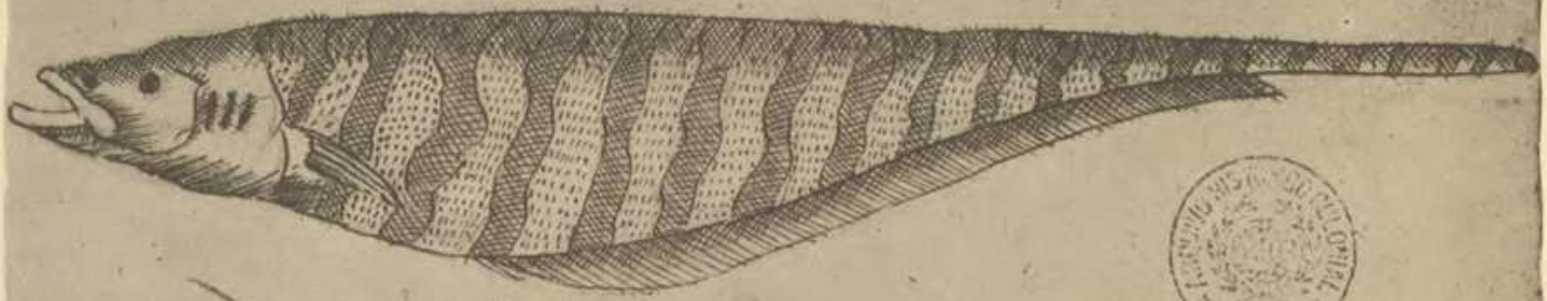


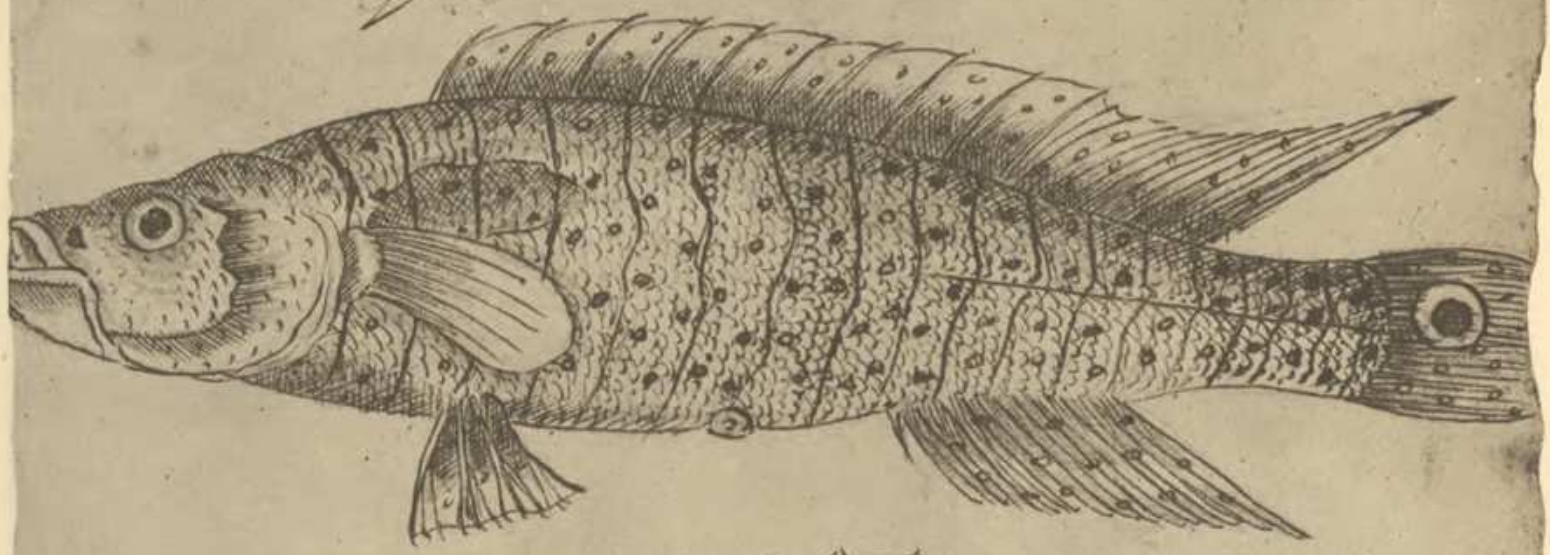
g craxa

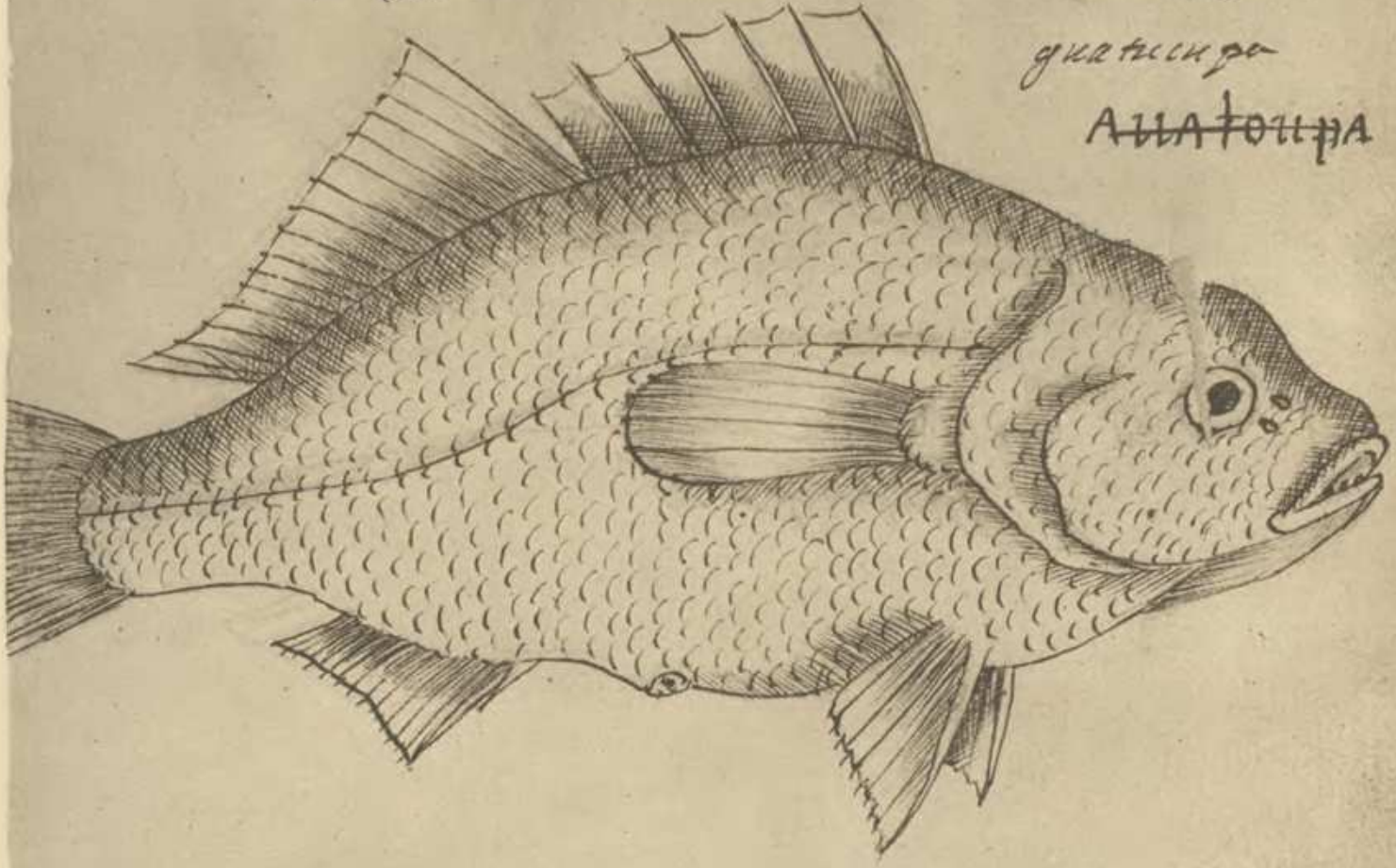


44
Motamota
Stampa
6a

Sarapo

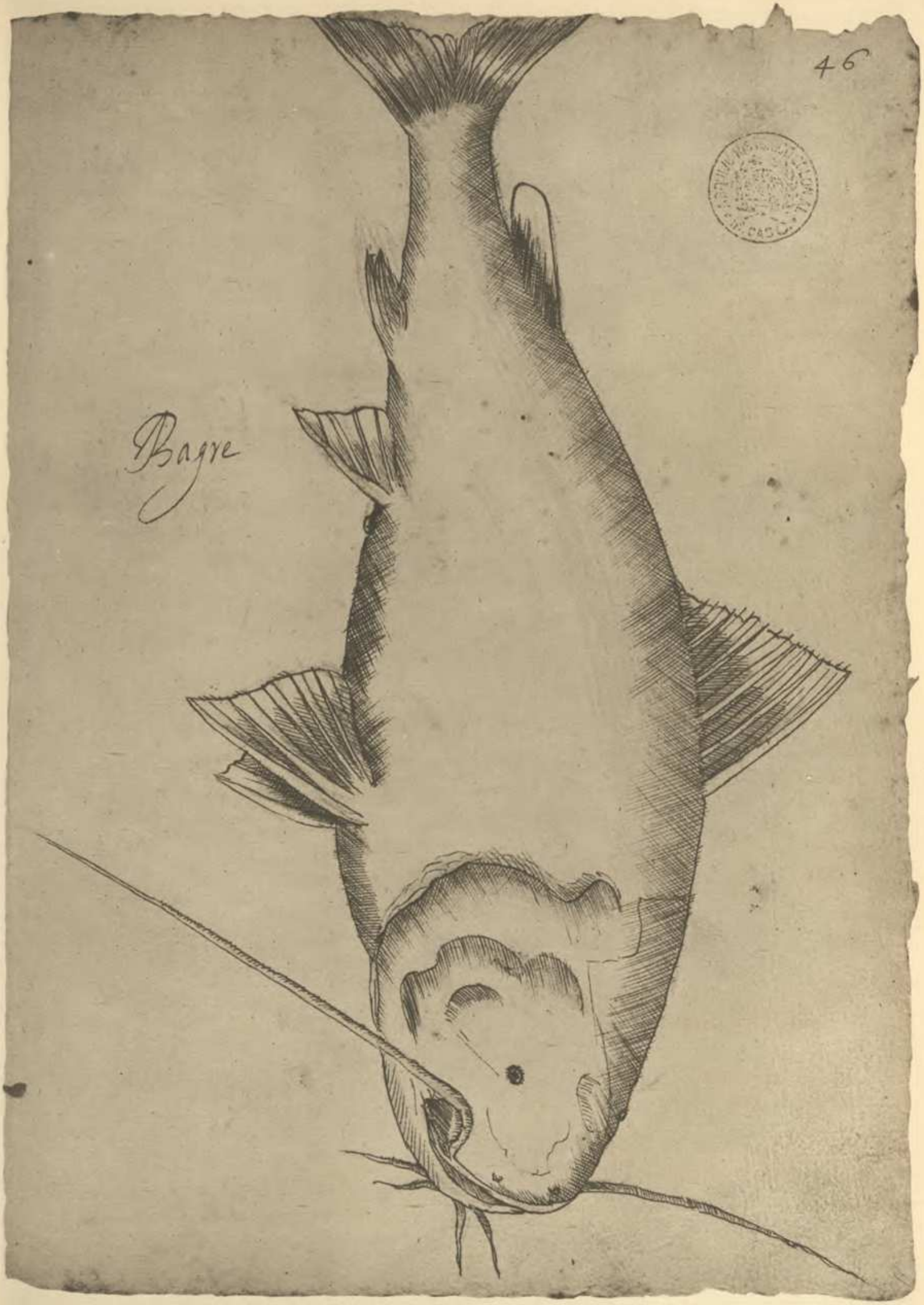






Acatinga

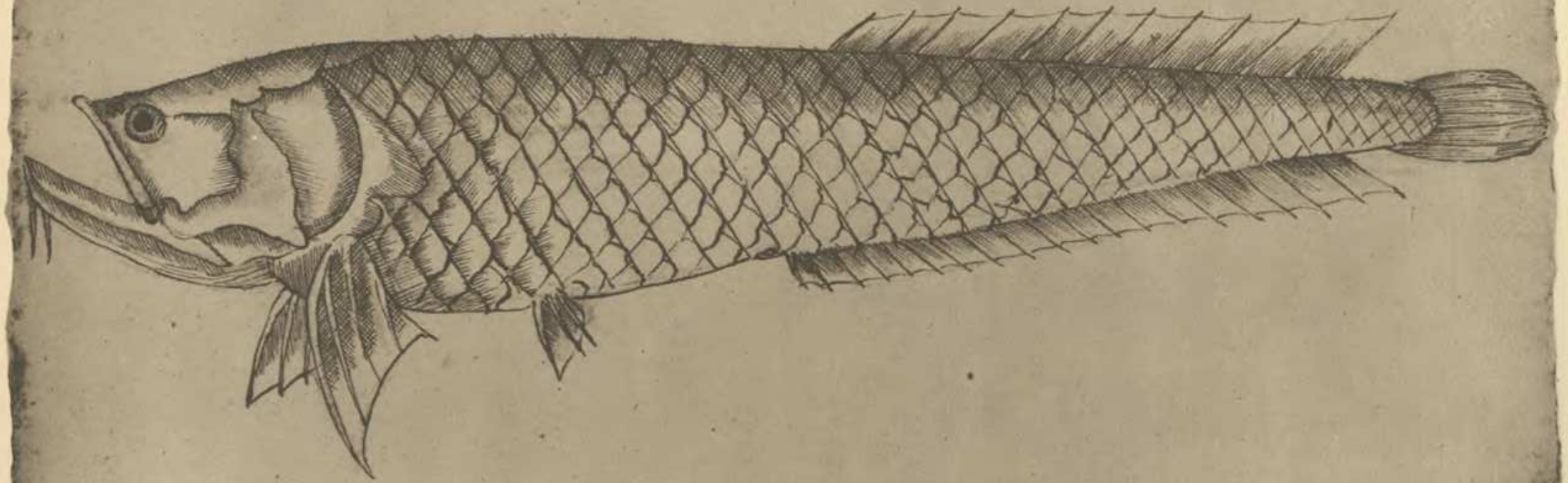
~~Acatinga~~


46
Bagre

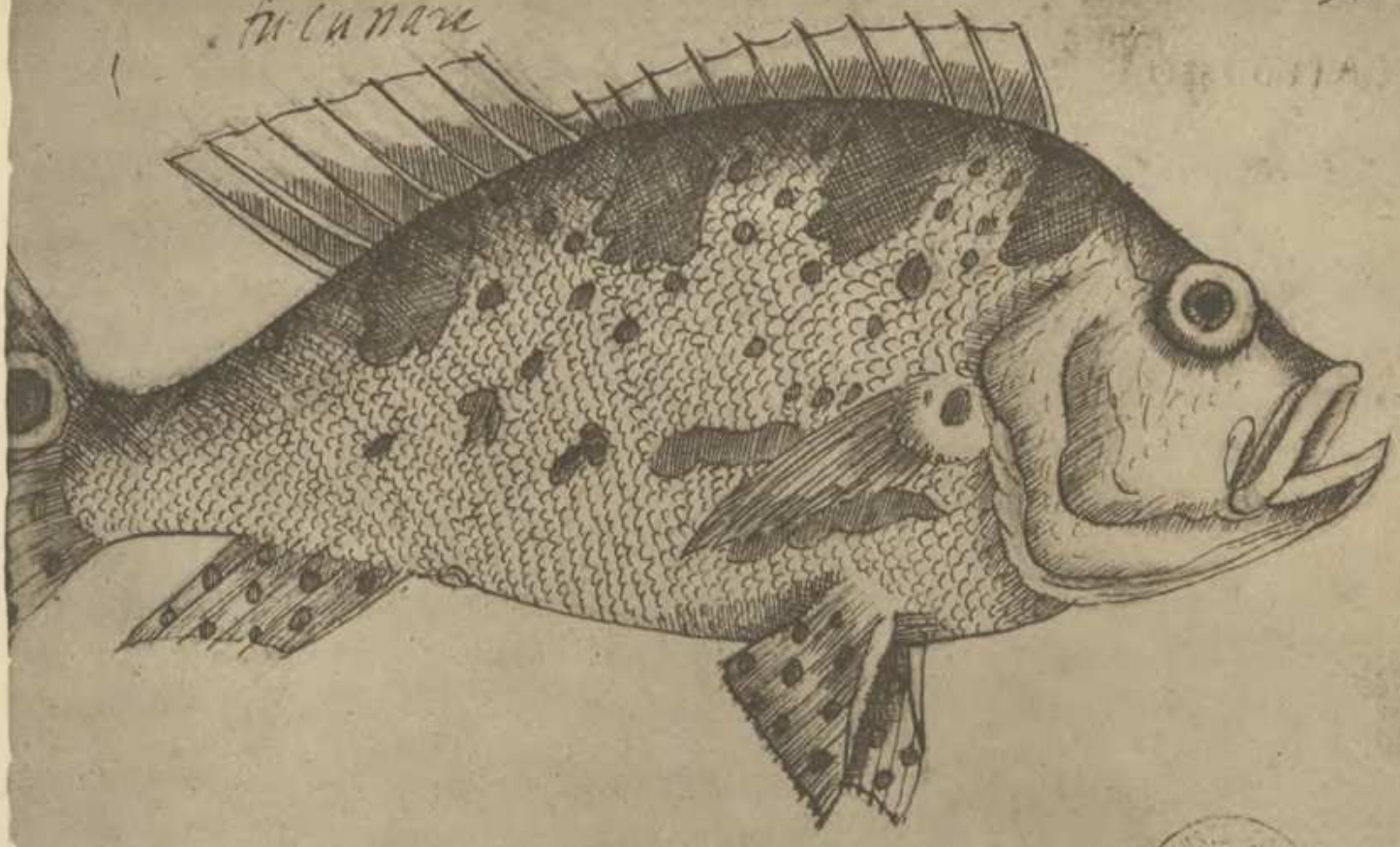
47
Curnari

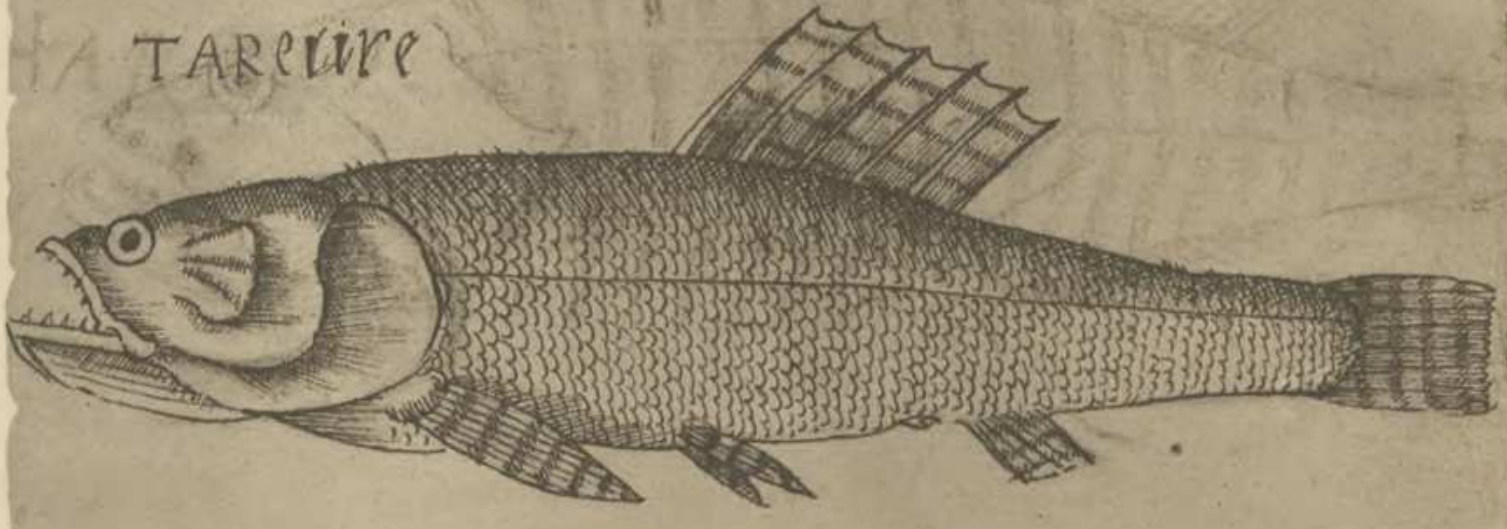
48

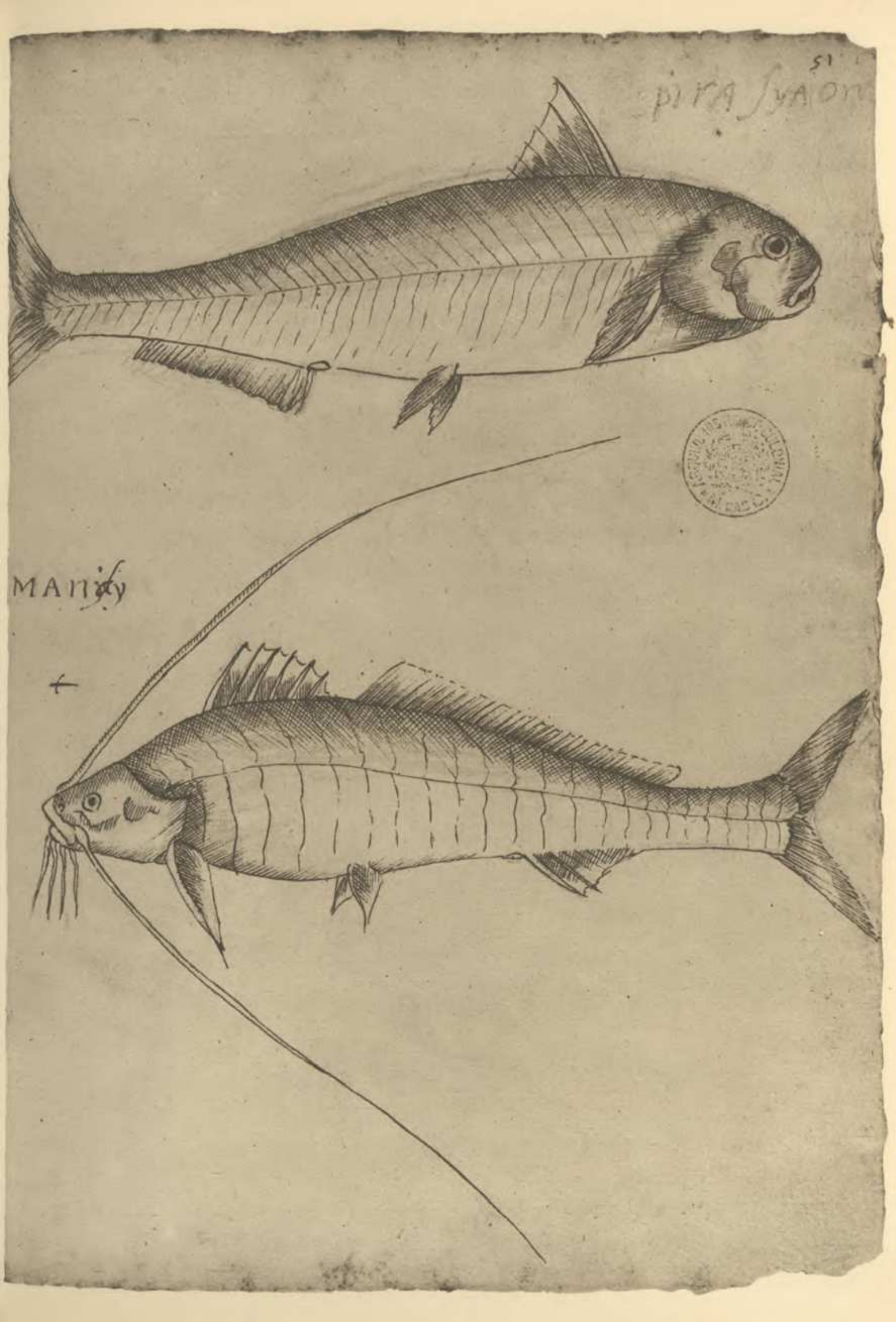
guana

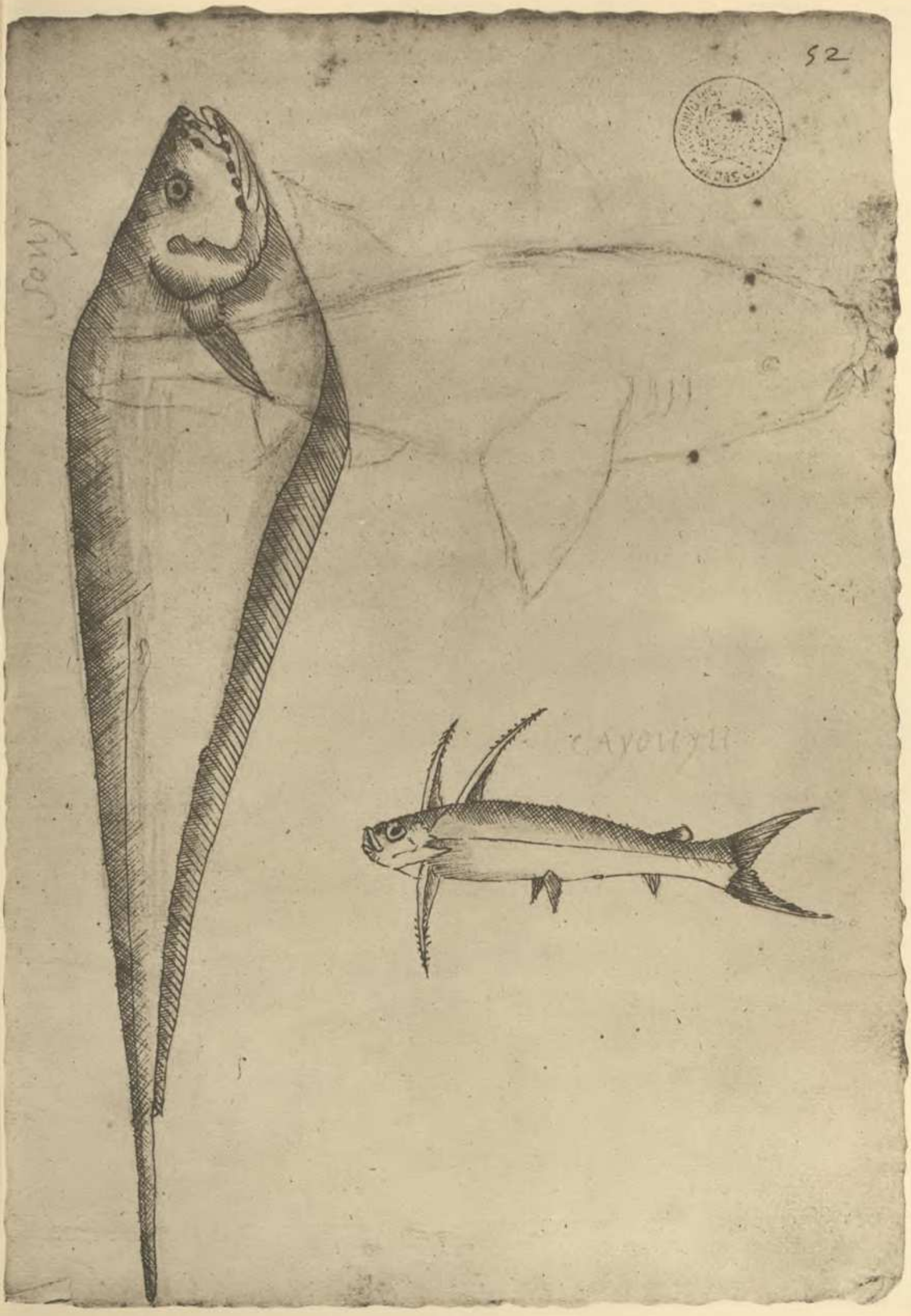


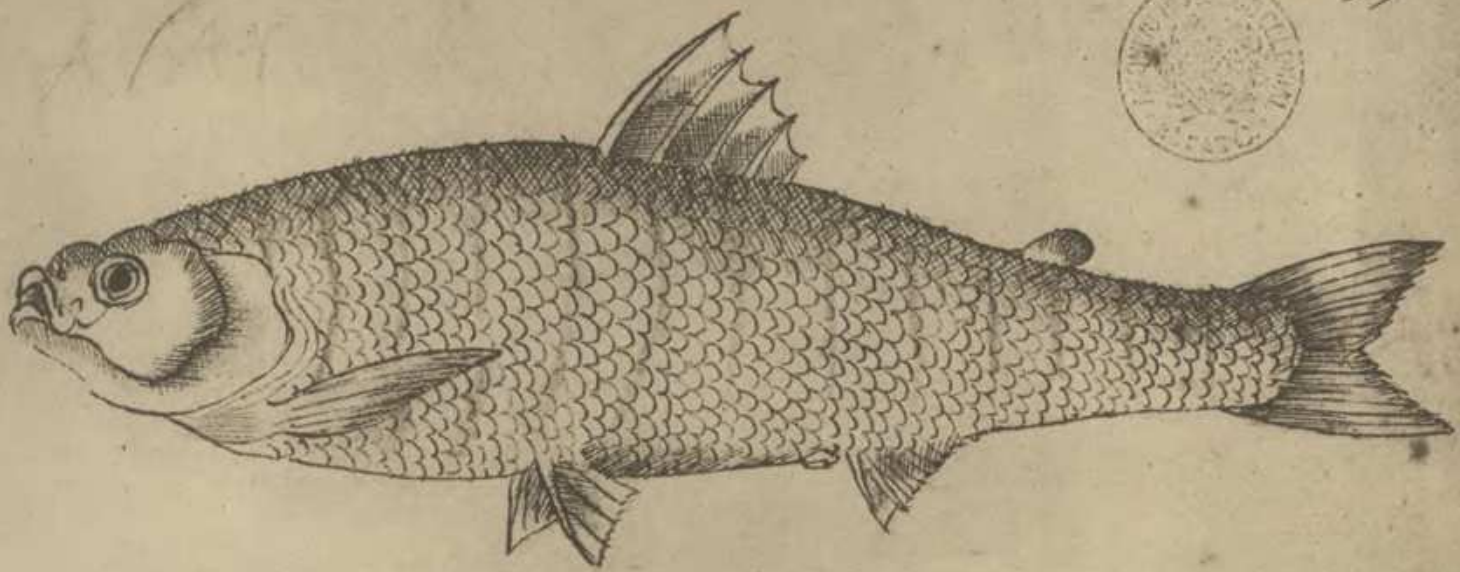
Albertina



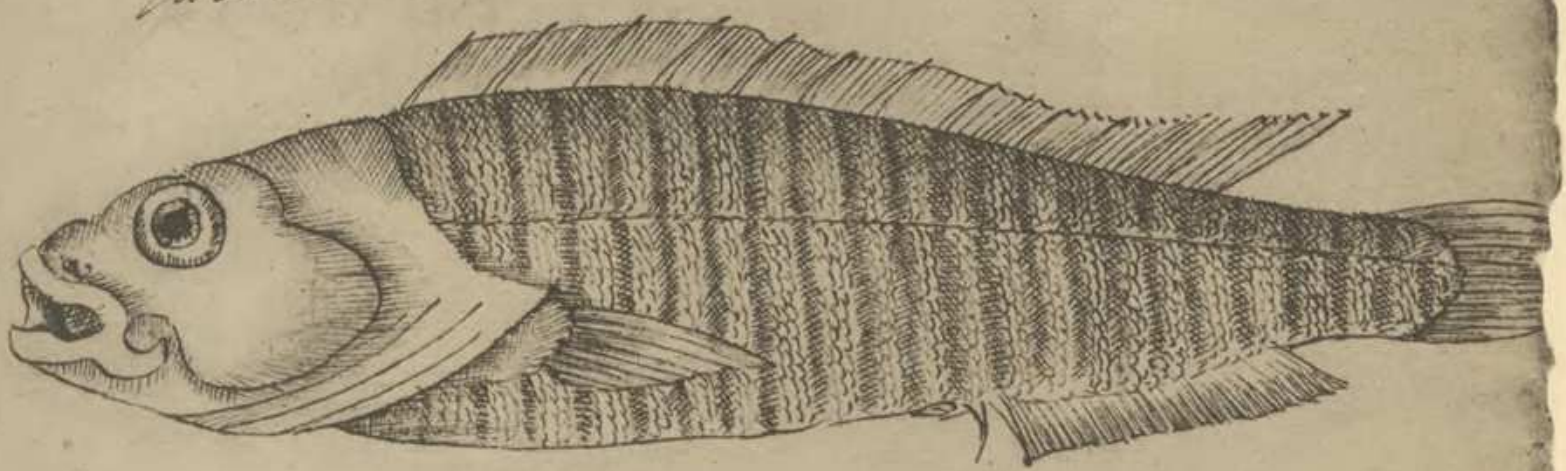

TAReuire

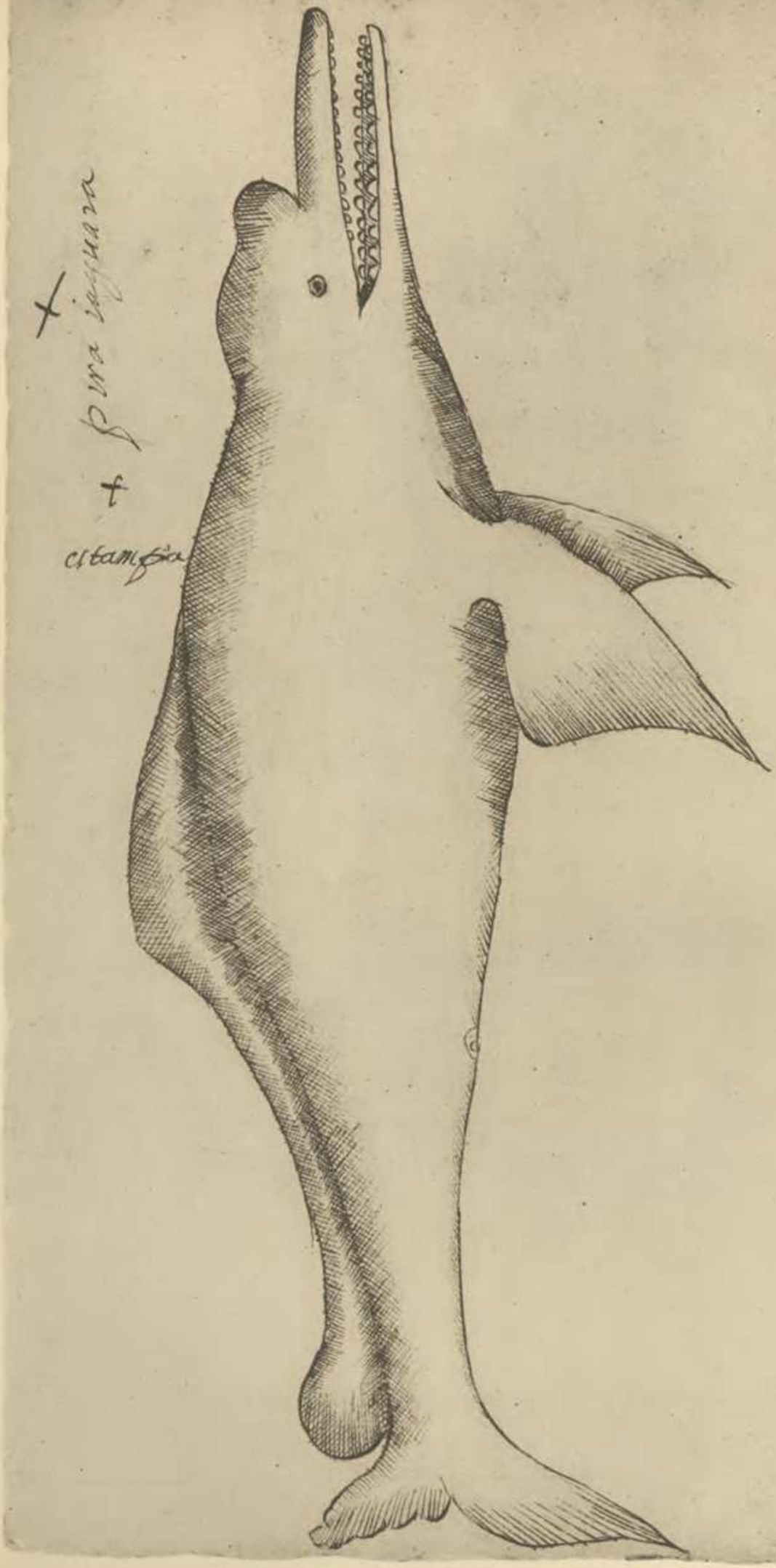

51
PIRA SVAON
MANIXY

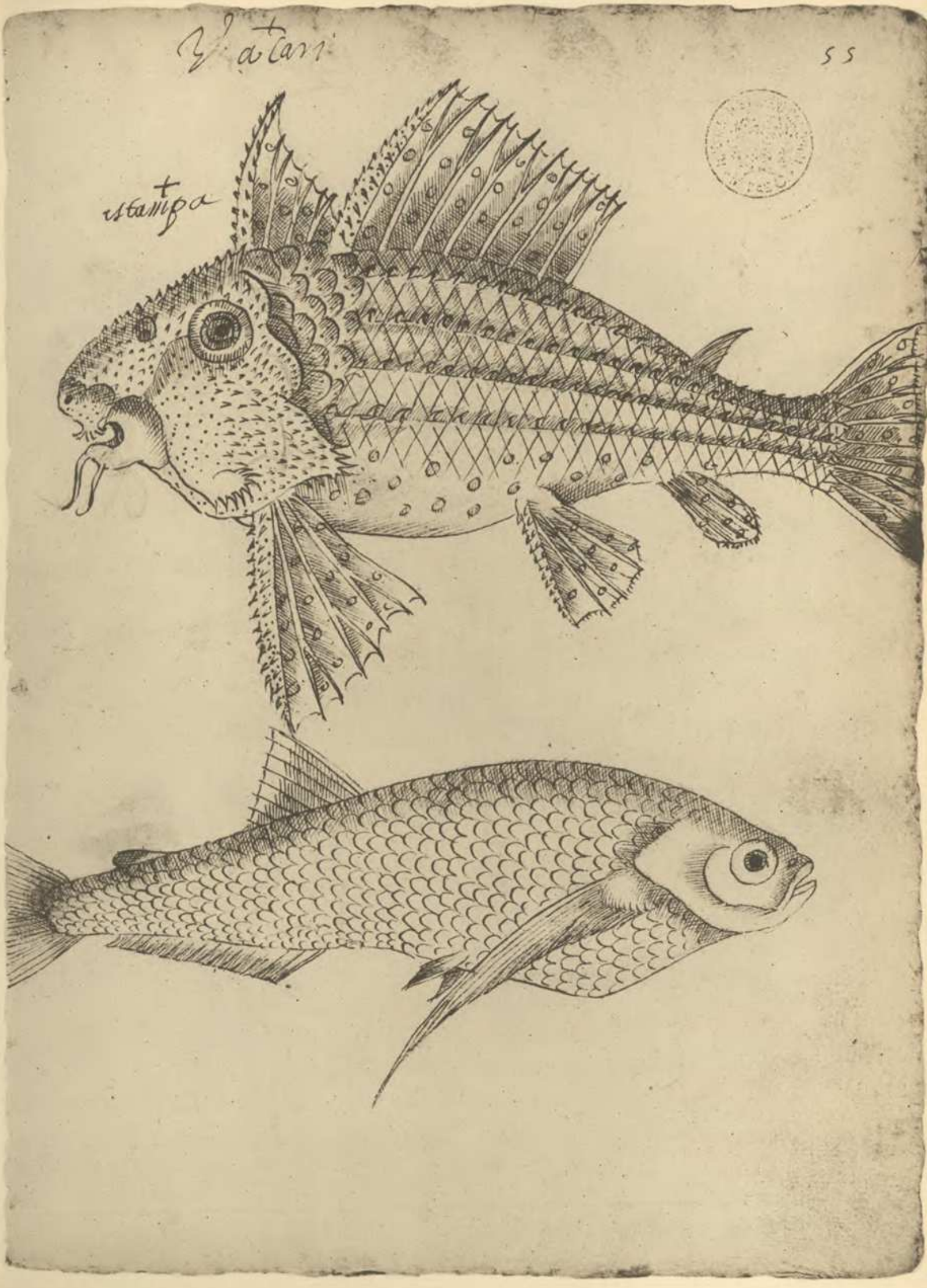


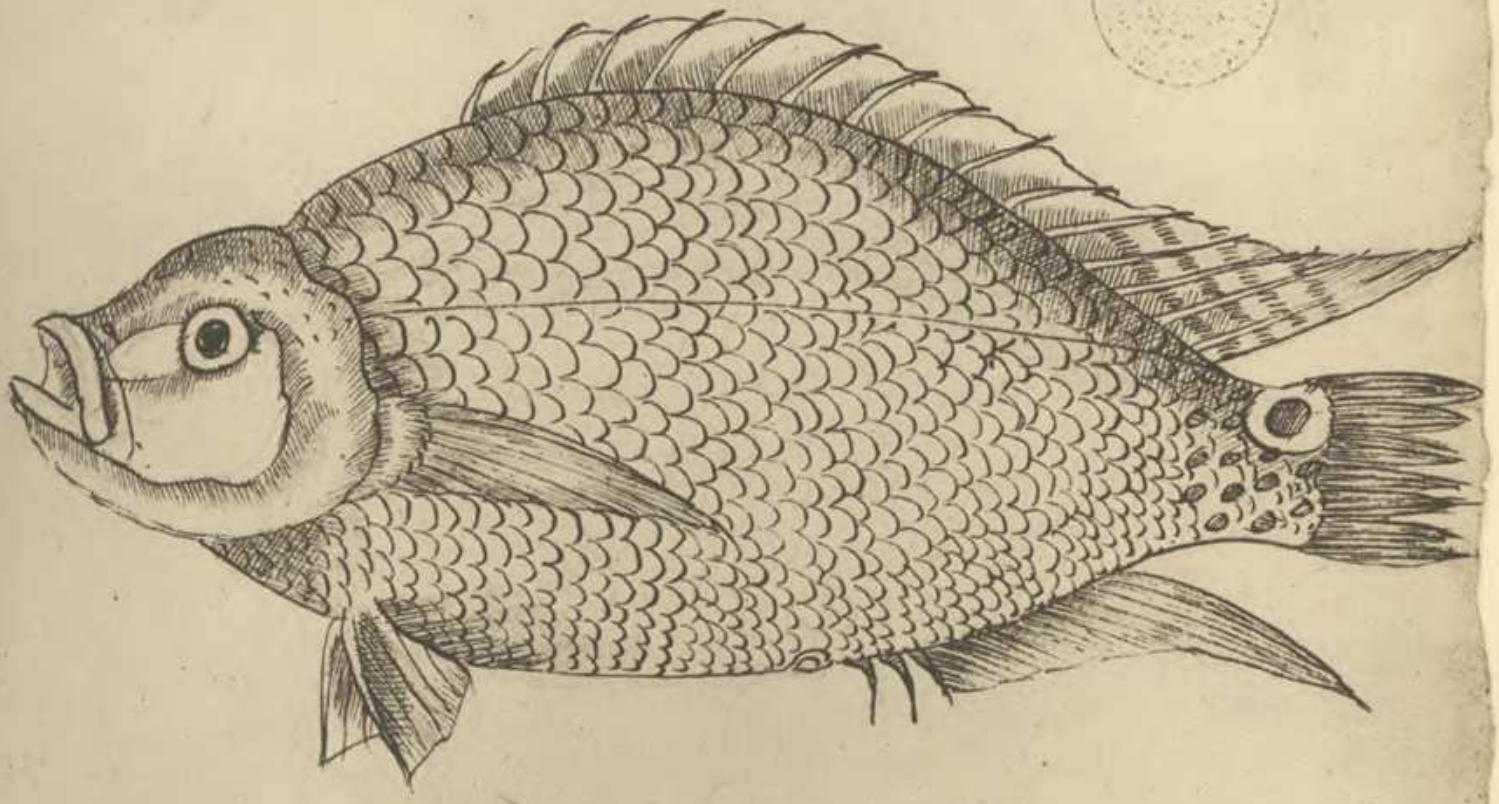


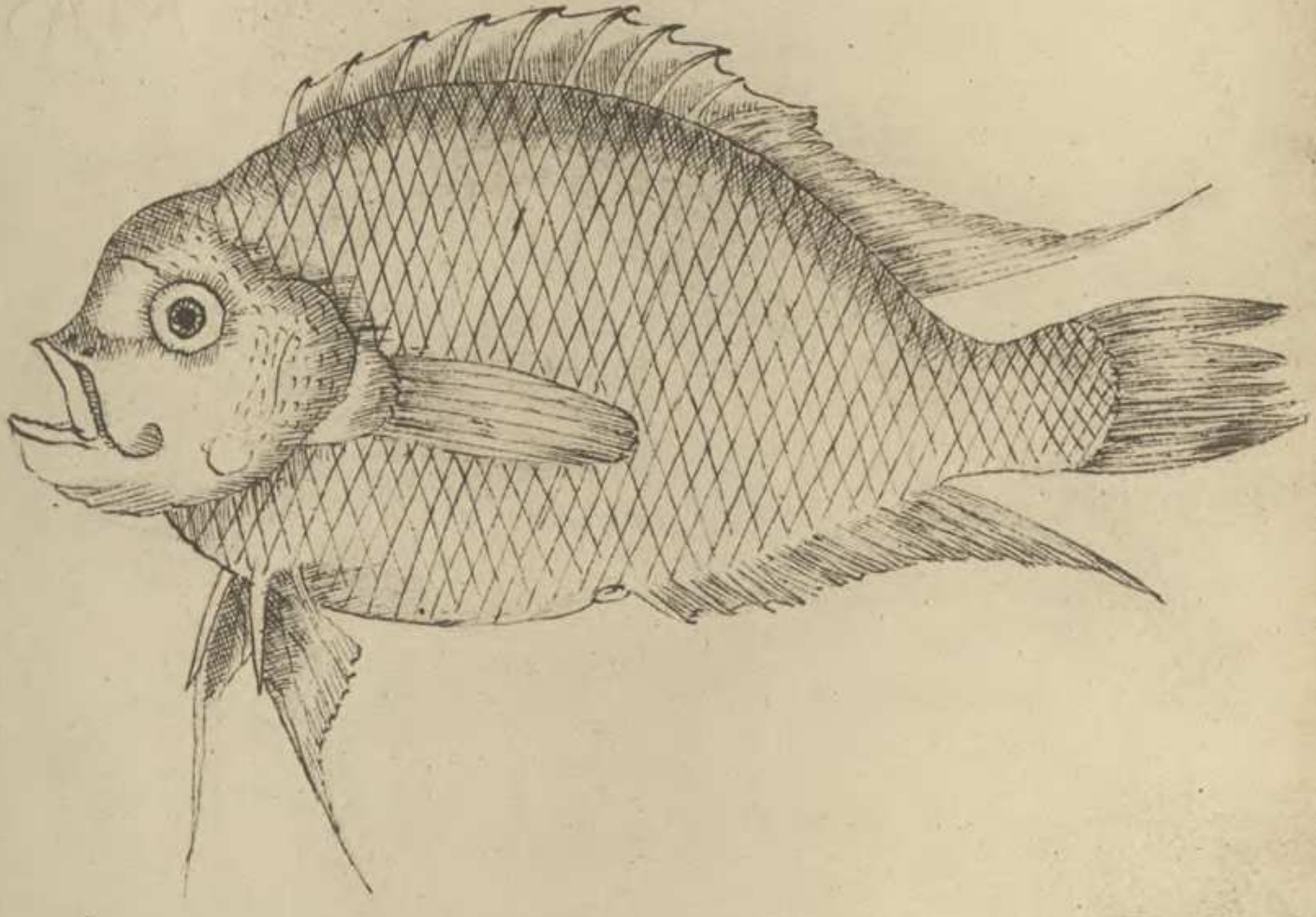
Jacunda assu

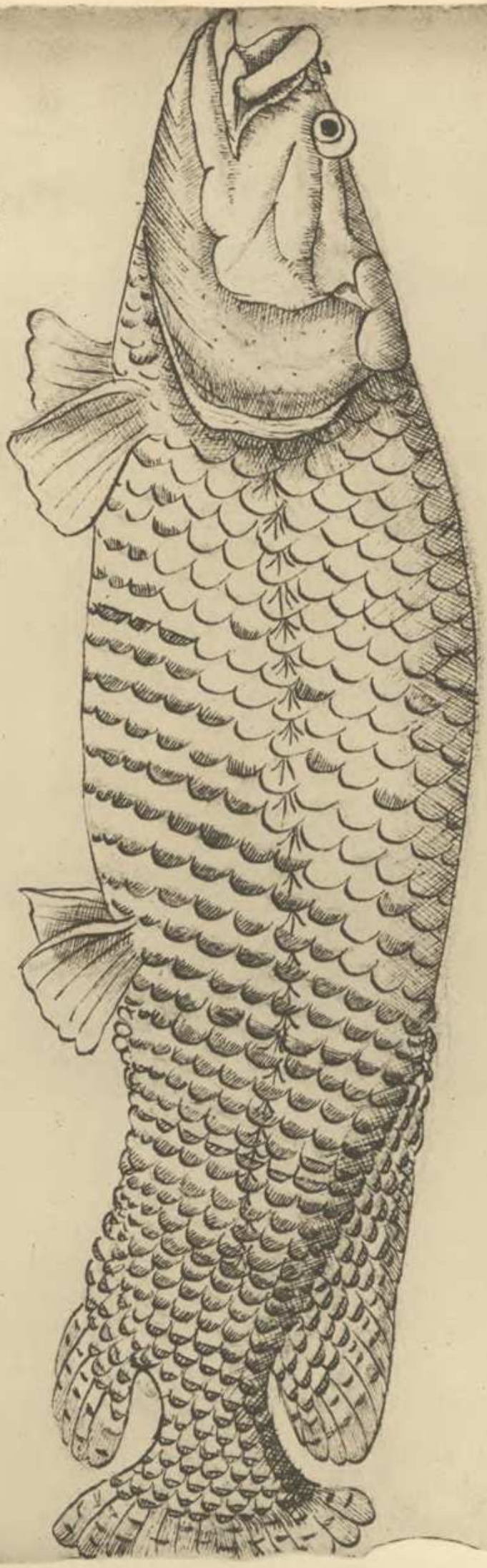


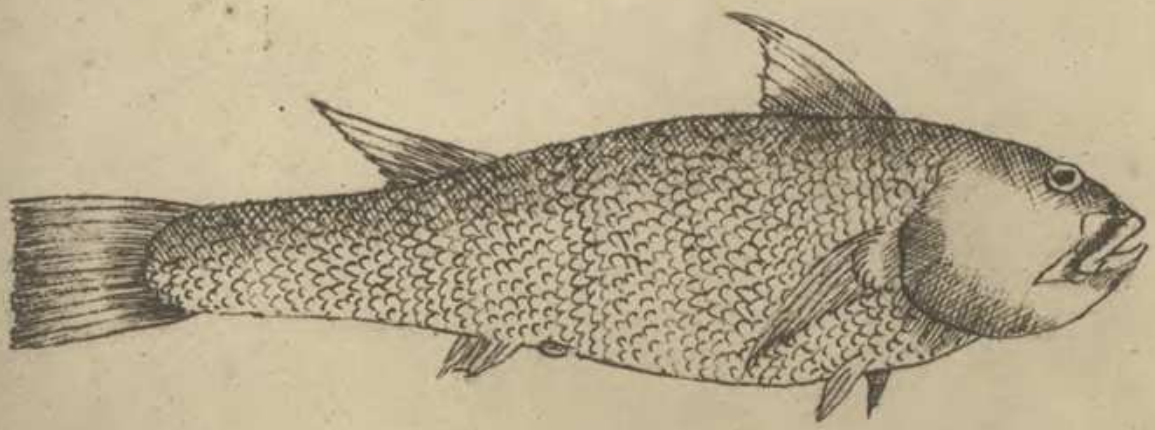

+ puma iaguara
+
Cibamgoa

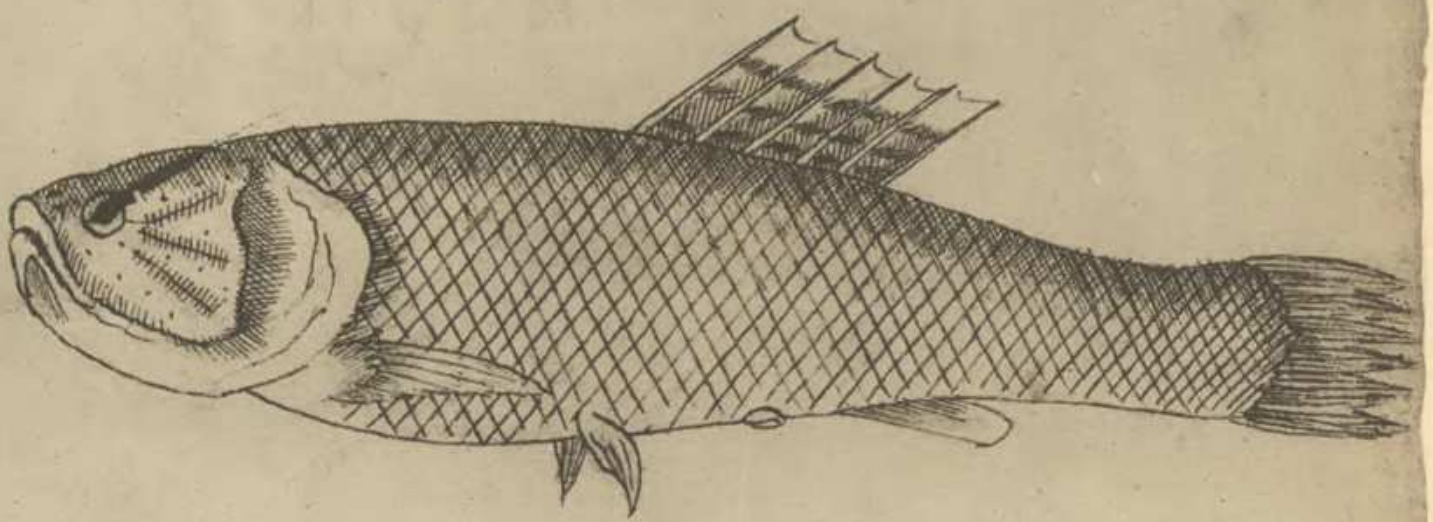

stampa

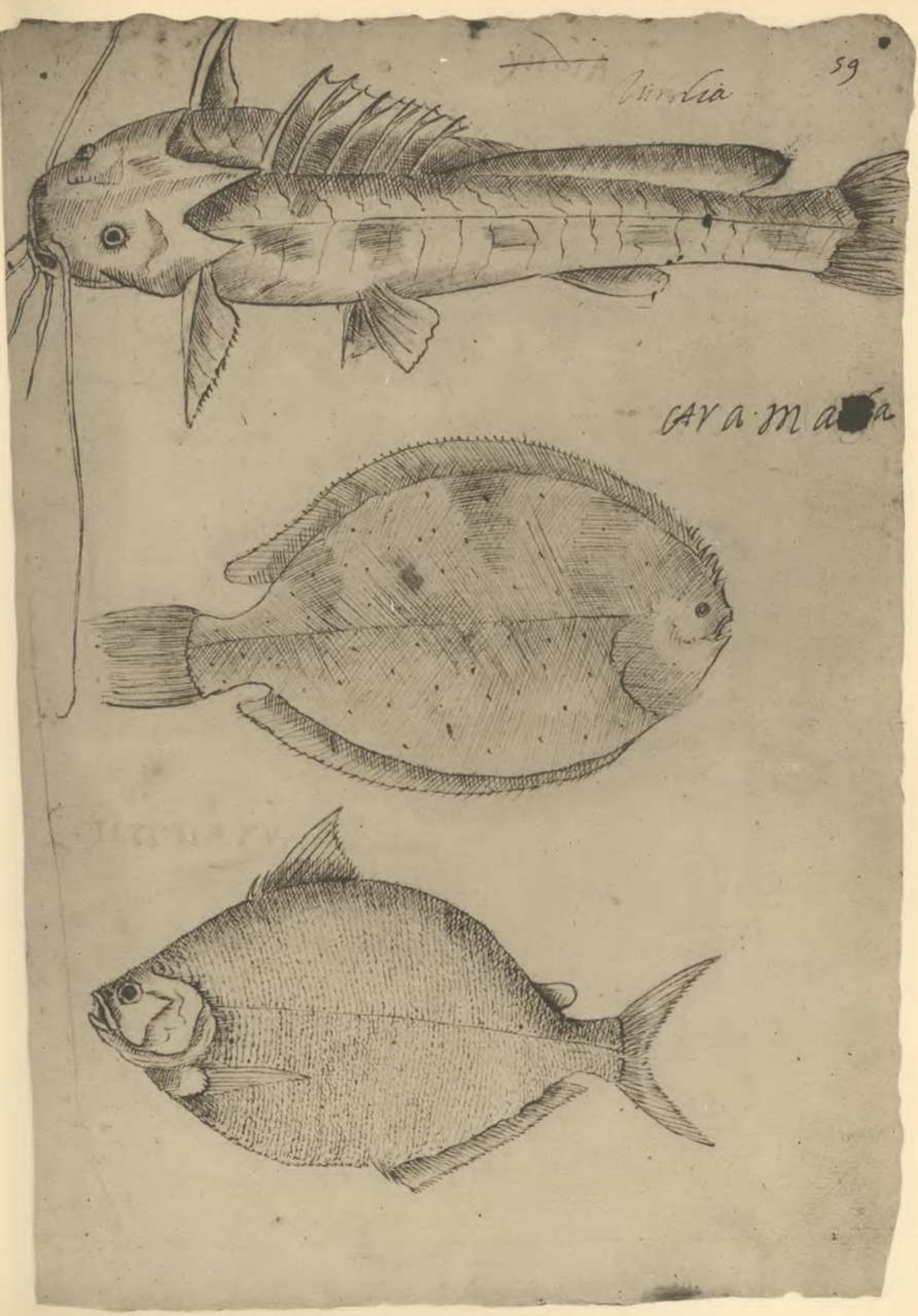




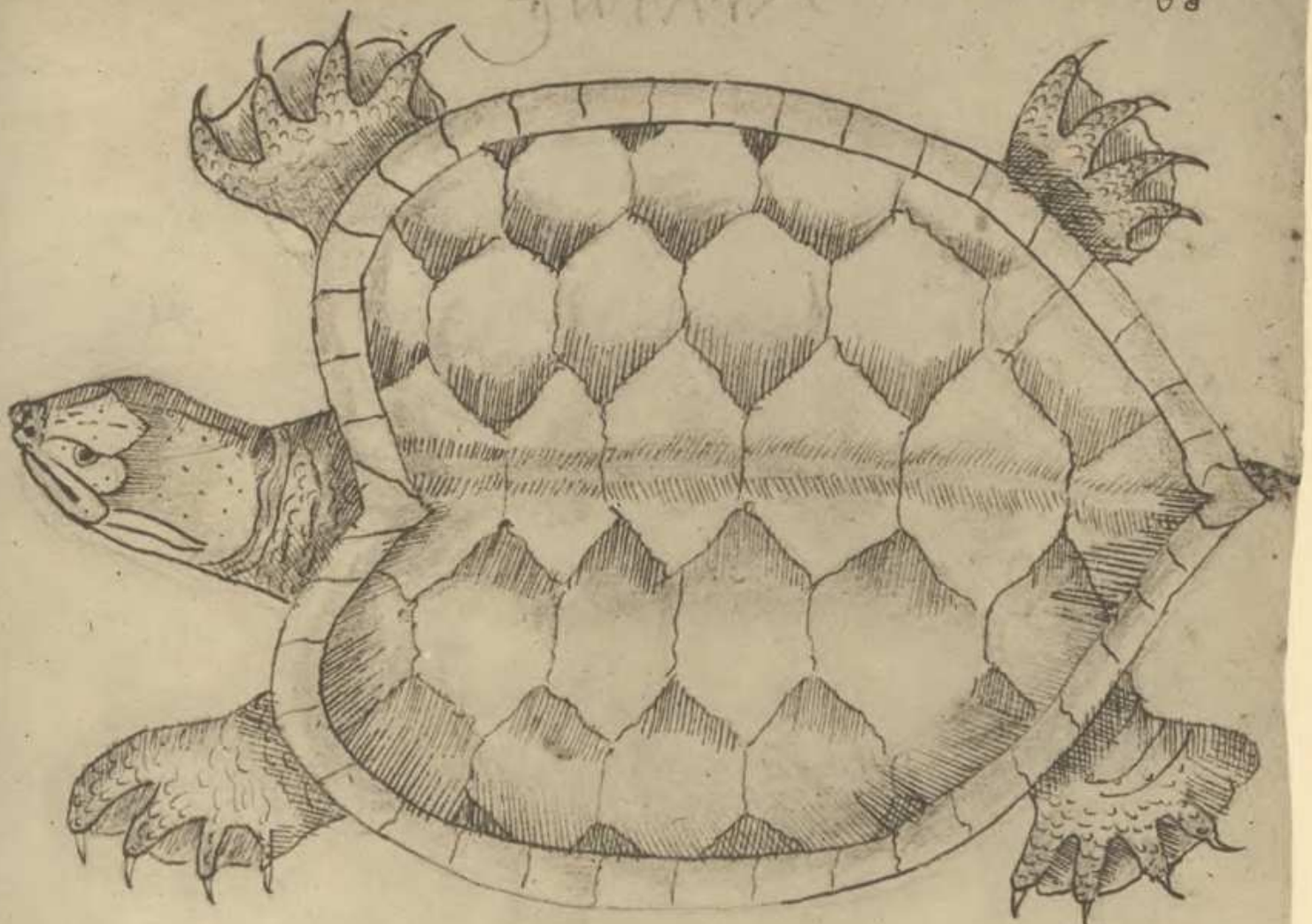


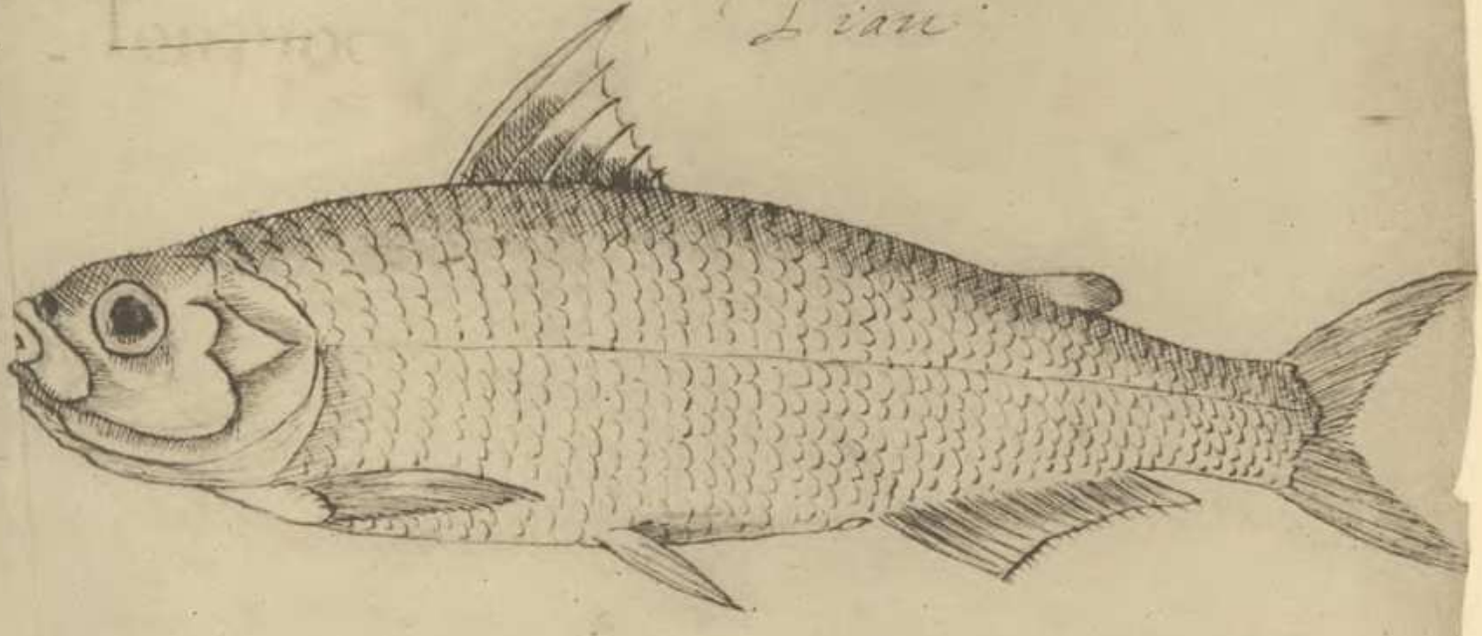





Cavama

GUYANA





TAPYRVETI

Capiuara

62

TAMANdoa 2

+ el tamua

paca

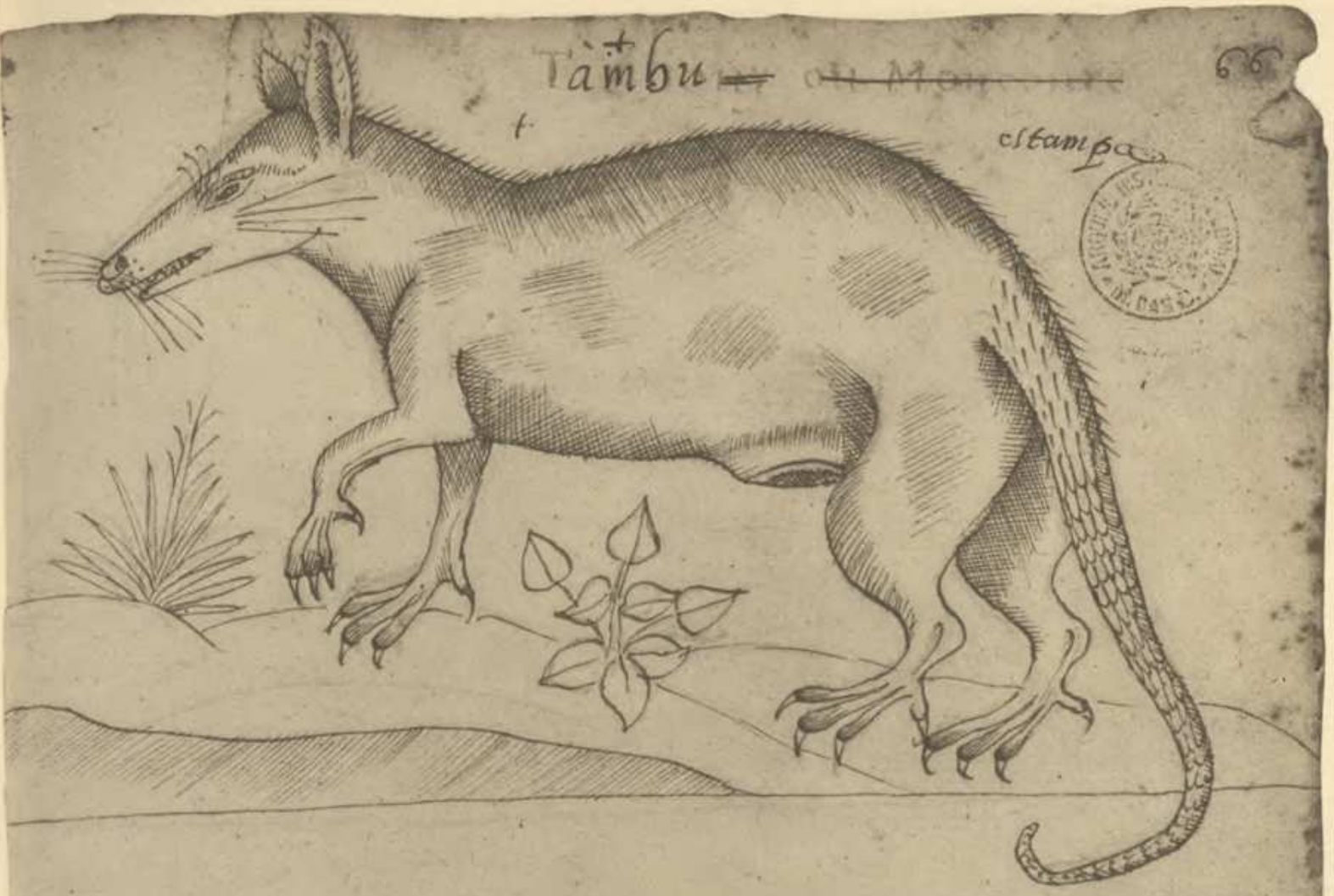
guati

(COATI)

ueado ou-coueo
braziu
la la ueado

Tàmbu

estampa



Sarigoya cocho q se fingia estar

Sapagion

mavaya

Hampat

bugia muchacha

guarzoa

puerco cazan

guasini

stampa

tamandua

stampa

+
grigia

71

estampa

+

1
CUNAVA

74.
Eogeoju + estampa

Jaborn

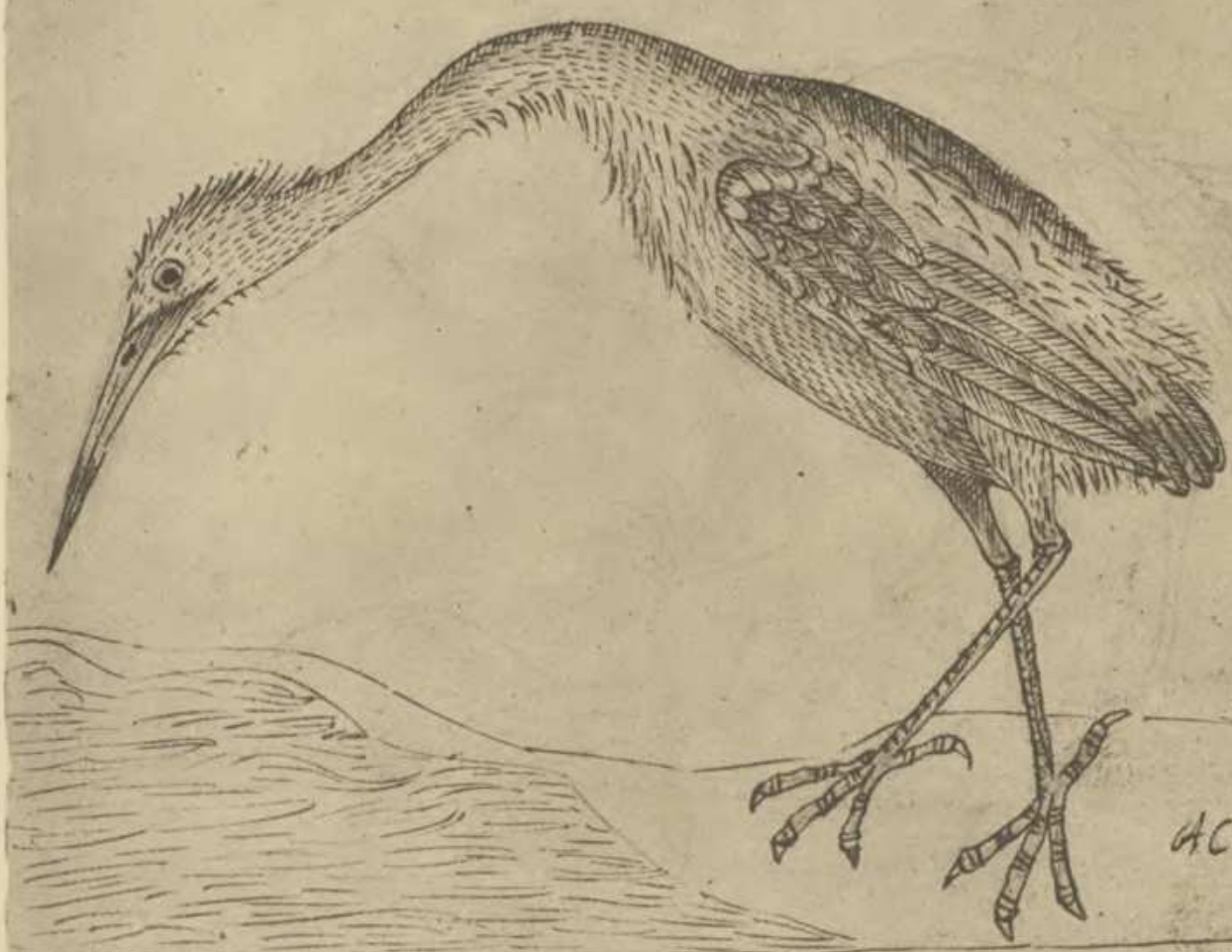
MACARI
Estampa
Magari
76

Guratinga OSII

E

77

guratingua mirim

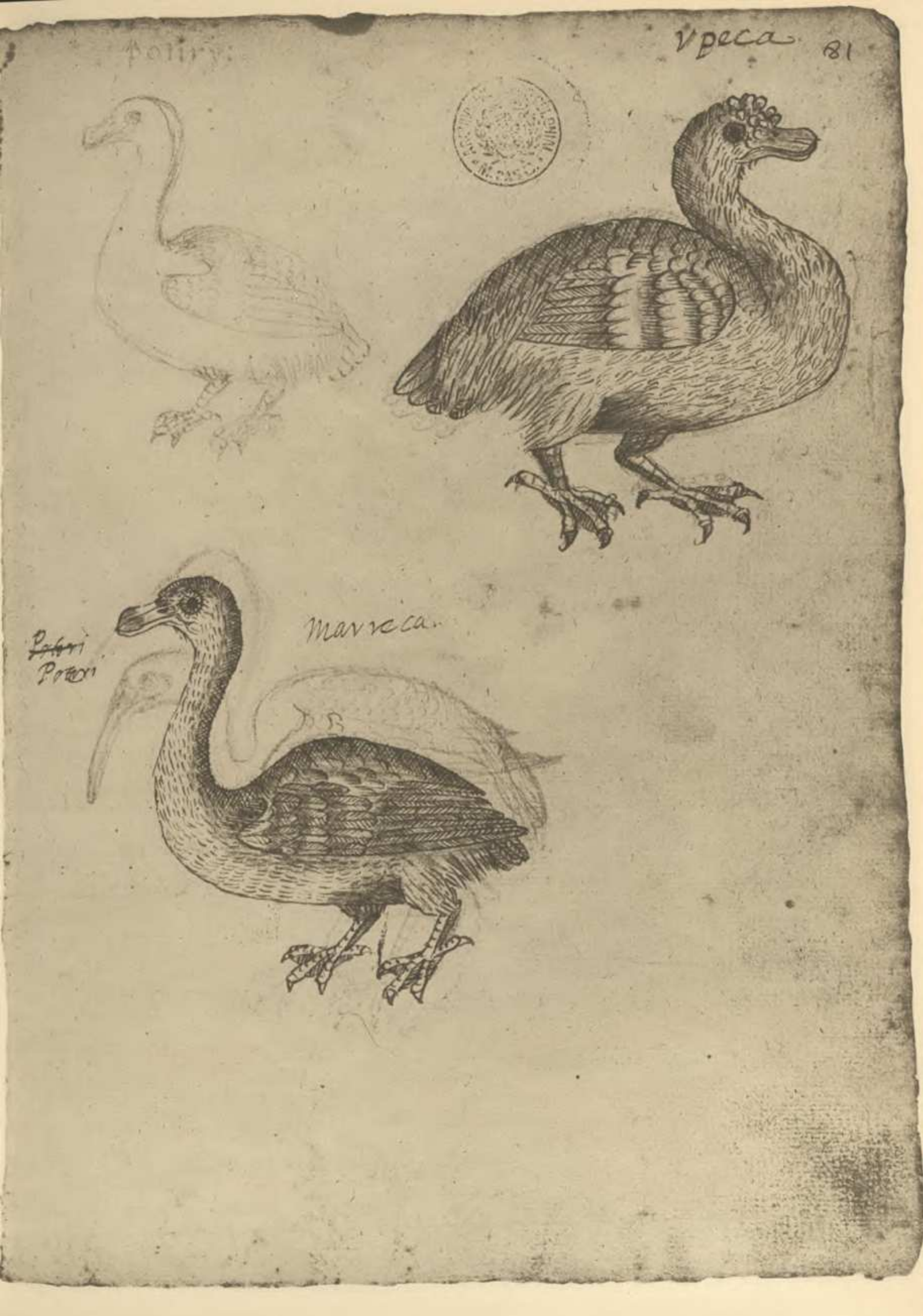


acara obu

~~Mayoya~~
Migua
79
APAPA
5

Ayaia ~~Aya~~ Colherreira

Aty Asu :-


Vpeca 81
Marreca.
Potori

guaraiina

AVA pe[illegible]SOCA

barbaro negro

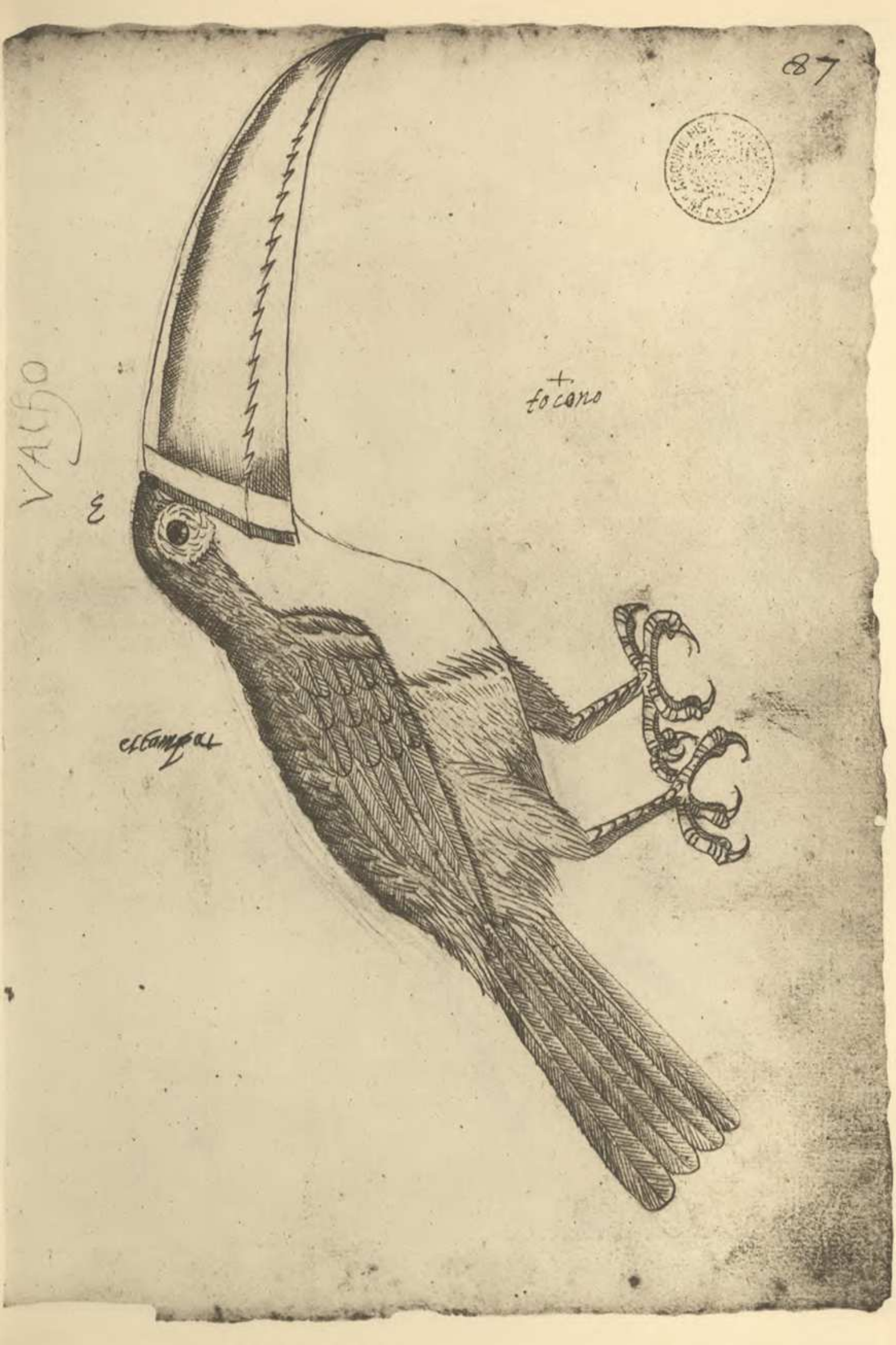
Caran:

OVARIAMAN

tamathan

+ estampa

Araiari
tocano
guaki
tocano


87
VAUSO
3
+
tocano

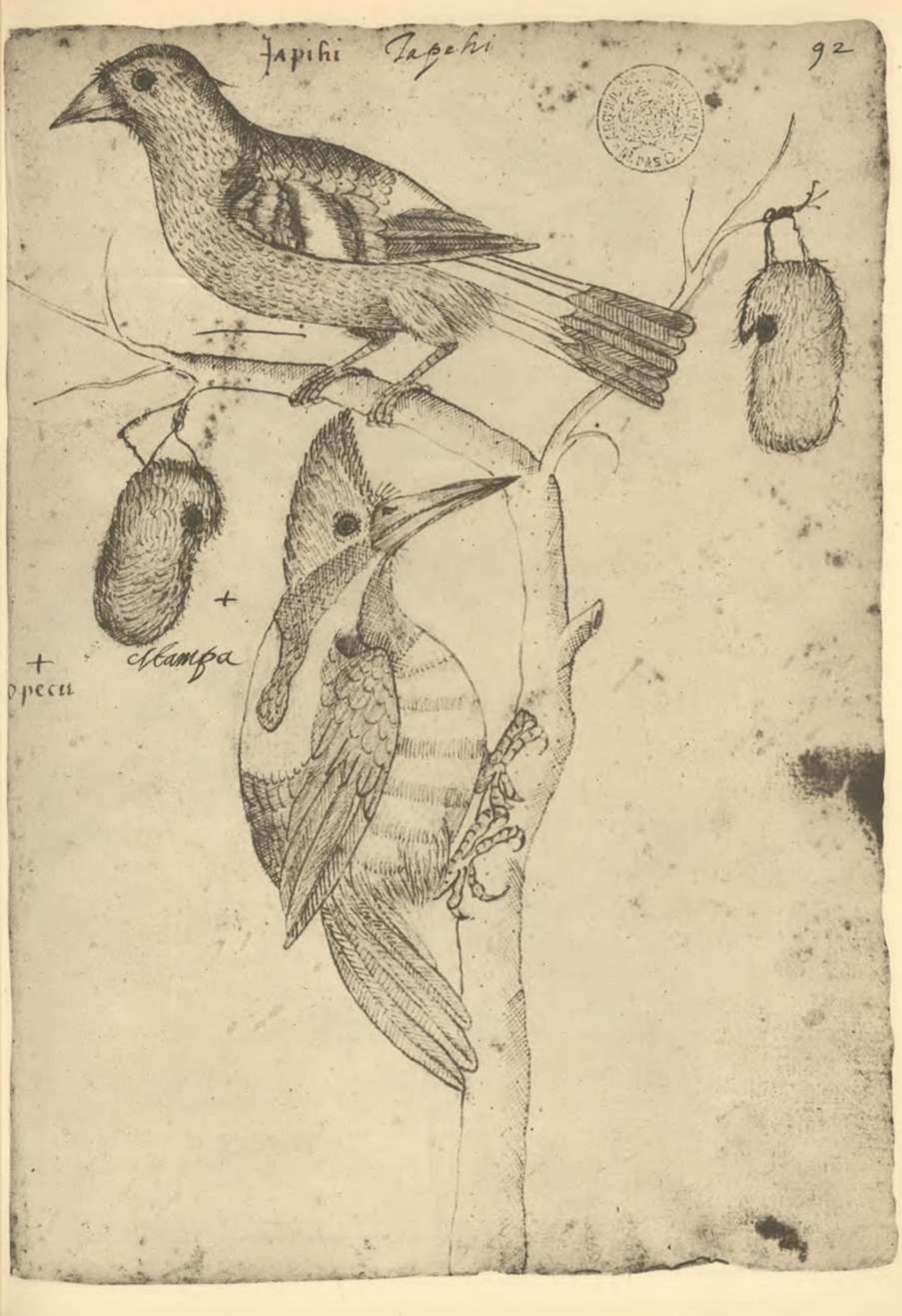
Ie ma yaxon

~~Guara~~

guaraʃu hc grecu

E
Motum
+ Estampa
9°
Sova o ortanga
he ond gordy
CATA COPITAMGUA

91


Japihi Japehi
92
+
+
+
Abampa
opecu

Toquana

Vrepe tocano

guaraasu.
Alyasu

iNAboil Miry:
95
ARAruna
arara

Cabure 96

Guraunа

ORuCuRIA
97
Curuca
SAhy

Camden.
98
guanembu
guanionbu

ARARA

Papagayo

mara guana
he casta de
papagai

otra sesta de papagayo

INSTITUTO COLOMBIANO DE CULTURA

grudaya Landaria costa de tierra

Aliura ator papagaio de outra casta

Papagaio d'Innuetu

Jeroti he pomba

Cherenuba

Pocchi

Ann

106

ti he mirim

E

Andiroa

murcego

Champa

Majria.

Mobi' de Para
Mobi' de Para
Lamba fatta
+ stampa

Mandioqua
+
mandioca

Stampa

+

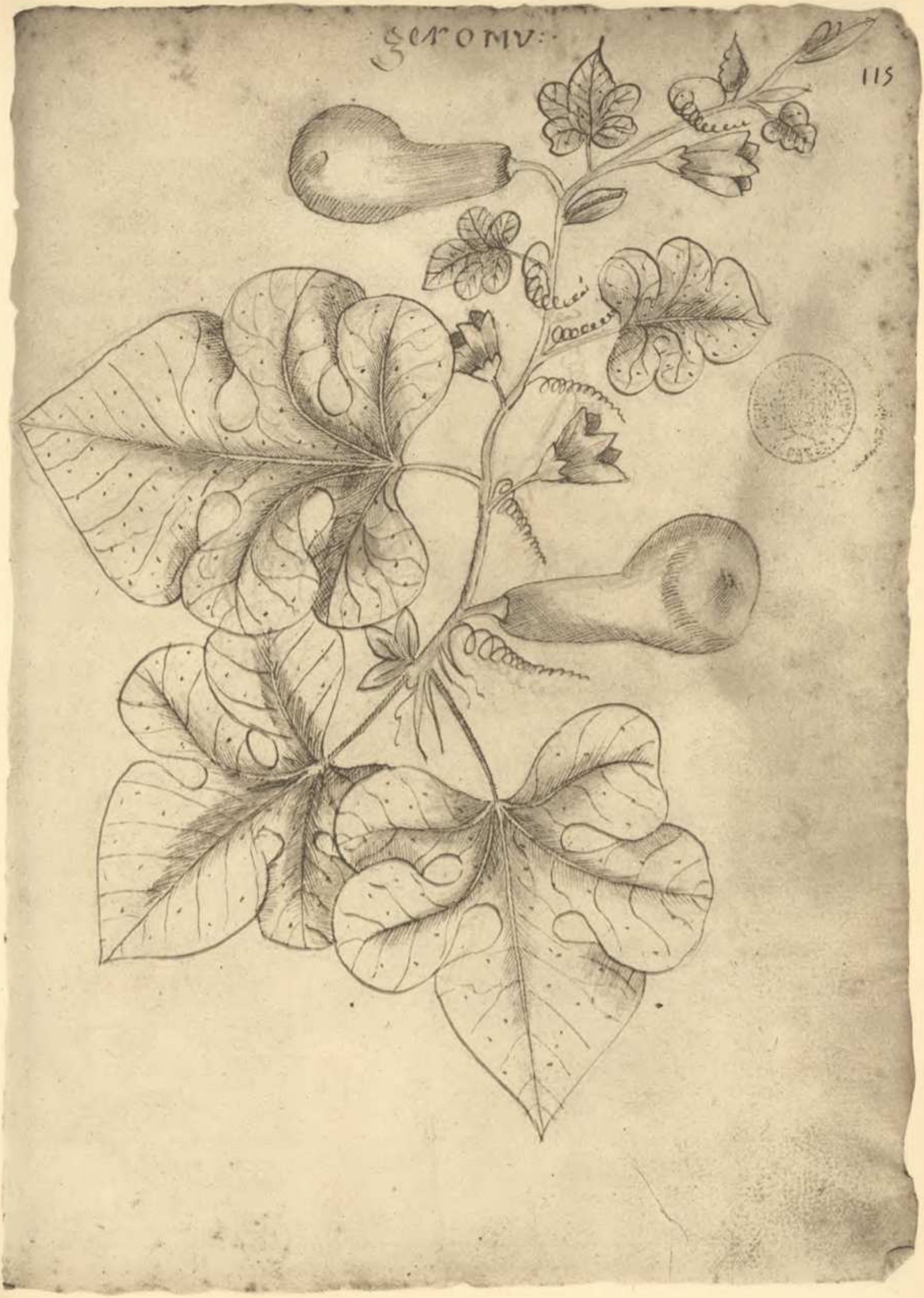
ATA

TAMOIARAIA

Mendoym:-

+

113



Váheny:
balanca
116

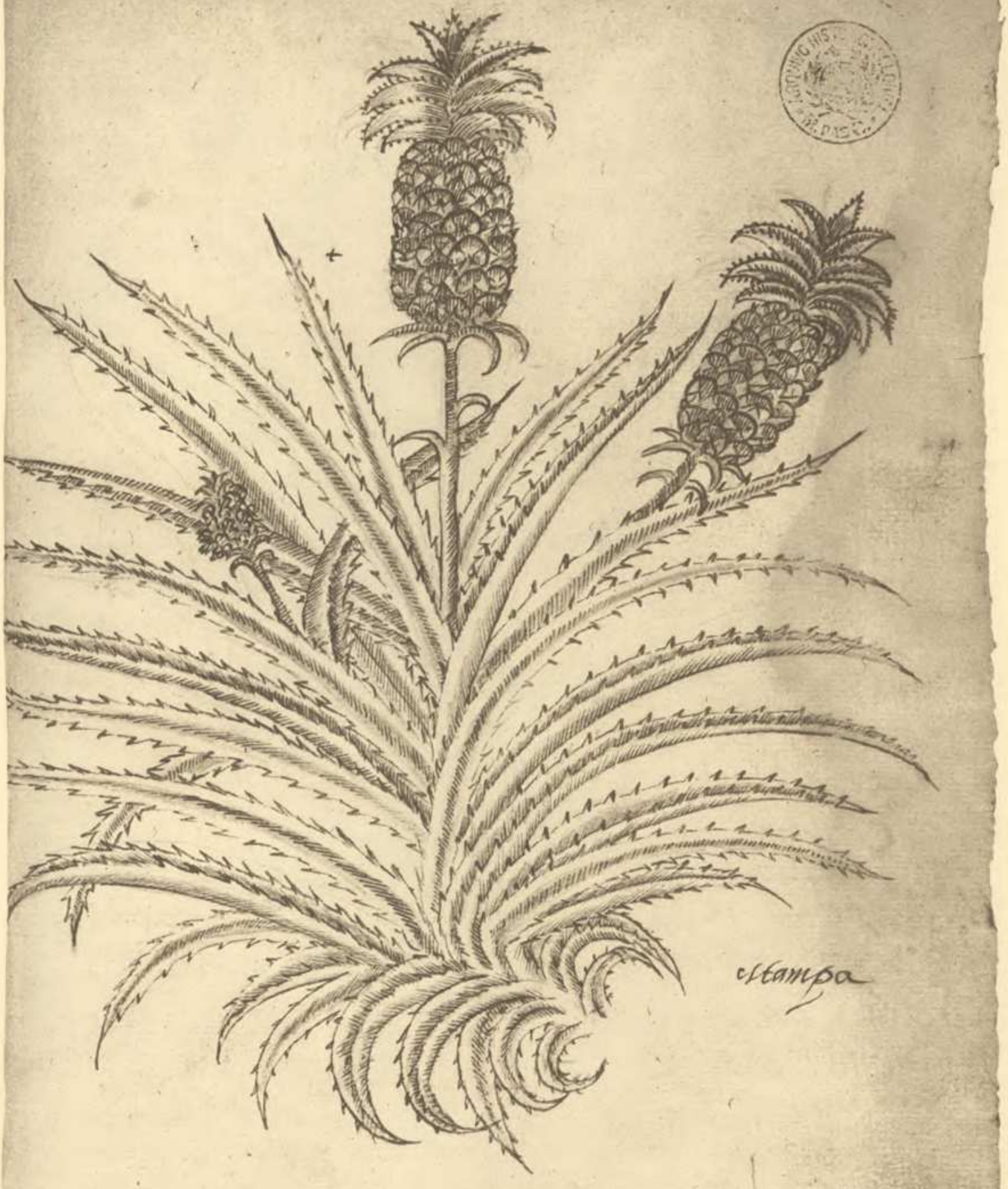
COMANDA:

Esta Aruore ate agora não tem outro nome senão de Coral, por rasão da cor da Flor a qual parece ser de coral. Só o claríssimo e doutíssimo Carlo Clusio faz mensão d'ella, sem flor, nem fruito, e diz q̃ Vra mandarão de Sevilha com nome de Aruore de coral.

Esta aruore po̅de se chamar em Latim: Arbor siliquifera, trifolia, Americana et Brasiliana, onde nasce per os campos. Hé chamada Aruore Espinha, porq̃ tem Espinhas espinhas junto dos ramos. Ita Guilielmus insignis Herbarius.

Comenda gora:-
feiras de pao

ANANAS



Yerua cabaco

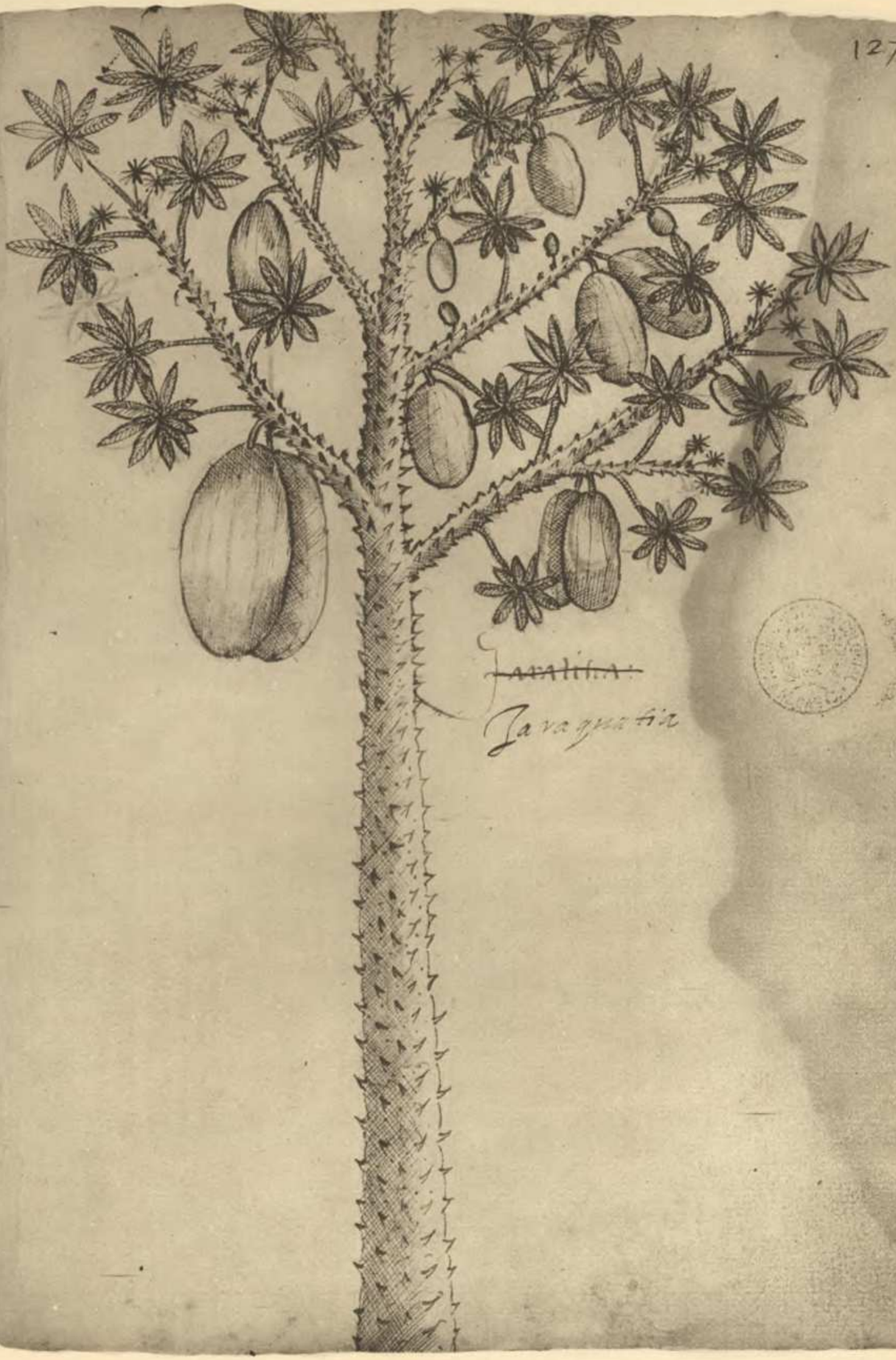
+
SAPUCAIA

Araçá-xa[illegible]nha

ginipapo

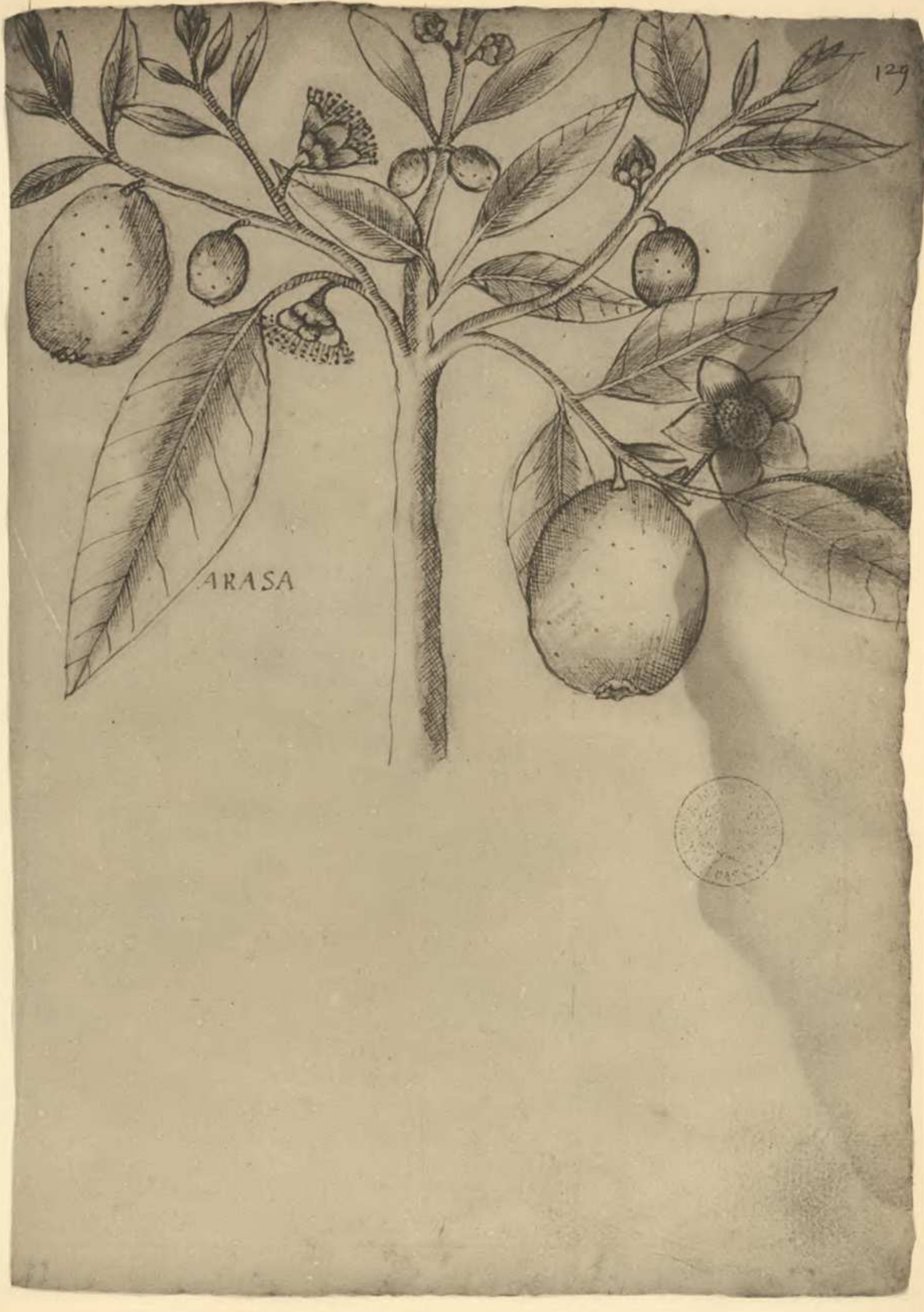
Ibonguia ba nat le come fa' pungo

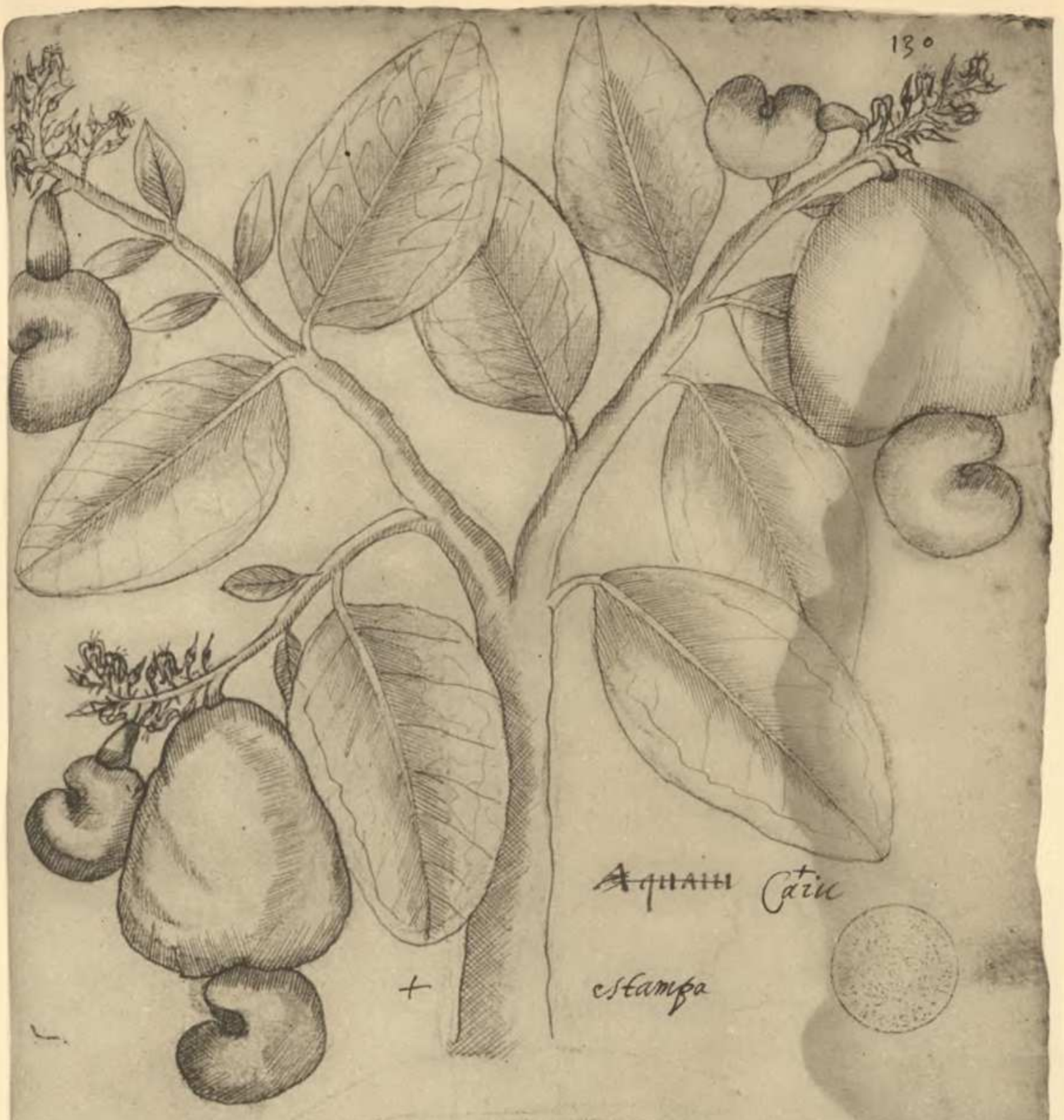
AMIS


~~Javalina~~
Javagua tia

~~Vvi yxhuu:~~

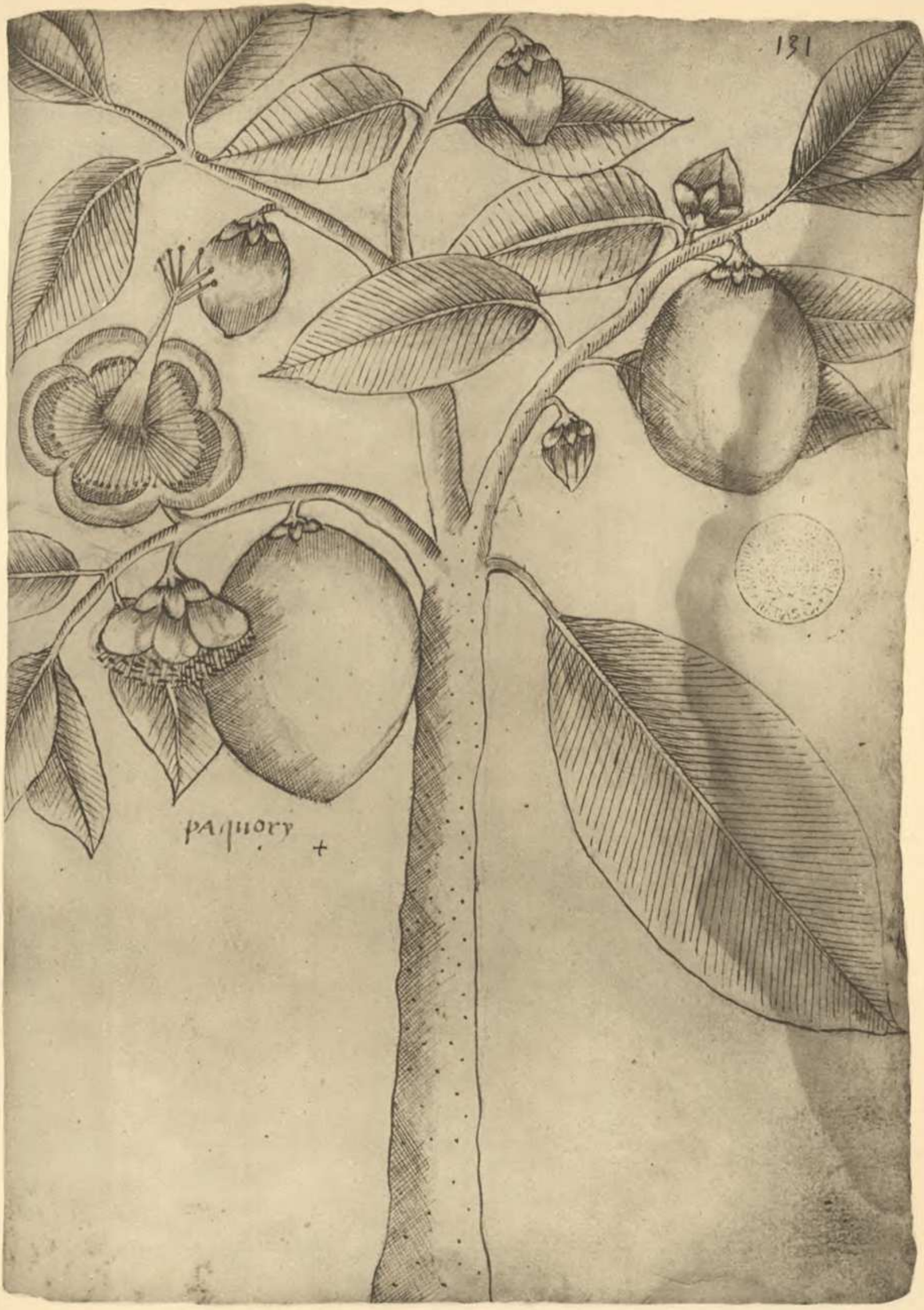
Yuaxaiñas

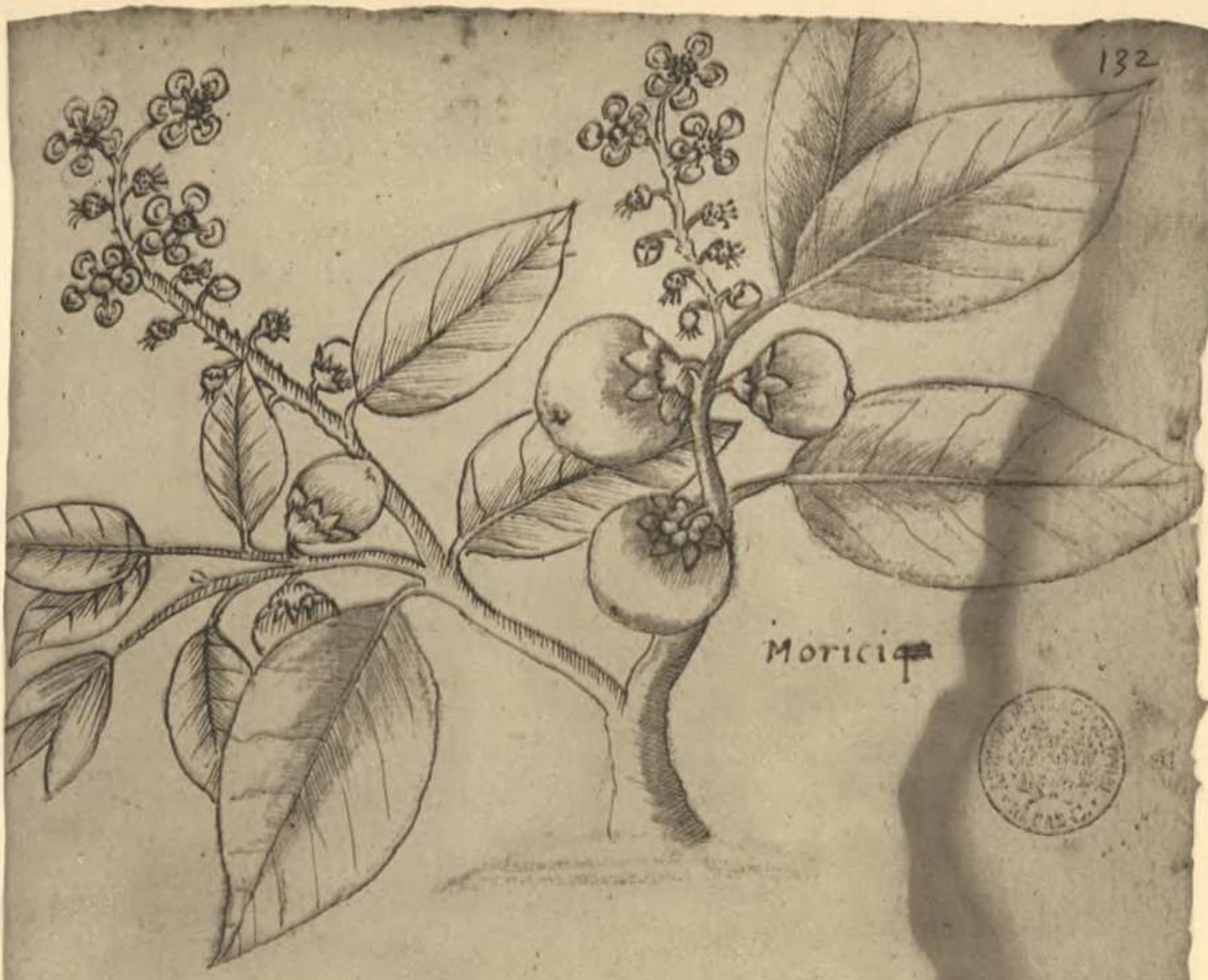

ARASA

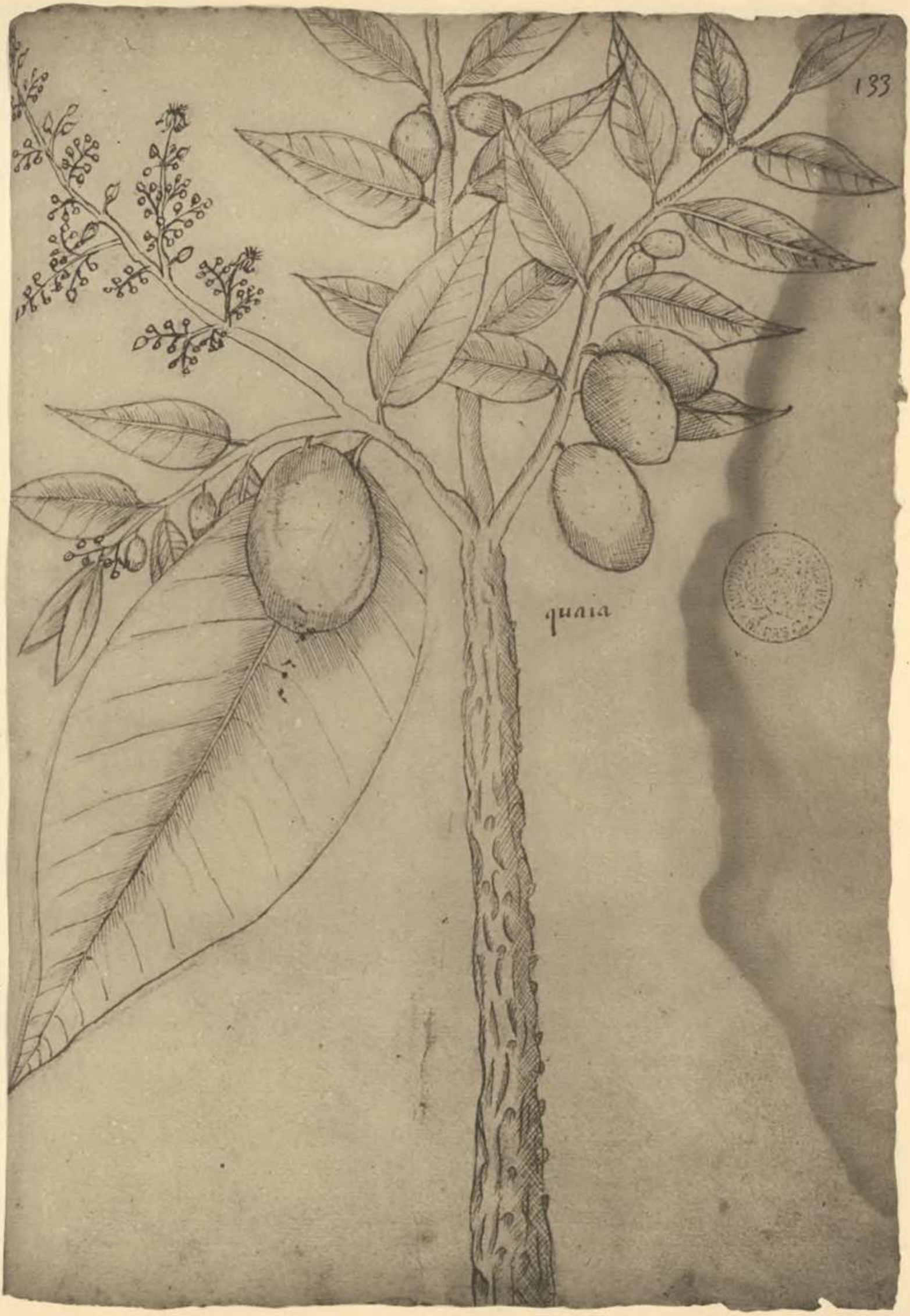


~~Aquiaiti~~ Catu

+ estampa


131
pasquory


Moricia


133
quala

V ROCOU

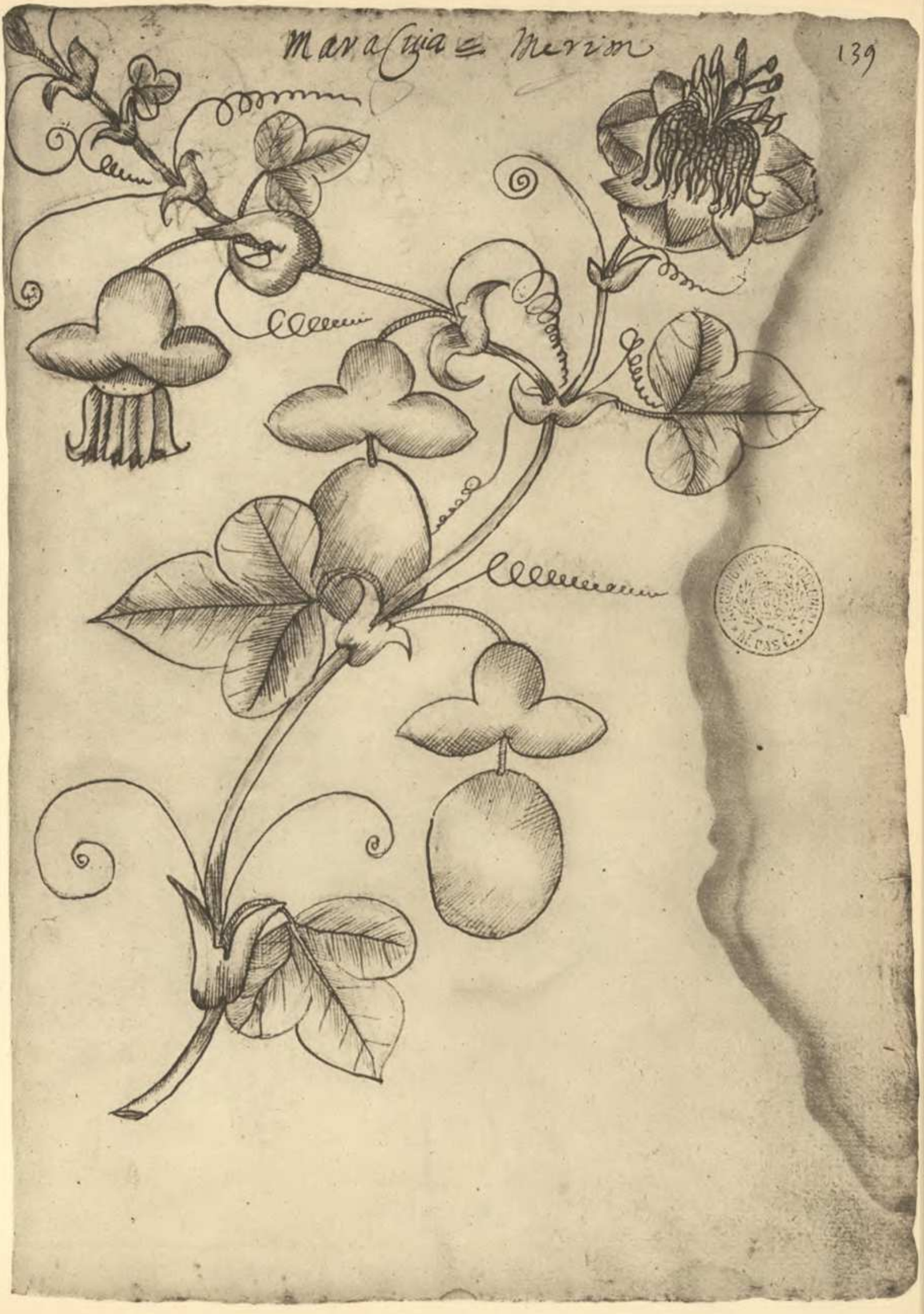
MANCIU
algodão
135
+
Estampa

136

137

maracuja ri

Maracuja = Merian



140
Jnambucaiou

и ба рема

142

Caragnata

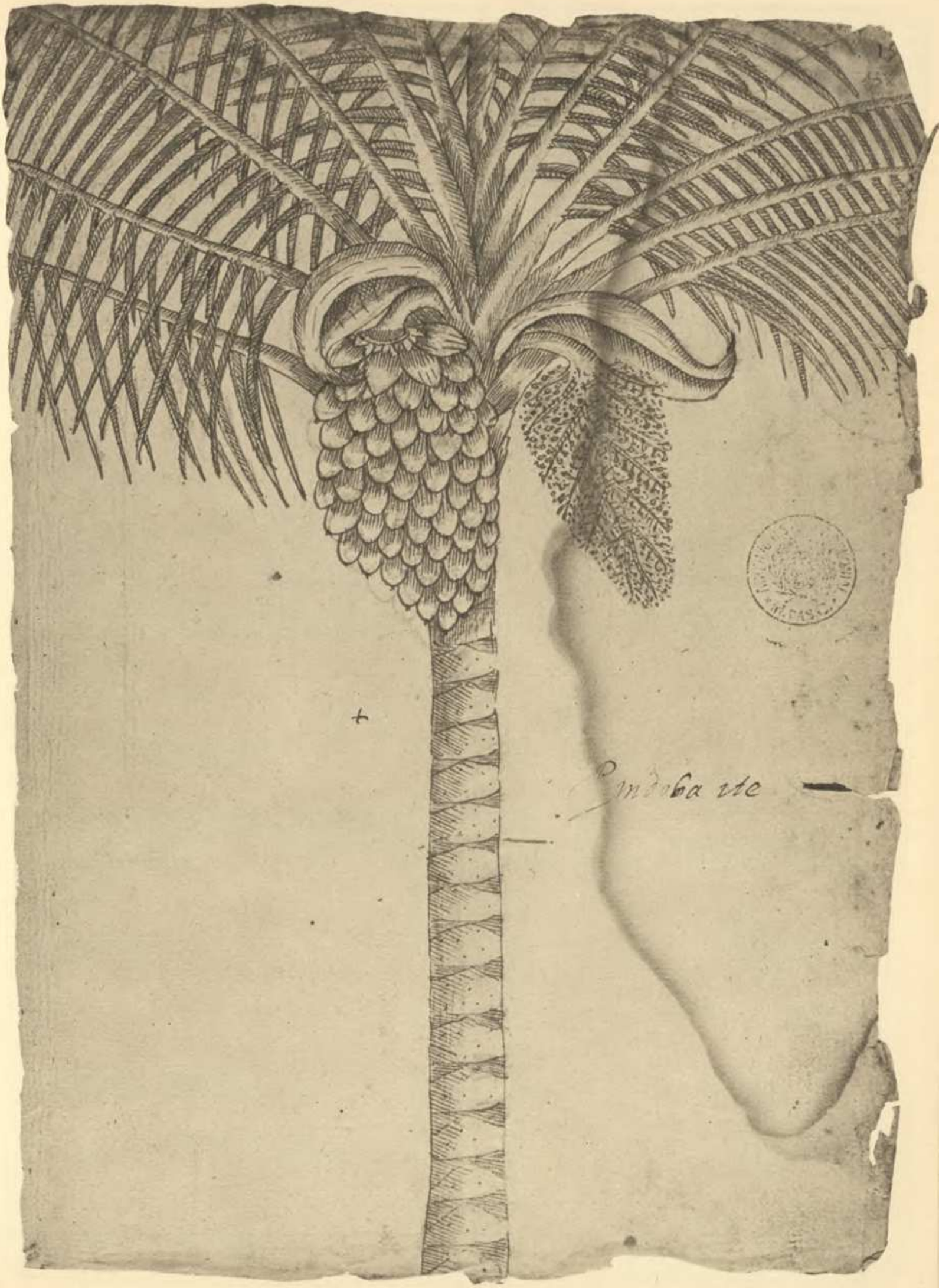
Guite

146
+
+

+
biriba
+
estampa
meñs saidas
al pontas

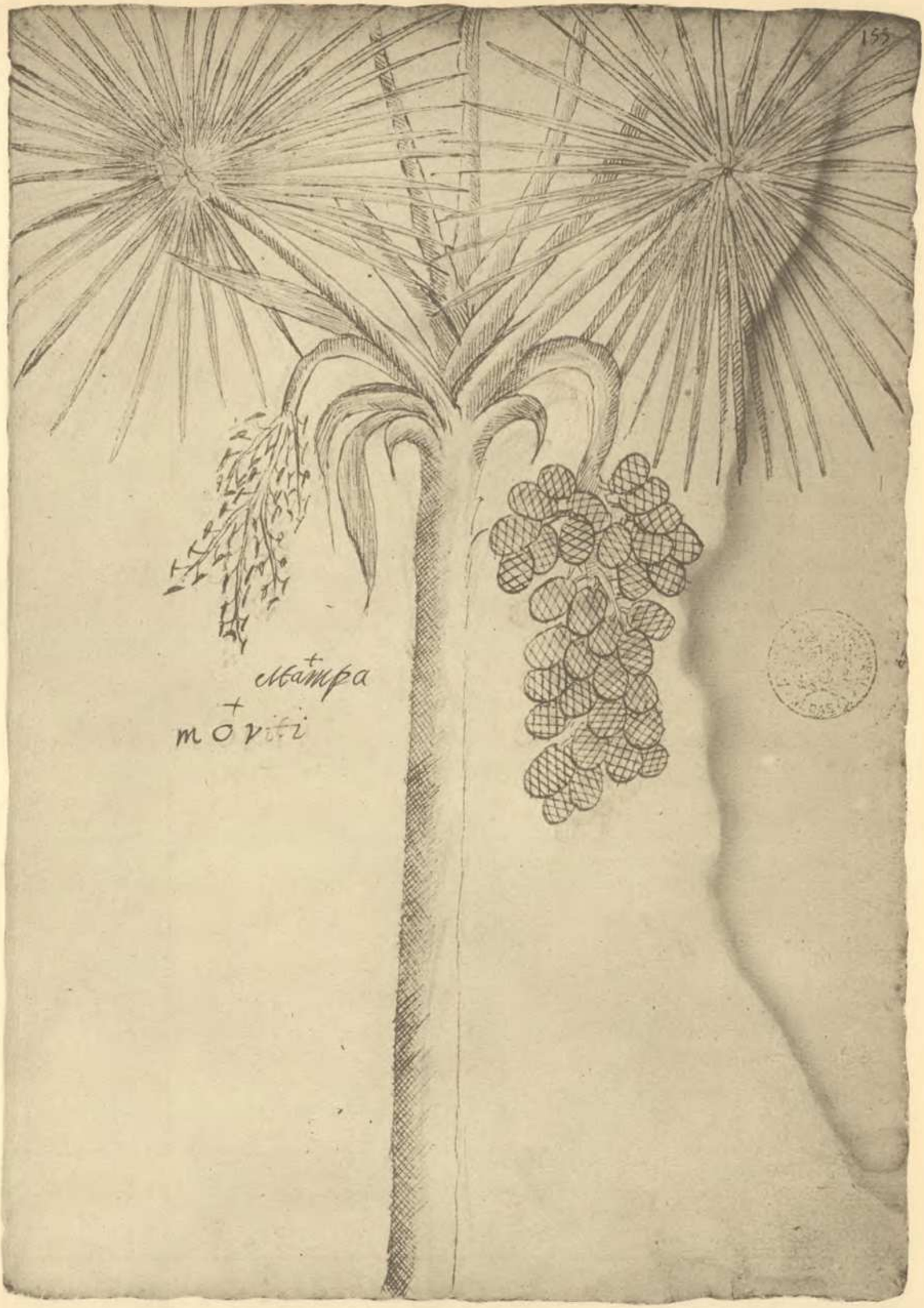
150
Arasa

Fragaria

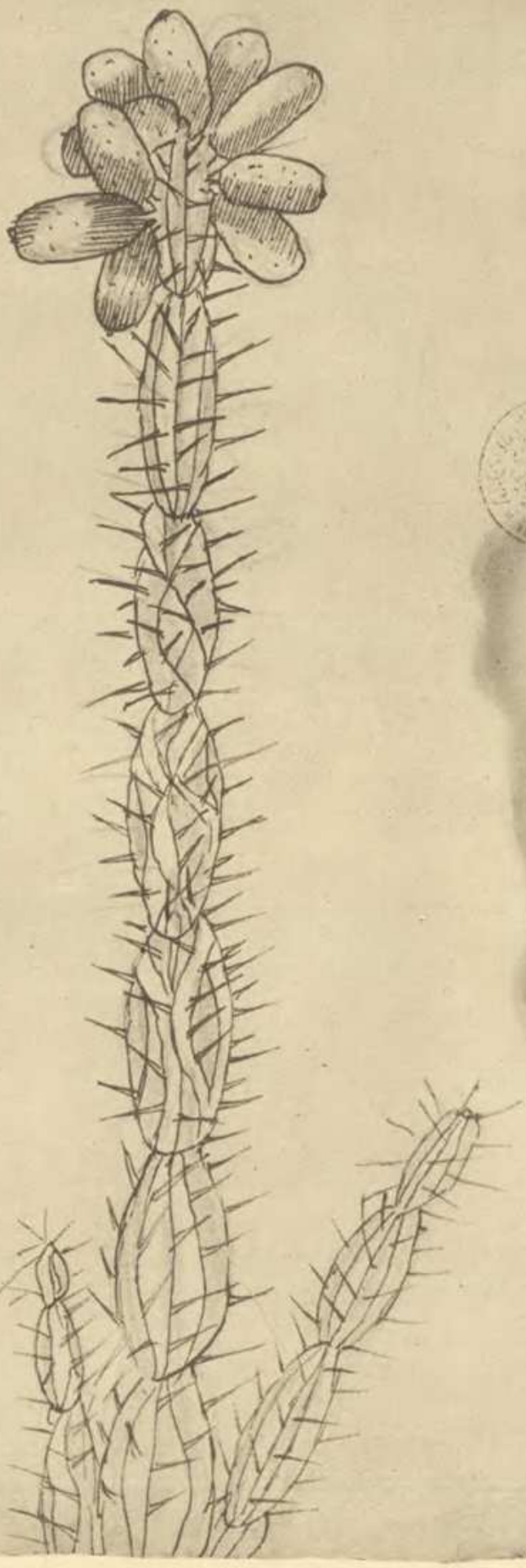


Ypaya

desta palma saem
os melhores palmitos


Maimpa
moriti

Loasa sar



Zimbo xi Gu

Evatiuna

Zreifruna
191

Sequoia
162

Guaraguaçu he a sua grã domar he da feição destas ordens pelas
mesma feição como he a sua grã he par do cor de uma a tem as fei pas
ca for cruza como esta a sua grã a [illegible] tres
feitos de sete a tem os
mamos de baixo dos bra sos o rabo tem a sua na pea
sanha como de carea lo e da pro fia for ma o rabo
tudo he gor duza de que se sas mãn fei grã que he bom
pera ser guir a pera came dia e has a que em fa minho
que dades ou om ze arobas e ceis que se tanadas demas
dia grã nao. se bota nada sora. Hece o come e os fei tos
e pe sca ser de pera fazer sopa fazem o seu a feita
mento nomar feito da costa e nomes de marco nas
as fa gios e rios de ar grea do se comer e os olhos
ou re amo que se mea fazem de re zem
mais e se tem dre as pe dras no ouvido do ama
rinho de lre e tem dre as pe grã nas a pe grã das
as dre as gram des e os pe grã nas ceu nem pera ouvir
os gram des se nem sera dor de pedra tomadas
premen sa da da em sram ba e nos grã no comer
ogrã ceu fazia este peixe ne ma fa dicia se me
e os so fazem ma e bota vem a pe sca em te za a se
da da grã e coam do sor ao quatro dia me dos grã
ar grã e axa vem o filho em ce va da pe sca dela
do e fomia vam no

Pera fina pena he hũa de cayos ou bes fal mos de comer pera do
ente de fica esta ma comida a fal ma da mao grã fa ze
e ser at mo do de fica ar mo pera de pre e fa he hũa
pore grã ouver de ser dor nas e os he se he bom de comer
pera mente a labe ga e ba ri grã e sem mar
e fumo

Arquivo

para uma he mero he peixe de cinco greos ou seis palmos e groso
como hũ barril de vinte e cinco canadas q̃ tem a cabeça muito
groça e de boa carne muito grãde de se ver sto de hũa e
outra maneira he cousa de gasalhado que se mereça para a mesa
de Sua Alteza pode dar de preço pella peixaria de cinco
reis he bimtada de preço e sem espinha
e he bom de comer

Amoreta peixe domar da comprimda de dous palmos e meio
ou tres cuberta de escama de cor de pardo he boa a comer

Cramorim he peixe de tres ou coatro palmos cuberto de escama
parda de escuro e pello costado e pella barriga branco e sem
espinhas muito sorte de gosto pella cor q̃ da se não pode
gruado de ouro sendo de por grosso da sorte de se ter por
melhor dos milhores peixes do mar e se tem ou as
gere he bom comer não tem mais que hũa espinha em todo
o corpo e não tem mais que hũa cuspa

Corvina pode parecer se com bejudo e dous palmos ou dous pal
mos e meio sem escama tem muita gordura nas costas
he pardo de pello costado e branco pello ventre e sem
espinhas he bom comer não tem mais que hũa espinha

Garoupa pode parecer se com bejudo ou dous pal
mos e meio pardo de pello costado e tira de ver de escuro
color de pinhão e branco pello ventre e sem espinhas
de gro e he bom comer

Mora peixe que se parece com bejudo he dos milhores peixes que
se pescam he sem espinhas e he bom peixe cozido como asado e he bo
peixe pera doentes

O pocon

~~Coelim~~ sua sopinha tem com gro ou ervilhas mos de com
vido tem cor de cimento ~~dos~~ sa sua gue m is de sta te
ma não na comenci so os Dentes sua sirozui fam pera
sazer com tas a os filhos que tragem a pes gue co
gue o ava em uiva nde he sue co a po sal mos de combri
do para ces fam de todo Cuberto de sua sa che bonia
comer.

O Item mo gra sae he sei ava gente da Com pri do
de hes e co a po sal mos de ma neira he sar dai
uez de se sos costas e se sabari gue sua de ver mos
trão fam esta ma che muito bom comer

agua ragia
H Sua sua ma he preciada che a gue Cod de
cir ~~Coelim~~ sos mos de Com pri do e es pada ka di
gum a che o va Comer mas ma ndache i Co
O por da che sae e mui to seri gue o nome gue
o rigos de sta tera tem mui to me do de
Cres se va comer Cria dos figui dos gue ca
sera sa ipra mandigão

H Era mor ue gue e sare e Com a moveria che a
gum ia de se o a tro or Cim gue sa sinos sua
Da Cor de sar da Cuer de Item em ty mui to
a gue dos Cmos dem mui to e es fam de bran co
Das se dra sa om de os ne gros a sinzo Com hu
a mi zo me fiz o num sae a mi de os ne gros
Com os ne gue bem mos di dos e Com e Com os
si ne he mui to bom sai zé a sado

H Fruta para da cor do peixe espada de fruma cabe camuri
tolas ha de ser me & tem de mes muito gordo
emor de comer hu caxorro ui vero que dos outros
fruma por quanto podemos dar emzeirar a cabe-
peixes ha & por ho muito peixe he ca ha mão
cor ee mais de seco os ti gres dos peixes ajuntes

Peixe se chama bo he delgado pos e par do vermelho de
peixe ar mado de molha pee comer nesse

Calam he da cor do peixe espada de hum palmo pouco mais grosso peixe
comer & tem a sua fia tam de tra gar de spois de cozido
pio de tezar com esa & tem os dentes muito grandes
& cortantes a bo gua como os outros peixes tem
pos de mordedor com cautivar com a bocca peza
da ha po de le com peixar com a ponta de tezar
como cortar mais que de fazer mal & por cau
a propriedade de mordedor os ti gres dos peixes ajun
che de comer assi como espada

Ostra mo he da cor da brosia & he de dous palmos
não tem espinha & comem de baixo dos pei
xes & he muito bom comer

Amorela pola cubertura de sua de hum palmo de
comprido de cor parda & tem pee ca & os olhos
peixe ti grandes he bom de comer

Para cubertade sua da cor da prata & amarela
he saborosa he bom peixe de comer

P + Acara coo[illegible] grãde dizẽ peixe de pedra cubarta de[illegible] cama de corde
pra ja & he muito bom peixe de comer & tem pouca
espinha & coman muito a linha he muito sadio

Aracaloha he peixe de hũ palmo & ma[illegible] grandes he muito
faço nas tem esp cama & nim geem diza senão que es
tá cubertto de pera ja & tem pouco comer ne le

guara hi he de dous palmos não tenes cama he pardo
& peixe ra lo que come pouco he bom de comer

P guara he peixe de palmo emeio de comprido. tes cama
pelas costas pardo tirza de verde he bram grão pelo
meio do corpo & he sabarigaca amarello & he bom
peixe a cabeça do cozido não he bom por que sebo sa
abelia fora & tem pouca espinha

Arama ca he peixe que se pare e com solta
— + dagro pa mas não he sato bom & sam[illegible] gram dor & forma
endo se come com primeiro cor ta do por que elle
não fazem a sente to de les fes emmi gre alhos

P Jara a tis peixe que se pare e com o meio de cor de
tres palmos emeio de comprido & cam ra-tos & e
sente pouco & he peixe muito de[illegible] pouco

A rama ca he hũ peixe redondo que se pare e com
peixe imxada & a de cor pera & come a cozido
como outro

[illegible] cubertto de[illegible] guaraanha tem dos
palmos com primeiro cor berto de cama de cor de
pera ta & he bom comer

piza Carcada de palmo e meio de comprido tem escama cor
de prata e he bom de comer

Vaqueta cor de pardo de hũ palmo de comprido com
escama cor de pardo e he bom de comer

Corcoba piza peixe de cabeço olhos de hũ palmo bom
de comprido os maxiles e pes com de cor de
cama pa e teem quos pelas barrigas e tem cabeça
do porco da barrigas e tem cabeça de fora olhão
Dantam olho por baixo e tem dagicas e outro olhão
Do peraxiba peraõ e o maxilo tem natura como
hũ macho e a femea para os filhos de barrigas e tem
mo apinha e fazem muito grande cantidade
e he bom a comer e fos muito bom cado

Carauceira a que he como a carapinha de meio palmo
de comprido pello meio do corpo tira de ver de
e tem muitas espinhas e não he bom de comer
que a cada

Gata peixe outra car dinha de cor de prata
com escama pequena he da mesma grandor
que a outra e não tem tantas espinhas como ou
tra

outra car dinha do mesmo nome da outra e da
mesma cor e feitio mas he mais espinhada e mais
comprida e de tam muito grande cantidade
de e tam bom de comer

Area moxi peixe Comes Cama demeio palmo cor de prata
& he bom Comer

Pra mugens
pregados peixe da cor da mexo saber sodes Como sem os olhos nem destem
mais dum palmo de Comprido & Cam ra los & Carão
por guos. & Cam bons de Comer

Paratilhe alainha & ha de palmo & meio de gros
dor al. gem as & ha muita gram de Cam fi dade
de salmonete era dom rrânhão & Cetornão
muitos em Sindas & Quioina al. gem diama-
dem des ou doze mil & diamte segue os bram. gros
& Com a quia ma fazão Comos pre xos e Camo os que
são fos he rão gue Sirme tiãe os Camoas nobre
do domar e os Homarão tam bem Camichas de
pequeninhos & he bom peixe de Comer

Moxi he oba guere & ha de gro a tão de Com gue
Cotas & ha al. gem de Coatro ou Cinco palmos
cha de amarelo gue bare Com Cor de ouro no
peito e costas gue tirão de preto & Camina
pequenos & he ma. Comum peixe
ma. meia era e sem rima faz ao paxar Ca
de groa de Coatro ou Cinco gros pe Co
che bom de Comer & Cemboca pe dos
na & be Ca pequenos re dom das

- geoza fina ai he o barbeche brabado de hũ pal
mo e meio of ma hoxe da cor azul e cinzo
e pelo baixo geza tira de bram geo e he mui
to bom peixe sal prezo e a tomão meirinha

Pixa cinzo que dizem o fio sho do peixe e he da
com prido de dous palmos de com prido e he
da cor de pardo escuro e cea se geza em xiba
dos outros peixes de geo cea se geza em xiba
dos cajamis por ser mede dos outros peixes
e tambem cea se geza aos mazios e he peixe
muito gor do e he bom de comer

Pixa bebe he o aboador e tamanha como hũa
giam de cor de rinha e he sobre peixe tem geito
na geo a e fora da geo a e cria dos ca
pazes domar dos cajamis e bonitos e as suas
geozas e dorsa do sse me se a boa ar fora
da geo a e criam do dos cajamis e parecem as fra
gatas e outros pa cores que o tomão pelo
ar e o a boai dos e he peixe he de dous cem pa
los e [illegible] geoza ria pera bem geo
ar e o e nem no gueri e não dey fraq gue
ouvi e que o fizesse ria muito he bom peixe de co
mer eu creio que não as sua a bitação
e não cobre a fundo pigue

Estava sabe bem
de sabor ou
fim de le te
e fora ami
geo e he m
pe bonicheto
e atazo pia
algum pelos
dem adores
ora

saberra hea vara a item debes cofre ftem leda cofre
de mui gromde he muito forte coberta de fi cam iznas
cofres a peça dos pes de cegueira negros de va-
ras cruzes gue são muito fortes gue nem frexa
nem espada a pode hacer a item hũe pigão no
vabo gue cam mui to peri greo as gue de as gra pigra
Dieras de las feriamo zida a ghaziente a item mui
to bom Comer Comerinai gue a zuife

Agricola gue pe hũe pes guada item Debes cofre hũa cexo
hũa greo de cegueira com hũa axhoma Corcima a aor
dena pexime cam todos Cuberfos dos de cama todos de ci
de braça a Corcima he hũe boa greo a mare sa he fa
bazigreo a a grema as gue cam de dous pes ao mes
Meio a he muito bom Comer a item mais gue
De Comprida de de soja a tem dous pedras na cabe
ca a me paxe Com cercem as pedras de no Cabeço
gue Corgem peda mos de bazigreo

A saxa cexo gue dizem o ser xegue sa sa de hũ palmo pe a
meio a Cuberto de cama Cor de fogo a he mui to Come
Comer a item hũa greo a finte

A faxa de palmo meio Cuberto de cama pe gueno
de sor do Cor de Camiza pe to bazigreo a cexo gra
a item os sos digo tem dous pes os de bai xo dos aza
de bazigreo a de dom dos Como do pes o reos de hũa som
ba a item os pes mui to greos a he muito
bom Comer

ajstim mi xi va que diz erom gua dor he demeio
pasmo de com ẽ ido cober todo ẽ la ma cor do pa-
pasmo de com ẽ ido cober todo ẽ la ma cor do pa-
ta vaiado o cor pode ẽ mar elo & he peixe que com
preanda o sem gueo dos pedras he bom comer

± peixe cuja se ha de ter grande ẽ gro cor que
esta simjlhado da cor pardo ẽ não tenha
da que comer se

(Va gueo se ha he comer cegueda ẽ mar de hũ fal
mo ẽ ma ou tra ẽ la muito de ẽ formed
o ẽ pan to ẽ tenha pe sia em cor queilha
da de cor de pardo & por baixo de la barriga
de cor de laranja & pare ce que tendo os
olhos ẽ ma neira & he peixe muito gro-
sso & não ẽ ẽ ser bom mas porque não
tendo comẽ do to

baia gue he hum peixe de hũ palmo de com pri
do & muito peregueo ẽ de comer pera guem

nonão cabe Comselho e sera amenoado Conse e
quentemente comer azede sue mestera se lio
ya e tripas ese e sera somuy bo bemeuni
sue se ser es em sua a sdeja comer de hum
coma se sia a meio dorede e ceguo dorsar
thes vi y e sone cegario e mara so e guan
comer o se smos sure D. de coma se gue Conza
a demo zer le gro e como se sa em tera ma
za abaxigua como a soe sche de cor sar
do duer deca se sia hemuitos as se o e
he sim sado

Para que sinche se ixere dome dotem o ses
gro do uer de he do xeio de sigue y so
tra mi dos sorbaixo e abaxigua sar
da ani e tem como dorses se thos sinta
das exami do e za ue he tomane y mo
se conta doorsio ore sior aimda

se ti mgra desta sro sia sorma que sto
agas pon ta da e se tomo mesito como
de e Comuni to bom de Comer

Ovaca he a forte que domar & ha de duas cay tas
& loy fazem os seus a bor da da ~~Boiça~~ domar
na veia & fazem muito grande cantidade
dos ouos cam cubertos de hua be la manta
dura quando cozidos se bem comer
bom comer dos ouos se veriam com ho que & lo
mando & les cam berto de fizar a mai os xoma
yca a omar & a carne he como a carne de bezerro
& cam muito gordo & vai a ella gema dar
Gresaro bay de carne & duas bo Biras demar
thei gro & a cor de la ho & gro he todo bardo &
se loy bor da ma ve lo & se la he sarda ver
de ma ve lo & a com pridade & de coa yro
sa smos & da ve dom dor ceva de dozy sa smos

Oprofi guer dozero ca ma ram & ha muita grad de
cantidade nesta yera & he desta cor bram gro
cor de carne & he muito bom comer & tem os bor
bay nas ne lhos.

Oceri he como sara m gue io & cam muito sabijo
& cam desta cor de ~~sgar~~ bram gro & se
sa bor da do cay gro com pi gua mis & gui & doy
pis a zeis & bram gue & o mando o lo zem on
a com formoin cado ~~gue~~ ue ne lhos & he muito bom
comer & cam muito gordo. Feito ca basmente
o mando he suma xeira ou gro amo he ca bello
de ~~gro~~ gro & a gordura & a mare sa

guardo mandado he per esta maneira do que deste cruel pasmo
che da pessoa a forma e cor do Camaleão tem mais que ci
hũa pouco mais ruim me parece ser o camaleão
como o porco que Cam Cuberto foi de hũa pele e tem muita
fealdade e fazem os filhos da barriga
e não se comem senão os figados dos que teem
feita fazer a gente

Pimenta
Fruita de Cana he de feitio e maneira de a grossa
Huberta de Cama he de cor de fora e de
dom comer

Para Para bubuca

sal de Reis palmas de comprido e Rizabo hũa pa pedra
ferida he fazenheta sabeis fazer

Cinaga
[illegible] palmos de xprido
[illegible] descama e cabeça
[illegible] mto a peixe de mar
[illegible] de aquadoce he de
[illegible] cor e bom de
[illegible] e mto especialmente de
[illegible] especie

Peixes ha nestas mares de peixes geralmente como de aquela
do Rio de Janeiro e Rios desta Capitania que
dam geral a dose a em delles muitas tão de
boa digestão de peixe que nesta Cidade com
nos comemos e primeiro de sua sorte gera
lmente que com milhores de comer

primeiramente

Sorobim

O Sorobim he peixe de couro ou sem escamas
Item a cabeça muito grande Item he
gramde muito peixe e os que aqui do fora
lá querem não podem voltar a ser pinhagua
com grandes dores he de cor azul e pardo e
Pintadas costas e posta da em brasa muito
todo o ser polvilhado e frito e bom peixe
e sadio de comer tenho visto ir a mos
eixe a praia de Sé e trazer sorem tão gran
des em canoas de que cada hum
se hum posto de os tomar

Carimata

Carimata he peixe de lin[illegible] e mto redondo cheo
de escama de cor de prata pare ce se como
a dentro sadio e bom de mto gua
do que se da gui carimatas brancas he peixe de gosto

hexeira de ouro muito bom & lhe muito [illegible]
fido de enteiro & lha grosa & não stomado cenão
stroça & diz bem & muito bom ser xeiro
gro ~~[illegible]~~ mosmã
~~[illegible]~~ gro ~~[illegible]~~ mi thor

Para gra hexeira de dous palmos de meo & meo
fo de [illegible] & he muito agra dos le
ue do boa vida & os tay & lha llamarey
se a boa gra & lhe muito gram de [illegil]
fido de de & he muito bom feixe

Para he feixe de dez palmos enteiro de pequena
gra me de oliveira & he feixe muito gro
do & sem gro & sem & he bom comer

Para he feixe de cinco & dez palmos de
[illegible] gro he feixe de cinco & dez palmos de
[illegible] & he do & he de cor de moreno & gro de gra
com fido & he de cor de moreno & gro de gra
de & he feixe muito de gro fo & exito de
he grosso & sem & he muito si a tem to
[illegible] & se tem & he gro & de gra mo gro ixe
[illegible] & se tem & he gro & de gra mo gro ixe
[illegible] & se tem & he gro & de gra mo gro ixe

...

...

finalmente que dizem q̃ tẽ q̃ era bram q̃ he peix
Da mesma grãdeza mas he mais bom q̃ tudo
q̃ o tem a boca mais pequena e estreita de tudo
me zinha cos negros para a opilação e dor
de barriga q̃ o tem por cima o pinha e tem
o gros to da cauda

mando o c
Manoel peixe de palma em meio ou mais
em cima q̃ a mais par do por cima tem bom e bram
gordo por abaixo q̃ he muito bom comer
peixe q̃ o tem a cauda e mais fino a linha

Item a nobre peixe de muito grão de palma
de comprido e pareçe com a agulha
Domar he para o por cima do lombo e bran
co pelo baixo e tem os barbos como peixe
dos como o corpo e fem muito gordo a tres di
gos de palma e a cauda e linha

Item a abelharuco peixe da feição
de palmo em meio de comprido que
se pode vir a fazer de grão tamanho de
palmo e meio e he todo muito vermelho
com branco e tem pardo pelo dorso
dos de comprido q̃ he peixe nos e tem
gum ber todo de pinta e he peixe dos com
bons com espinhos pelo gros

e Commum sabor gostoso e de Comer muito
bom e gostoso e Cambem de Comer

Mossinha ~~pra Mangua~~ ~~mo Jonha~~ peixe de huma Cor se cria da Cuberta de
guama pra tia da Cha muito gram de Cantidade de se e he muito bom Comer pescado em te

Xarroa preti peixe de huma Cor se cria de gram
dor par de pe Lo Lombo e Cabeça pe ~~Lo~~
Co xigua Cuberta de gua e he bom de Comer

Peixe guo peixe de hua Cassina de Com peixe do Cuberto
de gua mato do par do e sabor muito xeiroso
sues e he muito bom Comer e he peixe de peri
quemoxeto dos grandes e rum outro Comum e bem
nenhum e he muito grande de Cantidade e he muito bom Comer

Amoxeta peixe de hua Cor se cria de Cor
he par do e prieto Cuberto de Cama e he muito
bom Comer

Sangoa se peixe ax mado de Cor de par do Cha
ze e azul na in gua e he ax mado de pey
xe gram e muito peixe guoso e que e les pesem
e he peixe de hu Cassimo gram de os ma iores
e he muito gordo e he muito bom Comer

A Jamonta he peixe de sua sorte que da grandeza
cor de paz do que he muito bom peixe cozido
ou muito gue gostoso

Posi dar gueda do setembro ou peixe mais tem appa
gran hey e he da cor dos outros mas tem appa
hey dos peixes aguias e he muito bom comer
mas faze comer gue não são tão gueos sozos co
mo os dourax

garoa
aguia ou perca cuberto de hũ gueo gueo par
do pelos bordos de meio palmo De comprido
e hua cabeça dos peixes ou peixe gueo se pinta do de
pardo e amarello e he muito de comer he molto
muito gueo de camida de peixe mais do pi
mais e gordiz e não muito fez bastoz os
de comer porque come sem nojo e hay
com mais gueo braz gue mor dem muito gue peixe
ogue gueos e não muito gueo dos e he muito bom
comer gue se faze como gueosto co carneiro

Mta mata sue ermedo
mata cerne

Peixe de Faro

Cavaru gr de yer bagre grande
he de 7 ou 8 palmos de comprido e proporcionada de grosso he de pele
he comprimer e mole de hinho

Jacu
he peixe armado de espinha e a sua he fecha he de 3 ou 4 palmos de comprido
he de cor parda pela barriga he branco e amarelo he bom peixe tem
o fim he cabeça chouriça.

arruaca
he de 2 palmos de comprido e escamas grandes de cor de prata e mete a barba
tem a boca vermelha

Ubiaua
de meio palmo de
he comprido e as olhos e boca vermelho he bom peixe e escama he
prima de pescoço he pardo

Varem
he peixe de hum palmo de comprido grande e rabiha

Aruanaru
he peixe de 3 ou 4 palmos de comprido as escamas pequenas tem peito e
ouro e hua espinha no rabo nome peixe cadeira tem a cabeça he
comer peixe e boa carne

tarariru
banco
he peixe de dous palmos de comprido de escama pequena e dentes agudos
e he pardo tem a barbatana e rabo cor de preto e bom

Siaum
he peixe de hum palmo de pele cor de bagre he bom peixe

Mani
he 2 palmos he de pele e como bagre he bom peixe

he 3 pol ou por de preto

Caueiru
he peixe de pele muito ruim e escamado de aguas e portos e
pica qualquer coisa que toca

Jacunda
he peixe de pardo e verde as olhos vermelhos tem as costas delle
pol de 2 palmos e meio de comprido e he pele de pouca e he
ruim de comer he cabeça he rasada grossa e de bom sabor e bom

Ginaginiguara
he Espero de Peixe mariuho ruim sabor he comer e he pele de

grado q̃ ~~como animal~~ a alg.ª genitais Comprido
E II e huma palma de comprido e grosso ~~como~~ ~~a~~ perna e faz como
manteiga a femea para comer he animal e hu bocado
arma cornar e por onde e cozido e tanto a agua

Jacari

he peixe armado ~~lamina~~ he de cor ~~preto~~ escuro he de 3 pal he de

Moami

he peixe de hu palmo he de

alva

e hu palmo he todo de hu escuro ~~preto~~ nem alvo ~~nem~~ ~~alvo~~ de grosso
do corpo

alaza

he de grosso pera menos de hu palmo e ~~he~~ ~~melhor~~ he melhor he todo

Piraruca

Pira ~~cuscuscuscuscu~~

he de 4 palmos de grosso de escama he muito amargoso no fel como
genero de Mr necessario he muy gordo e cozido grosso he
tanto he auer melhor

Atmure

he de hu palmo de comprido de escama pequena he muy gordo no peixe e hu grosso
pixe he de hu grande palmo de escama de comprido he peixe muito cheio de
ossos e muito bom de comer

Sargenza he de hu grande palmo. he gordo he de muito bom gosto

Atamaca he muito de escama he de palmo e meio de comprido
corobiaci
piau

Jurara do parra

he hu modo de peixe conforme a tartaruga do
mar calçado as costas ~~de~~ grossas e tão pe
quenas como as de ~~as~~ ~~as~~ algus mto grandes
e tendo virias tem muyto bom e cozido
se dela e carne e delas se faz mto mao caldo
mto bom que poza comer tenue e pa caldo

pixe moto

he hu peixe como hu bagre e boa de dous athe
tres palmos de comprido tem os olhos pequenos
com espinhas he como de bagre

nos que me saremos a guera de los mantinentos e rais pes e gras e cafoyne
tos e ar meyz e outros que se la mer tudes e outras que tem
gromos e azite e si gueres e outras que nõo sabemos ono
me

primeiramente

Plantas

Item mandio gua ha de gueira tres Castas a saber mandio gua
ata e mandio gua vaji e ma gua xeira e iuz vinguebo sia
destas tres gue ha gue di gue tres cam bom as bom tas para
+ fazer farinha e caxima e a ma gua xeira se me para
comer a sa da e cozi da e he tam bom a como pera da nosa
terra e das outras Castas faz i o gue gue para se farinha
de trigueo e tem alguma vantagem a ma nha como a coza
de hum homem e he cozeza para ser da bom da de desta
terra gue si guando hũ pam na terra vem tres e gueira
fre fainzes e cebem da mesma gueira gue sai e de la cem a cozi
dem morem

e tem outra Casta de mandio gueira gue xomam mandio gue
ira a gueira gue tem não de serem cabeças nem nas ~~raizes~~ folhas
+ folhas da outra e não cem para fazer farinha mas
gue ma ne pocira gue he a de gueo cozi da de gue os negros
fazem mezinha e si hua e he hũa das gram des pes sonhos des ta
terra

+ Cara sue desta for ma gue esta pimtado e tem de tres Castas he
xo xangou tras cam bram gueos al guns cam da ma nhas
como a cabeça de sigũa cei am ca os pegue nos he sẽ cozer
comer a sa dos e cozi dos e cam mi shores gue para de por
me gueles os sal va gue mizes os cabem bem a brem tor
gale os ream gue bram do por pa di nhos e gueira fa dos
da cimgados e cei zes raizes

famo ta rana hũ dy ja he desta forma que a qui esta pintado
e tem as folhas de jasmo e muito e a fros bram gro e
e a vaij he ta manha como hũ ouvo de gua lr nhũ he bom
comer cozida e a cada e he muito guente

mindoim Cam ta manhã como a zitonas mas esta fruta
he milhor e he muito Cente e cem na terra e de hũa
cem de proveito mais de sirão sento e se tem as folhas
de ta manhão gro a qui e tem pinta dos as fros Cam
amarelos Cor de ouro e a ly gua he sarda e as gum
as tem dous mio Les em Cada ba guem e se tem esta
ur tude e se Chamesta ur tude que ter cem pera guento
ur per na obra Co Cebado pizam dos ver dy esso
Les em ciba de gue bra dura se os da muito bem

gotica
Chitiqua que dizer be tata e ha de dous Cayos amarelos
e bram guas e Cam muito bom as cozidas ou a sadas prim
si pal mente as amarelas e as tem a folha e as fros
como a qui esta pinta da e as fros he Cor roza da e bũa
gua e e as frem tão Cam da be tata meymo sax temna
Cem sia da sinhas e gua da sada so da muita gem

sim das

jerumu que dizer a bobra e tem de duas outras Castas
Com bri dos e redondos Cou tros pegue nos que sam pim
le dos da mare lo e uerde e a folha e as fros he Como
a dans sa se e he Cam bom nes de comer

huebahem guer dizer ba Lam sia ehem de duas Cay tas de bzom
guas ercer me lhos e auer me sha hua mi shor emaz do se
le por sora Jam todas uerdes e a sso l hua mare sa
e sa mi muito bom as pera docmte e alguma s Cam tama
nhas Como be ti guas

Comum da guer dizer fe iram e sem de guoatro ou Cem gro
Cay tas bram guas e sse los ercer me lhes e sardas e asso
lhas e sso l Cam Como a sde no so ozo so e Cam muito
bom is de Comer e sto les Cão a sguis e bram guas e ama
nhas e hem grão de uer tude gue a sei fei zeiras ma
no sa fera Ja gem muito fei der sizia s de les e sor
i so e sse i hem de fene cido de se uor ne hum a sopena
de lezem em forgua dos e aom de oja xam Cão guei mados

Se
i gram bu he desta forma e maneira gue a qui e sta pinta da
e sta manta e sa manha Como bo gri e sta pinta da
e a sso l hua mare sa e hu hiã e sse ua a mi shor desta
te ra e a mais gue mte e sem e sta uer tude gue mada
as Lom bri guas gue e sta o no guor so e e sta ter ra
muito so guisa e a cri a rem no guor so dos omens e sor
i so e u Creio gue no so Snor se a Lem bram a cri a re sto
e rua pera gma ser.

Comem da quarta feira atee sexta de ~~manhã~~ cedo
ou doze a fosta he desta maneira que a que esta pim
tada he a mais salgada e he bom de comer

Os anaas hua mui shor junta desta feira que amdoe sta marauro
e saiba de muito fom que chamam xeg como cera alem
teñ olho enxiba de sy que em no botamdo no rão so que
a fo que e se quo me todo pa se fia e para se comer a (su
gunte e se podatiras do sumo de se fabia za xio e se tam
quo ahe muito fo bera na pera dor de pidra e cor fo
muito e a simpa o que por e tão bem cerueja mas
tambi guay e tem tão ta fol fa que se hũa melhor
prenha o comer verde so que o de moer e tem gro
de camfidade pesos marta e o som quodorios e se se
fora pasado se so tambi guay fora muito bom
e fabera no afros hua gal ornua a pegua dadoa
nas quoamdo se he pegua rio

ijsha que dizer cabalo e tem a folha desta pro pia manei
ra que a que esta pimtada a fros he bem grossa
shaxiba a catimgua e ho afguem que seno jey
ou se te chamadas da me di Dada que he muito cão
tidade de sol e he a sermuntia desta terra quoamdo são
se guenos e uerdes são bem ijs a comer

+ A sanguisuga he hũa gouta manha como pan brõo que dano so
porque quãdo a sua cassa he desta sorte pella manhãa que
aqui esta fim tudo cheo de manhas como a abelha
Demonem e tem alguma quimera ou zimte cos sanhos
demo que saye com cos sanhos de sorte que a sos sãa
ra como roza cheirão que fizer de ver melho e cobotrõo que
tem nome rosa fizer de ver melho e cos sosho pote de co
mo sosho de mia lieira e doque quer que se po de fazer
come ser be ber

aracaraiuha
Scaxa ra ãe mis he lida sexta que se pode em como
a mundos de por he que e a sosha he ta manha como
a sosha de si guiira a sos sua mori e la fiz de bem
que e nome ro fizer de ver melho e cos sua de lizer do mda
che muito bom comer e ha muito grãode cantidade e pan
he muito grosso e he pasmoso

gongabo
+ ijeni pasoho he ar zure de grosidão de hũ homem che pon
mui to direito que ser ue pera se ser quoi zos de ar gua
bos e gr shuis eremos e jncorrenos de canoa e cos sosho
são de acombridão de hũ pasmo de com sprito a sos
he bixo que a sua sabe de manha como hũa grande
la ram ja che boma pexa comer quoando he mo de
ra cos ne gros o tem em muito e si mo se ra se
tem quizem que se quer de ixa muy sido pera mos
do sol e se ue tam bem pera me pinha pe xa y
bore bay que se a ga m. bra m que se fim gre

Biblioteca Nacional de Portugal

Como se pode ter por certo deoutro por nouedias
que parte sinda do hũ fio diabo

¶ Com guiza he hũa axuua da manha Comoa cei
ra cõfeita he da propia forma de hũ ma la m
a cõ seu gro lhe parece do ceio de coy fanha coy que sal
gua do com sal e com gro a he mui bom comer
assi he de sfama neira que as fantadas ca
lorizadas a maneira de brasa gua e de muito
gram de cantidade cantidade de o com gro doce
e fomite/

Amin gua he ar uore muito alta de tro
cha como a mais grãde que ey ta ngũ sim
ilha da cinta he de y a propia forma gua
e ta ngũ e he ta manha como a cabe do
de hão ceiam se com do as mãdioquas hão
nesse nos ca mareios por fora e por dentro cor de
la ranja e tem muita limẽde e tem bom gu
to comer mais doce que tem he mui to gustoso
a fes he brasa gua de ficada mas he o cheiro
he uermelho a folha cõa ũa gusto da fruta

¶ ijaranga he ar uore muito
grande muito comprido e gro soto
do ceio de fi gura mis cafeeira he como fi
lhos ar gro a mdo e de y cammadu os cam

¶ Como se pode ter por certo deoutro por nouedias
que parte sinda do hũ fio diabo

¶ Com guiza he hũa axuua da manha Comoa cei
ra cõfeita he da propia forma de hũ ma la m
a cõ seu gro lhe parece do ceio de coy fanha coy que sal
gua do com sal e com gro a he mui bom comer
assi he de sfama neira que as fantadas ca
lorizadas a maneira de brasa gua e de muito
gram de cantidade cantidade de o com gro doce
e fomite/

Amin gua he ar uore muito alta de tro
cha como a mais grãde que ey ta ngũ sim
ilha da cinta he de y a propia forma gua
e ta ngũ e he ta manha como a cabe do
de hão ceiam se com do as mãdioquas hão
nesse nos ca mareios por fora e por dentro cor de
la ranja e tem muita limẽde e tem bom gu
to comer mais doce que tem he mui to gustoso
a fes he brasa gua de ficada mas he o cheiro
he uermelho a folha cõa ũa gusto da fruta

¶ ijaranga he ar uore muito
grande muito comprido e gro soto
do ceio de fi gura mis cafeeira he como fi
lhos ar gro a mdo e de y cammadu os cam

amarelos etamasimente cozidos e deles fazer cozer
e guomer e de alomem cruas fazem tirar o
che ciada dos homes fruitos de ja fora e são
chotiços a ver se não os magua e nos e gua vinos que
os fazem guachir e assi se beam guatira da ma
neira o fazer se me a fazer gua nos que ainda guarde
pasar os vins e fazem nos muito de fe ca gua se mar
feita e cozem te se os

Vua pasinha

~~Vua pasinha~~ he huã hortaliça que semea fresca e assi cozida como
~~os lexitos~~ da nos fora não tem ~~tão~~ tão compridos
ver melho como cam gue de magua e tamo cozidos mais
groso e se bom comer e assi se beam gua

+ A ervilha se ha verdes de ouro ou nove pasmos de alto e
sa se tamanho como ouo de pata quando os ses com
maduros com hũ pouco que amarelos e cadeiros de semen
te e bedo se gue me fora a gua gua e he muito bom co
mer e de se o de fazer muito bom a mer me sa de se
a ssi se beam gua

+ gua iba he hũa herba mais de sasera cam tamanhos co
mo os marcieiros e ha deles cachos a saber o cãne do com
gue domar e cãna e se cose hũ mando cos cãnes manços
Camos milhores e mais e gostão yo se chamer melhos
camarelos e tam e cozida he melho comer se assi
fim fa do ca cassa nha se ha de deita hũa gei te

mi a metendo no fogão que seria boma fazer fogão dar
te ficio os caixas do Lom gão domar ser ui[illegible] a fazer
vinho que he muito bom os caixas a ser lexui tam bem
a ser vinho may a Castanha não se come

Pagou xi he arueze muito grão de emuia alta ẽ tema sonta
thomalea como os dous Junhos e gão amdo e se esta
madeixo hea maneira e tem duas ou tres Castanhos
cuberto de hũ Lagar muito bom e muito gosto so e os
Castanhos não se come a os gãos he gão so so
mo o dedo que he bom a fazer com sal tem a sol
e bramgua tiramdo de uer me lho e nomeio a mayo
exi he a muito bom a folha he dotamanho que esta
aqui pimtada e he muito grosa e he uerde de o
a folha da Jexiua

+ Moxe Cimharueze dejou dozes palmos do altor +
e tem a sonta como lexi e os folhas e a moxe la
e a hoa o Lom gão do mar os folhas Cam dum uerde
Jardo e os froles Camamaxe la e he a muito
gram de Camtidade e os meninos uam a ley
como nos fazimos os lexi e os

+ a Caixa he arueze de altura e tão grosa como hũa +
Jexiua e tem as folhas como os lexi e os e os
muito se gue no e he bom gosto e he so
como a me nos e he a maxe la e he bom comer e tem
hũ Caroso gramde que não se come e he para nos

portado hũ pau emcemdido nafeza lo gueoa se gueaey
Sossay xiramm muito bem e se fay hũ aguoa de Say gue
se boma para o mar dos ossos

+ oro gue hear no reyno da manha de dez ou doze pasmos da ter
ca fenta he como os santos e guoam do e se hemo duro
abre se ehe de cor pardo e ad hemaij gue gramij de dentro
nermellos gue se me a fazer omer mi thomar os Sangue mij
esy aos ti ham tanto como aj molheres de por tugal esti
mad o omer milhor cos negros tanto os maos como aos
mij amtad os olhos e abo gua guoando ciam se beo mi mo
deximos desa saz de gue se se me a os negros fazemos
a guoada gue se se me a os bramgos gue he a mi thomar
se emsoandey duas pataguas ca za de se emguoa se se
emtro guia em cos tamtino bre o pan guoando se se
gue se me a os negros de pedem eira e so se ley gue por
fim se so gue o sosko he a manha como a ma a fos he tem
bom gue e xei mui bem

+ ma no reyno os gue dam ne ta manha de dez ou doze pasmos de ex
por e na se emabumdam sa ney ta terra e da os gue dam
no gueabo de sey mezes gue hea bem tado o fruto he a me
ore lo e se he ore medio dy ta terra gue se se nõ sou
bem poderam amdar todos nuy por gueozo da yembar
gua cam ey gue nem a gui mi ri da bom gue

guininha

~~quelim~~ ou cinguo
he pimenta e ha de guatro cayos e ha de hũ pegueno
~~que~~ se mamam como vim e he de cor de sarnelia contra
pegueno com prida que he muito forte e lemte e contra
gram de e com prida quando he fod forte e contra gram
de como le vi yy e vidom da e sey mermelada de so
e tem toda ay fo lhos cayos pelos humas como ayortes
e a seos he bem a gua

maçã guiriã a se he per ua que esta se le vo zam
a sy trada e se pode fazer salada de la e a seos
he tamanha como hũ limam e he uer de e tem ala
gua muito gruesa e he ria de hũ sigor e simente
he muito azeda e serue a fazer vinagre perfeito
mero e he muito bom e a seos he muito
fermoso em feição de hũa cam çainha e a seos
he parda cor como a seos do linho ria da de cor
de so pro e cor roxa da e uira muito bem

maracuiá
outro mã ~~guaguo~~ he como os ~~cucizas~~ sem a sy tos hay
como a mais gram de que a gui esta pimenta da e a seos
he como hum ouo de hũa gram gra ~~xio~~ chero de ginoa
te e li for que hũ docem de so gro e muito de o comer
e a seos he toda cousa mezi ~~mimo~~ me mor ~~he~~ muy fuzeda
e ser uiria muito bem pera fazer sa ta day
pera os ~~li~~ dos gnos

marroquo a seo meirinho erua a Estrada ẽ peso xam ẽcarnado
por riba da garneca e ẽ sima hũa redom da mãy doque ha
compreida e quo amdo ẽ sa esta madeira tudo se chom de comer
e a sua ilharga da ~~mão~~ esquerda ~~e~~ ~~da~~ ~~sua~~ ~~ilharga~~ ~~da~~ ~~esquerda

Maxalvia he hũa fruita do tamanho
de hũa ẽ dita pequena e arvore he amodo
pereira a flor he rem boa a casca he toda cheia de
he rem boa e casca e toda cheia de dentro
e come cheira rem bom he hũa pinguella a
modo das de abobora e flor he amarela

outra casta de maxalvia mais pequena q
sabem cheira rem bom e flor he amarela
galada e tẽ o fruito amodo de ameixa mais grosso
e come e se faz da casca com toda a flor
he boa naquela a folha grande

++ Caxa guaatha he hũ modo de arvore q se da
alentejo da praia e pao negro he rem bom
se pesa ligeira e he fazem fogo nele boa se
a folha he cõprida e feitio de folha de
chuta antiga e se pẽ a pinado
de hũa fruita q pitada cõ o olho que
fruta se mata e cide cõ elas

Cuiabi he hũa arvore mui grande da hũa
fruita como cabaças redondas e cõpridas de
++ se fazem cuias de que usam os negros pera
comerem a folha he cõprida mais de
hũ palmo as grandes a flor he amodo de flor
de laranjeira fazem boa cola

Coanamũ he hũa casta de arvore q da hũa fruita +
amodo de maxelas grande e mui he toda
de como nelas e flor amarela dentro tem
semente negra do tamanho de mendoas pi
quena redonda ella he fruta cozida e come
se algũ ja nam das frutas acham por ter
se la visto e dizem tem hũa e hoje e que nam
aver nelo cõpanheira nam dá fruto he flor Pe
ca

O amarela of machos has flores Copaiba as
frutos has Compaiba esbeondas.

+ Caboreira pequena he huã arvore naõ m.to grande
he grande folhada m.to Copaiba e a arvore he
Bonita que p.a mi thor dizer he como talo por
o Cô huã fayxa de Cortiça fabil m.to pegajoza
q. faz Leitta de ty m.to agroza da folha q
Chamaõ Paloma naõ m.to Copaiba nem grossa he
Cachoq. q. alguã he amaj de tenro he Bonsan
ta e folha branca e amarela tudo a fruita he
fraca de ty olor de arvore Cheirando negro
as paloma Copaiba q. Tiramos de Cheira naõ
mi thor q. a cheiro nella mesma feridas tudo a
Cor q. tira a ruiva me tho da grande q. cacho e
as paloma has grandes em mi thor q. de mi thor
gosto enaõ tem fraca como as outras

Copaiba he huã arvore q. he Copaiba e he grande
folha amodo de Carta he feita he m.to Bonita de ty
da huã fruita redonda do tamanho de la
ranja grande Cruda madura he amarela a Cas
ca he de feitio de pinha a fruita he boa para
Cabras porq. he m.to fraca e de bom q. dentro tem
pedrinhas Como de Chumbo ruins negras de fale na
Bonga Como aguia

Cataiba he huã arvore Copaiba naõ m.to grande
o pao rijo alas que tira da fruita de tamanho
de limaõ grande Cor danada a flor branca
a fruita he o fruto amodo de pedo terra p.a
fazer melada p.a Camaras

Ajata aiba he huã arvore naõ m.to grande de huã
fruita do tamanho de pexeira grande alos
he amodo de Abel preto a flor Cor negra
a folha de grandeza de folha de Cameleon
e a terra pera fazer fruita negra

Limão bastante

* Palmeira tras arroz xeyrõ Compaida e mto
Fixeira cõ nelo mudo de galho da hy Coqueiro
piquenos q pera nesidade da Casqua se faz
farinha E o nelo he quente e apode fazer
Coqueiro cõ o olho delle q he onde a Casca
nesta parte tirase tabe hũ mudo de
vinho de arequeira e a nego xote E nelo he
fio mas pa nesidade he bo e a tim

ha outra casta de palmeira q tha nas naos
que das hy Cacho de Coqueiro piquenos q nadu
ro tras amarelo E nelo bem cozido e Coado
ma pegrõ rõ na boca que tras quentes dio
me dor de Cabeça e faz neite edy de alimatas
bem otamarelo tras como limõ piquenos o pardy
Cuquem he outro mudo de palmeira mas tẽ
nõ espinho em grande pela arroxe de fo
lha da hua Cuesta q he como verde madura
he rexime tha e a maxe tada a nelo do Coqueiro
E como tabe Exende he mi thor como he
do

Mocujj he outo mudo de palma em Compaida
E no alto tem hũ roda q faz õ a folhada
E da hy Cacho de Coquey rõ grande E fruta
he dotamanho de maçã otuy redondy a
Cor da fruta he amarelada E a Casqua tabra
da arvore he fruta he aredia rõ fexmoda
a fruta he como

Jeomaracuja

Cuntodaqua he hũ mudo de arvore toda e espi
nhada que se da junto ao mar E nas Ilhas
mais que hy trasy de Cabo verde da hua fruta
de Cor roxa como ameixa E dentro tẽ humas
negras como mostarda q esta arvore e fruta
delly he tudo rõ mole

Cimbo he hũ modo de arroxe como hemos dezer
fogal te a folha dota macho da pintuxa da
de mente é baga como feirão mto pequena a
flox vexome hũa cõ a folha picada te mattan
peixe

+ Tangaricixa he hũ arroxe naõ mto grãde
negxta da hũa fruita mto gostosa dotamar
Rode chuxi lo que em fruita noria cendo madura
cheixaõ e caõ taõ mollez que se ey mayoõ todly
fem bon labor alox he colloxada afluxe he
fruita como de mad

Cimbo dopaxa q chamaõ nacri he hũ modo de
arroxe como pes de paxeixa grossos de grossa
de hũ palmo cheo de xude estendese pela ar
uoxe como praspaia mte paxeixa a folha he
de cop xinto de hũ q palmo este pao tem pesca
na tas peixe che taõ gde peronha q peixe
q de palmo dele batido bem ana tem mto
peixe e mta abotura de agoa

Cxeitxina he hua arroxe de negxa ete grande
folha bota de hũ modo de xerina negxa
como buxo cõ que o indio faz pua frecha
e da xerina a bota nas [illegible] de anno
que bota ef ox cer este buxo pxeto te chama
Cxeitxina ~~da tanto q tambe te chaõ tanoy~~
Bele

Jequexiba he outra arroxe q folha de
cheixa como abuxo esta arroxe da de hũ
modo de abuxeyra dura bem cõ a mesma
cõ a buxo cõ folox vexome cha opao e no le da hũ
quo picqueno q se come he arroxe de abuxeyra

Anhaeba he hũ arroxe mto grãde e tudo e fay
hũ cop mto fecundo q entre o mato se da
porta dey outras arroxes da hũ cõ que

Se Bonday mr. dijo q̃ de dho se quinze em te
q̃ Rocha hay taõ de hũ quinze e dijo q̃ me
de se hũ cazo q̃ vende e tuba de Lapa nha
te q̃ay de roda taõ mr. q̃ se ha dizer q̃ fis
Cabelo de q̃ come de mr. mudo q̃ se dara hũ
mudo de doze mr. bõs pelo q̃ me dou e se ha
q̃ de q̃ arroz de e hũ e Lapa taõ mr. duzy. a
Lapanha q̃ pintada

Oliveira q̃ anda se mr. doze bõs q̃ dou q̃ mr. flor
q̃ q̃ de mais taõ mr. dito botas de hũ mr. q̃ ya
oaranja se Lapeado de mr. o hũ q̃ se ameyma
Cidade q̃ mais.

Come sacramos a quoresma pelos sacrafes que nos dão ao semguo
Domaz e sagues e xrios de aruores do se a sim os gdes cõ
bemis de gto mer con seos gaes cõ nomeados pelos senos

Primeiramente

Ofere ihu sa sobre mesa grãde de ceruo
sua ãnes ho bom abigo de sua grãde de sa Imoe cõ igno
se pera boa cabeça pela sem pena eo hey que se merece
sse sem pena eo sor go todo abram que ela se temos pecc
De dous sasmos e gram de cõ pretos e sey sa jam os si
sos em riba de pam e manteguo sobre mesa a seos ei
gem dres e quarto si sos em riba de peixe e
os pam e manteguo sobre mesa a seos ei
De sa Imoe meio em dous sa sos se sa come
Preto que ja se se cõ me dera gra os si sos bem ti
bom Comer

Ja bem ihu sa sobre mais pequeno sua sorte guo que de
Ficie to de bram guo sobre os pontos dos ouvidos
si cobi guo que cõ bare dos si não sobre ro
pe de peixe e sa jam eiros si sos em riba de
de pam e manteguo sobre mesa a seos ei gem
do e quarto de cem ti de pois se cõ sticiem que os
e sor dos dos ti os e sõ riba de cem dos e sa jam a
Pi cão se não que cõ mem e ruesti dos de bi
guo com pegues no. Ca be sa e sã tam bom
Cozed os si sos bem si bom Comer

oma guarim que dizer
e he ja sorte da cor de limza tirão de ebro gro
e tem os peis e bi guo par de carne zelo estrine
de peixe e tem trez penas em meio da cabe sa
braes e sob não tão tam bom as como as da nossa
(terra e he ja co muito gro sso e bom come
e ha muita geração de caranguejos de ser gem dous e hu
filhos e os ovos são verdes

gue sim guo se gue dizer que o fato da
Sua gra Como merce for a obrigado os peis que
tem par nos em mar e los ener de ao som gro dos
olhos e he tão ja sorte muito estimado pelos
pes que e le fez em ha ver em mi shor es mes gue
da feira que os estranceiros fi nha muy fa vora
vel ceo que no se sõr he ja os penaes imeis
dos castel hanos em terra a vos sa terra que dar deve
gue bra zem e he ja sorte e se mantem
de peixe e he ja sorte ma nho como gue rim
e ja stre po gua stro fi shos e os mos cam ver dem
e se gem os fi shos em ci bade ra ves se gue nos
e sor da dem e he muita quantidade
de sey e he bom comer

cia ja se lomoliuata se mixe hepaj do fi oiamido
se preto e se hũ fa sozo mas qzo se zi que se po
der guiado dos guam sa de gue mlotem a ba
zeguez cheia ~~chea~~ ~~de~~ gua tam tam se seria for
mi ba Dehuas fa Comey a gay a ber tayeõ bigue
zoremto pera e moer mea ij de pre sa opei
ze que e segmo Comido e se ij cey fi lhos como
a mgmea com ney sa gini lhos em zi ba
Dehuas ~~se~~ ~~ver~~ e em si zomos ozos e se sez
filhos e zozos sal (Cõ meã sol
guor Dos chimeir to tom Comer

Jaqja hũa Cõ shimeir chemea hor gea hũ sa to
he ram gua Cor de Carne em esse Com tres Dos
azos zho zi da Comi zo te a sa be se a sei
Cão de pa so de por fugues Cor de sa zonia
cuza a Do Cre so e tem os heguez me shos ebi
gue sa do e hũa mei so gram de Camti da de de
se a Som guo Dorme e ber ize se e fazem os filhos
em zi ba Dos sa ues e sa zem frey e le ate o
es ouos Cõ hem gros e pimta Dos de ues
me shos Cõ bons de Comer

Jesi ze se he sa ma nha Como hud hom ba
gue Com Dorcas ~~abocado~~ por si ba Dan
gua sem ebigue abe tomando sei
xe os Cos sa Dos ma sa ba sa ate o zobo
se sez to e os pomos Dos azos e se ba ize

bem guardo bigno dmoçe se ha ja ser muito
guardo cheirdeito bom comer mas não sei grocam
dos filhos fazem ser que os não fenho dis to que
deixo que fazem os filhos mas cousa do mais

v Pegua quer dizer pão he ser a sogra cossoyçe
pedir se se deixa cousa hay sinta do
debaixo gua a gua ey sem todo, ser hoje che
ha dos ja chegou mi sua ey de comer dos fora
e fazem os filhos ebaixa gua de bacye fazem
nome dos filhos etam ha gua de dizão fomar
nos comes ~~[illegible]~~ se ha mu a boca dorio fem
Comidem

Poderi quer dizer mas gua ca sua de ser cossoy
Como em no sa casa e ha bor gua de fazem
sa na sor e ser ha sem ser bem bem bom bom ey di
zeito gue os dos sor ~~[illegible]~~ e sem muito gua
de Comida de gue a sua comida de sol e gua
mas ai te todo os sabedor gua
me a com te gue dum ti na mas ter sem
e respeita os gue ey gua fazer gue gue me a mu
os fizamos che ha sua fazer gue dogue
não se podem a ser e sa muito bom Comer

guaya hũ he pasoro tamanho como hũa gra-
inha se quer ha hetodo uer de preto e he bo de comer
e os fres filhos e as emxibadas axuo reas seus ouos são fa-
dos de preto.

Huã gallinha
he pasoro tamanho como
a gallinha pera se quer he bo de comer muito com
hũa pouca de coma to temos por muito com
pridos a comparação dos de Leuante e tẽmo
os de Cezilia de grãdeza e bondade e barbos co
da de Cezilia de grãdeza e bondade e barbos co
bigudos a carne dos capões he branca e saborosa
e os capões tambem a mas delicados e mais comodos
mesmo os Cerros e temdoes os ouos miudos como de
gallinha e são bons de comer e os pintos
e fazem os filhos emxibadas de sol e os que os são
sobre hũa gallinha ou outra cousa nenhũa
e os ouos tambem são bons de comer e os pintos
sem differença dos ouos e filhos e de comerem
bem por boy

Gallinha
Gallinha he pasoro tamanho como hũa ga-
linha he para se quer he bo de comer muito
bo e sadio mas he pouco e pouco se pa
ra se quer sempre anda nos pesigos e ca sa
ro he de hũy buzios que ha no peri e he
muito bom comer e fazem dous filhos os ouos são
bons de gallinhas e fazem emxibadas

m

Soltey ha sorte Semanha Como hum simtizlide he ha
Dotrina de bram guo pe sabari gua e ha muito gram de
Cam tidade e Segi gua domas de Sitey e que mdo o
Hom de guer sobre abo am embaixadores gue todo esto
ja se ajunta ja Cubertos he ha sorte muito gorde
ebom Comer e Sey ja Dormos Sitey na Som gue
Comar na Casa mayen Ro nos ir mos gua

guarda Semanha sorte Como hum Sumbe
he pardo Cor de Sim ja ne Som gue da Se
maij berdo Corpo e bram guo nos ja amade se
di guo a Se embari gua a ordia De Sey Cy
Sos pardo vaindo se bram guo oria botam be
Sor pardo vaindo de bram guo fazemos fi llos
em buxa guos nos teria e Som gue do cio de ou os Com
bram guos e fazem dous fi llos e fazem nos mu fi do os bum bom
bra da pe Sa feradem te

r

m

Jue Semanha sorte Como hua gua Sinha
Jue Semu llo Como gram por todo Cor pey
Jue Semu llo Como gua e bi gue Cor de Castan
Sos pomtey dos pano e Sa Sey Sey to de Sey fazem
Sos fi llos Como os gue Sey Cesta Semana sorte
Sim gue fi llos Cos olhos bam bram gue pinta
dos de Sor do Colorem buxo Si de tem bum
De primeiro e depois por dos e negro e Sim
gue e de pois os de Sitem de gue Sorte ou gue

mas e preto
de bigue fa
Cos pardos e bran
cos e ora bam gue
e de pois de
te Sermelhos

ex

ameyes e tor não tor[illegible] ver melhor cor de gram
e tam mio de gram de Cantidade ne[illegible]
domaẽ e tam e he gro[illegible] e[illegible] Cando fogem
os filhos que [illegible] hũa aẽ gua bre zada
que lea [illegible] parte de que fo[illegible] o seu e[illegible]
que melho e he mui to bom Co mei

toquano

[illegible] de
[illegible] negra he hũ pollaxo de
tamanho de hũa galinha de cor pinzento
co bigue preto a pluma de cabeça e braz
gua e tam hũ pouco branco amudo de
re hay tanto branco os olhos tam amarello
de cor laranjado os pes amarellos e
criaõ a cima dos rangues e nẽ[illegible] tem
criaõ bee e coadas fechos os ouvidos tam de
cor verde mar e tor ne p[illegible] to mesmo te
pennas segunda carta

toquano

[illegible] he hũa ave do feitio de tola
ro tem o bigue grande amarello pela
parte de cima e de baixo branco e
preto a cabeça a the junto aos en
contros das azas he de cor roxado e da
[illegible] corpo he amarello tolor e as
azas e rabo e pena na te cor preta a
moda de verde e o fim do rabo he nũ ver
melho e o mesmo axe de gendera [illegible] os olhos
criaõ em buraco que [illegible] em parte os ouvidos
tam branco

tolano

gua ti
m [illegible] he hũ pollaxo de grandeza de hũa pomba
de cor preta e tem o bigue a the o cabeça cor
[illegible] Co hũs raios vermelhos as pontas das azas
tam amarellas e a pena de baixo vermelha rabo preto
tam amarello amudo de cor azul o bigue he grande de
os pes nas amudo de cor azul o bigue he grande de
cor amarella tem o peschipio q[illegible] nella da cabeça
cor de [illegible] e vermelho e por baixo azul e por cima os

+

Choy aqui + aqui ha hua cruz de ouro grande de huã mão cheia de labeta em cima em hũa cruz de ouro posta em hũ corpo coberto de ouro e prata e em cima hũ ouro e prata

Começamos a guerra per nosso senhor Jesu per nossos mosteiros e jaazimos

Primeiramente

que dizem a

ijamdo pastor ormaij grão de dessa feira mayão
ção. tamanhos que aj dea fragua nem aspenas
não cofambom aj fa nem rigiraj não serremma
ij que pera os ne gros pera poren nos cos taj quo am
do be bem oziinho e los cão todos pardos e ~~pretos~~
~~filhos em~~ criados ~~fora em~~ chao ~~paem~~
~~filhos em~~ aj cambinos ~~nozam~~ e ~~pajam~~
mujto grão de camtidade de ouro e aj gumas fazen
cozem taes sinzinhas cozinhadas ~~com~~ muito bom ij
de comer que quando hũ omem come do ~~ij~~ não
De mais comer e comamentos ~~ij~~ quoj
achara tem a gua na boca e pedras ~~ne~~ mui mui
tas

ij nomeia que quer dizer per dij e salutamonte
como hũ cafam grande e faz em seus filhos em
ba dafera os peij dos pays fazem dez e doze ouros cozinhados
cam azuij ouro de mar os ouros cam ma hor rej que
ouros de gua sinha e he hũ pastor do ssi filhos
rej de ter pecomer e seu jantar do

ho guera aujo he lua garuiam e hu tamanho como hũ pequeno
pexe he todo pardo e tem os peij de hũ grande pulmões eternos
unhas muito grandes e mata rei aos ouros bizinhos e seruem
pas mais que hum filho e dorme he bem anjo com grandes e esti
mam muito pera fazer seus festas a ssi a senhora

Qmo tam he ja sorto tamanho como hũ gato sem
hũ pata xa emxibada gra be Sa to doe mi gostei
n hũ tanto do preto e sey certa mente foy tinto do emmo
so xo pe xa ja zer para xos os filhos gos
e se he preto soza abarigua gra he bramgua
com sa do rabo e tẽbi gua par do rosto e os pees
amorelos da somia com o para xo pinta do
De bramgua e tam abarigua par da tirando
Da zza xe so e sey cõ cen pra em com ganha
mato xo e semia e sey fazem os filhos fem ibo
dos pares e fazendo os filhos e os ouos cõ
se bom a cor pe de comer pa rece selem a pparencia
pam não sem mais oje sor mais do xa
aias ni he auergadapela mesperiencia

Saza gua pitam da cor de kẽ per diz e do tamanho
e tẽ bi gua os pees par do fizam do de ser de
che hũ ja soro muito bom gua comer pam bom como
a per diz e milhor de zem e gua da zo e sam gua filhos
e fazem no tam os filhos e os ouos sam xo ga do e tem
õbi gua e õ sam gua ser de

Ga ll.

Dia gua he ja soro pamanho como hũa gra sinha
e he par do e a gra tiramte ser gne bro xeto o sam
gua do bi gua e o bi gua par do tiram de cima xo
de tem os pees par dos cor de rim ja e tem a gua e sa

Jaim do deserto enaiseve e beidoy sa mogeo e forsa
auizar enaiasobi guo e sey Coo sem Deus mayoe se
mia com sanhia e seo podem per em bei dos meus
ceos ja so vos d'esta serra eterna carne meu itobzoan
gua e geo sioza e sazem dous fillos em di ba dos
anos dos arneeres eos dous Coo braingeos
erdd em casa

Dracoan
~~ingeoan~~ he ja so vos ta mayo Como lua sem
geo visiu e da ove sei sao do ia yeue e semeos
geos so Cabo e sey dous fillhos eos Cozeos sambran
geos

~~tengeua~~ he ja so vos da geo sol oi geo ta mayo
Como hũ Canarinho todo pre so so za e zai
da Cabe sa gue sem eer melho em di ba do ssoo
soazes Coo de seda e semeos sey Coo bigeos fer
do e sazem dous fillhos eos anos sambran geos
e se Cam te sua Cam di geo ga he geos so oueio

so

ia sehi he ja so vos ta mayo Conio sica
mes so a he todo preto for a meta de dozes
e sobre aza ba di sta a meta de dozes bigeo
he da mayo Cabo e dos sem e bigeo Coos sey so
mo bram geos e se sey ser fillhos de pom dados
nos pay ayo semeo to dum sa geo so geemo so
tes fillhos eos ous Cambram geos bimeados
de pom dos e sazem mui tos fillhos e neos

numfaz & he fa sorogea grãdo elle eman
so fa so

Abegu he hũ fa sora mahor que hũa mesma
- tem a fabe fa ser mte he fa sa pe os
azos eo rabo preto e em riba das costas
bram gea a barriga branca e raia da
De pois do lemos peixe bigeo pardo cor de sim
ja enaiache sendo pequenos enaiffi
quando nesy que não ja se lenão fa
+ quina que quer tam meadeira e maÿti
am nos dos fao os eles fazem ouo sylhos
em beira grãdos fazem e fazem dous sylhos
eos ouos som branquos ~~eos comen sem~~
~~sor gues~~

to tano
+ ~~Hogua~~ he hũ pa sora fa mahor como hũa
~~mesma~~ mahor e tem o bigeo muito
+ grãde em comparação do sorpo do bigeo
a a oxẽbo preto e bigeo e boes fazia
gao a mayor parte do anno se
uer se hũ comaÿ cor po preto e o sangue
dos olhos sem pena e o corde cor preto bigeo
sor do e pequenino do o bigeo hũa raia da
mahor hũ em sorpo sor de esta
sorte e os seus sylhos em beira grãdos os fa

efazem lenssilhos digo fazem dous filhos e os ouros cão
bram gios

Vra se he como to gue na mays he hũ boi egue o mais
pequeno e he mes de dey na a cabeça a de oza bo
e he sa bam da de bai xo do bi gue o a pey samago
a mare so cor de ouro e o rabo hũ mer de tiza de fereto
e o bi gue o za iãdo de bram gue como a mare so e he
so bam da de dem tro do bi gue o rex mesho e tem
a sim gue o muito e y freo ti nha gue se faze se como
fica dito na e se tiver muito com frido e ley
sado dous dos mays fre mosos ja vos gue ha mey ta
fera e ri cerro gue de os honre e hũ ger os faça

he bastaro de rapena cor ma
nho como hũ mesto
hũ rabo a gue he [illegible] nho como hũ mesto
he he cabeça todo fereto e a cabeça
e as pernas com de cor de laranja os pernas do
bo fereto de cabram gue e o tem o bi gue fereto
e hũ dos fermozos gue ay ay nesta terra
gue se e se ey tivera em rio se ia seria muito
pera os ri da gue e se cão ra sol cearam gorgue

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Asi ao Sr. he mais grande alg̃a a de ega que
hũa mestra ha por do cã mr. e se tem obrigo
e os seis par do Sor de sima. E sas dos ff.
seus ou de sabranas.

Jnambu merim. he a perdiz desta terra ha de duas
castas. Ha he da feyção hũa manha de Portugal
e da mayor. Cor obra dos seus he pardo tirã de
azul. nã tem osso do nariz e diz e carne he
branca. Ha he do tamanho comum desta terra. faz
os ff. asim da terra como os de Portugal. os seus
sã de cor purpura. E sas ff. E by ff. E grita gi
ge dia. Come. de noite.

Jacamim. he passaro de tamanho de hũ capam tẽ bicc
dos ps de papagaio. tem orelhas de duas Palmas e
de azul e vi vistido. O seu da pena he de cor pre:
ta. ordem dbico E sto do amarello. fazem os ff.
numburas delas. de 3 ou hu ff. dos ous das branc.
comem seus sãmos e pas nozes. Eme ygapo pdem
Brials pas E stalaya E anchieta dem a ter juntos
E os nã pdem criar se vigtum. de sua car:
ne he mãdura E negra. Da seu pouo seruem
ao indios pa seus paragens. E stechaua

Ha cabo de ra grãde de roca

Cabure he pa soro do tamanho de hũa mestra ha do como
ram de sto he pa re sera mayor de nome te que De dia sa
zem dous filhos e fazem seus filhos sem bicra que
De pas os cas ouos sã bram quos cas sas uas gremi
os fizeram os seus seu ra fazerem me zinhas aos
filhos seus ma tarem que sa cay me zinhas que
Coske sera fazer sem os bra dos com os seus desse
pa soro

Jura uma. de alcotada roxo claro: q Ponta dos ayz Leuas
& preto d'tamanho de hua Pizuna nebra de Nossa Senhora
faz 4. f.os Seus cus sas brancas f.os primeiras de Vermelho E R.
f.os primeiro

Primeira. he passar d'tamanho de hua Pizuna Cruja E de
mesma feissão. alcor he parda nabra a branca d'tras
parte q E parece mais de noute que de dia cos seus
guemij fa sasa com E se dizem quando lhe vay pomde q quer lo
que E seu lhe sirz gumtasa E fazem seus filhos com hu
ro gues de pazes E fazem dous filhos E seus o vos sõo
brancos

Saij. he passar Pizuna d'tamanho de hu Pintasgo: de alabysa
azul Cor celeste E todo o corpo verde. de bicos pes pardos E
de cinza. este faz se dous f.os seus cus sas brancas.

Caminde. he Pizara mui formoso de grandeza de hu Capad. de no
tribs dous Palmos de comprido. seu de bicos pes saijs
he tai amarello como fino ouro. E todo mais resto da pinna ate he
+ tai amarello como fino ouro. E todo mais resto da pinna ate he
Costas Cauda azul celeste. de Mem.as de Cor verde mar de mui
E pemde redi Rosado de mui fino E por sobre si hu Farrapulo de

Damaço agrd. d'ouro de Pera ypi ou ẽ q̃ com
ra de q̃ij tudo he amarello. he pessoa fermosi:
posto assi. he omesmo gosto da arara de q̃ fa
diçemos. q̃ he hũa ẽ q̃ ra boa do Brasil. Sen=
mas cores q̃ ẽ como ẽ arara. a saber q̃ os
ytimas m. pela cor de q̃ra Pera o q̃ ẽ chi
q̃ẽ Rabelete, ussassete chq̃ ẽ q̃ ẽ hũa q̃ gua.

gua ni bu [illegible] q̃ ẽ hũa pessoa desta maneira q̃ ẽ
esta pintado ẽ todo de roxo, castey e hũa cousa q̃ tem cor a
he como hũa flor q̃ ẽ q̃ he q̃ tem cor a he como
flor q̃ he feita de [illegible] q̃ he a cabo a q̃ ẽ q̃ esta
do corpo pintado de muitas cores. ho pescoço q̃
de e pardo ẽ a mayor parte cabeça ẽ q̃ tem do nos os pees
he cor muy fermosa e outra he desta cor pardo tira
do braco q̃ pela barriga q̃ ẽ a cabo de hum
pardo tirando de preto cores todo cor de cerdeira
rando do ouro e he amoy fermoso desta
feira e he q̃ tem do rabo tem do fim hũa
flor Lavatim e elles fazem muitos fitos de cores sam
bracos q̃os

Primeiramente he a maneira como o comi de e temo bigua
cos peixes como ha pagreos e tem o rabo de duas fasmo
de com peixe e he tem o somaco dos cabeças e os
não tem pena he cor de carne e os pees q̃ he cor
ria q̃ he cor de vermelho
melho e a pata cor a bo pintado de hũa
ra de cor q̃ he cor de vermelho cor o q̃ os não se em
cam depois assim cos pees q̃ ẽ q̃ tem hũa ponta
dos cores desta feira e q̃ he elles fazem hũa redes
e he pa dormir e tem q̃ fazem fios q̃ he cor

e comgeu e sey sor nelcam ay e sendo dagueu e fazemos
sisy em briga guo de parte nẽ sozem mãy gue siumaes sey
tey sa sores como y mãy mam so es sa tera ese sey y sbiu
ram em sinaes os sa sarã como sa sa gueio e me es sar
de como es im siam tey romanos sueam sã corioz os de mor
sa sharegeiu corrocem tezazime diz zem ey sor cio
por sa sar gue sizezarã e sey se tiueram estes pa sos

Arsoarr
~~Arsa sa soarr~~ he posoro pouguo maior gue sẽ gua
nario ca guorhe parda tẽda maze do tem os sey
os bigue os azes tizam do de uer de os ozos bram guos
sim todos de pardo esazem sey sisiuos esazem nos
em vi la dos ra nos

Aigue en guanti gue he sa sa gueio tamanho como
guã Gomsba che todo uez de sozo a sabe sa
gue sem a maze sez ues y pom tos dos azos
amaze os sizando da ues pardo os pemas
corabo uez de ca maze so cor de sazam ã a
esey sazem os sisiuos em bar ca gue os de sazem
zem sey egueo a sozo sisiuos ayozes. sã bzom
gueos eguo ane do os em sinaes sa sam. mui tobem

maraguena he sa sozi tamanho como sa ga
guio temoraboden. sa sino de com pri dotem
obigue os sey como sa sa gueio che uez de sizam
do da maze so e par do uez de mar e he sẽ sa so
zo gue sa y muita sez da os sa uzadores pera yor

omisso q̃ o gnome todo q̃ sim preo amdam ej fazao
sinos e sem preo amdam ou nao e some a em comp.
nhia e fazem os filhos como os ou tros e sam bem
gasamdos em sinem sa sam

sapagnio
Zia papagnio samanho como sim me Lxa tema fa
besa e bpegnio do a teo e samo gno a nil eo mais
tem corpo me se orba e os pom fey doy azos me de
mas en zil e nil cazma e che hũ dos mem fezmos
pastores dessa fera e sendo os gentinam asa
e sas sa sam muito bem e fazem os filhos como
os ou teos

tem Jimdaia he sa papagnio samanho como os te quexibo
sano meio e tem orbo de sinistra pese gia do e sem
o pignio os pes como o sa papagnio e dey no ligno
a te os samo gno a mare lo corde sazam za
e. omais do corpo como o me de e ses fazem os fi
lhos como os ou teos

tem Jolingu hile he hũ pegnio papagnio he todo
aez de tizam do a meta de dayazos me samana
re lo e tem o bigno cos pes bram gnos cor de caz
ne e he hũ dos sex mores sa sozos dos sa tera
e sa sa mui to bem e fazem os filhos em bra
za gnos dos sanos e fazem sim gno os seis filhos

tohi tamanho como eſ que aziba a nomeio chefodo
uer de ſoro a ſeo da ſabe ſa que he ſor de la
ramia e fazem dey fiſhos como os ou ſos

+ Aiuen iu he ſa paguio he mais pequeno que iu me gui
zigua che tem o ſoro todo amarello caſ com
caſ day a gus uerdes che hũ ſa ſoro que ſabem
muito bem ſa ſar e ſus dey fiſhos como os ou ſos

haiu en hile he ſa paguio ſamanho como iu
ſeom gua che ſo do uer de ca cabeſa a gus camareſo
comeio day a gus tem algumas pequenas penas uermel
+ lhos che leuem ſa ſo ro muito eſtimado nos hile
za em toda a ſar te e que ſa ſamithor omaziſa
gem os fiſhos embde xaguby dos ſaros e nos faz muna
ig que dos cofozos com ſeus gus e mi da com
ſere mo xo eſe mi a em com ſa nhi a

iu en hi
gueſ iu he ſa ſoro ſamanho como ſeũ tim ſilgo
de por ſa gua ſ e tem obigueo coſpiz dum ſardo pre ſo
+ de por iz do bigueo edes piz do bigueo a ſe orabe
por oriba day coſ tay a gus ſare as penas grandes
day a gus coraſo pre ſo co paſo pre ſoro edo
y po a ſe ora ſo a gus che hũ ſa ſoro muito
y ſi mado em ſeus negros eſke leuem de per nos

esta mo geo guoa mdo fazem Leys pa xe Leis

ijoxo ti he pom ba do ma fo ke fa nha Como a de no so
custo e Lema mes ma Coitel a mes ma maneira de Como
a de no sa ter o pagee gua m do o ma cho more não
Le for ma a fe mi a a ca jar e tam bem guã do
+ a fami a more não Le for o ma xo a Cazar
e dey pois gue sii fi jea me nos não Le fom
ma ry sem rilha Loy xa mas nu rdey cos ne gros
ajdam a Comer aj mo Lhe res pera não terem Com mer
Ca sod Com outro omem e fa zem do es fi Lhos

cheos ijinha
he pa xo xo do ta manho do oc to e he todo
+ a zul tirando o mar de mar dest e bai xo do i geo a te
os ta me go e cor de sa mi a e as pernas gua m dey
dey a zey e cor a bo sse to cos peis e o di geo pa xdo
cos ne gros e tem em mui ta ry ti ma Como o outro
e sam mui to re zos e Corem pou ge cos

+ pingee ou he pom ba ba ba do rro so por tu guas do mes
ma for ma e fei fio e he mui to bom Comer e sam re
Los e sa uem pou guas e fazem dous fi Lhos

+ Jogo hi ha hua jogue na pomba e dame me cor e ha muito
gram de Cam fidade e ha muito bom Comer e fazem
Hoos fi lhos cojoes Cam bram geos

Ame ha hũ pasaro tamanho como o punho e he todo preto
e a sua abita Cõ he pelas Cabeiras e abor daj do rio e le
não de gue e fazem gue a dous filhos

[illegible]
[illegible]he hũ pasarinho tamanho como hũ Canario
e he todo preto fora a Cabeça que tem ruiva e Como
Cangue e Sam tam muito bem Cam fi geos dona te

Jam dura e ho mor de gue e ha muito gram de Cam fidade
+ e Sam muito grãos de[illegible] e ler uem de[illegible] amy my to fera
gue de sua pessoa dorme Com os pès de Cu ber to zuem
mor der nos dedos dos pès e prim si pal men te no de de
gram de e faz he tor muito de Sam gue e eu Creio gue
e les fazem a ium te dor mir guendo nos Com tem mor der
e lo gue de hua ma gre mor dem Sram hũ bo gue do da
Carne fora

ma[illegible]iria he hũ pasarinho do tamanho de hũ Cana
rio he todo preto fora a Cabeça gue tem bram gua
Como neue e Cam ta sua Cam fi gue dona te e faz
dous ou tres fi lhos

TABUADA

PREFÁCIO V

I — EXPLICAÇÃO 1

II — ESTUDO 7

III — LEITURAS E COMENTÁRIOS 33

IV — REPRODUÇÃO FAC-SIMILADA DO CÓDICE 159

V — ÍNDICE DOS PEIXES DO MARANHÃO E DO PARÁ, PLANTAS, ÁRVORES E PÁSSAROS

V

ÍNDICE

PEIXES DO MARANHÃO

GUARAGUA ... 37
PIRAPEMA ... 40
PIRAUNA ... 41
AMORETA ... 43
CAMORIM ... 43
GUARAPECU ... 44
GUARATIBIRO ... 45
ACARAPITAMGUA ... 45
POCOSI ... 46
GUOARAEMUIRA ... 46
YTIMMOQUAJU ... 47
ARAGUAGUA ... 47
CARAMORU ... 48
PANAPANA ... 49
PIRAPETIMBABO ... 50
CAÇAM ... 51
PAÇAMO ... 51
AMORETAPOCU ... 52
ACARA ... 52
ACARACOROIS ... 53
AUACATOHAYA ... 53
GUARAHI ... 54
GUARA ... 54
ARAMACA ... 55
ACARA ACU ... 56
ARAMACA ... 56
GUARAANHA ... 57
PIRACAVA ... 57
VARU VARU ... 58
TOROHUPIRA ... 58
ARAUERI ACU ... 59
TATAPUI ACU ... 59
ARAGUORI ... 60
PIRAIUCURI ... 60
PARATI ... 60
GUORI ... 61
GUORIATIUAI ... 61
PIRACIVA ... 62
PIRABEBE ... 62
YABEBURA ... 63
AGUOTAQUUPA ... 64
ACARACORO ... 65
PARU ... 65

YTIMMIXIRA ... 66
PEIXE CAVALO ... 66
VAQUOCOHA ... 66
BAIACU ... 67
BAIAQUUTIM ... 69
PETITIMGUA ... 69
OROANA ... 70
POTI ... 70
CERI ... 71
GUAROMARU ... 72
PICURUATA ... 72
RAIA JARABUIBURA ... 72
PIRAPE ... 75
SOROBIM ... 75
CURIMATA ... 76
TARAIRA ... 77
TOBI ... 77
PORAQUE ... 77
MOCU ... 78
PIRANHA ... 79
PIRANHATINGA ... 80
MANDUBE ... 80
MANOHI ... 80
YABEBURAPENI ... 81
MOSUINHA ... 81
ACAROAPETI ... 81
YEIGUO ... 82
AMORET ... 82
TAUGUAPE ... 83
TAMOATA ... 83
POTI ... 84
GERARA ... 84
MATAMATA ... 84

PEIXES DO PARÁ

PIRAIUI ... 87
VACU ... 87
ARUANA ... 87
UPIAUA ... 88
VAREM ... 88
CUCUNARE ... 88
TARERIRE ... 88
SIAUM ... 89
MANII ... 89
SUI ... 89
CAYEIYU ... 89
IACUNDA ... 89
PYRAIAGUARA ... 90
VACARI ... 90
MOANI ... 90
ACARA ... 91
PIRAURUCA ... 91
AMURE ... 91
IEIU ... 91
IUNDIA ... 92
ARAMAÇA ... 92
COROBLAN ... 92
PIAN ... 92
JURARA DO PARRA ... 92
PIRA MOTA ... 92

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

PLANTAS E ÁRVORES

MANDIOQUA ... 97
CARA ... 98
TAMOTARANA ... 99
MENDOIM ... 99
GITICA ... 100
YEREMU ... 101
HUBAHEM ... 102
COMENDA ... 102
YUAMBU ... 104
COMEMDAGURA ... 104
ANANAS ... 105
YHA ... 105
SAPUQUAIHA ... 106
ARACARAINHA ... 107
GENIPAPO ... 107
IBOMGUIUA ... 108
AMINGUA ... 108
IARAQUATIA ... 109
VUAXAINHA ... 110
ARASA ... 110
QUAIU ... 111
PAQUORI ... 112
MORECIM ... 112
CAIA ... 113
OROQUU ... 114
MANOIU ... 115
QUIINHA ... 115
MARAQUIAIA ASU ... 116
MARACUIAHI ... 117
MAROGUOAUOMERIM ... 118
YNAMBUCARU ... 118
UBAPEUA ... 118
MARACUIA ... 119
CARAGUOAATHA ... 120
CUIITE ... 121
MAMÃO ... 121
PACOUEIRA ... 122
BIRIBA ... 123
ARASA ASU ... 124
ARASA UNA ... 124
PINDOBAITE ... 124
NAIA ... 125
TUQUM ... 125
MORETY ... 126
COMANACARU ... 126
TIMBO ... 127
MANGAUEIRA ... 127
TIMBO DO PARA ... 128
EREITIUNA ... 128
SEQUERIBA ... 129
ANHAUBA ... 129
ANANAS ... 130

PÁSSAROS

TEIEIU ... 135
YABORU ... 135
MAGUARIM ... 136

GURATIMGUAOSU ... 136
GURATIMGUAMERIM ... 136
ACARA OBU ... 137
MIGUA ... 137
AIAPA ... 137
AGAGA ... 138
ATIAUSU ... 138
VPEQUA ... 138
POTERI ... 139
GUARAHÚ ... 139
AUAPESSOCA ... 139
CARÃO ... 140
TOITOY ... 140
GUARIAMA ... 140
GUOARA ... 141
TAMATIAN ... 141
ARASARIJ ... 141
GUAHI ... 142
APIHA ... 142
YAMDU ... 145
YNAMBUASU ... 145
GURAAUSU ... 146
MOTUM ... 146
CARAQUOPITAM ... 146
IAQU ... 147
ARACOAN ... 147
TINGUARA ... 147
YAPEHI ... 147
OPEQU ... 148
TOCANO ... 148
VREPE ... 148
HURAUASU ... 149
ATIAUSU ... 149
INAMBU MERIM ... 149
ARARUNA ... 150
CABURE ... 150
GURAUNA ... 150
ORUCURÊA ... 150
SAY ... 151
CANINDE ... 151
GUANIBU ... 151
ARARA ... 152
ARASOARE ... 152
AYURU QUURIQUA ... 153
MARAQUANA ... 153
PAPAGAIO XIA ... 153
JIMDAIA ... 154
TOHIM HITE ... 154
TOHI ... 154
AIURUIU ... 154
HAIURU HITE ... 155
QUEREIUHI ... 155
YOROTI ... 155
CHERIUIUBA ... 156
PUQUASU ... 156
POQUOHI ... 156
ANU ... 156
TIHEMIRIM ... 156
AMDURA ... 157
MAYRIA ... 157
IACAMI ... 157
MUTUM DO PARÁ ... 157
O OUTRO MOTUM ... 158

S.A/6059

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO
E GRAVURAS DA
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA